Commentaria Sancti Thomae in Aristotelis De Interpretatione

Dedicatio

Dilecto sibi praeposito Lovaniensi frater Thomas de Aquino salutem et verae sapientiae incrementa. Diligentiae tuae, qua in iuvenili aetate non vanitati sed sapientiae intendis, studio provocatus, et desiderio satisfacere cupiens, libro Aristotelis, qui peri hermeneias dicitur, multis obscuritatibus involuto, inter multiplices occupationum mearum sollicitudines, expositionem adhibere curavi, hoc gerens in animo sic altiora pro posse perfectioribus exhibere, ut tamen iunioribus proficiendi auxilia tradere non recusem. Suscipiat ergo studiositas tua praesentis expositionis munus exiguum, ex quo si profeceris, provocare me poteris ad maiora

Ao seu amado preposto de Louvain, o irmão Tomás de Aquino envia saudações e o crescimento na verdadeira sabedoria. Estimulado pelo zelo de tua diligência — pela qual, na idade juvenil, te dedicas não à vaidade, mas à sabedoria — e desejando satisfazer o teu desejo, cuidei de oferecer uma exposição ao livro de Aristóteles intitulado Peri Hermeneias, que se encontra envolto em muitas obscuridades. Fiz isso em meio às múltiplas preocupações de minhas ocupações, tendo em mente o propósito de, conforme as minhas capacidades, apresentar as coisas mais elevadas aos mais avançados, sem, contudo, recusar-me a transmitir aos mais jovens auxílios para o seu progresso. Receba, portanto, a tua aplicação este pequeno presente da presente exposição; se dela tirares proveito, poderás incitar-me a obras maiores.

Prooemium

1) Sicut dicit philosophus in III de anima, duplex est operatio intellectus: una quidem, quae dicitur indivisibilium intelligentia, per quam scilicet intellectus apprehendit essentiam uniuscuiusque rei in seipsa; alia est operatio intellectus scilicet componentis et dividentis. Additur autem et tertia operatio, scilicet ratiocinandi, secundum quod ratio procedit a notis ad inquisitionem ignotorum. Harum autem operationum prima ordinatur ad secundam: quia non potest esse compositio et divisio, nisi simplicium apprehensorum. Secunda vero ordinatur ad tertiam: quia videlicet oportet quod ex aliquo vero cognito, cui intellectus assentiat, procedatur ad certitudinem accipiendam de aliquibus ignotis.

1) Como diz o Filósofo no terceiro livro "Sobre a Alma", a operação do intelecto é dupla: uma, de fato, que se chama inteligência dos indivisíveis, pela qual o intelecto apreende a essência de cada coisa em si mesma; a outra é a operação do intelecto que compõe e divide. Adiciona-se ainda uma terceira operação, a saber, a do raciocínio, segundo a qual a razão procede das coisas conhecidas para a investigação das desconhecidas. Dessas operações, a primeira ordena-se à segunda: porque não pode haver composição e divisão sem a apreensão dos simples. A segunda, por sua vez, ordena-se à terceira: pois é necessário que, a partir de algo verdadeiro conhecido, ao qual o intelecto assinta, se proceda para obter a certeza sobre algumas coisas desconhecidas.

2) Cum autem logica dicatur rationalis scientia, necesse est quod eius consideratio versetur circa ea quae pertinent ad tres praedictas operationes rationis. De his igitur quae pertinent ad primam operationem intellectus, idest de his quae simplici intellectu concipiuntur, determinat Aristoteles in libro praedicamentorum. De his vero, quae pertinent ad secundam operationem, scilicet de enunciatione affirmativa et negativa, determinat philosophus in libro perihermeneias. De his vero quae pertinent ad tertiam operationem determinat in libro priorum et in consequentibus, in quibus agitur de syllogismo simpliciter et de diversis syllogismorum et argumentationum speciebus, quibus ratio de uno procedit ad aliud. Et ideo secundum praedictum ordinem trium operationum, liber praedicamentorum ordinatur ad librum perihermeneias, qui ordinatur ad librum priorum et sequentes.

2) Como, porém, a lógica é chamada de ciência racional, é necessário que a sua consideração verse sobre aquilo que pertence às três referidas operações da razão. Portanto, sobre aquilo que pertence à primeira operação do intelecto, isto é, sobre o que se concebe pelo simples intelecto, Aristóteles determina no livro das "Categorias". Sobre o que pertence à segunda operação, a saber, sobre a enunciação afirmativa e negativa, o Filósofo determina no livro "Peri Hermeneias". Sobre o que pertence à terceira operação, ele determina no livro dos "Primeiros Analíticos" e nos seguintes, nos quais se trata do silogismo absolutamente e das diversas espécies de silogismos e argumentações, pelas quais a razão procede de uma coisa a outra. E assim, segundo a referida ordem das três operações, o livro das "Categorias" ordena-se ao livro "Peri Hermeneias", o qual se ordena ao livro dos "Primeiros Analíticos" e seguintes.

3) Dicitur ergo liber iste, qui prae manibus habetur, perihermeneias, quasi de interpretatione. Dicitur autem interpretatio, secundum Boethium, vox significativa, quae per se aliquid significat, sive sit complexa sive incomplexa. Unde coniunctiones et praepositiones et alia huiusmodi non dicuntur interpretationes, quia non per se aliquid significant. Similiter etiam voces significantes naturaliter, non ex proposito aut cum imaginatione aliquid signifi-

3) Chama-se, pois, este livro que temos em mãos, "Peri Hermeneias", como que "Da Interpretação". Diz-se, porém, interpretação, segundo Boécio, a voz significativa que por si mesma significa algo, seja de modo complexo ou incomplexo. Por isso, as conjunções, as preposições e outros semelhantes não são chamados interpretações, porque não significam algo por si mesmos. Da mesma forma, as vozes que significam naturalmente, e não por

candi, sicut sunt voces brutorum animalium, interpretationes dici non possunt. Qui enim interpretatur aliquid exponere intendit. Et ideo sola nomina et verba et orationes dicuntur interpretationes, de quibus in hoc libro determinatur. Sed tamen nomen et verbum magis interpretationis principia esse videntur, quam interpretationes. Ille enim interpretari videtur, qui exponit aliquid esse verum vel falsum. Et ideo sola oratio enunciativa, in qua verum vel falsum invenitur, interpretatio vocatur. Caeterae vero orationes, ut optativa et imperativa, magis ordinantur ad exprimendum affectum, quam ad interpretandum id quod in intellectu habetur. Intitulatur ergo liber iste de interpretatione, ac si dicetur de enunciativa oratione: in qua verum vel falsum invenitur. Non autem hic agitur de nomine et verbo, nisi in quantum sunt partes enunciationis. Est enim proprium uniuscuiusque scientiae partes subiecti tradere, sicut et passiones. Patet igitur ad quam partem philosophiae pertineat liber iste, et quae sit necessitas istius, et quem ordinem teneat inter logicae libros.

propósito ou com a intenção de significar algo, como as vozes dos animais brutos, não podem ser chamadas interpretações. Pois quem interpreta pretende expor algo. E por isso apenas os nomes, verbos e orações são chamados interpretações, sobre os quais se determina neste livro. No entanto, o nome e o verbo parecem ser mais princípios da interpretação do que interpretações propriamente ditas. Pois parece interpretar aquele que expõe que algo é verdadeiro ou falso. E por isso apenas a oração enunciativa, na qual se encontra o verdadeiro ou o falso, é chamada interpretação. As demais orações, como a optativa e a imperativa, ordenam-se mais a exprimir um afeto do que a interpretar o que se tem no intelecto. Intitula-se, portanto, este livro "Da Interpretação", como se dissesse "Da Oração Enunciativa", na qual se encontra o verdadeiro ou o falso. Não se trata aqui, porém, do nome e do verbo, exceto enquanto são partes da enunciação. Pois é próprio de cada ciência tratar das partes do seu objeto, assim como de suas propriedades. Fica claro, portanto, a qual parte da filosofia pertence este livro, qual é a sua necessidade e qual ordem ele ocupa entre os livros da lógica.

Liber I

Lectio I

1) Praemittit autem huic operi philosophus prooemium in quo sigillatim exponit ea, quae in hoc libro sunt tractanda. Et quia omnis scientia praemittit ea, quae de principiis sunt; partes autem compositorum sunt eorum principia; ideo oportet intendenti tractare de enunciatione praemittere de partibus eius. Unde dicit: primum oportet constituere, idest definire quid sit nomen et quid sit verbum. In Graeco habetur, primum oportet poni et idem significat. Quia enim demonstrationes definitiones praesupponunt, ex quibus concludunt, merito dicuntur positiones. Et ideo praemittuntur hic solae definitiones eorum, de quibus agendum est: quia ex definitionibus alia cognoscuntur.

1) O Filósofo antepõe a esta obra um proêmio, no qual expõe detalhadamente as coisas que devem ser tratadas neste livro. E porque toda ciência antepõe aquilo que diz respeito aos princípios, e as partes dos compostos são os seus princípios, por isso é necessário que aquele que pretende tratar da enunciação anteponha o estudo de suas partes. Daí que diz: primeiro é necessário estabelecer, isto é, definir o que é o nome e o que é o verbo. No grego se lê: "primeiro é necessário pôr", e significa o mesmo. Pois, como as demonstrações pressupõem as definições a partir das quais concluem, são meritoriamente chamadas de "posições". E, por isso, antepõem-se aqui apenas as definições daquilo sobre o qual se deve tratar, pois a partir das definições as outras coisas são conhecidas.

2) Si quis autem quaerat, cum in libro praedicamentorum de simplicibus dictum sit, quae fuit necessitas ut hic rursum de nomine et verbo determinaretur; ad hoc dicendum quod simplicium dictionum triplex potest esse consideratio. Una quidem, secundum quod absolute significant simplices intellectus, et sic earum consideratio pertinet ad librum praedicamentorum. Alio modo, secundum rationem, prout sunt partes enunciationis; et sic determinatur de eis in hoc libro; et ideo traduntur sub ratione nominis et verbi: de quorum ratione est quod significent aliquid cum tempore vel sine tempore, et alia huiusmodi, quae pertinent ad rationem dictionum, secundum quod constituunt enunciationem. Tertio modo, considerantur secundum quod ex eis constituitur ordo syllogisticus, et sic determinatur de eis sub ratione terminorum in libro priorum.

2) Se alguém perguntar por que, tendo-se falado sobre os termos simples no livro das Categorias (Predicamentos), houve necessidade de tratar novamente aqui sobre o nome e o verbo, deve-se dizer que a consideração das dicções simples pode ser tríplice. Uma, de fato, segundo significam absolutamente os intelectos simples, e assim a sua consideração pertence ao livro das Categorias. De outro modo, segundo a razão, enquanto são partes da enunciação; e assim se determina sobre elas neste livro; e por isso são apresentadas sob a razão de nome e verbo: pois é de sua natureza que signifiquem algo com tempo ou sem tempo, e outras coisas deste tipo que pertencem à natureza das dicções conforme constituem a enunciação. De um terceiro modo, são consideradas conforme a partir delas se constitui a ordem silogística, e assim se determina sobre elas sob a razão de termos no livro dos Primeiros Analíticos.

3) Potest iterum dubitari quare, praetermissis aliis orationis partibus, de solo nomine et verbo determinet. Ad quod dicendum est quod, quia de simplici enunciatione determinare intendit, sufficit ut solas illas partes enunciationis pertractet, ex

3) Pode-se ainda duvidar por que, tendo omitido as outras partes da oração, ele determina apenas sobre o nome e o verbo. Ao que se deve dizer que, como ele pretende determinar sobre a enunciação simples, basta que trate apenas daquelas partes da

quibus ex necessitate simplex oratio constat. Potest autem ex solo nomine et verbo simplex enunciatio fieri, non autem ex aliis orationis partibus sine his; et ideo sufficiens ei fuit de his duabus determinare. Vel potest dici quod sola nomina et verba sunt principales orationis partes. Sub nominibus enim comprehenduntur pronomina, quae, etsi non nominant naturam, personam tamen determinant, et ideo loco nominum ponuntur: sub verbo vero participium, quod consignificat tempus: quamvis et cum nomine convenientiam habeat. Alia vero sunt magis colligationes partium orationis, significantes habitudinem unius ad aliam, quam orationis partes; sicut clavi et alia huiusmodi non sunt partes navis, sed partium navis coniunctiones.

enunciação das quais a oração simples necessariamente consta. Ora, a enunciação simples pode ser feita apenas com o nome e o verbo, mas não com as outras partes da oração sem estes; e por isso lhe foi suficiente determinar sobre estes dois. Ou pode-se dizer que apenas os nomes e os verbos são as partes principais da oração. Pois sob os nomes compreendem-se os pronomes que, embora não nomeiem a natureza, determinam a pessoa, e por isso são postos em lugar dos nomes; e sob o verbo, o particípio, que consignifica o tempo, embora tenha conveniência com o nome. As outras coisas são antes ligações das partes da oração, significando a relação de uma para com a outra, do que partes da oração; assim como os pregos e outras coisas semelhantes não são partes do navio, mas junções das partes do navio.

4) His igitur praemissis quasi principiis, subiungit de his, quae pertinent ad principalem intentionem, dicens: postea quid negatio et quid affirmatio, quae sunt enunciationis partes: non quidem integrales, sicut nomen et verbum (alioquin oporteret omnem enunciationem ex affirmatione et negatione compositam esse), sed partes subiectivae, idest species. Quod quidem nunc supponatur, posterius autem manifestabitur.

4) Estabelecidas estas coisas como princípios, ele acrescenta o que pertence à intenção principal, dizendo: "depois, o que é a negação e o que é a afirmação", que são partes da enunciação: não partes integrais, como o nome e o verbo (do contrário, seria necessário que toda enunciação fosse composta de uma afirmação e de uma negação), mas partes subjetivas, isto é, espécies. Que isso seja agora suposto, pois será manifestado posteriormente.

5) Sed potest dubitari: cum enunciatio dividatur in categoricam et hypotheticam, quare de his non facit mentionem, sicut de affirmatione et negatione. Et potest dici quod hypothetica enunciatio ex pluribus categoricis componitur. Unde non differunt nisi secundum differentiam unius et multi. Vel potest dici, et melius, quod hypothetica enunciatio non continet absolutam veritatem, cuius cognitio requiritur in demonstratione, ad quam liber iste principaliter ordinatur; sed significat aliquid verum esse ex suppositione: quod non sufficit in scientiis demonstrativis, nisi confirmetur per absolutam veritatem simplicis enunciationis. Et ideo Aristoteles praetermisit tractatum de hypotheticis enunciationibus et syllogismis. Subdit autem, et enunciatio, quae est genus negationis et affirmationis; et oratio, quae est genus enunciationis.

5) Mas pode-se duvidar: visto que a enunciação se divide em categórica e hipotética, por que ele não faz menção a estas, como faz da afirmação e da negação? Pode-se dizer que a enunciação hipotética é composta de várias categóricas. Por isso, não diferem senão segundo a diferença entre o um e o múlti. Ou pode-se dizer, e melhor, que a enunciação hipotética não contém a verdade absoluta, cujo conhecimento é requerido na demonstração para a qual este livro se ordena principalmente; mas significa que algo é verdadeiro a partir de uma suposição, o que não basta nas ciências demonstrativas, a menos que seja confirmado pela verdade absoluta da enunciação simples. Por isso, Aristóteles omitiu o tratado sobre as enunciações e silogismos hipotéticos. Ele acrescenta: "e a enunciação", que é o gênero da negação e da afirmação; "e a oração", que é o gênero da enunciação.

6) Si quis ulterius quaerat, quare non facit ulterius mentionem de voce, dicendum est quod vox est quoddam naturale; unde pertinet ad considerationem naturalis philosophiae, ut patet in secundo de anima, et in ultimo de generatione animalium. Unde etiam non est proprie orationis genus, sed assumitur ad constitutionem orationis, sicut res naturales ad constitutionem artificialium.

6) Se alguém perguntar, além disso, por que não se faz mais menção à voz, deve-se dizer que a voz é algo natural; por isso pertence à consideração da filosofia natural, como está claro no segundo livro "Sobre a Alma" e no último livro da "Geração dos Animais". Daí que também não é propriamente o gênero da oração, mas é assumida para a constituição da oração, assim como as coisas naturais para a constituição das artificiais.

7) Videtur autem ordo enunciationis esse praeposterus: nam affirmatio naturaliter est prior negatione, et iis prior est enunciatio, sicut genus; et per consequens oratio enunciatione. Sed dicendum quod, quia a partibus inceperat enumerare, procedit a partibus ad totum. Negationem autem, quae divisionem continet, eadem ratione praeponit affirmationi, quae consistit in compositione: quia divisio magis accedit ad partes, compositio vero magis accedit ad totum. Vel potest dici, secundum quosdam, quod praemittitur negatio, quia in iis quae possunt esse et non esse, prius est non esse, quod significat negatio, quam esse, quod significat affirmatio. Sed tamen, quia sunt species ex aequo dividentes genus, sunt simul natura; unde non refert quod eorum praeponatur.

7) Parece, porém, que a ordem da enunciação é invertida: pois a afirmação é naturalmente anterior à negação, e anterior a estas é a enunciação, como gênero; e, por consequência, a oração é anterior à enunciação. Mas deve-se dizer que, porque ele havia começado a enumerar pelas partes, procede das partes para o todo. Já a negação, que contém a divisão, ele antepõe à afirmação (que consiste na composição) pela mesma razão: porque a divisão se aproxima mais das partes, ao passo que a composição se aproxima mais do todo. Ou pode-se dizer, segundo alguns, que a negação é anteposta porque, naquelas coisas que podem ser e não ser, primeiro é o não ser, que a negação significa, do que o ser, que a afirmação significa. Contudo, como são espécies que dividem o gênero por igual, são simultâneas por natureza; por isso, não importa qual delas seja anteposta.

Lectio II

1) Praemisso prooemio, philosophus accedit ad propositum exequendum. Et quia ea, de quibus promiserat se dicturum, sunt voces significativae complexae vel incomplexae, ideo praemittit tractatum de significatione vocum: et deinde de vocibus significativis determinat de quibus in prooemio se dicturum promiserat. Et hoc ibi: nomen ergo est vox significativa et cetera. Circa primum duo facit: primo, determinat qualis sit significatio vocum; secundo, ostendit differentiam significationum vocum complexarum et incomplexarum; ibi: est autem quemadmodum et cetera. Circa primum duo facit: primo quidem, praemittit ordinem significationis vocum; secundo, ostendit qualis sit vocum significatio, utrum sit ex natura vel ex impositione; ibi: et quemadmodum nec litterae et cetera.

1) Enviado o proêmio, o Filósofo aproxima-se da execução do propósito. E porque aquelas coisas sobre as quais prometera que falaria são vozes significativas complexas ou incomplexas, por isso antepõe um tratado sobre a significação das vozes; e, em seguida, determina sobre as vozes significativas das quais prometera falar no proêmio. E isto está aqui: "O nome, portanto, é uma voz significativa", etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, determina qual é a significação das vozes; segundo, mostra a diferença das significações das vozes complexas e incomplexas; ali: "É, porém, como...", etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, apresenta a ordem da significação das vozes; segundo, mostra qual é a significação das vozes, se é por natureza ou por imposição; ali: "E assim como nem as letras...", etc.

2) Est ergo considerandum quod circa primum tria proponit, ex quorum uno intelligitur quartum. Proponit enim Scripturam, voces et animae passiones, ex quibus intelliguntur res. Nam passio est ex impressione alicuius agentis; et sic passiones animae originem habent ab ipsis rebus. Et si quidem homo esset naturaliter animal solitarium, sufficerent sibi animae passiones, quibus ipsis rebus conformaretur, ut earum notitiam in se haberet; sed quia homo est animal naturaliter politicum et sociale, necesse fuit quod conceptiones unius hominis innotescerent aliis, quod fit per vocem; et ideo necesse fuit esse voces significativas, ad hoc quod homines ad invicem conviverent. Unde illi, qui sunt diversarum linguarum, non possunt bene convivere ad invicem. Rursum si homo uteretur sola cognitione sensitiva, quae respicit solum ad hic et nunc, sufficeret sibi ad convivendum aliis vox significativa, sicut et caeteris animalibus, quae per quasdam voces, suas conceptiones invicem sibi manifestant: sed quia homo utitur etiam intellectuali cognitione, quae abstrahit ab hic et nunc; consequitur ipsum sollicitudo non solum de praesentibus secundum locum et tempus, sed etiam de his quae distant loco et futura sunt tempore. Unde ut homo conceptiones suas etiam his qui distant secundum locum et his qui venturi sunt in futuro tempore

2) Deve-se considerar, portanto, que sobre o primeiro ponto ele propõe três elementos, a partir de um dos quais se entende o quarto. Pois propõe a Escrita, as vozes e as paixões da alma, a partir das quais se entendem as coisas. Pois a paixão provém da impressão de algum agente; e assim as paixões da alma têm origem nas próprias coisas. Se o homem fosse, por natureza, um animal solitário, bastar-lhe-iam as paixões da alma, pelas quais se conformaria às próprias coisas para ter em si o conhecimento delas; mas, porque o homem é por natureza um animal político e social, foi necessário que as concepções de um homem se tornassem conhecidas aos outros, o que se faz pela voz; e, por isso, foi necessário haver vozes significativas para que os homens convivessem entre si. Daí que aqueles que possuem línguas diversas não podem conviver bem uns com os outros. Além disso, se o homem usasse apenas o conhecimento sensitivo, que olha apenas para o aqui e o agora, bastar-lhe-ia para conviver com os outros a voz significativa, como ocorre com os demais animais, que por certas vozes manifestam entre si suas concepções; mas, porque o homem usa também o conhecimento intelectual, que abstrai do aqui e do agora, segue-se nele uma solicitude não apenas pelo que é presente segundo o lugar e o tempo, mas também por aquilo que está

manifestet, necessarius fuit usus Scripturae.

distante no lugar e futuro no tempo. Assim, para que o homem manifeste suas concepções também aos que estão distantes no espaço e aos que virão no tempo futuro, foi necessário o uso da Escrita.

3) Sed quia logica ordinatur ad cognitionem de rebus sumendam, significatio vocum, quae est immediata ipsis conceptionibus intellectus, pertinet ad principalem considerationem ipsius; significatio autem litterarum, tanquam magis remota, non pertinet ad eius considerationem, sed magis ad considerationem grammatici. Et ideo exponens ordinem significationum non incipit a litteris, sed a vocibus: quarum primo significationem exponens, dicit: sunt ergo ea, quae sunt in voce, notae, idest, signa earum passionum quae sunt in anima. Dicit autem ergo, quasi ex praemissis concludens: quia supra dixerat determinandum esse de nomine et verbo et aliis praedictis; haec autem sunt voces significativae; ergo oportet vocum significationem exponere.

3) Mas, porque a lógica se ordena a obter o conhecimento das coisas, a significação das vozes, que é imediata às próprias concepções do intelecto, pertence à sua consideração principal; a significação das letras, porém, como algo mais remoto, não pertence à sua consideração, mas antes à consideração do gramático. E, por isso, ao expor a ordem das significações, ele não começa pelas letras, mas pelas vozes: expondo primeiro a significação destas, diz: "são, portanto, as coisas que estão na voz, marcas", isto é, sinais "daquelas paixões que estão na alma". Diz "portanto", como que concluindo das premissas: porque acima dissera que se deveria determinar sobre o nome, o verbo e os demais referidos; e como estes são vozes significativas, é necessário expor a significação das vozes.

4) Utitur autem hoc modo loquendi, ut dicat, ea quae sunt in voce, et non, voces, ut quasi continuatim loquatur cum praedictis. Dixerat enim dicendum esse de nomine et verbo et aliis huiusmodi. Haec autem tripliciter habent esse. Uno quidem modo, in conceptione intellectus; alio modo, in prolatione vocis; tertio modo, in conscriptione litterarum. Dicit ergo, ea quae sunt in voce etc.; ac si dicat, nomina et verba et alia consequentia, quae tantum sunt in voce, sunt notae. Vel, quia non omnes voces sunt significativae, et earum quaedam sunt significativae naturaliter, quae longe sunt a ratione nominis et verbi et aliorum consequentium; ut appropriet suum dictum ad ea de quibus intendit, ideo dicit, ea quae sunt in voce, idest quae continentur sub voce, sicut partes sub toto. Vel, quia vox est quoddam naturale, nomen autem et verbum significant ex institutione humana, quae advenit rei naturali sicut materiae, ut forma lecti ligno; ideo ad designandum nomina et verba et alia consequentia dicit, ea quae sunt in voce, ac si de lecto diceretur, ea quae sunt in ligno.

4) Ele usa este modo de falar ao dizer "as coisas que estão na voz", e não "vozes", para falar de modo contínuo com o que foi dito anteriormente. Pois dissera que se devia falar sobre o nome, o verbo e outros semelhantes. Estas coisas, contudo, possuem ser de tríplice modo. De um modo, na concepção do intelecto; de outro modo, na prolação da voz; de um terceiro modo, na escrita das letras. Diz, portanto, "as coisas que estão na voz", etc., como se dissesse: os nomes, os verbos e as demais consequências, que estão apenas na voz, são marcas. Ou porque nem todas as vozes são significativas, e algumas são significativas naturalmente (as quais estão longe da natureza do nome, do verbo e das outras consequências), para apropriar seu dito àquelas coisas que pretende tratar, por isso diz "as coisas que estão na voz", isto é, as que estão contidas sob a voz, como partes sob o todo. Ou, porque a voz é algo natural, mas o nome e o verbo significam por instituição humana (que advém à coisa natural como a forma do leito à madeira), por isso, para designar os nomes, verbos e demais consequências, diz "as coisas que estão na voz", como se do leito se dissesse "as coisas que estão na madeira".

5) Circa id autem quod dicit, earum quae sunt in anima passionum, considerandum est quod passiones animae communiter dici solent appetitus sensibilis affectiones, sicut ira, gaudium et alia huiusmodi, ut dicitur in II Ethicorum. Et verum est quod huiusmodi passiones significant naturaliter quaedam voces hominum, ut gemitus infirmorum, et aliorum animalium, ut dicitur in I politicae. Sed nunc sermo est de vocibus significativis ex institutione humana; et ideo oportet passiones animae hic intelligere intellectus conceptiones, quas nomina et verba et orationes significant immediate, secundum sententiam Aristotelis. Non enim potest esse quod significent immediate ipsas res, ut ex ipso modo significandi apparet: significat enim hoc nomen homo naturam humanam in abstractione a singularibus. Unde non potest esse quod significet immediate hominem singularem; unde Platonici posuerunt quod significaret ipsam ideam hominis separatam. Sed quia hoc secundum suam abstractionem non subsistit realiter secundum sententiam Aristotelis, sed est in solo intellectu; ideo necesse fuit Aristoteli dicere quod voces significant intellectus conceptiones immediate et eis mediantibus res.

5) Sobre o que ele diz, "das paixões que estão na alma", deve-se considerar que costuma-se chamar comumente de "paixões da alma" as afecções do apetite sensível, como a ira, a alegria e outras semelhantes, como se diz no livro II da Ética. E é verdade que certas vozes humanas, como os gemidos dos enfermos, e as de outros animais, significam naturalmente tais paixões, como se diz no livro I da Política. Mas agora o discurso é sobre as vozes significativas por instituição humana; e, por isso, deve-se entender aqui por "paixões da alma" as concepções do intelecto, que os nomes, verbos e orações significam imediatamente, segundo a sentença de Aristóteles. Pois não pode ser que signifiquem imediatamente as próprias coisas, como transparece do próprio modo de significar: com efeito, este nome "homem" significa a natureza humana na abstração dos singulares. Daí que não pode ser que signifique imediatamente o homem singular; por isso os platônicos afirmaram que significava a própria ideia separada de homem. Mas, como isso, segundo sua abstração, não subsiste realmente conforme a sentença de Aristóteles, mas está apenas no intelecto, por isso foi necessário que Aristóteles dissesse que as vozes significam imediatamente as concepções do intelecto e, por meio delas, as coisas.

6) Sed quia non est consuetum quod conceptiones intellectus Aristoteles nominet passiones; ideo Andronicus posuit hunc librum non esse Aristotelis. Sed manifeste invenitur in 1 de anima quod passiones animae vocat omnes animae operationes. Unde et ipsa conceptio intellectus passio dici potest. Vel quia intelligere nostrum non est sine phantasmate: quod non est sine corporali passione; unde et imaginativam philosophus in III de anima vocat passivum intellectum. Vel quia extenso nomine passionis ad omnem receptionem, etiam ipsum intelligere intellectus possibilis quoddam pati est, ut dicitur in III de anima. Utitur autem potius nomine passionum, quam intellectuum: tum quia ex aliqua animae passione provenit, puta ex amore vel odio, ut homo interiorem conceptum per vocem alteri significare velit: tum etiam quia significatio vocum refertur ad conceptionem intellectus, secundum quod oritur a rebus per modum cuiusdam im-

6) Mas, porque não é costumeiro que Aristóteles nomeie as concepções do intelecto como "paixões", Andrônico de Rodes propôs que este livro não seria de Aristóteles. Contudo, encontra-se manifestamente no livro I "Sobre a Alma" que ele chama de paixões da alma todas as operações da alma. Daí que a própria concepção do intelecto pode ser chamada de paixão. Ou porque o nosso entender não ocorre sem o fantasma (imagem mental), o qual não existe sem uma paixão corporal; por isso o Filósofo, no livro III "Sobre a Alma", chama a faculdade imaginativa de intelecto passivo. Ou porque, estendendo-se o nome de paixão a toda recepção, o próprio entender do intelecto possível é um certo padecer, como se diz no livro III "Sobre a Alma". Ele utiliza, porém, antes o nome de "paixões" do que "intelecções": tanto porque provém de alguma paixão da alma (como o amor ou o ódio) o fato de o homem querer significar a

pressionis vel passionis.

outro o seu conceito interior pela voz; como também porque a significação das vozes se refere à concepção do intelecto conforme esta nasce das coisas por modo de uma certa impressão ou paixão.

7) Secundo, cum dicit: et ea quae scribuntur etc., agit de significatione Scripturae: et secundum Alexandrum hoc inducit ad manifestandum praecedentem sententiam per modum similitudinis, ut sit sensus: ita ea quae sunt in voce sunt signa passionum animae, sicut et litterae sunt signa vocum. Quod etiam manifestat per sequentia, cum dicit: et quemadmodum nec litterae etc.; inducens hoc quasi signum praecedentis. Quod enim litterae significent voces, significatur per hoc, quod, sicut sunt diversae voces apud diversos, ita et diversae litterae. Et secundum hanc expositionem, ideo non dixit, et litterae eorum quae sunt in voce, sed ea quae scribuntur: quia dicuntur litterae etiam in prolatione et Scriptura, quamvis magis proprie, secundum quod sunt in Scriptura, dicantur litterae; secundum autem quod sunt in prolatione, dicantur elementa vocis. Sed quia Aristoteles non dicit, sicut et ea quae scribuntur, sed continuam narrationem facit, melius est ut dicatur, sicut Porphyrius exposuit, quod Aristoteles procedit ulterius ad complendum ordinem significationis. Postquam enim dixerat quod nomina et verba, quae sunt in voce, sunt signa eorum quae sunt in anima, continuatim subdit quod nomina et verba quae scribuntur, signa sunt eorum nominum et verborum quae sunt in voce.

7) Em segundo lugar, quando diz: "e as coisas que se escrevem", etc., trata da significação da Escrita. Segundo Alexandre, ele introduz isto para manifestar a sentença precedente por modo de semelhança, para que o sentido seja: assim como as coisas que estão na voz são sinais das paixões da alma, também as letras são sinais das vozes. O que ele também manifesta pelo que se segue, quando diz: "e assim como nem as letras...", etc., induzindo isto quase como um sinal do anterior. Pois que as letras signifiquem as vozes é sinalizado pelo fato de que, assim como há diversas vozes entre diversos povos, também há diversas letras. Segundo esta exposição, ele não disse "e as letras das coisas que estão na voz", mas "as coisas que se escrevem", porque se chamam "letras" tanto na prolação quanto na escrita, embora mais propriamente se chamem letras enquanto estão na escrita; e enquanto estão na prolação, chamam-se elementos da voz. Mas, porque Aristóteles não diz "assim como as coisas que se escrevem", mas faz uma narração contínua, é melhor dizer, conforme expôs Porfírio, que Aristóteles procede adiante para completar a ordem da significação. Pois, após dizer que os nomes e verbos que estão na voz são sinais daquilo que está na alma, acrescenta continuamente que os nomes e verbos que se escrevem são sinais daqueles nomes e verbos que estão na voz.

8) Deinde cum dicit: et quemadmodum nec litterae etc., ostendit differentiam praemissorum significantium et significatorum, quantum ad hoc, quod est esse secundum naturam, vel non esse. Et circa hoc tria facit. Primo enim, ponit quoddam signum, quo manifestatur quod nec voces nec litterae naturaliter significant. Ea enim, quae naturaliter significant sunt eadem apud omnes. Significatio autem litterarum et vocum, de quibus nunc agimus, non est eadem apud omnes. Sed hoc quidem apud nullos unquam dubitatum fuit quantum ad litteras: quarum non solum ratio significandi est ex impositione, sed etiam ipsarum formatio fit per artem.

8) Em seguida, quando diz: "e assim como nem as letras...", etc., mostra a diferença dos referidos significantes e significados quanto ao ser segundo a natureza ou não. E sobre isto faz três coisas. Primeiro, põe um certo sinal pelo qual se manifesta que nem as vozes nem as letras significam naturalmente. Pois as coisas que significam naturalmente são as mesmas para todos. Contudo, a significação das letras e das vozes de que agora tratamos não é a mesma para todos. Ora, quanto às letras, nunca se duvidou disso, pois não apenas a razão de significar é por imposição, mas também a própria formação delas se dá pela arte. Já as

Voces autem naturaliter formantur; unde et apud quosdam dubitatum fuit, utrum naturaliter significent. Sed Aristoteles hic determinat ex similitudine litterarum, quae sicut non sunt eaedem apud omnes, ita nec voces. Unde manifeste relinquitur quod sicut nec litterae, ita nec voces naturaliter significant, sed ex institutione humana. Voces autem illae, quae naturaliter significant, sicut gemitus infirmorum et alia huiusmodi, sunt eadem apud omnes.

vozes formam-se naturalmente; por isso, entre alguns houve dúvida se significariam naturalmente. Mas Aristóteles determina aqui, pela semelhança com as letras, que, assim como estas não são as mesmas para todos, também não o são as vozes. Daí que se conclui manifestamente que, tal como as letras, as vozes não significam naturalmente, mas por instituição humana. Aquelas vozes que significam naturalmente, como os gemidos dos doentes e outras semelhantes, são as mesmas para todos.

9) Secundo, ibi: quorum autem etc., ostendit passiones animae naturaliter esse, sicut et res, per hoc quod eaedem sunt apud omnes. Unde dicit: quorum autem; idest sicut passiones animae sunt eaedem omnibus (quorum primorum, idest quarum passionum primarum, hae, scilicet voces, sunt notae, idest signa; comparantur enim passiones animae ad voces, sicut primum ad secundum: voces enim non proferuntur, nisi ad exprimendum interiores animae passiones), et res etiam eaedem, scilicet sunt apud omnes, quorum, idest quarum rerum, hae, scilicet passiones animae sunt similitudines. Ubi attendendum est quod litteras dixit esse notas, idest signa vocum, et voces passionum animae similiter; passiones autem animae dicit esse similitudines rerum: et hoc ideo, quia res non cognoscitur ab anima nisi per aliquam sui similitudinem existentem vel in sensu vel in intellectu. Litterae autem ita sunt signa vocum, et voces passionum, quod non attenditur ibi aliqua ratio similitudinis, sed sola ratio institutionis, sicut et in multis aliis signis: ut tuba est signum belli. In passionibus autem animae oportet attendi rationem similitudinis ad exprimendas res, quia naturaliter eas designant, non ex institutione.

9) Segundo, ali: "das quais porém...", etc., mostra que as paixões da alma existem naturalmente, assim como as coisas, pelo fato de serem as mesmas para todos. Daí que diz: "das quais porém", isto é, assim como as paixões da alma são as mesmas para todos (das quais primeiras, isto é, de quais paixões primeiras, estas, a saber, as vozes, são marcas, isto é, sinais; pois as paixões da alma comparam-se às vozes como o primeiro ao segundo: pois as vozes não são proferidas senão para exprimir as paixões interiores da alma), também "as coisas são as mesmas", a saber, para todos, "das quais", isto é, de quais coisas, "estas", a saber, as paixões da alma, são "semelhanças". Onde se deve notar que ele disse que as letras são marcas, isto é, sinais das vozes, e as vozes, similarmente, das paixões da alma; as paixões da alma, porém, diz serem "semelhanças" das coisas: e isto porque a coisa não é conhecida pela alma senão por alguma semelhança sua existente ou no sentido ou no intelecto. As letras são sinais das vozes, e as vozes das paixões, de tal modo que não se considera ali alguma razão de semelhança, mas apenas a razão de instituição, como em muitos outros sinais (como a trombeta é sinal de guerra). Já nas paixões da alma deve-se considerar a razão de semelhança para exprimir as coisas, porque as designam naturalmente, não por instituição.

10) Obiiciunt autem quidam, ostendere volentes contra hoc quod dicit passiones animae, quas significant voces, esse omnibus easdem. Primo quidem, quia diversi diversas sententias habent de rebus, et ita non videntur esse eaedem apud omnes animae passiones. Ad quod respondet Boethius quod Aristoteles hic nominat passiones animae con-

10) Alguns, porém, objetam, querendo mostrar o contrário do que ele diz sobre as paixões da alma (que as vozes significam) serem as mesmas para todos. Primeiro, porque diversos homens têm diversas opiniões sobre as coisas, e assim as paixões da alma não parecem ser as mesmas para todos. Ao que responde Boécio que Aristóteles aqui chama

ceptiones intellectus, qui numquam decipitur; et ita oportet eius conceptiones esse apud omnes easdem: quia, si quis a vero discordat, hic non intelligit. Sed quia etiam in intellectu potest esse falsum, secundum quod componit et dividit, non autem secundum quod cognoscit quod quid est, idest essentiam rei, ut dicitur in III de anima; referendum est hoc ad simplices intellectus conceptiones (quas significant voces incomplexae), quae sunt eaedem apud omnes: quia, si quis vere intelligit quid est homo, quodcunque aliud aliquid, quam hominem apprehendat, non intelligit hominem. Huiusmodi autem simplices conceptiones intellectus sunt, quas primo voces significant. Unde dicitur in IV metaphysicae quod ratio, quam significat nomen, est definitio. Et ideo signanter dicit: quorum primorum hae notae sunt, ut scilicet referatur ad primas conceptiones a vocibus primo significatas.

de "paixões da alma" as concepções do intelecto, o qual nunca se engana; e assim é necessário que suas concepções sejam as mesmas para todos: porque, se alguém discorda do verdadeiro, este não entende. Mas, como no intelecto também pode haver o falso, conforme ele compõe e divide, mas não conforme conhece "o que é", isto é, a essência da coisa (como se diz no livro III "Sobre a Alma"), deve-se referir isto às concepções simples do intelecto (que as vozes incomplexas significam), as quais são as mesmas para todos: pois, se alguém entende verdadeiramente o que é o homem, qualquer outra coisa que apreenda que não seja o homem, não entende o homem. Tais concepções simples do intelecto são as que as vozes significam primeiramente. Daí que se diz no livro IV da Metafísica que a razão que o nome significa é a definição. Por isso ele diz expressamente: "das quais primeiras estas são marcas", para que se refira às concepções primeiras significadas primeiramente pelas vozes.

11) Sed adhuc obiiciunt aliqui de nominibus aequivocis, in quibus eiusdem vocis non est eadem passio, quae significatur apud omnes. Et respondet ad hoc Porphyrius quod unus homo, qui vocem profert, ad unam intellectus conceptionem significandam eam refert; et si aliquis alius, cui loquitur, aliquid aliud intelligat, ille qui loquitur, se exponendo, faciet quod referet intellectum ad idem. Sed melius dicendum est quod intentio Aristotelis non est asserere identitatem conceptionis animae per comparationem ad vocem, ut scilicet unius vocis una sit conceptio: quia voces sunt diversae apud diversos; sed intendit asserere identitatem conceptionum animae per comparationem ad res, quas similiter dicit esse easdem.

11) Mas ainda alguns objetam sobre os nomes equívocos, nos quais para a mesma voz não há a mesma paixão significada para todos. A isto responde Porfírio que um homem que profere a voz refere-a a uma única concepção do intelecto para significá-la; e se algum outro, a quem ele fala, entende outra coisa, aquele que fala, expondo-se, fará com que o intelecto se refira à mesma coisa. Mas é melhor dizer que a intenção de Aristóteles não é afirmar a identidade da concepção da alma por comparação à voz (como se para uma voz houvesse apenas uma concepção, pois as vozes são diversas entre diversos povos), mas pretende afirmar a identidade das concepções da alma por comparação às coisas, as quais ele similarmente diz serem as mesmas.

12) Tertio, ibi: de his itaque etc., excusat se a diligentiori harum consideratione: quia quales sint animae passiones, et quomodo sint rerum similitudines, dictum est in libro de anima. Non enim hoc pertinet ad logicum negocium, sed ad naturale.

12) Terceiro, ali: "Sobre estas coisas, portanto...", etc., ele se escusa de uma consideração mais diligente sobre elas, porque já foi dito no livro "Sobre a Alma" de que natureza são as paixões da alma e como são semelhanças das coisas. Pois isto não pertence ao negócio lógico, mas ao natural.

Lectio III

1) Postquam philosophus tradidit ordinem significationis vocum, hic agit de diversa vocum significatione: quarum quaedam significant verum vel falsum, quaedam non. Et circa hoc duo facit: primo, praemittit differentiam; secundo, manifestat eam; ibi: circa compositionem enim et cetera. Quia vero conceptiones intellectus praeambulae sunt ordine naturae vocibus, quae ad eas exprimendas proferuntur, ideo ex similitudine differentiae, quae est circa intellectum, assignat differentiam, quae est circa significationes vocum: ut scilicet haec manifestatio non solum sit ex simili, sed etiam ex causa quam imitantur effectus.

1) Depois que o Filósofo transmitiu a ordem da significação das vozes, trata aqui da diversa significação das vozes: das quais algumas significam o verdadeiro ou o falso, e outras não. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, apresenta a diferença; segundo, manifesta-a; ali: "Pois sobre a composição...", etc. Como as concepções do intelecto são anteriores na ordem da natureza às vozes (que são proferidas para exprimi-las), por isso, a partir da semelhança da diferença que existe no intelecto, ele atribui a diferença que existe nas significações das vozes: para que esta manifestação não seja apenas por semelhança, mas também pela causa que os efeitos imitam.

2) Est ergo considerandum quod, sicut in principio dictum est, duplex est operatio intellectus, ut traditur in III de anima; in quarum una non invenitur verum et falsum, in altera autem invenitur. Et hoc est quod dicit quod in anima aliquoties est intellectus sine vero et falso, aliquoties autem ex necessitate habet alterum horum. Et quia voces significativae formantur ad exprimendas conceptiones intellectus, ideo ad hoc quod signum conformetur signato, necesse est quod etiam vocum significativarum similiter quaedam significent sine vero et falso, quaedam autem cum vero et falso.

2) Deve-se considerar, portanto, que, como foi dito no princípio, a operação do intelecto é dupla, como se ensina no livro III "Sobre a Alma"; em uma delas não se encontra o verdadeiro e o falso, na outra, porém, encontra-se. E é isto o que ele diz: que na alma algumas vezes há intelecção sem o verdadeiro e o falso, e outras vezes ela possui necessariamente um destes. E porque as vozes significativas são formadas para exprimir as concepções do intelecto, por isso, para que o sinal se conforme ao sinalizado, é necessário que também entre as vozes significativas algumas similarmente signifiquem sem o verdadeiro e o falso, e outras com o verdadeiro e o falso.

3) Deinde cum dicit: circa compositionem etc., manifestat quod dixerat. Et primo, quantum ad id quod dixerat de intellectu; secundo, quantum ad id quod dixerat de assimilatione vocum ad intellectum; ibi: nomina igitur ipsa et verba et cetera. Ad ostendendum igitur quod intellectus quandoque est sine vero et falso, quandoque autem cum altero horum, dicit primo quod veritas et falsitas est circa compositionem et divisionem. Ubi oportet intelligere quod una duarum operationum intellectus est indivisibilium intelligentia: in quantum scilicet intellectus intelligit absolute cuiusque rei quidditatem sive essentiam per seipsam, puta quid est homo vel quid album vel quid aliud huiusmodi. Alia vero operatio intellectus est, secundum quod

3) Em seguida, quando diz: "Sobre a composição...", etc., manifesta o que dissera. Primeiro, quanto ao que dissera sobre o intelecto; segundo, quanto ao que dissera sobre a assimilação das vozes ao intelecto; ali: "Os próprios nomes, portanto, e os verbos...", etc. Para mostrar, pois, que o intelecto às vezes está sem o verdadeiro e o falso, e às vezes com um destes, diz primeiro que a verdade e a falsidade estão na "composição" e na "divisão". Onde é preciso entender que uma das duas operações do intelecto é a inteligência dos indivisíveis: enquanto o intelecto entende absolutamente a quididade ou essência de cada coisa por si mesma, por exemplo, o que é o homem, ou o que é o branco, ou qualquer outra coisa do tipo. A outra operação do intelecto

huiusmodi simplicia concepta simul componit et dividit. Dicit ergo quod in hac secunda operatione intellectus, idest componentis et dividentis, invenitur veritas et falsitas: relinquens quod in prima operatione non invenitur, ut etiam traditur in III de anima.

é aquela segundo a qual ele compõe e divide simultaneamente tais conceitos simples. Diz, portanto, que nesta segunda operação do intelecto, isto é, do que compõe e divide, encontra-se a verdade e a falsidade, deixando implícito que na primeira operação não se encontram, como também se ensina no livro III "Sobre a Alma".

4) Sed circa hoc primo videtur esse dubium: quia cum divisio fiat per resolutionem ad indivisibilia sive simplicia, videtur quod sicut in simplicibus non est veritas vel falsitas, ita nec in divisione. Sed dicendum est quod cum conceptiones intellectus sint similitudines rerum, ea quae circa intellectum sunt dupliciter considerari et nominari possunt. Uno modo, secundum se: alio modo, secundum rationes rerum quarum sunt similitudines. Sicut imago Herculis secundum se quidem dicitur et est cuprum; in quantum autem est similitudo Herculis nominatur homo. Sic etiam, si consideremus ea quae sunt circa intellectum secundum se, semper est compositio, ubi est veritas et falsitas; quae nunquam invenitur in intellectu, nisi per hoc quod intellectus comparat unum simplicem conceptum alteri. Sed si referatur ad rem, quandoque dicitur compositio, quandoque dicitur divisio. Compositio quidem, quando intellectus comparat unum conceptum alteri, quasi apprehendens coniunctionem aut identitatem rerum, quarum sunt conceptiones; divisio autem, quando sic comparat unum conceptum alteri, ut apprehendat res esse diversas. Et per hunc etiam modum in vocibus affirmatio dicitur compositio, in quantum coniunctionem ex parte rei significat; negatio vero dicitur divisio, in quantum significat rerum separationem.

4) Mas sobre isto parece haver primeiro uma dúvida: pois, como a divisão se faz pela resolução nos indivisíveis ou simples, parece que, assim como nos simples não há verdade ou falsidade, também não as haveria na divisão. Mas deve-se dizer que, como as concepções do intelecto são semelhanças das coisas, aquelas coisas que dizem respeito ao intelecto podem ser consideradas e nomeadas de dois modos. De um modo, segundo si mesmas; de outro modo, segundo as razões das coisas das quais são semelhanças. Assim como a imagem de Hércules, segundo si mesma, diz-se e é cobre; enquanto é semelhança de Hércules, porém, é nomeada "homem". Assim também, se considerarmos o que diz respeito ao intelecto segundo si mesmo, há sempre composição onde há verdade e falsidade; as quais nunca se encontram no intelecto senão pelo fato de que o intelecto compara um conceito simples a outro. Mas se se refere à coisa, às vezes diz-se composição, às vezes divisão. Composição, quando o intelecto compara um conceito a outro como que apreendendo a conjunção ou identidade das coisas das quais são concepções; divisão, porém, quando compara um conceito a outro de modo a apreender que as coisas são diversas. E deste modo também nas vozes a afirmação chama-se composição, enquanto significa a conjunção por parte da coisa; a negação, porém, chama-se divisão, enquanto significa a separação das coisas.

5) Ulterius autem videtur quod non solum in compositione et divisione veritas consistat. Primo quidem, quia etiam res dicitur vera vel falsa, sicut dicitur aurum verum vel falsum. Dicitur etiam quod ens et verum convertuntur. Unde videtur quod etiam simplex conceptio intellectus, quae est similitudo rei, non careat veritate et falsitate. Praeterea, philosophus dicit in Lib. de anima quod sensus propriorum sensibilium semper est verus; sensus

5) Além disso, parece que a verdade não consiste apenas na composição e na divisão. Primeiro, porque também a coisa diz-se verdadeira ou falsa, como se diz "ouro verdadeiro" ou "falso". Diz-se também que o ente e o verdadeiro se convertem. Daí que parece que também a concepção simples do intelecto, que é semelhança da coisa, não carece de verdade e falsidade. Além disso, o Filósofo diz no livro "Sobre a Alma" que o sentido dos próprios

autem non componit vel dividit; non ergo in sola compositione vel divisione est veritas. Item, in intellectu divino nulla est compositio, ut probatur in XII metaphysicae; et tamen ibi est prima et summa veritas; non ergo veritas est solum circa compositionem et divisionem.

sensíveis é sempre verdadeiro; ora, o sentido não compõe nem divide; logo, a verdade não está apenas na composição ou divisão. Item: no intelecto divino não há composição alguma, como se prova no livro XII da Metafísica; e no entanto ali está a primeira e suma verdade; logo, a verdade não está apenas na composição e divisão.

6) Ad huiusmodi igitur evidentiam considerandum est quod veritas in aliquo invenitur dupliciter: uno modo, sicut in eo quod est verum: alio modo, sicut in dicente vel cognoscente verum. Invenitur autem veritas sicut in eo quod est verum tam in simplicibus, quam in compositis; sed sicut in dicente vel cognoscente verum, non invenitur nisi secundum compositionem et divisionem. Quod quidem sic patet.

6) Para a evidência disto, deve-se considerar que a verdade encontra-se em algo de dois modos: de um modo, como naquilo que é verdadeiro; de outro modo, como naquele que diz ou conhece o verdadeiro. Ora, a verdade encontra-se como naquilo que é verdadeiro tanto nos simples como nos compostos; mas, como naquele que diz ou conhece o verdadeiro, não se encontra senão segundo a composição e a divisão. O que se evidencia assim.

7) Verum enim, ut philosophus dicit in VI Ethicorum, est bonum intellectus. Unde de quocumque dicatur verum, oportet quod hoc sit per respectum ad intellectum. Comparantur autem ad intellectum voces quidem sicut signa, res autem sicut ea quorum intellectus sunt similitudines. Considerandum autem quod aliqua res comparatur ad intellectum dupliciter. Uno quidem modo, sicut mensura ad mensuratum, et sic comparantur res naturales ad intellectum speculativum humanum. Et ideo intellectus dicitur verus secundum quod conformatur rei, falsus autem secundum quod discordat a re. Res autem naturalis non dicitur esse vera per comparationem ad intellectum nostrum, sicut posuerunt quidam antiqui naturales, existimantes rerum veritatem esse solum in hoc, quod est videri: secundum hoc enim sequeretur quod contradictoria essent simul vera, quia contradictoria cadunt under diversorum opinionibus. Dicuntur tamen res aliquae verae vel falsae per comparationem ad intellectum nostrum, non essentialiter vel formaliter, sed effective, in quantum scilicet natae sunt facere de se veram vel falsam existimationem; et secundum hoc dicitur aurum verum vel falsum. Alio autem modo, res comparantur ad intellectum, sicut mensuratum ad mensuram, ut patet in intellectu practico, qui est causa rerum. Unde opus artificis dicitur esse verum, in quantum attingit ad rationem artis; falsum vero, in quantum deficit a

7) O verdadeiro, com efeito, como diz o Filósofo no livro VI da Ética, é o bem do intelecto. Daí que, de tudo o que se diga ser verdadeiro, é necessário que o seja por respeito ao intelecto. Ora, as vozes comparam-se ao intelecto como sinais; as coisas, porém, como aquilo de que as intelecções são semelhanças. Deve-se considerar que uma coisa se compara ao intelecto de dois modos. De um modo, como a medida ao mensurado, e assim se comparam as coisas naturais ao intelecto especulativo humano. Por isso, o intelecto diz-se verdadeiro conforme se conforma à coisa, e falso conforme dela discorda. A coisa natural, porém, não se diz ser verdadeira por comparação ao nosso intelecto, como puseram certos antigos naturalistas, estimando que a verdade das coisas consistisse apenas no serem vistas; segundo isto, com efeito, seguir-se-ia que os contraditórios seriam simultaneamente verdadeiros, pois os contraditórios caem sob opiniões diversas. Chamam-se, contudo, algumas coisas verdadeiras ou falsas por comparação ao nosso intelecto, não essencial ou formalmente, mas efetivamente, enquanto, a saber, são aptas a produzir de si uma estimativa verdadeira ou falsa; e segundo isto diz-se o ouro verdadeiro ou falso. De outro modo, as coisas comparam-se ao intelecto como o mensurado à medida, como transparece no intelecto prático, que é causa das coisas. Daí que a obra do artífice diz-se ser verdadeira enquanto

ratione artis.

8) Et quia omnia etiam naturalia comparantur ad intellectum divinum, sicut artificiata ad artem, consequens est ut quaelibet res dicatur esse vera secundum quod habet propriam formam, secundum quam imitatur artem divinam. Nam falsum aurum est verum aurichalcum. Et hoc modo ens et verum convertuntur, quia quaelibet res naturalis per suam formam arti divinae conformatur. Unde philosophus in I physicae, formam nominat quoddam divinum.

9) Et sicut res dicitur vera per comparationem ad suam mensuram, ita etiam et sensus vel intellectus, cuius mensura est res extra animam. Unde sensus dicitur verus, quando per formam suam conformatur rei extra animam existenti. Et sic intelligitur quod sensus proprii sensibilis sit verus. Et hoc etiam modo intellectus apprehendens quod quid est absque compositione et divisione, semper est verus, ut dicitur in III de anima. Est autem considerandum quod quamvis sensus proprii obiecti sit verus, non tamen cognoscit hoc esse verum. Non enim potest cognoscere habitudinem conformitatis suae ad rem, sed solam rem apprehendit; intellectus autem potest huiusmodi habitudinem conformitatis cognoscere; et ideo solus intellectus potest cognoscere veritatem. Unde et philosophus dicit in VI metaphysicae quod veritas est solum in mente, sicut scilicet in cognoscente veritatem. Cognoscere autem praedictam conformitatis habitudinem nihil est aliud quam iudicare ita esse in re vel non esse: quod est componere et dividere; et ideo intellectus non cognoscit veritatem, nisi componendo vel dividendo per suum iudicium. Quod quidem iudicium, si consonet rebus, erit verum, puta cum intellectus iudicat rem esse quod est, vel non esse quod non est. Falsum autem quando dissonat a re, puta cum iudicat non esse quod est, vel esse quod non est. Unde patet quod veritas et falsitas sicut in cognoscente et dicente non est nisi circa compositionem et divisionem. Et hoc modo philosophus loquitur hic. Et quia voces sunt signa intellectuum, erit vox vera quae significat verum intellectum, falsa autem quae significat falsum intellectum: quamvis vox, in quantum est res quaedam,

atinge a razão da arte; e falsa enquanto dela decai.

8) E porque todas as coisas, mesmo as naturais, comparam-se ao intelecto divino como as obras de arte à arte, segue-se que qualquer coisa diz-se verdadeira conforme possui sua própria forma, segundo a qual imita a arte divina. Pois o falso ouro é verdadeiro latão. E deste modo o ente e o verdadeiro convertem-se, porque qualquer coisa natural, por sua forma, conforma-se à arte divina. Daí que o Filósofo, no livro I da Física, nomeia a forma como algo divino.

9) E assim como a coisa diz-se verdadeira por comparação à sua medida, assim também o sentido ou o intelecto, cuja medida é a coisa fora da alma. Daí que o sentido diz-se verdadeiro quando, por sua forma, conforma-se à coisa existente fora da alma. E assim se entende que o sentido do próprio sensível seja verdadeiro. E deste modo também o intelecto que apreende o "que é", sem composição e divisão, é sempre verdadeiro, como se diz no livro III "Sobre a Alma". Deve-se considerar, porém, que embora o sentido do próprio objeto seja verdadeiro, ele não conhece que isso é verdadeiro. Pois não pode conhecer a relação de conformidade sua com a coisa, mas apreende apenas a coisa; o intelecto, porém, pode conhecer tal relação de conformidade; por isso, somente o intelecto pode conhecer a verdade. Daí que o Filósofo diz no livro VI da Metafísica que a verdade está apenas na mente, a saber, como naquele que conhece a verdade. Conhecer a referida relação de conformidade nada mais é do que julgar ser assim na coisa ou não ser; o que é compor e dividir; e por isso o intelecto não conhece a verdade senão compondo ou dividindo pelo seu juízo. Esse juízo, se soar em harmonia com as coisas, será verdadeiro, por exemplo, quando o intelecto julga que a coisa é o que é, ou não é o que não é. Falso, porém, quando destoa da coisa, por exemplo, quando julga não ser o que é, ou ser o que não é. Daí que transparece que a verdade e a falsidade, enquanto naquele que conhece e diz, não existem senão em torno da composição e da divisão. E deste modo o Filósofo fala aqui. E porque as vozes são sinais dos intelectos, será voz verdadeira aquela que significa um intelecto verdadeiro, e falsa

dicatur vera sicut et aliae res. Unde haec vox, homo est asinus, est vere vox et vere signum; sed quia est signum falsi, ideo dicitur falsa.

a que significa um intelecto falso; embora a voz, enquanto é uma certa coisa, diga-se verdadeira como as outras coisas. Por isso esta voz, "o homem é um asno", é verdadeiramente voz e verdadeiramente sinal; mas porque é sinal do falso, por isso diz-se falsa.

10) Sciendum est autem quod philosophus de veritate hic loquitur secundum quod pertinet ad intellectum humanum, qui iudicat de conformitate rerum et intellectus componendo et dividendo. Sed iudicium intellectus divini de hoc est absque compositione et divisione: quia sicut etiam intellectus noster intelligit materialia immaterialiter, ita etiam intellectus divinus cognoscit compositionem et divisionem simpliciter.

10) Deve-se saber, contudo, que o Filósofo fala aqui da verdade conforme ela pertence ao intelecto humano, que julga sobre a conformidade das coisas e do intelecto compondo e dividindo. Mas o juízo do intelecto divino sobre isto dá-se sem composição e divisão: pois assim como o nosso intelecto entende as coisas materiais de modo imaterial, assim também o intelecto divino conhece a composição e a divisão de modo simples.

11) Deinde cum dicit: nomina igitur ipsa et verba etc., manifestat quod dixerat de similitudine vocum ad intellectum. Et primo, manifestat propositum; secundo, probat per signum; ibi: huius autem signum et cetera. Concludit ergo ex praemissis quod, cum solum circa compositionem et divisionem sit veritas et falsitas in intellectu, consequens est quod ipsa nomina et verba, divisim accepta, assimilentur intellectui qui est sine compositione et divisione; sicut cum homo vel album dicitur, si nihil aliud addatur: non enim verum adhuc vel falsum est; sed postea quando additur esse vel non esse, fit verum vel falsum.

11) Em seguida, quando diz: "Os próprios nomes, portanto, e os verbos...", etc., manifesta o que dissera sobre a semelhança das vozes com o intelecto. Primeiro, manifesta o propósito; segundo, prova-o por um sinal; ali: "Disto porém o sinal...", etc. Conclui, pois, das premissas que, como a verdade e a falsidade no intelecto estão apenas em torno da composição e da divisão, segue-se que os próprios nomes e verbos, tomados separadamente, assemelham-se ao intelecto que está sem composição e divisão; como quando se diz "homem" ou "branco", se nada mais for acrescentado: pois ainda não é verdadeiro nem falso; mas depois, quando se acrescenta o "ser" ou "não ser", torna-se verdadeiro ou falso.

12) Nec est instantia de eo, qui per unicum nomen veram responsionem dat ad interrogationem factam; ut cum quaerenti: quid natat in mari? Aliquis respondet, piscis. Nam intelligitur verbum quod fuit in interrogatione positum. Et sicut nomen per se positum non significat verum vel falsum, ita nec verbum per se dictum. Nec est instantia de verbo primae et secundae personae, et de verbo exceptae actionis: quia in his intelligitur certus et determinatus nominativus. Unde est implicita compositio, licet non explicita.

12) Nem há instância (objeção) sobre aquele que dá uma resposta verdadeira a uma pergunta feita por meio de um único nome; como quando a quem pergunta "o que nada no mar?", alguém responde "o peixe". Pois entende-se o verbo que foi posto na interrogação. E assim como o nome posto por si mesmo não significa o verdadeiro ou o falso, também não o faz o verbo dito por si só. Nem há instância sobre o verbo da primeira e segunda pessoa, e sobre o verbo de ação excetuada: porque nestes entende-se um nominativo certo e determinado. Daí que há uma composição implícita, embora não explícita.

13) Deinde cum dicit: signum autem etc., inducit signum ex nomine composito, scilicet Hircocervus, quod componitur ex hirco et cervus et quod in Graeco dicitur Tragelaphos; nam tragos est hircus, et elaphos cervus. Huiusmodi enim nomina significant aliquid, scilicet quosdam conceptus simplices, licet rerum compositarum; et ideo non est verum vel falsum, nisi quando additur esse vel non esse, per quae exprimitur iudicium intellectus. Potest autem addi esse vel non esse, vel secundum praesens tempus, quod est esse vel non esse in actu, et ideo hoc dicitur esse simpliciter; vel secundum tempus praeteritum, aut futurum, quod non est esse simpliciter, sed secundum quid; ut cum dicitur aliquid fuisse vel futurum esse. Signanter autem utitur exemplo ex nomine significante quod non est in rerum natura, in quo statim falsitas apparet, et quod sine compositione et divisione non possit verum vel falsum esse.

13) Em seguida, quando diz: "O sinal, porém...", etc., introduz um sinal a partir de um nome composto, a saber, "Bode-cervo" (Hircocervo), que se compõe de bode e cervo e que em grego diz-se "Tragelaphos"; pois "tragos" é bode e "elaphos" é cervo. Tais nomes, com efeito, significam algo, a saber, certos conceitos simples, embora de coisas compostas; por isso não há o verdadeiro ou o falso senão quando se acrescenta o "ser" ou "não ser", pelos quais se exprime o juízo do intelecto. Pode-se, contudo, acrescentar o "ser" ou "não ser" ou segundo o tempo presente (que é ser ou não ser em ato, e por isso diz-se ser "simplesmente"), ou segundo o tempo passado ou futuro (que não é ser simplesmente, mas "sob certo aspecto"), como quando se diz que algo "foi" ou "será". Significativamente, ele usa o exemplo de um nome que significa o que não existe na natureza das coisas, no qual a falsidade transparece imediatamente, e que sem composição e divisão não poderia haver o verdadeiro ou o falso.

Lectio IV

1) Postquam philosophus determinavit de ordine significationis vocum, hic accedit ad determinandum de ipsis vocibus significativis. Et quia principaliter intendit de enunciatione, quae est subiectum huius libri; in qualibet autem scientia oportet praenoscere principia subiecti; ideo primo, determinat de principiis enunciationis; secundo, de ipsa enunciatione; ibi: enunciativa vero non omnis et cetera. Circa primum duo facit: primo enim, determinat principia quasi materialia enunciationis, scilicet partes integrales ipsius; secundo, determinat principium formale, scilicet orationem, quae est enunciationis genus; ibi: oratio autem est vox significativa et cetera. Circa primum duo facit: primo, determinat de nomine, quod significat rei substantiam; secundo, determinat de verbo, quod significat actionem vel passionem procedentem a re; ibi: verbum autem est quod consignificat tempus et cetera. Circa primum tria facit: primo, definit nomen; secundo, definitionem exponit; ibi: in nomine enim quod est equiferus etc.; tertio, excludit quaedam, quae perfecte rationem nominis non habent, ibi: non homo vero non est nomen.

1) Depois que o filósofo determinou a ordem da significação das vozes, ele procede aqui para determinar as próprias vozes significativas. E porque sua intenção principal versa sobre a enunciação, que é o sujeito deste livro, e em qualquer ciência é necessário conhecer previamente os princípios do sujeito; por isso, primeiro, determina os princípios da enunciação; segundo, sobre a própria enunciação; lá: "nem toda enunciação", etc. Sobre o primeiro, faz duas coisas: primeiro, determina os princípios quase materiais da enunciação, a saber, suas partes integrais; segundo, determina o princípio formal, a saber, a oração, que é o gênero da enunciação; lá: "a oração, porém, é uma voz significativa", etc. Sobre o primeiro, faz duas coisas: primeiro, determina sobre o nome, que significa a substância da coisa; segundo, determina sobre o verbo, que significa a ação ou paixão procedente da coisa; lá: "o verbo, porém, é o que consignifica o tempo", etc. Sobre o primeiro, faz três coisas: primeiro, define o nome; segundo, expõe a definição; lá: "no nome, pois, que é equiferus", etc.; terceiro, exclui certas coisas que não possuem perfeitamente a razão de nome; lá: "não-homem, porém, não é nome".

2) Circa primum considerandum est quod definitio ideo dicitur terminus, quia includit totaliter rem; ita scilicet, quod nihil rei est extra definitionem, cui scilicet definitio non conveniat; nec aliquid aliud est infra definitionem, cui scilicet definitio conveniat.

2) Sobre o primeiro, deve-se considerar que a definição é chamada de "termo" porque inclui totalmente a coisa; de tal modo, a saber, que nada da coisa esteja fora da definição ao qual a definição não convenha; nem que algo alheio esteja dentro da definição ao qual a definição convenha.

3) Et ideo quinque ponit in definitione nominis. Primo, ponitur vox per modum generis, per quod distinguitur nomen ab omnibus sonis, qui non sunt voces. Nam vox est sonus ab ore animalis prolatus, cum imaginatione quadam, ut dicitur in II de anima. Additur autem prima differentia, scilicet significativa, ad differentiam quarumcumque vocum non significantium, sive sit vox litterata et articulata, sicut biltris, sive non litterata et non articulata, sicut sibilus pro nihilo factus. Et quia de significatione vocum in superioribus actum est,

3) E, por isso, põe cinco coisas na definição do nome. Primeiro, põe-se a voz a modo de gênero, pelo qual se distingue o nome de todos os sons que não são vozes. Pois a voz é o som proferido pela boca de um animal, com uma certa imaginação, como se diz no segundo livro "Sobre a Alma". Adiciona-se a primeira diferença, a saber, significativa, para diferenciar de quaisquer vozes não significantes, seja uma voz letrada e articulada, como biltris, seja não letrada e não articulada, como um assobio feito sem propósito. E porque já se tratou

ideo ex praemissis concludit quod nomen est vox significativa.

4) Sed cum vox sit quaedam res naturalis, nomen autem non est aliquid naturale sed ab hominibus institutum, videtur quod non debuit genus nominis ponere vocem, quae est ex natura, sed magis signum, quod est ex institutione; ut diceretur: nomen est signum vocale; sicut etiam convenientius definiretur scutella, si quis diceret quod est vas ligneum, quam si quis diceret quod est lignum formatum in vas.

5) Sed dicendum quod artificialia sunt quidem in genere substantiae ex parte materiae, in genere autem accidentium ex parte formae: nam formae artificialium accidentia sunt. Nomen ergo significat formam accidentalem ut concretam subiecto. Cum autem in definitione omnium accidentium oporteat poni subiectum, necesse est quod, si qua nomina accidens in abstracto significant quod in eorum definitione ponatur accidens in recto, quasi genus, subiectum autem in obliquo, quasi differentia; ut cum dicitur, simitas est curvitas nasi. Si qua vero nomina accidens significant in concreto, in eorum definitione ponitur materia, vel subiectum, quasi genus, et accidens, quasi differentia; ut cum dicitur, simum est nasus curvus. Si igitur nomina rerum artificialium significant formas accidentales, ut concretas subiectis naturalibus, convenientius est, ut in eorum definitione ponatur res naturalis quasi genus, ut dicamus quod scutella est lignum figuratum, et similiter quod nomen est vox significativa. Secus autem esset, si nomina artificialium acciperentur, quasi significantia ipsas formas artificiales in abstracto.

6) Tertio, ponit secundam differentiam cum dicit: secundum placitum, idest secundum institutionem humanam a beneplacito hominis procedentem. Et per hoc differt nomen a vocibus significantibus naturaliter, sicut sunt gemitus infirmorum et voces brutorum animalium.

da significação das vozes anteriormente, por isso conclui das premissas que o nome é uma voz significativa.

4) Mas, sendo a voz uma certa coisa natural, e o nome não sendo algo natural, mas instituído pelos homens, parece que não se devia pôr como gênero do nome a voz, que provém da natureza, mas antes o signo, que provém da instituição; de modo que se dissesse: o nome é um signo vocal; assim como se definiria mais convenientemente uma bacia se alguém dissesse que é um vaso de madeira, do que se dissesse que é madeira formada em vaso.

5) Mas deve-se dizer que as coisas artificiais estão, de fato, no gênero da substância por parte da matéria, e no gênero dos acidentes por parte da forma; pois as formas das coisas artificiais são acidentes. O nome, portanto, significa a forma acidental como concreta no sujeito. Ora, como na definição de todos os acidentes é necessário colocar o sujeito, é preciso que, se alguns nomes significam o acidente em abstrato, em sua definição se coloque o acidente no reto, como gênero, e o sujeito no oblíquo, como diferença; como quando se diz: "a simidade é a curvatura do nariz". Se, porém, alguns nomes significam o acidente no concreto, em sua definição coloca-se a matéria, ou o sujeito, como gênero, e o acidente como diferença; como quando se diz: "o rombo é o nariz curvo". Se, portanto, os nomes das coisas artificiais significam formas acidentais como concretas em sujeitos naturais, é mais conveniente que em sua definição se coloque a coisa natural como gênero, para dizermos que a bacia é madeira figurada, e semelhantemente que o nome é uma voz significativa. Seria diferente se os nomes dos artificiais fossem tomados como significando as próprias formas artificiais em abstrato.

6) Em terceiro lugar, estabelece a segunda diferença ao dizer: "segundo o beneplácito", isto é, segundo a instituição humana que procede do arbítrio do homem. E por isso o nome difere das vozes que significam naturalmente, como são os gemidos dos enfermos e as vozes dos animais brutos.

7) Quarto, ponit tertiam differentiam, scilicet sine tempore, per quod differt nomen a verbo. Sed videtur hoc esse falsum: quia hoc nomen dies vel annus significat tempus. Sed dicendum quod circa tempus tria possunt considerari. Primo quidem, ipsum tempus, secundum quod est res quaedam, et sic potest significari a nomine, sicut quaelibet alia res. Alio modo, potest considerari id, quod tempore mensuratur, in quantum huiusmodi: et quia id quod primo et principaliter tempore mensuratur est motus, in quo consistit actio et passio, ideo verbum quod significat actionem vel passionem, significat cum tempore. Substantia autem secundum se considerata, prout significatur per nomen et pronomen, non habet in quantum huiusmodi ut tempore mensuretur, sed solum secundum quod subiicitur motui, prout per participium significatur. Et ideo verbum et participium significant cum tempore, non autem nomen et pronomen. Tertio modo, potest considerari ipsa habitudo temporis mensurantis; quod significatur per adverbia temporis, ut cras, heri et huiusmodi.

7) Em quarto lugar, estabelece a terceira diferença, a saber, "sem tempo", pela qual o nome difere do verbo. Mas isso parece ser falso, pois o nome "dia" ou "ano" significa o tempo. Deve-se dizer, contudo, que sobre o tempo três coisas podem ser consideradas. Primeiro, o próprio tempo enquanto é uma certa coisa, e assim pode ser significado por um nome, como qualquer outra coisa. De outro modo, pode-se considerar aquilo que é medido pelo tempo, enquanto tal; e porque aquilo que primeira e principalmente é medido pelo tempo é o movimento, no qual consiste a ação e a paixão, por isso o verbo, que significa ação ou paixão, significa com tempo. Já a substância considerada em si mesma, conforme é significada pelo nome e pelo pronome, não possui enquanto tal o ser medida pelo tempo, mas apenas conforme se sujeita ao movimento, conforme é significada pelo particípio. E, por isso, o verbo e o particípio significam com tempo, mas não o nome e o pronome. De um terceiro modo, pode-se considerar a própria relação do tempo que mede, o que é significado pelos advérbios de tempo, como amanhã, ontem e outros semelhantes.

8) Quinto, ponit quartam differentiam cum subdit: cuius nulla pars est significativa separata, scilicet a toto nomine; comparatur tamen ad significationem nominis secundum quod est in toto. Quod ideo est, quia significatio est quasi forma nominis; nulla autem pars separata habet formam totius, sicut manus separata ab homine non habet formam humanam. Et per hoc distinguitur nomen ab oratione, cuius pars significat separata; ut cum dicitur, homo iustus.

8) Em quinto lugar, estabelece a quarta diferença ao acrescentar: "da qual nenhuma parte é significativa separadamente", a saber, do todo do nome; compara-se, porém, à significação do nome conforme está no todo. Isto ocorre porque a significação é como que a forma do nome; ora, nenhuma parte separada possui a forma do todo, assim como a mão separada do homem não possui a forma humana. E por isso o nome se distingue da oração, cuja parte significa separadamente, como quando se diz: "homem justo".

9) Deinde cum dicit: in nomine enim quod est etc., manifestat praemissam definitionem. Et primo, quantum ad ultimam particulam; secundo, quantum ad tertiam; ibi: secundum vero placitum et cetera. Nam primae duae particulae manifestae sunt ex praemissis; tertia autem particula, scilicet sine tempore, manifestabitur in sequentibus in tractatu de verbo. Circa primum duo facit: primo, manifestat propositum per nomina composita; secundo, ostendit circa hoc differentiam inter nomina simplicia et composita; ibi: at vero non quemad-

9) Em seguida, quando diz: "no nome, pois, que é", etc., manifesta a definição proposta. E, primeiro, quanto à última partícula; segundo, quanto à terceira; lá: "segundo o beneplácito", etc. Pois as duas primeiras partículas são manifestas pelo que foi dito; a terceira partícula, a saber, "sem tempo", será manifestada a seguir no tratado sobre o verbo. Sobre o primeiro, faz duas coisas: primeiro, manifesta o propósito através dos nomes compostos; segundo, mostra a diferença entre nomes simples e compostos; lá: "contudo, não como", etc. Mani-

modum et cetera. Manifestat ergo primo quod pars nominis separata nihil significat, per nomina composita, in quibus hoc magis videtur. In hoc enim nomine quod est equiferus, haec pars ferus, per se nihil significat sicut significat in hac oratione, quae est equus ferus. Cuius ratio est quod unum nomen imponitur ad significandum unum simplicem intellectum; aliud autem est id a quo imponitur nomen ad significandum, ab eo quod nomen significat; sicut hoc nomen lapis imponitur a laesione pedis, quam non significat: quod tamen imponitur ad significandum conceptum cuiusdam rei. Et inde est quod pars nominis compositi, quod imponitur ad significandum conceptum simplicem, non significat partem conceptionis compositae, a qua imponitur nomen ad significandum. Sed oratio significat ipsam conceptionem compositam: unde pars orationis significat partem conceptionis compositae.

festa, portanto, primeiro, que a parte do nome separada nada significa através dos nomes compostos, nos quais isso é mais evidente. Pois neste nome que é "equiferus", a parte "ferus" nada significa por si mesma como significa nesta oração que é "cavalo feroz". A razão disso é que um único nome é imposto para significar um único e simples intelecto; ora, uma coisa é aquilo de onde se impõe o nome para significar, e outra é o que o nome significa; assim como este nome "pedra" (*lapis*) é imposto a partir da lesão do pé (*laesio pedis*), a qual não significa, mas é imposto para significar o conceito de uma certa coisa. E daí decorre que a parte do nome composto, que é imposta para significar um conceito simples, não significa a parte da concepção composta a partir da qual o nome foi imposto para significar. Mas a oração significa a própria concepção composta; por isso, a parte da oração significa a parte da concepção composta.

10) Deinde cum dicit: at vero non etc., ostendit quantum ad hoc differentiam inter nomina simplicia et composita, et dicit quod non ita se habet in nominibus simplicibus, sicut et in compositis: quia in simplicibus pars nullo modo est significativa, neque secundum veritatem, neque secundum apparentiam; sed in compositis vult quidem, idest apparentiam habet significandi; nihil tamen pars eius significat, ut dictum est de nomine equiferus. Haec autem ratio differentiae est, quia nomen simplex sicut imponitur ad significandum conceptum simplicem, ita etiam imponitur ad significandum ab aliquo simplici conceptu; nomen vero compositum imponitur a composita conceptione, ex qua habet apparentiam quod pars eius significet.

10) Depois, quando diz: "contudo, não", etc., mostra a esse respeito a diferença entre nomes simples e compostos, e diz que não ocorre nos nomes simples o mesmo que nos compostos: pois nos simples a parte de modo algum é significativa, nem segundo a verdade, nem segundo a aparência; mas nos compostos ela "quer", isto é, tem a aparência de significar; contudo, a parte nada significa, como foi dito sobre o nome "equiferus". A razão dessa diferença é que, assim como o nome simples é imposto para significar um conceito simples, também é imposto a partir de algum conceito simples; já o nome composto é imposto a partir de uma concepção composta, pela qual tem a aparência de que sua parte signifique.

11) Deinde cum dicit: secundum placitum etc., manifestat tertiam partem praedictae definitionis; et dicit quod ideo dictum est quod nomen significat secundum placitum, quia nullum nomen est naturaliter. Ex hoc enim est nomen, quod significat: non autem significat naturaliter, sed ex institutione. Et hoc est quod subdit: sed quando fit nota, idest quando imponitur ad significandum. Id enim quod naturaliter significat non fit, sed naturaliter est signum. Et hoc significat cum dicit: illitterati enim soni, ut ferarum, quia scilicet litteris

11) Em seguida, quando diz: "segundo o beneplácito", etc., manifesta a terceira parte da referida definição; e diz que por isso foi dito que o nome significa segundo o beneplácito, porque nenhum nome existe naturalmente. Pois o nome provém do fato de significar; e não significa naturalmente, mas por instituição. E é isto que acrescenta: "mas quando se torna nota", isto é, quando é imposto para significar. Pois aquilo que significa naturalmente não "se torna", mas é sinal por natureza. E isto significa quando diz: "pois os sons iletrados", como

significari non possunt. Et dicit potius sonos quam voces, quia quaedam animalia non habent vocem, eo quod carent pulmone, sed tantum quibusdam sonis proprias passiones naturaliter significant: nihil autem horum sonorum est nomen. Ex quo manifeste datur intelligi quod nomen non significat naturaliter.

os das feras, porque não podem ser significados por letras. E diz antes "sons" do que "vozes", porque certos animais não possuem voz, por carecerem de pulmão, mas apenas por certos sons significam naturalmente suas próprias paixões; ora, nenhum desses sons é um nome. Pelo que se dá a entender claramente que o nome não significa naturalmente.

12) Sciendum tamen est quod circa hoc fuit diversa quorumdam opinio. Quidam enim dixerunt quod nomina nullo modo naturaliter significant: nec differt quae res quo nomine significentur. Alii vero dixerunt quod nomina omnino naturaliter significant, quasi nomina sint naturales similitudines rerum. Quidam vero dixerunt quod nomina non naturaliter significant quantum ad hoc, quod eorum significatio non est a natura, ut Aristoteles hic intendit; quantum vero ad hoc naturaliter significant quod eorum significatio congruit naturis rerum, ut Plato dixit. Nec obstat quod una res multis nominibus significatur: quia unius rei possunt esse multae similitudines; et similiter ex diversis proprietatibus possunt uni rei multa diversa nomina imponi. Non est autem intelligendum quod dicit: quorum nihil est nomen, quasi soni animalium non habeant nomina: nominantur enim quibusdam nominibus, sicut dicitur rugitus leonis et mugitus bovis; sed quia nullus talis sonus est nomen, ut dictum est.

12) Deve-se saber, porém, que houve diversas opiniões sobre isso. Pois alguns disseram que os nomes de modo algum significam naturalmente, e que não importa que coisa seja significada por qual nome. Outros disseram que os nomes significam inteiramente por natureza, como se os nomes fossem semelhanças naturais das coisas. Outros, ainda, disseram que os nomes não significam naturalmente quanto ao fato de que sua significação não provém da natureza, como Aristóteles aqui pretende; mas que significam naturalmente quanto ao fato de que sua significação condiz com as naturezas das coisas, como disse Platão. E não obsta que uma coisa seja significada por muitos nomes: porque de uma só coisa pode haver muitas semelhanças; e, semelhantemente, a partir de diversas propriedades podem ser impostos muitos nomes diversos a uma só coisa. Não se deve entender o que ele diz: "dos quais nenhum é nome", como se os sons dos animais não tivessem nomes (pois são nomeados por certos nomes, como se diz o "rugido" do leão e o "mugido" do boi); mas sim que nenhum som desse tipo é, em si mesmo, um nome, como foi dito.

13) Deinde cum dicit: non homo vero etc., excludit quaedam a nominis ratione. Et primo, nomen infinitum; secundo, casus nominum; ibi: Catonis autem vel Catoni et cetera. Dicit ergo primo quod non homo non est nomen. Omne enim nomen significat aliquam naturam determinatam, ut homo; aut personam determinatam, ut pronomen; aut utrumque determinatum, ut Socrates. Sed hoc quod dico non homo, neque determinatam naturam neque determinatam personam significat. Imponitur enim a negatione hominis, quae aequaliter dicitur de ente, et non ente. Unde non homo potest dici indifferenter, et de eo quod non est in rerum natura; ut si dicamus, Chimaera est non homo, et de eo quod est in rerum natura; sicut cum dicitur, equus est non

13) Em seguida, quando diz: "não-homem, porém", etc., exclui certas coisas da razão de nome. E primeiro, o nome infinito; segundo, os casos dos nomes; lá: "de Catão ou para Catão", etc. Diz, pois, primeiro, que "não-homem" não é um nome. Pois todo nome significa uma natureza determinada, como "homem"; ou uma pessoa determinada, como um pronome; ou ambos determinados, como "Sócrates". Mas isto que digo, "não-homem", não significa nem natureza determinada nem pessoa determinada. Pois é imposto a partir da negação de homem, que se diz igualmente do ente e do não-ente. Por isso, "não-homem" pode ser dito indiferentemente tanto daquilo que não existe na natureza das coisas (como se dissermos: "a

homo. Si autem imponeretur a privatione, requireret subiectum ad minus existens: sed quia imponitur a negatione, potest dici de ente et de non ente, ut Boethius et Ammonius dicunt. Quia tamen significat per modum nominis, quod potest subiici et praedicari, requiritur ad minus suppositum in apprehensione. Non autem erat nomen positum tempore Aristotelis sub quo huiusmodi dictiones concluderentur. Non enim est oratio, quia pars eius non significat aliquid separata, sicut nec in nominibus compositis; similiter autem non est negatio, id est oratio negativa, quia huiusmodi oratio superaddit negationem affirmationi, quod non contingit hic. Et ideo novum nomen imponit huiusmodi dictioni, vocans eam nomen infinitum propter indeterminationem significationis, ut dictum est.

Quimera é não-homem") quanto daquilo que existe (como quando se diz: "o cavalo é não-homem"). Se fosse imposto por privação, exigiria ao menos um sujeito existente; mas como é imposto por negação, pode ser dito do ente e do não-ente, como dizem Boécio e Amônio. Contudo, como significa ao modo de nome, que pode ser sujeito e predicado, requer-se ao menos um suposto na apreensão. Mas não havia um nome estabelecido no tempo de Aristóteles sob o qual tais dicções fossem incluídas. Pois não é uma oração, porque sua parte não significa algo separadamente, como nos nomes compostos; semelhantemente, não é uma negação, isto é, uma oração negativa, porque tal oração sobrepõe a negação à afirmação, o que não ocorre aqui. E por isso ele impõe um novo nome a tal dicção, chamando-a de "nome infinito" por causa da indeterminação da significação, como foi dito.

14) Deinde cum dicit: Catonis autem vel Catoni etc., excludit casus nominis; et dicit quod Catonis vel Catoni et alia huiusmodi non sunt nomina, sed solus nominativus dicitur principaliter nomen, per quem facta est impositio nominis ad aliquid significandum. Huiusmodi autem obliqui vocantur casus nominis: quia quasi cadunt per quamdam declinationis originem a nominativo, qui dicitur rectus eo quod non cadit. Stoici autem dixerunt etiam nominativos dici casus: quos grammatici sequuntur, eo quod cadunt, idest procedunt ab interiori conceptione mentis. Et dicitur rectus, eo quod nihil prohibet aliquid cadens sic cadere, ut rectum stet, sicut stilus qui cadens ligno infigitur.

14) Depois, quando diz: "de Catão ou para Catão", etc., exclui os casos do nome; e diz que "de Catão" ou "para Catão" e outros semelhantes não são nomes, mas apenas o nominativo é chamado principalmente de nome, pelo qual foi feita a imposição do nome para significar algo. Já esses oblíquos são chamados "casos" do nome porque como que "caem", por uma certa origem de declinação, a partir do nominativo, que é chamado "reto" por não cair. Os Estoicos disseram que também os nominativos são chamados casos (no que os gramáticos os seguem), porque caem, isto é, procedem da concepção interior da mente. E chama-se reto porque nada impede que algo que caia o faça de modo a ficar reto, como um estilo que, caindo, crava-se na madeira.

15) Deinde cum dicit: ratio autem eius etc., ostendit consequenter quomodo se habeant obliqui casus ad nomen; et dicit quod ratio, quam significat nomen, est eadem et in aliis, scilicet casibus nominis; sed in hoc est differentia quod nomen adiunctum cum hoc verbo est vel erit vel fuit semper significat verum vel falsum: quod non contingit in obliquis. Signanter autem inducit exemplum de verbo substantivo: quia sunt quaedam alia verba, scilicet impersonalia, quae cum obliquis significant verum vel falsum; ut cum dicitur, poen-

15) Em seguida, quando diz: "a razão, porém, dele", etc., mostra consequentemente como os casos oblíquos se relacionam com o nome; e diz que a razão que o nome significa é a mesma "nos outros", a saber, nos casos do nome; mas a diferença está em que o nome adjunto a este verbo "é", "será" ou "foi" sempre significa o verdadeiro ou o falso, o que não ocorre nos oblíquos. Note-se que ele introduz o exemplo com o verbo substantivo porque há alguns outros verbos, a saber, impessoais, que com os oblíquos significam o verdadeiro ou o falso

itet Socratem, quia actus verbi intelligitur ferri super obliquum; ac si diceretur, poenitentia habet Socratem.

(como quando se diz: "arrepende-se Sócrates"), porque o ato do verbo entende-se recair sobre o oblíquo, como se dissesse: "o arrependimento possui Sócrates".

16) Sed contra: si nomen infinitum et casus non sunt nomina, inconvenienter data est praemissa nominis definitio, quae istis convenit. Sed dicendum, secundum Ammonium, quod supra communius definit nomen, postmodum vero significationem nominis arctat subtrahendo haec a nomine. Vel dicendum quod praemissa definitio non simpliciter convenit his: nomen enim infinitum nihil determinatum significat, neque casus nominis significat secundum primum placitum instituentis, ut dictum est.

16) Mas, pelo contrário: se o nome infinito e os casos não são nomes, a definição de nome dada anteriormente, que convém a estes, foi estabelecida de modo inconveniente. Deve-se dizer, segundo Amônio, que acima ele define o nome de modo mais comum e, depois, restringe a significação do nome subtraindo estas coisas do nome. Ou deve-se dizer que a definição anterior não convém a estes de modo absoluto: pois o nome infinito nada significa de determinado, nem o caso do nome significa segundo o primeiro beneplácito de quem o instituiu, como foi dito.

Lectio V

1) Postquam philosophus determinavit de nomine: hic determinat de verbo. Et circa hoc tria facit: primo, definit verbum; secundo, excludit quaedam a ratione verbi; ibi: non currit autem, et non laborat etc.; tertio, ostendit convenientiam verbi ad nomen; ibi: ipsa quidem secundum se dicta verba, et cetera. Circa primum duo facit: primo, ponit definitionem verbi; secundo exponit eam; ibi: dico autem quoniam consignificat et cetera.

1) Depois que o filósofo determinou sobre o nome: aqui ele determina sobre o verbo. E sobre isso faz três coisas: primeiro, define o verbo; segundo, exclui certas coisas da razão de verbo; lá: "não corre, porém, e não trabalha", etc.; terceiro, mostra a conveniência do verbo com o nome; lá: "os próprios verbos ditos por si mesmos", etc. Sobre o primeiro, faz duas coisas: primeiro, estabelece a definição de verbo; segundo, a expõe; lá: "digo, porém, porque consignifica", etc.

2) Est autem considerandum quod Aristoteles, brevitati studens, non ponit in definitione verbi ea quae sunt nomini et verbo communia, relinquens ea intellectui legentis ex his quae dixerat in definitione nominis. Ponit autem tres particulas in definitione verbi: quarum prima distinguit verbum a nomine, in hoc scilicet quod dicit quod consignificat tempus. Dictum est enim in definitione nominis quod nomen significat sine tempore. Secunda vero particula est, per quam distinguitur verbum ab oratione, scilicet cum dicitur: cuius pars nihil extra significat.

2) Deve-se considerar que Aristóteles, visando a brevidade, não põe na definição de verbo aquelas coisas que são comuns ao nome e ao verbo, deixando-as à inteligência do leitor a partir do que dissera na definição de nome. Põe, porém, três partículas na definição de verbo: das quais a primeira distingue o verbo do nome, nisto a saber, que diz que "consignifica o tempo". Pois foi dito na definição de nome que o nome significa sem o tempo. A segunda partícula é aquela pela qual se distingue o verbo da oração, a saber, quando se diz: "cuja parte nada significa fora (do todo)".

3) Sed cum hoc etiam positum sit in definitione nominis, videtur hoc debuisse praetermitti, sicut et quod dictum est, vox significativa ad placitum. Ad quod respondet Ammonius quod in definitione nominis hoc positum est, ut distinguatur nomen ab orationibus, quae componuntur ex nominibus; ut cum dicitur, homo est animal. Quia vero sunt etiam quaedam orationes quae componuntur ex verbis; ut cum dicitur, ambulare est moveri, ut ab his distinguatur verbum, oportuit hoc etiam in definitione verbi iterari. Potest etiam aliter dici quod quia verbum importat compositionem, in qua perficitur oratio verum vel falsum significans, maiorem convenientiam videbatur verbum habere cum oratione, quasi quaedam pars formalis ipsius, quam nomen, quod est quaedam pars materialis et subiectiva orationis; et ideo oportuit iterari.

3) Mas como isso também foi posto na definição de nome, parece que deveria ter sido omitido, assim como o que foi dito, "voz significativa segundo o beneplácito". A isso Amônio responde que, na definição de nome, isso foi posto para que se distinga o nome das orações que se compõem de nomes, como quando se diz: "o homem é animal". Mas como há também certas orações que se compõem de verbos, como quando se diz: "caminhar é mover-se", para que o verbo se distinguisse delas, foi necessário repetir isso também na definição de verbo. Pode-se também dizer de outro modo que, como o verbo implica a composição na qual se perfaz a oração que significa o verdadeiro ou o falso, o verbo parecia ter maior conveniência com a oração, como uma certa parte formal dela, do que o nome, que é uma certa parte material e subjetiva da oração; e por isso foi necessário repetir.

4) Tertia vero particula est, per quam distinguitur verbum non solum a nomine, sed etiam a participio quod significat cum tempore; unde dicit: et est semper eorum, quae de altero praedicantur nota, idest signum: quia scilicet nomina et participia possunt poni ex parte subiecti et praedicati, sed verbum semper est ex parte praedicati.

4) A terceira partícula é aquela pela qual se distingue o verbo não apenas do nome, mas também do particípio que significa com o tempo; daí que diz: "e é sempre nota", isto é, sinal, "daquelas coisas que se predicam de outro": porque, nominalmente, os nomes e particípios podem ser postos tanto do lado do sujeito quanto do predicado, mas o verbo está sempre do lado do predicado.

5) Sed hoc videtur habere instantiam in verbis infinitivi modi, quae interdum ponuntur ex parte subiecti; ut cum dicitur, ambulare est moveri. Sed dicendum est quod verba infinitivi modi, quando in subiecto ponuntur, habent vim nominis: unde et in Graeco et in vulgari Latina locutione suscipiunt additionem articulorum sicut et nomina. Cuius ratio est quia proprium nominis est, ut significet rem aliquam quasi per se existentem; proprium autem verbi est, ut significet actionem vel passionem. Potest autem actio significari tripliciter: uno modo, per se in abstracto, velut quaedam res, et sic significatur per nomen; ut cum dicitur actio, passio, ambulatio, cursus et similia; alio modo, per modum actionis, ut scilicet est egrediens a substantia et inhaerens ei ut subiecto, et sic significatur per verba aliorum modorum, quae attribuuntur praedicatis. Sed quia etiam ipse processus vel inhaerentia actionis potest apprehendi ab intellectu et significari ut res quaedam, inde est quod ipsa verba infinitivi modi, quae significant ipsam inhaerentiam actionis ad subiectum, possunt accipi ut verba, ratione concretionis, et ut nomina prout significant quasi res quasdam.

5) Mas isso parece sofrer instância nos verbos do modo infinitivo, que às vezes são postos como sujeito, como quando se diz: "caminhar é mover-se". Mas deve-se dizer que os verbos do modo infinitivo, quando postos como sujeito, têm força de nome; por isso, tanto no grego quanto na locução latina vulgar, recebem a adição de artigos como os nomes. A razão disso é que o próprio do nome é significar uma coisa como existindo por si; o próprio do verbo, porém, é significar ação ou paixão. Ora, a ação pode ser significada de três modos: de um modo, por si em abstrato, como uma certa coisa, e assim é significada pelo nome, como quando se diz "ação", "paixão", "caminhada", "corrida" e semelhantes; de outro modo, ao modo de ação, a saber, enquanto egressa da substância e inerente a ela como sujeito, e assim é significada pelos verbos de outros modos, que se atribuem aos predicados. Mas porque o próprio processo ou inerência da ação pode ser apreendido pelo intelecto e significado como uma certa coisa, daí decorre que os próprios verbos do modo infinitivo, que significam a própria inerência da ação ao sujeito, podem ser tomados como verbos, pela razão da concreção, e como nomes enquanto significam como que certas coisas.

6) Potest etiam obiici de hoc quod etiam verba aliorum modorum videntur aliquando in subiecto poni; ut cum dicitur, curro est verbum. Sed dicendum est quod in tali locutione, hoc verbum curro, non sumitur formaliter, secundum quod eius significatio refertur ad rem, sed secundum quod materialiter significat ipsam vocem, quae accipitur ut res quaedam. Et ideo tam verba, quam omnes orationis partes, quando ponuntur materialiter, sumuntur in vi nominum.

6) Pode-se também objetar que mesmo verbos de outros modos parecem às vezes ser postos como sujeito, como quando se diz: "'corro' é um verbo". Mas deve-se dizer que, em tal locução, este verbo "corro" não é tomado formalmente, segundo o que sua significação se refere à coisa, mas segundo o que significa materialmente a própria voz, que é aceita como uma certa coisa. E, por isso, tanto os verbos quanto todas as partes da oração, quando postos materialmente, são tomados com força de nomes.

7) Deinde cum dicit: dico vero quoniam consignificat etc., exponit definitionem positam. Et primo, quantum ad hoc quod dixerat quod consignificat tempus; secundo, quantum ad hoc quod dixerat quod est nota eorum quae de altero praedicantur, cum dicit: et semper est et cetera. Secundam autem particulam, scilicet: cuius nulla pars extra significat, non exponit, quia supra exposita est in tractatu nominis. Exponit ergo primum quod verbum consignificat tempus, per exemplum; quia videlicet cursus, quia significat actionem non per modum actionis, sed per modum rei per se existentis, non consignificat tempus, eo quod est nomen. Curro vero cum sit verbum significans actionem, consignificat tempus, quia proprium est motus tempore mensurari; actiones autem nobis notae sunt in tempore. Dictum est autem supra quod consignificare tempus est significare aliquid in tempore mensuratum. Unde aliud est significare tempus principaliter, ut rem quamdam, quod potest nomini convenire, aliud autem est significare cum tempore, quod non convenit nomini, sed verbo.

7) Em seguida, quando diz: "digo, porém, porque consignifica", etc., expõe a definição posta. E primeiro, quanto ao que dissera que "consignifica o tempo"; segundo, quanto ao que dissera que é "nota" daquilo que se predica de outro, quando diz: "e é sempre", etc. A segunda partícula, a saber: "da qual nenhuma parte significa fora", ele não expõe, pois já foi exposta acima no tratado sobre o nome. Expõe, portanto, primeiro, que o verbo consignifica o tempo, através de um exemplo; porque, a saber, "corrida", por significar a ação não ao modo de ação, mas ao modo de coisa existindo por si, não consignifica o tempo, pelo fato de ser um nome. Mas "corro", sendo um verbo que significa a ação, consignifica o tempo, porque o próprio do movimento é ser medido pelo tempo; e as ações nos são conhecidas no tempo. Foi dito acima que "consignificar o tempo" é significar algo medido no tempo. Portanto, uma coisa é significar o tempo principalmente, como uma certa coisa (o que pode convir ao nome), e outra é significar "com o tempo", o que não convém ao nome, mas ao verbo.

8) Deinde cum dicit: et est semper etc., exponit aliam particulam. Ubi notandum est quod quia subiectum enunciationis significatur ut cui inhaeret aliquid, cum verbum significet actionem per modum actionis, de cuius ratione est ut inhaereat, semper ponitur ex parte praedicati, nunquam autem ex parte subiecti, nisi sumatur in vi nominis, ut dictum est. Dicitur ergo verbum semper esse nota eorum quae dicuntur de altero: tum quia verbum semper significat id, quod praedicatur; tum quia in omni praedicatione oportet esse verbum, eo quod verbum importat compositionem, qua praedicatum componitur subiecto.

8) Depois, quando diz: "e é sempre", etc., expõe a outra partícula. Onde se deve notar que, como o sujeito da enunciação é significado como aquilo a que algo inerente, e como o verbo significa a ação ao modo de ação (cuja natureza é ser inerente), ele é sempre posto da parte do predicado, e nunca da parte do sujeito, a menos que seja tomado com força de nome, como foi dito. Diz-se, portanto, que o verbo é sempre nota daquilo que se diz de outro: tanto porque o verbo sempre significa aquilo que se predica, quanto porque em toda predicação é necessário haver um verbo, dado que o verbo implica a composição pela qual o predicado é composto ao sujeito.

9) Sed dubium videtur quod subditur: ut eorum quae de subiecto vel in subiecto sunt. Videtur enim aliquid dici ut de subiecto, quod essentialiter praedicatur; ut, homo est animal; in subiecto autem, sicut accidens de subiecto praedicatur; ut, homo est albus. Si ergo verba significant actionem vel passionem, quae sunt accidentia, consequens est ut semper significent ea, quae dicuntur ut in subiecto. Frustra igitur dicitur in subiecto vel de subiecto.

9) Mas parece duvidoso o que se acrescenta: "como daqueles que são do sujeito ou no sujeito". Pois parece que algo é dito "do sujeito" quando se predica essencialmente, como "o homem é animal"; e "no sujeito" quando o acidente se predica do sujeito, como "o homem é branco". Se, portanto, os verbos significam ação ou paixão, que são acidentes, segue-se que sempre significam aquelas coisas que se dizem estar "no sujeito". Frustradamente,

Et ad hoc dicit Boethius quod utrumque ad idem pertinet. Accidens enim et de subiecto praedicatur, et in subiecto est. Sed quia Aristoteles disiunctione utitur, videtur aliud per utrumque significare. Et ideo potest dici quod cum Aristoteles dicit quod, verbum semper est nota eorum, quae de altero praedicantur, non est sic intelligendum, quasi significata verborum sint quae praedicantur, quia cum praedicatio videatur magis proprie ad compositionem pertinere, ipsa verba sunt quae praedicantur, magis quam significent praedicata. Est ergo intelligendum quod verbum semper est signum quod aliqua praedicentur, quia omnis praedicatio fit per verbum ratione compositionis importatae, sive praedicetur aliquid essentialiter sive accidentaliter.

portanto, diz-se "no sujeito" ou "do sujeito". A isso Boécio diz que ambos pertencem ao mesmo; pois o acidente tanto se predica do sujeito quanto está no sujeito. Mas como Aristóteles usa a disjunção, parece significar algo distinto por cada um. E, por isso, pode-se dizer que, quando Aristóteles afirma que "o verbo é sempre nota daquilo que se predica de outro", não se deve entender como se os significados dos verbos fossem as coisas predicadas; pois, como a predicação parece pertencer mais propriamente à composição, os próprios verbos são os que se predicam, mais do que significam os predicados. Deve-se entender, portanto, que o verbo é sempre o sinal de que algo se predica, pois toda predicação se faz pelo verbo em razão da composição implicada, seja que algo se predique essencialmente, seja acidentalmente.

10) Deinde cum dicit: non currit vero et non laborat etc., excludit quaedam a ratione verbi. Et primo, verbum infinitum; secundo, verba praeteriti temporis vel futuri; ibi: similiter autem curret vel currebat. Dicit ergo primo quod non currit, et non laborat, non proprie dicitur verbum. Est enim proprium verbi significare aliquid per modum actionis vel passionem; quod praedictae dictiones non faciunt: removent enim actionem vel passionem, potius quam aliquam determinatam actionem vel passionem significent. Sed quamvis non proprie possint dici verbum, tamen conveniunt sibi ea quae supra posita sunt in definitione verbi. Quorum primum est quod significat tempus, quia significat agere et pati, quae sicut sunt in tempore, ita privatio eorum; unde et quies tempore mensuratur, ut habetur in VI physicorum. Secundum est quod semper ponitur ex parte praedicati, sicut et verbum: et hoc ideo, quia negatio reducitur ad genus affirmationis. Unde sicut verbum quod significat actionem vel passionem, significat aliquid ut in altero existens, ita praedictae dictiones significant remotionem actionis vel passionis.

10) Em seguida, quando diz: "'não corre', porém, e 'não trabalha'", etc., exclui certas coisas da razão de verbo. E primeiro, o verbo infinito; segundo, os verbos do tempo passado ou futuro; lá: "semelhantemente, 'correrá' ou 'corria'". Diz, pois, primeiro, que "não corre" e "não trabalha" não se chamam propriamente verbos. Pois é próprio do verbo significar algo ao modo de ação ou paixão, o que as referidas dicções não fazem: elas removem a ação ou paixão, antes que signifiquem alguma ação ou paixão determinada. Mas, embora não se possam chamar propriamente verbos, convêm-lhes as coisas que foram postas acima na definição de verbo. A primeira das quais é que significam o tempo, porque significam o agir e o padecer, os quais, assim como estão no tempo, também a sua privação; pelo que também o repouso é medido pelo tempo, como se tem no sexto livro da "Física". A segunda é que é sempre posto da parte do predicado, assim como o verbo; e isto porque a negação se reduz ao gênero da afirmação. Assim, como o verbo que significa ação ou paixão significa algo como existindo em outro, assim as referidas dicções significam a remoção da ação ou paixão.

11) Si quis autem obiiciat: si praedictis dictionibus convenit definitio verbi; ergo sunt verba; dicendum est quod definitio verbi supra posita datur de verbo communiter sumpto. Huiusmodi autem dictiones

11) Se alguém objetar: "se às referidas dicções convém a definição de verbo, logo são verbos"; deve-se dizer que a definição de verbo posta acima é dada para o verbo tomado comumente. Tais dicções,

negantur esse verba, quia deficiunt a perfecta ratione verbi. Nec ante Aristotelem erat nomen positum huic generi dictionum a verbis differentium; sed quia huiusmodi dictiones in aliquo cum verbis conveniunt, deficiunt tamen a determinata ratione verbi, ideo vocat ea verba infinita. Et rationem nominis assignat, quia unumquodque eorum indifferenter potest dici de eo quod est, vel de eo quod non est. Sumitur enim negatio apposita non in vi privationis, sed in vi simplicis negationis. Privatio enim supponit determinatum subiectum. Differunt tamen huiusmodi verba a verbis negativis, quia verba infinita sumuntur in vi unius dictionis, verba vero negativa in vi duarum dictionum.

porém, negam-se como sendo verbos porque carecem da perfeita razão de verbo. Nem antes de Aristóteles havia um nome estabelecido para este gênero de dicções que diferem dos verbos; mas porque tais dicções em algo convêm aos verbos, embora careçam da determinada razão de verbo, por isso ele as chama de "verbos infinitos". E atribui a razão do nome porque cada uma delas pode ser dita indiferentemente daquilo que é ou daquilo que não é. Pois a negação aposta é tomada não com força de privação, mas com força de simples negação; já a privação supõe um sujeito determinado. Diferem, contudo, tais verbos dos verbos negativos, porque os verbos infinitos são tomados com força de uma só dicção, enquanto os verbos negativos com força de duas dicções.

12) Deinde cum dicit: similiter autem curret etc., excludit a verbo verba praeteriti et futuri temporis; et dicit quod sicut verba infinita non sunt simpliciter verba, ita etiam curret, quod est futuri temporis, vel currebat, quod est praeteriti temporis, non sunt verba, sed sunt casus verbi. Et differunt in hoc a verbo, quia verbum consignificat praesens tempus, illa vero significant tempus hinc et inde circumstans. Dicit autem signanter praesens tempus, et non simpliciter praesens, ne intelligatur praesens indivisibile, quod est instans: quia in instanti non est motus, nec actio aut passio; sed oportet accipere praesens tempus quod mensurat actionem, quae incepit, et nondum est determinata per actum. Recte autem ea quae consignificant tempus praeteritum vel futurum, non sunt verba proprie dicta: cum enim verbum proprie sit quod significat agere vel pati, hoc est proprie verbum quod significat agere vel pati in actu, quod est agere vel pati simpliciter: sed agere vel pati in praeterito vel futuro est secundum quid.

12) Em seguida, quando diz: "semelhantemente, 'correrá'", etc., exclui do verbo os verbos do tempo passado e futuro; e diz que, assim como os verbos infinitos não são simplesmente verbos, assim também "correrá", que é do tempo futuro, ou "corria", que é do tempo passado, não são verbos, mas são "casos" do verbo. E diferem do verbo nisto: porque o verbo consignifica o tempo presente, enquanto aqueles significam o tempo que o circunda de um lado e de outro. Diz, porém, marcadamente "tempo presente", e não simplesmente "presente", para que não se entenda o presente indivisível, que é o instante; pois no instante não há movimento, nem ação ou paixão; mas é necessário aceitar o tempo presente que mede a ação que começou e ainda não foi determinada pelo ato. Corretamente, pois, aquelas coisas que consignificam o tempo passado ou futuro não são verbos propriamente ditos: pois, sendo o verbo propriamente o que significa agir ou padecer, é propriamente verbo aquele que significa agir ou padecer em ato, o que é agir ou padecer simplesmente; mas agir ou padecer no passado ou no futuro é em certo sentido (*secundum quid*).

13) Dicuntur etiam verba praeteriti vel futuri temporis rationabiliter casus verbi, quod consignificat praesens tempus; quia praeteritum vel futurum dicitur per respectum ad praesens. Est enim praeteritum quod fuit praesens, futurum autem quod

13) Chamam-se também os verbos do tempo passado ou futuro, racionalmente, "casos" do verbo que consignifica o tempo presente; porque o passado ou o futuro dizem-se por respeito ao presente. Pois o passado é o que foi presente, e o futuro o

erit praesens.

14) Cum autem declinatio verbi varietur per modos, tempora, numeros et personas, variatio quae fit per numerum et personam non constituit casus verbi: quia talis variatio non est ex parte actionis, sed ex parte subiecti; sed variatio quae est per modos et tempora respicit ipsam actionem, et ideo utraque constituit casus verbi. Nam verba imperativi vel optativi modi casus dicuntur, sicut et verba praeteriti vel futuri temporis. Sed verba indicativi modi praesentis temporis non dicuntur casus, cuiuscumque sint personae vel numeri.

15) Deinde cum dicit: ipsa itaque etc., ostendit convenientiam verborum ad nomina. Et circa hoc duo facit: primo, proponit quod intendit; secundo, manifestat propositum; ibi: et significant aliquid et cetera. Dicit ergo primo, quod ipsa verba secundum se dicta sunt nomina: quod a quibusdam exponitur de verbis quae sumuntur in vi nominis, ut dictum est, sive sint infinitivi modi; ut cum dico, currere est moveri, sive sint alterius modi; ut cum dico, curro est verbum. Sed haec non videtur esse intentio Aristotelis, quia ad hanc intentionem non respondent sequentia. Et ideo aliter dicendum est quod nomen hic sumitur, prout communiter significat quamlibet dictionem impositam ad significandum aliquam rem. Et quia etiam ipsum agere vel pati est quaedam res, inde est quod et ipsa verba in quantum nominant, idest significant agere vel pati, sub nominibus comprehenduntur communiter acceptis. Nomen autem, prout a verbo distinguitur, significat rem sub determinato modo, prout scilicet potest intelligi ut per se existens. Unde nomina possunt subiici et praedicari.

16) Deinde cum dicit: et significant aliquid etc., probat propositum. Et primo, per hoc quod verba significant aliquid, sicut et nomina; secundo, per hoc quod non significant verum vel falsum, sicut nec nomina; ibi: sed si est, aut non est et cetera. Dicit ergo primo quod in tantum dictum est quod

que será presente.

14) Como, porém, a declinação do verbo varia por modos, tempos, números e pessoas, a variação que se faz pelo número e pela pessoa não constitui casos do verbo, porque tal variação não é por parte da ação, mas por parte do sujeito; mas a variação que se dá pelos modos e tempos diz respeito à própria ação e, por isso, ambas constituem casos do verbo. Pois os verbos do modo imperativo ou optativo chamam-se casos, assim como os verbos do tempo passado ou futuro. Mas os verbos do modo indicativo do tempo presente não se chamam casos, de qualquer pessoa ou número que sejam.

15) Em seguida, quando diz: "os próprios, portanto", etc., mostra a conveniência dos verbos com os nomes. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, manifesta o propósito; lá: "e significam algo", etc. Diz, portanto, primeiro, que os próprios verbos ditos por si mesmos são nomes; o que por alguns é exposto sobre os verbos que são tomados com força de nome, como foi dito, sejam do modo infinitivo (como quando digo "correr é mover-se"), sejam de outro modo (como quando digo "'corro' é um verbo"). Mas esta não parece ser a intenção de Aristóteles, porque as coisas seguintes não respondem a esta intenção. E, por isso, deve-se dizer de outro modo: que o nome aqui é tomado enquanto significa comumente qualquer dicção imposta para significar alguma coisa. E porque também o próprio agir ou padecer é uma certa coisa, daí decorre que também os próprios verbos, enquanto nomeiam (isto é, significam o agir ou padecer), compreendem-se sob os nomes aceitos comumente. O nome, porém, enquanto se distingue do verbo, significa a coisa sob um modo determinado, a saber, enquanto pode ser entendido como existindo por si. Por isso os nomes podem ser sujeitos e predicados.

16) Depois, quando diz: "e significam algo", etc., prova o propósito. E primeiro, pelo fato de que os verbos significam algo, assim como os nomes; segundo, pelo fato de que não significam o verdadeiro ou o falso, assim como também não os nomes; lá: "mas se é, ou não é", etc. Diz, portanto, primeiro,

verba sunt nomina, in quantum significant aliquid. Et hoc probat, quia supra dictum est quod voces significativae significant intellectus. Unde proprium vocis significativae est quod generet aliquem intellectum in animo audientis. Et ideo ad ostendendum quod verbum sit vox significativa, assumit quod ille, qui dicit verbum, constituit intellectum in animo audientis. Et ad hoc manifestandum inducit quod ille, qui audit, quiescit.

que se disse que os verbos são nomes na medida em que significam algo. E prova isto porque foi dito acima que as vozes significativas significam intelectos. Pelo que o próprio da voz significativa é que gere algum intelecto no ânimo do ouvinte. E, por isso, para mostrar que o verbo é uma voz significativa, assume que aquele que diz o verbo constitui um intelecto no ânimo do ouvinte. E para manifestar isto, induz que aquele que ouve, repousa.

17) Sed hoc videtur esse falsum: quia sola oratio perfecta facit quiescere intellectum, non autem nomen, neque verbum si per se dicatur. Si enim dicam, homo, suspensus est animus audientis, quid de eo dicere velim; si autem dico, currit, suspensus est eius animus de quo dicam. Sed dicendum est quod cum duplex sit intellectus operatio, ut supra habitum est, ille qui dicit nomen vel verbum secundum se, constituit intellectum quantum ad primam operationem, quae est simplex conceptio alicuius, et secundum hoc, quiescit audiens, qui in suspenso erat antequam nomen vel verbum proferretur et eius prolatio terminaretur; non autem constituit intellectum quantum ad secundam operationem, quae est intellectus componentis et dividentis, ipsum verbum vel nomen per se dictum: nec quantum ad hoc facit quiescere audientem.

17) Mas isto parece ser falso, porque apenas a oração perfeita faz repousar o intelecto, e não o nome nem o verbo se dito por si mesmo. Pois se eu disser "homem", o ânimo do ouvinte fica suspenso sobre o que quero dizer dele; se, porém, digo "corre", seu ânimo fica suspenso sobre quem digo. Mas deve-se dizer que, sendo dupla a operação do intelecto, como se teve acima, aquele que diz o nome ou o verbo por si mesmo constitui o intelecto quanto à primeira operação, que é a simples concepção de algo, e segundo isto, repousa o ouvinte, que estava em suspenso antes que o nome ou o verbo fosse proferido e sua prolação terminada; mas o próprio verbo ou nome dito por si não constitui o intelecto quanto à segunda operação, que é a do intelecto que compõe e divide; nem quanto a isto faz repousar o ouvinte.

18) Et ideo statim subdit: sed si est, aut non est, nondum significat, idest nondum significat aliquid per modum compositionis et divisionis, aut veri vel falsi. Et hoc est secundum, quod probare intendit. Probat autem consequenter per illa verba, quae maxime videntur significare veritatem vel falsitatem, scilicet ipsum verbum quod est esse, et verbum infinitum quod est non esse; quorum neutrum per se dictum est significativum veritatis vel falsitatis in re; unde multo minus alia. Vel potest intelligi hoc generaliter dici de omnibus verbis. Quia enim dixerat quod verbum non significat si est res vel non est, hoc consequenter manifestat, quia nullum verbum est significativum esse rei vel non esse, idest quod res sit vel non sit. Quamvis enim omne verbum finitum implicet esse, quia currere est currentem esse, et omne verbum infinitum implicet non esse, quia non currere est non currentem esse; tamen nullum verbum significat hoc totum, scilicet

18) E por isso logo acrescenta: "mas se é, ou não é, ainda não significa", isto é, ainda não significa algo ao modo de composição e divisão, ou de verdadeiro ou falso. E este é o segundo ponto que pretende provar. Prova-o, consequentemente, por aqueles verbos que mais parecem significar a verdade ou a falsidade, a saber, o próprio verbo que é "ser", e o verbo infinito que é "não ser"; nenhum dos quais, dito por si, é significativo da verdade ou falsidade na coisa; pelo que muito menos os outros. Ou pode-se entender que isto se diz geralmente de todos os verbos. Pois, tendo dito que o verbo não significa se a coisa é ou não é, manifesta isto consequentemente, porque nenhum verbo é significativo do ser da coisa ou do não ser, isto é, que a coisa seja ou não seja. Pois embora todo verbo finito implique o ser (porque "correr" é "ser um que corre"), e todo verbo infinito implique o não ser (porque "não correr" é "ser um que não corre"), contudo

rem esse vel non esse.

19) Et hoc consequenter probat per id, de quo magis videtur cum subdit: nec si hoc ipsum est purum dixeris, ipsum quidem nihil est. Ubi notandum est quod in Graeco habetur: neque si ens ipsum nudum dixeris, ipsum quidem nihil est. Ad probandum enim quod verba non significant rem esse vel non esse, assumpsit id quod est fons et origo ipsius esse, scilicet ipsum ens, de quo dicit quod nihil est (ut Alexander exponit), quia ens aequivoce dicitur de decem praedicamentis; omne autem aequivocum per se positum nihil significat, nisi aliquid addatur quod determinet eius significationem; unde nec ipsum est per se dictum significat quod est vel non est. Sed haec expositio non videtur conveniens, tum quia ens non dicitur proprie aequivoce, sed secundum prius et posterius; unde simpliciter dictum intelligitur de eo, quod per prius dicitur: tum etiam, quia dictio aequivoca non nihil significat, sed multa significat; et quandoque hoc, quandoque illud per ipsam accipitur: tum etiam, quia talis expositio non multum facit ad intentionem praesentem. Unde Porphyrius aliter exposuit quod hoc ipsum ens non significat naturam alicuius rei, sicut hoc nomen homo vel sapiens, sed solum designat quamdam coniunctionem; unde subdit quod consignificat quamdam compositionem, quam sine compositis non est intelligere. Sed neque hoc convenienter videtur dici: quia si non significaret aliquam rem, sed solum coniunctionem, non esset neque nomen, neque verbum, sicut nec praepositiones aut coniunctiones. Et ideo aliter exponendum est, sicut Ammonius exponit, quod ipsum ens nihil est, idest non significat verum vel falsum. Et rationem huius assignat, cum subdit: consignificat autem quamdam compositionem. Nec accipitur hic, ut ipse dicit, consignificat, sicut cum dicebatur quod verbum consignificat tempus, sed consignificat, idest cum alio significat, scilicet alii adiunctum compositionem significat, quae non potest intelligi sine extremis compositionis. Sed quia hoc commune est omnibus nominibus et verbis, non videtur haec expositio esse secundum intentionem Aristotelis, qui assumpsit ipsum ens quasi quoddam speciale.

nenhum verbo significa este todo, a saber, que a coisa seja ou não seja.

19) E prova isto consequentemente por aquilo sobre o qual mais parece ser o caso, ao acrescentar: "nem se disseres este próprio 'é' puro, ele mesmo nada é". Onde se deve notar que no grego se tem: "nem se disseres o próprio 'ente' nu, ele mesmo nada é". Pois, para provar que os verbos não significam que a coisa seja ou não seja, assumiu aquilo que é fonte e origem do próprio ser, a saber, o próprio "ente", do qual diz que "nada é" (como Alexandre expõe), porque "ente" se diz equivocamente dos dez predicamentos; ora, todo equívoco posto por si nada significa, a menos que se acrescente algo que determine sua significação; pelo que nem o próprio "é" dito por si significa que seja ou não seja. Mas esta exposição não parece conveniente: tanto porque "ente" não se diz propriamente por equívoco, mas segundo o anterior e o posterior (pelo que, dito simplesmente, entende-se daquele que se diz por anterioridade); quanto também porque a dicção equívoca não significa "nada", mas significa muitas coisas, e ora isto, ora aquilo é aceito por ela; quanto também porque tal exposição não contribui muito para a intenção presente. Pelo que Porfírio expôs de outro modo: que este próprio "ente" não significa a natureza de alguma coisa, como este nome "homem" ou "sábio", mas apenas designa uma certa conjunção; pelo que acrescenta que consignifica uma certa composição, a qual sem os compostos não se pode entender. Mas nem isto parece ser dito convenientemente, pois se não significasse alguma coisa, mas apenas a conjunção, não seria nem nome nem verbo, assim como não o são as preposições ou conjunções. E, por isso, deve-se expor de outro modo, como Amônio expõe: que o próprio "ente" "nada é", isto é, não significa o verdadeiro ou o falso. E atribui a razão disto ao acrescentar: "consignifica, porém, uma certa composição". E não se aceita aqui, como ele mesmo diz, "consignifica" como quando se dizia que o verbo consignifica o tempo, mas "consignifica", isto é, significa "com outro", a saber, adjunto a outro significa a composição, que não pode ser entendida sem os extremos da composição. Mas como isto é comum a

todos os nomes e verbos, não parece que esta exposição esteja segundo a intenção de Aristóteles, que assumiu o próprio "ente" como algo especial.

20) Et ideo ut magis sequamur verba Aristotelis considerandum est quod ipse dixerat quod verbum non significat rem esse vel non esse, sed nec ipsum ens significat rem esse vel non esse. Et hoc est quod dicit, nihil est, idest non significat aliquid esse. Etenim hoc maxime videbatur de hoc quod dico ens: quia ens nihil est aliud quam quod est. Et sic videtur et rem significare, per hoc quod dico quod et esse, per hoc quod dico est. Et si quidem haec dictio ens significaret esse principaliter, sicut significat rem quae habet esse, procul dubio significaret aliquid esse. Sed ipsam compositionem, quae importatur in hoc quod dico est, non principaliter significat, sed consignificat eam in quantum significat rem habentem esse. Unde talis consignificatio compositionis non sufficit ad veritatem vel falsitatem: quia compositio, in qua consistit veritas et falsitas, non potest intelligi, nisi secundum quod innectit extrema compositionis.

20) E por isso, para seguirmos mais as palavras de Aristóteles, deve-se considerar que ele dissera que o verbo não significa que a coisa seja ou não seja, mas nem o próprio "ente" significa que a coisa seja ou não seja. E é isto que diz, "nada é", isto é, não significa que algo seja. Pois isto parecia ser o caso maximamente neste que digo "ente", porque ente nada mais é do que "o que é". E assim parece significar tanto a coisa (por aquilo que digo "o que") quanto o ser (por aquilo que digo "é"). E se de fato esta dicção "ente" significasse o ser principalmente, assim como significa a coisa que tem ser, sem dúvida significaria que algo é. Mas a própria composição, que é importada nisto que digo "é", não a significa principalmente, mas a consignifica enquanto significa a coisa tendo ser. Pelo que tal consignificação da composição não basta para a verdade ou falsidade, porque a composição na qual consiste a verdade e a falsidade não pode ser entendida senão conforme conecta os extremos da composição.

21) Si vero dicatur, nec ipsum esse, ut libri nostri habent, planior est sensus. Quod enim nullum verbum significat rem esse vel non esse, probat per hoc verbum est, quod secundum se dictum, non significat aliquid esse, licet significet esse. Et quia hoc ipsum esse videtur compositio quaedam, et ita hoc verbum est, quod significat esse, potest videri significare compositionem, in qua sit verum vel falsum; ad hoc excludendum subdit quod illa compositio, quam significat hoc verbum est, non potest intelligi sine componentibus: quia dependet eius intellectus ab extremis, quae si non apponantur, non est perfectus intellectus compositionis, ut possit in ea esse verum, vel falsum.

21) Se, porém, se disser "nem o próprio ser", como nossos livros trazem, o sentido é mais claro. Pois o fato de que nenhum verbo significa que a coisa seja ou não seja, ele o prova por este verbo "é", o qual, dito por si mesmo, não significa que algo seja, embora signifique o ser. E porque este próprio ser parece uma certa composição, e assim este verbo "é", que significa o ser, pode parecer significar a composição na qual haveria o verdadeiro ou o falso; para excluir isto, acrescenta que aquela composição que este verbo "é" significa não pode ser entendida sem os componentes: porque seu intelecto depende dos extremos, os quais, se não forem postos, não há intelecto perfeito da composição para que nela possa haver o verdadeiro ou o falso.

22) Ideo autem dicit quod hoc verbum est consignificat compositionem, quia non eam principaliter significat, sed ex consequenti; significat enim primo illud quod cadit in intellectu per modum actualitatis absolute: nam est, simpliciter dictum, sig-

22) Diz, por isso, que este verbo "é" consignifica a composição, porque não a significa principalmente, mas por consequência; pois significa primeiro aquilo que cai no intelecto ao modo de atualidade absolutamente: pois "é", dito absolutamente, significa o

nificat in actu esse; et ideo significat per modum verbi. Quia vero actualitas, quam principaliter significat hoc verbum est, est communiter actualitas omnis formae, vel actus substantialis vel accidentalis, inde est quod cum volumus significare quamcumque formam vel actum actualiter inesse alicui subiecto, significamus illud per hoc verbum est, vel simpliciter vel secundum quid: simpliciter quidem secundum praesens tempus; secundum quid autem secundum alia tempora. Et ideo ex consequenti hoc verbum est significa compositionem.

ser em ato; e, por isso, significa ao modo de verbo. Como, porém, a atualidade que este verbo "é" significa principalmente é comumente a atualidade de toda forma, seja ato substancial ou acidental, daí decorre que, quando queremos significar que qualquer forma ou ato está em ato em algum sujeito, significamos isso por este verbo "é", ou absolutamente ou em certo sentido (*secundum quid*): absolutamente, de fato, segundo o tempo presente; em certo sentido, porém, segundo os outros tempos. E, por isso, por consequência, este verbo "é" significa a composição.

Lectio VI

1) Postquam philosophus determinavit de nomine et de verbo, quae sunt principia materialia enunciationis, utpote partes eius existentes; nunc determinat de oratione, quae est principium formale enunciationis, utpote genus eius existens. Et circa hoc tria facit: primo enim, proponit definitionem orationis; secundo, exponit eam; ibi: dico autem ut homo etc.; tertio, excludit errorem; ibi: est autem oratio omnis et cetera.

1) Depois que o filósofo determinou sobre o nome e sobre o verbo, que são os princípios materiais da enunciação, enquanto são suas partes existentes; agora ele determina sobre a oração, que é o princípio formal da enunciação, enquanto é o seu gênero existente. E sobre isto faz três coisas: primeiro, propõe a definição de oração; segundo, a expõe; lá: "digo, porém, como homem", etc.; terceiro, exclui um erro; lá: "toda oração, porém", etc.

2) Circa primum considerandum est quod philosophus in definitione orationis primo ponit illud in quo oratio convenit cum nomine et verbo, cum dicit: oratio est vox significativa, quod etiam posuit in definitione nominis, et probavit de verbo quod aliquid significet. Non autem posuit in eius definitione, quia supponebat ex eo quod positum erat in definitione nominis, studens brevitati, ne idem frequenter iteraret. Iterat tamen hoc in definitione orationis, quia significatio orationis differt a significatione nominis et verbi, quia nomen vel verbum significat simplicem intellectum, oratio vero significat intellectum compositum.

2) Sobre o primeiro, deve-se considerar que o filósofo, na definição de oração, põe primeiro aquilo em que a oração convém com o nome e o verbo, ao dizer: "a oração é uma voz significativa", o que também pôs na definição de nome, e provou sobre o verbo que significa algo. Não o pôs, contudo, na definição deste último porque o supunha a partir do que fora posto na definição de nome, visando a brevidade, para não repetir frequentemente o mesmo. Repete-o, todavia, na definição de oração, porque a significação da oração difere da significação do nome e do verbo, pois o nome ou o verbo significam um intelecto simples, ao passo que a oração significa um intelecto composto.

3) Secundo autem ponit id, in quo oratio differt a nomine et verbo, cum dicit: cuius partium aliquid significativum est separatim. Supra enim dictum est quod pars nominis non significat aliquid per se separatum, sed solum quod est coniunctum ex duabus partibus. Signanter autem non dicit: cuius pars est significativa aliquid separata, sed cuius aliquid partium est significativum, propter negationes et alia syncategoremata, quae secundum se non significant aliquid absolutum, sed solum habitudinem unius ad alterum. Sed quia duplex est significatio vocis, una quae refertur ad intellectum compositum, alia quae refertur ad intellectum simplicem; prima significatio competit orationi, secunda non competit orationi, sed parti orationis. Unde subdit: ut dictio, non ut affirmatio. Quasi dicat: pars orationis est significativa, sicut dictio significat, puta ut nomen et verbum, non sicut affirmatio, quae componitur ex nomine et verbo. Facit

3) Em segundo lugar, põe aquilo em que a oração difere do nome e do verbo, ao dizer: "da qual alguma das partes é significativa separadamente". Pois foi dito acima que a parte do nome não significa algo por si separada, mas apenas o que está conjunto de duas partes. Note-se que ele não diz: "cuja parte é significativa de algo separada", mas "da qual alguma das partes é significativa", por causa das negações e outros sincategoremas, que por si mesmos não significam algo absoluto, mas apenas a relação de um para com outro. Mas como é dupla a significação da voz, uma que se refere ao intelecto composto e outra que se refere ao intelecto simples; a primeira significação compete à oração, a segunda não compete à oração, mas à parte da oração. Daí que acrescenta: "como dicção, não como afirmação". Como se dissesse: a parte da oração é significativa assim como a dicção significa (por exemplo, como o nome e o verbo), e não como

autem mentionem solum de affirmatione et non de negatione, quia negatio secundum vocem superaddit affirmationi; unde si pars orationis propter sui simplicitatem non significat aliquid, ut affirmatio, multo minus ut negatio.

a afirmação, que se compõe de nome e verbo. Faz menção apenas da afirmação e não da negação, porque a negação, quanto à voz, sobrepõe-se à afirmação; pelo que, se a parte da oração, por sua simplicidade, não significa algo como afirmação, muito menos o fará como negação.

4) Sed contra hanc definitionem Aspasius obiicit quod videtur non omnibus partibus orationis convenire. Sunt enim quaedam orationes, quarum partes significant aliquid ut affirmatio; ut puta, si sol lucet super terram, dies est; et sic de multis. Et ad hoc respondet Porphyrius quod in quocumque genere invenitur prius et posterius, debet definiri id quod prius est. Sicut cum datur definitio alicuius speciei, puta hominis, intelligitur definitio de eo quod est in actu, non de eo quod est in potentia; et ideo quia in genere orationis prius est oratio simplex, inde est quod Aristoteles prius definivit orationem simplicem. Vel potest dici, secundum Alexandrum et Ammonium, quod hic definitur oratio in communi. Unde debet poni in hac definitione id quod est commune orationi simplici et compositae. Habere autem partes significantes aliquid ut affirmatio, competit soli orationi, compositae; sed habere partes significantes aliquid per modum dictionis, et non per modum affirmationis, est commune orationi simplici et compositae. Et ideo hoc debuit poni in definitione orationis. Et secundum hoc non debet intelligi esse de ratione orationis quod pars eius non sit affirmatio: sed quia de ratione orationis est quod pars eius sit aliquid quod significat per modum dictionis, et non per modum affirmationis. Et in idem redit solutio Porphyrii quantum ad sensum, licet quantum ad verba parumper differat. Quia enim Aristoteles frequenter ponit dicere pro affirmare, ne dictio pro affirmatione sumatur, subdit quod pars orationis significat ut dictio, et addit non ut affirmatio: quasi diceret, secundum sensum Porphyrii, non accipiatur nunc dictio secundum quod idem est quod affirmatio. Philosophus autem, qui dicitur Ioannes grammaticus, voluit quod haec definitio orationis daretur solum de oratione perfecta, eo quod partes non videntur esse nisi alicuius perfecti, sicut omnes partes domus referuntur ad domum: et ideo secundum ipsum sola oratio perfecta habet partes significativas. Sed tamen hic de-

4) Mas contra esta definição Aspásio objetou que ela parece não convir a todas as partes da oração. Pois há certas orações cujas partes significam algo como afirmação; como, por exemplo: "se o sol brilha sobre a terra, é dia"; e assim em muitos casos. A isto responde Porfírio que, em qualquer gênero onde se encontre o anterior e o posterior, deve-se definir aquilo que é anterior. Assim como, quando se dá a definição de alguma espécie, por exemplo, do homem, entende-se a definição sobre aquilo que é em ato, não sobre o que é em potência; e por isso, como no gênero da oração a oração simples é anterior, daí decorre que Aristóteles definiu primeiro a oração simples. Ou pode-se dizer, segundo Alexandre e Amônio, que aqui se define a oração em comum. Portanto, deve-se pôr nesta definição o que é comum à oração simples e à composta. Ora, ter partes que significam algo como afirmação compete apenas à oração composta; mas ter partes que significam algo ao modo de dicção, e não ao modo de afirmação, é comum à oração simples e à composta. E por isso isto devia ser posto na definição de oração. E, segundo isto, não se deve entender ser da razão da oração que sua parte não seja uma afirmação, mas que é da razão da oração que sua parte seja algo que signifique ao modo de dicção, e não ao modo de afirmação. E no mesmo resulta a solução de Porfírio quanto ao sentido, embora quanto às palavras difira um pouco. Pois, como Aristóteles frequentemente usa "dizer" por "afirmar", para que não se tome a dicção por afirmação, acrescenta que a parte da oração significa "como dicção", e adiciona "não como afirmação": como se dissesse, segundo o sentido de Porfírio, que não se tome agora "dicção" segundo o que é o mesmo que "afirmação". O filósofo, porém, que é chamado João Gramático, quis que esta definição de oração fosse dada apenas para a oração perfeita, pelo fato de que as partes não parecem existir senão de algo perfeito, assim como todas as partes da casa

cipiebatur, quia quamvis omnes partes referantur principaliter ad totum perfectum, quaedam tamen partes referuntur ad ipsum immediate, sicut paries et tectum ad domum, et membra organica ad animal: quaedam vero mediantibus partibus principalibus quarum sunt partes; sicut lapides referuntur ad domum mediante pariete; nervi autem et ossa ad animal mediantibus membris organicis, scilicet manu et pede et huiusmodi. Sic ergo omnes partes orationis principaliter referuntur ad orationem perfectam, cuius pars est oratio imperfecta, quae etiam ipsa habet partes significantes. Unde ista definitio convenit tam orationi perfectae, quam imperfectae.

se referem à casa; e por isso, segundo ele, apenas a oração perfeita tem partes significativas. Mas nisto ele se enganava, pois embora todas as partes se refiram principalmente ao todo perfeito, algumas partes se referem a ele imediatamente (como a parede e o teto à casa, e os membros orgânicos ao animal), enquanto outras o fazem mediantes as partes principais das quais são partes (como as pedras se referem à casa mediante a parede, e os nervos e ossos ao animal mediantes os membros orgânicos, a saber, a mão, o pé e outros semelhantes). Assim, pois, todas as partes da oração se referem principalmente à oração perfeita, da qual a oração imperfeita é parte, a qual também possui partes significantes. Portanto, esta definição convém tanto à oração perfeita quanto à imperfeita.

5) Deinde cum dicit: dico autem ut homo etc., exponit propositam definitionem. Et primo, manifestat verum esse quod dicitur; secundo, excludit falsum intellectum; ibi: sed non una hominis syllaba et cetera. Exponit ergo quod dixerat aliquid partium orationis esse significativum, sicut hoc nomen homo, quod est pars orationis, significat aliquid, sed non significat ut affirmatio aut negatio, quia non significat esse vel non esse. Et hoc dico non in actu, sed solum in potentia. Potest enim aliquid addi, per cuius additionem fit affirmatio vel negatio, scilicet si addatur ei verbum.

5) Em seguida, quando diz: "digo, porém, como homem", etc., expõe a definição proposta. E primeiro, manifesta ser verdadeiro o que se diz; segundo, exclui um falso entendimento; lá: "mas não uma sílaba de homem", etc. Expõe, pois, o que dissera sobre "alguma das partes" da oração ser significativa, como este nome "homem", que é parte da oração, significa algo, mas não significa como afirmação ou negação, porque não significa o ser ou o não ser. E isto digo não em ato, mas apenas em potência. Pois algo pode ser adicionado, por cuja adição se faz a afirmação ou a negação, a saber, se lhe for adicionado um verbo.

6) Deinde cum dicit: sed non una hominis etc., excludit falsum intellectum. Et posset hoc referri ad immediate dictum, ut sit sensus quod nomen erit affirmatio vel negatio, si quid ei addatur, sed non si addatur ei una nominis syllaba. Sed quia huic sensui non conveniunt verba sequentia, oportet quod referatur ad id, quod supra dictum est in definitione orationis, scilicet quod aliquid partium eius sit significativum separatim. Sed quia pars alicuius totius dicitur proprie illud, quod immediate venit ad constitutionem totius, non autem pars partis; ideo hoc intelligendum est de partibus ex quibus immediate constituitur oratio, scilicet de nomine et verbo, non autem de partibus nominis vel verbi, quae sunt syllabae vel litterae. Et ideo dicitur quod pars orationis est significativa separata, non

6) Depois, quando diz: "mas não uma (sílaba) de homem", etc., exclui um falso entendimento. Isto poderia referir-se ao que foi dito imediatamente, de modo que o sentido fosse que o nome será afirmação ou negação se algo lhe for acrescentado, mas não se lhe for acrescentada uma sílaba do nome. Mas como a este sentido não convêm as palavras seguintes, é necessário que se refira àquilo que foi dito acima na definição de oração, a saber, que "alguma das suas partes seja significativa separadamente". Mas como "parte" de um todo diz-se propriamente daquilo que concorre imediatamente para a constituição do todo, e não da parte da parte; por isso, isto deve ser entendido sobre as partes de que a oração se constitui imediatamente, a saber, sobre o nome e o verbo, e não sobre as

tamen talis pars, quae est una nominis syllaba. Et hoc manifestat in syllabis, quae quandoque possunt esse dictiones per se significantes: sicut hoc quod dico rex, quandoque est una dictio per se significans; in quantum vero accipitur ut una quaedam syllaba huius nominis sorex, soricis, non significat aliquid per se, sed est vox sola. Dictio enim quaedam est composita ex pluribus vocibus, tamen in significando habet simplicitatem, in quantum scilicet significat simplicem intellectum. Et ideo in quantum est vox composita, potest habere partem quae sit vox, inquantum autem est simplex in significando, non potest habere partem significantem. Unde syllabae quidem sunt voces, sed non sunt voces per se significantes. Sciendum tamen quod in nominibus compositis, quae imponuntur ad significandum rem simplicem ex aliquo intellectu composito, partes secundum apparentiam aliquid significant, licet non secundum veritatem. Et ideo subdit quod in duplicibus, idest in nominibus compositis, syllabae quae possunt esse dictiones, in compositione nominis venientes, significant aliquid, scilicet in ipso composito et secundum quod sunt dictiones; non autem significant aliquid secundum se, prout sunt huiusmodi nominis partes, sed eo modo, sicut supra dictum est.

partes do nome ou do verbo, que são as sílabas ou letras. E, portanto, diz-se que a parte da oração é significativa separada, mas não tal parte que é uma sílaba do nome. E isto manifesta-se nas sílabas, que às vezes podem ser dicções significantes por si mesmas: assim como isto que digo, "rei" (*rex*), às vezes é uma dicção que significa por si mesma; todavia, enquanto é aceita como uma certa sílaba deste nome "musaranho" (*sorex*), não significa nada por si, mas é apenas voz. Pois uma dicção é composta de várias vozes, mas na significação possui simplicidade, enquanto significa um intelecto simples. E por isso, enquanto é voz composta, pode ter uma parte que seja voz; mas, enquanto é simples no significar, não pode ter parte significante. Daí que as sílabas são, de fato, vozes, mas não são vozes que significam por si mesmas. Deve-se saber, porém, que nos nomes compostos, que são impostos para significar uma coisa simples a partir de algum intelecto composto, as partes significam algo segundo a aparência, embora não segundo a verdade. E por isso acrescenta que "nos duplos", isto é, nos nomes compostos, as sílabas que podem ser dicções, ao entrarem na composição do nome, significam algo, a saber, no próprio composto e conforme são dicções; mas não significam algo "segundo si mesmas", enquanto são partes de tal nome, mas daquele modo como foi dito acima.

7) Deinde cum dicit: est autem oratio etc., excludit quemdam errorem. Fuerunt enim aliqui dicentes quod oratio et eius partes significant naturaliter, non ad placitum. Ad probandum autem hoc utebantur tali ratione. Virtutis naturalis oportet esse naturalia instrumenta: quia natura non deficit in necessariis; potentia autem interpretativa est naturalis homini; ergo instrumenta eius sunt naturalia. Instrumentum autem eius est oratio, quia per orationem virtus interpretativa interpretatur mentis conceptum: hoc enim dicimus instrumentum, quo agens operatur. Ergo oratio est aliquid naturale, non ex institutione humana significans, sed naturaliter.

7) Em seguida, quando diz: "toda oração, porém", etc., exclui um certo erro. Pois houve alguns que diziam que a oração e suas partes significam naturalmente, não pelo beneplácito. Para provar isto, usavam tal razão: de uma virtude natural é necessário que existam instrumentos naturais, pois a natureza não falha no necessário; ora, a potência interpretativa é natural ao homem; logo, seus instrumentos são naturais. Mas o seu instrumento é a oração, porque pela oração a virtude interpretativa interpreta o conceito da mente: pois chamamos instrumento aquilo pelo qual o agente opera. Logo, a oração é algo natural, significando não por instituição humana, mas naturalmente.

8) Huic autem rationi, quae dicitur esse Platonis in Lib. qui intitulatur Cratylus, Aristoteles obviando dicit quod omnis oratio est significativa,

8) A esta razão, que se diz ser de Platão no livro intitulado "Crátilo", Aristóteles opõe-se dizendo que toda oração é significativa, não como instrumento

non sicut instrumentum virtutis, scilicet naturalis: quia instrumenta naturalia virtutis interpretativae sunt guttur et pulmo, quibus formatur vox, et lingua et dentes et labia, quibus litterati ac articulati soni distinguuntur; oratio autem et partes eius sunt sicut effectus virtutis interpretativae per instrumenta praedicta. Sicut enim virtus motiva utitur naturalibus instrumentis, sicut brachiis et manibus ad faciendum opera artificialia, ita virtus interpretativa utitur gutture et aliis instrumentis naturalibus ad faciendum orationem. Unde oratio et partes eius non sunt res naturales, sed quidam artificiales effectus. Et ideo subdit quod oratio significat ad placitum, idest secundum institutionem humanae rationis et voluntatis, ut supra dictum est, sicut et omnia artificialia causantur ex humana voluntate et ratione. Sciendum tamen quod, si virtutem interpretativam non attribuamus virtuti motivae, sed rationi; sic non est virtus naturalis, sed supra omnem naturam corpoream: quia intellectus non est actus alicuius corporis, sicut probatur in III de anima. Ipsa autem ratio est, quae movet virtutem corporalem motivam ad opera artificialia, quibus etiam ut instrumentis utitur ratio: non sunt autem instrumenta alicuius virtutis corporalis. Et hoc modo ratio potest etiam uti oratione et eius partibus, quasi instrumentis: quamvis non naturaliter significent.

de uma virtude (a saber, natural): porque os instrumentos naturais da virtude interpretativa são a garganta e o pulmão, pelos quais se forma a voz, e a língua, os dentes e os lábios, pelos quais se distinguem os sons letrados e articulados; a oração, porém, e suas partes são como efeitos da virtude interpretativa através dos referidos instrumentos. Pois, assim como a virtude motiva usa instrumentos naturais, como os braços e as mãos, para fazer obras artificiais, assim a virtude interpretativa usa a garganta e outros instrumentos naturais para fazer a oração. Daí que a oração e suas partes não são coisas naturais, mas certos efeitos artificiais. E, por isso, acrescenta que a oração significa pelo beneplácito, isto é, segundo a instituição da razão e da vontade humana, como foi dito acima, assim como todas as coisas artificiais são causadas pela vontade e razão humanas. Deve-se saber, porém, que se não atribuímos a virtude interpretativa à virtude motiva, mas à razão, então ela não é uma virtude natural, mas está acima de toda natureza corpórea; porque o intelecto não é ato de nenhum corpo, como se prova no livro III "Sobre a Alma". E a própria razão é a que move a virtude corporal motiva para as obras artificiais, as quais a razão também usa como instrumentos; mas não são instrumentos de alguma virtude corporal. E deste modo a razão pode também usar a oração e suas partes como instrumentos, embora não signifiquem naturalmente.

Lectio VII

1) Postquam philosophus determinavit de principiis enunciationis, hic incipit determinare de ipsa enunciatione. Et dividitur pars haec in duas: in prima, determinat de enunciatione absolute; in secunda, de diversitate enunciationum, quae provenit secundum ea quae simplici enunciationi adduntur; et hoc in secundo libro; ibi: quoniam autem est de aliquo affirmatio et cetera. Prima autem pars dividitur in partes tres. In prima, definit enunciationem; in secunda, dividit eam; ibi: est autem una prima oratio etc., in tertia, agit de oppositione partium eius ad invicem; ibi: quoniam autem est enunciare et cetera. Circa primum tria facit: primo, ponit definitionem enunciationis; secundo, ostendit quod per hanc definitionem differt enunciatio ab aliis speciebus orationis; ibi: non autem in omnibus etc.; tertio, ostendit quod de sola enunciatione est tractandum, ibi: et caeterae quidem relinquantur.

1) Depois que o filósofo determinou sobre os princípios da enunciação, aqui ele começa a determinar sobre a própria enunciação. E esta parte se divide em duas: na primeira, determina sobre a enunciação absolutamente; na segunda, sobre a diversidade das enunciações que provém segundo aquilo que se adiciona à enunciação simples; e isto no segundo livro; lá: "visto que, porém, há uma afirmação sobre algo", etc. A primeira parte, porém, divide-se em três partes. Na primeira, define a enunciação; na segunda, a divide; lá: "é, porém, uma a primeira oração", etc.; na terceira, trata da oposição de suas partes entre si; lá: "visto que, porém, é o enunciar", etc. Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: primeiro, estabelece a definição de enunciação; segundo, mostra que por esta definição a enunciação difere das outras espécies de oração; lá: "não porém em todas", etc.; terceiro, mostra que se deve tratar apenas da enunciação; lá: "e as outras, decerto, sejam deixadas".

2) Circa primum considerandum est quod oratio, quamvis non sit instrumentum alicuius virtutis naturaliter operantis, est tamen instrumentum rationis, ut supra dictum est. Omne autem instrumentum oportet definiri ex suo fine, qui est usus instrumenti: usus autem orationis, sicut et omnis vocis significativae est significare conceptionem intellectus, ut supra dictum est: duae autem sunt operationes intellectus, in quarum una non invenitur veritas et falsitas, in alia autem invenitur verum vel falsum. Et ideo orationem enunciativam definit ex significatione veri et falsi, dicens quod non omnis oratio est enunciativa, sed in qua verum vel falsum est. Ubi considerandum est quod Aristoteles mirabili brevitate usus, et divisionem orationis innuit in hoc quod dicit: non omnis oratio est enunciativa, et definitionem enunciationis in hoc quod dicit: sed in qua verum vel falsum est: ut intelligatur quod haec sit definitio enunciationis, enunciatio est oratio, in qua verum vel falsum est.

2) Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que a oração, embora não seja instrumento de alguma virtude que opera naturalmente, é, todavia, instrumento da razão, como foi dito acima. Ora, todo instrumento deve ser definido por seu fim, que é o uso do instrumento: o uso da oração, assim como de toda voz significativa, é significar a concepção do intelecto, como foi dito acima: ora, duas são as operações do intelecto, em uma das quais não se encontra verdade e falsidade, mas na outra se encontra o verdadeiro ou o falso. E, por isso, ele define a oração enunciativa a partir da significação do verdadeiro e do falso, dizendo que "nem toda oração é enunciativa, mas aquela na qual há o verdadeiro ou o falso". Onde se deve considerar que Aristóteles, usando de admirável brevidade, tanto insinua a divisão da oração nisto que diz: "nem toda oração é enunciativa", quanto a definição de enunciação nisto que diz: "mas aquela na qual há o verdadeiro ou o falso": para que se entenda que esta é a definição de enunciação: a enunciação é a oração na qual há o verdadeiro ou o falso.

3) Dicitur autem in enunciatione esse verum vel falsum, sicut in signo intellectus veri vel falsi: sed sicut in subiecto est verum vel falsum in mente, ut dicitur in VI metaphysicae, in re autem sicut in causa: quia ut dicitur in libro praedicamentorum, ab eo quod res est vel non est, oratio vera vel falsa est.

3) Diz-se, porém, que na enunciação há o verdadeiro ou o falso como em um sinal do intelecto verdadeiro ou falso; mas como em um sujeito, o verdadeiro ou o falso está na mente, como se diz no sexto livro da "Metafísica"; na coisa, porém, está como na causa: porque, como se diz no livro das "Categorias", pelo fato de a coisa ser ou não ser, a oração é verdadeira ou falsa.

4) Deinde cum dicit: non autem in omnibus etc., ostendit quod per hanc definitionem enunciatio differt ab aliis orationibus. Et quidem de orationibus imperfectis manifestum est quod non significant verum vel falsum, quia cum non faciant perfectum sensum in animo audientis, manifestum est quod perfecte non exprimunt iudicium rationis, in quo consistit verum vel falsum. His igitur praetermissis, sciendum est quod perfectae orationis, quae complet sententiam, quinque sunt species, videlicet enunciativa, deprecativa, imperativa, interrogativa et vocativa. (Non tamen intelligendum est quod solum nomen vocativi casus sit vocativa oratio: quia oportet aliquid partium orationis significare aliquid separatim, sicut supra dictum est; sed per vocativum provocatur, sive excitatur animus audientis ad attendendum; non autem est vocativa oratio nisi plura coniungantur; ut cum dico, o bone Petre). Harum autem orationum sola enunciativa est, in qua invenitur verum vel falsum, quia ipsa sola absolute significat conceptum intellectus, in quo est verum vel falsum.

4) Em seguida, quando diz: "não porém em todas", etc., mostra que por esta definição a enunciação difere das outras orações. E, decerto, quanto às orações imperfeitas, é manifesto que não significam o verdadeiro ou o falso, porque, como não produzem um sentido perfeito no ânimo do ouvinte, é manifesto que não exprimem perfeitamente o juízo da razão, no qual consiste o verdadeiro ou o falso. Postas estas de lado, deve-se saber que da oração perfeita, que completa a sentença, há cinco espécies, a saber: enunciativa, deprecativa, imperativa, interrogativa e vocativa. (Não se deve entender, contudo, que apenas o nome no caso vocativo seja a oração vocativa: porque é necessário que alguma das partes da oração signifique algo separadamente, como foi dito acima; mas pelo vocativo provoca-se ou excita-se o ânimo do ouvinte para prestar atenção; ora, não há oração vocativa a menos que várias coisas se unam, como quando digo: "ó bom Pedro"). Dessas orações, porém, apenas a enunciativa é aquela na qual se encontra o verdadeiro ou o falso, porque ela só significa absolutamente o conceito do intelecto no qual há o verdadeiro ou o falso.

5) Sed quia intellectus vel ratio, non solum concipit in seipso veritatem rei tantum, sed etiam ad eius officium pertinet secundum suum conceptum alia dirigere et ordinare; ideo necesse fuit quod sicut per enunciativam orationem significatur ipse mentis conceptus, ita etiam essent aliquae aliae orationes significantes ordinem rationis, secundum quam alia diriguntur. Dirigitur autem ex ratione unius hominis alius homo ad tria: primo quidem, ad attendendum mente; et ad hoc pertinet vocativa oratio: secundo, ad respondendum voce; et ad hoc pertinet oratio interrogativa: tertio, ad exequendum in opere; et ad hoc pertinet quantum ad infe-

5) Mas porque o intelecto ou razão não apenas concebe em si mesmo a verdade da coisa, mas também pertence ao seu ofício dirigir e ordenar outras coisas segundo o seu conceito; por isso foi necessário que, assim como pela oração enunciativa se significa o próprio conceito da mente, assim também houvesse algumas outras orações significando a ordem da razão, segundo a qual outras coisas são dirigidas. Ora, um homem é dirigido pela razão de outro para três coisas: primeiro, decerto, para prestar atenção com a mente; e a isto pertence a oração vocativa: segundo, para responder com a voz; e a isto pertence a oração interrogativa: terceiro, para

riores oratio imperativa; quantum autem ad superiores oratio deprecativa, ad quam reducitur oratio optativa: quia respectu superioris, homo non habet vim motivam, nisi per expressionem sui desiderii. Quia igitur istae quatuor orationis species non significant ipsum conceptum intellectus, in quo est verum vel falsum, sed quemdam ordinem ad hoc consequentem; inde est quod in nulla earum invenitur verum vel falsum, sed solum in enunciativa, quae significat id quod mens de rebus concipit. Et inde est quod omnes modi orationum, in quibus invenitur verum vel falsum, sub enunciatione continentur: quam quidam dicunt indicativam vel suppositivam. Dubitativa autem ad interrogativam reducitur, sicut et optativa ad deprecativam.

executar em obra; e a isto pertence, quanto aos inferiores, a oração imperativa; quanto aos superiores, porém, a oração deprecativa, à qual se reduz a oração optativa: porque, em relação ao superior, o homem não tem força motiva senão pela expressão de seu desejo. Portanto, como estas quatro espécies de oração não significam o próprio conceito do intelecto no qual está o verdadeiro ou o falso, mas uma certa ordem consequente a isso; daí decorre que em nenhuma delas se encontra o verdadeiro ou o falso, mas apenas na enunciativa, que significa aquilo que a mente concebe das coisas. E daí decorre que todos os modos de orações nos quais se encontra o verdadeiro ou o falso estão contidos sob a enunciação, a qual alguns chamam de "indicativa" ou "supositiva". A dubitativa, porém, reduz-se à interrogativa, assim como a optativa à deprecativa.

6) Deinde cum dicit: caeterae igitur relinquantur etc., ostendit quod de sola enunciativa est agendum; et dicit quod aliae quatuor orationis species sunt relinquendae, quantum pertinet ad praesentem intentionem: quia earum consideratio convenientior est rhetoricae vel poeticae scientiae. Sed enunciativa oratio praesentis considerationis est. Cuius ratio est, quia consideratio huius libri directe ordinatur ad scientiam demonstrativam, in qua animus hominis per rationem inducitur ad consentiendum vero ex his quae sunt propria rei; et ideo demonstrator non utitur ad suum finem nisi enunciativis orationibus, significantibus res secundum quod earum veritas est in anima. Sed rhetor et poeta inducunt ad assentiendum ei quod intendunt, non solum per ea quae sunt propria rei, sed etiam per dispositiones audientis. Unde rhetores et poetae plerumque movere auditores nituntur provocando eos ad aliquas passiones, ut philosophus dicit in sua rhetorica. Et ideo consideratio dictarum specierum orationis, quae pertinet ad ordinationem audientis in aliquid, cadit proprie sub consideratione rhetoricae vel poeticae, ratione sui significati; ad considerationem autem grammatici, prout consideratur in eis congrua vocum constructio.

6) Em seguida, quando diz: "as outras, portanto, sejam deixadas", etc., mostra que se deve tratar apenas da enunciativa; e diz que as outras quatro espécies de oração devem ser deixadas no que pertence à intenção presente, porque a consideração delas é mais conveniente à ciência retórica ou poética. Mas a oração enunciativa é da presente consideração. A razão disso é que a consideração deste livro ordena-se diretamente à ciência demonstrativa, na qual o ânimo do homem é induzido pela razão a assentir ao verdadeiro a partir daquilo que é próprio da coisa; e, por isso, o demonstrador não usa para o seu fim senão orações enunciativas, que significam as coisas segundo o modo como a sua verdade está na alma. Mas o retórico e o poeta induzem a assentir ao que pretendem não apenas por aquilo que é próprio da coisa, mas também pelas disposições do ouvinte. Daí que os retóricos e poetas, na maioria das vezes, esforçam-se por mover os ouvintes provocando neles algumas paixões, como diz o filósofo em sua "Retórica". E, por isso, a consideração das ditas espécies de oração, que pertence à ordenação do ouvinte para algo, cai propriamente sob a consideração da retórica ou da poética, em razão do seu significado; mas sob a consideração do gramático, enquanto nelas se considera a construção congruente das vozes.

Lectio VIII

1) Postquam philosophus definivit enunciationem, hic dividit eam. Et dividitur in duas partes: in prima, ponit divisionem enunciationis; in secunda, manifestat eam; ibi: necesse est autem et cetera.

1) Depois que o filósofo definiu a enunciação, aqui ele a divide. E divide-se em duas partes: na primeira, apresenta a divisão da enunciação; na segunda, a manifesta; lá: "é necessário, porém", etc.

2) Circa primum considerandum est quod Aristoteles sub breviloquio duas divisiones enunciationis ponit. Quarum una est quod enunciationum quaedam est una simplex, quaedam est coniunctione una. Sicut etiam in rebus, quae sunt extra animam, aliquid est unum simplex sicut indivisibile vel continuum, aliquid est unum colligatione aut compositione aut ordine. Quia enim ens et unum convertuntur, necesse est sicut omnem rem, ita et omnem enunciationem aliqualiter esse unam.

2) Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que Aristóteles, com brevidade, estabelece duas divisões da enunciação. Uma delas é que, das enunciações, uma é uma absolutamente (*una simplex*), outra é uma por conjunção. Assim como também nas coisas que estão fora da alma, algo é um absolutamente (*unum simplex*), como o indivisível ou o contínuo, e algo é um por ligação, composição ou ordem. Pois, como o ente e o um se convertem, é necessário que, assim como toda coisa, também toda enunciação seja de algum modo uma.

3) Alia vero subdivisio enunciationis est quod si enunciatio sit una, aut est affirmativa aut negativa. Enunciatio autem affirmativa prior est negativa, triplici ratione, secundum tria quae supra posita sunt: ubi dictum est quod vox est signum intellectus, et intellectus est signum rei. Ex parte igitur vocis, affirmativa enunciatio est prior negativa, quia est simplicior: negativa enim enunciatio addit supra affirmativam particulam negativam. Ex parte etiam intellectus affirmativa enunciatio, quae significat compositionem intellectus, est prior negativa, quae significat divisionem eiusdem: divisio enim naturaliter posterior est compositione, nam non est divisio nisi compositorum, sicut non est corruptio nisi generatorum. Ex parte etiam rei, affirmativa enunciatio, quae significat esse, prior est negativa, quae significat non esse: sicut habitus naturaliter prior est privatione.

3) A outra subdivisão da enunciação é que, se a enunciação for uma, ou é afirmativa ou é negativa. Ora, a enunciação afirmativa é anterior à negativa por uma tríplice razão, segundo as três coisas postas acima: onde se disse que a voz é sinal do intelecto, e o intelecto é sinal da coisa. Por parte da voz, portanto, a enunciação afirmativa é anterior à negativa porque é mais simples: pois a enunciação negativa adiciona uma partícula negativa sobre a afirmativa. Também por parte do intelecto, a enunciação afirmativa, que significa a composição do intelecto, é anterior à negativa, que significa a divisão do mesmo: pois a divisão é naturalmente posterior à composição, já que não há divisão senão dos compostos, assim como não há corrupção senão dos gerados. Também por parte da coisa, a enunciação afirmativa, que significa o ser, é anterior à negativa, que significa o não ser: assim como o hábito é naturalmente anterior à privação.

4) Dicit ergo quod oratio enunciativa una et prima est affirmatio, idest affirmativa enunciatio. Et contra hoc quod dixerat prima, subdit: deinde negatio, idest negativa oratio, quia est posterior affirmativa, ut dictum est. Contra id autem quod dixerat una, scilicet simpliciter, subdit quod quaedam

4) Diz, portanto, que "a oração enunciativa uma e primeira é a afirmação", isto é, a enunciação afirmativa. E contra aquilo que dissera, "primeira", acrescenta: "depois a negação", isto é, a oração negativa, porque é posterior à afirmativa, como foi dito. Contra aquilo que dissera, "uma", a saber,

aliae sunt unae, non simpliciter, sed coniunctione unae.

5) Ex hoc autem quod hic dicitur argumentatur Alexander quod divisio enunciationis in affirmationem et negationem non est divisio generis in species, sed divisio nominis multiplicis in sua significata. Genus enim univoce praedicatur de suis speciebus, non secundum prius et posterius: unde Aristoteles noluit quod ens esset genus commune omnium, quia per prius praedicatur de substantia, quam de novem generibus accidentium.

6) Sed dicendum quod unum dividentium aliquod commune potest esse prius altero dupliciter: uno modo, secundum proprias rationes, aut naturas dividentium; alio modo, secundum participationem rationis illius communis quod in ea dividitur. Primum autem non tollit univocationem generis, ut manifestum est in numeris, in quibus binarius secundum propriam rationem naturaliter est prior ternario; sed tamen aequaliter participant rationem generis sui, scilicet numeri: ita enim est ternarius multitudo mensurata per unum, sicut et binarius. Sed secundum impedit univocationem generis. Et propter hoc ens non potest esse genus substantiae et accidentis: quia in ipsa ratione entis, substantia, quae est ens per se, prioritatem habet respectu accidentis, quod est ens per aliud et in alio. Sic ergo affirmatio secundum propriam rationem prior est negatione; tamen aequaliter participant rationem enunciationis, quam supra posuit, videlicet quod enunciatio est oratio in qua verum vel falsum est.

7) Deinde cum dicit: necesse est autem etc., manifestat propositas divisiones. Et primo, manifestat primam, scilicet quod enunciatio vel est una simpliciter vel coniunctione una; secundo, manifestat secundam, scilicet quod enunciatio simpliciter una vel est affirmativa vel negativa; ibi: est autem simplex enunciatio et cetera. Circa primum duo facit: primo, praemittit quaedam, quae sunt necessaria ad propositum manifestandum; secundo, manifestat propositum; ibi: est autem una oratio et cetera.

absolutamente, acrescenta que "algumas outras são umas", não absolutamente, mas umas por conjunção.

5) A partir do que aqui se diz, Alexandre argumenta que a divisão da enunciação em afirmação e negação não é uma divisão do gênero em espécies, mas a divisão de um nome múltiplo em seus significados. Pois o gênero se predica univocamente de suas espécies, não segundo o anterior e o posterior; por isso Aristóteles não quis que o ente fosse um gênero comum de todos, porque se predica mais prioritariamente da substância do que dos nove gêneros de acidentes.

6) Mas deve-se dizer que um dos divisores de algo comum pode ser anterior ao outro de dois modos: de um modo, segundo as razões próprias ou naturezas dos divisores; de outro modo, segundo a participação daquela razão comum que neles se divide. O primeiro modo não retira a univocação do gênero, como é manifesto nos números, nos quais o binário, segundo sua razão própria, é naturalmente anterior ao ternário; todavia, participam igualmente da razão de seu gênero, a saber, o número: pois o ternário é tanto uma multidão mensurada pela unidade quanto o binário. O segundo modo, porém, impede a univocação do gênero. E, por esta razão, o ente não pode ser o gênero da substância e do acidente: porque na própria razão de ente, a substância, que é ente por si, tem prioridade em relação ao acidente, que é ente por outro e em outro. Assim, pois, a afirmação, segundo sua razão própria, é anterior à negação; todavia, participam igualmente da razão de enunciação que ele pôs acima, a saber, que a enunciação é a oração na qual há o verdadeiro ou o falso.

7) Em seguida, quando diz: "é necessário, porém", etc., manifesta as divisões propostas. E primeiro, manifesta a primeira, a saber, que a enunciação ou é uma absolutamente ou uma por conjunção; segundo, manifesta a segunda, a saber, que a enunciação absolutamente uma ou é afirmativa ou negativa; lá: "é, porém, a enunciação simples", etc. Sobre o primeiro, faz duas coisas: primeiro, preamite certas coisas que são necessárias para manifestar o propósito; segundo, manifesta o propósito; lá: "é,

8) Circa primum duo facit: primo, dicit quod omnem orationem enunciativam oportet constare ex verbo quod est praesentis temporis, vel ex casu verbi quod est praeteriti vel futuri. Tacet autem de verbo infinito, quia eumdem usum habet in enunciatione sicut et verbum negativum. Manifestat autem quod dixerat per hoc, quod non solum nomen unum sine verbo non facit orationem perfectam enunciativam, sed nec etiam oratio imperfecta. Definitio enim oratio quaedam est, et tamen si ad rationem hominis, idest definitionem non addatur aut est, quod est verbum, aut erat, aut fuit, quae sunt casus verbi, aut aliquid huiusmodi, idest aliquod aliud verbum seu casus verbi, nondum est oratio enunciativa.

9) Potest autem esse dubitatio: cum enunciatio constet ex nomine et verbo, quare non facit mentionem de nomine, sicut de verbo? Ad quod tripliciter responderi potest. Primo quidem, quia nulla oratio enunciativa invenitur sine verbo vel casu verbi; invenitur autem aliqua enunciatio sine nomine, puta cum nos utimur infinitivis verborum loco nominum; ut cum dicitur, currere est moveri. Secundo et melius, quia, sicut supra dictum est, verbum est nota eorum quae de altero praedicantur. Praedicatum autem est principalior pars enunciationis, eo quod est pars formalis et completiva ipsius. Unde vocatur apud Graecos propositio categorica, idest praedicativa. Denominatio autem fit a forma, quae dat speciem rei. Et ideo potius fecit mentionem de verbo tanquam de parte principaliori et formaliori. Cuius signum est, quia enunciatio categorica dicitur affirmativa vel negativa solum ratione verbi, quod affirmatur vel negatur; sicut etiam conditionalis dicitur affirmativa vel negativa, eo quod affirmatur vel negatur coniunctio a qua denominatur. Tertio, potest dici, et adhuc melius, quod non erat intentio Aristotelis ostendere quod nomen vel verbum non sufficiant ad enunciationem complendam: hoc enim supra manifestavit tam de nomine quam de verbo. Sed quia dixerat quod quaedam enunciatio est una simpliciter, quaedam autem coniunctione una; posset aliquis intelligere quod illa quae est una simpliciter careret omni compositione: sed

porém, uma oração", etc.

8) Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, diz que toda oração enunciativa deve constar de um verbo que seja do tempo presente, ou de um caso do verbo que seja do pretérito ou do futuro. Cala-se, porém, sobre o verbo infinito, porque este tem o mesmo uso na enunciação que o verbo negativo. Manifesta o que dissera pelo fato de que não apenas um nome sozinho sem verbo não faz uma oração enunciativa perfeita, mas nem mesmo uma oração imperfeita o faz. Pois a definição é uma certa oração e, todavia, se à "razão de homem", isto é, à definição, não se adicionar ou "é", que é o verbo, ou "era", ou "foi", que são casos do verbo, ou algo deste tipo, isto é, algum outro verbo ou caso de verbo, ainda não há oração enunciativa.

9) Pode haver, porém, uma dúvida: como a enunciação consta de nome e verbo, por que ele não faz menção ao nome, assim como faz ao verbo? A isto se pode responder de três modos. Primeiro, decerto, porque não se encontra nenhuma oração enunciativa sem verbo ou caso de verbo; encontra-se, porém, alguma enunciação sem nome, por exemplo, quando usamos infinitivos de verbos em lugar de nomes, como quando se diz: "correr é mover-se". Segundo e melhor, porque, como foi dito acima, o verbo é a nota daquilo que se predica de outro. Ora, o predicado é a parte mais principal da enunciação, pelo fato de ser a sua parte formal e completiva. Daí que é chamada pelos gregos de proposição "categórica", isto é, predicativa. Ora, a denominação se faz pela forma, que dá a espécie à coisa. E, por isso, ele fez menção antes ao verbo como à parte mais principal e formal. O sinal disso é que a enunciação categórica é dita afirmativa ou negativa apenas em razão do verbo, que é afirmado ou negado; assim como também a condicional é dita afirmativa ou negativa pelo fato de se afirmar ou negar a conjunção pela qual é denominada. Terceiro, pode-se dizer, e ainda melhor, que não era intenção de Aristóteles mostrar que o nome ou o verbo não bastam para completar a enunciação: pois isso ele já manifestou acima, tanto sobre o nome quanto sobre o verbo. Mas, porque dissera que certa enunciação é uma absolutamente e outra

ipse hoc excludit per hoc quod in omni enunciatione oportet esse verbum, quod importat compositionem, quam non est intelligere sine compositis, sicut supra dictum est. Nomen autem non importat compositionem, et ideo non exigit praesens intentio ut de nomine faceret mentionem, sed solum de verbo.

uma por conjunção, alguém poderia entender que aquela que é uma absolutamente carência de toda composição; mas ele exclui isso pelo fato de que em toda enunciação deve haver um verbo, o qual importa composição, a qual não se pode entender sem os compostos, como foi dito acima. O nome, porém, não importa composição e, por isso, a intenção presente não exigia que fizesse menção ao nome, mas apenas ao verbo.

10) Secundo; ibi: quare autem etc., ostendit aliud quod est necessarium ad manifestationem propositi, scilicet quod hoc quod dico, animal gressibile bipes, quae est definitio hominis, est unum et non multa. Et eadem ratio est de omnibus aliis definitionibus. Sed huiusmodi rationem assignare dicit esse alterius negocii. Pertinet enim ad metaphysicum; unde in VII et in VIII metaphysicae ratio huius assignatur: quia scilicet differentia advenit generi non per accidens sed per se, tanquam determinativa ipsius, per modum quo materia determinatur per formam. Nam a materia sumitur genus, a forma autem differentia. Unde sicut ex forma et materia fit vere unum et non multa, ita ex genere et differentia.

10) Em segundo lugar; lá: "por que, porém", etc., mostra outra coisa que é necessária para a manifestação do propósito, a saber, que isto que digo, "animal pedestre bípede", que é a definição de homem, é um e não muitos. E a mesma razão vale para todas as outras definições. Mas diz que atribuir a razão disso é "de outro negócio". Pertence, com efeito, ao metafísico; pelo que, no VII e no VIII da "Metafísica", atribui-se a razão disso: a saber, porque a diferença advém ao gênero não por acidente, mas por si, como determinante deste, ao modo como a matéria é determinada pela forma. Pois da matéria toma-se o gênero, e da forma a diferença. Daí que, assim como da forma e da matéria se faz verdadeiramente um e não muitos, assim também do gênero e da diferença.

11) Excludit autem quamdam rationem huius unitatis, quam quis posset suspicari, ut scilicet propter hoc definitio dicatur unum, quia partes eius sunt propinquae, idest sine aliqua interpositione coniunctionis vel morae. Et quidem non interruptio locutionis necessaria est ad unitatem definitionis, quia si interponeretur coniunctio partibus definitionis, iam secunda non determinaret primam, sed significarentur ut actu multae in locutione: et idem operatur interpositio morae, qua utuntur rhetores loco coniunctionis. Unde ad unitatem definitionis requiritur quod partes eius proferantur sine coniunctione et interpolatione: quia etiam in re naturali, cuius est definitio, nihil cadit medium inter materiam et formam: sed praedicta non interruptio non sufficit ad unitatem definitionis, quia contingit etiam hanc continuitatem prolationis servari in his, quae non sunt simpliciter unum, sed per accidens; ut si dicam, homo albus musicus. Sic igitur Aristoteles valde subtiliter manifestavit quod ab-

11) Exclui, contudo, certa razão desta unidade que alguém poderia suspeitar, a saber, que por isso a definição fosse dita uma, porque suas partes são "próximas", isto é, sem qualquer interposição de conjunção ou demora. E decerto a não interrupção da locução é necessária para a unidade da definição, porque, se se interpusesse uma conjunção às partes da definição, a segunda já não determinaria a primeira, mas seriam significadas como atuamente muitas na locução; e o mesmo opera a interposição de demora, que os retóricos usam em lugar da conjunção. Daí que para a unidade da definição requer-se que suas partes sejam proferidas sem conjunção e interpolação, porque também na coisa natural, da qual é a definição, nada cai como meio entre a matéria e a forma; mas a referida não interrupção não basta para a unidade da definição, porque acontece que esta continuidade da prolação também seja preservada naquelas coisas que não são absolutamente um, mas por acidente, como

soluta unitas enunciationis non impeditur, neque per compositionem quam importat verbum, neque per multitudinem nominum ex quibus constat definitio. Et est eadem ratio utrobique, nam praedicatum comparatur ad subiectum ut forma ad materiam, et similiter differentia ad genus: ex forma autem et materia fit unum simpliciter.

se eu dissesse: "homem branco músico". Assim, pois, Aristóteles manifestou muito sutilmente que a unidade absoluta da enunciação não é impedida nem pela composição que o verbo importa, nem pela multidão de nomes de que consta a definição. E a razão é a mesma em ambos os casos, pois o predicado compara-se ao sujeito como a forma à matéria, e semelhantemente a diferença ao gênero: ora, da forma e da matéria faz-se um absolutamente.

12) Deinde cum dicit: est autem una oratio etc., accedit ad manifestandam praedictam divisionem. Et primo, manifestat ipsum commune quod dividitur, quod est enunciatio una; secundo, manifestat partes divisionis secundum proprias rationes; ibi: harum autem haec simplex et cetera. Circa primum duo facit: primo, manifestat ipsam divisionem; secundo, concludit quod ab utroque membro divisionis nomen et verbum excluduntur; ibi: nomen ergo et verbum et cetera. Opponitur autem unitati pluralitas; et ideo enunciationis unitatem manifestat per modos pluralitatis.

12) Em seguida, quando diz: "é, porém, uma oração", etc., procede para manifestar a referida divisão. E primeiro, manifesta o próprio comum que é dividido, que é a enunciação uma; segundo, manifesta as partes da divisão segundo as razões próprias; lá: "destas, porém, esta é simples", etc. Sobre o primeiro, faz duas coisas: primeiro, manifesta a própria divisão; segundo, conclui que de ambos os membros da divisão o nome e o verbo são excluídos; lá: "o nome, portanto, e o verbo", etc. Ora, à unidade opõe-se a pluralidade; e, por isso, manifesta a unidade da enunciação pelos modos da pluralidade.

13) Dicit ergo primo quod enunciatio dicitur vel una absolute, scilicet quae unum de uno significat, vel una secundum quid, scilicet quae est coniunctione una. Per oppositum autem est intelligendum quod enunciationes plures sunt, vel ex eo quod plura significant et non unum: quod opponitur primo modo unitatis; vel ex eo quod absque coniunctione proferuntur: et tales opponuntur secundo modo unitatis.

13) Diz, portanto, primeiro, que a enunciação diz-se ou uma absolutamente, a saber, a que significa um de um, ou uma em certo sentido (*secundum quid*), a saber, a que é uma por conjunção. Pelo oposto, porém, deve-se entender que as enunciações são muitas ou pelo fato de significarem muitas coisas e não uma (o que se opõe ao primeiro modo de unidade), ou pelo fato de serem proferidas sem conjunção (e tais se opõem ao segundo modo de unidade).

14) Circa quod considerandum est, secundum Boethium, quod unitas et pluralitas orationis refertur ad significatum; simplex autem et compositum attenditur secundum ipsas voces. Et ideo enunciatio quandoque est una et simplex puta cum solum ex nomine et verbo componitur in unum significatum; ut cum dico, homo est albus. Est etiam quandoque una oratio, sed composita, quae quidem unam rem significat, sed tamen composita est vel ex pluribus terminis; sicut si dicam, animal rationale mortale currit, vel ex pluribus enunciationibus, sicut in con-

14) Sobre isto, deve-se considerar, segundo Boécio, que a unidade e a pluralidade da oração referem-se ao significado; o simples e o composto, porém, atendem-se segundo as próprias vozes. E, por isso, a enunciação às vezes é uma e simples, por exemplo, quando se compõe apenas de nome e verbo em um só significado, como quando digo: "o homem é branco". Às vezes é também uma só oração, mas composta, a qual decerto significa uma só coisa, mas todavia é composta ou de vários termos (como se eu dissesse: "animal racional mortal corre") ou

ditionalibus, quae quidem unum significant et non multa. Similiter autem quandoque in enunciatione est pluralitas cum simplicitate, puta cum in oratione ponitur aliquod nomen multa significans; ut si dicam, canis latrat, haec oratio plures est, quia plura significat, et tamen simplex est. Quandoque vero in enunciatione est pluralitas et compositio, puta cum ponuntur plura in subiecto vel in praedicato, ex quibus non fit unum, sive interveniat coniunctio sive non; puta si dicam, homo albus musicus disputat: et similiter est si coniungantur plures enunciationes, sive cum coniunctione sive sine coniunctione; ut si dicam, Socrates currit, Plato disputat. Et secundum hoc sensus litterae est quod enunciatio una est illa, quae unum de uno significat, non solum si sit simplex, sed etiam si sit coniunctione una. Et similiter enunciationes plures dicuntur quae plura et non unum significant: non solum quando interponitur aliqua coniunctio, vel inter nomina vel verba, vel etiam inter ipsas enunciationes; sed etiam si vel inconiunctione, idest absque aliqua interposita coniunctione plura significat, vel quia est unum nomen aequivocum, multa significans, vel quia ponuntur plura nomina absque coniunctione, ex quorum significatis non fit unum; ut si dicam, homo albus grammaticus logicus currit.

de várias enunciações (como nas condicionais, que significam uma só coisa e não muitas). Do mesmo modo, às vezes na enunciação há pluralidade com simplicidade, por exemplo, quando na oração se põe algum nome que significa muitas coisas, como se eu dissesse: "o cão ladra" – esta oração é múltipla porque significa muitas coisas e, todavia, é simples. Às vezes, porém, na enunciação há pluralidade e composição, por exemplo, quando se põem várias coisas no sujeito ou no predicado das quais não se faz um, intervenha ou não uma conjunção, como se eu dissesse: "o homem branco músico disputa"; e o mesmo ocorre se se conjungirem várias enunciações, com ou sem conjunção, como se eu dissesse: "Sócrates corre, Platão disputa". E, segundo isto, o sentido do texto é que enunciação "uma" é aquela que significa um de um, não apenas se for simples, mas também se for uma por conjunção. E semelhantemente dizem-se "muitas" enunciações as que significam muitas coisas e não uma: não apenas quando se interpõe alguma conjunção, seja entre nomes ou verbos, ou mesmo entre as próprias enunciações; mas também se "sem conjunção" (*inconiunctione*), isto é, sem qualquer conjunção interposta, significa muitas coisas, ou porque há um nome equívoco que significa muitas coisas, ou porque se põem muitos nomes sem conjunção de cujos significados não se faz um, como se eu dissesse: "o homem branco gramático lógico corre".

15) Sed haec expositio non videtur esse secundum intentionem Aristotelis. Primo quidem, quia per disiunctionem, quam interponit, videtur distinguere inter orationem unum significantem, et orationem quae est coniunctione una. Secundo, quia supra dixerat quod est unum quoddam et non multa, animal gressibile bipes. Quod autem est coniunctione unum, non est unum et non multa, sed est unum ex multis. Et ideo melius videtur dicendum quod Aristoteles, quia supra dixerat aliquam enunciationem esse unam et aliquam coniunctione unam, vult hic manifestare quae sit una. Et quia supra dixerat quod multa nomina simul coniuncta sunt unum, sicut animal gressibile bipes, dicit consequenter quod enunciatio est iudicanda una non ex unitate nominis, sed ex unitate significati, etiam

15) Mas esta exposição não parece estar de acordo com a intenção de Aristóteles. Primeiro, decerto, porque pela disjunção que ele interpõe, parece distinguir entre a oração que significa um e a oração que é uma por conjunção. Segundo, porque acima dissera que "é um certo algo e não muitos, animal pedestre bípede". Ora, o que é um por conjunção não é um e não muitos, mas é um a partir de muitos. E, por isso, parece melhor dizer que Aristóteles, porque acima dissera que certa enunciação é uma e outra uma por conjunção, quer aqui manifestar qual é a uma. E porque acima dissera que muitos nomes simultaneamente conjuntos são um, como "animal pedestre bípede", diz consequentemente que a enunciação deve ser julgada uma não pela unidade do nome, mas pela unidade

si sint plura nomina quae unum significent. Vel si sit aliqua enunciatio una quae multa significet, non erit una simpliciter, sed coniunctione una. Et secundum hoc, haec enunciatio, animal gressibile bipes est risibile, non est una quasi coniunctione una, sicut in prima expositione dicebatur, sed quia unum significat.

do significado, ainda que sejam muitos nomes que signifiquem um só. Ou, se houver alguma enunciação uma que signifique muitas coisas, não será uma absolutamente, mas uma por conjunção. E, segundo isto, esta enunciação, "o animal pedestre bípede é risível", não é uma como que por conjunção, como se dizia na primeira exposição, mas porque significa um só.

16) Et quia oppositum per oppositum manifestatur, consequenter ostendit quae sunt plures enunciationes, et ponit duos modos pluralitatis. Primus est, quod plures dicuntur enunciationes quae plura significant. Contingit autem aliqua plura significari in aliquo uno communi; sicut cum dico, animal est sensibile, sub hoc uno communi, quod est animal, multa continentur, et tamen haec enunciatio est una et non plures. Et ideo addit et non unum. Sed melius est ut dicatur hoc esse additum propter definitionem, quae multa significat quae sunt unum: et hic modus pluralitatis opponitur primo modo unitatis. Secundus modus pluralitatis est, quando non solum enunciationes plura significant, sed etiam illa plura nullatenus coniunguntur, et hic modus pluralitatis opponitur secundo modo unitatis. Et secundum hoc patet quod secundus modus unitatis non opponitur primo modo pluralitatis. Ea autem quae non sunt opposita, possunt simul esse. Unde manifestum est, enunciationem quae est una coniunctione, esse etiam plures: plures in quantum significat plura et non unum. Secundum hoc ergo possumus accipere tres modos enunciationis. Nam quaedam est simpliciter una, in quantum unum significat; quaedam est simpliciter plures, in quantum plura significat, sed est una secundum quid, in quantum est coniunctione una; quaedam sunt simpliciter plures, quae neque significant unum, neque coniunctione aliqua uniuntur. Ideo autem Aristoteles quatuor ponit et non solum tria, quia quandoque est enunciatio plures, quia plura significat, non tamen est coniunctione una, puta si ponatur ibi nomen multa significans.

16) E porque o oposto manifesta-se pelo oposto, consequentemente ele mostra quais são as enunciações múltiplas, e põe dois modos de pluralidade. O primeiro é que se dizem múltiplas as enunciações que significam muitas coisas. Acontece, porém, que algumas coisas múltiplas sejam significadas em algum um comum; como quando digo: "o animal é sensível", sob este um comum que é "animal" muitas coisas estão contidas, e todavia esta enunciação é uma e não muitas. E, por isso, ele adiciona "e não um". Mas é melhor que se diga que isto foi adicionado por causa da definição, que significa muitas coisas que são um só; e este modo de pluralidade opõe-se ao primeiro modo de unidade. O segundo modo de pluralidade é quando não apenas as enunciações significam muitas coisas, mas também essas muitas coisas de modo algum se conjungem; e este modo de pluralidade opõe-se ao segundo modo de unidade. E, segundo isto, é claro que o segundo modo de unidade não se opõe ao primeiro modo de pluralidade. Ora, aquelas coisas que não são opostas podem existir simultaneamente. Pelo que é manifesto que a enunciação que é uma por conjunção também é múltipla: múltipla enquanto significa muitas coisas e não uma. Segundo isto, portanto, podemos aceitar três modos de enunciação: pois uma é absolutamente uma, enquanto significa um só; outra é absolutamente múltipla, enquanto significa muitas coisas, mas é uma em certo sentido (*secundum quid*), enquanto é uma por conjunção; outras são absolutamente múltiplas, que nem significam um só, nem se unem por qualquer conjunção. Ora, Aristóteles põe quatro e não apenas três porque às vezes a enunciação é múltipla porque significa muitas coisas, mas todavia não é uma por conjunção, por exemplo, se nela se puser um nome que significa muitas coisas.

17) Deinde cum dicit: nomen ergo et verbum etc., excludit ab unitate orationis nomen et verbum. Dixerat enim quod enunciatio una est, quae unum significat: posset autem aliquis intelligere, quod sic unum significaret sicut nomen et verbum unum significant. Et ideo ad hoc excludendum subdit: nomen ergo, et verbum dictio sit sola, idest ita sit dictio, quod non enunciatio. Et videtur, ex modo loquendi, quod ipse imposuerit hoc nomen ad significandum partes enunciationis. Quod autem nomen et verbum dictio sit sola manifestat per hoc, quod non potest dici quod ille enunciet, qui sic aliquid significat voce, sicut nomen, vel verbum significat. Et ad hoc manifestandum innuit duos modos utendi enunciatione. Quandoque enim utimur ipsa quasi ad interrogata respondentes; puta si quaeratur, quis sit in scholis? Respondemus, magister. Quandoque autem utimur ea propria sponte, nullo interrogante; sicut cum dicimus, Petrus currit. Dicit ergo, quod ille qui significat aliquid unum nomine vel verbo, non enunciat vel sicut ille qui respondet aliquo interrogante, vel sicut ille qui profert enunciationem non aliquo interrogante, sed ipso proferente sponte. Introduxit autem hoc, quia simplex nomen vel verbum, quando respondetur ad interrogationem, videtur verum vel falsum significare: quod est proprium enunciationis. Sed hoc non competit nomini vel verbo, nisi secundum quod intelligitur coniunctum cum alia parte proposita in interrogatione. Ut si quaerenti, quis legit in scholis? Respondeatur, magister, subintelligitur, ibi legit. Si ergo ille qui enunciat aliquid nomine vel verbo non enunciat, manifestum est quod enunciatio non sic unum significat, sicut nomen vel verbum. Hoc autem inducit sicut conclusionem eius quod supra praemisit: necesse est omnem orationem enunciativam ex verbo esse vel ex casu verbi.

17) Em seguida, quando diz: "o nome, portanto, e o verbo", etc., exclui da unidade da oração o nome e o verbo. Pois dissera que a enunciação uma é a que significa um só; alguém, porém, poderia entender que significasse um só assim como o nome e o verbo significam um só. E, por isso, para excluir isto, acrescenta: "o nome, portanto, e o verbo sejam apenas dicção", isto é, que sejam de tal modo dicção que não sejam enunciação. E parece, pelo modo de falar, que ele próprio impôs este nome para significar as partes da enunciação. Ora, que o nome e o verbo sejam apenas dicção, ele o manifesta pelo fato de que não se pode dizer que enuncia aquele que significa algo pela voz assim como o nome ou o verbo significam. E para manifestar isto, insinua dois modos de usar a enunciação. Às vezes, com efeito, usamos a mesma como que respondendo a perguntas; por exemplo, se se pergunta: "quem está na escola?", respondemos: "o mestre". Às vezes, porém, usamo-la por própria vontade, sem que ninguém pergunte; como quando dizemos: "Pedro corre". Diz, portanto, que aquele que significa algo um por nome ou verbo não enuncia nem como aquele que responde a alguém que pergunta, nem como aquele que profere a enunciação sem que alguém pergunte, mas proferindo-a ele mesmo espontaneamente. Introduziu isto, porém, porque o nome ou o verbo simples, quando se responde a uma interrogação, parece significar o verdadeiro ou o falso, o que é próprio da enunciação. Mas isto não compete ao nome ou ao verbo senão enquanto se entende conjunto com a outra parte proposta na interrogação. Como se a quem pergunta "quem lê na escola?" se respondesse "o mestre", subentende-se ali "lê". Se, portanto, aquele que enuncia algo por nome ou verbo não enuncia, é manifesto que a enunciação não significa um só assim como o nome ou o verbo. Ora, ele induz isto como conclusão do que preamitira acima: "é necessário que toda oração enunciativa conste de um verbo ou de um caso do verbo".

18) Deinde cum dicit: harum autem haec simplex etc., manifestat praemissam divisionem secundum rationes partium. Dixerat enim quod una enunciatio est quae unum de uno significat, et alia est quae

18) Em seguida, quando diz: "destas, porém, esta é simples", etc., manifesta a divisão preamitida segundo as razões das partes. Pois dissera que uma enunciação é a que significa um de um, e a outra

est coniunctione una. Ratio autem huius divisionis est ex eo quod unum natum est dividi per simplex et compositum. Et ideo dicit: harum autem, scilicet enunciationum, in quibus dividitur unum, haec dicitur una, vel quia significat unum simpliciter, vel quia una est coniunctione. Haec quidem simplex enunciatio est, quae scilicet unum significat. Sed ne intelligatur quod sic significet unum, sicut nomen vel verbum, ad excludendum hoc subdit: ut aliquid de aliquo, idest per modum compositionis, vel aliquid ab aliquo, idest per modum divisionis. Haec autem ex his coniuncta, quae scilicet dicitur coniunctione una, est velut oratio iam composita: quasi dicat hoc modo, enunciationis unitas dividitur in duo praemissa, sicut aliquod unum dividitur in simplex et compositum.

é a que é uma por conjunção. Ora, a razão desta divisão decorre do fato de que o "um" é apto a ser dividido pelo simples e pelo composto. E, por isso, diz: "destas, porém" (a saber, das enunciações nas quais se divide o um), "esta é dita uma", ou porque significa um absolutamente, ou porque é uma por conjunção. "Esta", de fato, é a enunciação simples, que a saber significa um só. Mas para que não se entenda que signifique um só assim como o nome ou o verbo, para excluir isto, acrescenta: "como algo de algo", isto é, pelo modo de composição, ou "algo de algo", isto é, pelo modo de divisão. "Esta", porém, conjunta a partir destas (a saber, a que é dita uma por conjunção), é como que uma oração já composta: como se dissesse deste modo, que a unidade da enunciação divide-se nos dois pontos preamitidos, assim como algo um divide-se em simples e composto.

19) Deinde cum dicit: est autem simplex etc., manifestat secundam divisionem enunciationis, secundum videlicet quod enunciatio dividitur in affirmationem et negationem. Haec autem divisio primo quidem convenit enunciationi simplici; ex consequenti autem convenit compositae enunciationi; et ideo ad insinuandum rationem praedictae divisionis dicit quod simplex enunciatio est vox significativa de eo quod est aliquid: quod pertinet ad affirmationem; vel non est aliquid: quod pertinet ad negationem. Et ne hoc intelligatur solum secundum praesens tempus, subdit: quemadmodum tempora sunt divisa, idest similiter hoc habet locum in aliis temporibus sicut et in praesenti.

19) Depois, quando diz: "é, porém, simples", etc., manifesta a segunda divisão da enunciação, a saber, segundo a qual a enunciação divide-se em afirmação e negação. Esta divisão, decerto, convém primeiro à enunciação simples; consequentemente, convém à enunciação composta; e, por isso, para insinuar a razão da referida divisão, diz que a enunciação simples é "voz significativa sobre aquilo que é algo" (o que pertence à afirmação), ou "não é algo" (o que pertence à negação). E para que isto não se entenda apenas segundo o tempo presente, acrescenta: "conforme os tempos estão divididos", isto é, semelhantemente isto tem lugar nos outros tempos assim como no presente.

20) Alexander autem existimavit quod Aristoteles hic definiret enunciationem; et quia in definitione enunciationis videtur ponere affirmationem et negationem, volebat hic accipere quod enunciatio non esset genus affirmationis et negationis, quia species nunquam ponitur in definitione generis. Id autem quod non univoce praedicatur de multis (quia scilicet non significat aliquid unum, quod sit unum commune multis), non potest notificari nisi per illa multa quae significantur. Et inde est quod quia unum non dicitur aequivoce de simplici et composito, sed per prius et posterius, Aristoteles in praecedentibus semper ad notificandum unitatem enun-

20) Alexandre, porém, estimou que Aristóteles aqui definiria a enunciação; e porque na definição da enunciação ele parece pôr a afirmação e a negação, queria aqui concluir que a enunciação não era o gênero da afirmação e da negação, porque a espécie nunca se põe na definição do gênero. Ora, aquilo que não se predica univocamente de muitos (porque, a saber, não significa algo um que seja um comum a muitos), não pode ser notificado senão por aqueles muitos que são significados. E daí decorre que, como o um não se diz equivocamente do simples e do composto, mas pelo anterior e o posterior, Aristóteles nos precedentes sempre usou

ciationis usus est utroque. Quia ergo videtur uti affirmatione et negatione ad notificandum enunciationem, volebat Alexander accipere quod enunciatio non dicitur de affirmatione et negatione univoce sicut genus de suis speciebus.

de ambos para notificar a unidade da enunciação. Como, portanto, parece usar a afirmação e a negação para notificar a enunciação, Alexandre queria concluir que a enunciação não se diz da afirmação e da negação univocamente como o gênero de suas espécies.

21) Sed contrarium apparet ex hoc, quod philosophus consequenter utitur nomine enunciationis ut genere, cum in definitione affirmationis et negationis subdit quod, affirmatio est enunciatio alicuius de aliquo, scilicet per modum compositionis, negatio vero est enunciatio alicuius ab aliquo, scilicet per modum divisionis. Nomine autem aequivoco non consuevimus uti ad notificandum significata eius. Et ideo Boethius dicit quod Aristoteles suo modo breviloquio utens, simul usus est et definitione et divisione eius: ita ut quod dicit de eo quod est aliquid vel non est, non referatur ad definitionem enunciationis, sed ad eius divisionem. Sed quia differentiae divisivae generis non cadunt in eius definitione, nec hoc solum quod dicitur vox significativa, sufficiens est definitio enunciationis; melius dici potest secundum Porphyrium, quod hoc totum quod dicitur vox significativa de eo quod est, vel de eo quod non est, est definitio enunciationis. Nec tamen ponitur affirmatio et negatio in definitione enunciationis sed virtus affirmationis et negationis, scilicet significatum eius, quod est esse vel non esse, quod est naturaliter prius enunciatione. Affirmationem autem et negationem postea definivit per terminos utriusque cum dixit: affirmationem esse enunciationem alicuius de aliquo, et negationem enunciationem alicuius ab aliquo. Sed sicut in definitione generis non debent poni species, ita nec ea quae sunt propria specierum. Cum igitur significare esse sit proprium affirmationis, et significare non esse sit proprium negationis, melius videtur dicendum, secundum Ammonium, quod hic non definitur enunciatio, sed solum dividitur. Supra enim posita est definitio, cum dictum est quod enunciatio est oratio in qua est verum vel falsum. In qua quidem definitione nulla mentio facta est nec de affirmatione, nec de negatione. Est autem considerandum quod artificiosissime procedit: dividit enim genus non in species, sed in differentias specificas. Non enim dicit quod

21) Mas o contrário aparece pelo fato de que o filósofo consequentemente usa o nome "enunciação" como gênero, quando na definição de afirmação e negação acrescenta que "a afirmação é a enunciação de algo de algo", a saber, pelo modo de composição, e "a negação, porém, é a enunciação de algo de algo", a saber, pelo modo de divisão. Ora, não costumamos usar um nome equívoco para notificar os seus significados. E, por isso, Boécio diz que Aristóteles, usando de seu modo breve, usou simultaneamente da definição e da divisão desta, de modo que o que diz "sobre o que é algo ou não é" não se refira à definição da enunciação, mas à sua divisão. Mas porque as diferenças divisivas do gênero não caem em sua definição, nem apenas isto que se diz, "voz significativa", é definição suficiente de enunciação, pode-se dizer melhor, segundo Porfírio, que todo este conjunto, "voz significativa sobre o que é ou sobre o que não é", é a definição de enunciação. Contudo, não se põe a afirmação e a negação na definição da enunciação, mas a força da afirmação e da negação, a saber, o seu significado, que é o ser ou o não ser, o qual é naturalmente anterior à enunciação. A afirmação e a negação ele as definiu depois pelos termos de cada uma, quando disse que a afirmação é a enunciação de algo sobre algo, e a negação a enunciação de algo de algo. Mas assim como na definição do gênero não se devem pôr as espécies, também não se devem pôr aquelas coisas que são próprias das espécies. Como, portanto, significar o ser é próprio da afirmação, e significar o não ser é próprio da negação, parece melhor dizer, segundo Amônio, que aqui não se define a enunciação, mas apenas se divide. Pois acima já fora posta a definição, quando se disse que "a enunciação é a oração na qual há o verdadeiro ou o falso". Naquela definição, decerto, nenhuma menção se fez nem da afirmação, nem da negação. Deve-se considerar, porém, que ele procede com suma arte: pois divide o gênero não em espécies,

enunciatio est affirmatio vel negatio, sed vox significativa de eo quod est, quae est differentia specifica affirmationis, vel de eo quod non est, in quo tangitur differentia specifica negationis. Et ideo ex differentiis adiunctis generi constituit definitionem speciei, cum subdit: quod affirmatio est enunciatio alicuius de aliquo, per quod significatur esse; et negatio est enunciatio alicuius ab aliquo quod significat non esse.

mas em diferenças específicas. Pois não diz que a enunciação é afirmação ou negação, mas "voz significativa sobre o que é" (que é a diferença específica da afirmação) ou "sobre o que não é" (onde se toca na diferença específica da negação). E, por isso, a partir das diferenças adjuntas ao gênero, constitui a definição da espécie, quando acrescenta que "a afirmação é a enunciação de algo sobre algo", pelo que se significa o ser, e "a negação é a enunciação de algo de algo", o que significa o não ser.

Lectio IX

1) Posita divisione enunciationis, hic agit de oppositione partium enunciationis, scilicet affirmationis et negationis. Et quia enunciationem esse dixerat orationem, in qua est verum vel falsum, primo, ostendit qualiter enunciationes ad invicem opponantur; secundo, movet quamdam dubitationem circa praedeterminata et solvit; ibi: in his ergo quae sunt et quae facta sunt et cetera. Circa primum duo facit: primo, ostendit qualiter una enunciatio opponatur alteri; secundo, ostendit quod tantum una opponitur uni; ibi: manifestum est et cetera. Prima autem pars dividitur in duas partes: in prima, determinat de oppositione affirmationis et negationis absolute; in secunda, ostendit quomodo huiusmodi oppositio diversificatur ex parte subiecti; ibi: quoniam autem sunt et cetera. Circa primum duo facit: primo, ostendit quod omni affirmationi est negatio opposita et e converso; secundo, manifestat oppositionem affirmationis et negationis absolute; ibi: et sit hoc contradictio et cetera.

1) Posta a divisão da enunciação, trata-se aqui da oposição das partes da enunciação, a saber, da afirmação e da negação. E porque dissera ser a enunciação a oração na qual há o verdadeiro ou o falso, primeiro, mostra como as enunciações se opõem entre si; segundo, propõe certa dúvida sobre o que foi predeterminado e a resolve; ali: *nestas, pois, que são e que foram*, etc. Quanto ao primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, mostra como uma enunciação se opõe a outra; segundo, mostra que apenas uma se opõe a uma; ali: *é manifesto*, etc. Ora, a primeira parte divide-se em duas: na primeira, determina sobre a oposição da afirmação e da negação absolutamente; na segunda, mostra como tal oposição se diversifica por parte do sujeito; ali: *visto que, porém, são*, etc. Quanto ao primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, mostra que a toda afirmação há uma negação oposta e vice-versa; segundo, manifesta a oposição da afirmação e da negação absolutamente; ali: *e seja isto a contradição*, etc.

2) Circa primum considerandum est quod ad ostendendum suum propositum philosophus assumit duplicem diversitatem enunciationis: quarum prima est ex ipsa forma vel modo enunciandi, secundum quod dictum est quod enunciatio vel est affirmativa, per quam scilicet enunciatur aliquid esse, vel est negativa per quam significatur aliquid non esse; secunda diversitas est per comparationem ad rem, ex qua dependet veritas et falsitas intellectus et enunciationis. Cum enim enunciatur aliquid esse vel non esse secundum congruentiam rei, est oratio vera; alioquin est oratio falsa.

2) Quanto ao primeiro ponto, deve-se considerar que, para mostrar o seu propósito, o filósofo assume uma dupla diversidade da enunciação: a primeira decorre da própria forma ou modo de enunciar, segundo o que foi dito, que a enunciação ou é afirmativa, pela qual se enuncia que algo é, ou é negativa, pela qual se significa que algo não é; a segunda diversidade dá-se pela comparação com a coisa, da qual depende a verdade e a falsidade do intelecto e da enunciação. Pois, quando se enuncia que algo é ou não é segundo a congruência da coisa, a oração é verdadeira; de outro modo, a oração é falsa.

3) Sic igitur quatuor modis potest variari enunciatio, secundum permixtionem harum duarum divisionum. Uno modo, quia id quod est in re enunciatur ita esse sicut in re est: quod pertinet ad affirmationem veram; puta cum Socrates currit, dicimus Socratem currere. Alio modo, cum enunciatur aliquid non esse quod in re non est: quod pertinet ad negationem veram; ut cum dicitur, Aethiops albus non est. Tertio modo, cum enunciatur aliq-

3) Assim, portanto, a enunciação pode variar de quatro modos, segundo a mistura destas duas divisões. De um modo, porque aquilo que é na coisa enuncia-se ser assim como é na coisa: o que pertence à afirmação verdadeira; por exemplo, quando Sócrates corre, dizemos que Sócrates corre. De outro modo, quando se enuncia não ser algo que na coisa não é: o que pertence à negação verdadeira; como quando se diz: *o etíope não é branco*. De

uid esse quod in re non est: quod pertinet ad affirmationem falsam; ut cum dicitur, corvus est albus. Quarto modo, cum enunciatur aliquid non esse quod in re est: quod pertinet ad negationem falsam; ut cum dicitur, nix non est alba. Philosophus autem, ut a minoribus ad potiora procedat, falsas veris praeponit: inter quas negativam praemittit affirmativae, cum dicit quod contingit enunciare quod est, scilicet in rerum natura, non esse. Secundo autem, ponit affirmativam falsam cum dicit: et quod non est, scilicet in rerum natura, esse. Tertio autem, ponit affirmativam veram, quae opponitur negativae falsae, quam primo posuit, cum dicit: et quod est, scilicet in rerum natura, esse. Quarto autem, ponit negativam veram, quae opponitur affirmationi falsae, cum dicit: et quod non est, scilicet in rerum natura, non esse.

um terceiro modo, quando se enuncia ser algo que na coisa não é: o que pertence à afirmação falsa; como quando se diz: *o corvo é branco*. De um quarto modo, quando se enuncia não ser algo que na coisa é: o que pertence à negação falsa; como quando se diz: *a neve não é branca*. O filósofo, porém, para proceder das coisas menores para as maiores, antepõe as falsas às verdadeiras: entre as quais premite a negativa à afirmativa, quando diz que acontece enunciar que o que é, a saber, na natureza das coisas, não é. Em segundo lugar, põe a afirmativa falsa quando diz: *e o que não é*, a saber, na natureza das coisas, *ser*. Em terceiro lugar, põe a afirmativa verdadeira, que se opõe à negativa falsa que pôs primeiro, quando diz: *e o que é*, a saber, na natureza das coisas, *ser*. Em quarto lugar, põe a negativa verdadeira, que se opõe à afirmação falsa, quando diz: *e o que não é*, a saber, na natureza das coisas, *não ser*.

4) Non est autem intelligendum quod hoc quod dixit: quod est et quod non est, sit referendum ad solam existentiam vel non existentiam subiecti, sed ad hoc quod res significata per praedicatum insit vel non insit rei significatae per subiectum. Nam cum dicitur, corvus est albus, significatur quod non est, esse, quamvis ipse corvus sit res existens.

4) Não se deve, porém, entender que isto que ele disse: *o que é* e *o que não é*, deva referir-se apenas à existência ou não existência do sujeito, mas ao fato de que a coisa significada pelo predicado esteja ou não presente na coisa significada pelo sujeito. Pois, quando se diz: *o corvo é branco*, significa-se ser o que não é, embora o corvo mesmo seja uma coisa existente.

5) Et sicut istae quatuor differentiae enunciationum inveniuntur in propositionibus, in quibus ponitur verbum praesentis temporis, ita etiam inveniuntur in enunciationibus in quibus ponuntur verba praeteriti vel futuri temporis. Supra enim dixit quod necesse est enunciationem constare ex verbo vel ex casu verbi. Et hoc est quod subdit: quod similiter contingit, scilicet variari diversimode enunciationem circa ea, quae sunt extra praesens tempus, idest circa praeterita vel futura, quae sunt quodammodo extrinseca respectu praesentis, quia praesens est medium praeteriti et futuri.

5) E assim como estas quatro diferenças de enunciações se encontram nas proposições em que se põe um verbo do tempo presente, assim também se encontram nas enunciações em que se põem verbos do tempo passado ou futuro. Pois acima dissera que é necessário que a enunciação conste de um verbo ou de um caso do verbo. E é isto o que acrescenta: *que semelhantemente acontece*, a saber, variar diversamente a enunciação, *acerca daquelas coisas que estão fora do tempo presente*, isto é, acerca das passadas ou futuras, que são de certo modo extrínsecas em relação ao presente, porque o presente é o meio entre o passado e o futuro.

6) Et quia ita est, contingit omne quod quis affirmaverit negare, et omne quod quis negaverit affirmare: quod quidem manifestum est ex praemissis. Non enim potest affirmari nisi vel quod est in re-

6) E porque é assim, acontece que tudo o que se afirmou pode ser negado, e tudo o que se negou pode ser afirmado: o que decerto é manifesto pelo que precede. Pois não se pode afirmar senão ou o

rum natura secundum aliquod trium temporum, vel quod non est; et hoc totum contingit negare. Unde manifestum est quod omne quod affirmatur potest negari, et e converso. Et quia affirmatio et negatio opposita sunt secundum se, utpote ex opposito contradictoriae, consequens est quod quaelibet affirmatio habeat negationem sibi oppositam et e converso. Cuius contrarium illo solo modo posset contingere, si aliqua affirmatio affirmaret aliquid, quod negatio negare non posset.

7) Deinde cum dicit: et sit hoc contradictio etc., manifestat quae sit absoluta oppositio affirmationis et negationis. Et primo, manifestat eam per nomen; secundo, per definitionem; ibi: dico autem et cetera. Dicit ergo primo quod cum cuilibet affirmationi opponatur negatio, et e converso, oppositioni huiusmodi imponatur nomen hoc, quod dicatur contradictio. Per hoc enim quod dicitur, et sit hoc contradictio, datur intelligi quod ipsum nomen contradictionis ipse imposuerit oppositioni affirmationis et negationis, ut Ammonius dicit.

8) Deinde cum dicit: dico autem opponi etc., definit contradictionem. Quia vero, ut dictum est, contradictio est oppositio affirmationis et negationis, illa requiruntur ad contradictionem, quae requiruntur ad oppositionem affirmationis et negationis. Oportet autem opposita esse circa idem. Et quia enunciatio constituitur ex subiecto et praedicato, requiritur ad contradictionem primo quidem quod affirmatio et negatio sint eiusdem praedicati: si enim dicatur, Plato currit, Plato non disputat, non est contradictio; secundo, requiritur quod sint de eodem subiecto: si enim dicatur, Socrates currit, Plato non currit, non est contradictio. Tertio, requiritur quod identitas subiecti et praedicati non solum sit secundum nomen, sed sit simul secundum rem et nomen. Nam si non sit idem nomen, manifestum est quod non sit una et eadem enunciatio. Similiter autem ad hoc quod sit enunciatio una, requiritur identitas rei: dictum est enim supra quod enunciatio una est, quae unum de uno significat; et ideo subdit: non autem aequivoce, idest non sufficit identitas nominis cum diversitate rei, quae facit aequivocationem.

que é na natureza das coisas segundo algum dos três tempos, ou o que não é; e tudo isto acontece negar. Onde é manifesto que tudo o que se afirma pode ser negado, e vice-versa. E porque a afirmação e a negação são opostas por si mesmas, como contraditórias por oposição, segue-se que qualquer afirmação tem uma negação que lhe é oposta, e vice-versa. O contrário disso só poderia acontecer de um único modo: se alguma afirmação afirmasse algo que a negação não pudesse negar.

7) Depois, quando diz: *e seja isto a contradição*, etc., manifesta qual seja a oposição absoluta da afirmação e da negação. E primeiro, manifesta-a pelo nome; segundo, pela definição; ali: *digo, porém*, etc. Diz, portanto, primeiro, que como a qualquer afirmação se opõe uma negação, e vice-versa, a tal oposição se imponha este nome: que se chame contradição. Pois por isto que se diz, *e seja isto a contradição*, dá-se a entender que ele mesmo impôs o nome de contradição à oposição da afirmação e da negação, como diz Amônio.

8) Em seguida, quando diz: *Digo, porém, oporem-se*, etc., define a contradição. Visto que, como foi dito, a contradição é a oposição da afirmação e da negação, requerem-se para a contradição aquelas coisas que se requerem para a oposição da afirmação e da negação. Ora, é necessário que os opostos versem sobre o mesmo. E porque a enunciação se constitui de sujeito e predicado, requer-se para a contradição, primeiro, que a afirmação e a negação sejam do mesmo predicado: pois se se disser *Platão corre*, *Platão não disputa*, não há contradição; segundo, requer-se que sejam do mesmo sujeito: pois se se disser *Sócrates corre*, *Platão não corre*, não há contradição. Terceiro, requer-se que a identidade do sujeito e do predicado não seja apenas segundo o nome, mas seja simultaneamente segundo a coisa e o nome. Pois, se não for o mesmo nome, é manifesto que não será uma e a mesma enunciação. Semelhantemente, para que a enunciação seja uma, requer-se a identidade da coisa: pois foi dito acima que a enunciação é uma quando significa um de um; e por isso acrescenta: *não, porém, equivocadamente*, isto é, não basta a identidade do nome com a diversidade da coisa, o que produz a equivocação.

9) Sunt autem et quaedam alia in contradictione observanda ad hoc quod tollatur omnis diversitas, praeter eam quae est affirmationis et negationis: non enim esset oppositio si non omnino idem negaret negatio quod affirmavit affirmatio. Haec autem diversitas potest secundum quatuor considerari. Uno quidem modo, secundum diversas partes subiecti: non enim est contradictio si dicatur, Aethiops est albus dente et non est albus pede. Secundo, si sit diversus modus ex parte praedicati: non enim est contradictio si dicatur, Socrates currit tarde et non movetur velociter; vel si dicatur, ovum est animal in potentia et non est animal in actu. Tertio, si sit diversitas ex parte mensurae, puta loci vel temporis; non enim est contradictio si dicatur, pluit in Gallia et non pluit in Italia; aut, pluit heri, hodie non pluit. Quarto, si sit diversitas ex habitudine ad aliquid extrinsecum; puta si dicatur, decem homines esse plures quoad domum, non autem quoad forum. Et haec omnia designat cum subdit: et quaecumque caetera talium determinavimus, idest determinare consuevimus in disputationibus contra sophisticas importunitates, idest contra importunas et litigiosas oppositiones sophistarum, de quibus plenius facit mentionem in I elenchorum.

9) Há, porém, também algumas outras coisas a observar na contradição para que se elimine toda diversidade, exceto aquela que é da afirmação e da negação: pois não haveria oposição se a negação não negasse exatamente o mesmo que a afirmação afirmou. Ora, esta diversidade pode ser considerada segundo quatro modos. De um modo, decerto, segundo as diversas partes do sujeito: pois não há contradição se se disser *o etíope é branco no dente* e *não é branco no pé*. Segundo, se houver modo diverso por parte do predicado: pois não há contradição se se disser *Sócrates corre lentamente* e *não se move velozmente*; ou se se disser *o ovo é um animal em potência* e *não é um animal em ato*. Terceiro, se houver diversidade por parte da medida, como do lugar ou do tempo; pois não há contradição se se disser *chove na Gália* e *não chove na Itália*; ou *choveu ontem, hoje não chove*. Quarto, se houver diversidade pela relação (*habitudine*) com algo extrínseco; por exemplo, se se disser que dez homens são muitos em relação a uma casa, mas não em relação ao fórum. E tudo isso ele designa quando acrescenta: *e todas as outras coisas tais que determinamos*, isto é, costumamos determinar nas disputas contra as importunidades sofísticas, isto é, contra as oposições importunas e litigiosas dos sofistas, das quais faz menção mais plenamente no livro I dos Elencos.

Lectio X

1) Quia philosophus dixerat oppositionem affirmationis et negationis esse contradictionem, quae est eiusdem de eodem, consequenter intendit distinguere diversas oppositiones affirmationis et negationis, ut cognoscatur quae sit vera contradictio. Et circa hoc duo facit: primo, praemittit quamdam divisionem enunciationum necessariam ad praedictam differentiam oppositionum assignandam; secundo, manifestat propositum; ibi: si ergo universaliter et cetera. Praemittit autem divisionem enunciationum quae sumitur secundum differentiam subiecti. Unde circa primum duo facit: primo, dividit subiectum enunciationum; secundo, concludit divisionem enunciationum, ibi: necesse est enunciare et cetera.

1) Como o filósofo dissera que a oposição da afirmação e da negação é a contradição, que é do mesmo sobre o mesmo, consequentemente pretende distinguir as diversas oposições de afirmação e negação, para que se conheça qual é a verdadeira contradição. E sobre isso faz duas coisas: primeiro, antepõe uma certa divisão das enunciações necessária para assinalar a referida diferença das oposições; segundo, manifesta o propósito; ali: *se, portanto, universalmente*, etc. Antepõe, todavia, a divisão das enunciações que é tomada segundo a diferença do sujeito. Assim, sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, divide o sujeito das enunciações; segundo, conclui a divisão das enunciações, ali: *é necessário enunciar*, etc.

2) Subiectum autem enunciationis est nomen vel aliquid loco nominis sumptum. Nomen autem est vox significativa ad placitum simplicis intellectus, quod est similitudo rei; et ideo subiectum enunciationis distinguit per divisionem rerum, et dicit quod rerum quaedam sunt universalia, quaedam sunt singularia. Manifestat autem membra divisionis dupliciter: primo quidem per definitionem, quia universale est quod est aptum natum de pluribus praedicari, singulare vero quod non est aptum natum praedicari de pluribus, sed de uno solo; secundo, manifestat per exemplum cum subdit quod homo est universale, Plato autem singulare.

2) Ora, o sujeito da enunciação é o nome ou algo tomado em lugar do nome. O nome, por sua vez, é a voz significativa segundo o arbítrio do intelecto simples, que é semelhança da coisa; e, por isso, distingue o sujeito da enunciação pela divisão das coisas, e diz que, das coisas, algumas são universais, outras são singulares. Manifesta os membros da divisão de dois modos: primeiro, decerto, pela definição, porque o universal é o que é apto por natureza a ser predicado de muitos, e o singular, na verdade, o que não é apto por natureza a ser predicado de muitos, mas de um só; segundo, manifesta pelo exemplo, ao acrescentar que homem é universal, mas Platão é singular.

3) Accidit autem dubitatio circa hanc divisionem, quia, sicut probat philosophus in VII metaphysicae, universale non est aliquid extra res existens. Item, in praedicamentis dicitur quod secundae substantiae non sunt nisi in primis, quae sunt singulares. Non ergo videtur esse conveniens divisio rerum per universalia et singularia: quia nullae res videntur esse universales, sed omnes sunt singulares.

3) Ocorre, porém, uma dúvida sobre esta divisão, porque, como prova o filósofo no livro VII da Metafísica, o universal não é algo que existe fora das coisas. Do mesmo modo, nas Categorias diz-se que as substâncias segundas não existem senão nas primeiras, que são singulares. Não parece, portanto, ser conveniente a divisão das coisas por universais e singulares: porque nenhuma coisa parece ser universal, mas todas são singulares.

4) Dicendum est autem quod hic dividuntur res secundum quod significantur per nomina, quae subiiciuntur in enunciationibus: dictum est autem supra

4) Deve-se dizer, porém, que aqui se dividem as coisas segundo são significadas pelos nomes que são sujeitos nas enunciações: ora, foi dito acima que os

quod nomina non significant res nisi mediante intellectu; et ideo oportet quod divisio ista rerum accipiatur secundum quod res cadunt in intellectu. Ea vero quae sunt coniuncta in rebus intellectus potest distinguere, quando unum eorum non cadit in ratione alterius. In qualibet autem re singulari est considerare aliquid quod est proprium illi rei, in quantum est haec res, sicut Socrati vel Platoni in quantum est hic homo; et aliquid est considerare in ea, in quo convenit cum aliis quibusdam rebus, sicut quod Socrates est animal, aut homo, aut rationalis, aut risibilis, aut albus. Quando igitur res denominatur ab eo quod convenit illi soli rei in quantum est haec res, huiusmodi nomen dicitur significare aliquid singulare; quando autem denominatur res ab eo quod est commune sibi et multis aliis, nomen huiusmodi dicitur significare universale, quia scilicet nomen significat naturam sive dispositionem aliquam, quae est communis multis. Quia igitur hanc divisionem dedit de rebus non absolute secundum quod sunt extra animam, sed secundum quod referuntur ad intellectum, non definivit universale et singulare secundum aliquid quod pertinet ad rem, puta si diceret quod universale extra animam, quod pertinet ad opinionem Platonis, sed per actum animae intellectivae, quod est praedicari de multis vel de uno solo.

nomes não significam as coisas senão mediante o intelecto; e, por isso, é necessário que esta divisão das coisas seja aceita segundo as coisas caem no intelecto. Aquilo que está unido nas coisas, o intelecto pode distinguir quando um deles não cai na definição do outro. Em qualquer coisa singular, deve-se considerar algo que é próprio àquela coisa enquanto é "esta coisa" (como em Sócrates ou Platão enquanto é "este homem"), e algo nela se deve considerar no qual convém com outras certas coisas (como que Sócrates é animal, ou homem, ou racional, ou risível, ou branco). Quando, portanto, a coisa é denominada por aquilo que convém apenas àquela coisa enquanto é "esta coisa", tal nome diz-se significar algo singular; quando, porém, a coisa é denominada por aquilo que é comum a si e a muitas outras, tal nome diz-se significar o universal, porque o nome significa uma natureza ou alguma disposição que é comum a muitos. Visto que, portanto, deu esta divisão das coisas não absolutamente (*absolute*) segundo são fora da alma, mas segundo se referem ao intelecto, não definiu o universal e o singular segundo algo que pertence à coisa (como se dissesse que o universal está fora da alma, o que pertence à opinião de Platão), mas pelo ato da alma intelectiva, que é ser predicado de muitos ou de um só.

5) Est autem considerandum quod intellectus apprehendit rem intellectam secundum propriam essentiam, seu definitionem: unde et in III de anima dicitur quod obiectum proprium intellectus est quod quid est. Contingit autem quandoque quod propria ratio alicuius formae intellectae non repugnat ei quod est esse in pluribus, sed hoc impeditur ab aliquo alio, sive sit aliquid accidentaliter adveniens, puta si omnibus hominibus morientibus unus solus remaneret, sive sit propter conditionem materiae, sicut est unus tantum sol, non quod repugnet rationi solari esse in pluribus secundum conditionem formae ipsius, sed quia non est alia materia susceptiva talis formae; et ideo non dixit quod universale est quod praedicatur de pluribus, sed quod aptum natum est praedicari de pluribus.

5) Deve-se considerar que o intelecto apreende a coisa entendida segundo a própria essência ou definição: por isso, no livro III do *De Anima*, diz-se que o objeto próprio do intelecto é "o que é". Acontece, porém, às vezes, que a definição própria de alguma forma entendida não repugna ao fato de estar em muitos, mas isso é impedido por algo outro, seja algo que sobrevenha acidentalmente (como se, morrendo todos os homens, restasse um só), seja por causa da condição da matéria (como há um só sol, não que repugne à definição solar estar em muitos segundo a condição de sua forma, mas porque não há outra matéria suscetível de tal forma); e, por isso, não disse que o universal é o que "se predica" de muitos, mas o que "é apto por natureza" a ser predicado de muitos.

6) Cum autem omnis forma, quae nata est recipi in materia quantum est de se, communicabilis sit multis materiis; dupliciter potest contingere quod id quod significatur per nomen, non sit aptum natum praedicari de pluribus. Uno modo, quia nomen significat formam secundum quod terminata est ad hanc materiam, sicut hoc nomen Socrates vel Plato, quod significat naturam humanam prout est in hac materia. Alio modo, secundum quod nomen significat formam, quae non est nata in materia recipi, unde oportet quod per se remaneat una et singularis; sicut albedo, si esset forma non existens in materia, essent una sola, unde esset singularis: et propter hoc philosophus dicit in VII Metaphys. quod si essent species rerum separatae, sicut posuit Plato, essent individua.

6) Como toda forma que é apta a ser recebida na matéria, por si mesma, é comunicável a muitas matérias, de dois modos pode acontecer que aquilo que é significado pelo nome não seja apto por natureza a ser predicado de muitos. De um modo, porque o nome significa a forma segundo está terminada nesta matéria, como este nome Sócrates ou Platão, que significa a natureza humana enquanto está nesta matéria. De outro modo, segundo o nome significa a forma que não é apta a ser recebida na matéria, de onde é necessário que permaneça por si mesma uma e singular; como a brancura, se fosse uma forma não existente na matéria, seria uma só, de onde seria singular: e por isso o filósofo diz no livro VII da Metafísica que, se houvesse espécies das coisas separadas, como pôs Platão, seriam indivíduos.

7) Potest autem obiici quod hoc nomen Socrates vel Plato est natum de pluribus praedicari, quia nihil prohibet multos esse, qui vocentur hoc nomine. Sed ad hoc patet responsio, si attendantur verba Aristotelis. Ipse enim non divisit nomina in universale et particulare, sed res. Et ideo intelligendum est quod universale dicitur quando, non solum nomen potest de pluribus praedicari, sed id, quod significatur per nomen, est natum in pluribus inveniri; hoc autem non contingit in praedictis nominibus: nam hoc nomen Socrates vel Plato significat naturam humanam secundum quod est in hac materia. Si vero hoc nomen imponatur alteri homini significabit naturam humanam in alia materia; et sic eius erit alia significatio; unde non erit universale, sed aequivocum.

7) Pode-se objetar que este nome Sócrates ou Platão é apto a ser predicado de muitos, pois nada proíbe que existam muitos que sejam chamados por este nome. Mas a resposta é clara se se atentarem às palavras de Aristóteles. Ele não dividiu os nomes em universal e particular, mas as coisas. Por isso, deve-se entender que se diz "universal" quando não apenas o nome pode ser predicado de muitos, mas aquilo que é significado pelo nome é apto a ser encontrado em muitos; ora, isto não acontece nos nomes referidos: pois este nome Sócrates ou Platão significa a natureza humana segundo está nesta matéria. Se, na verdade, este nome for imposto a outro homem, significará a natureza humana em outra matéria; e assim terá outra significação; portanto, não será universal, mas equívoco.

8) Deinde cum dicit: necesse est autem enunciare etc., concludit divisionem enunciationis. Quia enim semper enunciatur aliquid de aliqua re; rerum autem quaedam sunt universalia, quaedam singularia; necesse est quod quandoque enuncietur aliquid inesse vel non inesse alicui universalium, quandoque vero alicui singularium. Et est suspensiva constructio usque huc, et est sensus: quoniam autem sunt haec quidem rerum etc., necesse est enunciare et cetera.

8) Depois, quando diz: *é necessário, porém, enunciar*, etc., conclui a divisão da enunciação. Pois, como sempre se enuncia algo de alguma coisa; e das coisas algumas são universais, outras singulares; é necessário que às vezes se enuncie que algo está ou não está presente em algum dos universais, e às vezes em algum dos singulares. E a construção fica suspensa até aqui, sendo o sentido: *visto que, porém, algumas coisas são*, etc., *é necessário enunciar*, etc.

9) Est autem considerandum quod de universali aliquid enunciatur quatuor modis. Nam universale potest uno modo considerari quasi separatum a singularibus, sive per se subsistens, ut Plato posuit, sive, secundum sententiam Aristotelis, secundum esse quod habet in intellectu. Et sic potest ei aliquid attribui dupliciter. Quandoque enim attribuitur ei sic considerato aliquid, quod pertinet ad solam operationem intellectus, ut si dicatur quod homo est praedicabile de multis, sive universale, sive species. Huiusmodi enim intentiones format intellectus attribuens eas naturae intellectae, secundum quod comparat ipsam ad res, quae sunt extra animam. Quandoque vero attribuitur aliquid universali sic considerato, quod scilicet apprehenditur ab intellectu ut unum, tamen id quod attribuitur ei non pertinet ad actum intellectus, sed ad esse, quod habet natura apprehensa in rebus, quae sunt extra animam, puta si dicatur quod homo est dignissima creaturarum. Hoc enim convenit naturae humanae etiam secundum quod est in singularibus. Nam quilibet homo singularis dignior est omnibus creaturis irrationalibus; sed tamen omnes homines singulares non sunt unus homo extra animam, sed solum in acceptione intellectus; et per hunc modum attribuitur ei praedicatum, scilicet ut uni rei. Alio autem modo attribuitur universali, prout est in singularibus, et hoc dupliciter. Quandoque quidem ratione ipsius naturae universalis, puta cum attribuitur ei aliquid quod ad essentiam eius pertinet, vel quod consequitur principia essentialia; ut cum dicitur, homo est animal, vel homo est risibilis. Quandoque autem attribuitur ei aliquid ratione singularis in quo invenitur, puta cum attribuitur ei aliquid quod pertinet ad actionem individui; ut cum dicitur, homo ambulat. Singulari autem attribuitur aliquid tripliciter: uno modo, secundum quod cadit in apprehensione; ut cum dicitur, Socrates est singulare, vel praedicabile de uno solo. Quandoque autem, ratione naturae communis; ut cum dicitur, Socrates est animal. Quandoque autem, ratione sui ipsius; ut cum dicitur, Socrates ambulat. Et totidem etiam modis negationes variantur: quia omne quod contingit affirmare, contingit negare, ut supra dictum est.

9) Deve-se considerar que algo se enuncia do universal de quatro modos. Pois o universal pode, de um modo, ser considerado como separado dos singulares, seja subsistente por si (como pôs Platão), seja, segundo a sentença de Aristóteles, segundo o ser que tem no intelecto. E assim pode-se lhe atribuir algo de dois modos. Às vezes, atribui-se a ele, assim considerado, algo que pertence apenas à operação do intelecto, como se se dissesse que "homem é predicável de muitos", ou "universal", ou "espécie". Pois o intelecto forma tais intenções atribuindo-as à natureza entendida, segundo a compara com as coisas que estão fora da alma. Outras vezes, porém, atribui-se algo ao universal assim considerado (que é apreendido pelo intelecto como um), todavia aquilo que lhe é atribuído não pertence ao ato do intelecto, mas ao ser que a natureza apreendida tem nas coisas fora da alma, por exemplo, se se disser que "o homem é a mais digna das criaturas". Pois isto convém à natureza humana também segundo está nos singulares. Pois qualquer homem singular é mais digno que todas as criaturas irracionais; mas todos os homens singulares não são um só homem fora da alma, mas apenas na acepção do intelecto; e por este modo atribui-se-lhe o predicado, a saber, como a uma só coisa. De outro modo, atribui-se ao universal enquanto está nos singulares, e isto de dois modos. Às vezes, decerto, pela razão da própria natureza universal, por exemplo, quando se lhe atribui algo que pertence à sua essência, ou que segue os princípios essenciais; como quando se diz "o homem é animal" ou "o homem é risível". Outras vezes, porém, atribui-se-lhe algo pela razão do singular no qual se encontra, por exemplo, quando se lhe atribui algo que pertence à ação do indivíduo; como quando se diz "o homem caminha". Já ao singular atribui-se algo de três modos: de um modo, segundo cai na apreensão; como quando se diz "Sócrates é singular" ou "predicável de um só". Às vezes, porém, pela razão da natureza comum; como quando se diz "Sócrates é animal". Outras vezes, pela razão de si mesmo; como quando se diz "Sócrates caminha". E em tantos outros modos as negações variam: porque tudo o que acontece afirmar, acontece negar, como foi dito acima.

10) Est autem haec tertia divisio enunciationis quam ponit philosophus. Prima namque fuit quod enunciationum quaedam est una simpliciter, quae dam vero coniunctione una. Quae quidem est divisio analogi in ea de quibus praedicatur secundum prius et posterius: sic enim unum dividitur secundum prius in simplex et per posterius in compositum. Alia vero fuit divisio enunciationis in affirmationem et negationem. Quae quidem est divisio generis in species, quia sumitur secundum differentiam praedicati ad quod fertur negatio; praedicatum autem est pars formalis enunciationis; et ideo huiusmodi divisio dicitur pertinere ad qualitatem enunciationis, qualitatem, inquam, essentialem, secundum quod differentia significat quale quid. Tertia autem est huiusmodi divisio, quae sumitur secundum differentiam subiecti, quod praedicatur de pluribus vel de uno solo, et ideo dicitur pertinere ad quantitatem enunciationis, nam et quantitas consequitur materiam.

10) Esta é a terceira divisão da enunciação que o filósofo põe. A primeira, de fato, foi que, das enunciações, uma é uma absolutamente (*simpliciter*), outra, porém, uma por conjunção. Esta é uma divisão do análogo naquilo de que se predica segundo o anterior e o posterior: pois assim o um se divide segundo o anterior em simples e, pelo posterior, em composto. Outra foi a divisão da enunciação em afirmação e negação. Esta é uma divisão do gênero em espécies, porque é tomada segundo a diferença do predicado ao qual se dirige a negação; ora, o predicado é a parte formal da enunciação; e, por isso, tal divisão diz-se pertencer à qualidade da enunciação — qualidade, digo, essencial, segundo a qual a diferença significa "de que qualidade". A terceira é esta divisão que se toma segundo a diferença do sujeito, que é predicado de muitos ou de um só e, por isso, diz-se pertencer à quantidade da enunciação, pois também a quantidade segue a matéria.

11) Deinde cum dicit: si ergo universaliter etc., ostendit quomodo enunciationes diversimode opponantur secundum diversitatem subiecti. Et circa hoc duo facit: primo, distinguit diversos modos oppositionum in ipsis enunciationibus; secundo, ostendit quomodo diversae oppositiones diversimode se habent ad verum et falsum; ibi: quocirca, has quidem impossibile est et cetera.

11) Depois, quando diz: *se, portanto, universalmente*, etc., mostra como as enunciações se opõem diversamente segundo a diversidade do sujeito. E sobre isso faz duas coisas: primeiro, distingue os diversos modos de oposições nas próprias enunciações; segundo, mostra como as diversas oposições se comportam diversamente em relação ao verdadeiro e ao falso; ali: *pelo que, é impossível que estas*, etc.

12) Circa primum considerandum est quod cum universale possit considerari in abstractione a singularibus vel secundum quod est in ipsis singularibus, secundum hoc diversimode aliquid ei attribuitur, ut supra dictum est. Ad designandum autem diversos modos attributionis inventae sunt quaedam dictiones, quae possunt dici determinationes vel signa, quibus designatur quod aliquid de universali, hoc aut illo modo praedicetur. Sed quia non est ab omnibus communiter apprehensum quod universalia extra singularia subsistant, ideo communis usus loquendi non habet aliquam dictionem ad designandum illum modum praedicandi, prout aliquid dicitur in abstractione a singularibus. Sed Plato, qui posuit universalia extra singularia subsistere, adinvenit aliquas determinationes, quibus designaretur quomodo aliquid

12) Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que, como o universal pode ser considerado em abstração dos singulares ou segundo está nos próprios singulares, segundo isto algo lhe é atribuído diversamente, como foi dito acima. Para designar os diversos modos de atribuição, foram inventadas certas dicções, que podem ser chamadas de determinações ou sinais (quantificadores), pelos quais se designa que algo se predica do universal deste ou daquele modo. Mas, porque não é apreendido comumente por todos que os universais subsistam fora dos singulares, o uso comum da fala não possui dicção alguma para designar aquele modo de predicar conforme algo é dito em abstração dos singulares. Mas Platão, que pôs os universais subsistentes fora dos singulares, inventou algumas determinações pelas quais se designaria como algo é atribuído ao univer-

attribuitur universali, prout est extra singularia, et vocabat universale separatum subsistens extra singularia quantum ad speciem hominis, per se hominem vel ipsum hominem et similiter in aliis universalibus. Sed universale secundum quod est in singularibus cadit in communi apprehensione hominum; et ideo adinventae sunt quaedam dictiones ad significandum modum attribuendi aliquid universali sic accepto.

sal enquanto está fora dos singulares, e chamava o universal separado subsistente fora dos singulares, quanto à espécie homem, de "homem em si" ou "o próprio homem", e semelhantemente nos outros universais. Mas o universal segundo está nos singulares cai na apreensão comum dos homens; e por isso foram inventadas certas dicções para significar o modo de atribuir algo ao universal assim aceito.

13) Sicut autem supra dictum est, quandoque aliquid attribuitur universali ratione ipsius naturae universalis; et ideo hoc dicitur praedicari de eo universaliter, quia scilicet ei convenit secundum totam multitudinem in qua invenitur; et ad hoc designandum in affirmativis praedicationibus adinventa est haec dictio, omnis, quae designat quod praedicatum attribuitur subiecto universali quantum ad totum id quod sub subiecto continetur. In negativis autem praedicationibus adinventa est haec dictio, nullus, per quam significatur quod praedicatum removetur a subiecto universali secundum totum id quod continetur sub eo. Unde nullus dicitur quasi non ullus, et in Graeco dicitur, udis quasi nec unus, quia nec unum solum est accipere sub subiecto universali a quo praedicatum non removeatur. Quandoque autem attribuitur universali aliquid vel removetur ab eo ratione particularis; et ad hoc designandum, in affirmativis quidem adinventa est haec dictio, aliquis vel quidam, per quam designatur quod praedicatum attribuitur subiecto universali ratione ipsius particularis; sed quia non determinate significat formam alicuius singularis, sub quadam indeterminatione singulare designat; unde et dicitur individuum vagum. In negativis autem non est aliqua dictio posita, sed possumus accipere, non omnis; ut sicut, nullus, universaliter removet, eo quod significat quasi diceretur, non ullus, idest, non aliquis, ita etiam, non omnis, particulariter removeat, in quantum excludit universalem affirmationem.

13) Como dito acima, às vezes algo se atribui ao universal pela razão da própria natureza universal; e por isso diz-se que isto se predica dele universalmente, porque lhe convém segundo toda a multidão na qual se encontra; para designar isto nas predicações afirmativas, inventou-se esta dicção, "todo", que designa que o predicado se atribui ao sujeito universal quanto a tudo o que está contido sob o sujeito. Nas predicações negativas, porém, inventou-se esta dicção, "nenhum", pela qual se significa que o predicado é removido do sujeito universal segundo tudo o que está contido sob ele. Por isso, "nenhum" diz-se como "não algum", e no grego diz-se "udis" como "nem um só", porque não se pode tomar nem um só sob o sujeito universal do qual o predicado não seja removido. Às vezes, porém, atribui-se algo ao universal ou se remove dele pela razão do particular; e para designar isto, nas afirmativas inventou-se esta dicção, "algum" ou "certo", pela qual se designa que o predicado se atribui ao sujeito universal pela razão do próprio particular; mas, como não significa determinadamente a forma de algum singular, designa o singular sob certa indeterminação; por onde também é chamado de "indivíduo vago". Nas negativas, porém, não foi posta uma dicção específica, mas podemos tomar "nem todo"; de modo que, assim como "nenhum" remove universalmente (porque significa como se dissesse "não algum"), assim também "nem todo" remova particularmente, enquanto exclui a afirmação universal.

14) Sic igitur tria sunt genera affirmationum in quibus aliquid de universali praedicatur. Una quidem est, in qua de universali praedicatur aliquid universaliter; ut cum dicitur, omnis homo est animal. Alia, in qua aliquid praedicatur de universali

14) Assim, portanto, há três gêneros de afirmações nas quais algo se predica do universal. Uma é aquela na qual se predica algo do universal universalmente; como quando se diz "todo homem é animal". Outra, na qual se predica algo do uni-

particulariter; ut cum dicitur, quidam homo est albus. Tertia vero est, in qua aliquid de universali praedicatur absque determinatione universalitatis vel particularitatis; unde huiusmodi enunciatio solet vocari indefinita. Totidem autem sunt negationes oppositae.

versal particularmente; como quando se diz "certo homem é branco". A terceira é aquela na qual se predica algo do universal sem determinação de universalidade ou particularidade; por onde tal enunciação costuma ser chamada de indefinida. E há o mesmo número de negações opostas.

15) De singulari autem quamvis aliquid diversa ratione praedicetur, ut supra dictum est, tamen totum refertur ad singularitatem ipsius, quia etiam natura universalis in ipso singulari individuatur; et ideo nihil refert quantum ad naturam singularitatis, utrum aliquid praedicetur de eo ratione universalis naturae; ut cum dicitur, Socrates est homo, vel conveniat ei ratione singularitatis.

15) Quanto ao singular, embora algo seja predicado por razões diversas, como dito acima, tudo se refere à sua própria singularidade, porque também a natureza universal se individua no próprio singular; por isso, nada importa quanto à natureza da singularidade se algo lhe é predicado por razão da natureza universal (como quando se diz "Sócrates é homem") ou se lhe convém por razão da singularidade.

16) Si igitur tribus praedictis enunciationibus addatur singularis, erunt quatuor modi enunciationis ad quantitatem ipsius pertinentes, scilicet universalis, singularis, indefinitus et particularis.

16) Se, portanto, às três enunciações referidas se acrescentar a singular, haverá quatro modos de enunciação pertencentes à sua quantidade, a saber: universal, singular, indefinida e particular.

17) Sic igitur secundum has differentias Aristoteles assignat diversas oppositiones enunciationum adinvicem. Et primo, secundum differentiam universalium ad indefinitas; secundo, secundum differentiam universalium ad particulares; ibi: opponi autem affirmationem et cetera. Circa primum tria facit: primo, agit de oppositione propositionum universalium adinvicem; secundo, de oppositione indefinitarum; ibi: quando autem in universalibus etc.; tertio, excludit dubitationem; ibi: in eo vero quod et cetera.

17) Assim, pois, segundo estas diferenças, Aristóteles assinala as diversas oposições das enunciações entre si. Primeiro, segundo a diferença das universais em relação às indefinidas; segundo, segundo a diferença das universais em relação às particulares; ali: *opor-se, porém, a afirmação*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: primeiro, trata da oposição das proposições universais entre si; segundo, da oposição das indefinidas; ali: *quando, porém, nas universais*, etc.; terceiro, exclui uma dúvida; ali: *naquilo, porém, que*, etc.

18) Dicit ergo primo quod si aliquis enunciet de subiecto universali universaliter, idest secundum continentiam suae universalitatis, quoniam est, idest affirmative, aut non est, idest negative, erunt contrariae enunciationes; ut si dicatur, omnis homo est albus, nullus homo est albus. Huius autem ratio est, quia contraria dicuntur quae maxime a se distant: non enim dicitur aliquid nigrum ex hoc solum quod non est album, sed super hoc quod est non esse album, quod significat communiter remotionem albi, addit nigrum extremam distantiam ab albo. Sic igitur id quod affirmatur per hanc

18) Diz, portanto, primeiro, que se alguém enuncia de um sujeito universal universalmente, isto é, segundo a abrangência de sua universalidade, "que é" (afirmativamente) ou "não é" (negativamente), serão enunciações contrárias; como se se dissesse "todo homem é branco", "nenhum homem é branco". A razão disso é que se dizem contrárias as coisas que maximamente se distanciam entre si: pois não se diz que algo é preto apenas porque não é branco, mas sobre o fato de não ser branco (que significa comumente a remoção do branco), acrescenta-se o preto como distância extrema do

enunciationem, omnis homo est albus, removetur per hanc negationem, non omnis homo est albus. Oportet ergo quod negatio removeat modum quo praedicatum dicitur de subiecto, quem designat haec dictio, omnis. Sed super hanc remotionem addit haec enunciatio, nullus homo est albus, totalem remotionem, quae est extrema distantia a primo; quod pertinet ad rationem contrarietatis. Et ideo convenienter hanc oppositionem dicit contrarietatem.

branco. Assim, pois, aquilo que se afirma por esta enunciação, "todo homem é branco", é removido por esta negação, "nem todo homem é branco". É necessário, portanto, que a negação remova o modo pelo qual o predicado é dito do sujeito, o qual esta dicção "todo" designa. Mas, sobre esta remoção, esta enunciação "nenhum homem é branco" acrescenta a remoção total, que é a distância extrema da primeira; o que pertence à definição da contrariedade. E por isso convenientemente chama esta oposição de contrariedade.

19) Deinde cum dicit: quando autem etc., ostendit qualis sit oppositio affirmationis et negationis in indefinitis. Et primo, proponit quod intendit; secundo, manifestat propositum per exempla; ibi: dico autem non universaliter etc.; tertio, assignat rationem manifestationis; ibi: cum enim universale sit homo et cetera. Dicit ergo primo quod quando de universalibus subiectis affirmatur aliquid vel negatur non tamen universaliter, non sunt contrariae enunciationes, sed illa quae significantur contingit esse contraria. Deinde cum dicit: dico autem non universaliter etc., manifestat per exempla. Ubi considerandum est quod non dixerat quando in universalibus particulariter, sed non universaliter. Non enim intendit de particularibus enunciationibus, sed de solis indefinitis. Et hoc manifestat per exempla quae ponit, dicens fieri in universalibus subiectis non universalem enunciationem; cum dicitur, est albus homo, non est albus homo. Et rationem huius expositionis ostendit, quia homo, qui subiicitur, est universale, sed tamen praedicatum non universaliter de eo praedicatur, quia non apponitur haec dictio, omnis: quae non significat ipsum universale, sed modum universalitatis, prout scilicet praedicatum dicitur universaliter de subiecto; et ideo addita subiecto universali, semper significat quod aliquid de eo dicatur universaliter. Tota autem haec expositio refertur ad hoc quod dixerat: quando in universalibus non universaliter enunciatur, non sunt contrariae.

19) Depois, quando diz: *quando, porém*, etc., mostra qual seja a oposição da afirmação e da negação nas indefinidas. Primeiro, propõe o que pretende; segundo, manifesta o propósito por exemplos; ali: *digo, porém, não universalmente*, etc.; terceiro, assinala a razão da manifestação; ali: *pois como o universal seja o homem*, etc. Diz, portanto, primeiro, que quando de sujeitos universais se afirma ou nega algo, mas não universalmente, não são enunciações contrárias, mas as coisas que são significadas acontece serem contrárias. Em seguida, quando diz: *digo, porém, não universalmente*, etc., manifesta por exemplos. Onde deve-se considerar que não dissera "quando nas universais particularmente", mas "não universalmente". Pois não pretende tratar das enunciações particulares, mas apenas das indefinidas. E manifesta isto pelos exemplos que põe, dizendo dar-se no sujeito universal uma enunciação não universal; quando se diz "o homem é branco", "o homem não é branco". E mostra a razão desta exposição: porque "homem", que é o sujeito, é universal, mas todavia o predicado não é predicado dele universalmente, porque não se apõe esta dicção "todo": a qual não significa o próprio universal, mas o modo da universalidade, a saber, conforme o predicado é dito universalmente do sujeito; por isso, acrescentada ao sujeito universal, sempre significa que algo dele é dito universalmente. Toda esta exposição refere-se ao que dissera: *quando nas universais não se enuncia universalmente, não são contrárias.*

20) Sed hoc quod additur: quae autem significantur contingit esse contraria, non est expositum, quamvis obscuritatem contineat; et ideo a diver-

20) Mas isto que se acrescenta: *as coisas, porém, significadas acontece serem contrárias*, não foi exposto, embora contenha obscuridade; por isso é ex-

sis diversimode exponitur. Quiam enim hoc referre voluerunt ad contrarietatem veritatis et falsitatis, quae competit huiusmodi enunciationibus. Contingit enim quandoque has simul esse veras, homo est albus, homo non est albus; et sic non sunt contrariae, quia contraria mutuo se tollunt. Contingit tamen quandoque unam earum esse veram et alteram esse falsam; ut cum dicitur, homo est animal, homo non est animal; et sic ratione significati videntur habere quamdam contrarietatem. Sed hoc non videtur ad propositum pertinere, tum quia philosophus nondum hic loquitur de veritate et falsitate enunciationum; tum etiam quia hoc ipsum posset de particularibus enunciationibus dici.

posto diversamente por diversos autores. Alguns, decerto, quiseram referir isto à contrariedade da verdade e da falsidade, que compete a tais enunciações. Pois acontece às vezes que estas sejam simultaneamente verdadeiras ("o homem é branco", "o homem não é branco"); e assim não são contrárias, pois os contrários se excluem mutuamente. Acontece, porém, às vezes, que uma delas seja verdadeira e a outra falsa (como quando se diz "o homem é animal", "o homem não é animal"); e assim, pela razão do significado, parecem ter certa contrariedade. Mas isto não parece pertencer ao propósito, tanto porque o filósofo ainda não fala aqui da verdade e falsidade das enunciações, quanto porque isto mesmo poderia ser dito das enunciações particulares.

21) Alii vero, sequentes Porphyrium, referunt hoc ad contrarietatem praedicati. Contingit enim quandoque quod praedicatum negatur de subiecto propter hoc quod inest ei contrarium; sicut si dicatur, homo non est albus, quia est niger; et sic id quod significatur per hoc quod dicitur, non est albus, potest esse contrarium. Non tamen semper: removetur enim aliquid a subiecto, etiam si contrarium non insit, sed aliquid medium inter contraria; ut cum dicitur, aliquis non est albus, quia est pallidus; vel quia inest ei privatio actus vel habitus seu potentiae; ut cum dicitur, aliquis non est videns, quia est carens potentia visiva, aut habet impedimentum ne videat, vel etiam quia non est aptus natus videre; puta si dicatur, lapis non videt. Sic igitur illa, quae significantur contingit esse contraria, sed ipsae enunciationes non sunt contrariae, quia ut in fine huius libri dicetur, non sunt contrariae opiniones quae sunt de contrariis, sicut opinio quod aliquid sit bonum, et illa quae est, quod aliquid non est bonum.

21) Outros, seguindo Porfírio, referem isto à contrariedade do predicado. Acontece às vezes que o predicado é negado do sujeito pelo fato de lhe estar presente o contrário; como se se dissesse "o homem não é branco" porque é negro; e assim aquilo que é significado por "não é branco" pode ser contrário. Todavia, nem sempre: pois algo é removido do sujeito mesmo que o contrário não esteja presente, mas sim algo intermediário entre os contrários; como quando se diz "alguém não é branco" porque é pálido; ou porque lhe está presente a privação do ato, do hábito ou da potência; como quando se diz "alguém não é vidente" porque carece da potência visiva, ou tem um impedimento para ver, ou ainda porque não é apto por natureza a ver (por exemplo, se se disser "a pedra não vê"). Assim, portanto, as coisas significadas acontece serem contrárias, mas as próprias enunciações não são contrárias, porque, como se dirá ao fim deste livro, não são contrárias as opiniões que versam sobre contrários, como a opinião de que algo é bom e aquela de que algo não é bom.

22) Sed nec hoc videtur ad propositum Aristotelis pertinere, quia non agit hic de contrarietate rerum vel opinionum, sed de contrarietate enunciationum: et ideo magis videtur hic sequenda expositio Alexandri. Secundum quam dicendum est quod in indefinitis enunciationibus non determinatur utrum praedicatum attribuatur subiecto uni-

22) Mas nem isto parece pertencer ao propósito de Aristóteles, porque ele não trata aqui da contrariedade das coisas ou das opiniões, mas da contrariedade das enunciações: por isso, parece que se deve seguir aqui a exposição de Alexandre. Segundo a qual deve-se dizer que nas enunciações indefinidas não se determina se o predicado se atribui

versaliter (quod faceret contrarietatem enunciationum), aut particulariter (quod non faceret contrarietatem enunciationum); et ideo huiusmodi enunciationes indefinitae non sunt contrariae secundum modum quo proferuntur. Contingit tamen quandoque ratione significati eas habere contrarietatem, puta, cum attribuitur aliquid universali ratione naturae universalis, quamvis non apponatur signum universale; ut cum dicitur, homo est animal, homo non est animal: quia hae enunciationes eamdem habent vim ratione significati; ac si diceretur, omnis homo est animal, nullus homo est animal.

ao sujeito universalmente (o que produziria a contrariedade das enunciações) ou particularmente (o que não produziria a contrariedade); e por isso tais enunciações indefinidas não são contrárias segundo o modo como são proferidas. Acontece, porém, às vezes, que pela razão do significado tenham contrariedade, por exemplo, quando se atribui algo ao universal pela razão da natureza universal, embora não se aponha o sinal universal; como quando se diz "o homem é animal", "o homem não é animal": porque estas enunciações têm a mesma força pela razão do significado, como se se dissesse "todo homem é animal", "nenhum homem é animal".

23) Deinde cum dicit: in eo vero quod etc., removet quoddam quod posset esse dubium. Quia enim posuerat quamdam diversitatem in oppositione enunciationum ex hoc quod universale sumitur a parte subiecti universaliter vel non universaliter, posset aliquis credere quod similis diversitas nasceretur ex parte praedicati, ex hoc scilicet quod universale praedicari posset et universaliter et non universaliter; et ideo ad hoc excludendum dicit quod in eo quod praedicatur aliquod universale, non est verum quod praedicetur universale universaliter. Cuius quidem duplex esse potest ratio. Una quidem, quia talis modus praedicandi videtur repugnare praedicato secundum propriam rationem quam habet in enunciatione. Dictum est enim supra quod praedicatum est quasi pars formalis enunciationis, subiectum autem est pars materialis ipsius: cum autem aliquod universale profertur universaliter, ipsum universale sumitur secundum habitudinem quam habet ad singularia, quae sub se continet; sicut et quando universale profertur particulariter, sumitur secundum habitudinem quam habet ad aliquod contentorum sub se; et sic utrumque pertinet ad materialem determinationem universalis: et ideo neque signum universale neque particulare convenienter additur praedicato, sed magis subiecto: convenientius enim dicitur, nullus homo est asinus, quam, omnis homo est nullus asinus; et similiter convenientius dicitur, aliquis homo est albus, quam, homo est aliquid album. Invenitur autem quandoque a philosophis signum particulare appositum praedicato, ad insinuandum quod praedicatum est in plus quam subiec-

23) Depois, quando diz: *naquilo, porém, que*, etc., remove algo que poderia ser duvidoso. Como havia posto certa diversidade na oposição das enunciações pelo fato de o universal ser tomado por parte do sujeito universalmente ou não universalmente, alguém poderia crer que semelhante diversidade nasceria por parte do predicado, a saber, pelo fato de que o universal poderia ser predicado tanto universalmente quanto não universalmente; e por isso, para excluir isto, diz que naquilo que se predica um universal, não é verdadeiro que o universal seja predicado universalmente. De cuja afirmação pode haver uma dupla razão. Uma, decerto, porque tal modo de predicar parece repugnar ao predicado segundo a definição própria que tem na enunciação. Pois foi dito acima que o predicado é como a parte formal da enunciação, e o sujeito é a sua parte material: ora, quando algum universal é proferido universalmente, o próprio universal é tomado segundo a relação que tem com os singulares que contém sob si; assim como quando o universal é proferido particularmente, é tomado segundo a relação que tem com algum dos conteúdos sob si; e assim ambos pertencem à determinação material do universal: por isso, nem o sinal universal nem o particular são convenientemente adicionados ao predicado, mas sim ao sujeito: pois diz-se mais convenientemente "nenhum homem é asno" do que "todo homem é nenhum asno"; e semelhantemente diz-se mais convenientemente "algum homem é branco" do que "o homem é algo branco". Encontra-se, todavia, às vezes nos filósofos, o sinal particular aposto ao predicado para insinuar que o

tum, et hoc praecipue cum, habito genere, investigant differentias completivas speciei, sicut in II de anima dicitur quod anima est actus quidam. Alia vero ratio potest accipi ex parte veritatis enunciationis; et ista specialiter habet locum in affirmationibus quae falsae essent si praedicatum universaliter praedicaretur. Et ideo manifestans id quod posuerat, subiungit quod nulla affirmatio est in qua, scilicet vere, de universali praedicato universaliter praedicetur, idest in qua universali praedicato utitur ad universaliter praedicandum; ut si diceretur, omnis homo est omne animal. Oportet enim, secundum praedicta, quod hoc praedicatum animal, secundum singula quae sub ipso continentur, praedicaretur de singulis quae continentur sub homine; et hoc non potest esse verum, neque si praedicatum sit in plus quam subiectum, neque si praedicatum sit convertibile cum eo. Oporteret enim quod quilibet unus homo esset animalia omnia, aut omnia risibilia: quae repugnant rationi singularis, quod accipitur sub universali.

predicado tem maior extensão que o sujeito, e isto principalmente quando, tendo o gênero, investigam as diferenças completivas da espécie, como no livro II do *De Anima* se diz que "a alma é um certo ato". Outra razão pode ser tomada por parte da verdade da enunciação; e esta tem lugar especialmente nas afirmações que seriam falsas se o predicado fosse predicado universalmente. Por isso, manifestando o que havia posto, acrescenta que "nenhuma afirmação há na qual" (a saber, verdadeiramente) "do predicado universal se predique universalmente", isto é, na qual se utilize o predicado universal para predicar universalmente; como se se dissesse "todo homem é todo animal". Seria necessário, segundo o que foi dito, que este predicado "animal", segundo cada um dos seres contidos sob ele, fosse predicado de cada um dos seres contidos sob "homem"; e isto não pode ser verdadeiro, nem se o predicado tiver maior extensão que o sujeito, nem se o predicado for conversível com ele. Seria necessário que cada homem individual fosse todos os animais, ou todos os risíveis: o que repugna à definição do singular, que é aceito sob o universal.

24) Nec est instantia si dicatur quod haec est vera, omnis homo est omnis disciplinae susceptivus: disciplina enim non praedicatur de homine, sed susceptivum disciplinae; repugnaret autem veritati si diceretur, omnis homo est omne susceptivum disciplinae.

24) Nem há instância se se disser que esta é verdadeira: "todo homem é suscetível de toda disciplina": pois "disciplina" não é predicada do homem, mas "suscetível de disciplina"; repugnaria, porém, à verdade se se dissesse "todo homem é todo suscetível de disciplina".

25) Signum autem universale negativum, vel particulare affirmativum, etsi convenientius ponantur ex parte subiecti, non tamen repugnat veritati etiam si ponantur ex parte praedicati. Contingit enim huiusmodi enunciationes in aliqua materia esse veras: haec enim est vera, omnis homo nullus lapis est; et similiter haec est vera, omnis homo aliquod animal est. Sed haec, omnis homo omne animal est, in quacumque materia proferatur, falsa est. Sunt autem quaedam aliae tales enunciationes semper falsae; sicut ista, aliquis homo omne animal est (quae habet eamdem causam falsitatis cum hac, omnis homo omne animal est); et si quae aliae similes, sunt semper falsae: in omnibus enim eadem ratio est. Et ideo per hoc quod philosophus reprobavit istam, omnis homo omne animal est,

25) O sinal universal negativo, ou o particular afirmativo, embora sejam postos mais convenientemente por parte do sujeito, não repugnam todavia à verdade mesmo se forem postos por parte do predicado. Pois acontece que tais enunciações sejam verdadeiras em alguma matéria: esta é verdadeira, "todo homem nenhum peixe é"; e semelhantemente esta é verdadeira, "todo homem algum animal é". Mas esta, "todo homem é todo animal", em qualquer matéria que seja proferida, é falsa. Há, porém, certas outras tais enunciações sempre falsas; como esta, "algum homem é todo animal" (que tem a mesma causa de falsidade que esta, "todo homem é todo animal"); e se houver outras semelhantes, são sempre falsas: em todas, pois, a razão é a mesma. E por isso, pelo fato de o filósofo ter reprovado esta,

dedit intelligere omnes consimiles esse improbandas.

"todo homem é todo animal", deu a entender que todas as semelhantes devem ser reprovadas.

Lectio XI

1) Postquam philosophus determinavit de oppositione enunciationum, comparando universales enunciationes ad indefinitas, hic determinat de oppositione enunciationum comparando universales ad particulares. Circa quod considerandum est quod potest duplex oppositio in his notari: una quidem universalis ad particularem, et hanc primo tangit; alia vero universalis ad universalem, et hanc tangit secundo; ibi: contrariae vero et cetera.

1) Depois que o filósofo determinou sobre a oposição das enunciações, comparando as enunciações universais às indefinidas, aqui ele determina sobre a oposição das enunciações comparando as universais às particulares. Sobre o que se deve considerar que se pode notar nelas uma dupla oposição: uma, decerto, da universal em relação à particular, e desta trata primeiro; outra, na verdade, da universal em relação à universal, e desta trata em segundo lugar; ali: *as contrárias, porém*, etc.

2) Particularis vero affirmativa et particularis negativa, non habent proprie loquendo oppositionem, quia oppositio attenditur circa idem subiectum; subiectum autem particularis enunciationis est universale particulariter sumptum, non pro aliquo determinato singulari, sed indeterminate pro quocumque; et ideo, cum de universali particulariter sumpto aliquid affirmatur vel negatur, ipse modus enunciandi non habet quod affirmatio et negatio sint de eodem: quod requiritur ad oppositionem affirmationis et negationis, secundum praemissa.

2) A particular afirmativa e a particular negativa não possuem, propriamente falando, oposição, porque a oposição é considerada em relação ao mesmo sujeito; ora, o sujeito da enunciação particular é o universal tomado particularmente, não por algum singular determinado, mas indeterminadamente por qualquer um; e por isso, quando se afirma ou nega algo de um universal tomado particularmente, o próprio modo de enunciar não faz com que a afirmação e a negação sejam sobre o mesmo: o que é exigido para a oposição de afirmação e negação, segundo o que foi dito anteriormente.

3) Dicit ergo primo quod enunciatio, quae universale significat, scilicet universaliter, opponitur contradictorie ei, quae non significat universaliter sed particulariter, si una earum sit affirmativa, altera vero sit negativa (sive universalis sit affirmativa et particularis negativa, sive e converso); ut cum dicitur, omnis homo est albus, non omnis homo est albus: hoc enim quod dico, non omnis, ponitur loco signi particularis negativi; unde aequipollet ei quae est, quidam homo non est albus; sicut et nullus, quod idem significat ac si diceretur, non ullus vel non quidam, est signum universale negativum. Unde hae duae, quidam homo est albus (quae est particularis affirmativa), nullus homo est albus (quae est universalis negativa), sunt contradictoriae.

3) Diz, portanto, primeiro, que a enunciação que significa o universal, a saber, universalmente, opõe-se contraditoriamente àquela que não significa universalmente, mas particularmente, se uma delas for afirmativa e a outra negativa (seja a universal afirmativa e a particular negativa, ou vice-versa); como quando se diz "todo homem é branco", "nem todo homem é branco": pois isto que digo, "nem todo", é posto em lugar do sinal particular negativo; por onde equivale àquela que é "algum homem não é branco"; assim como "nenhum", que significa o mesmo que se se dissesse "não algum", é o sinal universal negativo. Por onde estas duas, "algum homem é branco" (que é particular afirmativa) e "nenhum homem é branco" (que é universal negativa), são contraditórias.

4) Cuius ratio est quia contradictio consistit in sola remotione affirmationis per negationem; universalis autem affirmativa removetur per solam nega-

4) Cuja razão é que a contradição consiste na só remoção da afirmação pela negação; ora, a universal afirmativa é removida pela só negação da partic-

tionem particularis, nec aliquid aliud ex necessitate ad hoc exigitur; particularis autem affirmativa removeri non potest nisi per universalem negativam, quia iam dictum est quod particularis affirmativa non proprie opponitur particulari negativae. Unde relinquitur quod universali affirmativae contradictorie opponitur particularis negativa, et particulari affirmativae universalis negativa.

5) Deinde cum dicit: contrariae vero etc., tangit oppositionem universalium enunciationum; et dicit quod universalis affirmativa et universalis negativa sunt contrariae; sicut, omnis homo est iustus, nullus homo est iustus, quia scilicet universalis negativa non solum removet universalem affirmativam, sed etiam designat extremam distantiam, in quantum negat totum quod affirmatio ponit; et hoc pertinet ad rationem contrarietatis; et ideo particularis affirmativa et negativa se habent sicut medium inter contraria.

6) Deinde cum dicit: quocirca has quidem etc., ostendit quomodo se habeant affirmatio et negatio oppositae ad verum et falsum. Et primo, quantum ad contrarias; secundo, quantum ad contradictorias; ibi: quaecumque igitur contradictiones etc.; tertio, quantum ad ea quae videntur contradictoria, et non sunt; ibi: quaecumque autem in universalibus et cetera. Dicit ergo primo quod quia universalis affirmativa et universalis negativa sunt contrariae, impossibile est quod sint simul verae. Contraria enim mutuo se expellunt. Sed particulares, quae contradictorie opponuntur universalibus contrariis, possunt simul verificari in eodem; sicut, non omnis homo est albus, quae contradictorie opponitur huic, omnis homo est albus, et, quidam homo est albus, quae contradictorie opponitur huic, nullus homo est albus. Et huiusmodi etiam simile invenitur in contrarietate rerum: nam album et nigrum numquam simul esse possunt in eodem, sed remotiones albi et nigri simul possunt esse: potest enim aliquid esse neque album neque nigrum, sicut patet in eo quod est pallidum. Et similiter contrariae enunciationes non possunt simul esse verae, sed earum contradictoriae, a quibus removentur, simul possunt esse verae.

ular, nem se exige por necessidade qualquer outra coisa para isto; a particular afirmativa, porém, não pode ser removida senão pela universal negativa, porque já foi dito que a particular afirmativa não se opõe propriamente à particular negativa. Por onde resta que à universal afirmativa opõe-se contraditoriamente a particular negativa, e à particular afirmativa, a universal negativa.

5) Em seguida, quando diz: *as contrárias, porém*, etc., trata da oposição das enunciações universais; e diz que a universal afirmativa e a universal negativa são contrárias; como "todo homem é justo", "nenhum homem é justo", porque a universal negativa não apenas remove a universal afirmativa, mas também designa a distância extrema, na medida em que nega tudo o que a afirmação põe; e isto pertence à definição de contrariedade; por isso, a particular afirmativa e a particular negativa comportam-se como o meio entre os contrários.

6) Depois, quando diz: *pelo que, estas decerto*, etc., mostra como a afirmação e a negação opostas se comportam em relação ao verdadeiro e ao falso. E primeiro, quanto às contrárias; segundo, quanto às contraditórias; ali: *quaisquer que sejam, portanto, as contradições*, etc.; terceiro, quanto àquelas que parecem contraditórias e não são; ali: *quaisquer que sejam, porém, nas universais*, etc. Diz, portanto, primeiro, que como a universal afirmativa e a universal negativa são contrárias, é impossível que sejam simultaneamente verdadeiras. Pois os contrários se expelem mutuamente. Mas as particulares, que se opõem contraditoriamente às universais contrárias, podem verificar-se simultaneamente no mesmo sujeito; como "nem todo homem é branco", que se opõe contraditoriamente a esta, "todo homem é branco", e "algum homem é branco", que se opõe contraditoriamente a esta, "nenhum homem é branco". E algo semelhante se encontra na contrariedade das coisas: pois o branco e o preto nunca podem estar simultaneamente no mesmo sujeito, mas as remoções do branco e do preto podem ser simultâneas: pois algo pode ser nem branco nem preto, como é evidente naquilo que é pálido. E semelhantemente as enunciações contrárias não podem ser simultaneamente verda-

7) Deinde cum dicit: quaecumque igitur contradictiones etc., ostendit qualiter veritas et falsitas se habeant in contradictoriis. Circa quod considerandum est quod, sicut dictum est supra, in contradictoriis negatio non plus facit, nisi quod removet affirmationem. Quod contingit dupliciter. Uno modo, quan- do est altera earum universalis, altera particularis, ut supra dictum est. Alio modo, quando utraque est singularis: quia tunc negatio ex necessitate refertur ad idem (quod non contingit in particularibus et indefinitis), nec potest se in plus extendere nisi ut removeat affirmationem. Et ideo singularis affirmativa semper contradicit singulari negativae, supposita identitate praedicati et subiecti. Et ideo dicit quod, sive accipiamus contradictionem universalium universaliter, scilicet quantum ad unam earum, sive singularium enunciationum, semper necesse est quod una sit vera et altera falsa. Neque enim contingit esse simul veras aut simul falsas, quia verum nihil aliud est, nisi quando dicitur esse quod est, aut non esse quod non est; falsum autem, quando dicitur esse quod non est, aut non esse quod est, ut patet ex IV metaphysicorum.

8) Deinde cum dicit: quaecumque autem universalium etc., ostendit qualiter se habeant veritas et falsitas in his, quae videntur esse contradictoria, sed non sunt. Et circa hoc tria facit: primo proponit quod intendit; secundo, probat propositum; ibi: si enim turpis non probus etc.; tertio, excludit id quod facere posset dubitationem; ibi: videbitur autem subito inconveniens et cetera. Circa primum considerandum est quod affirmatio et negatio in indefinitis propositionibus videntur contradictorie opponi propter hoc, quod est unum subiectum non determinatum per signum particulare, et ideo videtur affirmatio et negatio esse de eodem. Sed ad hoc removendum philosophus dicit quod quaecumque affirmative et negative dicuntur de universalibus non universaliter sumptis, non semper oportet quod unum sit verum, et aliud sit falsum, sed possumus simul esse vera. Simul enim est verum

deiras, mas as suas contraditórias, pelas quais são removidas, podem ser simultaneamente verdadeiras.

7) Em seguida, quando diz: *quaisquer que sejam, portanto, as contradições*, etc., mostra como a verdade e a falsidade se comportam nas contraditórias. Sobre o que se deve considerar que, como dito acima, nas contraditórias a negação nada mais faz senão remover a afirmação. O que acontece de dois modos. De um modo, quando uma delas é universal e a outra particular, como dito acima. De outro modo, quando ambas são singulares: porque então a negação, por necessidade, refere-se ao mesmo (o que não acontece nas particulares e indefinidas), nem pode estender-se a mais nada senão para remover a afirmação. E por isso a singular afirmativa sempre contradiz a singular negativa, suposta a identidade do predicado e do sujeito. E por isso diz que, quer tomemos a contradição das universais universalmente (a saber, quanto a uma delas), quer das enunciações singulares, sempre é necessário que uma seja verdadeira e a outra falsa. Pois não acontece serem simultaneamente verdadeiras ou simultaneamente falsas, porque o verdadeiro nada mais é senão quando se diz ser o que é, ou não ser o que não é; o falso, porém, quando se diz ser o que não é, ou não ser o que é, como consta no livro IV da Metafísica.

8) Depois, quando diz: *quaisquer que sejam, porém, das universais*, etc., mostra como se comportam a verdade e a falsidade naquelas que parecem ser contraditórias, mas não são. E sobre isso faz três coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, prova o propósito; ali: *se, de fato, o torpe não é probo*, etc.; terceiro, exclui o que poderia causar dúvida; ali: *parecerá, porém, subitamente inconveniente*, etc. Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que a afirmação e a negação nas proposições indefinidas parecem opor-se contraditoriamente pelo fato de haver um único sujeito não determinado por um sinal particular, e por isso parece que a afirmação e a negação são sobre o mesmo. Mas para remover isto, o filósofo diz que tudo o que se diz afirmativa e negativamente sobre universais não tomados universalmente, nem sempre é necessário que um seja verdadeiro e o outro falso, mas podem

dicere quod homo est albus, et, homo non est albus, et quod homo est probus, et, homo non est probus.

ser simultaneamente verdadeiros. Pois é simultaneamente verdadeiro dizer que "o homem é branco" e "o homem não é branco", e que "o homem é probo" e "o homem não é probo".

9) In quo quidem, ut Ammonius refert, aliqui Aristoteli contradixerunt ponentes quod indefinita negativa semper sit accipienda pro universali negativa. (...) Sed istae rationes non concludunt. Quod enim primo dicitur quod materia secundum se sumpta sumitur pro peiori, verum est secundum sententiam Platonis, qui non distinguebat privationem a materia, non autem est verum secundum Aristotelem, qui dicit in Lib. I Physic. quod malum et turpe et alia huiusmodi ad defectum pertinentia non dicuntur de materia nisi per accidens. Et ideo non oportet quod indefinita semper stet pro peiori. (...) Oportet autem in unoquoque genere considerare id quod est potius in genere illo, non autem id quod est potius simpliciter. (...) Utuntur autem quandoque philosophi indefinitis negativis pro universalibus in his, quae per se removentur ab universalibus; sicut et utuntur indefinitis affirmativis pro universalibus in his, quae per se de universalibus praedicantur.

9) Nisto, decerto, como refere Amônio, alguns contradisseram Aristóteles, pondo que a indefinida negativa deve ser sempre aceita pela universal negativa. (...) Mas estas razões não concluem. Pois o que primeiro se diz, que a matéria tomada por si mesma é tomada pelo pior, é verdadeiro segundo a sentença de Platão, que não distinguia a privação da matéria; não é, porém, verdadeiro segundo Aristóteles, que diz no livro I da Física que o mal e o torpe, e outras coisas deste tipo pertencentes ao defeito, não se dizem da matéria senão por acidente. E por isso não é necessário que a indefinida sempre esteja pelo pior. (...) É necessário, todavia, em cada gênero, considerar o que é mais potente naquele gênero, e não, porém, o que é mais potente absolutamente (*simpliciter*). (...) Usam, às vezes, os filósofos as indefinidas negativas pelas universais naquelas coisas que por si são removidas dos universais; assim como usam as indefinidas afirmativas pelas universais naquelas coisas que por si são predicadas dos universais.

10) Deinde cum dicit: si enim turpis est etc., probat propositum per id, quod est ab omnibus concessum. Omnes enim concedunt quod indefinita affirmativa verificatur, si particularis affirmativa sit vera. Contingit autem accipi duas affirmativas indefinitas, quarum una includit negationem alterius, puta cum sunt opposita praedicata: quae quidem oppositio potest contingere dupliciter. Uno modo, secundum perfectam contrarietatem, sicut turpis, idest inhonestus, opponitur probo, idest honesto, et foedus, idest deformis secundum corpus, opponitur pulchro. Sed per quam rationem ista affirmativa est vera, homo est probus, quodam homine existente probo, per eamdem rationem ista est vera, homo est turpis, quodam homine existente turpi. Sunt ergo istae duae verae simul, homo est probus, homo est turpis; sed ad hanc, homo est turpis, sequitur ista, homo non est probus; ergo istae duae sunt simul verae, homo est probus, homo non est probus: et eadem ratione istae duae, homo est pul-

10) Depois, quando diz: *se, de fato, o torpe é*, etc., prova o propósito por aquilo que é concedido por todos. Pois todos concedem que a indefinida afirmativa se verifica se a particular afirmativa for verdadeira. Acontece, porém, de se tomarem duas afirmativas indefinidas, das quais uma inclui a negação da outra, por exemplo, quando os predicados são opostos; tal oposição pode acontecer de dois modos. De um modo, segundo a perfeita contrariedade, como "torpe", isto é, desonesto, opõe-se a "probo", isto é, honesto, e "feio", isto é, deforme segundo o corpo, opõe-se ao "belo". Ora, pela mesma razão que esta afirmativa é verdadeira, "o homem é probo", existindo um certo homem probo, pela mesma razão esta é verdadeira, "o homem é torpe", existindo um certo homem torpe. São, portanto, estas duas verdadeiras simultaneamente: "o homem é probo", "o homem é torpe"; mas desta, "o homem é torpe", segue-se esta, "o homem não é probo"; logo, estas duas são simul-

cher, homo non est pulcher. Alia autem oppositio attenditur secundum perfectum et imperfectum, sicut moveri opponitur ad motum esse, et fieri ad factum esse: unde ad fieri sequitur non esse eius quod fit in permanentibus, quorum esse est perfectum; secus autem est in successivis, quorum esse est imperfectum. Sic ergo haec est vera, homo est albus, quodam homine existente albo; et pari ratione, quia quidam homo fit albus, haec est vera, homo fit albus; ad quam sequitur, homo non est albus. Ergo istae duae sunt simul verae, homo est albus, homo non est albus.

taneamente verdadeiras: "o homem é probo", "o homem não é probo"; e pela mesma razão estas duas: "o homem é belo", "o homem não é belo". A outra oposição é considerada segundo o perfeito e o imperfeito, como "mover-se" opõe-se a "ter sido movido", e "tornar-se" a "ter sido feito": por onde, ao "tornar-se" segue-se o não ser daquilo que se torna nas coisas permanentes, cujo ser é perfeito; de outro modo é nas sucessivas, cujo ser é imperfeito. Assim, portanto, esta é verdadeira, "o homem é branco", existindo um certo homem branco; e pela mesma razão, porque um certo homem torna-se branco, esta é verdadeira, "o homem torna-se branco"; à qual se segue "o homem não é branco". Logo, estas duas são simultaneamente verdadeiras: "o homem é branco", "o homem não é branco".

11) Deinde cum dicit: videbitur autem etc., excludit id quod faceret dubitationem circa praedicta; et dicit quod subito, id est primo aspectu videtur hoc esse inconveniens, quod dictum est; quia hoc quod dico, homo non est albus, videtur idem significare cum hoc quod est, nullus homo est albus. Sed ipse hoc removet dicens quod neque idem significant neque ex necessitate sunt simul vera, sicut ex praedictis manifestum est.

11) Em seguida, quando diz: *parecerá, porém*, etc., exclui o que causaria dúvida sobre o que foi dito; e diz que "subitamente", isto é, ao primeiro olhar, parece ser inconveniente o que foi dito; porque isto que digo, "o homem não é branco", parece significar o mesmo que "nenhum homem é branco". Mas ele mesmo remove isto dizendo que nem significam o mesmo, nem por necessidade são simultaneamente verdadeiros, como está manifesto pelo que foi dito.

Lectio XII

1) Postquam philosophus distinxit diversos modos oppositionum in enunciationibus, nunc intendit ostendere quod uni affirmationi una negatio opponitur, et circa hoc duo facit: primo, ostendit quod uni affirmationi una negatio opponitur; secundo, ostendit quae sit una affirmatio vel negatio, ibi: una autem affirmatio et cetera. Circa primum tria facit: primo, proponit quod intendit; secundo, manifestat propositum; ibi: hoc enim idem etc.; tertio, epilogat quae dicta sunt; ibi: manifestum est ergo et cetera.

1) Depois que o filósofo distinguiu os diversos modos de oposições nas enunciações, agora pretende mostrar que a uma afirmação se opõe uma só negação; e sobre isso faz duas coisas: primeiro, mostra que a uma afirmação se opõe uma negação; segundo, mostra o que é uma afirmação ou negação, ali: *uma afirmação, porém*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, manifesta o propósito; ali: *pois isto mesmo*, etc.; terceiro, recapitula o que foi dito; ali: *manifesto é, portanto*, etc.

2) Dicit ergo primo, manifestum esse quod unius affirmationis est una negatio sola. Et hoc quidem fuit necessarium hic dicere: quia cum posuerit plura oppositionum genera, videbatur quod uni affirmationi duae negationes opponerentur; sicut huic affirmativae, omnis homo est albus, videtur, secundum praedicta, haec negativa opponi, nullus homo est albus, et haec, quidam homo non est albus. Sed si quis recte consideret huius affirmativae, omnis homo est albus, negativa est sola ista, quidam homo non est albus, quae solummodo removet ipsam, ut patet ex sua aequipollenti, quae est, non omnis homo est albus. Universalis vero negativa includit quidem in suo intellectu negationem universalis affirmativae, in quantum includit particularem negativam, sed supra hoc aliquid addit, in quantum scilicet importat non solum remotionem universalitatis, sed removet quamlibet partem eius. Et sic patet quod sola una est negatio universalis affirmationis: et idem apparet in aliis.

2) Diz, portanto, primeiro, ser manifesto que de uma afirmação há uma só negação. E isto, decerto, foi necessário dizer aqui: porque, como pusera diversos gêneros de oposições, parecia que a uma afirmação se opunham duas negações; como a esta afirmativa, "todo homem é branco", parece, segundo o que foi dito, opor-se esta negativa, "nenhum homem é branco", e esta, "algum homem não é branco". Mas, se alguém considerar retamente, a negativa desta afirmativa "todo homem é branco" é apenas esta: "algum homem não é branco", que apenas a remove, como fica claro por sua equivalente, que é "nem todo homem é branco". A universal negativa, na verdade, inclui decerto em seu entendimento a negação da universal afirmativa, enquanto inclui a particular negativa, mas sobre isso acrescenta algo, na medida em que importa não só a remoção da universalidade, mas remove qualquer parte dela. E assim está claro que há apenas uma negação da afirmação universal: e o mesmo aparece nas outras.

3) Deinde cum dicit: hoc enim etc., manifestat propositum: et primo, per rationem; secundo, per exempla; ibi: dico autem, ut est Socrates albus. Ratio autem sumitur ex hoc, quod supra dictum est quod negatio opponitur affirmationi, quae est eiusdem de eodem: ex quo hic accipitur quod oportet negationem negare illud idem praedicatum, quod affirmatio affirmavit et de eodem subiecto, sive illud subiectum sit aliquid singulare, sive aliquid universale, vel universaliter, vel non universaliter

3) Em seguida, quando diz: *pois isto mesmo*, etc., manifesta o propósito: e primeiro, pela razão; segundo, pelos exemplos; ali: *digo, porém, como Sócrates é branco.* A razão, pois, é tomada disto que foi dito acima: que a negação se opõe à afirmação que é do mesmo sobre o mesmo; do que aqui se aceita que é necessário que a negação negue aquele mesmo predicado que a afirmação afirmou, e sobre o mesmo sujeito, seja esse sujeito algo singular, seja algo universal (tomado universalmente ou não uni-

sumptum; sed hoc non contingit fieri nisi uno modo, ita scilicet ut negatio neget id quod affirmatio posuit, et nihil aliud; ergo uni affirmationi opponitur una sola negatio.

4) Deinde cum dicit: dico autem, ut est etc., manifestat propositum per exempla. Et primo, in singularibus: huic enim affirmationi, Socrates est albus, haec sola opponitur, Socrates non est albus, tanquam eius propria negatio. Si vero esset aliud praedicatum vel aliud subiectum, non esset negatio opposita, sed omnino diversa; sicut ista, Socrates non est musicus, non opponitur ei quae est, Socrates est albus; neque etiam illa quae est, Plato est albus, huic quae est, Socrates non est albus. Secundo, manifestat idem quando subiectum affirmationis est universale universaliter sumptum; sicut huic affirmationi, omnis homo est albus, opponitur sicut propria eius negatio, non omnis homo est albus, quae aequipollet particulari negativae. Tertio, ponit exemplum quando affirmationis subiectum est universale particulariter sumptum: et dicit quod huic affirmationi, aliquis homo est albus, opponitur tanquam eius propria negatio, nullus homo est albus. Nam nullus dicitur, quasi non ullus, idest, non aliquis. Quarto, ponit exemplum quando affirmationis subiectum est universale indefinite sumptum et dicit quod isti affirmationi, homo est albus, opponitur tanquam propria eius negatio illa quae est, non est homo albus.

5) Sed videtur hoc esse contra id, quod supra dictum est quod negativa indefinita verificatur simul cum indefinita affirmativa; negatio autem non potest verificari simul cum sua opposita affirmatione, quia non contingit de eodem affirmare et negare. Sed ad hoc dicendum quod oportet quod hic dicitur intelligi quando negatio ad idem refertur quod affirmatio continebat; et hoc potes esse dupliciter: uno modo, quando affirmatur aliquid inesse homini ratione sui ipsius (quod est per se de eodem praedicari), et hoc ipsum negatio negat; alio modo, quando aliquid affirmatur de universali ratione sui singularis, et pro eodem de eo negatur.

versalmente); mas isto não acontece senão de um só modo, a saber, de tal sorte que a negação negue o que a afirmação pôs, e nada mais; logo, a uma afirmação opõe-se uma só negação.

4) Depois, quando diz: *digo, porém, como é*, etc., manifesta o propósito por exemplos. E primeiro, nas singulares: a esta afirmação, "Sócrates é branco", opõe-se apenas esta, "Sócrates não é branco", como sua própria negação. Se, porém, houvesse outro predicado ou outro sujeito, não seria a negação oposta, mas uma inteiramente diversa; como esta, "Sócrates não é músico", não se opõe àquela que é "Sócrates é branco"; nem tampouco aquela que é "Platão é branco" a esta que é "Sócrates não é branco". Segundo, manifesta o mesmo quando o sujeito da afirmação é um universal tomado universalmente; como a esta afirmação, "todo homem é branco", opõe-se, como sua própria negação, "nem todo homem é branco", que equivale à particular negativa. Terceiro, põe o exemplo de quando o sujeito da afirmação é um universal tomado particularmente: e diz que a esta afirmação, "algum homem é branco", opõe-se, como sua própria negação, "nenhum homem é branco". Pois "nenhum" diz-se como "não algum". Quarto, põe o exemplo de quando o sujeito da afirmação é um universal tomado indefinidamente e diz que a esta afirmação, "o homem é branco", opõe-se como sua própria negação aquela que é "o homem não é branco".

5) Mas parece que isto é contra o que foi dito acima, que a negativa indefinida se verifica simultaneamente com a indefinida afirmativa; ora, a negação não pode verificar-se simultaneamente com a sua afirmação oposta, porque não acontece afirmar e negar sobre o mesmo. Mas a isto deve-se dizer que é necessário que o que aqui se diz seja entendido quando a negação se refere ao mesmo que a afirmação continha; e isto pode ser de dois modos: de um modo, quando se afirma que algo está presente no homem pela razão de si mesmo (o que é ser predicado por si do mesmo), e a negação nega isso mesmo; de outro modo, quando algo se afirma do universal pela razão de seu singular, e se nega dele pelo mesmo singular.

6) Deinde cum dicit: quod igitur una affirmatio etc., epilogat quae dicta sunt, et concludit manifestum esse ex praedictis quod uni affirmationi opponitur una negatio; et quod oppositarum affirmationum et negationum aliae sunt contrariae, aliae contradictoriae; et dictum est quae sint utraeque. Tacet autem de subcontrariis, quia non sunt recte oppositae, ut supra dictum est. Dictum est etiam quod non omnis contradictio est vera vel falsa; et sumitur hic large contradictio pro qualicumque oppositione affirmationis et negationis: nam in his quae sunt vere contradictoriae semper una est vera, et altera falsa. Quare autem in quibusdam oppositis hoc non verificetur, dictum est supra; quia scilicet quaedam non sunt contradictoriae, sed contrariae, quae possunt simul esse falsae. Contingit etiam affirmationem et negationem non proprie opponi; et ideo contingit eas esse veras simul. Dictum est autem quando altera semper est vera, altera autem falsa, quia scilicet in his quae vere sunt contradictoria.

6) Em seguida, quando diz: *que, portanto, uma afirmação*, etc., recapitula o que foi dito e conclui ser manifesto pelo que precede que a uma afirmação se opõe uma só negação; e que das afirmações e negações opostas, algumas são contrárias, outras contraditórias; e foi dito quais sejam ambas. Cala-se, porém, quanto às subcontrárias, porque não são retamente opostas, como dito acima. Foi dito também que nem toda contradição é verdadeira ou falsa; e toma-se aqui "contradição" em sentido lato para qualquer oposição de afirmação e negação: pois naquelas que são verdadeiramente contraditórias, sempre uma é verdadeira e a outra falsa. Por que, porém, em certas opostas isto não se verifique, foi dito acima; a saber, porque certas não são contraditórias, mas contrárias, que podem ser simultaneamente falsas. Acontece também que a afirmação e a negação não se opõem propriamente; e por isso acontece que sejam verdadeiras simultaneamente. Foi dito, porém, quando uma é sempre verdadeira e a outra falsa: a saber, naquelas que são verdadeiramente contraditórias.

7) Deinde cum dicit: una autem affirmatio etc., ostendit quae sit affirmatio vel negatio una. Quod quidem iam supra dixerat, ubi habitum est quod una est enunciatio, quae unum significat; sed quia enunciatio, in qua aliquid praedicatur de aliquo universali universaliter vel non universaliter, multa sub se continet, intendit ostendere quod per hoc non impeditur unitas enunciationis. Et circa hoc duo facit: primo, ostendit quod unitas enunciationis non impeditur per multitudinem, quae continetur sub universali, cuius ratio una est; secundo, ostendit quod impeditur unitas enunciationis per multitudinem, quae continetur sub sola nominis unitate; ibi: si vero duobus et cetera. Dicit ergo primo quod una est affirmatio vel negatio cum unum significatur de uno, sive illud unum quod subiicitur sit universale universaliter sumptum sive non sit aliquid tale, sed sit universale particulariter sumptum vel indefinite, aut etiam si subiectum sit singulare. Et exemplificat de diversis sicut universalis ista affirmativa est una, omnis homo est albus; et similiter particularis negativa quae est eius negatio, scilicet non est omnis homo albus. Et subdit alia exempla, quae sunt manifesta. In fine autem

7) Depois, quando diz: *uma afirmação, porém, uma*, etc., mostra qual é uma afirmação ou negação. O que, decerto, já dissera acima, onde se estabeleceu que uma é a enunciação que significa uma só coisa; mas porque a enunciação na qual algo se predica de algum universal, universalmente ou não universalmente, contém muitas coisas sob si, pretende mostrar que por isso não se impede a unidade da enunciação. E sobre isso faz duas coisas: primeiro, mostra que a unidade da enunciação não é impedida pela multidão que se contém sob o universal, cuja definição é uma só; segundo, mostra que se impede a unidade da enunciação pela multidão que se contém sob a só unidade do nome; ali: *se, porém, a dois*, etc. Diz, portanto, primeiro, que uma é a afirmação ou negação quando um só se significa de um só, quer esse um que é sujeito seja um universal tomado universalmente, quer não seja tal coisa, mas seja um universal tomado particularmente ou indefinidamente, ou ainda se o sujeito for singular. E exemplifica diversos casos: como esta afirmativa universal é uma, "todo homem é branco"; e semelhantemente a particular negativa que é sua negação, a saber, "nem

apponit quamdam conditionem, quae requiritur ad hoc quod quaelibet harum sit una, si scilicet album, quod est praedicatum, significat unum: nam sola multitudo praedicati impediret unitatem enunciationis. Ideo autem universalis propositio una est, quamvis sub se multitudinem singularium comprehendat, quia praedicatum non attribuitur multis singularibus, secundum quod sunt in se divisa, sed secundum quod uniuntur in uno communi.

todo homem é branco". E acrescenta outros exemplos, que são manifestos. Ao fim, porém, apõe uma certa condição que se requer para que qualquer uma destas seja uma: a saber, se "branco", que é o predicado, significa uma só coisa: pois a só multidão do predicado impediria a unidade da enunciação. Por isso a proposição universal é uma, embora compreenda sob si uma multidão de singulares, porque o predicado não se atribui a muitos singulares conforme são divididos em si mesmos, mas conforme se unem em um só comum.

8) Deinde cum dicit: si vero duobus etc., ostendit quod sola unitas nominis non sufficit ad unitatem enunciationis. Et circa hoc quatuor facit: primo, proponit quod intendit; secundo, exemplificat; ibi: ut si quis ponat etc.; tertio, probat; ibi: nihil enim differt etc.; quarto, infert corollarium ex dictis; ibi: quare nec in his et cetera. Dicit ergo primo quod si unum nomen imponatur duabus rebus, ex quibus non fit unum, non est affirmatio una. Quod autem dicit, ex quibus non fit unum, potest intelligi dupliciter. Uno modo, ad excludendum hoc quod multa continentur sub uno universali, sicut homo et equus sub animali: hoc enim nomen animal significat utrumque, non secundum quod sunt multa et differentia ad invicem, sed secundum quod uniuntur in natura generis. Alio modo, et melius, ad excludendum hoc quod ex multis partibus fit unum, sive sint partes rationis, sicut sunt genus et differentia, quae sunt partes definitionis: sive sint partes integrales alicuius compositi, sicut ex lapidibus et lignis fit domus. Si ergo sit tale praedicatum quod attribuatur rei, requiritur ad unitatem enunciationis quod illa multa quae significantur, concurrant in unum secundum aliquem dictorum modorum; unde non sufficeret sola unitas vocis. Si vero sit tale praedicatum quod referatur ad vocem, sufficiet unitas vocis; ut si dicam, canis est nomen.

8) Em seguida, quando diz: *se, porém, a dois*, etc., mostra que a só unidade do nome não basta para a unidade da enunciação. E sobre isso faz quatro coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, exemplifica; ali: *como se alguém pusesse*, etc.; terceiro, prova; ali: *pois em nada difere*, etc.; quarto, infere um corolário do que foi dito; ali: *pelo que, nem nestas*, etc. Diz, portanto, primeiro, que se um só nome for imposto a duas coisas das quais não se faz um só, não é uma só afirmação. O que diz, "das quais não se faz um só", pode ser entendido de dois modos. De um modo, para excluir o fato de que muitos se contêm sob um só universal, como homem e cavalo sob "animal": pois este nome "animal" significa a ambos, não enquanto são muitos e diferentes entre si, mas enquanto se unem na natureza do gênero. De outro modo, e melhor, para excluir o fato de que de muitas partes se faz um só, sejam partes da razão (como gênero e diferença, que são partes da definição), sejam partes integrais de algum composto (como de pedras e madeiras se faz uma casa). Se, portanto, for tal o predicado que se atribua à coisa, requer-se para a unidade da enunciação que aquelas muitas coisas que são significadas concorram em uma só segundo algum dos referidos modos; por onde não bastaria a só unidade da voz. Se, porém, for tal o predicado que se refira à voz, bastará a unidade da voz; como se eu dissesse "cão é um nome".

9) Deinde cum dicit: ut si quis etc., exemplificat quod dictum est, ut si aliquis hoc nomen tunica imponat ad significandum hominem et equum: et sic, si dicam, tunica est alba, non est affirmatio una, neque negatio una. Deinde cum dicit: ni-

9) Depois, quando diz: *como se alguém*, etc., exemplifica o que foi dito: como se alguém impusesse este nome "túnica" para significar o homem e o cavalo: e assim, se eu disser "a túnica é branca", não é uma só afirmação, nem uma só negação. Em

hil enim differt etc., probat quod dixerat tali ratione. Si tunica significat hominem et equum, nihil differt si dicatur, tunica est alba, aut si dicatur, homo est albus, et, equus est albus; sed istae, homo est albus, et equus est albus, significant multa et sunt plures enunciationes; ergo etiam ista, tunica est alba, multa significat. Et hoc si significet hominem et equum ut res diversas: si vero significet hominem et equum ut componentia unam rem, nihil significat, quia non est aliqua res quae componatur ex homine et equo. Quod autem dicit quod non differt dicere, tunica est alba, et, homo est albus, et, equus est albus, non est intelligendum quantum ad veritatem et falsitatem. Nam haec copulativa, homo est albus et equus est albus, non potest esse vera nisi utraque pars sit vera: sed haec, tunica est alba, praedicta positione facta, potest esse vera etiam altera existente falsa; alioquin non oporteret distinguere multiplices propositiones ad solvendum rationes sophisticas. Sed hoc est intelligendum quantum ad unitatem et multiplicitatem. Nam sicut cum dicitur, homo est albus et equus est albus, non invenitur aliqua una res cui attribuatur praedicatum; ita etiam nec cum dicitur, tunica est alba.

seguida, quando diz: *pois em nada difere*, etc., prova o que dissera por tal razão: se "túnica" significa homem e cavalo, em nada difere se se disser "a túnica é branca" ou se se disser "o homem é branco" e "o cavalo é branco"; ora, estas, "o homem é branco" e "o cavalo é branco", significam muitas coisas e são várias enunciações; logo, também esta, "a túnica é branca", significa muitas coisas. E isto se significar o homem e o cavalo como coisas diversas; se, porém, significar o homem e o cavalo como componentes de uma só coisa, nada significa, porque não existe coisa alguma que seja composta de homem e cavalo. O que diz, porém, que não difere dizer "a túnica é branca" e "o homem é branco" e "o cavalo é branco", não deve ser entendido quanto à verdade e falsidade. Pois esta copulativa, "o homem é branco e o cavalo é branco", não pode ser verdadeira a não ser que ambas as partes sejam verdadeiras; mas esta, "a túnica é branca" (feita a referida imposição), pode ser verdadeira mesmo sendo a outra falsa; de outro modo não seria necessário distinguir as proposições múltiplas para resolver as razões sofísticas. Mas isto deve ser entendido quanto à unidade e multiplicidade. Pois assim como quando se diz "o homem é branco e o cavalo é branco" não se encontra uma só coisa à qual se atribua o predicado, assim também não quando se diz "a túnica é branca".

10) Deinde cum dicit: quare nec in his etc., concludit ex praemissis quod nec in his affirmationibus et negationibus, quae utuntur subiecto aequivoco, semper oportet unam esse veram et aliam falsam, quia scilicet negatio potest aliud negare quam affirmatio affirmet.

10) Depois, quando diz: *pelo que, nem nestas*, etc., conclui das premissas que nem nestas afirmações e negações que utilizam um sujeito equívoco é necessário sempre que uma seja verdadeira e a outra falsa, porque a negação pode negar outra coisa além do que a afirmação afirma.

Lectio XIII

1) Postquam philosophus determinavit de oppositione enunciationum et ostendit quomodo dividunt verum et falsum oppositae enunciationes; hic inquirit de quodam quod poterat esse dubium, utrum scilicet id quod dictum est similiter inveniatur in omnibus enunciationibus vel non. Et circa hoc duo facit: primo, proponit dissimilitudinem; secundo, probat eam; ibi: nam si omnis affirmatio et cetera.

2) Circa primum considerandum est quod philosophus in praemissis triplicem divisionem enunciationum assignavit, quarum prima fuit secundum unitatem enunciationis, prout scilicet enunciatio est una simpliciter vel coniunctione una; secunda fuit secundum qualitatem, prout scilicet enunciatio est affirmativa vel negativa; tertia fuit secundum quantitatem, utpote quod enunciatio quaedam est universalis, quaedam particularis, quaedam indefinita et quaedam singularis.

3) Tangitur autem hic quarta divisio enunciationum secundum tempus. Nam quaedam est de praesenti, quaedam de praeterito, quaedam de futuro; et haec etiam divisio potest accipi ex his quae supra dicta sunt: dictum est enim supra quod necesse est omnem enunciationem esse ex verbo vel ex casu verbi; verbum autem est quod consignificat praesens tempus; casus autem verbi sunt, qui consignificant tempus praeteritum vel futurum. Potest autem accipi quinta divisio enunciationum secundum materiam, quae quidem divisio attenditur secundum habitudinem praedicati ad subiectum: nam si praedicatum per se insit subiecto, dicetur esse enunciatio in materia necessaria vel naturali; ut cum dicitur, homo est animal, vel, homo est risibile. Si vero praedicatum per se repugnet subiecto quasi excludens rationem ipsius, dicetur enunciatio esse in materia impossibili sive remota; ut cum dicitur, homo est asinus. Si vero medio modo se habeat praedicatum ad subiectum, ut scilicet nec per se repugnet subiecto, nec per se insit, dicetur enunciatio esse in materia possibili sive contingenti.

1) Depois que o filósofo determinou sobre a oposição das enunciações e mostrou como as enunciações opostas dividem o verdadeiro e o falso, aqui ele investiga algo que poderia ser duvidoso: a saber, se aquilo que foi dito se encontra de modo semelhante em todas as enunciações ou não. E sobre isso faz duas coisas: primeiro, propõe a dessemelhança; segundo, prova-a; ali: *pois se toda afirmação*, etc.

2) Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que o filósofo, nas premissas, atribuiu uma tríplice divisão das enunciações: a primeira foi segundo a unidade da enunciação, conforme a enunciação é uma absolutamente ou uma por conjunção; a segunda foi segundo a qualidade, conforme a enunciação é afirmativa ou negativa; a terceira foi segundo a quantidade, a saber, que certa enunciação é universal, outra particular, outra indefinida e outra singular.

3) Toca-se aqui, porém, numa quarta divisão das enunciações segundo o tempo. Pois uma é do presente, outra do passado, outra do futuro; e esta divisão também pode ser tomada do que foi dito acima: pois foi dito acima que é necessário que toda enunciação provenha de um verbo ou de um caso do verbo; ora, o verbo é o que consignifica o tempo presente; os casos do verbo, porém, são os que consignificam o tempo passado ou futuro. Pode-se também aceitar uma quinta divisão das enunciações segundo a matéria, divisão que é considerada segundo a relação do predicado com o sujeito: pois se o predicado está presente no sujeito por si mesmo, dir-se-á que a enunciação está em matéria necessária ou natural; como quando se diz: "o homem é um animal", ou "o homem é risível". Se, porém, o predicado repugna ao sujeito por si mesmo, como que excluindo a sua definição, dir-se-á que a enunciação está em matéria impossível ou remota; como quando se diz: "o homem é um asno". Se, todavia, o predicado se comporta de modo intermediário em relação ao sujeito, a saber, nem repugna por si ao sujeito, nem lhe está presente por si, dir-se-á que a enunciação está em

matéria possível ou contingente.

4) His igitur enunciationum differentiis consideratis, non similiter se habet iudicium de veritate et falsitate in omnibus. Unde philosophus dicit, ex praemissis concludens, quod in his quae sunt, idest in propositionibus de praesenti, et in his quae facta sunt, idest in enunciationibus de praeterito, necesse est quod affirmatio vel negatio determinate sit vera vel falsa. Diversificatur tamen hoc, secundum diversam quantitatem enunciationis; nam in enunciationibus, in quibus de universalibus subiectis aliquid universaliter praedicatur, necesse est quod semper una sit vera, scilicet affirmativa vel negativa, et altera falsa, quae scilicet ei opponitur. Dictum est enim supra quod negatio enunciationis universalis in qua aliquid universaliter praedicatur, est negativa non universalis, sed particularis, et e converso universalis negativa non est directe negatio universalis affirmativae, sed particularis; et sic oportet, secundum praedicta, quod semper una earum sit vera et altera falsa in quacumque materia. Et eadem ratio est in enunciationibus singularibus, quae etiam contradictorie opponuntur, ut supra habitum est. Sed in enunciationibus, in quibus aliquid praedicatur de universali non universaliter, non est necesse quod semper una sit vera et altera sit falsa, qui possunt ambae esse simul verae, ut supra ostensum est.

4) Consideradas, portanto, estas diferenças das enunciações, o juízo sobre a verdade e a falsidade não se comporta de modo semelhante em todas. Por onde o filósofo diz, concluindo das premissas, que naquelas que são, isto é, nas proposições de presente, e naquelas que foram feitas, isto é, nas enunciações de passado, é necessário que a afirmação ou a negação seja determinadamente verdadeira ou falsa. Todavia, isto se diversifica segundo a diversa quantidade da enunciação; pois nas enunciações em que algo se predica universalmente de sujeitos universais, é necessário que sempre uma seja verdadeira (a saber, a afirmativa ou a negativa) e a outra falsa (a saber, a que lhe é oposta). Pois foi dito acima que a negação da enunciação universal na qual algo se predica universalmente é a negativa não universal, mas particular, e, inversamente, a universal negativa não é diretamente a negação da universal afirmativa, mas da particular; e assim é necessário, conforme o que foi dito, que sempre uma delas seja verdadeira e a outra falsa em qualquer matéria. E a mesma razão se aplica às enunciações singulares, que também se opõem contraditoriamente, como estabelecido acima. Mas nas enunciações em que algo se predica do universal não universalmente, não é necessário que sempre uma seja verdadeira e a outra falsa, pois ambas podem ser simultaneamente verdadeiras, como mostrado acima.

5) Et hoc quidem ita se habet quantum ad propositiones, quae sunt de praeterito vel de praesenti: sed si accipiamus enunciationes, quae sunt de futuro, etiam similiter se habent quantum ad oppositiones, quae sunt de universalibus vel universaliter vel non universaliter sumptis. Nam in materia necessaria omnes affirmativae determinate sunt verae, ita in futuris sicut in praeteritis et praesentibus; negativae vero falsae. In materia autem impossibili, e contrario. In contingenti vero universales sunt falsae et particulares sunt verae, ita in futuris sicut in praeteritis et praesentibus. In indefinitis autem, utraque simul est vera in futuris sicut in praesentibus vel praeteritis.

5) E isto, decerto, se comporta assim quanto às proposições que são de passado ou de presente; mas se tomarmos as enunciações que são de futuro, também se comportam de modo semelhante quanto às oposições que são de universais (tomados universalmente ou não universalmente). Pois em matéria necessária, todas as afirmativas são determinadamente verdadeiras, tanto nas futuras quanto nas passadas e presentes; as negativas, porém, falsas. Em matéria impossível, o contrário. Em matéria contingente, as universais são falsas e as particulares são verdadeiras, tanto nas futuras quanto nas passadas e presentes. Já nas indefinidas, ambas são simultaneamente verdadeiras tanto nas futuras quanto nas presentes ou passadas.

6) Sed in singularibus et futuris est quaedam dissimilitudo. Nam in praeteritis et praesentibus necesse est quod altera oppositarum determinate sit vera et altera falsa in quacumque materia; sed in singularibus quae sunt de futuro hoc non est necesse, quod una determinate sit vera et altera falsa. Et hoc quidem dicitur quantum ad materiam contingentem: nam quantum ad materia necessariam et impossibilem similis ratio est in futuris singularibus, sicut in praesentibus et praeteritis. Nec tamen Aristoteles mentionem fecit de materia contingenti, quia illa proprie ad singularia pertinent quae contingenter eveniunt, quae autem per se insunt vel repugnant, attribuuntur singularibus secundum universalium rationes. Circa hoc igitur versatur tota praesens intentio: utrum in enunciationibus singularibus de futuro in materia contingenti necesse sit quod determinate una oppositarum sit vera et altera falsa.

6) Mas nas singulares e futuras há uma certa dessemelhança. Pois nas passadas e presentes é necessário que uma das opostas seja determinadamente verdadeira e a outra falsa em qualquer matéria; mas nas singulares que são de futuro isto não é necessário: que uma seja determinadamente verdadeira e a outra falsa. E isto, decerto, diz-se quanto à matéria contingente: pois quanto à matéria necessária e impossível, a razão é semelhante nas futuras singulares como nas presentes e passadas. No entanto, Aristóteles não fez menção da matéria contingente aqui, porque a ela pertencem propriamente as coisas singulares que ocorrem contingentemente; as que, porém, estão presentes ou repugnam por si, são atribuídas aos singulares segundo as definições dos universais. Sobre isto, portanto, versa toda a presente intenção: se nas enunciações singulares de futuro em matéria contingente é necessário que determinadamente uma das opostas seja verdadeira e a outra falsa.

7) Deinde cum dicit: nam si omnis affirmatio etc., probat praemissam differentiam. Et circa hoc duo facit: primo, probat propositum ducendo ad inconveniens; secundo, ostendit illa esse impossibilia quae sequuntur; ibi: quare ergo contingunt inconvenientia et cetera. Circa primum duo facit: primo, ostendit quod in singularibus et futuris non semper potest determinate attribui veritas alteri oppositorum; secundo, ostendit quod non potest esse quod utraque veritate careat; ibi: at vero neque quoniam et cetera. Circa primum ponit duas rationes, in quarum prima ponit quamdam consequentiam, scilicet quod si omnis affirmatio vel negatio determinate est vera vel falsa ita in singularibus et futuris sicut in aliis, consequens est quod omnia necesse sit vel determinate esse vel non esse. Deinde cum dicit: quare si hic quidem etc. vel, si itaque hic quidem, ut habetur in Graeco, probat consequentiam praedictam. Ponamus enim quod sint duo homines, quorum unus dicat aliquid esse futurum, puta quod Socrates curret, alius vero dicat hoc idem ipsum non esse futurum; supposita praemissa positione, scilicet quod in singularibus et futuris contingit alteram esse veram, scilicet vel affirmativam vel negativam, sequetur quod necesse sit quod alter eorum verum dicat, non autem uterque:

7) Em seguida, quando diz: *pois se toda afirmação*, etc., prova a diferença supracitada. E sobre isso faz duas coisas: primeiro, prova o propósito levando ao inconveniente; segundo, mostra serem impossíveis as coisas que se seguem; ali: *por que, logo, ocorrem inconvenientes*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, mostra que nas singulares e futuras nem sempre se pode atribuir determinadamente a verdade a uma das opostas; segundo, mostra que não pode ser que ambas careçam de verdade; ali: *mas nem de fato que*, etc. Sobre o primeiro ponto, põe duas razões, na primeira das quais põe uma certa consequência, a saber, que se toda afirmação ou negação é determinadamente verdadeira ou falsa, tanto nas singulares e futuras como nas outras, o consequente é que seja necessário tudo determinadamente ser ou não ser. Depois, quando diz: *pelo que, se aqui decerto*, etc., ou *se, portanto, aqui decerto*, como se lê no grego, prova a referida consequência. Suponhamos, de fato, que existam dois homens, dos quais um diga que algo será futuro (por exemplo, que "Sócrates correrá") e o outro diga que isto mesmo não será futuro; suposta a posição anterior (a saber, que nas singulares e futuras acontece que uma delas seja verdadeira, seja a afirmativa ou a negativa),

quia non potest esse quod in singularibus propositionibus futuris utraque sit simul vera, scilicet affirmativa et negativa: sed hoc habet locum solum in indefinitis. Ex hoc autem quod necesse est alterum eorum verum dicere, sequitur quod necesse sit determinate vel esse vel non esse. Et hoc probat consequenter: quia ista duo se convertibiliter consequuntur, scilicet quod verum sit id quod dicitur, et quod ita sit in re. Et hoc est quod manifestat consequenter dicens quod si verum est dicere quod album sit, de necessitate sequitur quod ita sit in re; et si verum est negare, ex necessitate sequitur quod ita non sit. Et e converso: quia si ita est in re vel non est, ex necessitate sequitur quod sit verum affirmare vel negare. Et eadem etiam convertibilitas apparet in falso: quia, si aliquis mentitur falsum dicens, ex necessitate sequitur quod non ita sit in re, sicut ipse affirmat vel negat; et e converso, si non est ita in re sicut ipse affirmat vel negat, sequitur quod affirmans vel negans mentiatur.

seguir-se-á que é necessário que um deles diga a verdade, mas não ambos: porque não pode ser que nas proposições singulares futuras ambas sejam simultaneamente verdadeiras (a saber, a afirmativa e a negativa), pois isto só tem lugar nas indefinidas. Ora, do fato de ser necessário que um deles diga a verdade, segue-se que é necessário que determinadamente algo seja ou não seja. E isto prova consequentemente: porque estas duas coisas se seguem convertivelmente, a saber, que seja verdadeiro o que se diz e que assim seja na realidade. E é isto que manifesta em seguida, dizendo que, se é verdadeiro dizer que algo é branco, segue-se por necessidade que assim seja na realidade; e se é verdadeiro negar, segue-se por necessidade que assim não seja. E inversamente: porque, se assim é na realidade ou não é, segue-se por necessidade que seja verdadeiro afirmar ou negar. E a mesma convertibilidade aparece no falso: porque, se alguém mente dizendo o falso, segue-se por necessidade que não seja assim na realidade como ele afirma ou nega; e inversamente, se não é assim na realidade como ele afirma ou nega, segue-se que quem afirma ou nega mente.

8) Est ergo processus huius rationis talis. Si necesse est quod omnis affirmatio vel negatio in singularibus et futuris sit vera vel falsa, necesse est quod omnis affirmans vel negans determinate dicat verum vel falsum. Ex hoc autem sequitur quod omne necesse sit esse vel non esse. Ergo, si omnis affirmatio vel negatio determinate sit vera, necesse est omnia determinate esse vel non esse. Ex hoc concludit ulterius quod omnia sint ex necessitate. Per quod triplex genus contingentium excluditur.

8) O processo desta razão é, portanto, tal: se é necessário que toda afirmação ou negação nas singulares e futuras seja verdadeira ou falsa, é necessário que todo aquele que afirma ou nega diga determinadamente o verdadeiro ou o falso. Ora, disto segue-se que tudo seja necessário ser ou não ser. Logo, se toda afirmação ou negação for determinadamente verdadeira, é necessário que tudo determinadamente seja ou não seja. Disto conclui, mais adiante, que tudo ocorra por necessidade. Pelo que se exclui o tríplice gênero de contingentes.

9) Quaedam enim contingunt ut in paucioribus, quae accidunt a casu vel fortuna. Quaedam vero se habent ad utrumlibet, quia scilicet non magis se habent ad unam partem, quam ad aliam, et ista procedunt ex electione. Quaedam vero eveniunt ut in pluribus; sicut hominem canescere in senectute, quod causatur ex natura. Si autem omnia ex necessitate evenirent, nihil horum contingentium esset. Et ideo dicit nihil est quantum ad ipsam permanentiam eorum quae permanent contingenter; neque fit

9) Pois certas coisas acontecem como na minoria dos casos (*ut in paucioribus*), as quais ocorrem por acaso ou fortuna. Outras, porém, comportam-se de modo indiferente (*ad utrumlibet*), porque não se inclinam mais para uma parte do que para a outra, e estas procedem da escolha. Outras, ainda, ocorrem como na maioria dos casos (*ut in pluribus*), como o homem tornar-se grisalho na velhice, o que é causado pela natureza. Se, porém, tudo ocorresse por necessidade, nenhum destes contingentes exis-

quantum ad productionem eorum quae contingenter causantur; nec casu quantum ad ea quae sunt in minori parte, sive in paucioribus; nec utrumlibet quantum ad ea quae se habent aequaliter ad utrumque, scilicet esse vel non esse, et ad neutrum horum sunt determinata: quod significat cum subdit, nec erit, nec non erit. De eo enim quod est magis determinatum ad unam partem possumus determinate verum dicere quod hoc erit vel non erit, sicut medicus de convalescente vere dicit, iste sanabitur, licet forte ex aliquo accidente eius sanitas impediatur. Unde et philosophus dicit in II de generatione quod futurus quis incedere, non incedet. De eo enim qui habet propositum determinatum ad incedendum, vere potest dici quod ipse incedet, licet per aliquod accidens impediatur eius incessus. Sed eius quod est ad utrumlibet proprium est quod, quia non determinatur magis ad unum quam ad alterum, non possit de eo determinate dici, neque quod erit, neque quod non erit. Quomodo autem sequatur quod nihil sit ad utrumlibet ex praemissa hypothesi, manifestat subdens quod, si omnis affirmatio vel negatio determinate sit vera, oportet quod vel ille qui affirmat vel ille qui negat dicat verum; et sic tollitur id quod est ad utrumlibet: quia, si esse aliquid ad utrumlibet, similiter se haberet ad hoc quod fieret vel non fieret, et non magis ad unum quam ad alterum. Est autem considerandum quod philosophus non excludit hic expresse contingens quod est ut in pluribus, duplici ratione. Primo quidem, quia tale contingens non excludit quin altera oppositarum enunciationum determinate sit vera et altera falsa, ut dictum est. Secundo, quia remoto contingenti quod est in paucioribus, quod a casu accidit, removetur per consequens contingens quod est ut in pluribus: nihil enim differt id quod est in pluribus ab eo quod est in paucioribus, nisi quod deficit in minori parte.

tiria. E por isso diz "nada é", quanto à própria permanência das coisas que permanecem contingentemente; "nem se torna", quanto à produção das coisas que são causadas contingentemente; "nem por acaso", quanto àquelas que estão na menor parte (ou na minoria); "nem indiferente", quanto às que se comportam igualmente para ambos (a saber, ser ou não ser) e para nenhum destes estão determinadas: o que significa quando acrescenta "nem será, nem não será". Pois daquilo que está mais determinado para uma parte, podemos dizer determinadamente a verdade, que "isto será" ou "não será", como o médico diz verdadeiramente do convalescente "este se curará", embora talvez por algum acidente sua saúde seja impedida. Por onde também o filósofo diz no livro II do *De Generatione* que "alguém que irá caminhar, não caminhará". Pois daquele que tem o propósito determinado de caminhar, pode-se dizer verdadeiramente que ele caminhará, embora por algum acidente seu caminhar seja impedido. Mas é próprio daquilo que é indiferente que, por não ser determinado mais a um do que ao outro, não se possa dizer determinadamente sobre ele nem que será, nem que não será. Como, porém, se segue que nada seja indiferente a partir da hipótese anterior, ele o manifesta acrescentando que, se toda afirmação ou negação é determinadamente verdadeira, é necessário que ou aquele que afirma ou aquele que nega diga a verdade; e assim se elimina o que é indiferente: porque, se algo fosse indiferente, comportar-se-ia de modo semelhante para ocorrer ou não ocorrer, e não mais para um do que para o outro. Deve-se considerar, todavia, que o filósofo não exclui aqui expressamente o contingente que ocorre na maioria dos casos (*ut in pluribus*), por dupla razão. Primeiro, porque tal contingente não impede que uma das enunciações opostas seja determinadamente verdadeira e a outra falsa, como foi dito. Segundo, porque, removido o contingente que ocorre na minoria (o que acontece por acaso), remove-se por consequência o contingente que ocorre na maioria: pois o que ocorre na maioria em nada difere do que ocorre na minoria, exceto por falhar na menor parte.

10) Deinde cum dicit: amplius si est album etc., ponit secundam rationem ad ostendendum praedictam dissimilitudinem, ducendo ad impossibile. Si enim similiter se habet veritas et falsitas in praesentibus et futuris, sequetur ut quidquid verum est de praesenti, etiam fuerit verum de futuro, eo modo quo est verum de praesenti. Sed determinate nunc est verum dicere de aliquo singulari quod est album; ergo primo, idest antequam illud fieret album, erat verum dicere quoniam hoc erit album. Sed eadem ratio videtur esse in propinquo et in remoto; ergo si ante unum diem verum fuit dicere quod hoc erit album, sequetur quod semper fuit verum dicere de quolibet eorum, quae facta sunt, quod erit. Si autem semper est verum dicere de praesenti quoniam est, vel de futuro quoniam erit, non potest hoc non esse vel non futurum esse. Cuius consequentiae ratio patet, quia ista duo sunt incompossibilia, quod aliquid vere dicatur esse, et quod non sit. Nam hoc includitur in significatione veri, ut sit id quod dicitur. Si ergo ponitur verum esse id quod dicitur de praesenti vel de futuro, non potest esse quin illud sit praesens vel futurum. Sed quod non potest non fieri idem significat cum eo quod est impossibile non fieri. Et quod impossibile est non fieri idem significat cum eo quod est necesse fieri, ut in secundo plenius dicetur. Sequitur ergo ex praemissis quod omnia, quae futura sunt, necesse est fieri. Ex quo sequitur ulterior, quod nihil sit neque ad utrumlibet neque a casu, quia illud quod accidit a casu non est ex necessitate, sed ut in paucioribus; hoc autem relinquit pro inconvenienti; ergo et primum est falsum, scilicet quod omne quod est verum esse, verum fuerit determinate dicere esse futurum.

10) Em seguida, quando diz: *além disso, se é branco*, etc., põe a segunda razão para mostrar a referida dessemelhança, levando ao impossível. Pois, se a verdade e a falsidade se comportam de modo semelhante nas coisas presentes e futuras, seguir-se-á que tudo o que é verdadeiro no presente também tenha sido verdadeiro no futuro, do modo como é verdadeiro no presente. Mas agora é determinadamente verdadeiro dizer de algum singular que é branco; logo, antes (isto é, antes que aquilo se tornasse branco), era verdadeiro dizer que "isto será branco". Mas a mesma razão parece valer para o próximo e para o remoto; logo, se há um dia foi verdadeiro dizer que "isto será branco", segue-se que sempre foi verdadeiro dizer de qualquer uma das coisas que foram feitas, que "seria". Se, porém, é sempre verdadeiro dizer do presente que "é", ou do futuro que "será", não pode isto não ser ou não vir a ser. A razão desta consequência é evidente, pois estas duas coisas são incompossíveis: que algo seja dito verdadeiramente ser, e que não seja. Pois isto se inclui na significação do verdadeiro: que seja o que se diz. Se, portanto, se põe ser verdadeiro o que se diz do presente ou do futuro, não pode ser que aquilo não seja presente ou futuro. Mas o que não pode não ocorrer significa o mesmo que "é impossível não ocorrer". E o que é impossível não ocorrer significa o mesmo que "é necessário ocorrer", como se dirá mais plenamente no segundo livro. Segue-se, portanto, das premissas, que todas as coisas que são futuras ocorram por necessidade. Do que se segue, adiante, que nada seja indiferente nem por acaso, porque o que acontece por acaso não é por necessidade, mas como na minoria dos casos; isto, porém, ele deixa como um inconveniente; logo, também o primeiro é falso, a saber: que tudo o que é verdadeiro ser, tenha sido verdadeiro determinadamente dizer ser futuro.

11) Ad cuius evidentiam considerandum est quod cum verum hoc significet ut dicatur aliquid esse quod est, hoc modo est aliquid verum, quo habet esse. Cum autem aliquid est in praesenti habet esse in seipso, et ideo vere potest dici de eo quod est: sed quamdiu aliquid est futurum, nondum est in seipso, est tamen aliqualiter in sua causa: quod quidem contingit tripliciter. Uno modo, ut sic sit in

11) Para evidência disto, deve-se considerar que, como o verdadeiro significa que se diga ser o que é, algo é verdadeiro do mesmo modo que possui o ser. Ora, quando algo está no presente, possui o ser em si mesmo, e por isso se pode dizer verdadeiramente dele que "é"; mas enquanto algo é futuro, ainda não está em si mesmo, está todavia, de algum modo, em sua causa: o que acontece de três

sua causa ut ex necessitate ex ea proveniat; et tunc determinate habet esse in sua causa; unde determinate potest dici de eo quod erit. Alio modo, aliquid est in sua causa, ut quae habet inclinationem ad suum effectum, quae tamen impediri potest; unde et hoc determinatum est in sua causa, sed mutabiliter; et sic de hoc vere dici potest, hoc erit, sed non per omnimodam certitudinem. Tertio, aliquid est in sua causa pure in potentia, quae etiam non magis est determinata ad unum quam ad aliud; unde relinquitur quod nullo modo potest de aliquo eorum determinate dici quod sit futurum, sed quod sit vel non sit.

maneiras. De um modo, por estar de tal forma em sua causa que dela provenha por necessidade; e então possui determinadamente o ser em sua causa; por onde se pode dizer determinadamente dele que "será". De outro modo, algo está em sua causa como o que possui inclinação para o seu efeito, a qual, contudo, pode ser impedida; por onde também isto está determinado em sua causa, mas de modo mutável; e assim se pode dizer verdadeiramente disto "será", mas não por uma certeza absoluta. De um terceiro modo, algo está em sua causa puramente em potência, a qual nem sequer está mais determinada a um do que ao outro; por onde resta que de nenhum modo se pode dizer determinadamente de algum deles que é futuro, mas que será ou não será.

12) Deinde cum dicit: at vero neque quoniam etc., ostendit quod veritas non omnino deest in singularibus futuris utrique oppositorum; et primo, proponit quod intendit dicens quod sicut non est verum dicere quod in talibus alterum oppositorum sit verum determinate, sic non est verum dicere quod non utrumque sit verum; ut si quod dicamus, neque erit, neque non erit. Secundo, ibi: primum enim cum sit etc., probat propositum duabus rationibus. Quarum prima talis est: affirmatio et negatio dividunt verum et falsum, quod patet ex definitione veri et falsi: nam nihil aliud est verum quam esse quod est, vel non esse quod non est; et nihil aliud est falsum quam esse quod non est, vel non esse quod est; et sic oportet quod si affirmatio sit falsa, quod negatio sit vera; et e converso. Sed secundum praedictam positionem affirmatio est falsa, qua dicitur, hoc erit; nec tamen negatio est vera: et similiter negatio erit falsa, affirmatione non existente vera; ergo praedicta positio est impossibilis, scilicet quod veritas desit utrique oppositorum. Secundam rationem ponit; ibi: ad haec si verum est et cetera. Quae talis est: si verum est dicere aliquid, sequitur quod illud sit; puta si verum est dicere quod aliquid sit magnum et album, sequitur utraque esse. Et ita de futuro sicut de praesenti: sequitur enim esse cras, si verum est dicere quod erit cras. Si ergo vera est praedicta positio dicens quod neque cras erit, neque non erit, oportebit neque fieri, neque non fieri: quod est contra rationem eius quod est

12) Em seguida, quando diz: *mas nem de fato que*, etc., mostra que a verdade não falta inteiramente em ambos os opostos nos futuros singulares; e primeiro, propõe o que pretende, dizendo que, assim como não é verdadeiro dizer que em tais casos um dos opostos seja determinadamente verdadeiro, assim não é verdadeiro dizer que ambos não sejam verdadeiros; como se disséssemos "nem será, nem não será". Segundo, ali: *primeiro, pois, sendo*, etc., prova o propósito por duas razões. A primeira das quais é tal: a afirmação e a negação dividem o verdadeiro e o falso, o que é evidente pela definição de verdadeiro e falso: pois o verdadeiro nada mais é do que ser o que é, ou não ser o que não é; e o falso nada mais é do que ser o que não é, ou não ser o que é; e assim é necessário que, se a afirmação for falsa, a negação seja verdadeira, e viceversa. Mas, segundo a referida posição, a afirmação pela qual se diz "isto será" é falsa, e no entanto a negação não é verdadeira; e, semelhantemente, a negação será falsa sem que a afirmação seja verdadeira; logo, a referida posição é impossível, a saber, que a verdade falte a ambos os opostos. Põe a segunda razão ali: *além disso, se é verdadeiro*, etc. Que é tal: se é verdadeiro dizer algo, segue-se que aquilo é; por exemplo, se é verdadeiro dizer que algo é grande e branco, segue-se que ambos são. E assim para o futuro como para o presente: pois segue-se o ser amanhã, se é verdadeiro dizer que "será amanhã". Se, portanto, é verdadeira a

ad utrumlibet, quia quod est ad utrumlibet se habet ad alterutrum; ut navale bellum cras erit, vel non erit. Et ita ex hoc sequitur idem inconveniens quod in praemissis.

referida posição dizendo que "nem amanhã será, nem não será", será necessário que nem ocorra, nem não ocorra: o que é contra a definição do que é indiferente, porque o que é indiferente comporta-se para um ou para outro; como "amanhã haverá uma batalha naval" ou "não haverá". E assim, disto segue-se o mesmo inconveniente que nas premissas.

Lectio XIV

1) Ostenderat superius philosophus ducendo ad inconveniens quod non est similiter verum vel falsum determinate in altero oppositorum in singularibus et futuris, sicut supra de aliis enunciationibus dixerat; nunc autem ostendit inconvenientia ad quae adduxerat esse impossibilia. Et circa hoc duo facit: primo, ostendit impossibilia ea quae sequebantur; secundo, concludit quomodo circa haec se veritas habeat; ibi: igitur esse quod est et cetera.

1) O filósofo mostrara anteriormente, conduzindo ao inconveniente, que não há verdade ou falsidade determinada de modo semelhante em um dos opostos nas enunciações singulares e futuras, como dissera acima sobre as outras enunciações; agora, porém, ele mostra que os inconvenientes aos quais chegara são impossíveis. E sobre isso faz duas coisas: primeiro, mostra serem impossíveis as coisas que se seguiam; segundo, conclui como a verdade se comporta em relação a elas; ali: *logo, ser o que é*, etc.

2) Circa primum tria facit: primo, ponit inconvenientia quae sequuntur; secundo, ostendit haec inconvenientia ex praedicta positione sequi; ibi: nihil enim prohibet etc.; tertio, ostendit esse impossibilia inconvenientia memorata; ibi: quod si haec possibilia non sunt et cetera. Dicit ergo primo, ex praedictis rationibus concludens, quod haec inconvenientia sequuntur, si ponatur quod necesse sit oppositarum enunciationum alteram determinate esse veram et alteram esse falsam similiter in singularibus sicut in universalibus, quod scilicet nihil in his quae fiunt sit ad utrumlibet, sed omnia sint et fiant ex necessitate. Et ex hoc ulterius inducit alia duo inconvenientia. Quorum primum est quod non oportebit de aliquo consiliari: probatum est enim in III Ethicorum quod consilium non est de his, quae sunt ex necessitate, sed solum de contingentibus, quae possunt esse et non esse. Secundum inconveniens est quod omnes actiones humanae, quae sunt propter aliquem finem (puta negotiatio, quae est propter divitias acquirendas), erunt superfluae: quia si omnia ex necessitate eveniunt, sive operemur sive non operemur erit quod intendimus. Sed hoc est contra intentionem hominum, quia ea intentione videntur consiliari et negotiari ut, si haec faciant, erit talis finis, si autem faciunt aliquid aliud, erit alius finis.

2) Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: primeiro, apresenta os inconvenientes que se seguem; segundo, mostra que esses inconvenientes decorrem da referida posição; ali: *pois nada impede*, etc.; terceiro, mostra que os inconvenientes mencionados são impossíveis; ali: *que, se estas coisas não são possíveis*, etc. Diz, portanto, primeiro, concluindo das razões anteriores, que estes inconvenientes se seguem se se propuser que é necessário que uma das enunciações opostas seja determinadamente verdadeira e a outra falsa, de modo semelhante nas singulares como nas universais, a saber: que nada naquilo que ocorre seja indiferente, mas tudo seja e ocorra por necessidade. E disto infere adiante outros dois inconvenientes. O primeiro dos quais é que não será necessário aconselhar-se sobre nada: pois foi provado no livro III da Ética que o conselho não versa sobre as coisas que são por necessidade, mas somente sobre as contingentes, que podem ser e não ser. O segundo inconveniente é que todas as ações humanas que visam a algum fim (como a negociação, que visa adquirir riquezas) serão supérfluas: porque, se tudo ocorre por necessidade, quer operemos, quer não operemos, ocorrerá o que pretendemos. Mas isto é contra a intenção dos homens, pois eles parecem aconselhar-se e negociar com a intenção de que, se fizerem tais coisas, haverá tal fim, mas se fizerem outra coisa, haverá outro fim.

3) Deinde cum dicit: nihil enim prohibet etc., probat quod dicta inconvenientia consequantur ex dicta positione. Et circa hoc duo facit: primo, osten-

3) Em seguida, quando diz: *pois nada impede*, etc., prova que os referidos inconvenientes decorrem da mencionada posição. E sobre isso faz duas coisas:

dit praedicta inconvenientia sequi, quodam possibili posito; secundo, ostendit quod eadem inconvenientia sequantur etiam si illud non ponatur; ibi: at nec hoc differt et cetera. Dicit ergo primo, non esse impossibile quod ante mille annos, quando nihil apud homines erat praecogitatum, vel praeordinatum de his quae nunc aguntur, unus dixerit quod hoc erit, puta quod civitas talis subverteretur, alius autem dixerit quod hoc non erit. Sed si omnis affirmatio vel negatio determinate est vera, necesse est quod alter eorum determinate verum dixerit; ergo necesse fuit alterum eorum ex necessitate evenire; et eadem ratio est in omnibus aliis; ergo omnia ex necessitate eveniunt.

primeiro, mostra que os referidos inconvenientes se seguem, posta uma certa possibilidade; segundo, mostra que os mesmos inconvenientes se seguem ainda que aquilo não seja posto; ali: *mas nem isto difere*, etc. Diz, portanto, primeiro, não ser impossível que há mil anos, quando nada entre os homens fora precogitado ou pré-ordenado sobre o que agora se faz, um tenha dito que "isto será" (por exemplo, que tal cidade seria subvertida) e outro tenha dito que "isto não será". Mas, se toda afirmação ou negação é determinadamente verdadeira, é necessário que um deles tenha dito determinadamente a verdade; logo, foi necessário que um deles ocorresse por necessidade; e a mesma razão se aplica a todas as outras coisas; logo, tudo ocorre por necessidade.

4) Deinde cum dicit: at vero neque hoc differt etc., ostendit quod idem sequitur si illud possibile non ponatur. Nihil enim differt, quantum ad rerum existentiam vel eventum, si uno affirmante hoc esse futurum, alius negaverit vel non negaverit; ita enim se habebit res si hoc factum fuerit, sicut si hoc non factum fuerit. Non enim propter nostrum affirmare vel negare mutatur cursus rerum, ut sit aliquid vel non sit: quia veritas nostrae enunciationis non est causa existentiae rerum, sed potius e converso. Similiter etiam non differt quantum ad eventum eius quod nunc agitur, utrum fuerit affirmatum vel negatum ante millesimum annum vel ante quodcumque tempus. Sic ergo, si in quocumque tempore praeterito, ita se habebat veritas enunciationum, ut necesse esset quod alterum oppositorum vere diceretur; et ad hoc quod necesse est aliquid vere dici sequitur quod necesse sit illud esse vel fieri; consequens est quod unumquodque eorum quae fiunt, sic se habeat ut ex necessitate fiat. Et huiusmodi consequentiae rationem assignat per hoc, quod si ponatur aliquem vere dicere quod hoc erit, non potest non futurum esse. Sicut supposito quod sit homo, non potest non esse animal rationale mortale. Hoc enim significatur, cum dicitur aliquid vere dici, scilicet quod ita sit ut dicitur. Eadem autem habitudo est eorum, quae nunc dicuntur, ad ea quae futura sunt, quae erat eorum, quae prius dicebantur, ad ea quae sunt praesentia vel praeterita; et ita omnia ex necessitate acciderunt, et accidunt, et accident, quia quod nunc

4) Em seguida, quando diz: *mas, de fato, nem isto difere*, etc., mostra que o mesmo se segue se aquela possibilidade não for posta. Pois nada difere, quanto à existência ou evento das coisas, se, afirmando um que algo será futuro, outro o tenha negado ou não; pois a coisa se comportará assim se isso tiver sido feito, do mesmo modo que se não tivesse sido feito. Pois o curso das coisas não muda por causa do nosso afirmar ou negar, para que algo seja ou não seja: porque a verdade da nossa enunciação não é a causa da existência das coisas, mas antes o contrário. Da mesma forma, não difere quanto ao evento do que agora se faz, se foi afirmado ou negado há mil anos ou antes de qualquer tempo. Assim, portanto, se em qualquer tempo passado a verdade das enunciações se comportava de tal modo que era necessário que um dos opostos fosse dito verdadeiramente; e se ao fato de ser necessário que algo seja dito verdadeiramente segue-se que é necessário que aquilo seja ou ocorra; o consequente é que cada uma das coisas que ocorrem se comporte de tal modo que ocorra por necessidade. E atribui a razão desta consequência ao fato de que, se se põe alguém dizendo verdadeiramente que "isto será", não pode deixar de ser futuro. Assim como, suposto que seja homem, não pode não ser animal racional mortal. Pois é isto que se significa quando se diz que algo é dito verdadeiramente, a saber: que seja assim como se diz. Ora, a mesma relação que existe entre o que se diz agora e o que será no futuro, existia entre o que se dizia antes e o que é

factum est, utpote in praesenti vel in praeterito existens, semper verum erat dicere, quoniam erit futurum.

presente ou passado; e assim todas as coisas aconteceram, acontecem e acontecerão por necessidade, porque o que agora foi feito, enquanto existente no presente ou no passado, sempre foi verdadeiro dizer que "seria futuro".

5) Deinde cum dicit: quod si haec possibilia non sunt etc., ostendit praedicta esse impossibilia: et primo, per rationem; secundo, per exempla sensibilia; ibi: et multa nobis manifesta et cetera. Circa primum duo facit: primo, ostendit propositum in rebus humanis; secundo, etiam in aliis rebus; ibi: et quoniam est omnino et cetera. Quantum autem ad res humanas ostendit esse impossibilia quae dicta sunt, per hoc quod homo manifeste videtur esse principium eorum futurorum, quae agit quasi dominus existens suorum actuum, et in sua potestate habens agere vel non agere; quod quidem principium si removeatur, tollitur totus ordo conversationis humanae, et omnia principia philosophiae moralis. Hoc enim sublato non erit aliqua utilitas persuasionis, nec comminationis, nec punitionis aut remunerationis, quibus homines alliciuntur ad bona et retrahuntur a malis, et sic evacuatur tota civilis scientia. Hoc ergo philosophus accipit pro principio manifesto quod homo sit principium futurorum; non est autem futurorum principium nisi per hoc quod consiliatur et facit aliquid: ea enim quae agunt absque consilio non habent dominium sui actus, quasi libere iudicantes de his quae sunt agenda, sed quodam naturali instinctu moventur ad agendum, ut patet in animalibus brutis. Unde impossibile est quod supra conclusum est quod non oporteat nos negotiari vel consiliari. Et sic etiam impossibile est illud ex quo sequebatur, scilicet quod omnia ex necessitate eveniant.

5) Em seguida, quando diz: *que, se estas coisas não são possíveis*, etc., mostra serem as referidas coisas impossíveis: primeiro, pela razão; segundo, por exemplos sensíveis; ali: *e muitas coisas nos são manifestas*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, mostra o propósito nas coisas humanas; segundo, também nas outras coisas; ali: *e visto que há inteiramente*, etc. Quanto às coisas humanas, mostra que o que foi dito é impossível pelo fato de que o homem manifestamente parece ser o princípio daqueles futuros que realiza como senhor de seus atos, tendo em seu poder o agir ou não agir; princípio que, se for removido, destrói-se toda a ordem da convivência humana e todos os princípios da filosofia moral. Pois, suprimido isto, não haverá qualquer utilidade na persuasão, nem na ameaça, nem na punição ou remuneração, pelas quais os homens são atraídos ao bem e retraídos do mal, e assim esvazia-se toda a ciência civil. O filósofo, portanto, assume como princípio manifesto que o homem é princípio dos futuros; ora, não é princípio dos futuros senão pelo fato de que se aconselha e faz algo: pois os seres que agem sem conselho não têm domínio sobre seu ato, como quem julga livremente sobre o que deve ser feito, mas são movidos a agir por um certo instinto natural, como é evidente nos animais brutos. Por onde, é impossível o que se concluiu acima, a saber: que não devêssemos negociar ou nos aconselhar. E assim também é impossível aquilo de que isto se seguia, a saber: que tudo ocorra por necessidade.

6) Deinde cum dicit: et quoniam est omnino etc., ostendit idem etiam in aliis rebus. Manifestum est enim etiam in rebus naturalibus esse quaedam, quae non semper actu sunt; ergo in eis contingit esse et non esse: alioquin vel semper essent, vel semper non essent. Id autem quod non est, incipit esse aliquid per hoc quod fit illud; sicut id quod non est album, incipit esse album per hoc quod fit album. Si autem non fiat album permanet non ens

6) Em seguida, quando diz: *e visto que há inteiramente*, etc., mostra o mesmo também em outras coisas. Pois é manifesto que também nas coisas naturais existem algumas que nem sempre estão em ato; logo, nelas acontece o ser e o não ser: do contrário, ou seriam sempre, ou nunca seriam. Ora, aquilo que não é, começa a ser algo pelo fato de que se torna tal coisa; como o que não é branco começa a ser branco pelo fato de tornar-se branco.

album. Ergo in quibus contingit esse et non esse, contingit etiam fieri et non fieri. Non ergo talia ex necessitate sunt vel fiunt, sed est in eis natura possibilitatis, per quam se habent ad fieri et non fieri, esse et non esse.

Se, porém, não se tornar branco, permanece não sendo branco. Logo, naquelas coisas em que acontece o ser e o não ser, acontece também o tornar-se e o não tornar-se. Portanto, tais coisas não são nem ocorrem por necessidade, mas nelas há uma natureza de possibilidade, pela qual se comportam em relação ao tornar-se e não tornar-se, ao ser e ao não ser.

7) Deinde cum dicit: ac multa nobis manifesta etc., ostendit propositum per sensibilia exempla. Sit enim, puta, vestis nova; manifestum est quod eam possibile est incidi, quia nihil obviat incisioni, nec ex parte agentis nec ex parte patientis. Probat autem quod simul cum hoc quod possibile est eam incidi, possibile est etiam eam non incidi, eodem modo quo supra probavit duas indefinitas oppositas esse simul veras, scilicet per assumptionem contrarii. Sicut enim possibile est istam vestem incidi, ita possibile est eam exteri, idest vetustate corrumpi; sed si exteritur non inciditur; ergo utrumque possibile est, scilicet eam incidi et non incidi. Et ex hoc universaliter concludit quod in aliis futuris, quae non sunt in actu semper, sed sunt in potentia, hoc manifestum est quod non omnia ex necessitate sunt vel fiunt, sed eorum quaedam sunt ad utrumlibet, quae non se habent magis ad affirmationem quam ad negationem; alia vero sunt in quibus alterum eorum contingit ut in pluribus, sed tamen contingit etiam ut in paucioribus quod altera pars sit vera, et non alia, quae scilicet contingit ut in pluribus.

7) Em seguida, quando diz: *e muitas coisas nos são manifestas*, etc., mostra o propósito por meio de exemplos sensíveis. Seja, por exemplo, uma veste nova; é manifesto que é possível que ela seja cortada, pois nada obsta ao corte, nem por parte do agente, nem por parte do paciente. Prova, contudo, que simultaneamente ao fato de ser possível que ela seja cortada, é possível também que não seja cortada, do mesmo modo que acima provou que duas indefinidas opostas são simultaneamente verdadeiras, a saber, pela assunção do contrário. Pois, assim como é possível que esta veste seja cortada, também é possível que ela se desgaste, isto é, se corrompa pela velhice; mas se ela se desgasta, não é cortada; logo, ambas as coisas são possíveis, a saber, que seja cortada e que não seja cortada. E disto conclui universalmente que, nos outros futuros que nem sempre estão em ato, mas estão em potência, é manifesto que nem tudo é ou ocorre por necessidade, mas que algumas dessas coisas são indiferentes, as quais não se inclinam mais para a afirmação do que para a negação; outras, porém, são tais que uma das partes ocorre na maioria dos casos, mas no entanto acontece também na minoria dos casos que a outra parte seja verdadeira, e não aquela que ocorre na maioria das vezes.

8) Est autem considerandum quod, sicut Boethius dicit hic in commento, circa possibile et necessarium diversimode aliqui sunt opinati. Quidam enim distinxerunt ea secundum eventum, sicut Diodorus, qui dixit illud esse impossibile quod nunquam erit; necessarium vero quod semper erit; possibile vero quod quandoque erit, quandoque non erit. Stoici vero distinxerunt haec secundum exteriora prohibentia. Dixerunt enim necessarium esse illud quod non potest prohiberi quin sit verum; impossibile vero quod semper prohibetur a veritate; possibile

8) Deve-se considerar, contudo, que, como diz Boécio em seu comentário aqui, alguns opinaram de modo diverso sobre o possível e o necessário. Pois alguns os distinguiram segundo o evento, como Diodoro, que disse ser impossível o que nunca será; necessário o que sempre será; e possível o que às vezes será e às vezes não será. Os Estoicos, porém, distinguiram estes termos segundo impedimentos exteriores. Disseram, de fato, que o necessário é aquilo que não pode ser impedido de ser verdadeiro; o impossível, o que é sempre impedido da verdade;

vero quod potest prohiberi vel non prohiberi. Utraque autem distinctio videtur esse incompetens. Nam prima distinctio est a posteriori: non enim ideo aliquid est necessarium, quia semper erit; sed potius ideo semper erit, quia est necessarium: et idem patet in aliis. Secunda autem assignatio est ab exteriori et quasi per accidens: non enim ideo aliquid est necessarium, quia non habet impedimentum, sed quia est necessarium, ideo impedimentum habere non potest. Et ideo alii melius ista distinxerunt secundum naturam rerum, ut scilicet dicatur illud necessarium, quod in sua natura determinatum est solum ad esse; impossibile autem quod est determinatum solum ad non esse; possibile autem quod ad neutrum est omnino determinatum, sive se habeat magis ad unum quam ad alterum, sive se habeat aequaliter ad utrumque, quod dicitur contingens ad utrumlibet. Et hoc est quod Boethius attribuit Philoni. Sed manifeste haec est sententia Aristotelis in hoc loco. Assignat enim rationem possibilitatis et contingentiae, in his quidem quae sunt a nobis ex eo quod sumus consiliativi, in aliis autem ex eo quod materia est in potentia ad utrumque oppositorum.

o possível, o que pode ser impedido ou não ser impedido. Ambas as distinções, porém, parecem ser incompetentes. Pois a primeira distinção é *a posteriori*: pois algo não é necessário porque sempre será; mas antes sempre será porque é necessário; e o mesmo é evidente nos outros casos. Já a segunda atribuição é pelo exterior e como que por acidente: pois algo não é necessário porque não possui impedimento, mas porque é necessário, por isso não pode ter impedimento. E, por isso, outros distinguiram melhor estes termos segundo a natureza das coisas, a saber, de modo que se chame necessário aquilo que, em sua natureza, está determinado apenas para o ser; impossível, o que está determinado apenas para o não ser; e possível, o que não está de modo algum determinado para nenhum dos dois, quer se incline mais para um do que para o outro, quer se comporte igualmente para ambos, o que se chama contingente indiferente. E isto é o que Boécio atribui a Fílon. Mas manifestamente esta é a sentença de Aristóteles neste lugar. Pois ele atribui a razão da possibilidade e da contingência, naquelas coisas que dependem de nós, ao fato de sermos seres que deliberam; e nas outras coisas, ao fato de que a matéria está em potência para ambos os opostos.

9) Sed videtur haec ratio non esse sufficiens. Sicut enim in corporibus corruptibilibus materia invenitur in potentia se habens ad esse et non esse, ita etiam in corporibus caelestibus invenitur potentia ad diversa ubi, et tamen nihil in eis evenit contingenter, sed solum ex necessitate. Unde dicendum est quod possibilitas materiae ad utrumque, si communiter loquamur, non est sufficiens ratio contingentiae, nisi etiam addatur ex parte potentiae activae quod non sit omnino determinata ad unum; alioquin si ita sit determinata ad unum quod impediri non potest, consequens est quod ex necessitate reducat in actum potentiam passivam eodem modo.

9) Mas esta razão parece não ser suficiente. Pois, assim como nos corpos corruptíveis a matéria se encontra em potência em relação ao ser e ao não ser, também nos corpos celestes encontra-se potência para diversos lugares (*ubi*), e no entanto nada neles ocorre contingentemente, mas apenas por necessidade. Por onde se deve dizer que a possibilidade da matéria para ambos, se falarmos comumente, não é razão suficiente da contingência, a menos que se acrescente, por parte da potência ativa, que ela não esteja inteiramente determinada a um só; do contrário, se estiver de tal modo determinada a um que não possa ser impedida, o consequente é que, por necessidade, reduza ao ato a potência passiva do mesmo modo.

10) Hoc igitur quidam attendentes posuerunt quod potentia, quae est in ipsis rebus naturalibus, sortitur necessitatem ex aliqua causa determinata ad unum quam dixerunt fatum. Quorum Stoici po-

10) Atentando para isto, portanto, alguns afirmaram que a potência que existe nas próprias coisas naturais recebe a necessidade de alguma causa determinada a um só fim, a qual chamaram de des-

suerunt fatum in quadam serie, seu connexione causarum, supponentes quod omne quod in hoc mundo accidit habet causam; causa autem posita, necesse est effectum poni. Et si una causa per se non sufficit, multae causae ad hoc concurrentes accipiunt rationem unius causae sufficientis; et ita concludebant quod omnia ex necessitate eveniunt.

tino (*fatum*). Dentre estes, os Estoicos puseram o destino em uma certa série ou conexão de causas, supondo que tudo o que acontece neste mundo possui uma causa; ora, posta a causa, é necessário que se ponha o efeito. E se uma causa por si só não fosse suficiente, muitas causas concorrendo para isso assumiriam a razão de uma única causa suficiente; e assim concluíam que todas as coisas ocorrem por necessidade.

11) Sed hanc rationem solvit Aristoteles in VI metaphysicae interimens utramque propositionum assumptarum. Dicit enim quod non omne quod fit habet causam, sed solum illud quod est per se. Sed illud quod est per accidens non habet causam; quia proprie non est ens, sed magis ordinatur cum non ente, ut etiam Plato dixit. Unde esse musicum habet causam, et similiter esse album; sed hoc quod est, album esse musicum, non habet causam: et idem est in omnibus aliis huiusmodi. Similiter etiam haec est falsa, quod posita causa etiam sufficienti, necesse est effectum poni: non enim omnis causa est talis (etiamsi sufficiens sit) quod eius effectus impediri non possit; sicut ignis est sufficiens causa combustionis lignorum, sed tamen per effusionem aquae impeditur combustio.

11) Mas Aristóteles resolve esta razão no livro VI da Metafísica, destruindo ambas as proposições assumidas. Pois ele diz que nem tudo o que ocorre possui uma causa, mas apenas aquilo que é por si (*per se*). Já aquilo que é por acidente (*per accidens*) não possui causa; porque propriamente não é um ente, mas antes se ordena com o não-ente, como também disse Platão. Por onde, o "ser músico" possui uma causa, e do mesmo modo o "ser branco"; mas o fato de o "branco ser músico" não possui causa: e o mesmo ocorre em todas as outras coisas deste gênero. Da mesma forma, também esta é falsa: que, posta uma causa inclusive suficiente, é necessário que o efeito seja posto: pois nem toda causa é tal (ainda que seja suficiente) que seu efeito não possa ser impedido; como o fogo é causa suficiente da combustão da lenha, mas, no entanto, pela efusão de água, a combustão é impedida.

12) Si autem utraque propositionum praedictarum esset vera, infallibiliter sequeretur omnia ex necessitate contingere. Quia si quilibet effectus habet causam, esset effectum (qui est futurus post quinque dies, aut post quantumcumque tempus) reducere in aliquam causam priorem: et sic quousque esset devenire ad causam, quae nunc est in praesenti, vel iam fuit in praeterito; si autem causa posita, necesse est effectum poni, per ordinem causarum deveniret necessitas usque ad ultimum effectum. Puta, si comedit salsa, sitiet: si sitiet, exibit domum ad bibendum: si exibit domum, occidetur a latronibus. Quia ergo iam comedit salsa, necesse est eum occidi. Et ideo Aristoteles ad hoc excludendum ostendit utramque praedictarum propositionum esse falsam, ut dictum est.

12) Se, contudo, ambas as proposições referidas fossem verdadeiras, seguir-se-ia infalivelmente que todas as coisas ocorreriam por necessidade. Pois, se qualquer efeito possui uma causa, seria possível reduzir o efeito (que ocorrerá após cinco dias ou após qualquer tempo) a alguma causa anterior: e assim sucessivamente até chegar a uma causa que está agora no presente, ou que já esteve no passado; se, porém, posta a causa, o efeito é necessariamente posto, pela ordem das causas a necessidade chegaria até o último efeito. Por exemplo: se comeu coisas salgadas, terá sede; se tiver sede, sairá de casa para beber; se sair de casa, será morto por ladrões. Logo, porque já comeu coisas salgadas, é necessário que ele seja morto. E por isso Aristóteles, para excluir isto, mostra que ambas as referidas proposições são falsas, como foi dito.

13) Obiiciunt autem quidam contra hoc, dicentes quod omne per accidens reducitur ad aliquid per se, et ita oportet effectum qui est per accidens reduci in causam per se. Sed non attendunt quod id quod est per accidens reducitur ad per se, in quantum accidit ei quod est per se, sicut musicum accidit Socrati, et omne accidens alicui subiecto per se existenti. Et similiter omne quod in aliquo effectu est per accidens consideratur circa aliquem effectum per se: qui quantum ad id quod per se est habet causam per se, quantum autem ad id quod inest ei per accidens non habet causam per se, sed causam per accidens. Oportet enim effectum proportionaliter referre ad causam suam, ut in II physicorum et in V methaphysicae dicitur.

13) Alguns, porém, objetam contra isto, dizendo que tudo o que é por acidente se reduz a algo que é por si, e assim seria necessário que o efeito por acidente se reduzisse a uma causa por si. Mas não percebem que aquilo que é por acidente se reduz ao que é por si na medida em que acontece ao que é por si, como o "músico" acontece a Sócrates, e todo acidente a algum sujeito existente por si. E, semelhantemente, tudo o que em algum efeito é por acidente, considera-se em relação a algum efeito por si: o qual, quanto ao que é por si, possui uma causa por si; quanto ao que lhe é inerente por acidente, não possui uma causa por si, mas uma causa por acidente. Pois é necessário referir o efeito proporcionalmente à sua causa, como se diz no livro II da Física e no livro V da Metafísica.

14) Quidam vero non attendentes differentiam effectuum per accidens et per se, tentaverunt reducere omnes effectus hic inferius provenientes in aliquam causam per se, quam ponebant esse virtutem caelestium corporum in qua ponebant fatum, dicentes nihil aliud esse fatum quam vim positionis syderum. Sed ex hac causa non potest provenire necessitas in omnibus quae hic aguntur. Multa enim hic fiunt ex intellectu et voluntate, quae per se et directe non subduntur virtuti caelestium corporum: cum enim intellectus sive ratio et voluntas quae est in ratione, non sint actus organi corporalis, ut probatur in libro de anima, impossibile est quod directe subdantur intellectus seu ratio et voluntas virtuti caelestium corporum: nulla enim vis corporalis potest agere per se, nisi in rem corpoream. Vires autem sensitivae in quantum sunt actus organorum corporalium per accidens subduntur actioni caelestium corporum. Unde philosophus in libro de anima opinionem ponentium voluntatem hominis subiici motui caeli adscribit his, qui non ponebant intellectum differre a sensu. Indirecte tamen vis caelestium corporum redundat ad intellectum et voluntatem, in quantum scilicet intellectus et voluntas utuntur viribus sensitivis. Manifestum autem est quod passiones virium sensitivarum non inferunt necessitatem rationi et voluntati. Nam continens habet pravas concupiscentias, sed non deducitur, ut patet per philosophum in VII Ethicorum. Sic igitur ex

14) Outros, de fato, não atentando para a diferença entre efeitos por acidente e por si, tentaram reduzir todos os efeitos que aqui embaixo provêm a alguma causa por si, a qual afirmavam ser a virtude dos corpos celestes, na qual punham o destino, dizendo que o destino nada mais é do que a força da posição dos astros. Mas desta causa não pode provir necessidade em tudo o que aqui se faz. Pois muitas coisas aqui ocorrem por intelecto e vontade, os quais por si e diretamente não se submetem à virtude dos corpos celestes: pois como o intelecto (ou razão) e a vontade que reside na razão não são atos de um órgão corporal, como se prova no livro *De Anima*, é impossível que o intelecto (ou razão) e a vontade se submetam diretamente à virtude dos corpos celestes: pois nenhuma força corporal pode agir por si senão sobre uma realidade corpórea. Já as potências sensitivas, enquanto são atos de órgãos corporais, submetem-se por acidente à ação dos corpos celestes. Por onde o filósofo, no livro *De Anima*, atribui a opinião dos que põem a vontade do homem sujeita ao movimento do céu àqueles que não afirmavam que o intelecto difere do sentido. Indiretamente, porém, a força dos corpos celestes redunda no intelecto e na vontade, na medida em que o intelecto e a vontade utilizam as potências sensitivas. É manifesto, contudo, que as paixões das potências sensitivas não impõem necessidade à razão e à vontade. Pois o continente possui concupiscências perversas, mas não é conduzido por elas,

virtute caelestium corporum non provenit necessitas in his quae per rationem et voluntatem fiunt. Similiter nec in aliis corporalibus effectibus rerum corruptibilium, in quibus multa per accidens eveniunt. Id autem quod est per accidens non potest reduci ut in causam per se in aliquam virtutem naturalem, quia virtus naturae se habet ad unum; quod autem est per accidens non est unum; unde et supra dictum est quod haec enunciatio non est una, Socrates est albus musicus, quia non significat unum. Et ideo philosophus dicit in libro de somno et vigilia quod multa, quorum signa praeexistunt in corporibus caelestibus, puta in imbribus et tempestatibus, non eveniunt, quia scilicet impediuntur per accidens. Et quamvis illud etiam impedimentum secundum se consideratum reducatur in aliquam causam caelestem; tamen concursus horum, cum sit per accidens, non potest reduci in aliquam causam naturaliter agentem.

como é patente pelo filósofo no livro VII da Ética. Assim, portanto, da virtude dos corpos celestes não provém necessidade naquelas coisas que se fazem pela razão e pela vontade. Semelhantemente, nem nos outros efeitos corporais das coisas corruptíveis, nos quais muitas coisas ocorrem por acidente. Ora, aquilo que é por acidente não pode ser reduzido como a uma causa por si em alguma virtude natural, porque a virtude da natureza se ordena a um só fim; já o que é por acidente não é um; por onde também acima foi dito que esta enunciação não é uma: "Sócrates é um branco músico", porque não significa uma unidade. E por isso o filósofo diz no livro *De Somno et Vigilia* que muitas coisas cujos sinais preexistem nos corpos celestes (por exemplo, em chuvas e tempestades) não ocorrem, porque são impedidas por acidente. E embora também esse impedimento, considerado em si mesmo, se reduza a alguma causa celeste, no entanto o concurso deles, por ser por acidente, não pode ser reduzido a nenhuma causa que aja naturalmente.

15) Sed considerandum est quod id quod est per accidens potest ab intellectu accipi ut unum, sicut album esse musicum, quod quamvis secundum se non sit unum, tamen intellectus ut unum accipit, in quantum scilicet componendo format enunciationem unam. Et secundum hoc contingit id, quod secundum se per accidens evenit et casualiter, reduci in aliquem intellectum praeordinantem; sicut concursus duorum servorum ad certum locum est per accidens et casualis quantum ad eos, cum unus eorum ignoret de alio; potest tamen esse per se intentus a domino, qui utrumque mittit ad hoc quod in certo loco sibi occurrant.

15) Mas deve-se considerar que aquilo que é por acidente pode ser apreendido pelo intelecto como um só, como o "branco ser músico", que, embora não seja um por si mesmo, o intelecto o apreende como um, na medida em que, ao compor, forma uma única enunciação. E segundo isto acontece que o que ocorre por si mesmo por acidente e casualmente se reduza a algum intelecto que o pré-ordena; como o encontro de dois servos em um certo lugar é por acidente e casual quanto a eles, visto que um ignora o outro; pode, no entanto, ser pretendido por si por um senhor que envia ambos para que se encontrem em determinado lugar.

16) Et secundum hoc aliqui posuerunt omnia quaecumque in hoc mundo aguntur, etiam quae videntur fortuita vel casualia, reduci in ordinem providentiae divinae, ex qua dicebant dependere fatum. Et hoc quidem aliqui stulti negaverunt, iudicantes de intellectu divino ad modum intellectus nostri, qui singularia non cognoscit. Hoc autem est falsum: nam intelligere divinum et velle eius est ipsum esse ipsius. Unde sicut esse eius sua virtute comprehendit omne illud quod quocumque modo est, in quantum scilicet est per participationem

16) E segundo isto, alguns afirmaram que todas as coisas que se fazem neste mundo, inclusive as que parecem fortuitas ou casuais, reduzem-se à ordem da providência divina, da qual diziam depender o destino. E isto, decerto, alguns insensatos negaram, julgando o intelecto divino à maneira do nosso intelecto, que não conhece os singulares. Isto, porém, é falso: pois o entender divino e o seu querer são o seu próprio ser. Por onde, assim como o seu ser, por sua virtude, compreende tudo aquilo que de qualquer modo é, na medida em que o é pela

ipsius; ita etiam suum intelligere et suum intelligibile comprehendit omnem cognitionem et omne cognoscibile; et suum velle et suum volitum comprehendit omnem appetitum et omne appetibile quod est bonum; ut, scilicet ex hoc ipso quod aliquid est cognoscibile cadat sub eius cognitione, et ex hoc ipso quod est bonum cadat sub eius voluntate: sicut ex hoc ipso quod est ens, aliquid cadit sub eius virtute activa, quam ipse perfecte comprehendit, cum sit per intellectum agens.

participação d'Ele; assim também o seu entender e o seu inteligível compreendem todo o conhecimento e todo o conhecível; e o seu querer e o seu objeto de vontade compreendem todo o apetite e todo o apetecível que é bom; de modo que, pelo fato mesmo de algo ser conhecível, cai sob o Seu conhecimento, e pelo fato mesmo de ser bom, cai sob a Sua vontade: assim como, pelo fato mesmo de ser ente, algo cai sob a Sua virtude ativa, a qual Ele compreende perfeitamente, sendo um agente por intelecto.

17) Sed si providentia divina sit per se causa omnium quae in hoc mundo accidunt, saltem bonorum, videtur quod omnia ex necessitate accidant. Primo quidem ex parte scientiae eius: non enim potest eius scientia falli; et ita ea quae ipse scit, videtur quod necesse sit evenire. Secundo ex parte voluntatis: voluntas enim Dei inefficax esse non potest; videtur ergo quod omnia quae vult, ex necessitate eveniant.

17) Mas, se a providência divina é a causa por si de tudo o que acontece neste mundo, ao menos dos bens, parece que tudo aconteceria por necessidade. Primeiro, por parte do Seu conhecimento: pois o Seu conhecimento não pode falhar; e assim as coisas que Ele próprio sabe, parece que devem ocorrer por necessidade. Segundo, por parte da vontade: pois a vontade de Deus não pode ser ineficaz; parece, logo, que tudo o que Ele quer ocorre por necessidade.

18) Procedunt autem hae obiectiones ex eo quod cognitio divini intellectus et operatio divinae voluntatis pensantur ad modum eorum, quae in nobis sunt, cum tamen multo dissimiliter se habeant.

18) Estas objeções procedem do fato de que o conhecimento do intelecto divino e a operação da vontade divina são ponderados à maneira daqueles que existem em nós, embora se comportem de modo muito diferente.

19) Nam primo quidem ex parte cognitionis vel scientiae considerandum est quod ad cognoscendum ea quae secundum ordinem temporis eveniunt, aliter se habet vis cognoscitiva, quae sub ordine temporis aliqualiter continetur, aliter illa quae totaliter est extra ordinem temporis. Cuius exemplum conveniens accipi potest ex ordine loci: nam secundum philosophum in IV physicorum, secundum prius et posterius in magnitudine est prius et posterius in motu et per consequens in tempore. Si ergo sint multi homines per viam aliquam transeuntes, quilibet eorum qui sub ordine transeuntium continetur habet cognitionem de praecedentibus et subsequentibus, in quantum sunt praecedentes et subsequentes; quod pertinet ad ordinem loci. Et ideo quilibet eorum videt eos, qui iuxta se sunt et aliquos eorum qui eos praecedunt; eos autem qui post se sunt videre non potest. Si autem esset

19) Pois, primeiro, por parte do conhecimento ou ciência, deve-se considerar que, para conhecer as coisas que ocorrem segundo a ordem do tempo, a potência cognoscitiva se comporta de um modo quando está de alguma forma contida na ordem do tempo, e de outro modo quando está totalmente fora da ordem do tempo. Um exemplo conveniente disso pode ser tomado da ordem do lugar: pois, segundo o filósofo no livro IV da Física, segundo o antes e o depois na magnitude existe o antes e o depois no movimento e, por consequência, no tempo. Se, portanto, houver muitos homens passando por um caminho, cada um deles que está contido na ordem dos passantes possui conhecimento dos precedentes e dos subsequentes, enquanto precedentes e subsequentes; o que pertence à ordem do lugar. E por isso cada um deles vê os que estão junto a si e alguns dos que os precedem; mas não pode ver os

aliquis extra totum ordinem transeuntium, utpote in aliqua excelsa turri constitutus, unde posset totam viam videretur, videret quidem simul omnes in via existentes, non sub ratione praecedentis et subsequentis (in comparatione scilicet ad eius intuitum), sed simul omnes videret, et quomodo unus eorum alium praecedit. Quia igitur cognitio nostra cadit sub ordine temporis, vel per se vel per accidens (unde et anima in componendo et dividendo necesse habet adiungere tempus, ut dicitur in III de anima), consequens est quod sub eius cognitione cadant res sub ratione praesentis, praeteriti et futuri. Et ideo praesentia cognoscit tanquam actu existentia et sensu aliqualiter perceptibilia; praeterita autem cognoscit ut memorata; futura autem non cognoscit in seipsis, quia nondum sunt, sed cognoscere ea potest in causis suis: per certitudinem quidem, si totaliter in causis suis sint determinata, ut ex quibus de necessitate evenient; per coniecturam autem, si non sint sic determinata quin impediri possint, sicut quae sunt ut in pluribus; nullo autem modo, si in suis causis sunt omnino in potentia non magis determinata ad unum quam ad aliud, sicut quae sunt ad utrumlibet. Non enim est aliquid cognoscibile secundum quod est in potentia, sed solum secundum quod est in actu, ut patet per philosophum in IX metaphysicae.

que estão atrás de si. Se, porém, houvesse alguém fora de toda a ordem dos passantes, como que constituído em uma torre altíssima, de onde pudesse ver todo o caminho, veria simultaneamente todos os que estão no caminho, não sob a razão de precedente e subsequente (em comparação ao seu olhar), mas veria todos simultaneamente, e como um deles precede o outro. Como, portanto, o nosso conhecimento cai sob a ordem do tempo, seja por si, seja por acidente (por onde a alma, ao compor e dividir, necessita adjungir o tempo, como se diz no livro III *De Anima*), o consequente é que sob o seu conhecimento as coisas caiam sob a razão de presente, passado e futuro. E por isso conhece as coisas presentes como existindo em ato e de algum modo perceptíveis pelo sentido; conhece as passadas como lembradas; e as futuras não as conhece em si mesmas, porque ainda não são, mas pode conhecê-las em suas causas: com certeza, se estiverem totalmente determinadas em suas causas, de modo que delas ocorram por necessidade; por conjectura, se não estiverem de tal modo determinadas que não possam ser impedidas, como as que ocorrem na maioria dos casos; mas de modo algum se em suas causas estiverem inteiramente em potência, não mais determinadas a um do que ao outro, como as que são indiferentes. Pois algo não é conhecível segundo o que está em potência, mas apenas segundo o que está em ato, como é patente pelo filósofo no livro IX da Metafísica.

20) Sed Deus est omnino extra ordinem temporis, quasi in arce aeternitatis constitutus, quae est tota simul, cui subiacet totus temporis decursus secundum unum et simplicem eius intuitum; et ideo uno intuitu videt omnia quae aguntur secundum temporis decursum, et unumquodque secundum quod est in seipso existens, non quasi sibi futurum quantum ad eius intuitum prout est in solo ordine suarum causarum (quamvis et ipsum ordinem causarum videat), sed omnino aeternaliter sic videt unumquodque eorum quae sunt in quocumque tempore, sicut oculus humanus videt Socratem sedere in seipso, non in causa sua.

20) Mas Deus está inteiramente fora da ordem do tempo, como que constituído no ápice da eternidade, que é toda simultânea, à qual subjaz todo o decurso do tempo segundo o Seu olhar único e simples; e por isso, com um só olhar, vê tudo o que se faz segundo o decurso do tempo, e cada coisa segundo o que ela é existindo em si mesma, não como que lhe sendo futura quanto ao Seu olhar enquanto está apenas na ordem de suas causas (embora veja também a própria ordem das causas), mas vê assim, inteiramente e de modo eterno, cada uma das coisas que existem em qualquer tempo, tal como o olho humano vê Sócrates sentado em si mesmo, não em sua causa.

21) Ex hoc autem quod homo videt Socratem sedere, non tollitur eius contingentia quae respicit ordinem causae ad effectum; tamen certissime et infallibiliter videt oculus hominis Socratem sedere dum sedet, quia unumquodque prout est in seipso iam determinatum est. Sic igitur relinquitur, quod Deus certissime et infallibiliter cognoscat omnia quae fiunt in tempore; et tamen ea quae in tempore eveniunt non sunt vel fiunt ex necessitate, sed contingenter.

21) Ora, do fato de o homem ver Sócrates sentado, não se retira a sua contingência, que diz respeito à ordem da causa ao efeito; no entanto, o olho do homem vê com toda a certeza e infalibilidade Sócrates sentado enquanto ele está sentado, porque cada coisa, conforme está em si mesma, já está determinada. Assim, portanto, resta que Deus conheça com toda a certeza e infalibilidade tudo o que ocorre no tempo; e, no entanto, as coisas que ocorrem no tempo não são nem ocorrem por necessidade, mas contingentemente.

22) Similiter ex parte voluntatis divinae differentia est attendenda. Nam voluntas divina est intelligenda ut extra ordinem entium existens, velut causa quaedam profundens totum ens et omnes eius differentias. Sunt autem differentiae entis possibile et necessarium; et iedo ex ipsa voluntate divina originantur necessitas et contingentia in rebus et distinctio utriusque secundum rationem proximarum causarum: ad effectus enim, quos voluit necessarios esse, disposuit causas necessarias; ad effectus autem, quos voluit esse contingentes, ordinavit causas contingenter agentes, idest potentes deficere. Et secundum harum conditionem causarum, effectus dicuntur vel necessarii vel contingentes, quamvis omnes dependeant a voluntate divina, sicut a prima causa, quae transcendit ordinem necessitatis et contingentiae. Hoc autem non potest dici de voluntate humana, nec de aliqua alia causa: quia omnis alia causa cadit iam sub ordine necessitatis vel contingentiae; et ideo oportet quod vel ipsa causa possit deficere, vel effectus eius non sit contingens, sed necessarius. Voluntas autem divina indeficiens est; tamen non omnes effectus eius sunt necessarii, sed quidam contingentes.

22) Semelhantemente, deve-se observar a diferença por parte da vontade divina. Pois a vontade divina deve ser entendida como existindo fora da ordem dos entes, como uma causa que difunde todo o ente e todas as suas diferenças. Ora, o possível e o necessário são diferenças do ente; e por isso da própria vontade divina originam-se a necessidade e a contingência nas coisas, e a distinção de ambas segundo a razão das causas próximas: pois para os efeitos que quis que fossem necessários, dispôs causas necessárias; para os efeitos, porém, que quis que fossem contingentes, ordenou causas que agem contingentemente, isto é, capazes de falhar. E segundo a condição destas causas, os efeitos são chamados ou necessários ou contingentes, embora todos dependam da vontade divina como de uma causa primeira, que transcende a ordem da necessidade e da contingência. Isto, porém, não se pode dizer da vontade humana, nem de qualquer outra causa: porque qualquer outra causa já cai sob a ordem da necessidade ou da contingência; e por isso é necessário que ou a própria causa possa falhar, ou seu efeito não seja contingente, mas necessário. Já a vontade divina é infalível; no entanto, nem todos os Seus efeitos são necessários, mas alguns são contingentes.

23) Similiter autem aliam radicem contingentiae, quam hic philosophus ponit ex hoc quod sumus consiliativi, aliqui subvertere nituntur, volentes ostendere quod voluntas in eligendo ex necessitate movetur ab appetibili. Cum enim bonum sit obiectum voluntatis, non potest (ut videtur) ab hoc divertere quin appetat illud quod sibi videtur bonum; sicut nec ratio ab hoc potest divertere quin assen-

23) Semelhantemente, alguns tentam subverter a outra raiz da contingência que o filósofo põe aqui pelo fato de sermos seres que deliberam, querendo mostrar que a vontade, ao escolher, é movida por necessidade pelo apetecível. Pois, sendo o bem o objeto da vontade, ela não pode (ao que parece) desviar-se disso sem apetecer aquilo que lhe parece bom; tal como a razão não pode desviar-se disso

tiat ei quod sibi videtur verum. Et ita videtur quod electio consilium consequens semper ex necessitate proveniat; et sic omnia, quorum nos principium sumus per consilium et electionem, ex necessitate provenient.

24) Sed dicendum est quod similis differentia attendenda est circa bonum, sicut circa verum. Est autem quoddam verum, quod est per se notum, sicut prima principia indemonstrabilia, quibus ex necessitate intellectus assentit; sunt autem quaedam vera non per se nota, sed per alia. Horum autem duplex est conditio: quaedam enim ex necessitate consequuntur ex principiis, ita scilicet quod non possunt esse falsa, principiis existentibus veris, sicut sunt omnes conclusiones demonstrationum. Et huiusmodi veris ex necessitate assentit intellectus, postquam perceperit ordinem eorum ad principia, non autem prius. Quaedam autem sunt, quae non ex necessitate consequuntur ex principiis, ita scilicet quod possent esse falsa principiis existentibus veris; sicut sunt opinabilia, quibus non ex necessitate assentit intellectus, quamvis ex aliquo motivo magis inclinetur in unam partem quam in aliam. Ita etiam est quoddam bonum quod est propter se appetibile, sicut felicitas, quae habet rationem ultimi finis; et huiusmodi bono ex necessitate inhaeret voluntas: naturali enim quadam necessitate omnes appetunt esse felices. Quaedam vero sunt bona, quae sunt appetibilia propter finem, quae comparantur ad finem sicut conclusiones ad principium, ut patet per philosophum in II physicorum. Si igitur essent aliqua bona, quibus non existentibus, non posset aliquis esse felix, haec etiam essent ex necessitate appetibilia et maxime apud eum, qui talem ordinem perciperet; et forte talia sunt esse, vivere et intelligere et si qua alia sunt similia. Sed particularia bona, in quibus humani actus consistunt, non sunt talia, nec sub ea ratione apprehenduntur ut sine quibus felicitas esse non possit, puta, comedere hunc cibum vel illum, aut abstinere ab eo: habent tamen in se unde moveant appetitum, secundum aliquod bonum consideratum in eis. Et ideo voluntas non ex necessitate inducitur ad haec eligenda. Et propter hoc philosophus signanter radicem contingentiae in his quae fiunt a nobis assignavit ex parte consilii, quod est

sem assentir ao que lhe parece verdadeiro. E assim parece que a escolha que segue o conselho sempre provém por necessidade; e assim tudo aquilo de que somos princípio pelo conselho e pela escolha ocorreria por necessidade.

24) Mas deve-se dizer que deve ser observada uma diferença semelhante quanto ao bem e quanto ao verdadeiro. Existe, de fato, um certo verdadeiro que é conhecido por si mesmo, como os primeiros princípios indemonstráveis, aos quais o intelecto assente por necessidade; existem, porém, certos verdadeiros não conhecidos por si mesmos, mas por outros. Destes, a condição é dupla: alguns seguem-se por necessidade dos princípios, de tal modo que não podem ser falsos sendo os princípios verdadeiros, como são todas as conclusões das demonstrações. E a tais verdadeiros o intelecto assente por necessidade após perceber a sua relação com os princípios, mas não antes. Outros, porém, são os que não se seguem por necessidade dos princípios, de tal modo que poderiam ser falsos sendo os princípios verdadeiros; como são as coisas opináveis, às quais o intelecto não assente por necessidade, embora por algum motivo se incline mais para uma parte do que para a outra. Assim também há um certo bem que é apetecível por si mesmo, como a felicidade, que possui a razão de fim último; e a tal bem a vontade adere por necessidade: pois por uma certa necessidade natural todos apetecem ser felizes. Outros, todavia, são bens que são apetecíveis por causa do fim, os quais se comparam ao fim como as conclusões ao princípio, como é patente pelo filósofo no livro II da Física. Se, portanto, houvesse alguns bens sem os quais ninguém pudesse ser feliz, estes também seriam apetecíveis por necessidade, especialmente para aquele que percebesse tal ordem; e talvez tais sejam o ser, o viver e o entender, e outros semelhantes. Mas os bens particulares em que consistem os atos humanos não são tais, nem são apreendidos sob a razão de coisas sem as quais a felicidade não possa existir (por exemplo, comer este ou aquele alimento, ou abster-se dele): no entanto, possuem em si algo que move o apetite, segundo algum bem neles considerado. E por isso a vontade não é induzida por necessidade a escolher estas coisas. E

eorum quae sunt ad finem et tamen non sunt determinata. In his enim in quibus media sunt determinata, non est opus consilio, ut dicitur in III Ethicorum. Et haec quidem dicta sunt ad salvandum radices contingentiae, quas hic Aristoteles ponit, quamvis videantur logici negotii modum excedere.

por causa disso o filósofo assinalou expressamente a raiz da contingência naquilo que se faz por nós por parte do conselho, que versa sobre o que é ordenado ao fim e que, no entanto, não está determinado. Pois naquelas coisas em que os meios estão determinados, não há necessidade de conselho, como se diz no livro III da Ética. E estas coisas foram ditas para salvar as raízes da contingência que Aristóteles põe aqui, embora pareçam exceder o modo do tratado lógico.

Lectio XV

1) Postquam philosophus ostendit esse impossibilia ea, quae ex praedictis rationibus sequebantur; hic, remotis impossibilibus, concludit veritatem. Et circa hoc duo facit: quia enim argumentando ad impossibile, processerat ab enunciationibus ad res, et iam removerat inconvenientia quae circa res sequebantur; nunc, ordine converso, primo ostendit qualiter se habeat veritas circa res; secundo, qualiter se habeat veritas circa enunciationes; ibi: quare quoniam orationes verae sunt et cetera. Circa primum duo facit: primo, ostendit qualiter se habeant veritas et necessitas circa res absolute consideratas; secundo, qualiter se habeant circa eas per comparationem ad sua opposita; ibi: et in contradictione eadem ratio est et cetera.

1) Depois que o filósofo mostrou serem impossíveis as coisas que se seguiam das razões precedentes, aqui, removidos os impossíveis, conclui a verdade. E sobre isso faz duas coisas: pois, ao argumentar pelo impossível, procedera das enunciações para as coisas, e já removera os inconvenientes que se seguiam quanto às coisas; agora, em ordem inversa, primeiro mostra como se comporta a verdade quanto às coisas; segundo, como se comporta a verdade quanto às enunciações; ali: *pelo que, visto que as orações são verdadeiras*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, mostra como se comportam a verdade e a necessidade quanto às coisas consideradas absolutamente; segundo, como se comportam quanto a elas por comparação com seus opostos; ali: *e na contradição a razão é a mesma*, etc.

2) Dicit ergo primo, quasi ex praemissis concludens, quod si praedicta sunt inconvenientia, ut scilicet omnia ex necessitate eveniant, oportet dicere ita se habere circa res, scilicet quod omne quod est necesse est esse quando est, et omne quod non est necesse est non esse quando non est. Et haec necessitas fundatur super hoc principium: impossibile est simul esse et non esse: si enim aliquid est, impossibile est illud simul non esse; ergo necesse est tunc illud esse. Nam impossibile non esse idem significat ei quod est necesse esse, ut in secundo dicetur. Et similiter, si aliquid non est, impossibile est illud simul esse; ergo necesse est non esse, quia etiam idem significant. Et ideo manifeste verum est quod omne quod est necesse est esse quando est; et omne quod non est necesse est non esse pro illo tempore quando non est: et haec est necessitas non absoluta, sed ex suppositione. Unde non potest simpliciter et absolute dici quod omne quod est, necesse est esse, et omne quod non est, necesse est non esse: quia non idem significant quod omne ens, quando est, sit ex necessitate, et quod omne ens simpliciter sit ex necessitate; nam primum significat necessitatem ex suppositione, secundum autem necessitatem absolutam. Et quod dictum est de esse, intelligendum est similiter de non esse; quia

2) Diz, portanto, primeiro, como que concluindo das premissas, que, se os referidos são inconvenientes — a saber, que tudo ocorra por necessidade —, é preciso dizer que, quanto às coisas, o comportamento é este: tudo o que é, é necessário que seja quando é; e tudo o que não é, é necessário que não seja quando não é. E esta necessidade funda-se sobre este princípio: é impossível ser e não ser ao mesmo tempo. Pois, se algo é, é impossível que isso não seja ao mesmo tempo; logo, é necessário que então seja. Pois "impossível não ser" significa o mesmo que "necessário ser", como se dirá no segundo livro. E, semelhantemente, se algo não é, é impossível que isso seja ao mesmo tempo; logo, é necessário não ser, porque também significam o mesmo. E, por isso, é manifestamente verdadeiro que tudo o que é, é necessário que seja quando é; e tudo o que não é, é necessário que não seja naquele tempo em que não é: e esta é uma necessidade não absoluta, mas por suposição. Por onde, não se pode dizer simplesmente e absolutamente que tudo o que é, é necessário que seja, e tudo o que não é, é necessário que não seja: porque não significa o mesmo que "todo ente, quando é, seja por necessidade" e que "todo ente seja simplesmente por necessidade"; pois o primeiro significa necessi-

aliud est simpliciter ex necessitate non esse et aliud est ex necessitate non esse quando non est. Et per hoc videtur Aristoteles excludere id quod supra dictum est, quod si in his, quae sunt, alterum determinate est verum, quod etiam antequam fieret alterum determinate esset futurum.

dade por suposição, o segundo, porém, necessidade absoluta. E o que foi dito sobre o ser deve ser entendido do mesmo modo sobre o não ser; porque uma coisa é simplesmente não ser por necessidade e outra coisa é não ser por necessidade quando não é. E por isto Aristóteles parece excluir o que foi dito acima: que, se naquelas coisas que são, uma das partes é determinadamente verdadeira, também antes que ocorresse, uma delas seria determinadamente futura.

3) Deinde cum dicit: et in contradictione etc., ostendit quomodo se habeant veritas et necessitas circa res per comparationem ad sua opposita: et dicit quod eadem ratio est in contradictione, quae est in suppositione. Sicut enim illud quod non est absolute necessarium, fit necessarium ex suppositione eiusdem, quia necesse est esse quando est; ita etiam quod non est in se necessarium absolute fit necessarium per disiunctionem oppositi, quia necesse est de unoquoque quod sit vel non sit, et quod futurum sit aut non sit, et hoc sub disiunctione: et haec necessitas fundatur super hoc principium quod, impossibile est contradictoria simul esse vera vel falsa. Unde impossibile est neque esse neque non esse; ergo necesse est vel esse vel non esse. Non tamen si divisim alterum accipiatur, necesse est illud esse absolute. Et hoc manifestat per exemplum: quia necessarium est navale bellum esse futurum cras vel non esse; sed non est necesse navale bellum futurum esse cras; similiter etiam non est necessarium non esse futurum, quia hoc pertinet ad necessitatem absolutam; sed necesse est quod vel sit futurum cras vel non sit futurum: hoc enim pertinet ad necessitatem quae est sub disiunctione.

3) Em seguida, quando diz: *e na contradição*, etc., mostra como se comportam a verdade e a necessidade sobre as coisas por comparação com seus opostos: e diz que a mesma razão que existe na suposição existe na contradição. Pois, assim como aquilo que não é absolutamente necessário torna-se necessário pela suposição de si mesmo (porque é necessário que seja quando é), assim também o que não é em si absolutamente necessário torna-se necessário pela disjunção do oposto, porque é necessário de cada coisa que seja ou não seja, e que venha a ser ou não venha a ser, e isto sob disjunção. Esta necessidade funda-se sobre este princípio: é impossível que as contraditórias sejam simultaneamente verdadeiras ou falsas. Por onde, é impossível que nem seja nem não seja; logo, é necessário ou ser ou não ser. No entanto, se uma das partes for tomada separadamente, não é necessário que ela seja absolutamente. E manifesta isto por um exemplo: porque é necessário que uma batalha naval ocorra amanhã ou não ocorra; mas não é necessário que a batalha naval ocorra amanhã; semelhantemente, também não é necessário que não ocorra, porque isto pertenceria à necessidade absoluta; mas é necessário que ou ocorra amanhã ou não ocorra: pois isto pertence à necessidade que está sob disjunção.

4) Deinde cum dicit: quare quoniam etc. ex eo quod se habet circa res, ostendit qualiter se habeat circa orationes. Et primo, ostendit quomodo uniformiter se habet in veritate orationum, sicut circa esse rerum et non esse; secundo, finaliter concludit veritatem totius dubitationis; ibi: quare manifestum et cetera. Dicit ergo primo quod, quia hoc modo se habent orationes enunciativae ad ver-

4) Em seguida, quando diz: *pelo que, visto que*, etc., a partir do que ocorre nas coisas, mostra como ocorre nas orações. E primeiro, mostra como se comporta uniformemente na verdade das orações, assim como no ser e não ser das coisas; segundo, conclui finalmente a verdade de toda a dúvida; ali: *pelo que é manifesto*, etc. Diz, portanto, primeiro que, porque as orações enunciativas se compor-

itatem sicut et res ad esse vel non esse (quia ex eo quod res est vel non est, oratio est vera vel falsa), consequens est quod in omnibus rebus quae ita se habent ut sint ad utrumlibet, et quaecumque ita se habent quod contradictoria eorum qualitercumque contingere possunt, sive aequaliter sive alterum ut in pluribus, ex necessitate sequitur quod etiam similiter se habeat contradictio enunciationum. Et exponit consequenter quae sint illae res, quarum contradictoria contingere queant; et dicit huiusmodi esse quae neque semper sunt, sicut necessaria, neque semper non sunt, sicut impossibilia, sed quandoque sunt et quandoque non sunt. Et ulterius manifestat quomodo similiter se habeat in contradictoriis enunciationibus; et dicit quod harum enunciationum, quae sunt de contingentibus, necesse est quod sub disiunctione altera pars contradictionis sit vera vel falsa; non tamen haec vel illa determinate, sed se habet ad utrumlibet. Et si contingat quod altera pars contradictionis magis sit vera, sicut accidit in contingentibus quae sunt ut in pluribus, non tamen ex hoc necesse est quod ex necessitate altera earum determinate sit vera vel falsa.

tam em relação à verdade do mesmo modo que as coisas em relação ao ser ou não ser (porque do fato de a coisa ser ou não ser, a oração é verdadeira ou falsa), o consequente é que em todas as coisas que são indiferentes, e quaisquer que sejam tais que suas contraditórias possam acontecer de qualquer modo (seja igualmente, seja uma delas na maioria das vezes), segue-se por necessidade que o mesmo ocorra com a contradição das enunciações. Expõe, consequentemente, quais são essas coisas cujas contraditórias podem acontecer; e diz que tais são as que nem sempre são (como as necessárias), nem sempre não são (como as impossíveis), mas às vezes são e às vezes não são. E adiante manifesta como ocorre do mesmo modo nas enunciações contraditórias; e diz que nestas enunciações que versam sobre contingentes, é necessário que, sob disjunção, uma parte da contradição seja verdadeira ou falsa; não, porém, esta ou aquela determinadamente, mas de modo indiferente. E se acontecer que uma parte da contradição seja "mais verdadeira" (como ocorre nos contingentes que se dão na maioria das vezes), nem por isso é necessário que, por necessidade, uma delas seja determinadamente verdadeira ou falsa.

5) Deinde cum dicit: quare manifestum est etc., concludit principale intentum et dicit manifestum esse ex praedictis quod non est necesse in omni genere affirmationum et negationum oppositarum, alteram determinate esse veram et alteram esse falsam: quia non eodem modo se habet veritas et falsitas in his quae sunt iam de praesenti et in his quae non sunt, sed possunt esse vel non esse. Sed hoc modo se habet in utriusque, sicut dictum est, quia scilicet in his quae sunt necesse est determinate alterum esse verum et alterum falsum: quod non contingit in futuris quae possunt esse et non esse. Et sic terminatur primus liber.

5) Em seguida, quando diz: *pelo que é manifesto*, etc., conclui o intento principal e diz ser manifesto, pelo que foi dito, que não é necessário que, em todo gênero de afirmações e negações opostas, uma seja determinadamente verdadeira e a outra falsa: porque a verdade e a falsidade não se comportam do mesmo modo naquelas coisas que já são no presente e naquelas que não são, mas podem ser ou não ser. Mas em ambas ocorre conforme foi dito, a saber: naquelas que são, é necessário que determinadamente uma seja verdadeira e a outra falsa; o que não acontece nos futuros que podem ser e não ser. E assim termina o primeiro livro.

Liber II

Lectio I

1) Postquam philosophus in primo libro determinavit de enunciatione simpliciter considerata; hic determinat de enunciatione, secundum quod diversificatur per aliquid sibi additum. Possunt autem tria in enunciatione considerari: primo, ipsae dictiones, quae praedicantur vel subiiciuntur in enunciatione, quas supra distinxit per nomina et verba; secundo, ipsa compositio, secundum quam est verum vel falsum in enunciatione affirmativa vel negativa; tertio, ipsa oppositio unius enunciationis ad aliam. Dividitur ergo haec pars in tres partes: in prima, ostendit quid accidat enunciationi ex hoc quod aliquid additur ad dictiones in subiecto vel praedicato positas; secundo, quid accidat enunciationi ex hoc quod aliquid additur ad determinandum veritatem vel falsitatem compositionis; ibi: his vero determinatis etc.; tertio, solvit quamdam dubitationem circa oppositiones enunciationum provenientem ex eo, quod additur aliquid simplici enunciationi; ibi: utrum autem contraria est affirmatio et cetera. Est autem considerandum quod additio facta ad praedicatum vel subiectum quandoque tollit unitatem enunciationis, quandoque vero non tollit, sicut additio negationis infinitantis dictionem. Circa primum ergo duo facit: primo, ostendit quid accidat enunciationibus ex additione negationis infinitantis dictionem; secundo, ostendit quid accidat circa enunciationem ex additione tollente unitatem; ibi: at vero unum de pluribus et cetera. Circa primum duo facit: primo, determinat de enunciationibus simplicissimis, in quibus nomen finitum vel infinitum ponitur tantum ex parte subiecti; secundo, determinat de enunciationibus, in quibus nomen finitum vel infinitum ponitur non solum ex parte subiecti, sed etiam ex parte praedicati; ibi: quando autem est tertium adiacens et cetera. Circa primum duo facit: primo, proponit rationes quasdam distinguendi tales enunciationes; secundo, ponit earum distinctionem et ordinem; ibi: quare prima est affirmatio et cetera. Circa primum duo facit: primo, ponit rationes distinguendi enunciationes ex parte nominum; secundo, ostendit quod non potest esse eadem ratio distinguendi ex parte verborum;

1) Depois que o filósofo determinou no primeiro livro sobre a enunciação considerada em si mesma, aqui ele determina sobre a enunciação conforme se diversifica por algo que lhe é adicionado. Pois três coisas podem ser consideradas na enunciação: primeiro, as próprias expressões que são predicadas ou sujeitadas na enunciação, as quais ele distinguiu acima em nomes e verbos; segundo, a própria composição, segundo a qual há verdade ou falsidade na enunciação afirmativa ou negativa; terceiro, a própria oposição de uma enunciação a outra. Divide-se, portanto, esta parte em três: na primeira, mostra o que acontece à enunciação pelo fato de algo ser adicionado às expressões postas no sujeito ou no predicado; segundo, o que acontece à enunciação pelo fato de algo ser adicionado para determinar a verdade ou falsidade da composição; ali: *determinadas, porém, estas coisas*, etc.; terceiro, resolve uma certa dúvida sobre as oposições das enunciações proveniente do fato de se adicionar algo à enunciação simples; ali: *se, porém, a afirmação é contrária*, etc. Deve-se considerar que a adição feita ao predicado ou ao sujeito às vezes retira a unidade da enunciação, e às vezes não a retira, como a adição da negação que torna a expressão infinita. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, mostra o que acontece às enunciações pela adição da negação que torna a expressão infinita; segundo, mostra o que acontece à enunciação pela adição que retira a unidade; ali: *mas, de fato, um de muitos*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, trata das enunciações mais simples, nas quais o nome finito ou infinito é posto apenas por parte do sujeito; segundo, trata das enunciações nas quais o nome finito ou infinito é posto não só por parte do sujeito, mas também por parte do predicado; ali: *quando, porém, o 'é' é adjacente como terceiro*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, propõe certas razões para distinguir tais enunciações; segundo, estabelece a distinção e a ordem delas; ali: *pelo que a primeira é a afirmação*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, estabelece as razões

ibi: praeter verbum autem et cetera. Circa primum tria facit: primo, proponit rationes distinguendi enunciationes; secundo, exponit quod dixerat; ibi: nomen autem dictum est etc.; tertio, concludit intentum; ibi: erit omnis affirmatio et cetera.

para distinguir as enunciações por parte dos nomes; segundo, mostra que não pode haver a mesma razão para distinguir por parte dos verbos; ali: *além do verbo, porém*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: primeiro, propõe as razões para distinguir as enunciações; segundo, explica o que dissera; ali: *o nome, porém, foi dito*, etc.; terceiro, conclui o intento; ali: *toda afirmação será*, etc.

2) Resumit ergo illud, quod supra dictum est de definitione affirmationis, quod scilicet affirmatio est enunciatio significans aliquid de aliquo; et, quia verbum est proprie nota eorum quae de altero praedicantur, consequens est ut illud, de quo aliquid dicitur, pertineat ad nomen; nomen autem est vel finitum vel infinitum; et ideo, quasi concludens subdit quod quia affirmatio significat aliquid de aliquo, consequens est ut hoc, de quo significatur, scilicet subiectum affirmationis, sit vel nomen, scilicet finitum (quod proprie dicitur nomen, ut in primo dictum est), vel innominatum, idest infinitum nomen: quod dicitur innominatum, quia ipsum non nominat aliquid cum aliqua forma determinata, sed solum removet determinationem formae. Et ne aliquis diceret quod id quod in affirmatione subiicitur est simul nomen et innominatum, ad hoc excludendum subdit quod id quod est, scilicet praedicatum, in affirmatione, scilicet una, de qua nunc loquimur, oportet esse unum et de uno subiecto; et sic oportet quod subiectum talis affirmationis sit vel nomen, vel nomen infinitum.

2) Retoma, portanto, aquilo que foi dito acima sobre a definição de afirmação, a saber: que a afirmação é a enunciação que significa algo de algo; e, como o verbo é propriamente a nota daquilo que se predica de outro, o consequente é que aquilo de que algo se diz pertença ao nome; ora, o nome é ou finito ou infinito; e por isso, como que concluindo, acrescenta que, como a afirmação significa algo de algo, o consequente é que aquilo de que se significa, a saber, o sujeito da afirmação, seja ou um nome, a saber, finito (que propriamente se chama nome, como foi dito no primeiro livro), ou o "inominado", isto é, o nome infinito: que se chama inominado porque ele próprio não nomeia algo com uma forma determinada, mas apenas remove a determinação da forma. E para que ninguém dissesse que o que se sujeita na afirmação é simultaneamente nome e inominado, para excluir isto acrescenta que o que é, a saber, o predicado, na afirmação — a saber, naquela única de que agora falamos — deve ser um só e sobre um só sujeito; e assim é necessário que o sujeito de tal afirmação seja ou um nome, ou um nome infinito.

3) Deinde cum dicit: nomen autem etc., exponit quod dixerat, et dicit quod supra dictum est quid sit nomen, et quid sit innominatum, idest infinitum nomen: quia, non homo, non est nomen, sed est infinitum nomen, sicut, non currit, non est verbum, sed infinitum verbum. Interponit autem quoddam, quod valet ad dubitationis remotionem, videlicet quod nomen infinitum quodam modo significat unum. Non enim significat simpliciter unum, sicut nomen finitum, quod significat unam formam generis vel speciei aut etiam individui, sed in quantum significat negationem formae alicuius, in qua negatione multa conveniunt, sicut in quodam uno secundum rationem. Unum enim eodem modo dicitur aliquid,

3) Em seguida, quando diz: *o nome, porém*, etc., explica o que dissera, e diz que acima foi dito o que é o nome e o que é o inominado, isto é, o nome infinito: porque "não homem" não é um nome, mas é um nome infinito, assim como "não corre" não é um verbo, mas um verbo infinito. Interpõe, porém, algo que vale para a remoção da dúvida, a saber: que o nome infinito, de certo modo, significa um só. Pois não significa um só de modo absoluto, como o nome finito, que significa uma forma de gênero ou espécie ou mesmo de indivíduo, mas na medida em que significa a negação de alguma forma, na qual negação muitas coisas convêm, como em um certo "um" segundo a razão. Pois algo é dito

sicut et ens; unde sicut ipsum non ens dicitur ens, non quidem simpliciter, sed secundum quid, idest secundum rationem, ut patet in IV metaphysicae, ita etiam negatio est unum secundum quid, scilicet secundum rationem. Introducit autem hoc, ne aliquis dicat quod affirmatio, in qua subiicitur nomen infinitum, non significat unum de uno, quasi nomen infinitum non significet unum.

"um" do mesmo modo que é dito "ente"; por onde, assim como o próprio não-ente é dito ente, não decerto de modo absoluto, mas sob certo aspecto, isto é, segundo a razão (como é patente no livro IV da Metafísica), assim também a negação é um sob certo aspecto, a saber, segundo a razão. Introduz isto para que ninguém diga que a afirmação na qual se sujeita um nome infinito não significa "um de um", como se o nome infinito não significasse uma unidade.

4) Deinde cum dicit: erit omnis affirmatio etc., concludit propositum scilicet quod duplex est modus affirmationis. Quaedam enim est affirmatio, quae constat ex nomine et verbo; quaedam autem est quae constat ex infinito nomine et verbo. Et hoc sequitur ex hoc quod supra dictum est quod hoc, de quo affirmatio aliquid significat, vel est nomen vel innominatum. Et eadem differentia potest accipi ex parte negationis, quia de quocunque contingit affirmare, contingit et negare, ut in primo habitum est.

4) Em seguida, quando diz: *toda afirmação será*, etc., conclui o propósito, a saber: que é duplo o modo da afirmação. Pois uma é a afirmação que consta de nome e verbo; outra é a que consta de nome infinito e verbo. E isto segue-se do que foi dito acima: que aquilo de que a afirmação significa algo é ou um nome ou o inominado. E a mesma diferença pode ser tomada por parte da negação, porque de tudo o que acontece afirmar, acontece também negar, como se estabeleceu no primeiro livro.

5) Deinde cum dicit: praeter verbum etc., ostendit quod differentia enunciationum non potest sumi ex parte verbi. Dictum est enim supra quod, praeter verbum nulla est affirmatio vel negatio. Potest enim praeter nomen esse aliqua affirmatio vel negatio, videlicet si ponatur loco nominis infinitum nomen: loco autem verbi in enunciatione non potest poni infinitum verbum, duplici ratione. Primo quidem, quia infinitum verbum constituitur per additionem infinitae particulae, quae quidem addita verbo per se dicto, idest extra enunciationem posito, removet ipsum absolute, sicut addita nomini, removet formam nominis absolute: et ideo extra enunciationem potest accipi verbum infinitum per modum unius dictionis, sicut et nomen infinitum. Sed quando negatio additur verbo in enunciatione posito, negatio illa removet verbum ab aliquo, et sic facit enunciationem negativam: quod non accidit ex parte nominis. Non enim enunciatio efficitur negativa nisi per hoc quod negatur compositio, quae importatur in verbo: et ideo verbum infinitum in enunciatione positum fit verbum negativum. Secundo, quia in nullo variatur veritas enunciationis, sive utamur negativa particula ut in-

5) Em seguida, quando diz: *além do verbo*, etc., mostra que a diferença das enunciações não pode ser tomada por parte do verbo. Pois foi dito acima que, sem o verbo, não há afirmação nem negação. Com efeito, pode haver afirmação ou negação sem o nome, a saber, se no lugar do nome se puser um nome infinito; porém, no lugar do verbo na enunciação não se pode pôr um verbo infinito, por duas razões. Primeiro, porque o verbo infinito constitui-se pela adição da partícula infinita que, se adicionada ao verbo dito por si (isto é, posto fora da enunciação), remove-o absolutamente, assim como, adicionada ao nome, remove a forma do nome absolutamente: e por isso, fora da enunciação, pode-se tomar o verbo infinito como uma única expressão, tal como o nome infinito. Mas quando a negação é adicionada ao verbo posto na enunciação, essa negação remove o verbo de algo, e assim faz a enunciação negativa; o que não acontece por parte do nome. Pois a enunciação não se torna negativa senão pelo fato de se negar a composição que é importada no verbo: e por isso o verbo infinito posto na enunciação torna-se um verbo negativo. Segundo, porque em nada varia a verdade da enunci-

finitante verbum vel ut faciente negativam enunciationem; et ideo accipitur semper in simpliciori intellectu, prout est magis in promptu. Et inde est quod non diversificavit affirmationem per hoc, quod sit ex verbo vel infinito verbo, sicut diversificavit per hoc, quod est ex nomine vel infinito nomine. Est autem considerandum quod in nominibus et in verbis praeter differentiam finiti et infiniti est differentia recti et obliqui. Casus enim nominum, etiam verbo addito, non constituunt enunciationem significantem verum vel falsum, ut in primo habitum est: quia in obliquo nomine non concluditur ipse rectus, sed in casibus verbi includitur ipsum verbum praesentis temporis. Praeteritum enim et futurum, quae significant casus verbi, dicuntur per respectum ad praesens. Unde si dicatur, hoc erit, idem est ac si diceretur, hoc est futurum; hoc fuit, hoc est praeteritum. Et propter hoc, ex casu verbi et nomine fit enunciatio. Et ideo subiungit quod sive dicatur est, sive erit, sive fuit, vel quaecumque alia huiusmodi verba, sunt de numero praedictorum verborum, sine quibus non potest fieri enunciatio: quia omnia consignificant tempus, et alia tempora dicuntur per respectum ad praesens.

ação se usamos a partícula negativa como tornando o verbo infinito ou como fazendo a enunciação negativa; e por isso toma-se sempre no entendimento mais simples, conforme está mais à mão. E daí vem que ele não diversificou a afirmação pelo fato de ser de verbo ou de verbo infinito, como diversificou pelo fato de ser de nome ou de nome infinito. Deve-se considerar, contudo, que nos nomes e nos verbos, além da diferença entre finito e infinito, há a diferença entre o reto e o oblíquo. Pois os casos dos nomes, mesmo adicionado o verbo, não constituem enunciação que signifique o verdadeiro ou o falso, como se estabeleceu no primeiro livro: porque no nome oblíquo não se inclui o próprio reto, mas nos casos do verbo inclui-se o próprio verbo do tempo presente. Pois o passado e o futuro, que significam casos do verbo, são ditos em relação ao presente. Por onde, se se diz "isto será", é o mesmo que se dissesse "isto é futuro"; "isto foi", "isto é passado". E por causa disso, do caso do verbo e do nome faz-se a enunciação. Por isso ele acrescenta que, quer se diga "é", quer "será", quer "foi", ou quaisquer outros verbos deste tipo, estão no número dos referidos verbos sem os quais não pode haver enunciação: porque todos consignificam o tempo, e os outros tempos são ditos em relação ao presente.

6) Deinde cum dicit: quare prima erit affirmatio etc., concludit ex praemissis distinctionem enunciationum in quibus nomen finitum vel infinitum ponitur solum ex parte subiecti, in quibus triplex differentia intelligi potest: una quidem, secundum affirmationem et negationem; alia, secundum subiectum finitum et infinitum; tertia, secundum subiectum universaliter, vel non universaliter positum. Nomen autem finitum est ratione prius infinito sicut affirmatio prior est negatione; unde primam affirmationem ponit, homo est, et primam negationem, homo non est. Deinde ponit secundam affirmationem, non homo est, secundam autem negationem, non homo non est. Ulterius autem ponit illas enunciationes in quibus subiectum universaliter ponitur, quae sunt quatuor, sicut et illae in quibus est subiectum non universaliter positum. Praetermisit autem ponere exemplum de enunciationibus, in quibus subiicitur singulare, ut, Socrates est, Socrates non est, quia singularibus nominibus non ad-

6) Em seguida, quando diz: *pela que a primeira será a afirmação*, etc., conclui das premissas a distinção das enunciações nas quais o nome finito ou infinito é posto apenas por parte do sujeito, nas quais uma tripla diferença pode ser entendida: uma, segundo a afirmação e a negação; outra, segundo o sujeito finito e infinito; a terceira, segundo o sujeito posto universalmente ou não universalmente. Ora, o nome finito é anterior pela razão ao infinito, assim como a afirmação é anterior à negação; por onde põe a primeira afirmação: "o homem é", e a primeira negação: "o homem não é". Depois põe a segunda afirmação: "o não-homem é", e a segunda negação: "o não-homem não é". Adiante, põe aquelas enunciações nas quais o sujeito é posto universalmente, que são quatro, assim como aquelas em que o sujeito não é posto universalmente. Omitiu, contudo, pôr o exemplo das enunciações nas quais se sujeita um singular, como "Sócrates é", "Sócrates não é", porque aos nomes singulares não

ditur aliquod signum. Unde in huiusmodi enunciationibus non potest omnis differentia inveniri. Similiter etiam praetermittit exemplificare de enunciationibus, quarum subiecta particulariter ponuntur, quia tale subiectum quodammodo eamdem vim habet cum subiecto universali, non universaliter sumpto. Non ponit autem aliquam differentiam ex parte verbi, quae posset sumi secundum casus verbi, quia sicut ipse dicit, in extrinsecis temporibus, idest in praeterito et in futuro, quae circumstant praesens, est eadem ratio sicut et in praesenti, ut iam dictum est.

se adiciona qualquer sinal. Por onde, em tais enunciações não se pode encontrar toda a diferença. Semelhantemente, também omite exemplificar sobre as enunciações cujos sujeitos são postos particularmente, porque tal sujeito tem, de certo modo, a mesma força que o sujeito universal tomado não universalmente. Não põe, contudo, qualquer diferença por parte do verbo que pudesse ser tomada segundo os casos do verbo, porque, como ele próprio diz, nos tempos extrínsecos (isto é, no passado e no futuro, que circundam o presente), a razão é a mesma que no presente, como já foi dito.

Lectio II

1) Postquam philosophus distinxit enunciationes, in quibus nomen finitum vel infinitum ponitur solum ex parte subiecti, hic accedit ad distinguendum illas enunciationes, in quibus nomen finitum vel infinitum ponitur ex parte subiecti et ex parte praedicati. Et circa hoc duo facit; primo, distinguit huiusmodi enunciationes; secundo, manifestat quaedam quae circa eas dubia esse possent; ibi: quoniam vero contraria est et cetera. Circa primum duo facit: primo, agit de enunciationibus in quibus nomen praedicatur cum hoc verbo, est; secundo de enunciationibus in quibus alia verba ponuntur; ibi: in his vero in quibus et cetera. Distinguit autem huiusmodi enunciationes sicut et primas, secundum triplicem differentiam ex parte subiecti consideratam: primo namque, agit de enunciationibus in quibus subiicitur nomen finitum non universaliter sumptum; secundo de illis in quibus subiicitur nomen finitum universaliter sumptum; ibi: similiter autem se habent etc.; tertio, de illis in quibus subiicitur nomen infinitum; ibi: aliae autem habent ad id quod est non homo et cetera. Circa primum tria facit: primo, proponit diversitatem oppositionis talium enunciationum; secundo, concludit earum numerum et ponit earum habitudinem; ibi: quare quatuor etc.; tertio, exemplificat; ibi: intelligimus vero et cetera. Circa primum duo facit: primo, proponit quod intendit; secundo, exponit quoddam quod dixerat; ibi: dico autem et cetera.

1) Depois que o filósofo distinguiu as enunciações nas quais o nome finito ou infinito é posto apenas por parte do sujeito, aqui ele passa a distinguir aquelas enunciações nas quais o nome finito ou infinito é posto tanto por parte do sujeito quanto por parte do predicado. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, distingue tais enunciações; segundo, manifesta certas coisas que poderiam ser duvidosas sobre elas; ali: *como, porém, a afirmação contrária*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, trata das enunciações nas quais o nome é predicado com este verbo, *é*; segundo, das enunciações nas quais outros verbos são postos; ali: *naquelas, porém, em que*, etc. Distingue, pois, tais enunciações, como as primeiras, segundo uma tripla diferença considerada por parte do sujeito: primeiro, trata das enunciações em que se sujeita um nome finito não tomado universalmente; segundo, daquelas em que se sujeita um nome finito tomado universalmente; ali: *semelhantemente se comportam*, etc.; terceiro, daquelas em que se sujeita um nome infinito; ali: *outras, porém, têm relação ao que é não-homem*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: primeiro, propõe a diversidade da oposição de tais enunciações; segundo, conclui o número delas e estabelece a relação entre elas; ali: *pelo que quatro*, etc.; terceiro, exemplifica; ali: *entendemos, porém*, etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, explica algo que dissera; ali: *digo, porém*, etc.

2) Circa primum duo oportet intelligere: primo quidem, quid est hoc quod dicit, *est tertium adiacens praedicatur*. Ad cuius evidentiam considerandum est quod hoc verbum est quandoque in enunciatione praedicatur secundum se; ut cum dicitur, Socrates est: per quod nihil aliud intendimus significare, quam quod Socrates sit in rerum natura. Quandoque vero non praedicatur per se, quasi principale praedicatum, sed quasi coniunctum principali praedicato ad connectendum ipsum subiecto; sicut cum dicitur, Socrates est albus, non est intentio loquentis ut asserat Socratem esse in rerum

2) Sobre o primeiro ponto, cumpre entender duas coisas: primeiro, o que significa dizer que o *"é" é predicado como terceiro adjacente*. Para evidenciar isto, deve-se considerar que este verbo *é*, às vezes, é predicado por si mesmo na enunciação, como quando se diz "Sócrates é": pelo que não pretendemos significar outra coisa senão que Sócrates existe na natureza das coisas. Outras vezes, porém, não é predicado por si, como predicado principal, mas como que conjunto ao predicado principal para conectá-lo ao sujeito; como quando se diz "Sócrates é branco", não é intenção do falante asseverar que

natura, sed ut attribuat ei albedinem mediante hoc verbo, est; et ideo in talibus, est, praedicatur ut adiacens principali praedicato. Et dicitur esse *tertium*, non quia sit tertium praedicatum, sed quia est tertia dictio posita in enunciatione, quae simul cum nomine praedicato facit unum praedicatum, ut sic enunciatio dividatur in duas partes et non in tres.

Sócrates existe na natureza das coisas, mas atribuir-lhe a brancura mediante este verbo, *é*; e, portanto, em tais casos, o *é* é predicado como adjacente ao predicado principal. E diz-se ser *terceiro*, não porque seja um terceiro predicado, mas porque é a terceira expressão posta na enunciação, a qual, junto com o nome predicado, faz um único predicado, de modo que a enunciação se divida em duas partes e não em três.

3) Secundo, considerandum est quid est hoc, quod dicit quod *quando est, eo modo quo dictum est, tertium adiacens praedicatur, dupliciter dicuntur oppositiones.* Circa quod considerandum est quod in praemissis enunciationibus, in quibus nomen ponebatur solum ex parte subiecti, secundum quodlibet subiectum erat una oppositio; puta si subiectum erat nomen finitum non universaliter sumptum, erat sola una oppositio, scilicet est homo, non est homo. Sed quando est tertium adiacens praedicatur, oportet esse duas oppositiones eodem subiecto existente secundum differentiam nominis praedicati, quod potest esse finitum vel infinitum; sicut haec est una oppositio, homo est iustus, homo non est iustus: alia vero oppositio est, homo est non iustus, homo non est non iustus. Non enim negatio fit nisi per appositionem negativae particulae ad hoc verbum est, quod est nota praedicationis.

3) Segundo, deve-se considerar o que ele diz: que *quando o "é", do modo como foi dito, é predicado como terceiro adjacente, as oposições são ditas de modo duplo.* Sobre isto, considere-se que, nas enunciações anteriores, em que o nome era posto apenas por parte do sujeito, para cada sujeito havia uma só oposição; por exemplo, se o sujeito fosse um nome finito não tomado universalmente, havia apenas uma oposição, a saber: "é homem", "não é homem". Mas quando o *é* é predicado como terceiro adjacente, é necessário que haja duas oposições para o mesmo sujeito, conforme a diferença do nome predicado, que pode ser finito ou infinito; assim, esta é uma oposição: "o homem é justo", "o homem não é justo"; e outra oposição é: "o homem é não-justo", "o homem não é não-justo". Pois a negação não se faz senão pela aposição da partícula negativa a este verbo *é*, que é a nota da predicação.

4) Deinde cum dicit: *dico autem, ut est iustus* etc., exponit quod dixerat, *est tertium adiacens*, et dicit quod cum dicitur, homo est iustus, hoc verbum est, adiacet, scilicet praedicato, tamquam tertium nomen vel verbum in affirmatione. Potest enim ipsum est, dici nomen, prout quaelibet dictio nomen dicitur, et sic est *tertium nomen*, idest tertia dictio. Sed quia secundum communem usum loquendi, dictio significans tempus magis dicitur verbum quam nomen, propter hoc addit, *vel verbum*, quasi dicat, ad hoc quod sit tertium, non refert utrum dicatur nomen vel verbum.

4) Em seguida, quando diz: *digo, porém, como 'é justo'* etc., explica o que dissera (*é terceiro adjacente*) e diz que, ao se dizer "o homem é justo", este verbo *é* é adjacente ao predicado como o terceiro nome ou verbo na afirmação. Pois o próprio *é* pode ser chamado nome, na medida em que qualquer expressão é dita nome, e assim é o *terceiro nome*, isto é, a terceira expressão. Mas porque, segundo o uso comum da fala, a expressão que significa tempo é dita antes verbo que nome, por isso ele acrescenta *ou verbo*, como se dissesse: para que seja o terceiro, não importa se é chamado nome ou verbo.

5) Deinde cum dicit: *quare quatuor erunt* etc., concludit numerum enunciationum. Et primo, ponit conclusionem numeri; secundo, ponit earum habitudinem; ibi: *quarum duae quidem* etc.; tertio, ra-

5) Em seguida, quando diz: *pelo que serão quatro* etc., conclui o número de enunciações. E primeiro, estabelece a conclusão do número; segundo, estabelece a relação entre elas; ali: *das quais duas, certa-*

tionem numeri explicat; ibi: *dico autem quoniam est* et cetera. Dicit ergo primo quod quia duae sunt oppositiones, *quando est tertium adiacens praedicatur*, cum omnis oppositio sit inter duas enunciationes, consequens est quod sint quatuor enunciationes illae in quibus est, tertium adiacens, praedicatur, subiecto finito non universaliter sumpto.

6) Deinde cum dicit: *quarum duae quidem* etc., ostendit habitudinem praedictarum enunciationum ad invicem; et dicit quod duae dictarum enunciationum se habent ad affirmationem et negationem *secundum consequentiam*, sive secundum correlationem, aut *analogiam*, ut in Graeco habetur, sicut privationes; *aliae vero duae minime*. Quod quia breviter et obscure dictum est, diversimode a diversis expositum est. Ad cuius evidentiam considerandum est quod tripliciter nomen potest praedicari in huiusmodi enunciationibus. Quandoque enim praedicatur nomen finitum, secundum quod assumuntur duae enunciationes, una affirmativa et altera negativa, scilicet homo est iustus, et homo non est iustus; quae dicuntur *simplices*. Quandoque vero praedicatur nomen infinitum, secundum quod etiam assumuntur duae aliae, scilicet homo est non iustus, homo non est non iustus; quae dicuntur *infinitae*. Quandoque vero praedicatur nomen privativum, secundum quod etiam sumuntur duae aliae, scilicet homo est iniustus, homo non est iniustus; quae dicuntur *privativae*.

7) Quidam ergo sic exposuerunt, quod duae enunciationes earum, quas praemiserat scilicet illae, quae sunt de infinito praedicato, se habent ad affirmationem et negationem, quae sunt de praedicato finito secundum consequentiam vel analogiam, sicut privationes, idest sicut illae, quae sunt de praedicato privativo. Illae enim duae, quae sunt de praedicato infinito, se habent secundum consequentiam ad illas, quae sunt de finito praedicato secundum transpositionem quandam, scilicet affirmatio ad negationem et negatio ad affirmationem. Nam homo est non iustus, quae est affirmatio de infinito praedicato, respondet secundum consequentiam negativae de praedicato finito, huic scilicet homo non est

mente etc.; terceiro, explica a razão do número; ali: *digo, porém, que o 'é'* etc. Diz, portanto, primeiro que, porque há duas oposições *quando o 'é' é predicado como terceiro adjacente*, e como toda oposição se dá entre duas enunciações, o consequente é que sejam quatro aquelas enunciações nas quais o *é* é predicado como terceiro adjacente, sendo o sujeito finito e não tomado universalmente.

6) Em seguida, quando diz: *das quais duas, certamente* etc., mostra a relação das referidas enunciações entre si; e diz que duas das ditas enunciações se comportam em relação à afirmação e à negação *segundo a consequência*, ou segundo a correlação, ou *analogia* (como se lê no grego), tal como as privações; *as outras duas, porém, de modo algum*. Como isto foi dito de forma breve e obscura, foi exposto de diversos modos por diferentes autores. Para sua evidência, deve-se considerar que o nome pode ser predicado de três modos em tais enunciações. Pois às vezes predica-se um nome finito, segundo o qual se tomam duas enunciações, uma afirmativa e outra negativa, a saber: "o homem é justo" e "o homem não é justo", as quais se chamam *simples*. Outras vezes, predica-se um nome infinito, segundo o qual também se tomam outras duas, a saber: "o homem é não-justo" e "o homem não é não-justo", as quais se chamam *infinitas*. E outras vezes predica-se um nome privativo, segundo o qual também se tomam outras duas, a saber: "o homem é injusto" e "o homem não é injusto", as quais se chamam *privativas*.

7) Alguns, portanto, expuseram assim: que as duas enunciações das que ele antecipara — a saber, aquelas que versam sobre o predicado infinito — se comportam em relação à afirmação e à negação de predicado finito segundo a consequência ou analogia, tal como as privações, isto é, como aquelas que versam sobre o predicado privativo. Pois aquelas duas que são de predicado infinito comportam-se, segundo a consequência, em relação às de predicado finito conforme uma certa transposição, a saber: a afirmação em relação à negação e a negação em relação à afirmação. Pois "o homem é não-justo", que é uma afirmação de predicado infinito, responde segundo a consequência à nega-

iustus. Negativa vero de infinito praedicato, scilicet homo non est non iustus, affirmativae de finito praedicato, huic scilicet homo est iustus. Propter quod Theophrastus vocabat eas, quae sunt de infinito praedicato, *transpositas*. Et similiter etiam affirmativa de privativo praedicato respondet secundum consequentiam negativae de finito praedicato, scilicet haec, homo est iniustus, ei quae est, homo non est iustus. Negativa vero affirmativae, scilicet haec, homo non est iniustus, ei quae est, homo est iustus. Disponatur ergo in figura. Et in prima quidem linea ponantur illae, quae sunt de finito praedicato, scilicet homo est iustus, homo non est iustus. In secunda autem linea, negativa de infinito praedicato sub affirmativa de finito et affirmativa sub negativa. In tertia vero, negativa de privativo praedicato similiter sub affirmativa de finito et affirmativa sub negativa: ut patet in subscripta figura. (Figura). Sic ergo duae, scilicet quae sunt de infinito praedicato, se habent ad affirmationem et negationem de finito praedicato, sicut privationes, idest sicut illae quae sunt de privativo praedicato. Sed duae aliae quae sunt de infinito subiecto, scilicet non homo est iustus, non homo non est iustus, manifestum est quod non habent similem consequentiam. Et hoc modo exposuit herminus hoc quod dicitur, *duae vero, minime*, referens hoc ad illas quae sunt de infinito subiecto. Sed hoc manifeste est contra litteram. Nam cum praemisisset quatuor enunciationes, duas scilicet de finito praedicato et duas de infinito, subiungit quasi illas subdividens, *quarum duae quidem* et cetera. *Duae vero, minime*; ubi datur intelligi quod utraeque duae intelligantur in praemissis. Illae autem quae sunt de infinito subiecto non includuntur in praemissis, sed de his postea dicetur. Unde manifestum est quod de eis nunc non loquitur.

tiva de predicado finito, a saber, “o homem não é justo”. Já a negativa de predicado infinito, a saber, “o homem não é não-justo”, responde à afirmativa de predicado finito, a saber, “o homem é justo”. Por esse motivo, Teofrasto as chamava de *transpostas*. E, do mesmo modo, a afirmativa de predicado privativo responde segundo a consequência à negativa de predicado finito — a saber, “o homem é injusto” em relação a “o homem não é justo”. E a negativa à afirmativa — a saber, “o homem não é injusto” em relação a “o homem é justo”. Disponha-se, pois, em figura. Na primeira linha, ponham-se as que são de predicado finito: “o homem é justo”, “o homem não é justo”. Na segunda linha, a negativa de predicado infinito sob a afirmativa de finito, e a afirmativa sob a negativa. Na terceira, a negativa de predicado privativo semelhantemente sob a afirmativa de finito, e a afirmativa sob a negativa, como se vê na figura abaixo. Assim, as duas de predicado infinito comportam-se em relação à afirmação e negação de predicado finito como as privações. Mas as outras duas que são de sujeito infinito, a saber, “o não-homem é justo”, “o não-homem não é justo”, é manifesto que não possuem consequência semelhante. E deste modo Hermino expôs o que se diz: *as duas, porém, de modo algum*, referindo isto às de sujeito infinito. Mas isto é manifestamente contra o texto. Pois, tendo antecipado quatro enunciações — duas de predicado finito e duas de infinito —, ele acrescenta, como que as subdividindo: *das quais duas, certamente* etc., *as outras duas, porém, de modo algum*; onde se dá a entender que ambos os pares de "duas" se entendem nas premissas. Ora, as que são de sujeito infinito não estão incluídas nas premissas, mas delas se falará depois. Por onde, é manifesto que não fala delas agora.

8) Et ideo, ut Ammonius dicit, alii aliter exposuerunt, dicentes quod praedictarum quatuor propositionum *duae*, scilicet quae sunt de infinito praedicato, *sic se habent ad affirmationem et negationem*, idest ad ipsam speciem affirmationis et negationis, *ut privationes*, idest ut privativae affirmationes seu negationes. Haec enim affirmatio, *homo est non iustus*, non est simpliciter affirmatio, sed secundum

8) Por isso, como diz Amônio, outros expuseram de outro modo, dizendo que, das quatro proposições referidas, *duas* — a saber, as de predicado infinito — *se comportam assim em relação à afirmação e à negação* (isto é, em relação à própria espécie de afirmação e negação) *como privações*, ou seja, como afirmações ou negações privativas. Pois esta afirmação, “o homem é não-justo”, não é uma

quid, quasi secundum privationem affirmatio; sicut homo mortuus non est homo simpliciter, sed secundum privationem; et idem dicendum est de negativa, quae est de infinito praedicato. Duae vero, quae sunt de finito praedicato, non se habent ad speciem affirmationis et negationis secundum privationem, sed simpliciter. Haec enim, *homo est iustus*, est simpliciter affirmativa, et haec, *homo non est iustus*, est simpliciter negativa. Sed nec hic sensus convenit verbis Aristotelis. Dicit enim infra: *haec igitur quemadmodum in resolutoriis dictum est, sic sunt disposita*; ubi nihil invenitur ad hunc sensum pertinens. Et ideo Ammonius ex his, quae in fine I priorum dicuntur de propositionibus, quae sunt de finito vel infinito vel privativo praedicato, alium sensum accipit.

afirmação absoluta, mas sob certo aspecto, como que uma afirmação por privação; assim como um homem morto não é um homem de modo absoluto, mas por privação; e o mesmo deve ser dito da negativa que é de predicado infinito. Já as duas que são de predicado finito não se comportam em relação à espécie de afirmação e negação por privação, mas de modo absoluto. Pois "o homem é justo" é simplesmente afirmativa, e "o homem não é justo" é simplesmente negativa. Mas nem este sentido convém às palavras de Aristóteles. Pois ele diz mais abaixo: *estas coisas, portanto, como foi dito nos Analíticos, assim estão dispostas*; onde nada se encontra pertinente a este sentido. Por isso Amônio, a partir do que se diz no final do livro I dos *Primeiros Analíticos* sobre as proposições de predicado finito, infinito ou privativo, assume outro sentido.

9) Ad cuius evidentiam considerandum est quod, sicut ipse dicit, enunciatio aliqua virtute se habet ad illud, de quo totum id quod in enunciatione significatur vere praedicari potest: sicut haec enunciatio, *homo est iustus*, se habet ad omnia illa, de quorum quolibet vere potest dici quod est homo iustus; et similiter haec enunciatio, *homo non est iustus*, se habet ad omnia illa, de quorum quolibet vere dici potest quod non est homo iustus. Secundum ergo hunc modum loquendi, manifestum est quod simplex negativa *in plus est* quam affirmativa infinita, quae ei correspondet. Nam, quod sit *homo non iustus*, vere potest dici de quolibet homine, qui non habet habitum iustitiae; sed quod *non sit homo iustus*, potest dici non solum de homine non habente habitum iustitiae, sed etiam de eo qui penitus non est homo: haec enim est vera, *lignum non est homo iustus*; tamen haec est falsa, *lignum est homo non iustus*. Et ita negativa simplex est *in plus* quam affirmativa infinita; sicut etiam animal est *in plus* quam homo, quia de pluribus verificatur. Simili etiam ratione, negativa simplex est *in plus* quam affirmativa privativa: quia de eo quod non est homo non potest dici quod sit homo iniustus. Sed affirmativa infinita est *in plus* quam affirmativa privativa: potest enim dici de puero et de quocumque homine nondum habente habitum virtutis aut vitii quod sit homo non iustus, non

9) Para evidenciar isto, deve-se considerar que, como ele próprio diz, uma enunciação se relaciona, por sua força, àquilo de que tudo o que é significado na enunciação pode ser verdadeiramente predicado: assim como esta enunciação, "o homem é justo", se relaciona a todas as coisas das quais se pode dizer verdadeiramente que é um homem justo; e, semelhantemente, a enunciação "o homem não é justo" relaciona-se a todas as coisas das quais se pode dizer verdadeiramente que não é um homem justo. Segundo este modo de falar, é manifesto que a negativa simples tem maior extensão (*in plus est*) que a afirmativa infinita que lhe corresponde. Pois o fato de ser "homem não-justo" pode ser dito verdadeiramente de qualquer homem que não possua o hábito da justiça; mas o fato de "não ser homem justo" pode ser dito não apenas do homem que não possui o hábito da justiça, mas também daquilo que não é homem de modo algum: com efeito, esta é verdadeira: "*o lenho não é um homem justo*"; contudo, esta é falsa: "*o lenho é um homem não-justo*". Assim, a negativa simples é mais ampla que a afirmativa infinita, do mesmo modo que "animal" é mais amplo que "homem", pois se verifica em mais casos. Por razão semelhante, a negativa simples é mais ampla que a afirmativa privativa: pois daquilo que não é homem não se pode dizer que seja um homem injusto. Mas a afirmativa infinita é mais

tamen de aliquo eorum vere dici potest quod sit homo iniustus. Affirmativa vero simplex *in minus est* quam negativa infinita: quia quod non sit homo non iustus potest dici non solum de homine iusto, sed etiam de eo quod penitus non est homo. Similiter etiam negativa privativa *in plus* est quam negativa infinita. Nam, quod non sit homo iniustus, potest dici non solum de homine habente habitum iustitiae, sed de eo quod penitus non est homo, de quorum quolibet potest dici quod non sit homo non iustus: sed ulterius potest dici de omnibus hominibus, qui nec habent habitum iustitiae neque habent habitum iniustitiae.

ampla que a afirmativa privativa: pode-se dizer de um menino ou de qualquer homem que ainda não possua o hábito da virtude ou do vício que ele é um "homem não-justo", mas de nenhum deles se pode dizer verdadeiramente que seja um "homem injusto". Já a afirmativa simples é de menor extensão (*in minus est*) que a negativa infinita: pois que "não seja homem não-justo" pode ser dito não só do homem justo, mas também daquilo que não é homem de modo algum. Semelhantemente, a negativa privativa é mais ampla que a negativa infinita. Pois que "não seja homem injusto" pode ser dito não só do homem que possui o hábito da justiça, mas daquilo que não é homem de modo algum, sobre os quais se pode dizer que "não são homens não-justos"; e, além disso, pode ser dito de todos os homens que não possuem nem o hábito da justiça nem o hábito da injustiça.

10) His igitur visis, facile est exponere praesentem litteram hoc modo. *Quarum*, scilicet quatuor enunciationum praedictarum, *duae quidem*, scilicet infinitae, *se habebunt ad affirmationem et negationem*, idest ad duas simplices, quarum una est affirmativa et altera negativa, *secundum consequentiam*, idest in modo consequendi ad eas, *ut privationes*, idest sicut duae privativae: quia scilicet, sicut ad simplicem affirmativam sequitur negativa infinita, et non convertitur (eo quod negativa infinita est in plus), ita etiam ad simplicem affirmativam sequitur negativa privativa, quae est in plus, et non convertitur. Sed sicut simplex negativa sequitur ad infinitam affirmativam; quae est in minus, et non convertitur; ita etiam negativa simplex sequitur ad privativam affirmativam, quae est in minus, et non convertitur. Ex quo patet quod eadem est habitudo in consequendo infinitarum ad simplices quae est etiam privativarum.

10) Visto isto, é fácil expor o presente texto deste modo: *Das quais* (as quatro enunciações referidas), *duas certamente* (as infinitas) *se comportarão em relação à afirmação e à negação* (às duas simples, uma afirmativa e outra negativa) *segundo a consequência* (no modo de segui-las) *como privações* (como as duas privativas). Porque, assim como da afirmativa simples segue-se a negativa infinita, e não se converte (visto que a negativa infinita é mais ampla), assim também da afirmativa simples segue-se a negativa privativa, que é mais ampla, e não se converte. Mas assim como a negativa simples segue-se da afirmativa infinita (que é menos ampla e não se converte), assim também a negativa simples segue-se da afirmativa privativa (que é menos ampla e não se converte). Do que é patente que a mesma relação de consequência que as infinitas têm com as simples, as privativas também têm.

11) Sequitur, *duae autem*, scilicet simplices, quae relinquuntur, remotis duabus, scilicet infinitis, a quatuor praemissis, *minime*, idest non ita se habent ad infinitas in consequendo, sicut privativae se habent ad eas; quia videlicet, ex una parte simplex affirmativa est in minus quam negativa infinita, sed negativa privativa est in plus quam negativa infinita: ex alia vero parte, negativa simplex est in

11) Segue-se: *as outras duas, porém* (as simples que restam ao se retirar as duas infinitas das quatro antecipadas), *de modo algum* (isto é, não se comportam em relação às infinitas, na consequência, como as privativas se comportam em relação a elas). Pois, por um lado, a afirmativa simples é menos ampla que a negativa infinita, mas a negativa privativa é mais ampla que a negativa infinita;

plus quam affirmativa infinita, sed affirmativa privativa est in minus quam infinita affirmativa. Sic ergo patet quod simplices non ita se habent ad infinitas in consequendo, sicut privativae se habent ad infinitas.

por outro lado, a negativa simples é mais ampla que a afirmativa infinita, mas a afirmativa privativa é menos ampla que a afirmativa infinita. Assim, é patente que as simples não se comportam em relação às infinitas, na consequência, como as privativas em relação às infinitas.

12) Quamvis autem secundum hoc littera philosophi subtiliter exponatur, tamen videtur esse aliquantulum expositio extorta. Nam littera philosophi videtur sonare diversas habitudines non esse attendendas respectu diversorum; sicut in praedicta expositione primo accipitur similitudo habitudinis ad simplices, et postea dissimilitudo habitudinis respectu infinitarum. Et ideo simplicior et magis conveniens litterae Aristotelis est expositio Porphyrii quam Boethius ponit; secundum quam expositionem attenditur similitudo et dissimilitudo secundum consequentiam affirmativarum ad negativas. Unde dicit: *quarum*, scilicet quatuor praemissarum, *duae quidem*, scilicet affirmativae, quarum una est simplex et alia infinita, se habebunt secundum consequentiam ad affirmationem et negationem; ut scilicet ad unam affirmativam sequatur alterius negativa. Nam ad affirmativam simplicem sequitur negativa infinita; et ad affirmativam infinitam sequitur negativa simplex. *Duae vero*, scilicet negativae, *minime*, idest non ita se habent ad affirmativas, ut scilicet ex negativis sequantur affirmativae, sicut ex affirmativis sequebantur negativae. Et quantum ad utrumque similiter se habent privativae sicut infinitae.

12) Embora, segundo esta visão, o texto do filósofo seja exposto com sutileza, parece ser uma exposição um tanto forçada. Pois a letra do filósofo parece sugerir que as diversas relações não devem ser consideradas em relação a coisas diferentes, como ocorre na exposição anterior, onde primeiro se toma a semelhança de relação com as simples e, depois, a dessemelhança em relação às infinitas. Por isso, a exposição de Porfírio, que Boécio apresenta, é mais simples e mais conveniente ao texto de Aristóteles; segundo esta exposição, a semelhança e dessemelhança são consideradas segundo a consequência das afirmativas em relação às negativas. Por onde diz: *das quais* (as quatro antecipadas), *duas certamente* (as afirmativas, sendo uma simples e outra infinita) se comportarão segundo a consequência em relação à afirmação e negação; a saber, que da afirmação de uma siga-se a negativa da outra. Pois da afirmativa simples segue-se a negativa infinita; e da afirmativa infinita segue-se a negativa simples. *Já as outras duas* (as negativas) *de modo algum*, isto é, não se comportam em relação às afirmativas de modo que das negativas se sigam afirmativas, como das afirmativas se seguiam as negativas. E em ambos os casos as privativas comportam-se como as infinitas.

13) Deinde cum dicit: *dico autem quoniam* etc., manifestat quoddam quod supra dixerat, scilicet quod sint quatuor praedictae enunciationes: loquimur enim nunc de enunciationibus, in quibus hoc verbum est solum praedicatur secundum quod est adiacens alicui nomini finito vel infinito: puta secundum quod adiacet iusto; ut cum dicitur, homo est iustus, vel secundum quod adiacet non iusto; ut cum dicitur, homo est non iustus. Et quia in neutra harum negatio apponitur ad verbum, consequens est quod utraque sit affirmativa. Omni autem affirmationi opponitur negatio, ut supra in primo ostensum est. Relinquitur ergo quod prae-

13) Em seguida, quando diz: *digo, porém, que o 'é'* etc., manifesta o que dissera acima, a saber, que as referidas enunciações são quatro: falamos agora das enunciações nas quais este verbo *é* é predicado apenas enquanto adjacente a algum nome finito ou infinito: por exemplo, enquanto adjacente a "justo", como quando se diz "o homem é justo", ou enquanto adjacente a "não-justo", como quando se diz "o homem é não-justo". E como em nenhuma delas a negação é aplicada ao verbo, o consequente é que ambas sejam afirmativas. Ora, a toda afirmação opõe-se uma negação, como se mostrou acima no primeiro livro. Resta, portanto, que às

dictis duabus enunciationibus affirmativis respondet duae aliae negativae. Et sic consequens est quod sint quatuor simplices enunciationes.

duas referidas enunciações afirmativas correspondam outras duas negativas. E assim o consequente é que sejam quatro enunciações simples.

14) Deinde cum dicit: *intelligimus vero* etc., manifestat quod supra dictum est per quandam figuralem descriptionem. Dicit enim quod id, quod in supradictis dictum est, intelligi potest ex sequenti subscriptione. Sit enim quaedam quadrata figura, in cuius uno angulo describatur haec enunciatio, *homo est iustus*, et ex opposito describatur eius negatio quae est, *homo non est iustus*; sub quibus scribantur duae aliae infinitae, scilicet *homo est non iustus*, *homo non est non iustus*. (Figura). In qua descriptione apparet quod hoc verbum est, affirmativum vel negativum, adiacet iusto et non iusto. Et secundum hoc diversificantur quatuor enunciationes.

14) Em seguida, quando diz: *entendemos, porém* etc., manifesta o que foi dito acima por meio de uma descrição figural. Diz que o que foi dito acima pode ser entendido pela seguinte inscrição. Seja uma figura quadrada, em cujo ângulo se descreva a enunciação "o homem é justo", e no oposto se descreva sua negação, "o homem não é justo"; sob as quais se escrevam as outras duas infinitas, a saber: "o homem é não-justo", "o homem não é não-justo". Nesta descrição aparece que o verbo *é*, afirmativo ou negativo, é adjacente ao "justo" e ao "não-justo". E segundo isto diversificam-se as quatro enunciações.

15) Ultimo autem concludit quod praedictae enunciationes disponuntur secundum ordinem consequentiae, prout dictum est in resolutoriis, idest in I priorum. Alia littera habet: *dico autem, quoniam est aut homini aut non homini adiacebit, et in figura, est, hoc loco homini et non homini adiacebit.* Quod quidem non est intelligendum, ut homo, et non homo accipiatur ex parte subiecti, non enim nunc agitur de enunciationibus quae sunt de infinito subiecto. Unde oportet quod homo et non homo accipiantur ex parte praedicati. Sed quia philosophus exemplificat de enunciationibus in quibus ex parte praedicati ponitur iustum et non iustum, visum est Alexandro, quod praedicta littera sit corrupta. Quibusdam aliis videtur quod possit sustineri et quod signanter Aristoteles nomina in exemplis variaverit, ut ostenderet quod non differt in quibuscunque nominibus ponantur exempla.

15) Por último, conclui que as referidas enunciações se dispõem segundo a ordem de consequência, como foi dito nos *Analíticos* (*resolutoriis*), isto é, no livro I dos *Primeiros Analíticos*. Outra versão do texto diz: *digo, porém, que o 'é' será adjacente ou ao homem ou ao não-homem, e na figura o 'é' será adjacente neste lugar ao homem e ao não-homem.* O que não deve ser entendido como se "homem" e "não-homem" fossem tomados por parte do sujeito, pois não se trata agora das enunciações de sujeito infinito. Por onde, é necessário que "homem" e "não-homem" sejam tomados por parte do predicado. Mas, como o filósofo exemplifica com enunciações em que no predicado se põe "justo" e "não-justo", pareceu a Alexandre que o referido texto está corrompido. A outros parece que pode ser sustentado e que Aristóteles variou os nomes nos exemplos de propósito, para mostrar que não faz diferença em quais nomes os exemplos sejam postos.

Continuatio Commentariorum Sancti Thomae a Cardinale Caietano de Vio

Lectio III

1) Postquam philosophus distinxit enunciationes in quibus subiicitur nomen infinitum non universaliter sumptum, hic intendit distinguere enunciationes, in quibus subiicitur nomen finitum universaliter sumptum. Et circa hoc tria facit: primo, ponit similitudinem istarum enunciationum ad infinitas supra positas; secundo, ostendit dissimilitudinem earumdem; ibi: *sed non similiter* etc.; tertio, concludit numerum oppositionum inter dictas enunciationes; ibi: *hae duae igitur* et cetera. Dicit ergo primo quod similes sunt enunciationes, in quibus est nominis universaliter sumpti affirmatio.

1) Depois que o filósofo distinguiu as enunciações nas quais se sujeita um nome infinito não tomado universalmente, aqui ele pretende distinguir as enunciações nas quais se sujeita um nome finito tomado universalmente. E sobre isto faz três coisas: primeiro, estabelece a semelhança destas enunciações com as infinitas acima postas; segundo, mostra a dessemelhança das mesmas; ali: *mas não semelhantemente* etc.; terceiro, conclui o número de oposições entre as ditas enunciações; ali: *estas duas, portanto* etc. Diz, logo, primeiro, que são semelhantes as enunciações nas quais há a afirmação do nome tomado universalmente.

2) Quoad primum notandum est quod in enunciationibus indefinitis supra positis erant duae oppositiones et quatuor enunciationes, et affirmativae inferebant negativas, et non inferebantur ab eis, ut patet tam in expositione Ammonii, quam Porphyrii. Ita in enunciationibus in quibus subiicitur nomen finitum universaliter sumptum inveniuntur duae oppositiones et quatuor enunciationes: et affirmativae inferunt negativas et non e contra. Unde similiter se habent enunciationes supradictae, si nominis in subiecto sumpti fiat affirmatio universaliter. Fient enim tunc quatuor enunciationes: duae de praedicato finito, scilicet *omnis homo est iustus*, et eius negatio quae est *non omnis homo est iustus*; et duae de praedicato infinito, scilicet *omnis homo est non iustus*, et eius negatio quae est, *non omnis homo est non iustus*. Et quia quaelibet affirmatio cum sua negatione unam integrat oppositionem, duae efficiuntur oppositiones, sicut et de indefinitis dictum est. Nec obstat quod de enunciationibus universalibus loquens particulares inseruit; quoniam sicut supra de indefinitis et suis negationibus sermonem fecit, ita nunc de affirmationibus universalibus sermonem faciens de earum negationibus est coactus loqui. Negatio siquidem universalis affirmativae non est universalis negativa, sed particularis negativa, ut in I libro

2) Quanto ao primeiro ponto, deve-se notar que nas enunciações indefinidas acima postas havia duas oposições e quatro enunciações, e as afirmativas inferiam as negativas, e não eram inferidas por elas, como é patente tanto na exposição de Amônio quanto na de Porfírio. Assim, nas enunciações em que se sujeita o nome finito tomado universalmente, encontram-se duas oposições e quatro enunciações: e as afirmativas inferem as negativas e não o contrário. Por onde, semelhantemente se comportam as enunciações supraditas, se do nome tomado no sujeito se faz a afirmação universalmente. Pois se farão então quatro enunciações: duas de predicado finito, a saber, *todo homem é justo*, e sua negação que é *nem todo homem é justo*; e duas de predicado infinito, a saber, *todo homem é não-justo*, e sua negação que é *nem todo homem é não-justo*. E porque qualquer afirmação com sua negação integra uma oposição, produzem-se duas oposições, como se disse das indefinidas. Nem obsta que, falando de enunciações universais, tenha inserido particulares; pois, assim como acima tratou das indefinidas e suas negações, assim agora, tratando das afirmações universais, viu-se obrigado a falar de suas negações. Pois a negação da afirmativa universal não é a negativa universal, mas a negativa particular, como se estabeleceu no livro I.

habitum est.

3) Quod autem similis sit consequentia in istis et supradictis indefinitis patet exemplariter. Et ne multa loquendo res clara prolixitate obtenebretur, formetur primo figura de indefinitis, quae supra posita est in expositione Porphyrii, scilicet ex una parte ponatur affirmativa finita, et sub ea negativa infinita, et sub ista negativa privativa. Ex altera parte primo negativa finita, et sub ea affirmativa infinita, et sub ea affirmativa privativa. Deinde sub illa figura formetur alia figura similis illi universaliter: ponatur scilicet ex una parte universalis affirmativa de praedicato finito, et sub ea particularis negativa de praedicato infinito, et ad complementum similitudinis sub ista particularis negativa de praedicato privativo; ex altera vero parte ponatur primo particularis negativa de praedicato infinito, et sub ea universalis affirmativa de praedicato finito, et sub ista universalis affirmativa de praedicato privativo, hoc modo: (Figura). Quibus ita dispositis, exerceatur consequentia semper in ista proxima figura, sicut supra in indefinitis exercita est: sive sequendo expositionem Ammonii, ut infinitae se habeant ad finitas, sicut privativae se habent ad ipsas finitas; finitae autem non se habeant ad infinitas medias, sicut privativae se habent ad ipsas infinitas: sive sectando expositionem Porphyrii, ut affirmativae inferant negativas, et non e contra. Utrique enim expositioni suprascriptae deserviunt figurae, ut patet diligenter indaganti. Similiter ergo se habent enunciationes istae universales ad indefinitas in tribus, scilicet in numero propositionum, et numero oppositionum, et modo consequentiae.

3) Que a consequência seja semelhante nestas e nas indefinidas supraditas é patente por exemplo. E para que, por muito falar, a coisa clara não se obscureça pela prolixidade, forme-se primeiro a figura das indefinidas, que acima foi posta na exposição de Porfírio, a saber: de um lado ponha-se a afirmativa finita, e sob ela a negativa infinita, e sob esta a negativa privativa. Do outro lado, primeiro a negativa finita, e sob ela a afirmativa infinita, e sob esta a afirmativa privativa. Em seguida, sob aquela figura, forme-se outra figura semelhante a ela universalmente: ponha-se, de um lado, a universal afirmativa de predicado finito, e sob ela a particular negativa de predicado infinito e, para complemento da semelhança, sob esta a particular negativa de predicado privativo; do outro lado, ponha-se primeiro a particular negativa de predicado infinito, sob ela a universal afirmativa de predicado finito, e sob esta a universal afirmativa de predicado privativo, deste modo: *(Figura)*. Dispostas assim, exerça-se a consequência sempre nesta figura próxima, como acima foi exercida nas indefinidas: seja seguindo a exposição de Amônio, de modo que as infinitas se comportem em relação às finitas como as privativas se comportam em relação às mesmas finitas; e as finitas não se comportem em relação às infinitas médias como as privativas se comportam em relação às mesmas infinitas; seja seguindo a exposição de Porfírio, para que as afirmativas infiram as negativas, e não o contrário. Pois as figuras servem a ambas as exposições suprascritas, como é patente a quem indaga diligentemente. Logo, semelhantemente se comportam estas enunciações universais em relação às indefinidas em três coisas: no número de proposições, no número de oposições e no modo de consequência.

4) Deinde cum dicit: *sed non similiter angulares* etc., ponit dissimilitudinem inter istas universales et supradictas indefinitas, in hoc quod angulares non similiter contingit veras esse. Quae verba primo exponenda sunt secundum eam, quam credimus esse ad mentem Aristotelis, expositionem; deinde secundum alios. Angulares enunciationes in utraque

4) Em seguida, quando diz: *mas não semelhantemente as angulares* etc., estabelece a dessemelhança entre estas universais e as indefinidas supraditas, no fato de que não acontece das angulares serem verdadeiras semelhantemente. Estas palavras devem ser expostas primeiro segundo aquela exposição que acreditamos estar na mente de Aristóteles; de-

figura suprascripta vocat eas quae sunt diametraliter oppositae, scilicet affirmativam finitam ex uno angulo, et affirmativam infinitam sive privativam ex alio angulo: et similiter negativam finitam ex uno angulo, et negativam infinitam vel privativam ex alio angulo.

pois, segundo outros. Ele chama de enunciações angulares, em ambas as figuras suprascritas, aquelas que são diametralmente opostas, a saber, a afirmativa finita de um ângulo e a afirmativa infinita ou privativa de outro ângulo; e, semelhantemente, a negativa finita de um ângulo e a negativa infinita ou privativa de outro ângulo.

5) Enunciationes ergo in qualitate similes angulares vocatae, eo quod angulares, idest diametraliter distant, dissimilis veritatis sunt apud indefinitas et universales. Angulares enim indefinitae tam in diametro affirmationum, quam in diametro negationum possunt esse simul verae, ut patet in suprascripta figura indefinitarum. Et hoc intellige in materia contingenti. Angulares vero in figura universalium non sic se habent, quoniam angulares secundum diametrum affirmationum impossibile est esse simul veras in quacumque materia. Angulares autem secundum diametrum negationum quandoque possunt esse simul verae, quando scilicet fiunt in materia contingenti: in materia enim necessaria et remota impossibile est esse ambas veras. Haec est Boethii, quam veram credimus, expositio.

5) Logo, as enunciações chamadas angulares semelhantes em qualidade, pelo fato de serem angulares — isto é, distarem diametralmente —, possuem verdade dessemelhante nas indefinidas e nas universais. Pois as angulares indefinidas, tanto na diagonal das afirmações quanto na diagonal das negações, podem ser simultaneamente verdadeiras, como é patente na figura das indefinidas suprascrita. E entende isto na matéria contingente. Já as angulares na figura das universais não se comportam assim, pois é impossível que as angulares segundo a diagonal das afirmações sejam simultaneamente verdadeiras em qualquer matéria. Já as angulares segundo a diagonal das negações podem, às vezes, ser simultaneamente verdadeiras, a saber, quando ocorrem em matéria contingente; pois em matéria necessária e remota é impossível que ambas sejam verdadeiras. Esta é a exposição de Boécio, que acreditamos ser a verdadeira.

6) Herminus autem, Boethio referente, aliter exponit. Licet enim ponat similitudinem inter universales et indefinitas quoad numerum enunciationum et oppositionum, oppositiones tamen aliter accipit in universalibus et aliter in indefinitis. Oppositiones siquidem indefinitarum numerat sicut et nos numeravimus, alteram scilicet inter finitas affirmativam et negativam, et alteram inter infinitas affirmativam et negativam, quemadmodum nos fecimus. Universalium vero non sic numerat oppositiones, sed alteram sumit inter universalem affirmativam finitam et particularem negativam finitam, scilicet *omnis homo est iustus, non omnis homo est iustus*, et alteram inter eamdem universalem affirmativam finitam et universalem affirmativam infinitam, scilicet *omnis homo est iustus, omnis homo est non iustus*. Inter has enim est contrarietas, inter illas vero contradictio. Dissimilitudinem etiam universalium ad indefinitas aliter

6) Hermino, porém, segundo relata Boécio, expõe de outro modo. Pois, embora estabeleça semelhança entre as universais e as indefinidas quanto ao número de enunciações e oposições, toma as oposições de modo diferente nas universais e nas indefinidas. Ele enumera as oposições das indefinidas como nós as enumeramos: uma entre a afirmativa e a negativa finitas, e outra entre a afirmativa e a negativa infinitas, tal como fizemos. Mas não enumera assim as oposições das universais; toma uma entre a universal afirmativa finita e a particular negativa finita, a saber, *todo homem é justo, nem todo homem é justo*; e outra entre a mesma universal afirmativa finita e a universal afirmativa infinita, a saber, *todo homem é justo, todo homem é não-justo*. Pois entre estas há contrariedade, enquanto entre aquelas há contradição. Também estabelece de outro modo a dessemelhança das universais em relação às indefinidas. Pois não funda-

ponit. Non enim nobiscum fundat dissimilitudinem inter angulares universalium et indefinitarum supra differentiam quae est inter angulares universalium affirmativas et negativas, sed supra differentiam quae est inter ipsas universalium angulares inter se ex utraque parte. Format namque talem figuram, in qua ex una parte sub universali affirmativa finita, universalis affirmativa infinita est; et ex alia parte sub particulari negativa finita, particularis negativa infinita ponitur; sicque angulares sunt disparis qualitatis, et similiter indefinitarum figuram format hoc modo: (Figura). Quibus ita dispositis, ait in hoc stare dissimilitudinem, quod angulares indefinitarum mutuo se invicem compellunt ad veritatis sequelam, ita quod unius angularis veritas suae angularis veritatem infert undecumque incipias. Universalium vero angulares non se mutuo compellunt ad veritatem, sed ex altera parte necessitas deficit illationis. Si enim incipias ab aliquo universalium et ad suam angularem procedas, veritas universalis non ita potest esse simul cum veritate angularis, quod compellit eam ad veritatem: quia si universalis est vera, sua universalis contraria erit falsa: non enim possunt esse simul verae. Et si ista universalis contraria est falsa, sua contradictoria particularis, quae est angularis primae universalis assumptae, erit necessario vera: impossibile est enim contradictorias esse simul falsas. Si autem incipias e converso ab aliqua particularium et ad suam angularem procedas, veritas particularis ita potest stare cum veritate suae angularis, quod tamen non necessario infert eius veritatem: quia licet sequatur: particularis est vera; ergo sua universalis contradictoria est falsa; non tamen sequitur ultra: ista universalis contradictoria est falsa; ergo sua universalis contraria, quae est angularis particularis assumpti, est vera. Possunt enim contrariae esse simul falsae.

menta conosco a dessemelhança entre as angulares das universais e das indefinidas sobre a diferença entre as angulares universais afirmativas e negativas, mas sobre a diferença entre as próprias angulares das universais entre si de cada lado. Forma, com efeito, tal figura em que, de um lado, sob a universal afirmativa finita, está a universal afirmativa infinita; e, do outro lado, sob a particular negativa finita, põe-se a particular negativa infinita; e assim as angulares são de qualidade dispar. E do mesmo modo forma a figura das indefinidas deste modo: *(Figura)*. Dispostas assim, diz que a dessemelhança reside nisto: que as angulares das indefinidas compelem-se mutuamente à sequência da verdade, de sorte que a verdade de uma angular infere a verdade de sua angular, de onde quer que se comece. Já as angulares das universais não se compelem mutuamente à verdade, mas de um lado falta a necessidade da ilação. Pois se começares por alguma das universais e procederes para a sua angular, a verdade da universal não pode ser simultânea com a verdade da angular de modo que a compila à verdade: porque se a universal é verdadeira, sua universal contrária será falsa, pois não podem ser simultaneamente verdadeiras. E se esta universal contrária é falsa, sua contraditória particular, que é a angular da primeira universal assumida, será necessariamente verdadeira: pois é impossível que contraditórias sejam simultaneamente falsas. Se, porém, começares inversamente por alguma das particulares e procederes para a sua angular, a verdade da particular pode estar com a verdade de sua angular sem que, todavia, infira necessariamente a sua verdade: pois, embora se siga: "a particular é verdadeira; logo, sua universal contraditória é falsa", não se segue mais adiante: "esta universal contraditória é falsa; logo, sua universal contrária, que é a angular da particular assumida, é verdadeira". Pois as contrárias podem ser simultaneamente falsas.

7) Sed videtur expositio ista deficere ab Aristotelis mente quoad modum sumendi oppositiones. Non enim intendit hic loqui de oppositione quae est inter finitas et infinitas, sed de ea quae est inter finitas inter se, et infinitas inter se. Si enim de utroque modo oppositionis exponere volumus, iam

7) Mas esta exposição parece falhar em relação à mente de Aristóteles quanto ao modo de tomar as oposições. Pois ele não pretende falar aqui da oposição que existe entre as finitas e as infinitas, mas daquela que existe entre as finitas entre si, e as infinitas entre si. Se quisermos expor sobre am-

non duas, sed tres oppositiones inveniemus: primam inter finitas, secundam inter infinitas, tertiam quam ipse herminus dixit inter finitam et infinitam. Figura etiam quam formavit, conformis non est ei, quam Aristoteles in fine I priorum formavit, ad quam nos remisit, cum dixit: *haec igitur quemadmodum in resolutoriis dictum est, sic sunt disposita*. In Aristotelis namque figura, angulares sunt affirmativae affirmativis, et negativae negativis.

bos os modos de oposição, já não encontraremos duas, mas três oposições: a primeira entre as finitas, a segunda entre as infinitas, e a terceira — que o próprio Hermino disse — entre a finita e a infinita. Também a figura que ele formou não é conforme àquela que Aristóteles formou no final do livro I dos *Primeiros Analíticos*, à qual nos remeteu quando disse: *estas, portanto, do mesmo modo que foi dito nos Analíticos, assim estão dispostas*. Pois na figura de Aristóteles, as angulares são afirmativas com afirmativas, e negativas com negativas.

8) Deinde cum dicit: *hae igitur duae* etc., concludit numerum propositionum. Et potest dupliciter exponi; primo, ut ly *hae* demonstret universales, et sic est sensus, quod hae universales finitae et infinitae habent duas oppositiones, quas supra declaravimus; secundo, potest exponi ut ly *hae* demonstret enunciationes finitas et infinitas quoad praedicatum sive universales sive indefinitas, et tunc est sensus, quod hae enunciationes supradictae habent duas oppositiones, alteram inter affirmationem finitam et eius negationem, alteram inter affirmationem infinitam et eius negationem. Placet autem mihi magis secunda expositio, quoniam brevitas cui Aristoteles studebat, replicationem non exigebat, sed potius quia enunciationes finitas et infinitas quoad praedicatum secundum diversas quantitates enumeraverat, ad duas oppositiones omnes reducere, terminando earum tractatum, voluit.

8) Em seguida, quando diz: *estas duas, portanto* etc., conclui o número de proposições. E pode ser exposto de dois modos: primeiro, que o termo *estas* demonstre as universais, e assim o sentido é que estas universais finitas e infinitas possuem duas oposições, que declaramos acima; segundo, pode ser exposto de modo que *estas* demonstre as enunciações finitas e infinitas quanto ao predicado, sejam universais ou indefinidas, e então o sentido é que estas enunciações supraditas possuem duas oposições: uma entre a afirmação finita e sua negação, outra entre a afirmação infinita e sua negação. Agrada-me mais a segunda exposição, pois a brevidade a que Aristóteles se dedicava não exigia replicação, mas sim que, tendo enumerado as enunciações finitas e infinitas quanto ao predicado segundo diversas quantidades, quis reduzir todas a duas oposições, terminando o seu tratado.

9) Deinde cum dicit: *aliae autem ad id quod est* etc., intendit declarare diversitatem enunciationum de tertio adiacente, in quibus subiicitur nomen infinitum. Et circa hoc tria facit: primo, proponit et distinguit eas; secundo, ostendit quod non dantur plures supradictis; ibi: *magis autem* etc.; tertio, ostendit habitudinem istarum ad alias; ibi: *hae autem extra* et cetera. Ad evidentiam primi advertendum est tres esse species enunciationum de inesse, in quibus explicite ponitur hoc verbum est. Quaedam sunt, quae subiecto sive finito sive infinito nihil habent additum ultra verbum, ut, *homo est, non homo est*. Quaedam vero sunt quae subiecto finito habent, praeter verbum, aliquid additum sive finitum sive infinitum, ut, *homo est iustus, homo est non iustus*. Quaedam autem sunt quae

9) Em seguida, quando diz: *outras, porém, em relação ao que é* etc., pretende declarar a diversidade das enunciações de terceiro adjacente nas quais se sujeita um nome infinito. E sobre isto faz três coisas: primeiro, propõe e as distingue; segundo, mostra que não existem mais do que as supraditas; ali: *mais, porém* etc.; terceiro, mostra a relação destas com as outras; ali: *estas, porém, fora* etc. Para evidência do primeiro ponto, deve-se notar que são três as espécies de enunciações de inerência (*de inesse*), nas quais se põe explicitamente este verbo *é*. Algumas são aquelas que, ao sujeito seja finito ou infinito, nada possuem de adicionado além do verbo, como *o homem é, o não-homem é*. Outras, porém, são aquelas que, ao sujeito finito, possuem, além do verbo, algo adicionado seja finito

subiecto infinito, praeter verbum, habent aliquid additum sive finitum sive infinitum, ut, *non homo est iustus, non homo est non iustus*. Et quia de primis iam determinatum est, ideo de ultimis tractare volens, ait: *aliae autem sunt, quae habent aliquid*, scilicet praedicatum, additum supra verbum *est*, ad id quod est, *non homo*, quasi ad subiectum, idest ad subiectum infinitum. Dixit autem *quasi*, quia sicut nomen infinitum deficit a ratione nominis, ita deficit a ratione subiecti. Significatum siquidem nominis infiniti non proprie substernitur compositioni cum praedicato quam importat, *est*, tertium adiacens. Enumerat quoque quatuor enunciationes et duas oppositiones in hoc ordine, sicut in superioribus fecit. Distinguit etiam istas ex finitate vel infinitate praedicata. Unde primo, ponit oppositiones inter affirmativam et negativam habentes subiectum infinitum et praedicatum finitum, dicens: *ut, non homo est iustus, non homo non est iustus*. Secundo, ponit oppositionem alteram inter affirmativam et negativam, habentes subiectum infinitum et praedicatum infinitum, dicens: *ut, non homo est non iustus, non homo non est non iustus*.

ou infinito, como *o homem é justo, o homem é não-justo*. E outras são aquelas que, ao sujeito infinito, além do verbo, possuem algo adicionado seja finito ou infinito, como *o não-homem é justo, o não-homem é não-justo*. E porque sobre as primeiras já se determinou, por isso, querendo tratar das últimas, diz: *outras, porém, são as que possuem algo*, a saber, o predicado, adicionado sobre o verbo *é*, àquilo que é *não-homem*, como que ao sujeito, isto é, ao sujeito infinito. Disse, porém, *como que*, porque, assim como o nome infinito carece da razão de nome, assim carece da razão de sujeito. Pois o significado do nome infinito não se submete propriamente à composição com o predicado que o *é*, terceiro adjacente, importa. Enumera também quatro enunciações e duas oposições nesta ordem, como fez nas anteriores. Distingue-as também pela finidade ou afinidade do predicado. Por onde, primeiro, estabelece as oposições entre afirmativa e negativa possuindo sujeito infinito e predicado finito, dizendo: *como, o não-homem é justo, o não-homem não é justo*. Segundo, estabelece a outra oposição entre afirmativa e negativa, possuindo sujeito infinito e predicado infinito, dizendo: *como, o não-homem é não-justo, o não-homem não é não-justo*.

10) Deinde cum dicit: *magis autem plures* etc., ostendit quod non dantur plures oppositiones enunciationum supradictis. Ubi notandum est quod enunciationes de inesse, in quibus explicite ponitur hoc verbum est, sive secundum, sive tertium adiacens, de quibus loquimur, non possunt esse plures quam duodecim supra positae; et consequenter oppositiones earum secundum affirmationem et negationem non sunt nisi sex. Cum enim in tres ordines divisae sint enunciationes, scilicet in illas de secundo adiacente, in illas de tertio subiecti finiti, et in illas de tertio subiecti infiniti, et in quolibet ordine sint quatuor enunciationes; fiunt omnes enunciationes duodecim, et oppositiones sex. Et quoniam subiectum earum in quolibet ordine potest quadrupliciter quantificari, scilicet universalitate, particularitate, et singularitate et indefinitione; ideo istae duodecim multiplicantur in quadraginta octo. Quater enim duodecim quadraginta octo faciunt. Nec possibile est plures his imaginari. Et licet Aristoteles nonnisi viginti harum expresserit, octo in

10) Em seguida, quando diz: *mais, porém, do que estas* etc., mostra que não se dão mais oposições de enunciações do que as supraditas. Onde se deve notar que as enunciações de inerência, nas quais se põe explicitamente este verbo *é*, seja como segundo ou como terceiro adjacente, das quais falamos, não podem ser mais do que as doze acima postas; e, consequentemente, as oposições delas segundo afirmação e negação não são senão seis. Pois, estando as enunciações divididas em três ordens — a saber, aquelas de segundo adjacente, aquelas de terceiro de sujeito finito, e aquelas de terceiro de sujeito infinito —, e havendo em cada ordem quatro enunciações, tornam-se todas doze enunciações, e seis oposições. E visto que o sujeito delas em cada ordem pode ser quantificado de quatro modos — a saber, por universalidade, particularidade, singularidade e indefinição —, por isso estas doze multiplicam-se em quarenta e oito. Pois quatro vezes doze fazem quarenta e oito. Nem é possível imaginar mais do que estas. E embora Aristóteles

primo ordine, octo in secundo, et quatuor in tertio, attamen per eas reliquas voluit intelligi. Sunt autem sic enumerandae et ordinandae secundum singulos ordines, ut affirmationi negatio prima ex opposito situetur, ut oppositionis intentum clarius videatur. Et sic contra universalem affirmativam non est ordinanda universalis negativa, sed particularis negativa, quae est illius negatio; et e converso, contra particularem affirmativam non est ordinanda particularis negativa, sed universalis negativa quae est eius negatio. Ad clarius autem intuendum numerum, coordinandae sunt omnes, quae sunt similis quantitatis, simul in recta linea, distinctis tamen ordinibus tribus supradictis. Quod ut clarius elucescat, in hac subscripta videatur figura: (Figura). Quod autem plures his non sint, ex eo patet quod non contingit pluribus modis variari subiectum et praedicatum penes finitum et infinitum, nec pluribus modis variantur finitum et infinitum subiectum. Nulla enim enunciatio de secundo adiacente potest variari penes praedicatum finitum vel infinitum, sed tantum penes subiectum quod sufficienter factum apparet. Enunciationes autem de tertio adiacente quadrupliciter variari possunt, quia aut sunt subiecti et praedicati finiti, aut utriusque infiniti, aut subiecti finiti et praedicati infiniti, aut subiecti infiniti et praedicati finiti. Quarum nullam praetermissam esse superior docet figura.

não tenha expressado senão vinte destas — oito na primeira ordem, oito na segunda, e quatro na terceira —, contudo quis que por elas se entendessem as restantes. Devem ser enumeradas e ordenadas segundo cada ordem de tal modo que, à afirmação, a negação se situe primeiro em oposição, para que o intuito da oposição se veja mais claramente. E assim, contra a universal afirmativa não se deve ordenar a universal negativa, mas a particular negativa, que é a negação daquela; e, inversamente, contra a particular afirmativa não se deve ordenar a particular negativa, mas a universal negativa que é a sua negação. Para intuir mais claramente o número, devem ser coordenadas todas as que são de semelhante quantidade, simultaneamente em linha reta, mantendo distintas as três ordens supraditas. Para que isto brilhe mais claramente, veja-se na figura abaixo inscrita: *(Figura)*. Que não existam mais do que estas é patente pelo fato de que não acontece de o sujeito e o predicado variarem de mais modos quanto ao finito e infinito, nem o sujeito finito e infinito variam de mais modos. Pois nenhuma enunciação de segundo adjacente pode variar quanto ao predicado finito ou infinito, mas apenas quanto ao sujeito, o que aparece suficientemente feito. Já as enunciações de terceiro adjacente podem variar de quatro modos, porque ou são de sujeito e predicado finitos, ou de ambos infinitos, ou de sujeito finito e predicado infinito, ou de sujeito infinito e predicado finito. A figura superior ensina que nenhuma destas foi omitida.

11) Deinde cum dicit: *hae autem extra illas* etc., ostendit habitudinem harum quas in tertio ordine numeravimus ad illas, quae in secundo sitae sunt ordine, et dicit quod istae sunt extra illas, quia non sequuntur ad illas, nec e converso. Et rationem assignans subdit: *ut nomine utentes eo quod est non homo*, idest ideo istae sunt extra illas, quia istae utuntur nomine infinito loco nominis, dum omnes habent subiectum infinitum. Notanter autem dixit enunciationes subiecti infiniti uti ut nomine, infinito nomine, quia cum subiici in enunciatione proprium sit nominis, praedicari autem commune nomini et verbo, omne subiectum enunciationis ut nomen subiicitur.

11) Em seguida, quando diz: *estas, porém, fora daquelas* etc., mostra a relação destas que enumeramos na terceira ordem com aquelas que estão situadas na segunda ordem, e diz que estas estão fora daquelas porque não se seguem daquelas, nem o contrário. E, assinalando a razão, acrescenta: *como usando o nome que é não-homem*, isto é, por isso estas estão fora daquelas, porque estas usam o nome infinito em lugar do nome, visto que todas possuem sujeito infinito. Notadamente, porém, disse que as enunciações de sujeito infinito usam como nome o nome infinito, porque, sendo o sujeitar-se na enunciação próprio do nome, e o predicar-se comum ao nome e ao verbo, todo sujeito da enunciação se sujeita como nome.

12) Deinde cum dicit: *in his vero in quibus est* etc., determinat de enunciationibus in quibus ponuntur verba adiectiva. Et circa hoc tria facit: primo, distinguit eas; secundo, respondet cuidam tacitae quaestioni; ibi: *non enim dicendum est* etc.; tertio, concludit earum conditiones; ibi: *ergo et caetera eadem* et cetera. Ad evidentiam primi resumendum est, quod inter enunciationes in quibus ponitur est secundum adiacens, et eas in quibus ponitur est tertium adiacens talis est differentia quod in illis, quae sunt de secundo adiacente, simpliciter fiunt oppositiones, scilicet ex parte subiecti tantum variati per finitum et infinitum; in his vero, quae habent est tertium adiacens dupliciter fiunt oppositiones, scilicet et ex parte praedicati et ex parte subiecti, quia utrumque variari potest per finitum et infinitum. Unde unum ordinem tantum enunciationum de secundo adiacente fecimus, habentem quatuor enunciationes diversimode quantificatas et duas oppositiones. Enunciationes autem de tertio adiacente oportuit partiri in duos ordines, quia sunt in eis quatuor oppositiones et octo enunciationes, ut supra dictum est. Considerandum quoque est quod enunciationes, in quibus ponuntur verba adiectiva, quoad significatum aequivalent enunciationibus de tertio adiacente, resoluto verbo adiectivo in proprium participium et est, quod semper fieri licet, quia in omni verbo adiectivo claudit verbum substantivum. Unde idem significant ista, *omnis homo currit*, quod ista, *omnis homo est currens*. Propter quod Boethius vocat enunciationes cum verbo adiectivo de secundo adiacente secundum vocem, de tertio autem secundum potestatem, quia potest resolvi in tertium adiacens, cui aequivalet. Quoad numerum autem enunciationum et oppositionum, enunciationes verbi adiectivi formaliter sumptae non aequivalent illis de tertio adiacente, sed aequivalent enunciationibus, in quibus ponitur est secundum adiacens. Non possunt enim fieri oppositiones dupliciter in enunciationibus adiectivis, scilicet ex parte subiecti et praedicati, sicut fiebant in substantivis de tertio adiacente, quia verbum, quod praedicatur in adiectivis, infinitari non potest. Sed oppositiones adiectivarum fiunt simpliciter, scilicet ex parte subiecti tantum variati per infinitum et finitum diversimode quantificati, sicut fieri didicimus supra in enuncia-

12) Em seguida, quando diz: *naquelas, porém, em que o 'é'* etc., determina sobre as enunciações nas quais se põem verbos adjetivos. E sobre isto faz três coisas: primeiro, as distingue; segundo, responde a uma certa questão tácita; ali: *pois não se deve dizer* etc.; terceiro, conclui as suas condições; ali: *logo, e as demais as mesmas* etc. Para evidência do primeiro ponto, deve-se retomar que, entre as enunciações nas quais se põe o *é* como segundo adjacente e aquelas em que se põe o *é* como terceiro adjacente, existe tal diferença: naquelas que são de segundo adjacente, as oposições se fazem absolutamente, a saber, apenas por parte do sujeito variado pelo finito e infinito; naquelas, porém, que possuem o *é* como terceiro adjacente, as oposições se fazem de modo duplo, a saber, tanto por parte do predicado quanto por parte do sujeito, porque ambos podem variar pelo finito e infinito. Por onde, fizemos apenas uma ordem de enunciações de segundo adjacente, tendo quatro enunciações quantificadas de diversos modos e duas oposições. Já as enunciações de terceiro adjacente foi necessário partir em duas ordens, porque nelas existem quatro oposições e oito enunciações, como se disse acima. Deve-se considerar também que as enunciações nas quais se põem verbos adjetivos equivalem, quanto ao significado, às enunciações de terceiro adjacente, resolvendo-se o verbo adjetivo em seu próprio particípio e no *é*, o que sempre é lícito fazer, porque em todo verbo adjetivo fecha-se o verbo substantivo. Por onde, isto significa o mesmo: *todo homem corre*, que isto: *todo homem é correndo*. Por este motivo, Boécio chama as enunciações com verbo adjetivo de "segundo adjacente" segundo a voz, mas de "terceiro adjacente" segundo o poder, porque podem ser resolvidas no terceiro adjacente ao qual equivalem. Quanto ao número das enunciações e oposições, as enunciações de verbo adjetivo formalmente tomadas não equivalem àquelas de terceiro adjacente, mas equivalem às enunciações nas quais se põe o *é* como segundo adjacente. Pois não se podem fazer as oposições de modo duplo nas enunciações adjetivas — a saber, por parte do sujeito e do predicado —, como se faziam nas substantivas de terceiro adjacente, porque o verbo que se predica nas adjetivas não pode ser infinitado. Mas as oposições das adjetivas fazem-se absolutamente —

tionibus substantivis de secundo adiacente, eadem ducti ratione, quia praeter verbum nulla est affirmatio vel negatio, sicut praeter nomen esse potest. Quia autem in praesenti tractatu non de significationibus, sed de numero enunciationum et oppositionum sermo intenditur, ideo Aristoteles determinat diversificandas esse enunciationes adiectivas secundum modum, quo distinctae sunt enunciationes in quibus ponitur est secundum adiacens. Et ait quod in his enunciationibus, in quibus non contingit poni hoc verbum est formaliter, sed aliquod aliud, ut, *currit*, vel, *ambulat*, idest in enunciationibus adiectivis, idem faciunt quoad numerum oppositionum et enunciationum sic posita, scilicet nomen et verbum, ac si est secundum adiacens subiecto nomini adderetur. Habent enim et istae adiectivae, sicut illae, in quibus ponitur est, duas oppositiones tantum, alteram inter finitas, ut, *omnis homo currit, omnis homo non currit*, alteram inter infinitas quoad subiectum, ut, *omnis non homo currit, omnis non homo non currit.*

a saber, apenas por parte do sujeito variado pelo infinito e finito, quantificado de diversos modos —, como aprendemos a fazer acima nas enunciações substantivas de segundo adjacente, levados pela mesma razão: porque fora do verbo não existe afirmação ou negação, como pode haver fora do nome. Como, porém, no presente tratado o discurso se destina não aos significados, mas ao número de enunciações e oposições, por isso Aristóteles determina que as enunciações adjetivas devem ser diversificadas segundo o modo pelo qual foram distintas as enunciações nas quais se põe o *é* como segundo adjacente. E diz que nestas enunciações, nas quais não acontece de se pôr este verbo *é* formalmente, mas algum outro, como *corre* ou *anda* — isto é, nas enunciações adjetivas —, o nome e o verbo assim postos fazem o mesmo quanto ao número de oposições e enunciações como se o *é* como segundo adjacente fosse adicionado ao nome sujeito. Pois também estas adjetivas possuem, como aquelas nas quais se põe o *é*, apenas duas oposições: uma entre as finitas, como *todo homem corre, todo homem não corre*; outra entre as infinitas quanto ao sujeito, como *todo não-homem corre, todo não-homem não corre.*

13) Deinde cum dicit: *non enim dicendum est* etc., respondet tacitae quaestioni. Et circa hoc facit duo: primo, ponit solutionem quaestionis; deinde, probat eam; ibi: *manifestum est autem* et cetera. Est ergo quaestio talis: cur negatio infinitans numquam addita est supra signo universali aut particulari, ut puta, cum vellemus infinitare istam, *omnis homo currit*, cur non sic infinitata est, *non omnis homo currit*, sed sic, *omnis non homo currit*? Huic namque quaestioni respondet, dicens quod quia nomen infinitabile debet significare aliquid universale, vel singulare; *omnis* autem et similia signa non significant aliquid universale aut singulare, *sed quoniam universaliter* aut particulariter; ideo non est dicendum, *non omnis homo*, si infinitare volumus (licet debeat dici, si negare quantitatem enunciationis quaerimus), sed negatio infinitans ad ly *homo*, quod significat aliquid universale, addenda est, et dicendum, *omnis non homo.*

13) Em seguida, quando diz: *pois não se deve dizer* etc., responde a uma questão tácita. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, estabelece a solução da questão; depois, prova-a; ali: *é manifesto, porém* etc. A questão é esta: por que a negação infinitante nunca foi adicionada sobre o signo universal ou particular, como por exemplo, quando quiséssemos infinitar esta, *todo homem corre*, por que não foi assim infinitada: *não todo homem corre*, mas sim: *todo não-homem corre*? A esta questão responde, dizendo que, porque o nome infinitável deve significar algo universal ou singular; *todo*, porém, e os signos semelhantes não significam algo universal ou singular, *mas que universalmente* ou particularmente; por isso não se deve dizer *não todo homem* se queremos infinitar (embora se deva dizer se buscamos negar a quantidade da enunciação), mas a negação infinitante deve ser adicionada ao termo *homem*, que significa algo universal, e deve-se dizer *todo não-homem.*

14) Deinde cum dicit: *manifestum est autem ex eo quod est* etc., probat hoc quod dictum est, scilicet quod *omnis* et similia non significant aliquod universale, sed *quoniam universaliter* tali ratione. Illud, in quo differunt enunciationes praecise differentes per habere et non habere ly *omnis*, est non universale aliquod, *sed quoniam universaliter*; sed illud in quo differunt enunciationes praecise differentes per habere et non habere ly *omnis*, est significatum per ly *omnis*; ergo significatum per ly *omnis* est non aliquid universale, *sed quoniam universaliter*. Minor huius rationis, tacita in textu, ex se clara est. Id enim in quo, caeteris paribus, habentia a non habentibus aliquem terminum differunt, significatum est illius termini. Maior vero in littera exemplariter declaratur sic. Illae enunciationes *homo currit*, et *omnis homo currit*, praecise differunt ex hoc, quod in una est ly *omnis*, et in altera non. Tamen non ita differunt ex hoc, quod una sit universalis, alia non universalis. Utraque enim habet subiectum universale, scilicet ly *homo*, sed differunt, quia in ea, ubi ponitur ly *omnis*, enunciatur de subiecto universaliter, in altera autem non universaliter. Cum enim dico, *homo currit*, cursum attribuo homini universali, sive communi, sed non pro tota humana universitate; cum autem dico, *omnis homo currit*, cursum inesse homini pro omnibus inferioribus significo. Simili modo declarari potest de tribus aliis, quae in textu adducuntur, scilicet, *homo non currit*, respectu suae universalis universaliter, *omnis homo non currit*: et sic de aliis. Relinquitur ergo, quod, *omnis* et *nullus* et similia signa nullum universale significant, sed tantummodo significant, quoniam universaliter de homine affirmant vel negant.

14) Em seguida, quando diz: *é manifesto, porém, por aquilo que é* etc., prova o que foi dito — a saber, que *todo* e os semelhantes não significam algo universal, mas *que universalmente* — por tal razão: aquilo em que diferem as enunciações que diferem precisamente por ter ou não ter o termo *todo* não é algo universal, *mas que universalmente*; ora, aquilo em que diferem as enunciações que diferem precisamente por ter ou não ter o termo *todo* é o significado pelo termo *todo*; logo, o significado pelo termo *todo* não é algo universal, *mas que universalmente*. A premissa menor desta razão, tácita no texto, é clara por si mesma. Pois aquilo em que, permanecendo as demais coisas iguais, as que possuem de as que não possuem algum termo diferem, é o significado daquele termo. A maior, porém, é declarada no texto por exemplo assim: as enunciações *o homem corre* e *todo homem corre* diferem precisamente pelo fato de que em uma está o termo *todo* e na outra não. Contudo, não diferem pelo fato de que uma seja universal e a outra não-universal. Pois ambas possuem sujeito universal, a saber, o termo *homem*, mas diferem porque naquela onde se põe o termo *todo*, enuncia-se sobre o sujeito universalmente, e na outra não universalmente. Pois quando digo *o homem corre*, atribuo a corrida ao homem universal ou comum, mas não por toda a universidade humana; quando, porém, digo *todo homem corre*, significo que a corrida inere ao homem por todos os seus inferiores. Do mesmo modo se pode declarar sobre as outras três que se aduzem no texto, a saber: *o homem não corre* em relação à sua universal universalmente, *todo homem não corre*, e assim por diante. Resta, portanto, que *todo* e *nenhum* e os signos semelhantes nenhum universal significam, mas apenas significam que afirmam ou negam universalmente sobre o homem.

15) Notato hic duo: primum est quod non dixit *omnis* et *nullus* significat universaliter, sed *quoniam universaliter*; secundum est, quod addit, *de homine affirmant vel negant*. Primi ratio est, quia signum distributivum non significat modum ipsum universalitatis aut particularitatis absolute, sed applicatum termino distributo. Cum enim dico, *omnis homo*, ly *omnis* denotat universitatem applicari illi termino *homo*, ita quod Aristoteles dicens quod

15) Nota aqui duas coisas: a primeira é que não disse que *todo* e *nenhum* significam universalmente, mas *que universalmente*; a segunda é que acrescenta: *afirmam ou negam do homem*. A razão da primeira é que o signo distributivo não significa o modo mesmo da universalidade ou particularidade absolutamente, mas aplicado ao termo distribuído. Pois quando digo *todo homem*, o termo *todo* denota que a universidade se aplica àquele termo *homem*,

omnis significat *quoniam universaliter*, per ly *quoniam* insinuavit applicationem universalitatis importatam in ly *omnis* in actu exercito, sicut et in I posteriorum, in definitione scire applicationem causae notavit per illud verbum *quoniam*, dicens: *scire est rem per causam cognoscere, et quoniam illius est causa.* Ratio autem secundi insinuat differentiam inter terminos categorematicos et syncategorematicos. Illi siquidem ponunt significata supra terminos absolute; isti autem ponunt significata sua supra terminos in ordine ad praedicata. Cum enim dicitur, *homo albus*, ly *albus* denominat hominem in seipso absque respectu ad aliquod sibi addendum. Cum vero dicitur, *omnis homo*, ly *omnis* etsi hominem distribuat, non tamen distributio intellectum firmat, nisi in ordine ad aliquod praedicatum intelligatur. Cuius signum est, quia, cum dicimus, *omnis homo currit*, non intendimus distribuere hominem pro tota sua universitate absolute, sed in ordine ad cursum. Cum autem dicimus, *albus homo currit*, determinamus hominem in seipso esse album et non in ordine ad cursum. Quia ergo *omnis* et *nullus*, sicut et alia syncategoremata, nil aliud in enunciatione faciunt, nisi quia determinant subiectum in ordine ad praedicatum, et hoc sine affirmatione et negatione fieri nequit; ideo dixit quod nil aliud significant, nisi quoniam universaliter de nomine, idest de subiecto, affirmant vel negant, idest affirmationem vel negationem fieri determinant, ac per hoc a categorematicis ea separavit. Potest etiam referri hoc quod dixit, *affirmant vel negant*, ad ipsa signa, scilicet *omnis* et *nullus*, quorum alterum positive distribuit, alterum removendo.

de sorte que Aristóteles, dizendo que *todo* significa *que universalmente*, pelo termo *que* insinuou a aplicação da universalidade importada no *todo* em ato exercido, assim como no livro I dos *Analíticos Posteriores*, na definição de saber, notou a aplicação da causa por aquela palavra *que*, dizendo: *saber é conhecer a coisa pela causa, e que dela é causa.* A razão da segunda insinua a diferença entre termos categoremáticos e sincategoremáticos. Aqueles, com efeito, põem os seus significados sobre os termos absolutamente; estes, porém, põem os seus significados sobre os termos em ordem aos predicados. Pois quando se diz *homem branco*, o termo *branco* denomina o homem em si mesmo sem respeito a algo que se lhe deva adicionar. Quando, porém, se diz *todo homem*, o termo *todo*, embora distribua o homem, não firma todavia o intelecto na distribuição, a menos que se entenda em ordem a algum predicado. O sinal disto é que, quando dizemos *todo homem corre*, não pretendemos distribuir o homem por toda a sua universidade absolutamente, mas em ordem à corrida. Quando, porém, dizemos *o homem branco corre*, determinamos que o homem em si mesmo é branco e não em ordem à corrida. Porque, logo, *todo* e *nenhum*, como os demais sincategoremas, nada mais fazem na enunciação senão determinar o sujeito em ordem ao predicado, e isto não pode ser feito sem afirmação e negação, por isso disse que nada mais significam senão que afirmam ou negam universalmente do nome — isto é, do sujeito —, ou seja, determinam que se faça a afirmação ou negação, e por isto os separou dos categoremáticos. Pode-se também referir o que disse, *afirmam ou negam*, aos próprios signos, a saber, *todo* e *nenhum*, dos quais um distribui positivamente, o outro removendo.

16) Deinde cum dicit: *ergo et caetera eadem* etc., concludit adiectivarum enunciationum conditiones. Dixerat enim quod adiectivae enunciationes idem faciunt quoad oppositionum numerum, quod substantivae de secundo adiacente; et hoc declaraverat, oppositionum numero exemplariter subiuncto. Et quia ad hanc convenientiam sequitur convenientia quoad finitationem praedicatorum, et quoad diversam subiectorum quantitatem, et earum multiplicationem ex ductu quaternarii in seipsum, et si qua

16) Em seguida, quando diz: *logo, e as demais as mesmas* etc., conclui as condições das enunciações adjetivas. Pois dissera que as enunciações adjetivas fazem o mesmo, quanto ao número de oposições, que as substantivas de segundo adjacente; e isto declarara, tendo subentendido por exemplo o número de oposições. E porque a esta conveniência segue-se a conveniência quanto à finitação dos predicados, e quanto à diversa quantidade dos sujeitos, e a multiplicação delas pelo pro-

sunt huiusmodi enumerata; ideo concludit: *ergo et caetera*, quae in illis servanda erant, *eadem*, idest similia istis apponenda sunt.

duto de quatro por si mesmo, e o que mais foi deste modo enumerado; por isso conclui: *logo, e as demais coisas* que naquelas deviam ser servadas, *as mesmas*, isto é, devem-se lhes aplicar coisas semelhantes a estas.

Lectio IV

1) Postquam determinatum est de diversitate enunciationum, hic intendit removere quaedam dubia circa praedicta. Et circa hoc facit sex secundum numerum dubiorum, quae suis patebunt locis. Quia ergo supra dixerat quod in universalibus non similiter contingit angulares esse simul veras, quia affirmativae angulares non possunt esse simul verae, negativae autem sic; poterat quispiam dubitare, quae est causa huius diversitatis. Ideo nunc illius dicti causam intendit assignare talem, quia, scilicet, angulares affirmativae sunt contrariae inter se; contrarias autem in nulla materia contingit esse simul veras. Angulares autem negativae sunt subcontrariae illis oppositae; subcontrarias autem contingit esse simul veras. Et circa haec duo facit: primo, declarat conditiones contrariarum et subcontrariarum; secundo, quod angulares affirmativae sint contrariae et quod angulares negativae sint subcontrariae; ibi: sequuntur vero et cetera. Dicit ergo resumendo: quoniam in primo dictum est quod enunciatio negativa contraria illi affirmativae universali, scilicet, omne animal est iustum, est ista, nullum animal est iustum; manifestum est quod istae non possunt simul, idest in eodem tempore, neque in eodem ipso, idest de eodem subiecto esse verae. His vero oppositae, idest subcontrariae inter se, possunt esse simul verae aliquando, scilicet in materia contingenti, ut, quoddam animal est iustum, non omne animal est iustum.

1) Depois de ter sido determinada a diversidade das enunciações, aqui se pretende remover certas dúvidas acerca do que foi dito. E sobre isso apresenta seis pontos, segundo o número de dúvidas, que aparecerão em seus devidos lugares. Como, portanto, dissera acima que nas universais não acontece do mesmo modo que as angulares sejam simultaneamente verdadeiras, pois as afirmativas angulares não podem ser simultaneamente verdadeiras, mas as negativas sim; alguém poderia duvidar qual é a causa desta diversidade. Por isso, agora pretende atribuir tal causa ao que foi dito, a saber, que as afirmativas angulares são contrárias entre si; ora, em nenhuma matéria acontece que as contrárias sejam simultaneamente verdadeiras. Mas as negativas angulares são subcontrárias opostas àquelas; ora, acontece que as subcontrárias sejam simultaneamente verdadeiras. E sobre estas duas coisas faz duas partes: primeiro, declara as condições das contrárias e subcontrárias; segundo, que as afirmativas angulares sejam contrárias e que as negativas angulares sejam subcontrárias; ali: seguem-se porém etc. Diz, portanto, resumindo: visto que no primeiro foi dito que a enunciação negativa contrária àquela afirmativa universal, a saber, todo animal é justo, é esta, nenhum animal é justo; é manifesto que estas não podem ser verdadeiras simultaneamente, isto é, no mesmo tempo, nem no mesmo mesmo, isto é, sobre o mesmo sujeito. Porém as opostas a estas, isto é, as subcontrárias entre si, podem ser simultaneamente verdadeiras algumas vezes, a saber, em matéria contingente, como, algum animal é justo, nem todo animal é justo.

2) Deinde cum dicit: sequuntur vero etc., declarat quod angulares affirmativae supra positae sint contrariae, negativae vero subcontrariae. Et primum quidem ex eo quod universalis affirmativa infinita et universalis negativa simplex aequipollent; et consequenter utraque earum est contraria universali affirmativae simplici, quae est altera angularis. Unde dicit quod hanc universalem negativam finitam, nullus homo est iustus, sequitur aequipollenter illa

2) Em seguida, quando diz: seguem-se porém etc., declara que as afirmativas angulares postas acima são contrárias, e as negativas, subcontrárias. E primeiro a partir do fato de que a universal afirmativa infinita e a universal negativa simples são equipolentes; e, consequentemente, cada uma delas é contrária à universal afirmativa simples, que é a outra angular. Por isso diz que a esta universal negativa finita, nenhum homem é justo, segue-se

universalis affirmativa infinita, omnis homo est non iustus. Secundum vero declarat ex eo quod particularis affirmativa finita et particularis negativa infinita aequipollent. Et consequenter utraque earum est subcontraria particulari negativae simplici, quae est altera angularis, ut in figura supra posita inspicere potes. Unde subdit quod illam particularem affirmativam finitam, aliquis homo est iustus, opposita sequitur aequipollenter (opposita intellige non istius particularis, sed illius universalis affirmativae infinitae), non omnis homo est non iustus. Haec enim est contradictoria eius. Ut autem clare videatur quomodo supra dictae enunciationes sint aequipollentes, formetur figura quadrata, in cuius uno angulo ponatur universalis negativa finita, et sub ea contradictoria particularis affirmativa finita; ex alia vero parte locetur universalis affirmativa infinita, et sub ea contradictoria particularis negativa infinita, noteturque contradictio inter angulares et collaterales inter se, hoc modo: (Figura). His siquidem sic dispositis, patet primo ipsarum universalium mutua consequentia in veritate et falsitate, quia si altera earum est vera, sua angularis contradictoria est falsa; et si ista est falsa, sua collateralis contradictoria, quae est altera universalis, erit vera, et similiter procedit quoad falsitatem particularium. Deinde eodem modo manifestatur mutua sequela. Si enim altera earum est vera, sua angularis contradictoria est falsa, ista autem existente falsa, sua contradictoria collateralis, quae est altera particularis erit vera; simili quoque modo procedendum est quoad falsitatem.

equipolentemente aquela universal afirmativa infinita, todo homem é não justo. O segundo ponto declara a partir do fato de que a particular afirmativa finita e a particular negativa infinita são equipolentes. E, consequentemente, cada uma delas é subcontrária à particular negativa simples, que é a outra angular, como podes observar na figura posta acima. Por isso acrescenta que àquela particular afirmativa finita, algum homem é justo, segue-se equipolentemente a oposta (entenda-se oposta não desta particular, mas daquela universal afirmativa infinita), nem todo homem é não justo. Pois esta é a sua contraditória. Para que se veja claramente como as enunciações acima ditas são equipolentes, forme-se uma figura quadrada, em cujo ângulo se ponha a universal negativa finita, e abaixo dela a contraditória particular afirmativa finita; por outra parte coloque-se a universal afirmativa infinita, e abaixo dela a contraditória particular negativa infinita, e note-se a contradição entre as angulares e as colaterais entre si, deste modo: (Figura). Estando estas assim dispostas, é patente primeiro a mútua consequência das próprias universais na verdade e na falsidade, porque se uma delas é verdadeira, sua contraditória angular é falsa; e se esta é falsa, sua contraditória colateral, que é a outra universal, será verdadeira, e do mesmo modo se procede quanto à falsidade das particulares. Depois, do mesmo modo manifesta-se a mútua sequência. Pois se uma delas é verdadeira, sua contraditória angular é falsa; sendo esta falsa, sua contraditória colateral, que é a outra particular, será verdadeira; e de modo semelhante deve-se proceder quanto à falsidade.

3) Sed est hic unum dubium. In I enim priorum, in fine, Aristoteles ex proposito determinat non esse idem iudicium de universali negativa et universali affirmativa infinita; et superius in hoc secundo, super illo verbo: quarum duae se habent secundum consequentiam, duae vero minime, Ammonius, Porphyrius, Boethius et sanctus Thomas dixerunt quod negativa simplex sequitur affirmativam infinitam, sed non e converso. Ad hoc dicendum est, secundum Albertum, quod negativam finitam sequitur affirmativa infinita subiecto constante; negativa vero simplex sequitur affirmativam

3) Mas há aqui uma dúvida. Pois no livro I dos Analíticos Anteriores, ao final, Aristóteles propositalmente determina que não é o mesmo o juízo sobre a universal negativa e a universal afirmativa infinita; e acima, neste segundo livro, sobre aquela palavra: das quais duas se comportam segundo a consequência, mas duas minimamente, Amônio, Porfírio, Boécio e Santo Tomás disseram que a negativa simples segue a afirmativa infinita, mas não inversamente. A isto deve-se dizer, segundo Alberto, que à negativa finita segue-se a afirmativa infinita mantendo-se o sujeito; mas a negativa sim-

absolute. Unde utrumque dictum verificatur, et quod inter eas est mutua consequentia cum subiecti constantia, et quod inter eas non est mutua consequentia absolute. Potest dici secundo, quod supra locuti sumus de infinita enunciatione quoad suum totalem significatum ad formam praedicati reductum; et secundum hoc, quia negativa finita est superior affirmativa infinita, ideo non erat mutua consequentia: hic autem loquimur de ipsa infinita formaliter sumpta. Unde s. Thomas tunc adducendo Ammonii expositionem dixit, secundum hunc modum loquendi: negativa simplex, in plus est quam affirmativa infinita. Textus vero I priorum ultra praedicta loquitur de finita et infinita in ordine ad syllogismum. Manifestum est autem quod universalis affirmativa sive finita sive infinita non concluditur nisi in primo primae. Universalis autem negativa quaecumque concluditur et in secundo primae, et primo et secundo secundae.

ples segue a afirmativa absolutamente. Por isso, ambos os ditos se verificam: tanto que entre elas há mútua consequência com a constância do sujeito, quanto que entre elas não há mútua consequência absolutamente. Pode-se dizer, em segundo lugar, que acima falamos da enunciação infinita quanto ao seu significado total reduzido à forma do predicado; e, segundo isto, porque a negativa finita é superior à afirmativa infinita, por isso não havia mútua consequência: aqui, porém, falamos da própria infinita tomada formalmente. Por isso, Santo Tomás, ao trazer então a exposição de Amônio, disse, segundo este modo de falar: a negativa simples é mais ampla do que a afirmativa infinita. Já o texto do livro I dos Analíticos Anteriores, além do que foi dito, fala da finita e da infinita em ordem ao silogismo. Ora, é manifesto que a universal afirmativa, seja finita ou infinita, não é concluída senão no primeiro modo da primeira figura. Mas qualquer universal negativa é concluída tanto no segundo modo da primeira, quanto no primeiro e segundo da segunda.

4) Deinde cum dicit: manifestum est autem etc., movet secundum dubium de vario situ negationis, an scilicet quoad veritatem et falsitatem differat praeponere et postponere negationem. Oritur autem haec dubitatio, quia dictum est nunc quod non refert quoad veritatem si dicatur, omnis homo est non iustus, aut si dicatur, omnis homo non est iustus; et tamen in altera postponitur negatio, in altera praeponitur, licet multum referat quoad affirmationem et negationem. Hanc, inquam, dubitationem solvere intendens cum distinctione, respondet quod in singularibus enunciationibus eiusdem veritatis sunt singularis negatio et infinita affirmatio eiusdem, in universalibus autem non est sic. Si enim est vera negatio ipsius universalis non oportet quod sit vera infinita affirmatio universalis. Negatio enim universalis est particularis contradictoria, qua existente vera, non est necesse suam subalternam, quae est contraria suae contradictoriae esse veram. Possunt enim duae contrariae esse simul falsae. Unde dicit quod in singularibus enunciationibus manifestum est quod, si est verum negare interrogatum, idest, si est vera negatio enunciationis singularis, de qua facta est interrogatio, verum

4) Em seguida, quando diz: é manifesto porém etc., move a segunda dúvida sobre a váriada posição da negação, a saber, se quanto à verdade e falsidade difere antepor ou pospor a negação. Ora, surge esta dúvida porque foi dito agora que não importa quanto à verdade se se diz, todo homem é não justo, ou se se diz, todo homem não é justo; e, no entanto, em uma a negação é posposta, na outra é anteposta, embora importe muito quanto à afirmação e negação. Pretendendo resolver esta dúvida com uma distinção, respondo que nas enunciações singulares a negação singular e a afirmação infinita do mesmo termo são da mesma verdade, mas nas universais não é assim. Pois, se é verdadeira a negação da própria universal, não é necessário que seja verdadeira a afirmação infinita da universal. Pois a negação da universal é a contraditória particular, e sendo esta verdadeira, não é necessário que sua subalterna, que é a contrária de sua contraditória, seja verdadeira. Pois duas contrárias podem ser simultaneamente falsas. Por isso diz que nas enunciações singulares é manifesto que, se é verdadeiro negar o que foi interrogado, isto é, se é verdadeira a negação da enunciação singular

etiam est affirmare, idest, vera erit affirmatio infinita eiusdem singularis. Verbi gratia: putasne Socrates est sapiens? Si vera est ista responsio, non; Socrates igitur non sapiens est, idest, vera erit ista affirmatio infinita, Socrates est non sapiens. In universalibus vero non est vera, quae similiter dicitur, idest, ex veritate negationis universalis affirmativae interrogatae non sequitur vera universalis affirmativa infinita, quae similis est quoad quantitatem et qualitatem enunciationi quaesitae; vera autem est eius negatio, idest, sed ex veritate responsionis negativae sequitur veram esse eius, scilicet universalis quaesitae negationem, idest, particularem negativam. Verbi gratia: putasne omnis homo est sapiens? Si vera est ista responsio, non; affirmativa similis interrogatae quam quis ex hac responsione inferre intentaret est illa: igitur omnis homo est non sapiens. Haec autem non sequitur ex illa negatione. Falsum est enim hoc, scilicet quod sequitur ex illa responsione; sed inferendum est, igitur non omnis homo sapiens est. Et ratio utriusque est, quia haec particularis ultimo illata est opposita, idest contradictoria illi universali interrogatae quam respondens falsificavit; et ideo oportet quod sit vera. Contradictoriarum enim si una est falsa, reliqua est vera. Illa vero, scilicet universalis affirmativa infinita primo illata, est contraria illi eidem universali interrogatae. Non est autem opus quod si universalium altera sit falsa, quod reliqua sit vera. In promptu est autem causa huius diversitatis inter singulares et universales. In singularibus enim varius negationis situs non variat quantitatem enunciationis; in universalibus autem variat, ut patet. Ideo fit ut non sit eadem veritas negantium universalem in quarum altera praeponitur, in altera autem postponitur negatio, ut de se patet.

sobre a qual se fez a interrogação, também é verdadeiro afirmar, isto é, será verdadeira a afirmação infinita da mesma singular. Por exemplo: acaso pensas que Sócrates é sábio? Se esta resposta é verdadeira, não; logo Sócrates é não sábio, isto é, será verdadeira esta afirmação infinita, Sócrates é não sábio. Já nas universais não é verdadeira a que se diz de modo semelhante, isto é, da verdade da negação da universal afirmativa interrogada não se segue a verdade da universal afirmativa infinita, que é semelhante quanto à quantidade e qualidade à enunciação questionada; mas verdadeira é a sua negação, isto é, mas da verdade da resposta negativa segue-se que é verdadeira a sua negação, a saber, da universal questionada, isto é, a particular negativa. Por exemplo: acaso pensas que todo homem é sábio? Se esta resposta é verdadeira, não; a afirmativa semelhante à interrogada que alguém intentaria inferir desta resposta é esta: logo todo homem é não sábio. Ora, esta não se segue daquela negação. Pois isto é falso, a saber, o que se segue daquela resposta; mas deve-se inferir: logo nem todo homem é sábio. E a razão de ambos é porque esta particular inferida por último é oposta, isto é, contraditória àquela universal interrogada que o respondente falsificou; e por isso é necessário que seja verdadeira. Pois das contraditórias, se uma é falsa, a outra é verdadeira. Já aquela, a saber, a universal afirmativa infinita inferida primeiro, é contrária àquela mesma universal interrogada. Ora, não é necessário que, se uma das universais for falsa, a outra seja verdadeira. A causa desta diversidade entre as singulares e as universais está à mão. Pois nas singulares a variada posição da negação não varia a quantidade da enunciação; mas nas universais varia, como é evidente. Por isso acontece que não seja a mesma a verdade das que negam a universal, em uma das quais a negação é anteposta e na outra é posposta, como é evidente por si mesmo.

5) Deinde cum dicit: illae vero secundum infinita etc., solvit tertiam dubitationem, an infinita nomina vel verba sint negationes. Insurgit autem hoc dubium, quia dictum est quod aequipollent negativa et infinita. Et rursus dictum est nunc quod non refert in singularibus praeponere et postponere negationem: si enim infinitum nomen est nega-

5) Em seguida, quando diz: aquelas porém segundo os infinitos etc., resolve a terceira dúvida: se os nomes ou verbos infinitos são negações. Ora, surge esta dúvida porque foi dito que a negativa e a infinita são equipolentes. E, novamente, foi dito agora que não importa nas singulares antepor ou pospor a negação: pois se o nome infinito é uma ne-

tio, tunc enunciatio, habens subiectum infinitum vel praedicatum, erit negativa et non affirmativa. Hanc dubitationem solvit per interpretationem, probando quod nec nomina nec verba infinita sint negationes, licet videantur. Unde duo circa hoc facit: primo, proponit solutionem dicens: illae vero, scilicet dictiones, contraiacentes: verbi gratia: non homo, et, homo non iustus et iustus. Vel sic: illae vero, scilicet dictiones, secundum infinita, idest secundum infinitorum naturam, iacentes contra nomina et verba (utpote quae removentes quidem nomina et verba significant, ut non homo et non iustus et non currit, quae opponuntur contra ly homo ly iustus et ly currit), illae, inquam, dictiones infinitae videbuntur prima facie esse quasi negationes sine nomine et verbo ex eo quod comparatae nominibus et verbis contra quae iacent, ea removent, sed non sunt secundum veritatem. Dixit sine nomine et verbo quia nomen infinitum, nominis natura caret, et verbum infinitum verbi natura non possidet. Dixit quasi, quia nec nomen infinitum a nominis ratione, nec verbum infinitum a verbi proprietate omnino semota sunt. Unde, si negationes apparent, videbuntur sine nomine et verbo non omnino sed quasi. Deinde probat distinctiones infinitas non esse negationes tali ratione. Semper est necesse negationem esse veram vel falsam, quia negatio est enunciatio alicuius ab aliquo; nomen autem infinitum non dicit verum vel falsum; igitur dictio infinita non est negatio. Minorem declarat, quia qui dixit, non homo, nihil magis de homine dixit quam qui dixit, homo. Et quoad significatum quidem clarissimum est: non homo, namque, nihil addit supra hominem, imo removet hominem. Quoad veritatis vero vel falsitatis conceptum, nihil magis profuit qui dixit, non homo, quam qui dixit, homo, si aliquid aliud non addatur, imo minus verus vel falsus fuit, idest magis remotus a veritate et falsitate, qui dixit, non homo, quam qui dixit, homo: quia tam veritas quam falsitas in compositione consistit; compositioni autem vicinior est dictio finita, quae aliquid ponit, quam dictio infinita, quae nec ponit, nec componit, idest nec positionem nec compositionem importat.

gação, então a enunciação que tem sujeito ou predicado infinito será negativa e não afirmativa. Resolve esta dúvida por meio de uma interpretação, provando que nem os nomes nem os verbos infinitos são negações, embora pareçam sê-lo. Por isso, faz duas coisas sobre isto: primeiro, propõe a solução dizendo: aquelas porém, a saber, as dicções, contrapostas: por exemplo: não-homem, e homem não justo e justo. Ou assim: aquelas porém, a saber, as dicções, segundo os infinitos, isto é, segundo a natureza dos infinitos, postas contra os nomes e os verbos (como aquelas que significam removendo nomes e verbos, como não-homem e não justo e não corre, que se opõem ao termo homem, ao termo justo e ao termo corre), aquelas, digo, dicções infinitas parecerão à primeira vista ser como que negações sem nome e verbo pelo fato de que, comparadas aos nomes e verbos contra os quais jazem, elas os removem, mas não o são segundo a verdade. Disse sem nome e verbo porque o nome infinito carece da natureza de nome, e o verbo infinito não possui a natureza de verbo. Disse como que, porque nem o nome infinito está totalmente afastado da razão de nome, nem o verbo infinito da propriedade de verbo. Por isso, se aparecem como negações, parecerão sem nome e verbo não totalmente, mas como que. Depois prova que as distinções infinitas não são negações por tal razão. É sempre necessário que a negação seja verdadeira ou falsa, porque a negação é uma enunciação de algo de algo; ora, o nome infinito não diz o verdadeiro ou o falso; logo a dicção infinita não é uma negação. Declara a menor, porque quem disse não-homem, nada mais disse do homem do que quem disse homem. E quanto ao significado, por certo, é claríssimo: pois não-homem nada acrescenta sobre o homem, antes, remove o homem. Já quanto ao conceito de verdade ou de falsidade, em nada mais aproveitou quem disse não-homem do que quem disse homem, se algo mais não for acrescentado, antes, foi menos verdadeiro ou falso, isto é, mais remoto da verdade e da falsidade, quem disse não-homem do que quem disse homem: porque tanto a verdade quanto a falsidade consistem na composição; ora, mais próxima da composição está a dicção finita, que põe algo, do que a dicção infinita, que nem põe, nem compõe, isto é, não importa nem

6) Deinde cum dicit: significat autem etc., respondet quartae dubitationi, quomodo scilicet intelligatur illud verbum supradictum de enunciationibus habentibus subiectum infinitum: hae autem extra illas, ipsae secundum se erunt. Et ait quod intelligitur quantum ad significati consequentiam, et non solum quantum ad ipsas enunciationes formaliter. Unde duas habentes subiectum infinitum, universalem scilicet affirmativam et universalem negativam adducens, ait quod neutra earum significat idem alicui illarum, scilicet habentium subiectum finitum. Haec enim universalis affirmativa, omnis non homo est iustus, nulli habenti subiectum finitum significat idem: non enim significat idem quod ista, omnis homo est iustus; neque quod ista, omnis homo est non iustus. Similiter opposita negatio et universalis negativa habens subiectum infinitum, quae est contrarie opposita supradictae, scilicet omnis non homo non est iustus, nulli illarum de subiecto finito significat idem. Et hoc clarum est ex diversitate subiecti in istis et in illis.

7) Deinde cum dicit: illa vero quae est etc., respondet quintae quaestioni, an scilicet inter enunciationes de subiecto infinito sit aliqua consequentia. Oritur autem dubitatio haec ex eo, quod superius est inter eas ad invicem assignata consequentia. Ait ergo quod etiam inter istas est consequentia. Nam universalis affirmativa de subiecto, et praedicato infinitis et universalis negativa de subiecto infinito, praedicato vero finito, aequipollent. Ista namque, omnis non homo est non iustus, idem significat illi, nullus non homo est iustus. Idem autem est iudicium de particularibus indefinitis et singularibus similibus supradictis. Cuiuscunque enim quantitatis sint, semper affirmativa de utroque extremo infinita et negativa subiecti quidem infiniti, praedicati autem finiti, aequipollent, ut facile potes exemplis videre. Unde Aristoteles universales exprimens, caeteras ex illis intelligi voluit.

8) Deinde cum dicit: transposita vero nomina etc., solvit sextam dubitationem, an propter nominum vel verborum transpositionem varietur enunciatio-

posição nem composição.

6) Em seguida, quando diz: significa porém etc., responde à quarta dúvida: como se deve entender aquela palavra dita acima sobre as enunciações que têm sujeito infinito: estas porém, fora daquelas, estarão por si mesmas. E diz que se entende quanto à consequência do significado, e não somente quanto às próprias enunciações formalmente. Por isso, trazendo duas que têm sujeito infinito, a saber, a universal afirmativa e a universal negativa, diz que nenhuma delas significa o mesmo que alguma daquelas, a saber, das que têm sujeito finito. Pois esta universal afirmativa, todo não-homem é justo, a nenhuma que tem sujeito finito significa o mesmo: pois não significa o mesmo que esta, todo homem é justo; nem o mesmo que esta, todo homem é não justo. Semelhantemente, a negação oposta e a universal negativa que tem sujeito infinito, que é contrariamente oposta à dita acima, a saber, todo não-homem não é justo, a nenhuma daquelas de sujeito finito significa o mesmo. E isto é claro a partir da diversidade do sujeito nestas e naquelas.

7) Em seguida, quando diz: aquela porém que é etc., responde à quinta questão: se entre as enunciações de sujeito infinito há alguma consequência. Surge esta dúvida a partir do fato de que acima foi atribuída uma consequência mútua entre elas. Diz, portanto, que também entre estas há consequência. Pois a universal afirmativa de sujeito e predicado infinitos e a universal negativa de sujeito infinito e predicado finito são equipolentes. Pois esta, todo não-homem é não justo, significa o mesmo que aquela, nenhum não-homem é justo. E o mesmo é o juízo sobre as particulares indefinidas e singulares semelhantes às ditas acima. Pois de qualquer quantidade que sejam, sempre a afirmativa infinita de ambos os extremos e a negativa de sujeito infinito e predicado finito são equipolentes, como podes ver facilmente por exemplos. Por isso Aristóteles, expressando as universais, quis que as demais fossem entendidas a partir delas.

8) Em seguida, quando diz: os nomes porém transpostos etc., resolve a sexta dúvida: se por causa da transposição dos nomes ou dos verbos a significação

nis significatio. Oritur autem haec quaestio ex eo, quod docuit transpositionem negationis variare enunciationis significationem. Aliud enim dixit significare, omnis homo non est iustus, et aliud, non omnis homo est iustus. Ex hoc, inquam, dubitatur, an similiter contingat circa nominum transpositionem, quod ipsa transposita enunciationem varient, sicut negatio transposita. Et circa hoc duo facit: primo, ponit solutionem dicens, quod transposita nomina et verba idem significant: verbi gratia, idem significat, est albus homo, et, est homo albus, ubi est transpositio nominum. Similiter transposita verba idem significant, ut, est albus homo, et, homo albus est.

da enunciação é variada. Surge esta questão a partir do fato de que ensinou que a transposição da negação varia a significação da enunciação. Pois disse que todo homem não é justo significa uma coisa, e nem todo homem é justo significa outra. A partir disto, digo, duvida-se se acontece o mesmo acerca da transposição dos nomes, ou seja, que estes transpostos variem a enunciação, assim como a negação transposta. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, apresenta a solução dizendo que os nomes e verbos transpostos significam o mesmo: por exemplo, significa o mesmo é branco o homem e é o homem branco, onde há transposição de nomes. Semelhantemente, os verbos transpostos significam o mesmo, como é branco o homem e o homem branco é.

9) Deinde cum dicit: nam si hoc non est etc., probat praedictam solutionem ex numero negationum contradictoriarum ducendo ad impossibile, tali ratione. Si hoc non est, idest si nomina transposita diversificant enunciationem, eiusdem affirmationis erunt duae negationes; sed ostensum est in I libro, quod una tantum est negatio unius affirmationis; ergo a destructione consequentis ad destructionem antecedentis transposita nomina non variant enunciationem. Ad probationis autem consequentiae claritatem formetur figura, ubi ex uno latere locentur ambae suprapositae affirmationes, transpositis nominibus; et ex altero contraponantur duae negativae, similes illis quoad terminos et eorum positiones. Deinde, aliquantulo interiecto spatio, sub affirmativis ponatur affirmatio infiniti subiecti, et sub negativis illius negatio. Et notetur contradictio inter primam affirmationem et duas negationes primas, et inter secundam affirmationem et omnes tres negationes, ita tamen quod inter ipsam et infimam negationem notetur contradictio non vera, sed imaginaria. Notetur quoque contradictio inter tertiam affirmationem et tertiam negationem inter se. Hoc modo: (Figura). His ita dispositis, probat consequentiam Aristoteles sic. Illius affirmationis, est albus homo, negatio est, non est albus homo; illius autem secundae affirmationis, quae est, est homo albus, si ista affirmatio non est eadem illi supradictae affirmationi, scilicet, est albus homo, propter nominum transpo-

9) Em seguida, quando diz: pois se isto não é etc., prova a dita solução a partir do número de negações contraditórias, conduzindo ao impossível, por tal razão. Se isto não é assim, isto é, se os nomes transpostos diversificam a enunciação, haverá duas negações para a mesma afirmação; mas foi mostrado no livro I que há apenas uma negação para uma afirmação; logo, pela destruição do consequente para a destruição do antecedente, os nomes transpostos não variam a enunciação. Para a clareza da prova da consequência, forme-se uma figura onde, de um lado, se coloquem ambas as afirmações postas acima, com os nomes transpostos; e, do outro, se contraponham duas negativas, semelhantes àquelas quanto aos termos e suas posições. Depois, com um pequeno espaço de intervalo, sob as afirmativas ponha-se a afirmação de sujeito infinito, e sob as negativas a sua negação. E note-se a contradição entre a primeira afirmação e as duas primeiras negações, e entre a segunda afirmação e todas as três negações, de tal modo, porém, que entre ela e a negação inferior se note uma contradição não verdadeira, mas imaginária. Note-se também a contradição entre a terceira afirmação e a terceira negação entre si. Deste modo: (Figura). Estando estas assim dispostas, Aristóteles prova a consequência assim. Daquela afirmação, é branco o homem, a negação é não é branco o homem; ora, se aquela segunda afirmação, que é é o homem branco, não é a mesma que aquela afirmação dita acima, a saber,

sitionem, negatio erit altera istarum, scilicet aut, non est non homo albus, aut, non est homo albus. Sed utraque habet affirmationem oppositam alia ab illa assignatam, scilicet, est homo albus. Nam altera quidem dictarum negationum, scilicet, non est non homo albus, negatio est illius quae dicit, est non homo albus; alia vero, scilicet, non est homo albus, negatio est eius affirmationis, quae dicit, est albus homo, quae fuit prima affirmatio. Ergo quaecunque dictarum negationum afferatur contradictoria illi mediae, sequitur quod sint duae unius, idest quod unius negationis sint duae affirmationes, et quod unius affirmationis sint duae negationes: quod est impossibile. Et hoc, ut dictum est, sequitur stante hypothesi erronea, quod illae affirmationes sint propter nominum transpositionem diversae.

é branco o homem, por causa da transposição dos nomes, a negação será uma destas, a saber, ou não é não-homem branco, ou não é o homem branco. Mas cada uma tem uma afirmação oposta designada diferente daquela, a saber, é o homem branco. Pois uma das ditas negações, a saber, não é não-homem branco, é a negação daquela que diz é não-homem branco; a outra, porém, a saber, não é o homem branco, é a negação daquela afirmação que diz é branco o homem, que foi a primeira afirmação. Logo, qualquer das ditas negações que se apresente como contraditória àquela do meio, segue-se que haverá duas de uma, isto é, que para uma negação haverá duas afirmações, e que para uma afirmação haverá duas negações: o que é impossível. E isto, como foi dito, segue-se mantendo a hipótese errônea de que aquelas afirmações sejam diversas por causa da transposição dos nomes.

10) Adverte hic primo quod Aristoteles per illas duas negationes, non est non homo albus, et, non est homo albus, sub disiunctione sumptas ad inveniendam negationem illius affirmationis, est homo albus, caeteras intellexit, quasi diceret: aut negatio talis affirmationis acceptabitur illa quae est vere eius negatio, aut quaecunque extranea negatio ponetur; et quodlibet dicatur, semper, stante hypothesi, sequitur unius affirmationis esse plures negationes, unam veram quae est contradictoria suae comparis habentis nomina transposita, et alteram quam tu ut distinctam acceptas, vel falso imaginaris; et e contra multarum affirmationum esse unicam negationem, ut patet in opposita figura. Ex quacunque enim illarum quatuor incipias, duas sibi oppositas aspicis. Unde notanter concludit indeterminate: quare erunt duae unius.

10) Adverte aqui, primeiro, que Aristóteles, por meio daquelas duas negações, não é não-homem branco e não é o homem branco, tomadas sob disjunção para encontrar a negação daquela afirmação, é o homem branco, entendeu as demais, como se dissesse: ou será aceita como negação de tal afirmação aquela que é verdadeiramente sua negação, ou qualquer negação estranha que se coloque; e qualquer coisa que se diga, sempre, mantendo a hipótese, segue-se que para uma afirmação há várias negações, uma verdadeira, que é a contraditória da sua companheira que tem os nomes transpostos, e a outra que tu aceitas como distinta, ou falsamente imaginas; e, ao contrário, que para muitas afirmações há uma única negação, como é evidente na figura oposta. Pois, de qualquer uma daquelas quatro que comeces, vês duas opostas a si. Por isso, conclui notavelmente de forma indeterminada: pelo que haverá duas de uma.

11) Nota secundo quod Aristoteles contempsit probare quod contradictoria primae affirmationis sit contradictoria secundae, et similiter quod contradictoria secundae affirmationis sit contradictoria primae. Hoc enim accepit tamquam per se notum, ex eo quod non possunt simul esse verae neque simul falsae, ut manifeste patet praeposito sibi termino singulari. Non stant enim simul aliquo modo

11) Nota, segundo, que Aristóteles desprezou provar que a contraditória da primeira afirmação seja a contraditória da segunda, e semelhantemente que a contraditória da segunda afirmação seja a contraditória da primeira. Pois ele assumiu isto como conhecido por si, pelo fato de que não podem ser simultaneamente verdadeiras nem simultaneamente falsas, como manifestamente é patente ao se lhe

istae duae, Socrates est albus homo, Socrates non est homo albus. Nec turberis quod eas non singulares proposuit. Noverat enim supra dictum esse in primo quae affirmatio et negatio sint contradictoriae et quae non, et ideo non fuit sollicitus de exemplorum claritate. Liquet ergo ex eo quod negationes affirmationum de nominibus transpositis non sunt diversae quod nec ipsae affirmationes sunt diversae et sic nomina et verba transposita idem significant.

propor um termo singular. Pois não se sustentam simultaneamente, de modo algum, estas duas: Sócrates é branco o homem, Sócrates não é o homem branco. Nem te perturbes por ele não as ter proposto como singulares. Pois sabia que fora dito acima, no primeiro livro, quais afirmações e negações são contraditórias e quais não, e por isso não foi zeloso quanto à clareza dos exemplos. Consta, portanto, do fato de que as negações das afirmações sobre nomes transpostos não são diversas, que nem as próprias afirmações são diversas e, assim, os nomes e verbos transpostos significam o mesmo.

12) Occurrit autem dubium circa hoc, quia non videtur verum quod nominibus transpositis eadem sit affirmatio. Non enim valet: omnis homo est animal; ergo omne animal est homo. Similiter, transposito verbo, non valet: homo est animal rationale; ergo homo animal rationale est, de secundo adiacente. Licet enim nugatio committatur, tamen non sequitur primam. Ad hoc est dicendum quod sicut in rebus naturalibus est duplex transmutatio, scilicet localis, scilicet de loco ad loco, et formalis de forma ad formam; ita in enunciationibus est duplex transmutatio, situalis scilicet, quando terminus praepositus postponitur, et e converso, et formalis, quando terminus, qui erat praedicatum efficitur subiectum, et e converso vel quomodolibet, absolutamente et cetera. Et sicut quandoque fit in naturalibus transmutatio pure localis, puta quando res transfertur de loco ad locum, nulla alia variatione facta; quandoque autem fit transmutatio secundum locum, non pura sed cum variatione formali, sicut quando transit de loco frigido ad locum calidum: ita in enunciationibus quandoque fit transmutatio pure situalis, quando scilicet nomen vel verbum solo situ vocali variatur; quandoque autem fit transmutatio situalis et formalis simul, sicut contingit cum praedicatum fit subiectum, vel cum verbum tertium adiacens fit secundum. Et quoniam hic intendit Aristoteles de transmutatione nominum et verborum pure situali, ut transpositionis vocabulum praesefert, ideo dixit quod transposita nomina et verba idem significant, insinuare volens quod, si nihil aliud praeter transpositionem nominis vel verbi accidat in enun-

12) Ocorre porém uma dúvida sobre isto, porque não parece verdadeiro que, transpostos os nomes, a afirmação seja a mesma. Pois não vale: todo homem é animal; logo, todo animal é homem. Semelhantemente, transposto o verbo, não vale: o homem é animal racional; logo, o homem animal racional é, sobre o segundo adjacente. Pois embora se cometa uma nugação, no entanto não se segue a primeira. A isto deve-se dizer que, assim como nas coisas naturais há uma dupla transmutação, a saber, local, de lugar para lugar, e formal, de forma para forma; assim nas enunciações há uma dupla transmutação: situacional, a saber, quando o termo anteposto é posposto, e vice-versa; e formal, quando o termo que era o predicado se torna o sujeito, e vice-versa ou de qualquer outro modo, absolutamente e assim por diante. E assim como às vezes ocorre nas coisas naturais uma transmutação puramente local, por exemplo quando a coisa é transferida de lugar para lugar sem que seja feita nenhuma outra variação; e às vezes ocorre uma transmutação segundo o lugar, não pura, mas com variação formal, como quando passa de um lugar frio para um lugar quente: assim, nas enunciações, às vezes ocorre uma transmutação puramente situacional, quando, a saber, o nome ou o verbo varia apenas pela posição vocal; outras vezes, porém, ocorre uma transmutação situacional e formal simultaneamente, como acontece quando o predicado se torna sujeito, ou quando o verbo de terceiro adjacente se torna de segundo. E visto que aqui Aristóteles trata da transmutação de nomes e verbos puramente situacional, como o vocábulo transposição

ciatione, eadem manet oratio. Unde patet responsio ad instantias. Manifestum est namque quod in utraque non sola transpositio fit, sed transmutatio de subiecto in praedicatum, vel de tertio adiacente in secundum. Et per hoc patet responsio ad similia.

sugere, por isso disse que os nomes e verbos transpostos significam o mesmo, querendo insinuar que, se nada mais além da transposição do nome ou do verbo acontece na enunciação, a oração permanece a mesma. Por onde é patente a resposta às instâncias. Pois é manifesto que em ambas não ocorre apenas uma transposição, mas uma transmutação do sujeito em predicado, ou do terceiro adjacente no segundo. E por meio disto é patente a resposta a casos semelhantes.

Lectio V

1) Postquam Aristoteles determinavit diversitatem enunciationis unius provenientem ex additione negationis infinitatis, hic intendit determinare quid accidat enunciationi ex hoc quod additur aliquid subiecto vel praedicato tollens eius unitatem. Et circa hoc duo facit: quia primo, determinat diversitatem ea- rum; secundo, consequentias earum; ibi: *quoniam vero haec quidem* et cetera. Circa primum duo facit: primo, ponit earum diversitatem; secundo, probat omnes enunciationes esse plures; ibi: *si ergo dialectica* et cetera. Dicit ergo quoad primum, resumendo quod in primo dictum fuerat, quod affirmare vel negare unum de pluribus, vel plura de uno, si ex illis pluribus non fit unum, non est enunciatio una affirmativa vel negativa. Et declarando quomodo intelligatur unum debere esse subiectum aut praedicatum, subdit quod *unum dico non si nomen unum impositum sit*, idest ex unitate nominis, sed ex unitate significati. Cum enim plura conveniunt in uno nomine, ita quod ex eis non fiat unum illius nominis significatum, tunc solum vocis unitas est. Cum autem unum nomen pluribus impositum est, sive partibus subiectivis, sive integralibus, ut eadem significatione concludat, tunc et vocis et significati unitas est, et enunciationis unitas non impeditur.

1) Depois que Aristóteles determinou a diversidade da enunciação una proveniente da adição da negação da infinidade, aqui ele pretende determinar o que acontece à enunciação pelo fato de se adicionar algo ao sujeito ou ao predicado que lhe retira a unidade. E sobre isto faz duas coisas: pois, primeiro, determina a diversidade delas; segundo, as suas consequências; ali: "*visto que estas coisas de fato*" etc. Sobre o primeiro ponto faz duas coisas: primeiro, estabelece a diversidade delas; segundo, prova que todas estas enunciações são plúrias; ali: "*se, portanto, a dialética*" etc. Diz, pois, quanto ao primeiro ponto, resumindo o que fora dito no primeiro livro, que afirmar ou negar um de muitos, ou muitos de um, se desses muitos não se faz um, não é uma enunciação una afirmativa ou negativa. E declarando como se deve entender que o sujeito ou o predicado deva ser um, acrescenta que "*digo um, não se um único nome foi imposto*", isto é, pela unidade do nome, mas pela unidade do significado. Pois quando muitos coincidem em um só nome, de tal modo que deles não se faça um só significado daquele nome, então há apenas unidade de voz. Mas quando um nome é imposto a muitos, seja a partes subjetivas, seja integrais, para que os inclua na mesma significação, então há unidade tanto de voz quanto de significado, e a unidade da enunciação não é impedida.

2) Secundum quod subiungit: *ut homo est fortasse animal et mansuetum et bipes* obscuritate non caret. Potest enim intelligi ut sit exemplum ab opposito, quasi diceret: unum dico non ex unitate nominis impositi pluribus ex quibus non fit tale unum, quemadmodum homo est unum quoddam ex animali et mansueto et bipede, partibus suae definitionis. Et ne quis crederet quod hae essent verae definitionis nominis partes, interposuit, *fortasse*. Porphyrius autem, Boethio referente et approbante, separat has textus particulas, dicens quod Aristoteles hucusque declaravit enunciationem illam esse plures, in qua plura subiicerentur uni, vel de uno praedicarentur plura, ex quibus non fit unum. In istis autem verbis: *ut homo est*

2) O que ele acrescenta em seguida: "*como o homem é talvez animal e manso e bípede*", não carece de obscuridade. Pois pode ser entendido como um exemplo pelo oposto, como se dissesse: digo um não pela unidade do nome imposto a muitos dos quais não se faz tal unidade, do mesmo modo que o homem é um certo um a partir de animal, manso e bípede, partes de sua definição. E para que ninguém acreditasse que estas fossem partes da verdadeira definição do nome, interpôs o termo "*talvez*". Porfírio, porém, segundo o relato e aprovação de Boécio, separa estas partículas do texto, dizendo que Aristóteles até aqui declarou ser plúria aquela enunciação na qual muitos fossem sujeitos a um, ou de um fossem predicados muitos, dos quais não se faz

fortasse etc., intendit declarare enunciationem aliquam esse plures, in qua plura ex quibus fit unum subiiciuntur vel praedicantur; sicut cum dicitur, *homo est animal et mansuetum et bipes*, copula interiecta, vel morula, ut oratores faciunt. Ideo autem addidisse aiunt, *fortasse*, ut insinuaret hoc contingere posse, necessarium autem non esse.

um só. Nestas palavras, porém: "*como o homem é talvez*" etc., pretende declarar que é plúria aquela enunciação na qual muitos dos quais se faz um são sujeitos ou predicados; como quando se diz, "*o homem é animal e manso e bípede*", com a cópula interposta, ou com uma pequena pausa, como fazem os oradores. Dizem que ele acrescentou "*talvez*" para insinuar que isso pode acontecer, mas não ser necessário.

3) Possumus in eamdem Porphyrii, Boethii et Alberti sententiam incidentes subtilius textum introducere, ut quatuor hic faciat. Et primo quidem, resumit quae sit enunciatio in communi dicens: enunciatio plures est, in qua unum de pluribus, vel plura de uno enunciantur. Si tamen ex illis pluribus non fit unum, ut in primo dictum et expositum fuit. Deinde dilucidat illum terminum de uno, sive unum, dicens: *dico autem unum*, idest, unum nomen voco, non propter unitatem vocis, sed significationis, ut supra dictum est. Deinde tertio, dividendo declarat, et declarando dividit, quot modis contingit unum nomen imponi pluribus ex quibus non fit unum, ut ex hoc diversitatem enunciationis multiplicis insinuet. Et ponit duos modos, quorum prior est, quando unum nomen imponitur pluribus ex quibus fit unum, non tamen in quantum ex eis fit unum. Tunc enim, licet materialiter et per accidens loquendo nomen imponatur pluribus ex quibus fit unum, formaliter tamen et per se loquendo nomen unum imponitur pluribus, ex quibus non fit unum: quia imponitur eis non in quantum ex eis est unum, ut fortasse est hoc nomen, *homo*, impositum ad significandum animal et mansuetum et bipes, idest, partes suae definitionis, non in quantum adunantur in unam hominis naturam per modum actus et potentiae, sed ut distinctae sint inter se actualitates. Et insinuavit quod accipit partes definitionis ut distinctas per illam coniunctionem, et per illud quoque adversative additum: *sed si ex his unum fit*, quasi diceret, cum hoc tamen stat quod ex eis unum fit. Addidit autem, *fortasse*, quia hoc nomen, *homo*, non est impositum ad significandum partes sui definitivas, ut distinctae sunt. Sed si impositum esset aut imponeretur, esset unum nomen pluribus impositum ex quibus non fit unum. Et quia idem iudicium est de tali nomine,

3) Podemos, incidindo na mesma sentença de Porfírio, Boécio e Alberto, introduzir o texto de modo mais sutil, como se aqui fizesse quatro coisas. E, primeiro, resume o que seja a enunciação em comum, dizendo: a enunciação é plúria quando um é enunciado de muitos, ou muitos de um. Se, todavia, desses muitos não se faz um, como foi dito e exposto no primeiro livro. Em seguida, dilucida aquele termo *sobre um*, ou *um*, dizendo: "*digo porém um*", isto é, chamo de um único nome não pela unidade da voz, mas da significação, como foi dito acima. Depois, em terceiro lugar, declara dividindo, e divide declarando, de quantos modos acontece que um nome seja imposto a muitos dos quais não se faz um, para que a partir disto insinue a diversidade da enunciação múltipla. E estabelece dois modos, o primeiro dos quais é quando um nome é imposto a muitos dos quais se faz um, mas não enquanto deles se faz um. Pois então, embora falando materialmente e por acidente o nome seja imposto a muitos dos quais se faz um, todavia, falando formalmente e por si, um único nome é imposto a muitos dos quais não se faz um: porque lhes é imposto não enquanto deles resulta um só, como talvez este nome, "*homem*", seja imposto para significar animal, manso e bípede, isto é, as partes de sua definição, não enquanto se unem em uma só natureza humana por modo de ato e potência, mas para que sejam atualidades distintas entre si. E insinuou que toma as partes da definição como distintas por meio daquela conjunção, e também por aquilo que foi acrescentado adversativamente: "*mas se destas coisas se faz um*", como se dissesse: no entanto, permanece o fato de que deles se faz um. Acrescentou, porém, "*talvez*", porque este nome, "*homem*", não foi imposto para significar suas partes definitivas enquanto distin-

et illis pluribus; ideo similiter illae plures partes definitivae possunt dupliciter accipi. Uno modo, per modum actualis et possibilis, et sic unum faciunt; et sic formaliter loquendo vocantur plura, ex quibus fit unum, et pronunciandae sunt continuata oratione, et faciunt enunciationem unam dicendo, animal rationale mortale currit. Est enim ista una sicut et ista, homo currit. Alio modo, accipiuntur praedictae definitionis partes ut distinctae sunt inter se actualitates, et sic non faciunt unum: ex duobus enim actibus ut sic, non fit unum, ut dicitur VII *metaphysicae*; et sic faciunt enunciationes plures et pronunciandae sunt vel cum pausa, vel coniunctione interposita, dicendo, *homo est animal et mansuetum et bipes*; sive, *homo est animal, mansuetum, bipes*, rhetorico more. Quaelibet enim istarum est enunciatio multiplex. Et similiter ista, *Socrates est homo*, si *homo* est impositum ad illa, ut distinctae actualitates sunt, significandum. Secundus autem modus, quo unum nomen impositum est pluribus ex quibus non fit unum, subiungitur, cum dicit: *ex albo autem et homine et ambulante* etc., idest, alio modo hoc fit, quando unum nomen imponitur pluribus, ex quibus non potest fieri unum, qualia sunt: *homo*, *album*, et *ambulans*. Cum enim ex his nullo modo possit fieri aliqua una natura, sicut poterat fieri ex partibus definitivis, clare liquet quod nomen aliquod si eis imponeretur, esset nomen non unum significans, ut in primo dictum fuit de hoc nomine, *tunica*, imposito homini et equo.

tas. Mas se fosse ou fosse imposto, seria um nome imposto a muitos dos quais não se faz um. E porque o juízo é o mesmo sobre tal nome e sobre aqueles muitos; por isso, semelhantemente, aquelas muitas partes definitivas podem ser tomadas de dois modos. De um modo, por modo de atual e possível, e assim fazem um; e assim, falando formalmente, são chamadas de muitos dos quais se faz um, e devem ser pronunciadas em oração contínua, e fazem uma só enunciação dizendo: animal racional mortal corre. Pois esta é uma só, tal como esta: o homem corre. De outro modo, as ditas partes da definição são tomadas como atualidades distintas entre si, e assim não fazem um: pois de dois atos, enquanto tais, não se faz um, como se diz no livro VII da *Metafísica*; e assim fazem enunciações plúrias e devem ser pronunciadas ou com pausa, ou com conjunção interposta, dizendo: "*o homem é animal e manso e bípede*"; ou "*o homem é animal, manso, bípede*", ao modo retórico. Pois qualquer uma destas é uma enunciação múltipla. E semelhantemente esta, "*Sócrates é homem*", se "*homem*" foi imposto para significar aquelas coisas como atualidades distintas. O segundo modo, pelo qual um nome é imposto a muitos dos quais não se faz um, é acrescentado quando diz: "*do branco porém e do homem e do que caminha*" etc., isto é, de outro modo isto acontece quando um nome é imposto a muitos dos quais não pode ser feito um, tais como: "*homem*", "*branco*" e "*caminhante*". Pois como destes de modo algum se pode fazer uma única natureza, como se podia fazer das partes definitivas, fica claro que, se algum nome lhes fosse imposto, seria um nome que não significa um só, como foi dito no primeiro livro sobre este nome, "*túnica*", imposto ao homem e ao cavalo.

4) Habemus ergo enunciationis pluris seu multiplicis duos modos, quorum, quia uterque fit dupliciter, efficiuntur quatuor modi. Primus est, quando subiicitur vel praedicatur unum nomen impositum pluribus, ex quibus fit unum, non in quantum sunt unum; secundus est, quando ipsa plura ex quibus fit unum, in quantum sunt distinctae actualitates, subiiciuntur vel praedicantur; tertius est, quando ibi est unum nomen impositum pluribus ex quibus non fit unum; quartus est, quando ista plura

4) Temos, portanto, dois modos da enunciação plúria ou múltipla, os quais, porque cada um ocorre de duas maneiras, tornam-se quatro modos. O primeiro é quando é sujeito ou predicado um nome imposto a muitos dos quais se faz um, mas não enquanto são um; o segundo é quando os próprios muitos dos quais se faz um, enquanto são atualidades distintas, são sujeitos ou predicados; o terceiro é quando há um nome imposto a muitos dos quais não se faz um; o quarto é quando esses muitos dos quais

ex quibus non fit unum, subiiciuntur vel praedicantur. Et notato quod cum enunciatio secundum membra divisionis illius, qua divisa est, in unam et plures, quadrupliciter variari possit, scilicet cum unum de uno praedicatur, vel unum de pluribus, vel plura de uno, vel plura de pluribus; postremum sub silentio praeterivit, quia vel eius pluralitas de se clara est, vel quia, ut inquit Albertus, non intendebat nisi de enunciatione, quae aliquo modo una est, tractare. Demum concludit totam sententiam, dicens: *quare nec si aliquis affirmet unum de his pluribus, erit affirmatio una secundum rem: sed vocaliter quidem erit una, significative autem non una, sed multae fient affirmationes. Nec si e converso de uno ista plura affirmabuntur, fiet affirmatio una.* Ista namque, *homo est albus, ambulans et musicus*, importat tres affirmationes, scilicet, *homo est albus* et *est ambulans* et *est musicus*, ut patet ex illius contradictione. Triplex enim negatio illi opponitur correspondens triplici affirmationi positae.

não se faz um são sujeitos ou predicados. E nota-se que, embora a enunciação possa variar de quatro modos segundo os membros daquela divisão pela qual foi dividida em uma e plúrias (a saber: quando um é predicado de um, ou um de muitos, ou muitos de um, ou muitos de muitos), passou o último sob silêncio, ou porque sua pluralidade é clara por si mesma, ou porque, como diz Alberto, não pretendia tratar senão da enunciação que de algum modo é uma só. Por fim, conclui toda a sentença dizendo: "*pelo que nem se alguém afirmar um destes muitos será uma afirmação uma segundo a coisa: mas vocalmente de fato será uma, significativamente porém não uma, mas se farão muitas afirmações. Nem se, inversamente, de um se afirmarem esses muitos, se fará uma afirmação uma.*" Pois esta, "*o homem é branco, caminhante e músico*", importa três afirmações, a saber: "*o homem é branco*", "*é caminhante*" e "*é músico*", como é patente pela sua contradição. Pois uma tríplice negação se lhe opõe, correspondendo à tríplice afirmação posta.

5) Deinde cum dicit: *si ergo dialectica* etc., probat a posteriori supradictas enunciationes esse plures. Circa quod duo facit: primo, ponit rationem ipsam ad hoc probandum per modum consequentiae; deinde probat antecedens dictae consequentiae; ibi: *dictum est autem de his* et cetera. Quoad primum talem rationem inducit. Si interrogatio dialectica est petitio responsionis, quae sit propositio vel altera pars contradictionis, nulli enunciationum supradictarum interrogative formatae erit responsio una; ergo nec ipsa interrogatio est una, sed plures. Cuius rationis primo ponit antecedens: *si ergo* et cetera. Ad huius intelligendos terminos nota quod idem sonant enunciatio, interrogatio et responsio. Cum enim dicitur, *caelum est animatum*, in quantum enunciat praedicatum de subiecto, enunciatio vocatur; in quantum autem quaerendo proponitur, interrogatio; ut vero quaesito redditur, responsio appellatur. Idem ergo erit probare non esse responsionem unam, et interrogationem non esse unam, et enunciationem non esse unam. Adverte secundo interrogationem esse duplicem. Quaedam enim est utram partem contradictionis eligendam proponens; et haec vocatur

5) Em seguida, quando diz: "*se portanto a dialética*" etc., prova *a posteriori* que as enunciações acima ditas são plúrias. Sobre isto faz duas coisas: primeiro, estabelece a própria razão para provar isto por modo de consequência; depois prova o antecedente da dita consequência; ali: "*foi dito porém sobre estas coisas*" etc. Quanto ao primeiro ponto, induz tal razão: se a interrogação dialética é o pedido de uma resposta que seja uma proposição ou a outra parte da contradição, para nenhuma das enunciações acima ditas formadas interrogativamente haverá uma resposta una; logo, nem a própria interrogação é una, mas plúria. Desta razão primeiro põe o antecedente: "*se portanto*" etc. Para entender estes termos, nota que enunciação, interrogação e resposta soam o mesmo. Pois quando se diz "*o céu é animado*", enquanto enuncia o predicado do sujeito, chama-se enunciação; enquanto se propõe perguntando, interrogação; e enquanto se devolve ao que foi perguntado, chama-se resposta. Será o mesmo, portanto, provar que não há uma resposta una, que a interrogação não é una e que a enunciação não é una. Adverte, em segundo lugar, que a interrogação é dupla. Uma, de fato,

dialectica, quia dialecticus habet viam ex probabilibus ad utramque contradictionis partem probandam. Altera vero determinatam ad unum responsionem exoptat; et haec est interrogatio demonstrativa, eo quod demonstrator in unum determinate tendit. Considera ulterius quod interrogationi dialecticae dupliciter responderi potest. Uno modo, consentiendo interrogationi, sive affirmative sive negative; ut si quis petat, *caelum est animatum?* Et respondeatur, *est*; vel, *Deus non movetur?* Et respondeatur, *non*: talis responsio vocatur propositio. Alio modo, potest responderi interimendo; ut si quis petat, *caelum est animatum?* Et respondeatur, *non*; vel *Deus non movetur?* Et respondeatur, *movetur*: talis responsio vocatur contradictionis altera pars, eo quod affirmationi negatio redditur et negationi affirmatio. Interrogatio ergo dialectica est petitio annuentis responsionis, quae est propositio, vel contradicentis, quae est altera pars contradictionis secundum supradictam Boethii expositionem.

é a que propõe escolher qualquer uma das partes da contradição; e esta chama-se dialética, porque o dialético tem o caminho a partir de prováveis para provar cada uma das partes da contradição. A outra, porém, deseja uma resposta determinada a um só ponto; e esta é a interrogação demonstrativa, pelo fato de que o demonstrador tende determinadamente a um só. Considera, ademais, que à interrogação dialética pode-se responder de dois modos. De um modo, consentindo com a interrogação, seja afirmativa, seja negativamente; como se alguém pedir: "*o céu é animado?*" E se responder: "*é*"; ou: "*Deus não se move?*" E se responder: "*não*": tal resposta chama-se proposição. De outro modo, pode-se responder destruindo; como se alguém pedir: "*o céu é animado?*" E se responder: "*não*"; ou "*Deus não se move?*" E se responder: "*move-se*": tal resposta chama-se a outra parte da contradição, pelo fato de que à afirmação se devolve a negação e à negação a afirmação. A interrogação dialética é, portanto, o pedido de uma resposta anuente, que é a proposição, ou de uma contradizente, que é a outra parte da contradição, segundo a supradita exposição de Boécio.

6) Deinde subdit probationem consequentiae, cum ait: *propositio vero unius contradictionis est* et cetera. Ubi notandum est quod si responsio dialectica posset esse plures, non sequeretur quod responsio enunciationis multiplicis non posset esse dialectica; sed si responsio dialectica non potest esse nisi una enunciatio, tunc recte sequitur quod responsio enunciationis pluris, non est responsio dialectica, quae una est. Notandum etiam quod si enunciatio aliqua plurium contradictionum pars est, una non esse comprobatur: una enim uni tantum contradicit. Si autem unius solum contradictionis pars est, una est eadem ratione, quia scilicet unius affirmationis unica est negatio, et e converso. Probat ergo Aristoteles consequentiam ex eo quod propositio, idest responsio dialectica unius contradictionis est, idest una enunciatio est affirmativa vel negativa. Ex hoc enim, ut iam dictum est, sequitur quod nullius enunciationis multiplicis sit responsio dialectica, et consequenter nec una responsio sit. Nec praetereas quod cum propositionem, vel alteram partem contradictionis, re-

6) Em seguida, acrescenta a prova da consequência, quando diz: "*a proposição porém é de uma só contradição*" etc. Onde se deve notar que, se a resposta dialética pudesse ser plúria, não se seguiria que a resposta de uma enunciação múltipla não pudesse ser dialética; mas se a resposta dialética não pode ser senão uma só enunciação, então segue-se corretamente que a resposta de uma enunciação plúria não é uma resposta dialética, que é uma só. Deve-se notar também que, se alguma enunciação é parte de muitas contradições, comprova-se não ser uma só: pois uma só contradiz apenas a uma só. Se, porém, é parte de uma só contradição, é uma só pela mesma razão, a saber, porque para uma única afirmação há uma única negação, e viceversa. Prova, portanto, Aristóteles a consequência pelo fato de que a proposição, isto é, a resposta dialética, é de uma só contradição, isto é, é uma única enunciação afirmativa ou negativa. Pois disto, como já foi dito, segue-se que de nenhuma enunciação múltipla haja resposta dialética e, consequentemente, nem haja uma resposta uma.

sponsionemque praeposuerit dialecticae interrogationis, de sola propositione subiunxit, quod est una; quod ideo fecit, quia illius alterius vocabulum ipsum unitatem praeferebat. Cum enim alteram contradictionis partem audis, unam affirmationem vel negationem statim intelligis. Adiunxit autem antecedenti ly *ergo*, vel insinuans hoc esse aliunde sumptum, ut postmodum in speciali explicabit, vel, permutato situ, notam consequentiae huius inter antecedens et consequens locandam, antecedenti praeposuit; sicut si diceretur, *si ergo Socrates currit, movetur*; pro eo quod dici deberet, *si Socrates currit, ergo movetur*. Sequitur deinde consequens: *non erit una responsio ad hoc*; et infert principalem conclusionem subdens, *quod neque una erit interrogatio* et cetera. Si enim responsio non potest esse una, nec interrogatio ipsa una erit.

E não deixes passar que, tendo ele anteposto a proposição, ou a outra parte da contradição, e a resposta à interrogação dialética, acrescentou apenas sobre a proposição que ela é uma só; o que fez porque o próprio vocábulo daquela outra já trazia a unidade. Pois quando ouves "*a outra parte da contradição*", imediatamente entendes uma única afirmação ou negação. Adjuntou, porém, ao antecedente o termo "*ergo*", ou insinuando que isto foi tomado de outra parte, como explicará depois em especial, ou, permutado o lugar, antepôs ao antecedente a nota desta consequência que deveria ser colocada entre o antecedente e o consequente; como se se dissesse: "*se portanto Sócrates corre, move-se*", em vez do que deveria ser dito: "*se Sócrates corre, logo se move*". Segue-se então o consequente: "*não haverá para isto uma resposta uma*"; e infere a conclusão principal, acrescentando: "*que nem haverá uma interrogação uma*" etc. Pois se a resposta não pode ser uma só, nem a própria interrogação será uma só.

7) Quod autem addidit: *nec si sit vera*, eiusmodi est. Posset aliquis credere, quod licet interrogationi pluri non possit dari responsio una, quando id de quo quaestio fit non potest de omnibus illis pluribus affirmari vel negari (ut cum quaeritur, *canis est animal?* Quia non potest vere de omnibus responderi, *est*, propter caeleste sidus, nec vere de omnibus responderi, *non est*, propter canem latrabilem, nulla possit dari responsio una); attamen quando id quod sub interrogatione cadit potest vere de omnibus affirmari aut negari, tunc potest dari responsio una; ut si quaeratur, *canis est substantia?* Quia potest vere de omnibus responderi, *est*, quia esse substantiam omnibus canibus convenit, unica responsio dari possit. Hanc erroneam existimationem removet dicens: *nec si sit vera*, idest, et dato quod responsio data enunciationi multiplici de omnibus verificetur, nihilominus non est una, quia unum non significat, nec unius contradictionis est pars, sed plures responsio illa habet contradictorias, ut de se patet.

7) O que porém acrescentou: "*nem se for verdadeira*", é deste modo. Alguém poderia acreditar que, embora não se possa dar uma resposta uma para uma interrogação plúria quando aquilo sobre o que se faz a questão não pode ser afirmado ou negado de todos aqueles muitos (como quando se pergunta: "*o cão é animal?*", porque não se pode responder verdadeiramente de todos "*é*", por causa do astro celeste, nem responder verdadeiramente de todos "*não é*", por causa do cão que ladra, nenhuma resposta uma poderia ser dada); todavia, quando aquilo que cai sob a interrogação pode ser verdadeiramente afirmado ou negado de todos, então poderia ser dada uma resposta uma; como se se perguntasse: "*o cão é substância?*", pois se pode responder verdadeiramente de todos "*é*", porque ser substância convém a todos os cães, uma única resposta poderia ser dada. Remove esta opinião errônea dizendo: "*nem se for verdadeira*", isto é, e dado que a resposta dada à enunciação múltipla se verifique de todos, nada obstante não é uma só, porque não significa um só, nem é parte de uma só contradição, mas aquela resposta tem muitas contraditórias, como é patente por si mesmo.

8) Deinde cum dicit: *dictum est autem de his in Topicis* etc., probat antecedens dupliciter: primo, auctoritate eorum quae dicta sunt in *Topicis*; secundo, a signo. Et circa hoc duo facit. Primo, ponit ipsum signum, dicens: *quod similiter* etc., cum auctoritate topicorum, *manifestum est*, scilicet, antecedens assumptum, scilicet quod dialectica interrogatio est petitio responsionis affirmativae vel negativae. *Quoniam nec ipsum quid est*, idest ex eo quod nec ipsa quaestio *quid est*, est interrogatio dialectica: verbi gratia; si quis quaerat, *quid est animal?* Talis non quaerit dialectice. Deinde subiungit probationem assumpti, scilicet quod ipsum *quid est*, non est quaestio dialectica; et intendit quod quia interrogatio dialectica optionem respondenti offerre debet, utram velit contradictionis partem, et ipsa quaestio *quid est* talem libertatem non proponit (quia cum dicimus, *quid est animal?* Respondentem ad definitionis assignationem coarctamus, quae non solum ad unum determinata est, sed etiam omni parte contradictionis caret, cum nec esse, nec non esse dicat); ideo ipsa quaestio *quid est*, non est dialectica interrogatio. Unde dicit: *oportet enim ex data*, idest ex proposita interrogatione dialectica, hunc respondentem eligere posse utram velit contradictionis partem, quam contradictionis utramque partem interrogantem oportet determinare, idest determinate proponere, hoc modo: *utrum hoc animal sit homo an non*: ubi evidenter apparet optionem respondenti offerri. Habes ergo pro signo cum quaestio dialectica petat responsionem propositionis, vel alterius contradictionis partem, elongationem quaestionis *quid est* a quaestionibus dialecticis.

8) Em seguida, quando diz: "*porém foi dito sobre estas coisas nos Tópicos*" etc., prova o antecedente de dois modos: primeiro, pela autoridade do que foi dito nos *Tópicos*; segundo, por um sinal. E sobre isto faz duas coisas. Primeiro, põe o próprio sinal, dizendo: "*que semelhantemente*" etc., com a autoridade dos *Tópicos*, "*é manifesto*", a saber, o antecedente assumido, ou seja, que a interrogação dialética é o pedido de uma resposta afirmativa ou negativa. "*Visto que nem o próprio o que é*", isto é, pelo fato de que nem a própria questão "*o que é*" é uma interrogação dialética: por exemplo; se alguém perguntar: "*o que é o animal?*", tal pessoa não pergunta dialeticamente. Depois acrescenta a prova do que foi assumido, a saber, que o próprio "*o que é*" não é uma questão dialética; e pretende que, porque a interrogação dialética deve oferecer opção ao respondente sobre qual parte da contradição deseja, e a própria questão "*o que é*" não propõe tal liberdade (pois quando dizemos "*o que é o animal?*", coagimos o respondente à atribuição de uma definição, que não só está determinada a um só ponto, mas também carece de qualquer parte da contradição, pois não diz nem ser, nem não ser); por isso, a própria questão "*o que é*" não é uma interrogação dialética. Por onde diz: "*convém de fato que a partir da dada*", isto é, da proposta interrogação dialética, este respondente possa escolher qualquer uma das partes da contradição, cada uma das quais partes da contradição convém que o interrogante determine, isto é, proponha determinadamente, deste modo: "*se este animal é homem ou não*": onde evidentemente aparece que se oferece a opção ao respondente. Tens, portanto, como sinal, visto que a questão dialética pede a resposta de uma proprosicao ou de outra parte da contradição, o afastamento da questão "*o que é*" das questões dialéticas.

Lectio VI

1) Postquam declaravit diversitatem multiplicis enunciationis, intendit determinare de earum consequentiis. Et circa hoc duo facit, secundum duas dubitationes quas solvit. Secunda incipit; ibi: *verum autem est dicere* et cetera. Circa primum tria facit: primo, proponit quaestionem; secundo, ostendit rationabilitatem quaestionis; ibi: *si enim quoniam* etc.; tertio, solvit eam; ibi: *eorum igitur* et cetera. Est ergo dubitatio prima: quare ex aliquibus divisim praedicatis de uno sequitur enunciatio, in qua illamet unita praedicantur de eodem, et ex aliquibus non. Unde haec diversitas oritur? Verbi gratia; ex istis, *Socrates est animal et est bipes*; sequitur, *ergo Socrates est animal bipes*; et similiter ex istis, *Socrates est homo et est albus*; sequitur, *ergo Socrates est homo albus.* Ex illis vero, *Socrates est bonus, et est citharoedus*; non sequitur, *ergo est bonus citharoedus.* Unde proponens quaestionem inquit: *quoniam vero haec*, scilicet praedicta, ita praedicantur composita, idest coniuncta, ut unum sit praedicamentum quae extra praedicantur, idest, ut ex eis extra praedicatis unite fiat praedicatio, alia vero praedicata non sunt talia, quae est inter differentia; unde talis innascitur diversitas? Et subdit exempla iam adducta, et ad propositum applicata: quorum primum continet praedicata ex quibus fit unum *per se*, scilicet, *animal et bipes*, genus et differentia; secundum autem praedicata ex quibus fit unum *per accidens*, scilicet, *homo albus*; tertium vero praedicata ex quibus neque unum *per se* neque unum *per accidens* inter se fieri sequitur; ut, *citharoedus et bonus*, ut declarabitur.

1) Depois que declarou a diversidade da enunciação múltipla, pretende determinar as suas consequências. E sobre isto faz duas coisas, segundo duas dúvidas que resolve. A segunda começa ali: "*mas é verdade dizer*" etc. Sobre o primeiro ponto faz três coisas: primeiro, propõe a questão; segundo, mostra a razoabilidade da questão; ali: "*se de fato visto que*" etc.; terceiro, resolve-a; ali: "*destes portanto*" etc. Esta é, pois, a primeira dúvida: por que a partir de alguns predicados separadamente sobre um se segue a enunciação na qual esses mesmos são predicados unidos sobre o mesmo, e a partir de outros não? De onde se origina esta diversidade? Por exemplo: a partir destes, "*Sócrates é animal e é bípede*"; segue-se, "*logo Sócrates é animal bípede*"; e semelhantemente a partir destes, "*Sócrates é homem e é branco*"; segue-se, "*logo Sócrates é homem branco*". Daqueles outros, porém, "*Sócrates é bom e é citaredo*"; não se segue, "*logo é um bom citaredo*". De onde, propondo a questão, diz: "*visto que de fato estas coisas*", a saber, as preditas, assim se predicam compostas, isto é, conjuntas, de modo que seja um único predicamento o que se predica fora, isto é, de modo que, a partir deles predicados fora, se faça uma predicação unida, outros predicados porém não são tais, qual é a diferença entre eles; de onde nasce tal diversidade? E acrescenta os exemplos já aduzidos e aplicados ao propósito: o primeiro dos quais contém predicados dos quais se faz um *per se*, a saber, "*animal e bípede*", gênero e diferença; o segundo contém predicados dos quais se faz um *per accidens*, a saber, "*homem branco*"; o terceiro contém predicados dos quais se segue que entre si não se faz nem um *per se* nem um *per accidens*; como "*citaredo e bom*", como se declarará.

2) Deinde cum dicit: *si enim quoniam* etc., declarat veritatem diversitatis positae, ex qua rationabilis redditur quaestio: si namque inter praedicata non esset talis diversitas, irrationabilis esset dubitatio. Ostendit autem hoc ratione ducente ad inconveniens, nugationem scilicet. Et quia nugatio duobus modis committitur, scilicet explicite et implicite;

2) Em seguida, quando diz: "*se de fato visto que*" etc., declara a verdade da diversidade posta, pela qual a questão se torna razoável: se, de fato, não houvesse tal diversidade entre os predicados, a dúvida seria irracional. Mostra isto, porém, por uma razão que conduz a um inconveniente, a saber, a nugação. E porque a nugação se comete de dois mo-

ideo primo deducit ad nugationem explicitam, secundo ad implicitam; ibi: *amplius, si Socrates* et cetera. Ait ergo quod si nulla est inter quaecumque praedicata differentia, sed de quolibet indifferenter censetur quod quia alterutrum separatum dicitur, quod utrumque coniunctim dicatur, multa inconvenientia sequentur. De aliquo enim homine, puta Socrate, verum est separatim dicere quod, *homo est*, et *albus est*; quare et omne, idest et coniunctim dicetur, *Socrates est homo albus*. Rursus et de eodem Socrate potest dici separatim quod, *est homo albus*, et quod, *est albus*; quare et omne, idest, igitur coniunctim dicetur, *Socrates est homo albus albus*: ubi manifesta est nugatio. Rursus si de eodem Socrate iterum dicas separatim quod, *est homo albus albus*, verum dices et congrue quod *est albus*, et secundum hoc, si iterum hoc repetes separatim, a veritate simili non discedes, et sic in infinitum sequetur, *Socrates est homo albus, albus, albus* in infinitum. Simile quod ostenditur in alio exemplo. Si quis de Socrate dicat quod, *est musicus, albus, ambulans*, cum possit et separatim dicere quod, *est musicus*, et quod, *est albus*, et quod, *est ambulans*; sequetur, *Socrates est musicus, albus, ambulans, musicus, albus, ambulans*. Et quia pluries separatim, in eodem tamen tempore, enunciari potest, procedit nugatio sine fine. Deinde deducit ad implicitam nugationem, dicens, cum de Socrate vere dici possit separatim quod, *est homo*, et quod, *est bipes*, si coniunctim inferre licet, sequetur quod, *Socrates sit homo bipes*. Ubi est implicita nugatio. *Bipes* enim circumloquens differentiam hominis actu et intellectu clauditur in hominis ratione. Unde ponendo loco hominis suam rationem (quod fieri licet, ut docet Aristoteles II topicorum), apparebit manifeste nugatio. Dicetur enim: *Socrates est homo*, idest, *animal bipes, bipes*. Quoniam ergo plurima inconvenientia sequuntur si quis ponat complexiones, idest, adunationes praedicatorum fieri simpliciter, idest, absque diversitate aliqua, manifestum est ex dictis; quomodo autem faciendum est, nunc, idest, in sequentibus dicemus. Et nota quod iste textus non habetur uniformiter apud omnes quoad verba, sed quia sententia non discrepat, legat quicunque ut vult.

dos, a saber, explícita e implicitamente; por isso, primeiro deduz para a nugação explícita, segundo para a implícita; ali: "*além disso, se Sócrates*" etc. Diz, pois, que se não há nenhuma diferença entre quaisquer predicados, mas sobre qualquer um se julga indiferentemente que, porque cada um é dito separadamente, ambos devem ser ditos conjuntamente, muitos inconvenientes se seguirão. De um certo homem, por exemplo Sócrates, é verdade dizer separadamente que "*é homem*" e "*é branco*"; pelo que e tudo, isto é, também conjuntamente se dirá: "*Sócrates é um homem branco*". Novamente, e do mesmo Sócrates, pode-se dizer separadamente que "*é um homem branco*" e que "*é branco*"; pelo que e tudo, isto é, portanto conjuntamente se dirá: "*Sócrates é um homem branco branco*": onde a nugação é manifesta. Novamente, se do mesmo Sócrates disseres outra vez separadamente que "*é um homem branco branco*", dirás com verdade e congruência que "*é branco*", e segundo isto, se repetires isto separadamente, não te afastarás de uma verdade semelhante, e assim se seguirá ao infinito: "*Sócrates é um homem branco, branco, branco*" ao infinito. O mesmo se mostra em outro exemplo. Se alguém disser de Sócrates que "*é músico, branco, caminhante*", como pode dizer separadamente que "*é músico*", que "*é branco*" e que "*é caminhante*"; seguir-se-á: "*Sócrates é músico, branco, caminhante, músico, branco, caminhante*". E porque pode ser enunciado muitas vezes separadamente, no mesmo tempo, a nugação procede sem fim. Em seguida deduz para a nugação implícita, dizendo que, podendo-se dizer verdadeiramente de Sócrates separadamente que "*é homem*" e que "*é bípede*", se é lícito inferir conjuntamente, seguir-se-á que "*Sócrates é um homem bípede*". Onde há uma nugação implícita. Pois "*bípede*", circunscrevendo a diferença do homem, encerra-se em ato e intelecto na razão de homem. De onde, pondo no lugar de homem a sua razão (o que é lícito fazer, como ensina Aristóteles no livro II dos *Tópicos*), aparecerá manifestamente a nugação. Dir-se-á, de fato: "*Sócrates é homem*", isto é, "*animal bípede, bípede*". Visto que, portanto, muitíssimos inconvenientes se seguem se alguém puser que as complexões, isto é, as adunações dos predicados, se façam absolutamente, isto é, sem qualquer diversi-

dade, é manifesto pelo que foi dito; como porém se deve fazer, "*agora*", isto é, no que segue, diremos. E nota que este texto não se encontra uniformemente entre todos quanto às palavras, mas porque a sentença não discrepa, leia cada um como quiser.

3) Deinde cum dicit: *eorum igitur* etc., solvit propositam quaestionem. Et circa hoc duo facit: primo, respondet instantiis in ipsa propositione quaestionis adductis; secundo, satisfacit instantiis in probatione positis; ibi: *amplius nec quaecumque* et cetera. Circa primum duo facit: primo namque, declarat veritatem; secundo, applicat ad propositas instantias; ibi: *quocirca* et cetera. Determinat ergo dubitationem tali distinctione. Praedicatorum sive subiectorum plurium duo sunt genera: quaedam sunt *per accidens*, quaedam *per se*. Si *per accidens*, hoc dupliciter contingit, vel quia ambo dicuntur *per accidens* de uno tertio, vel quia alterum de altero mutuo *per accidens* praedicatur. Quando illa plura divisim praedicata sunt *per accidens* quovis modo, ex eis non sequitur coniunctim praedicatum; quando autem sunt *per se*, tum ex eis sequitur coniuncte praedicatum. Unde continuando se ad praecedentia ait: *eorum igitur quae praedicantur, et de quibus praedicantur*, idest subiectorum, *quaecumque dicuntur secundum accidens* (et per hoc innuit oppositum membrum, scilicet *per se*), *vel de eodem*, idest accidentaliter concurrunt ad unius tertii denominationem, *vel alterutrum de altero*, idest accidentaliter mutuo se denominant (et per hoc ponit membra duplicis divisionis), *haec*, scilicet plura *per accidens*, *non erunt unum*, idest non inferent praedicationem coniunctam.

3) Em seguida, quando diz: "*destes portanto*" etc., resolve a questão proposta. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, responde às instâncias aduzidas na própria proposição da questão; segundo, satisfaz às instâncias postas na prova; ali: "*além disso nem quaisquer*" etc. Sobre o primeiro ponto faz duas coisas: primeiro, de fato, declara a verdade; segundo, aplica-a às instâncias propostas; ali: "*pelo que*" etc. Determina, pois, a dúvida por tal distinção. Dos predicados ou dos muitos sujeitos há dois gêneros: alguns são *per accidens*, outros *per se*. Se são *per accidens*, isto acontece de dois modos: ou porque ambos são ditos *per accidens* de um terceiro, ou porque um é predicado mutua e *per accidens* do outro. Quando aqueles muitos predicados separadamente são *per accidens* de qualquer modo, deles não se segue o predicado conjuntamente; quando porém são *per se*, então deles se segue o predicado conjuntamente. Por onde, continuando-se ao que precede, diz: "*daquelas coisas, portanto, que se predicam, e das quais se predicam*", isto é, dos sujeitos, "*quaisquer que sejam ditas segundo o acidente*" (e por isto insinua o membro oposto, a saber, *per se*), "*ou do mesmo*", isto é, concorrem acidentalmente para a denominação de um terceiro, "*ou um do outro*", isto é, denominam-se acidentalmente de modo mútuo (e por isto põe os membros da dupla divisão), "*estas*", a saber, as muitas coisas *per accidens*, "*não serão um*", isto é, não inferirão uma predicação conjunta.

4) Et explanat utrumque horum exemplariter. Et primo, primum, quando scilicet illa plura *per accidens* dicuntur de tertio, dicens: *ut si homo albus est et musicus* divisim. *Sed non est idem*, idest non sequitur adunatim, *ergo homo est musicus albus*. Utraque enim sunt accidentia eidem tertio. Deinde explanat secundum, quando solum illa plura *per accidens* de se mutuo praedicantur, subdens: *nec si album musicum verum est dicere*, idest, et etiamsi de se invicem ista praedicantur *per accidens*

4) E explana cada um destes por exemplos. E primeiro, o primeiro, a saber, quando aqueles muitos são ditos *per accidens* do terceiro, dizendo: "*como se o homem é branco e músico*" separadamente. "*Mas não é o mesmo*", isto é, não se segue unidos, "*logo o homem é músico branco*". Pois ambos são acidentes do mesmo terceiro. Em seguida explana o segundo, quando apenas aqueles muitos se predicam mutua e *per accidens* de si mesmos, acrescentando: "*nem se é verdadeiro dizer branco músico*",

ratione subiecti in quo uniuntur, ut dicatur, *homo est albus, et est musicus, et album est musicum*, non tamen sequitur quod *album musicum* unite praedicetur, dicendo, *ergo homo est albus musicus*. Et causam assignat, quia *album* dicitur *de musico per accidens*, et e converso.

isto é, e ainda que estes se prediquem reciprocamente *per accidens* em razão do sujeito no qual se unem, como se dissesse: "*o homem é branco, e é músico, e o branco é músico*", não se segue, todavia, que "*branco músico*" se predique unidamente, dizendo: "*logo o homem é branco músico*". E atribui a causa: porque "*branco*" é dito "*de músico*" *per accidens*, e vice-versa.

5) Notandum est hic quod cum duo membra *per accidens* enumerasset, unico tamen exemplo utrumque membrum explanavit, ut insinuaret quod distinctio illa non erat in diversa praedicata *per accidens*, sed in eadem diversimode comparata; *album* enim et *musicum*, comparata ad hominem, sub primo cadunt membro; comparata autem inter se, sub secundo. Diversitatem ergo comparationis pluralitate membrorum, identitatem autem praedicatorum unitate exempli astruxit.

5) Deve-se notar aqui que, tendo enumerado dois membros *per accidens*, explanou ambos com um único exemplo, para insinuar que aquela distinção não era em diversos predicados *per accidens*, mas nos mesmos comparados de modo diverso; pois "*branco*" e "*músico*", comparados ao homem, caem sob o primeiro membro; comparados porém entre si, sob o segundo. Estabeleceu, pois, a diversidade da comparação pela pluralidade dos membros, mas a identidade dos predicados pela unidade do exemplo.

6) Advertendum est ulterius, ad evidentiam divisionis factae in littera, quod, *secundum accidens*, potest dupliciter accipi. Uno modo, ut distinguitur contra perseitatem posterioristicam, et hic non sumitur hic: quoniam cum dicitur plura praedicata *secundum accidens*, aut ly *secundum accidens* determinaret coniunctionem inter se, et sic manifeste esset falsa regula; quoniam inter prima praedicata, *animal bipes*, seu, *animal rationale*, est praedicatio *secundum accidens* hoc modo (differentia enim in nullo modo perseitatis praedicatur de genere, et tamen Aristoteles in textu dicit ea non esse praedicata *per accidens*, et asserit quod est optima illatio, *est animal et bipes, ergo est animal bipes*); aut determinaret coniunctionem illarum ad subiectum, et sic etiam inveniretur falsitas in regula: bene namque dicitur, paries est coloratus, et est visibilis, et tamen coloratum visibile non *per se* inest parieti. Alio modo, accipitur ly *secundum accidens*, ut distinguitur contra hoc quod dico, ratione sui, seu, non propter aliud, et sic idem sonat, quod, *per aliud*: et hoc modo accipitur hic. Quaecunque enim sunt talis naturae quod non ratione sui iunguntur, sed propter aliud, ab illatione coniuncta deficere necesse est, ex eo quod coniuncta illatio unum alteri substernit, et ratione sui ea adunata

6) Deve-se advertir, ademais, para a evidência da divisão feita na letra, que *secundum accidens* pode ser tomado de dois modos. De um modo, enquanto se distingue contra a perseidade posteriorística, e assim não é tomado aqui: visto que, quando se diz muitos predicados *secundum accidens*, ou o termo *secundum accidens* determinaria a conjunção entre si, e assim manifestamente a regra seria falsa; visto que entre os primeiros predicados, "*animal bípede*", ou "*animal racional*", há predicação *secundum accidens* deste modo (pois a diferença de nenhum modo de perseidade é predicada do gênero, e no entanto Aristóteles no texto diz que estes não são predicados *per accidens*, e assevera que é uma ótima ilação: "*é animal e bípede, logo é animal bípede*"); ou determinaria a conjunção deles ao sujeito, e assim também se encontraria falsidade na regra: pois bem se diz: a parede é colorida e é visível, e no entanto colorido visível não é inerente *per se* à parede. De outro modo, toma-se o termo *secundum accidens* enquanto se distingue contra isto que digo, em razão de si, ou, não por causa de outro, e assim soa o mesmo que "*por outro*": e deste modo é tomado aqui. Pois quaisquer coisas que sejam de tal natureza que não se unem em razão de si, mas por causa de outro, é necessário

denotat ut potentiam et actum. Est ergo sensus divisionis, quod praedicatorum plurium, quaedam sunt *per accidens*, quaedam *per se*, idest, quaedam adunantur inter se ratione sui, quaedam propter aliud. Ea quae *per se* uniuntur inferunt coniunctum, ea autem quae propter aliud, nequaquam.

que falhem na ilação conjunta, pelo fato de que a ilação conjunta submete um ao outro e, em razão de si, denota-os adunados como potência e ato. É, portanto, o sentido da divisão que, dos muitos predicados, alguns são *per accidens*, outros *per se*, isto é, alguns se adunam entre si em razão de si, outros por causa de outro. Aqueles que se unem *per se* inferem o conjunto; aqueles, porém, que o fazem por causa de outro, de modo algum.

7) Deinde cum dicit: *quocirca nec citharoedus* etc., applicat declaratam veritatem ad partes quaestionis. Et primo, ad secundam partem, quia scilicet non sequitur: *est bonus et est citharoedus; ergo est bonus citharoedus*, dicens: *quocirca nec citharoedus bonus* etc.; secundo, ad aliam partem quaestionis, quare sequebatur: *est animal et est bipes; ergo est animal bipes*: et ait: *sed animal bipes* et cetera. Et subiungit huius ultimi dicti causam, quia, *animal bipes*, non sunt praedicata *secundum accidens* coniuncta inter se aut in tertio, sed *per se*. Et per hoc explanavit alterum membrum primae divisionis, quod adhuc positum non fuerat explicite. Adverte quod Aristoteles, eamdem tenens sententiam de citharoedo et bono et musico et albo, conclusit quod album et musicum non inferunt coniunctum praedicatum; ideo nec citharoedus et bonus inferunt citharoedus bonus absolutamente, idest coniuncte. Est autem ratio dicti, quia licet musica et albedo dissimiles sint bonitati et arti citharisticae in hoc, quod bonitas nata est denominare et subiectum tertium, puta hominem et ipsam artem citharisticam (propter quod falsitas manifeste cernitur, quando dicitur: *est bonus et citharoedus; ergo bonus citharoedus*), musica vero et albedo subiectum tertium natae sunt denominare tantum, et non se invicem (propter quod latentior est casus cum proceditur: *est albus et est musicus; ergo est musicus albus*), licet, inquam, in hoc sint dissimiles, et propter istam dissimilitudinem processus Aristotelis minus sufficiens videatur; attamen similes sunt in hoc quod, si servetur identitas omnimoda praedicatorum quam servari oportet, si illamet divisa debent inferri coniunctim, sicut musica non denominat albedinem, neque contra, ita nec bonitas, de qua fit sermo, cum dicitur, *homo est bonus*, denominat artem citharisticam, neque

7) Em seguida, quando diz: "*pelo que nem o citaredo*" etc., aplica a verdade declarada às partes da questão. E primeiro, à segunda parte, porque a saber não se segue: "*é bom e é citaredo; logo é um bom citaredo*", dizendo: "*pelo que nem o citaredo bom*" etc.; segundo, à outra parte da questão, por que se seguia: "*é animal e é bípede; logo é animal bípede*": e diz: "*mas animal bípede*" etc. E acrescenta a causa deste último dito, porque "*animal bípede*" não são predicados *secundum accidens* conjuntos entre si ou no terceiro, mas *per se*. E por isto explanou o outro membro da primeira divisão, que ainda não fora posto explicitamente. Adverte que Aristóteles, mantendo a mesma sentença sobre o citaredo e o bom e o músico e o branco, concluiu que branco e músico não inferem o predicado conjunto; por isso nem citaredo e bom inferem citaredo bom absolutamente, isto é, conjuntamente. A razão do dito é que, embora a música e a brancura sejam dessemelhantes à bondade e à arte citarística nisto: que a bondade é apta por natureza a denominar tanto o terceiro sujeito, por exemplo o homem, quanto a própria arte citarística (pelo que a falsidade se vê manifestamente quando se diz: "*é bom e citaredo; logo um bom citaredo*"); a música e a brancura, porém, são aptas por natureza a denominar apenas o terceiro sujeito, e não uma à outra (pelo que o caso é mais latente quando se procede: "*é branco e é músico; logo é um músico branco*"); embora, digo, sejam dessemelhantes nisto, e por esta dessemelhança o processo de Aristóteles pareça menos suficiente; no entanto, são semelhantes nisto: que, se se observar a identidade onímoda dos predicados que convém observar se esses mesmos divididos devem ser inferidos conjuntamente, assim como a música não denomina a brancura, nem o contrário, assim também a

e converso. Cum enim bonum sit aequivocum, licet a consilio, alia ratione dicitur de perfectione citharoedi, et alia de perfectione hominis. Quando namque dicimus, *Socrates est bonus*, intelligimus bonitatem moralem, quae est hominis bonitas absolutamente (analogum siquidem absolutamente positum sumitur pro potiori); cum autem infertur, *citharoedus bonus*, non bonitatem moris sed artis praedicas: unde terminorum identitas non salvatur; sufficienter igitur et subtiliter Aristoteles eamdem de utrisque protulit sententiam, quia eadem est haec, et ibi ratio et cetera.

bondade de que se fala quando se diz "*o homem é bom*" não denomina a arte citarística, nem viceversa. Pois, sendo o bem equívoco, embora por analogia, por uma razão é dito da perfeição do citaredo e por outra da perfeição do homem. Pois quando dizemos "*Sócrates é bom*", entendemos a bondade moral, que é a bondade do homem absolutamente (pois o análogo posto absolutamente toma-se pelo mais forte); quando, porém, se infere "*citaredo bom*", não predicas a bondade dos costumes, mas da arte: de onde a identidade dos termos não se salva; suficientemente, portanto, e com sutileza Aristóteles proferiu a mesma sentença sobre ambos, porque a razão aqui e ali é a mesma etc.

8) Nec praetereundum est quod, cum tres consequentias adduxit quaestionem proponendo, scilicet; *est animal et bipes; ergo est animal bipes*: et, *est homo et albus; ergo est homo albus*: et, *est citharoedus et bonus; ergo est bonus citharoedus*; et duas primas posuerat esse bonas, tertiam vero non; huius diversitatis causam inquirere volens, cur solvendo quaestionem nullo modo meminerit secundae consequentiae, sed tantum primae et tertiae. Indiscussum namque reliquit an illa consequentia sit bona an mala. Et ad hoc videtur mihi dicendum quod ex his paucis verbis etiam illius consequentiae naturam insinuavit. Profundioris enim sensus textus capax apparet cum dixit quod, *non sunt unum album et musicum* etc., ut scilicet non tantum indicet quod expositum est, sed etiam eius causam, ex qua natura secundae consequentiae elucescit. Causa namque quare *album* et *musicum* non inferunt coniunctam praedicationem est, quia in praedicatione coniuncta oportet alteram partem alteri supponi, ut potentiam actui, ad hoc ut ex eis fiat aliquo modo unum, et altera a reliqua denominetur (hoc enim vis coniunctae praedicationis requirit, ut supra diximus de partibus definitionis); *album* autem et *musicum* secundum se non faciunt unum *per se*, ut patet, neque unum *per accidens*. Licet enim ipsa ut adunantur in subiecto uno sint unum subiecto *per accidens*, tamen ipsamet quae adunantur in uno, tertio subiecto, non faciunt inter se unum *per accidens*: tum quia neutrum informat alterum (quod requiritur ad unitatem *per accidens*

8) Nem se deve passar por alto que, tendo aduzido três consequências ao propor a questão, a saber: "*é animal e bípede; logo é animal bípede*"; e "*é homem e branco; logo é homem branco*"; e "*é citaredo e bom; logo é um bom citaredo*"; e tendo posto as duas primeiras como boas, a terceira porém não; querendo inquirir a causa desta diversidade, por que ao resolver a questão de modo algum se lembrou da segunda consequência, mas apenas da primeira e da terceira. Deixou, de fato, sem discussão se aquela consequência é boa ou má. E sobre isto parece-me que se deve dizer que, a partir destas poucas palavras, também insinuou a natureza daquela consequência. Pois o texto aparece capaz de um sentido mais profundo quando disse que "*branco e músico não são um*" etc., para que a saber não apenas indique o que foi exposto, mas também a sua causa, pela qual a natureza da segunda consequência se esclarece. Pois a causa pela qual "*branco*" e "*músico*" não inferem a predicação conjunta é que, na predicação conjunta, convém que uma parte seja suposta à outra, como a potência ao ato, para que a partir delas se faça de algum modo um, e uma seja denominada pela outra (pois isto requer a força da predicação conjunta, como dissemos acima sobre as partes da definição); "*branco*", porém, e "*músico*" segundo si não fazem um *per se*, como é patente, nem um *per accidens*. Pois embora eles mesmos, enquanto se adunam em um só sujeito, sejam um sujeito *per accidens*, todavia eles mesmos que se adunam em um só ter-

aliquorum inter se, licet non in tertio); tum quia non considerata subiecti unitate, quae est extra eorum rationes, nulla remanet inter ea unitatis causa. Dicens ergo quod *album* et *musicum* non sunt unum, scilicet inter se, aliquo modo, causam expressit quare coniunctim non infertur ex eis praedicatum. Et quia oppositorum eadem est disciplina, insinuavit per illamet verba bonitatem illius consequentiae. Ex eo enim quod *homo* et *albus* se habent sicut potentia et actus (et ita albedo informet, denominet atque unum faciat cum homine ratione sui), sequitur quod ex divisis potest inferri coniuncta praedicatio; ut dicatur: *est homo et albus; ergo est homo albus*. Sicut per oppositum dicebatur quod ideo *musicum* et *album* non inferunt coniunctum praedicatum quia neutrum alterum informabat.

9) Nec obstat quod *album* faciat unum *per accidens* cum homine: non enim dictum est quod unitas *per accidens* aliquorum impedit ex diversis inferre coniunctum, sed quod unitas *per accidens* aliquorum ratione tertii tantum est illa quae impedit. Talia enim quae non sunt unum *per accidens* nisi ratione tertii, inter se nullam habent unitatem; et propterea non potest inferri coniunctum, ut dictum est, quod unitatem importat. Illa vero quae sunt unum *per accidens* ratione sui, seu inter se, ut, *homo albus*, cum coniuncta accipiuntur, unitate necessaria non carent, quia inter se unitatem habent. Notanter autem apposui ly *tantum*: quoniam si aliqua duo sunt unum *per accidens*, ratione tertii subiecti scilicet, sed non tantum ex hoc habent unitatem, sed etiam ratione sui, ex hoc quod alterum reliquum informat, ex istis divisis non prohibetur inferri coniunctum. Verbi gratia, optime dicitur: *est quantum et est coloratum; ergo est quantum coloratum*: quia color informat quantitatem.

10) Potes autem credere quod secunda illa consequentia, quam non explicite confirmavit Aristoteles respondendo, sit bona et ex eo quod ipse proposceiro sujeito não fazem entre si um *per accidens*: tanto porque nenhum informa o outro (o que é requerido para a unidade *per accidens* de alguns entre si, embora não no terceiro); quanto porque, não considerada a unidade do sujeito, que está fora das suas razões, nenhuma causa de unidade permanece entre eles. Dizendo, portanto, que "*branco*" e "*músico*" não são um, a saber entre si, de algum modo, expressou a causa pela qual não se infere deles o predicado conjuntamente. E porque dos opostos a disciplina é a mesma, insinuou por essas mesmas palavras a bondade daquela consequência. Pois do fato de que "*homem*" e "*branco*" se comportam como potência e ato (e assim a brancura informe, denomine e faça um com o homem em razão de si), segue-se que a partir dos divididos pode-se inferir a predicação conjunta; como se dissesse: "*é homem e é branco; logo é um homem branco*". Assim como, pelo oposto, dizia-se que por isso "*músico*" e "*branco*" não inferem o predicado conjunto porque nenhum informava o outro.

9) Nem obsta que "*branco*" faça um *per accidens* com o homem: pois não foi dito que a unidade *per accidens* de alguns impede inferir o conjunto a partir de diversos, mas que a unidade *per accidens* de alguns apenas em razão do terceiro é aquela que impede. Pois tais coisas que não são um *per accidens* senão em razão do terceiro não têm entre si nenhuma unidade; e por isso não se pode inferir o conjunto, como foi dito, o qual importa unidade. Aquelas, porém, que são um *per accidens* em razão de si, ou entre si, como "*homem branco*", quando são tomadas conjuntas, não carecem da unidade necessária, porque têm unidade entre si. Note-se porém que pus o termo "*apenas*": visto que, se dois quaisquer são um *per accidens*, a saber em razão do terceiro sujeito, mas não apenas disto têm unidade, mas também em razão de si, pelo fato de que um informa o outro, não se proíbe inferir o conjunto a partir destes divididos. Por exemplo, otimamente se diz: "*é quanto e é colorido; logo é um quanto colorido*": porque a cor informa a quantidade.

10) Podes, aliás, crer que aquela segunda consequência, que Aristóteles não confirmou explicitamente ao responder, seja boa tanto pelo fato de que

nendo quaestionem asseruit bonam, et ex eo quod nulla instantia reperitur. Insinuavit autem et Aristoteles quod sola talis unitas impedit illationem coniunctam, quando dixit *quaecumque secundum accidens dicuntur vel de eodem vel alterutrum de altero*. Cum enim dixit, *secundum accidens de eodem*, unitatem eorum ex sola adunatione in tertio posuit (sola enim haec *per accidens* praedicantur de eodem, ut dictum est); cum autem addidit, *vel alterutrum de altero*, mutuam accidentalitatem ponens, ex nulla parte inter se unitatem reliquit. Utraque ergo *per accidens* adducta praedicata, in tertio scilicet vel alterutrum, quae impediant illationem coniunctam, nonnisi in tertio unitatem habent.

ele mesmo, ao propor a questão, a asseverou como boa, quanto pelo fato de que nenhuma instância se encontra contra ela. Insinuou também Aristóteles que apenas tal unidade impede a ilação conjunta quando disse: "*quaisquer que sejam ditas segundo o acidente ou do mesmo ou um do outro*". Pois quando disse "*segundo o acidente do mesmo*", pôs a unidade deles a partir da sola adunação no terceiro (pois apenas estas se predicam *per accidens* do mesmo, como foi dito); quando porém acrescentou "*ou um do outro*", pondo a mutualidade acidental, não deixou de nenhuma parte unidade entre eles. Portanto, ambos os predicados aduzidos *per accidens*, a saber no terceiro ou um do outro, que impeçam a ilação conjunta, não têm unidade senão no terceiro.

11) Deinde cum dicit: *amplius nec* etc., satisfacit instantiis in probatione adductis, et in illis in quibus explicita committebatur nugatio, et in illis in quibus implicita; et ait quod non solum inferre ex divisis coniunctum non licet quando praedicata illa sunt *per accidens*, sed *nec* etiam *quaecunque insunt in alio*: idest, sed nec hoc licet quando praedicata includunt se, ita quod unum includatur in significato formali alterius intrinsece, sive explicite, ut *album* in *albo*, sive implicite, ut *animal* et *bipes* in *homine*. Quare neque *album* frequenter dictum divisim infert coniunctum, neque *homo* divisim ab animali vel bipede enunciatum, *animal bipes*, coniunctum cum homine infert; ut dicatur, *ergo Socrates est homo bipes*, vel *animal homo*. Insunt enim in hominis ratione, *animal* et *bipes* actu et intellectu, licet implicite. Stat ergo solutio quaestionis in hoc, quod unitas plurium *per accidens* in tertio tantum et nugatio, impediunt ex divisis inferri coniunctum; et consequenter, ubi neutrum horum invenitur, ex divisis licebit inferre coniunctum. Et hoc intellige quando divisae sunt simul verae de eodem et cetera.

11) Em seguida, quando diz: "*além disso nem*" etc., satisfaz às instâncias aduzidas na prova, tanto naquelas em que se cometia nugação explícita quanto naquelas em que era implícita; e diz que não só não é lícito inferir o conjunto a partir de divididos quando aqueles predicados são *per accidens*, mas "*nem*" também "*quaisquer que sejam inerentes a outro*": isto é, mas nem isto é lícito quando os predicados se incluem mutuamente, de modo que um esteja incluído no significado formal do outro intrinsecamente, seja explicitamente, como "*branco*" em "*branco*", seja implicitamente, como "*animal*" e "*bípede*" em "*homem*". Pelo que nem "*branco*" dito frequentemente de modo dividido infere o conjunto, nem "*homem*" enunciado separadamente de animal ou bípede infere "*animal bípede*" conjunto com homem; como se dissesse: "*logo Sócrates é um homem bípede*", ou "*animal homem*". Pois estão contidos na razão de homem, "*animal*" e "*bípede*" em ato e intelecto, embora implicitamente. Consiste, portanto, a solução da questão nisto: que a unidade de muitos *per accidens* apenas no terceiro e a nugação impedem que se infira o conjunto a partir dos divididos; e, consequentemente, onde nenhum destes se encontra, será lícito inferir o conjunto a partir dos divididos. E entende isto quando as divididas são simultaneamente verdadeiras sobre o mesmo etc.

Lectio VII

1) Postquam expedita est prima dubitatio, tractat secundam dubitationem. Et circa hoc tria facit: primo, movet ipsam quaestionem; secundo, solvit eam; ibi: *sed quando in adiecto* etc., tertio, ex hoc excludit quemdam errorem; ibi: *quod autem non est* et cetera. Est ergo quaestio: an ex enunciatione habente praedicatum coniunctum, liceat inferre enunciationes dividentes illud coniunctum; et est quaestio contraria superiori. Ibi enim quaesitum est an ex divisis inferatur coniunctum; hic autem quaeritur an ex coniuncto sequantur divisa. Unde movendo quaestionem dicit: *verum autem aliquando est dicere de aliquo et simpliciter*, idest divisim, quod scilicet prius dicebatur coniunctim, *ut quemdam hominem album esse hominem, aut quoddam album hominem album esse*, idest ut ex ista, *Socrates est homo albus*, sequitur divisim, *ergo Socrates est homo, ergo Socrates est albus. Non autem semper*, idest aliquando autem ex coniuncto non inferri potest divisim; non enim sequitur, *Socrates est bonus citharoedus, ergo est bonus.* Unde haec est differentia, quod quandoque licet et quandoque non. Et adverte quod notanter adduxit exemplum de homine albo, inferendo utramque partem divisim, ut insinuaret quod intentio quaestionis est investigare quando ex coniuncto potest utraque pars divisim inferri, et non quando altera tantum.

1) Depois de resolvida a primeira dúvida, trata da segunda dúvida. E sobre isto faz três coisas: primeiro, propõe a própria questão; segundo, resolve-a; ali: "*mas quando no adjeto*" etc.; terceiro, a partir disso exclui um certo erro; ali: "*que porém o que não é*" etc. É, pois, a questão: se de uma enunciação que tem o predicado conjunto, seja lícito inferir as enunciações que dividem esse conjunto; e é a questão contrária à anterior. Pois ali perguntou-se se dos divididos se infere o conjunto; aqui, porém, pergunta-se se do conjunto se seguem os divididos. Por onde, movendo a questão, diz: "*mas às vezes é verdadeiro dizer de algo e simplesmente*", isto é, separadamente, o que a saber antes se dizia conjuntamente, "*como que um certo homem branco é homem, ou que um certo homem branco é branco*", isto é, para que desta, "*Sócrates é um homem branco*", siga-se separadamente: "*logo Sócrates é homem*", "*logo Sócrates é branco*". "*Não porém sempre*", isto é, algumas vezes porém não se pode inferir separadamente a partir do conjunto; pois não se segue: "*Sócrates é um bom citaredo, logo é bom*". Por onde, esta é a diferença: que às vezes é lícito e às vezes não. E adverte que notadamente aduziu o exemplo do homem branco, inferindo cada uma das partes separadamente, para insinuar que a intenção da questão é investigar quando, a partir do conjunto, pode-se inferir cada uma das partes separadamente, e não quando apenas uma delas.

2) Deinde cum dicit: *sed quando in adiecto* etc., solvit quaestionem. Et duo facit: primo, respondet parti negativae quaestionis, quando scilicet non licet; secundo, ibi: *quare in quantiscumque* etc., respondet parti affirmativae, quando scilicet licet. Circa primum considerandum quod quia dupliciter contingit fieri praedicatum coniunctum, uno modo ex oppositis, alio modo ex non oppositis, ideo duo facit: primo, ostendit quod numquam ex praedicato coniuncto ex oppositis possunt inferri eius partes divisim; secundo, quod nec hoc licet universaliter in praedicato coniuncto ex non oppositis, ibi: *vel etiam quando* et cetera. Ait ergo quod

2) Em seguida, quando diz: "*mas quando no adjeto*" etc., resolve a questão. E faz duas coisas: primeiro, responde à parte negativa da questão, a saber, quando não é lícito; segundo, ali: "*pelo que em tantas quantas*" etc., responde à parte afirmativa, a saber, quando é lícito. Sobre o primeiro ponto, deve-se considerar que, como acontece de o predicado conjunto formar-se de dois modos — um a partir de opostos, outro a partir de não opostos — por isso faz duas coisas: primeiro, mostra que nunca a partir de um predicado conjunto de opostos podem-se inferir as suas partes separadamente; segundo, que nem isto é lícito universalmente no

quando in termino adiecto inest aliquid de numero oppositorum, ad quae sequitur contradictio inter ipsos terminos, *non verum est*, scilicet inferre divisim, *sed falsum*. Verbi gratia cum dicitur, *Caesar est homo mortuus*, non sequitur, *ergo est homo*: quia ly *mortuus*, adiacens homini, oppositionem habet ad hominem, quam sequitur contradictio inter hominem et mortuum: si enim est homo, non est mortuus, quia non est corpus inanimatum; et si est mortuus, non est homo, quia mortuum est corpus inanimatum. *Quando autem non inest*, scilicet talis oppositio, *verum est*, scilicet inferre divisim. Ratio autem quare, quando est oppositio in adiecto, non sequitur illatio divisa est, quia alter terminus ex adiecti oppositione corrumpitur in ipsa enunciatione coniuncta. Corruptum autem seipsum absque corruptione non infert, quod illatio divisa sonaret.

predicado conjunto de não opostos; ali: "*ou também quando*" etc. Diz, pois, que quando no termo adjeto existe algo do número dos opostos, aos quais se segue contradição entre os próprios termos, "*não é verdadeiro*", a saber, inferir separadamente, "*mas falso*". Por exemplo, quando se diz: "*César é um homem morto*", não se segue: "*logo é homem*"; porque o termo "*morto*", adjacente ao homem, tem oposição ao homem, à qual se segue a contradição entre homem e morto: pois se é homem, não é morto, porque não é um corpo inanimado; e se é morto, não é homem, porque o morto é um corpo inanimado. "*Quando porém não existe*", a saber, tal oposição, "*é verdadeiro*", a saber, inferir separadamente. A razão, porém, de por que, quando há oposição no adjeto, não se segue a ilação dividida, é que um dos termos, pela oposição do adjeto, é corrompido na própria enunciação conjunta. Ora, o que está corrompido não infere a si mesmo sem corrupção, o que a ilação dividida soaria.

3) Dubitatur hic primo circa id quod supponitur, quomodo possit vere dici, *Caesar est homo mortuus*, cum enunciatio non possit esse vera, in qua duo contradictoria simul de aliquo praedicantur. Hoc enim est primum principium. *Homo* autem et *mortuus*, ut in littera dicitur, contradictoriam oppositionem includunt, quia in homine includitur vita, in mortuo non vita.

3) Duvida-se aqui, primeiro, sobre o que se supõe: como pode ser dito verdadeiramente "*César é um homem morto*", se a enunciação não pode ser verdadeira na qual dois contraditórios são predicados simultaneamente de algo? Pois este é o primeiro princípio. Ora, "*homem*" e "*morto*", como se diz na letra, incluem uma oposição contraditória, porque no homem se inclui a vida, no morto a não-vida.

4) Ad hoc simul dicitur quod aliud est loqui de duobus terminis secundum se, et aliud de eis ut unum stat sub determinatione alterius. Primo namque modo, *homo* et *mortuus*, contradictionem inter se habent, et impossibile est quod simul in eodem inveniantur. Secundo autem modo, *homo* et *mortuus*, non opponuntur, quia *homo* transmutatus iam per determinationem corruptivam importatam in ly *mortuus*, non stat pro suo significato secundum se, sed secundum exigentiam termini additi, a quo suum significatum distractum est. Ad utrunque autem insinuandum Aristoteles duo dixit, et quod habent oppositionem quam sequitur contradictio, attendens significata eorum secundum se, et quod etiam ex eis formatur una vera enunciatio cum dicitur, *Socrates est homo mortuus*, atten-

4) A isto se diz simultaneamente que uma coisa é falar de dois termos segundo si mesmos, e outra coisa é falar deles enquanto um está sob a determinação do outro. Pois, no primeiro modo, "*homem*" e "*morto*" têm contradição entre si, e é impossível que se encontrem simultaneamente no mesmo. No segundo modo, porém, "*homem*" e "*morto*" não se opõem, porque o "*homem*", já transmutado pela determinação corrompedora importada no termo "*morto*", não está pelo seu significado segundo si, mas segundo a exigência do termo adicionado, pelo qual o seu significado foi distraído. Para insinuar ambos os pontos, Aristóteles disse duas coisas: tanto que têm oposição à qual se segue contradição, atentando para os seus significados segundo si mesmos; quanto que também a partir deles se forma

dens coniunctionem eorum alterius corruptivam. Unde patet quid dicendum sit ad dubitationes. Ad utramque siquidem dicitur, quod non enunciantur duo contradictoria simul de eodem, sed terminus ut stat sub distractione, seu transmutatione alterius, cui secundum se esset contradictorius.

uma enunciação verdadeira quando se diz "*Sócrates é um homem morto*", atentando para a conjunção de um como corrompedora do outro. Por onde é claro o que se deve dizer às dúvidas. A ambas, por certo, diz-se que não se enunciam dois contraditórios simultaneamente sobre o mesmo, mas o termo enquanto está sob a distração ou transmutação do outro, ao qual, segundo si mesmo, seria contraditório.

5) Dubitatur quoque circa id quod ait: *inest aliquid oppositorum quae consequitur contradictio*; superflue enim videtur addi illa particula, *quae consequitur contradictio*. Omnia enim opposita consequitur contradictio, ut patet discurrendo in singulis; pater enim est non filius, et album non nigrum, et videns non caecum et cetera. Et ad hoc dicendum est quod opposita possunt dupliciter accipi: uno modo formaliter, idest secundum sua significata; alio modo denominative, seu subiective. Verbi gratia, pater et filius possunt accipi pro paternitate et filiatione, et possunt accipi pro eo qui denominatur pater vel filius. Rursus cum omnis distinctio fiat oppositione aliqua, ut dicitur in X metaphysicae, supponatur omnino distincta esse opposita. Dicendum ergo est quod, licet ad omnia opposita seu distincta contradictio sequatur inter se formaliter sumpta, non tamen ad omnia opposita sequitur contradictio inter ipsa denominative sumpta. Quamvis enim pater et filius mutuam sui negationem inferant inter se formaliter, quia paternitas est non filiatio, et filiatio est non paternitas; in relatione tamen ad denominatum, contradictionem non necessario inferunt. Non enim sequitur, Socrates est pater; ergo non est filius; nec e converso. Ut persuaderet igitur Aristoteles quod non quaecunque opposita colligata impediunt divisam illationem (quia non illa quae habent contradictionem annexam formaliter tantum, sed illa quae habent contradictionem et formaliter et secundum rem denominatam), addidit: *quae consequitur contradictio*, in tertio scilicet denominato. Et usus est satis congrue vocabulo, scilicet, *consequitur*: contradictio enim ista in tertio est quodammodo extra ipsa opposita.

5) Duvida-se também sobre o que diz: "*existe algo dos opostos aos quais se segue contradição*"; pois parece supérfluo acrescentar aquela partícula "*aos quais se segue contradição*". Pois a todos os opostos se segue contradição, como é patente percorrendo cada um; pois o pai é não-filho, o branco é não-preto, o vidente é não-cego etc. E a isto deve-se dizer que os opostos podem ser tomados de dois modos: de um modo formalmente, isto é, segundo os seus significados; de outro modo denominativamente, ou subjetivamente. Por exemplo, pai e filho podem ser tomados pela paternidade e filiação, e podem ser tomados por aquele que é denominado pai ou filho. Novamente, como toda distinção se faz por alguma oposição, como se diz no livro X da *Metafísica*, suponha-se que as coisas totalmente distintas sejam opostas. Deve-se dizer, portanto, que, embora a todos os opostos ou distintos se siga a contradição entre si tomados formalmente, não se segue porém a todos os opostos a contradição entre eles tomados denominativamente. Pois embora pai e filho infiram a negação mútua de si entre si formalmente, porque a paternidade é não-filiação e a filiação é não-paternidade; na relação porém com o denominado, não inferem necessariamente a contradição. Pois não se segue: "*Sócrates é pai, logo não é filho*"; nem vice-versa. Para persuadir, portanto, que não são quaisquer opostos coligados que impedem a ilação dividida (porque não o fazem aqueles que têm a contradição anexa apenas formalmente, mas aqueles que têm a contradição tanto formalmente quanto segundo a coisa denominada), Aristóteles acrescentou: "*aos quais se segue contradição*", a saber, no terceiro denominado. E usou de modo bastante cônguo o vocábulo "*segue-se*": pois esta contradição no terceiro está, de certo modo, fora dos próprios opostos.

6) Deinde cum dicit: *vel etiam quando est* etc., declarat quod ex non oppositis in tertio coniunctis secundum unum praedicatum, non universaliter possunt inferri partes divisim. Et primo, hoc proponit quasi emendans quod immediate dixerat, subiungens: *vel etiam quando est*, scilicet oppositio inter terminos coniunctos, *falsum est semper*, scilicet inferre divisim; quasi diceret: dixi quod quando inest oppositio, non verum sed falsum est inferre divisim; quando autem non inest talis oppositio, verum est inferre divisim. Vel etiam ut melius dicatur, quod quando est oppositio, falsum est semper, quando autem non inest talis oppositio, non semper verum est. Et sic modificavit supradicta addendo ly *semper*, et, *non semper*. Et subdens exemplum quod non semper ex non oppositis sequatur divisio, ait: *ut, Homerus est aliquid ut poeta; ergo etiam est? Non.* Ex hoc coniuncto, *est poeta*, de Homero enunciato, altera pars, *ergo Homerus est*, non sequitur; et tamen clarum est quod istae duae partes colligatae, *est* et *poeta*, non habent oppositionem, ad quam sequitur contradictio. Igitur non semper ex non oppositis coniunctis illatio divisa tenet et cetera.

6) Em seguida, quando diz: "*ou também quando é*" etc., declara que, a partir de não opostos conjuntos em um terceiro segundo um único predicado, nem universalmente se podem inferir as partes separadamente. E primeiro, propõe isto como que emendando o que dissera imediatamente, acrescentando: "*ou também quando há*", a saber, oposição entre os termos conjuntos, "*é falso sempre*", a saber, inferir separadamente; como se dissesse: eu disse que quando existe oposição, não é verdadeiro mas falso inferir separadamente; quando porém não existe tal oposição, é verdadeiro inferir separadamente. Ou também, para que se diga melhor: que quando há oposição, é falso sempre; quando porém não existe tal oposição, nem sempre é verdadeiro. E assim modificou o que foi dito acima acrescentando os termos "*sempre*" e "*nem sempre*". E acrescentando o exemplo de que nem sempre a partir de não opostos se segue a divisão, diz: "*como: Homero é algo como poeta; logo também é [existe]? Não.*" Deste conjunto, "*é poeta*", enunciado de Homero, a outra parte, "*logo Homero é [existe]*", não se segue; e no entanto é claro que estas duas partes coligadas, "*é*" e "*poeta*", não têm oposição à qual se siga contradição. Portanto, nem sempre de não opostos conjuntos a ilação dividida se sustenta etc.

7) Deinde cum dicit: *secundum accidens* etc., probat hoc, quod modo dictum est, ex eo quod altera pars istius compositi, scilicet, *est*, in antecedente coniuncto praedicatur de Homero *secundum accidens*, idest ratione alterius, *quoniam*, scilicet poeta, praedicatur de Homero, et non praedicatur secundum se ly *est* de Homero; quod tamen infertur, cum concluditur: *ergo Homerus est.* Considerandum est hic quod ad solvendam illam conclusionem negativam, scilicet, — non semper ex non oppositis coniunctis infertur divisim, — sufficit unam instantiam suae oppositae universali affirmativae afferre. Et hoc fecit Aristoteles adducendo illud genus enunciationum, in quo altera pars coniuncti est aliquid pertinens ad actum animae. Loquimur enim modo de Homero vivente in poematibus suis in mentibus hominum. In his siquidem enunciationibus partes coniunctae non sunt oppositae in tertio, et tamen non licet inferre utramque partem divisim. Committitur enim fallacia secun-

7) Em seguida, quando diz: "*segundo o acidente*" etc., prova isto que acabou de ser dito pelo fato de que a outra parte deste composto, a saber, "*é*", no antecedente conjunto é predicada de Homero "*segundo o acidente*", isto é, em razão de outro, "*visto que*", a saber, poeta, é predicado de Homero, e não se predica segundo si o termo "*é*" sobre Homero; o qual no entanto é inferido quando se conclui: "*logo Homero é [existe]*". Deve-se considerar aqui que, para resolver aquela conclusão negativa — a saber, que nem sempre a partir de não opostos conjuntos se infere separadamente — basta aduzir uma única instância contra a sua oposta universal afirmativa. E isto fez Aristóteles aduzindo aquele gênero de enunciações no qual a outra parte do conjunto é algo pertencente ao ato da alma. Falamos, pois, agora de Homero vivendo em seus poemas nas mentes dos homens. Nestas enunciações, por certo, as partes conjuntas não são opostas no terceiro, e no entanto não é lícito inferir cada uma das partes

dum quid ad simpliciter. Non enim valet, *Caesar est laudatus, ergo est*: et simile est de esse in effectu dependente in conservari. Quomodo autem intelligenda sit ratio ad hoc adducta ab Aristotele in sequenti particula dicetur.

separadamente. Comete-se, de fato, a falácia do *secundum quid* para o *simpliciter*. Pois não vale: "*César é louvado, logo existe*"; e o mesmo ocorre com o ser em efeito dependente na conservação. Como porém se deve entender a razão aduzida por Aristóteles para isto, dir-se-á na partícula seguinte.

8) Deinde cum dicit: *quare in quantiscunque* etc., respondet parti affirmativae quaestionis, quando scilicet ex coniunctis licet inferre divisim. Et ponit duas conditiones oppositas supradictis debere convenire in unum, ad hoc ut possit fieri talis consequentia; scilicet, quod nulla inter partes coniuncti oppositio sit, et quod secundum se praedicentur. Unde dicit inferendo ex dictis: *quare in quantiscunque praedicamentis*, idest praedicatis ordine quodam adunatis, *neque contrarietas aliqua*, in cuius ratione ponitur contradictio in tertio (contraria enim sunt quae mutuo se ab eodem expellunt), aut universaliter *nulla oppositio inest*, ex qua scilicet sequatur contradictio in tertio, *si definitiones pro nominibus sumantur*. Dixit hoc, quia licet in quibusdam non appareat oppositio, solis nominibus positis, sicut, *homo mortuus*, et in quibusdam appareat, ut, *vivum mortuum*; hoc tamen non obstante, si, positis nominum definitionibus loco nominum, oppositio appareat, inter opposita collocamus. Sicut, verbi gratia, *homo mortuus*, licet oppositionem non praeseferat, tamen si loco hominis et mortui eorum definitionibus utamur, videbitur contradictio. Dicemus enim corpus animatum rationale, corpus inanimatum irrationale. In quantiscunque, inquam, coniunctis nulla est oppositio, *et secundum se, et non secundum accidens praedicantur*, in his verum erit dicere et simpliciter, idest divisim quod fuerat coniunctim enunciatum.

8) Em seguida, quando diz: "*pelo que em tantas quantas*" etc., responde à parte afirmativa da questão, a saber, quando a partir de conjuntos é lícito inferir separadamente. E põe que duas condições opostas às supraditas devem convir em uma só, para que possa haver tal consequência; a saber: que não haja nenhuma oposição entre as partes do conjunto, e que sejam predicadas segundo si mesmas (*secundum se*). Por onde diz, inferindo do que foi dito: "*pelo que em tantos quantos predicamentos*", isto é, predicados adunados em uma certa ordem, "*nem alguma contrariedade*", em cuja razão se põe a contradição no terceiro (pois contrários são os que mutuamente se expelem do mesmo), ou universalmente "*nenhuma oposição existe*", da qual a saber se siga a contradição no terceiro, "*se as definições forem tomadas pelos nomes*". Disse isto porque, embora em alguns não apareça a oposição postos apenas os nomes, como "*homem morto*", e em outros apareça, como "*vivo morto*"; não obstante, se, postas as definições dos nomes em lugar dos nomes, a oposição aparecer, colocamo-los entre os opostos. Como, por exemplo, "*homem morto*", embora não apresente a oposição, todavia, se usarmos as suas definições em lugar de homem e morto, ver-se-á a contradição. Diremos, de fato: corpo animado racional, corpo inanimado irracional. Em todos os conjuntos, digo, em que não há oposição, "*e se predicam segundo si, e não segundo o acidente*", nestes será verdadeiro dizer também simplesmente, isto é, separadamente, o que fora enunciado conjuntamente.

9) Ad evidentiam secundae conditionis hic positae, nota quod ly *secundum se* potest dupliciter accipi: uno modo positive, et sic dicit perseitatem primi, secundi, universaliter, quarti modi; alio modo negative, et sic idem sonat quod non per aliud. Rursus considerandum est quod cum Aristoteles dixit de praedicato coniuncto quod, *secundum se praedice-*

9) Para a evidência da segunda condição aqui posta, nota que o termo "*secundum se*" pode ser tomado de dois modos: de um modo positivamente, e assim diz a perseidade do primeiro, segundo, universalmente e quarto modos; de outro modo negativamente, e assim soa o mesmo que "não por outro". Novamente, deve-se considerar que, quando Aristóte-

tur, ly *secundum se* potest ad tria referri, scilicet, ad partes coniuncti inter se, ad totum coniunctum respectu subiecti, et ad partes coniuncti respectu subiecti. Si ergo accipiatur ly *secundum se* positive, licet non falsus, extraneus tamen a mente Aristotelis reperitur sensus ad quodcunque illorum trium referatur. Licet enim valeat, *est homo risibilis, ergo est homo et est risibilis*, et, *est animal rationale, ergo est animal et est rationale*; tamen his oppositae inferunt similes consequentias. Dicimus enim, *est albus musicus, ergo est musicus et est albus*: ubi nulla est perseitas, sed est coniunctio per accidens, tam inter partes inter se, quam inter totum et subiectum, quam etiam inter partes et subiectum. Liquet igitur quod non accipit Aristoteles ly *secundum se* positive, ex eo quod vana fuisset talis additio, quae ab oppositis non facit in hoc differentiam. Ad quid enim addidit, *secundum se*, et non, *secundum accidens*, si tam illae quae sunt *secundum se*, modo exposito, quam illae quae sunt *secundum accidens* ex coniuncto, inferunt divisum? Si vero accipiatur *secundum se*, negative, idest, non per aliud, et referatur ad partes coniuncti inter se, falsa invenitur regula. Nam non licet dicere, *est bonus citharoedus; ergo est bonus et citharoedus*; et tamen ars citharizandi et bonitas eius sine medio coniunguntur. Et similiter contingit, si referatur ad totum coniunctum respectu subiecti, ut in eodem exemplo apparet. Totum enim hoc, *citharoedus bonus*, non propter aliud convenit homini; et tamen non infert, ut dictum est, divisionem. Superest ergo ut ad partem coniuncti respectu subiecti referatur, et sit sensus: quando aliqua coniunctim praedicata, *secundum se*, idest, non per aliud, *praedicantur*, idest, quod utraque pars praedicatur de subiecto non propter alteram, sed propter seipsam et subiectum, tunc ex coniuncto infertur divisa praedicatio.

les disse do predicado conjunto que "*se predica secundum se*", o termo "*secundum se*" pode referir-se a três coisas, a saber: às partes do conjunto entre si, ao todo conjunto em relação ao sujeito, e às partes do conjunto em relação ao sujeito. Se, portanto, se toma o termo "*secundum se*" positivamente, embora não falso, encontra-se um sentido estranho à mente de Aristóteles, a qualquer uma daquelas três coisas a que se refira. Pois, embora valha: "*é um homem risível, logo é homem e é risível*", e "*é um animal racional, logo é animal e é racional*"; todavia, as opostas a estas inferem consequências semelhantes. Dizemos, de fato: "*é branco músico, logo é músico e é branco*": onde não há nenhuma perseidade, mas é uma conjunção por acidente, tanto entre as partes entre si quanto entre o todo e o sujeito, como também entre as partes e o sujeito. É claro, portanto, que Aristóteles não toma o termo "*secundum se*" positivamente, pelo fato de que teria sido vã tal adição, que não faz diferença nisto em relação às opostas. Pois para que acrescentou "*secundum se*", e não "*segundo o acidente*", se tanto aquelas que são "*secundum se*", no modo exposto, quanto aquelas que são "*segundo o acidente*", inferem o dividido a partir do conjunto? Se, porém, se toma "*secundum se*" negativamente, isto é, "não por outro", e se refere às partes do conjunto entre si, a regra encontra-se falsa. Pois não é lícito dizer: "*é um bom citaredo, logo é bom e é citaredo*"; e, no entanto, a arte de citarizar e a sua bondade se conjungem sem meio. E o mesmo acontece se se referir ao todo conjunto em relação ao sujeito, como aparece no mesmo exemplo. Pois todo este "*citaredo bom*" não convém ao homem por causa de outro; e no entanto não infere, como foi dito, a divisão. Resta, portanto, que se refira à parte do conjunto em relação ao sujeito, e o sentido seja: quando algumas coisas predicadas conjuntamente se "*predicam secundum se*", isto é, não por outro — isto é, que cada uma das partes se predica do sujeito não por causa da outra, mas por causa de si mesma e do sujeito — então, a partir do conjunto, infere-se a predicação dividida.

10) Et hoc modo exponunt Averroes et Boethius; et vera invenitur regula, ut inductive facile manifestari potest, et ratio ipsa suadet. Si enim partes

10) E deste modo expõem Averróis e Boécio; e a regra encontra-se verdadeira, como se pode manifestar facilmente por indução, e a própria razão

alicuius coniuncti praedicati ita inhaerent subiecto quod neutra propter alteram insit, earum separatio nihil habet quod veritatem impediat divisarum. Est et verbis Aristotelis consonus sensus iste. Quoniam et per hoc distinguit inter enunciationes ex quibus coniunctum infert divisam praedicationem, et eas quibus haec non inest consequentia. Istae siquidem ultra habentes oppositiones in adiecto, sunt habentes praedicatum coniunctum, cuius una partium alterius est ita determinatio, quod nonnisi per illam subiectum respicit, sicut apparet in exemplo ab Aristotele adducto, *Homerus est poeta. Est* siquidem ibi non respicit Homerum ratione ipsius Homeri, sed praecise ratione poesis relictae; et ideo non licet inferre, *ergo Homerus est.* Et simile est in negativis. Si quis enim dicat, *Socrates non est paries*, non licet inferre, *ergo Socrates non est*, eadem ratione, quia esse non est negatum de Socrate, sed de pariete in Socrate.

o persuade. Pois se as partes de algum predicado conjunto são inerentes ao sujeito de tal modo que nenhuma delas exista por causa da outra, a sua separação nada tem que impeça a verdade das divididas. E este sentido é consono às palavras de Aristóteles. Visto que também por isto distingue entre as enunciações a partir das quais o conjunto infere a predicação dividida e aquelas nas quais esta consequência não existe. Estas, por certo, além de terem oposições no adjeto, são as que têm um predicado conjunto do qual uma das partes é de tal modo determinação da outra que não respeita o sujeito senão por meio dela, como aparece no exemplo aduzido por Aristóteles: "*Homero é poeta*". O termo "*é*", por certo, ali não respeita Homero em razão do próprio Homero, mas precisamente em razão da poesia deixada; e por isso não é lícito inferir: "*logo Homero é [existe]*". E o mesmo ocorre nas negativas. Pois se alguém disser: "*Sócrates não é uma parede*", não é lícito inferir: "*logo Sócrates não é [não existe]*", pela mesma razão, porque o ser não foi negado de Sócrates, mas da parede em Sócrates.

11) Et per hoc patet qualiter sit intelligenda ratio in textu superiore adducta. Accipitur enim ibi, *secundum se* negative, modo hic exposito, et *secundum accidens*, idest propter aliud. In eadem ergo significatione est usus ly *secundum accidens*, solvendo hanc et praecedentem quaestionem: utrobique enim intellexit *secundum accidens*, idest, propter aliud, coniuncta, sed ad diversa retulit. Ibi namque ly *secundum accidens* determinabat coniunctionem duorum praedicatorum inter se; hic vero determinat partem coniuncti praedicati in ordine ad subiectum. Unde ibi, *album* et *musicum*, inter ea quae secundum accidens sunt, numerabantur; hic autem non.

11) E por isto é patente como se deve entender a razão aduzida no texto superior. Pois ali se toma o termo "*secundum se*" negativamente, no modo aqui exposto, e "*segundo o acidente*", isto é, por causa de outro. Na mesma significação, portanto, usou o termo "*segundo o acidente*" ao resolver esta questão e a anterior: em ambas, de fato, entendeu por "*segundo o acidente*" — isto é, por causa de outro — as coisas conjuntas, mas referiu-as a coisas diversas. Pois ali, o termo "*segundo o acidente*" determinava a conjunção de dois predicados entre si; aqui, porém, determina a parte do predicado conjunto em ordem ao sujeito. Por onde ali, "*branco*" e "*músico*" eram numerados entre as coisas que são segundo o acidente; aqui, porém, não.

12) Sed occurrit circa hanc expositionem dubitatio non parva. Si enim ideo non licet ex coniuncto inferre divisim, quia altera pars coniuncti non respicit subiectum propter se, sed propter alteram partem (ut dixit Aristoteles de ista enunciatione, *Homerus est poeta*), sequetur quod numquam a tertio adiacente ad secundum erit bona conse-

12) Mas ocorre sobre esta exposição uma dúvida não pequena. Pois se por isso não é lícito inferir separadamente a partir do conjunto — porque uma parte do conjunto não respeita o sujeito por causa de si, mas por causa da outra parte (como disse Aristóteles sobre esta enunciação: "*Homero é poeta*") — seguir-se-á que nunca do terceiro adja-

quentia: quia in omni enunciatione de tertio adiacente, *est* respicit subiectum propter praedicatum et non propter se et cetera.

13) Ad huius difficultatis evidentiam, nota primo hanc distinctionem. Aliud est tractare regulam, quando ex tertio adiacente infertur secundum et quando non, et aliud quando ex coniuncto fit illatio divisa et quando non. Illa siquidem est extra propositum, istam autem venamur. Illa compatitur varietatem terminorum, ista non. Si namque unus terminorum, qui est altera pars coniuncti, secundum significationem seu suppositionem varietur in separatione, non infertur ex coniuncto praedicato illudmet divisim, sed aliud. Nota secundo hanc propositionem: cum ex tertio adiacente infertur secundum, non servatur identitas terminorum. Liquet ista quoad illum terminum, *est*. Dictum siquidem fuit supra a sancto Thoma, quod aliud importat *est* secundum adiacens, et aliud *est* tertium adiacens. Illud namque importat actum essendi simpliciter, hoc autem habitudinem inhaerentiae vel identitatis praedicati ad subiectum. Fit ergo varietas unius termini cum ex tertio adiacente infertur secundum, et consequenter non fit illatio divisi ex coniuncto. Unde praelucet responsio ad obiectionem, quod, licet ex tertio adiacente quandoque possit inferri secundum, numquam tamen ex tertio adiacente licet inferri secundum tamquam ex coniuncto divisum, quia inferri non potest divisim, cuius altera pars ipsa divisione perit. Negetur ergo consequentia obiectionis et ad probationem dicatur quod, optime concludit quod talis illatio est illicita infra limites illationum, quae ex coniuncto divisionem inducunt, de quibus hic Aristoteles loquitur.

14) Sed contra hoc instatur. Quia etiam tanquam ex coniuncto divisa fit illatio, *Socrates est albus, ergo est*, per locum a parte in modo ad suum totum, ubi non fit varietas terminorum. Et ad hoc dicitur quod licet *homo albus* sit pars in modo hominis (quia nihil minuit de hominis ratione albedo, sed ponit hominem simpliciter), tamen *est album*

cente para o segundo haverá uma boa consequência: porque em toda enunciação de terceiro adjacente, o termo "*é*" respeita o sujeito por causa do predicado e não por causa de si etc.

13) Para a evidência desta dificuldade, nota primeiro esta distinção. Uma coisa é tratar da regra de quando do terceiro adjacente se infere o segundo e quando não, e outra coisa é quando do conjunto se faz a ilação dividida e quando não. Aquela, por certo, está fora do propósito; esta, porém, é a que caçamos. Aquela admite a variedade dos termos; esta, não. Pois se um dos termos, que é a outra parte do conjunto, variar segundo a significação ou suposição na separação, não se infere a partir do predicado conjunto esse mesmo separadamente, mas outro. Nota, segundo, esta proposição: quando do terceiro adjacente se infere o segundo, não se preserva a identidade dos termos. Isto é claro quanto àquele termo "*é*". Pois foi dito acima por São Tomás que uma coisa importa o "*é*" como segundo adjacente, e outra o "*é*" como terceiro adjacente. Pois aquele importa o ato de ser simplesmente, este porém a relação de inerência ou identidade do predicado ao sujeito. Ocorre, portanto, a variedade de um termo quando do terceiro adjacente se infere o segundo e, consequentemente, não se faz a ilação do dividido a partir do conjunto. Por onde brilha a resposta à objeção: que, embora do terceiro adjacente às vezes se possa inferir o segundo, nunca porém é lícito inferir o segundo do terceiro adjacente como um dividido a partir do conjunto, porque não se pode inferir separadamente aquilo cuja outra parte perece pela própria divisão. Negue-se, portanto, a consequência da objeção, e à prova diga-se que ela conclui otimamente que tal ilação é ilícita dentro dos limites das ilações que induzem a divisão a partir do conjunto, das quais Aristóteles aqui fala.

14) Mas contra isto se instâncias. Porque também como dividida a partir do conjunto se faz a ilação: "*Sócrates é branco, logo é [existe]*", pelo lugar da parte em modo para o seu todo, onde não ocorre variedade de termos. E a isto se diz que, embora "*homem branco*" seja parte em modo de homem (porque a brancura nada diminui da razão

non est pars in modo ipsius *est*, eo quod pars in modo est universale cum conditione non minuente, ponente illud simpliciter. Clarum est autem quod *album* minuit rationem ipsius *est*, et non ponit ipsum simpliciter: contrahit enim ad esse secundum quid. Unde apud philosophos, cum fit aliquid album, non dicitur generari, sed generari secundum quid.

de homem, mas põe o homem simplesmente), todavia "*é branco*" não é parte em modo do próprio "*é*", pelo fato de que a parte em modo é um universal com uma condição não diminuinte, pondo-o simplesmente. Ora, é claro que "*branco*" diminui a razão do próprio "*é*", e não o põe simplesmente: pois o contrai ao ser "*secundum quid*". Por onde, entre os filósofos, quando algo se torna branco, não se diz que é gerado, mas gerado "*secundum quid*".

15) Sed instatur adhuc quia secundum hoc, dicendo, *est animal, ergo est*, fit illatio divisa per eumdem locum. *Animal* enim non minuit rationem ipsius *est*. Ad hoc est dicendum quod ly *est*, si dicat veritatem propositionis, manifeste peccatur a secundum quid ad simpliciter. Si autem dicat actum essendi, illatio est bona, sed non est de tertio, sed de secundo adiacente.

15) Mas instancia-se ainda que, segundo isto, dizendo "*é animal, logo é [existe]*", faz-se a ilação dividida pelo mesmo lugar. Pois "*animal*" não diminui a razão do próprio "*é*". A isto se deve dizer que o termo "*é*", se diz a verdade da proposição, peca manifestamente do "*secundum quid*" para o "*simpliciter*". Se porém diz o ato de ser, a ilação é boa, mas não é de terceiro, mas de segundo adjacente.

16) Potest ulterius dubitari circa principale: quia sequitur, *est quantum coloratum, ergo est quantum, et, est coloratum*; et tamen *coloratum* respicit subiectum mediante quantitate: ergo non videtur recta expositio supra adducta. Ad hoc et similia dicendum est quod *coloratum* non ita inest subiecto per quantitatem quod sit eius determinatio et ratione talis determinationis subiectum denominet, sicut bonitas artem citharisticam determinat; cum dicitur, *est citharoedus bonus*; sed potius subiectum ipsum primo *coloratum* denominatur, *quantum* vero secundario *coloratum* dicitur, licet color media quantitate suscipiatur. Unde notanter supra diximus, quod tunc altera pars coniuncti praedicatur per accidens, quando praecise denominat subiectum, quia denominat alteram partem. Quod nec in similibus instantiis invenitur.

16) Pode-se, ademais, duvidar sobre o ponto principal: porque se segue "*é um quanto colorido, logo é um quanto, e é colorido*"; e, no entanto, "*colorido*" respeita o sujeito mediante a quantidade: logo não parece reta a exposição aduzida acima. A isto e semelhantes deve-se dizer que "*colorido*" não é inerente ao sujeito pela quantidade de tal modo que seja a sua determinação e, em razão de tal determinação, denomine o sujeito, como a bondade determina a arte citarística quando se diz "*é um bom citaredo*"; mas antes o próprio sujeito é denominado primeiro como "*colorido*", enquanto o "*quanto*" é dito secundariamente como "*colorido*", embora a cor seja recebida por meio da quantidade. Por onde notadamente dissemos acima que então a outra parte do conjunto se predica por acidente quando denomina precisamente o sujeito porque denomina a outra parte. O que não se encontra em instâncias semelhantes.

17) Deinde cum dicit: *quod autem non est* etc., excludit quorumdam errorem qui, *quod non est, esse* tali syllogismo concludere satagebant: *quod est, opinabile est. Quod non est, est opinabile. Ergo quod non est, est.* Hunc siquidem processum elidit Aristoteles destruendo primam propositionem, quae partem coniuncti in subiecto divisim praedicat, ac si diceret: *est opinabile, ergo*

17) Em seguida, quando diz: "*que porém o que não é*" etc., exclui o erro de alguns que se esforçavam por concluir que "*o que não é, é*" por tal silogismo: "*o que é, é opinável. O que não é, é opinável. Logo o que não é, é.*" Aristóteles, por certo, elimina este processo destruindo a primeira proposição, que predica separadamente a parte do conjunto no sujeito, como se dissesse: "*é opinável, logo é [ex-*

est. Unde assumendo subiectum conclusionis illorum ait: *quod autem non est*; et addit medium eorum, *quoniam opinabile est*; et subdit maiorem extremitatem, *non est verum dicere, esse aliquid*. Et causam assignat, quia talis opinatio non propterea est, quia illud sit, sed potius quia non est.

iste]". Por onde, assumindo o sujeito da conclusão deles, diz: "*que porém o que não é*"; e acrescenta o termo médio deles, "*visto que é opinável*"; e acrescenta a extremidade maior: "*não é verdadeiro dizer que é algo*". E atribui a causa: porque tal opinião não existe por isso, porque aquilo seja, mas antes porque não é.

Lectio VIII

1) Postquam determinatum est de enunciationibus, quarum partibus aliud additur tam remanente quam variata unitate, hic intendit declarare quid accidat enunciationi, ex eo quod aliquid additur, non suis partibus, sed compositioni eius. Et circa hoc duo facit: primo, determinat de oppositione earum; secundo, de consequentiis; ibi: *consequentiae vero* et cetera. Circa primum duo facit: primo, proponit quod intendit; secundo, exequitur; ibi: *nam si eorum* et cetera. Proponit ergo quod iam perspiciendum est, quomodo se habeant affirmationes et negationes enunciationum de possibili et non possibili et cetera. Et causam subdit: habent enim multas dubitationes speciales. Sed antequam ulterius procedatur, quoniam de enunciationibus, quae modales vocantur, sermo inchoatur, praelibandum est esse quasdam modales enunciationes, et qui et quot sunt modi reddentes propositiones modales; et quid earum sit subiectum et quid praedicatum; et quid sit ipsa enunciatio modalis; quisque sit ordo earum ad praecedentes; et quae necessitas sit specialem faciendi tractatum de his.

1) Depois de se ter determinado sobre as enunciações a cujas partes algo se acrescenta, tanto permanecendo quanto variando a unidade, aqui se pretende declarar o que acontece à enunciação pelo fato de algo ser acrescentado, não às suas partes, mas à sua própria composição. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, determina sobre a oposição delas; segundo, sobre as consequências; ali: "*as consequências, porém*" etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, executa-o; ali: "*pois se delas*" etc. Propõe, portanto, que já se deve observar como se comportam as afirmações e negações das enunciações sobre o possível e o não possível etc. E acrescenta a causa: pois possuem muitas dúvidas especiais. Mas antes que se proceda mais adiante, visto que se inicia o discurso sobre as enunciações que se chamam modais, deve-se pressupor que existem certas enunciações modais, e quais e quantos são os modos que tornam as proposições modais; e qual é o sujeito e qual o predicado delas; e o que é a própria enunciação modal; qual é a ordem delas em relação às precedentes; e que necessidade há de fazer um tratado especial sobre elas.

2) Quia ergo possumus dupliciter de rebus loqui; uno modo, componendo rem unam cum alia, alio modo, compositionem factam declarando qualis sit, insurgunt duo enunciationum genera; quaedam scilicet enunciantes aliquid inesse vel non inesse alteri, et hae vocantur de inesse, de quibus superius habitus est sermo; quaedam vero enunciantes modum compositionis praedicati cum subiecto, et hae vocantur modales, a principaliori parte sua, modo scilicet. Cum enim dicitur, *Socratem currere est possibile*, non enunciatur cursus de Socrate, sed qualis sit compositio cursus cum Socrate, scilicet possibilis. Signanter autem dixi modum compositionis, quoniam modus in enunciatione positus duplex est. Quidam enim determinat verbum, vel ratione significati ipsius verbi ut *Socrates currit velociter*, vel ratione temporis consignificati, ut *Socrates currit hodie*; quidam autem determinat compositionem ipsam praedicati cum subiecto; sicut

2) Porque, portanto, podemos falar das coisas de dois modos — de um modo, compondo uma coisa com outra; de outro modo, declarando de que tipo é a composição feita — surgem dois gêneros de enunciações: a saber, algumas que enunciam que algo inerente ou não inerente a outro, e estas chamam-se "de inesse" [categóricas], sobre as quais se tratou acima; outras, porém, que enunciam o modo da composição do predicado com o sujeito, e estas chamam-se modais, a partir de sua parte principal, a saber, o modo. Pois quando se diz: "*que Sócrates corra é possível*", não se enuncia a corrida sobre Sócrates, mas de que tipo é a composição da corrida com Sócrates, a saber, possível. Disse significativamente "modo da composição", visto que o modo posto na enunciação é duplo. Pois um determina o verbo, seja em razão do significado do próprio verbo, como "*Sócrates corre velozmente*", seja em razão do tempo consignifi-

cum dicitur, *Socratem currere est possibile*. In illis namque determinatur qualis cursus insit Socrati, vel quando; in hac autem, qualis sit coniunctio cursus cum Socrate. Modi ergo non illi qui rem verbi, sed qui compositionem determinant, modales enunciationes reddunt, eo quod compositio veluti forma totius totam enunciationem continet.

cado, como "*Sócrates corre hoje*"; outro, porém, determina a própria composição do predicado com o sujeito, como quando se diz: "*que Sócrates corra é possível*". Naquelas, de fato, determina-se que tipo de corrida inere a Sócrates, ou quando; nesta, porém, qual é a conjunção da corrida com Sócrates. Portanto, não aqueles modos que determinam a coisa do verbo, mas os que determinam a composição, é que tornam as enunciações modais, pelo fato de que a composição, como forma do todo, contém toda a enunciação.

3) Sunt autem huiusmodi modi quatuor proprie loquendo, scilicet possibile et impossibile, necessarium et contingens. Verum namque et falsum, licet supra compositionem cadant cum dicitur, *Socratem currere est verum, vel hominem esse quadrupedem est falsum*, attamen modificare proprie non videntur compositionem ipsam. Quia modificari proprie dicitur aliquid, quando redditur aliquale, non quando fit secundum suam substantiam. Compositio autem quando dicitur vera, non aliqualis proponitur, sed quod est: nihil enim aliud est dicere, *Socratem currere est verum*, quam quod compositio cursus cum Socrate est. Et similiter quando est falsa, nihil aliud dicitur, quam quod non est: nam nihil aliud est dicere, *Socratem currere est falsum*, quam quod compositio cursus cum Socrate non est. Quando vero compositio dicitur possibilis aut contingens, iam non ipsam esse, sed ipsam aliqualem esse dicimus: cum siquidem dicitur, *Socratem currere est possibile*, non substantificamus compositionem cursus cum Socrate, sed qualificamus, asserentes illam esse possibilem. Unde Aristoteles hic modos proponens, veri et falsi nullo modo meminit, licet infra verum et non verum inferat, propter causam ibi assignandam.

3) São quatro, propriamente falando, os modos deste tipo: a saber, possível e impossível, necessário e contingente. Pois o verdadeiro e o falso, embora recaiam sobre a composição quando se diz: "*que Sócrates corra é verdadeiro*", ou "*que o homem seja quadrúpede é falso*", no entanto não parecem modificar propriamente a composição mesma. Pois algo diz-se ser modificado propriamente quando se torna de tal qualidade, não quando se faz segundo a sua substância. Ora, a composição, quando se diz verdadeira, não é proposta como sendo de tal qualidade, mas como o que é: pois dizer "*que Sócrates corra é verdadeiro*" nada mais é do que dizer que a composição da corrida com Sócrates é [existe]. E, semelhantemente, quando é falsa, nada mais se diz senão que não é: pois dizer "*que Sócrates corra é falso*" nada mais é do que dizer que a composição da corrida com Sócrates não é. Quando, porém, a composição é dita possível ou contingente, já não dizemos que ela simplesmente é, mas que ela é de tal qualidade: visto que, quando se diz "*que Sócrates corra é possível*", não substantivamos a composição da corrida com Sócrates, mas a qualificamos, asseverando que ela é possível. Por onde Aristóteles, ao propor aqui os modos, de modo algum faz menção do verdadeiro e do falso, embora abaixo infira o verdadeiro e o não verdadeiro, por causa a ser ali atribuída.

4) Et quia enunciatio modalis duas in se continet compositiones, alteram inter partes dicti, alteram inter dictum et modum, intelligendum est eam compositionem modificari, idest, quae est inter partes dicti, non eam quae est inter modum et dictum. Quod sic perpendi potest. Huius enunciationis mo-

4) E porque a enunciação modal contém em si duas composições — uma entre as partes do "dito" (*dictum*), outra entre o dito e o modo — deve-se entender que aquela composição é modificada, isto é, a que está entre as partes do dito, não a que está entre o modo e o dito. O que pode ser assim

dalis, *Socratem esse album est possibile*, duae sunt partes; altera est, *Socratem esse album*, altera est, *possibile*. Prima dictum vocatur, eo quod est id quod dicitur per eius indicativam, scilicet, *Socrates est albus*: qui enim profert hanc, *Socrates est albus*, nihil aliud dicit nisi *Socratem esse album*: secunda vocatur modus, eo quod modi adiectio est. Prima compositionem quandam in se continet ex Socrate et albo; secunda pars primae opposita compositionem aliquam sonat ex dicti compositione et modo. Prima rursus pars, licet omnia habeat propria, subiectum scilicet, et praedicatum, copulam et compositionem, tota tamen subiectum est modalis enunciationis; secunda autem est praedicatum. Dicti ergo compositio subiicitur et modificatur in enunciatione modali. Qui enim dicit, *Socratem esse album est possibile*, non significat qualis est coniunctio possibilitatis cum hoc dicto, *Socratem esse album*, sed insinuat qualis sit compositio partium dicti inter se, scilicet albi cum Socrate, scilicet quod est compositio possibilis. Non dicit igitur enunciatio modalis aliquid inesse, vel non inesse, sed dicti potius modum enunciat. Nec proprie componit secundum significatum, quia compositionis non est compositio, sed rerum compositioni modum apponit. Unde nihil aliud est enunciatio modalis, quam enunciatio dicti modificativa.

ponderado: desta enunciação modal, "*que Sócrates seja branco é possível*", duas são as partes; uma é "*que Sócrates seja branco*", a outra é "*possível*". A primeira chama-se "dito", pelo fato de ser aquilo que se diz pela sua indicativa, a saber, "*Sócrates é branco*": pois quem profere esta, "*Sócrates é branco*", nada mais diz senão que Sócrates é branco; a segunda chama-se "modo", pelo fato de ser a adição do modo. A primeira contém em si uma certa composição de Sócrates e branco; a segunda parte, oposta à primeira, soa como alguma composição da composição do dito com o modo. A primeira parte, novamente, embora tenha todas as propriedades — a saber, sujeito e predicado, cópula e composição — é, contudo, o sujeito da enunciação modal; a segunda, porém, é o predicado. A composição do dito, portanto, é sujeitada e modificada na enunciação modal. Pois quem diz: "*que Sócrates seja branco é possível*", não significa qual é a conjunção da possibilidade com este dito, "*que Sócrates seja branco*", mas insinua de que tipo é a composição das partes do dito entre si, a saber, do branco com Sócrates: a saber, que é uma composição possível. Portanto, a enunciação modal não diz que algo inere ou não inere, mas antes enuncia o modo do dito. Nem compõe propriamente segundo o significado, porque da composição não há composição, mas apõe um modo à composição das coisas. Por onde a enunciação modal nada mais é do que uma enunciação modificativa do dito.

5) Nec propterea censenda est enunciatio plures modalis, quia omnia duplicata habeat: quoniam unum modum de unica compositione enunciat, licet illius compositionis plures sint partes. Plura enim illa ad dicti compositionem concurrentia, veluti plura ex quibus fit unum subiectum concurrunt, de quibus dictum est supra quod enunciationis unitatem non impediunt. Sicut nec cum dicitur, *domus est alba*, est enunciatio multiplex, licet domus ex multis consurgat partibus.

5) Nem por isso a enunciação modal deve ser considerada múltipla, pelo fato de ter tudo duplicado: visto que enuncia um único modo de uma única composição, embora dessa composição existam várias partes. Pois aquelas várias coisas que concorrem para a composição do dito concorrem como várias coisas das quais se faz um único sujeito, sobre as quais foi dito acima que não impedem a unidade da enunciação. Assim como quando se diz: "*a casa é branca*", não é uma enunciação múltipla, embora a casa resulte de muitas partes.

6) Merito autem est, post enunciationes de inesse, de modalibus tractandum, quia partes naturaliter sunt toto priores, et cognitio totius ex partium cognitione dependet; et specialis sermo de his est

6) Com mérito, porém, deve-se tratar das modais após as enunciações "de inesse", porque as partes são naturalmente anteriores ao todo, e o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;

habendus, quia proprias habet difficultates. Notavit quoque Aristoteles in textu multa. Horum ordinem scilicet, cum dixit: *his vero determinatis* etc.; modos qui et quot sunt, cum eos expressit et inseruit; variationem eiusdem modi, per affirmationem et negationem, cum dixit: *possibile et non possibile, contingens et non contingens*; necessitatem cum addidit: *habent enim multas dubitationes proprias* et cetera.

e um discurso especial deve ser feito sobre estas, porque possuem dificuldades próprias. Aristóteles também notou muitas coisas no texto: a ordem destas, a saber, quando disse: "*determinadas estas coisas*" etc.; quais e quantos são os modos, quando os expressou e inseriu; a variação do mesmo modo, pela afirmação e negação, quando disse: "*possível e não possível, contingente e não contingente*"; e a necessidade, quando acrescentou: "*pois possuem muitas dúvidas próprias*" etc.

7) Deinde cum dicit: *nam si eorum* etc., exequitur tractatum de oppositione modalium. Et circa hoc duo facit: primo, movendo quaestionem arguit ad partes; secundo, determinat veritatem; ibi: *contingit autem* et cetera. Est autem dubitatio: an in enunciationibus modalibus fiat contradictio negatione apposita ad verbum dicti, quod dicit rem; an non, sed potius negatione apposita ad modum qui qualificat. Et primo, arguit ad partem affirmativam, quod scilicet addenda sit negatio ad verbum; secundo, ad partem negativam, quod non apponenda sit negatio ipsi verbo; ibi: *videtur autem* et cetera.

7) Em seguida, quando diz: "*pois se delas*" etc., executa o tratado sobre a oposição das modais. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, movendo a questão, argumenta para ambas as partes; segundo, determina a verdade; ali: "*acontece porém*" etc. Há, pois, uma dúvida: se nas enunciações modais a contradição se faz pela negação aposta ao verbo do dito, que diz a coisa; ou se não, mas antes pela negação aposta ao modo que qualifica. E primeiro, argumenta para a parte afirmativa: a saber, que a negação deve ser acrescentada ao verbo; segundo, para a parte negativa: que a negação não deve ser aposta ao próprio verbo; ali: "*parece porém*" etc.

8) Intendit ergo primo tale argumentum; si complexorum contradictiones attenduntur penes esse et non esse (ut patet inductive in enunciationibus substantivis de secundo adiacente et de tertio, et in adiectivis), contradictionesque omnium hoc modo sumendae sunt, contradictoria huius, *possibile esse*, erit, *possibile non esse*, et non illa, *non possibile esse*. Et consequenter apponenda est negatio verbo, ad sumendam oppositionem in modalibus. Patet consequentia, quia cum dicitur, *possibile esse*, et, *possibile non esse*, negatio cadit supra esse. Unde dicit: *nam si eorum, quae complectuntur*, idest complexorum, *illae sibi invicem sunt oppositae contradictiones, quae secundum esse vel non esse disponuntur*, idest in quarum una affirmatur esse, et in altera negatur.

8) Pretende, portanto, primeiro este argumento: se as contradições dos complexos se observam segundo o ser e o não ser (como é patente indutivamente nas enunciações substantivas de segundo e de terceiro adjacente, e nas adjetivas), e as contradições de todos devem ser tomadas deste modo, a contraditória desta, "*possível ser*", será "*possível não ser*", e não aquela, "*não possível ser*". E, consequentemente, deve-se opor a negação ao verbo, para tomar a oposição nas modais. É patente a consequência, porque quando se diz "*possível ser*" e "*possível não ser*", a negação recai sobre o "ser". Por onde diz: "*pois se daqueles que se entrelaçam*", isto é, dos complexos, "*aquelas são entre si contradições opostas que se dispõem segundo o ser ou o não ser*", isto é, em uma das quais se afirma o ser, e na outra se nega.

13) Deinde cum dicit: *videtur autem idem* etc., arguit ad quaestionis partem negativam (scilicet quod ad sumendam contradictionem in modalibus

13) Em seguida, quando diz: "*parece porém que o mesmo*" etc., argumenta para a parte negativa da questão (a saber, que para tomar a contradição

non addenda est negatio verbo), tali ratione. Impossibile est duas contradictorias esse simul veras de eodem; sed supradictae, scilicet, *possibile esse*, et, *possibile non esse*, simul verificantur de eodem; ergo istae non sunt contradictoriae: igitur contradictio modalium non attenditur penes verbi negationem. [...] Ratio autem huius minoris est, quoniam *omne quod sic possibile est* (sicut, scilicet, est possibile ambulare et dividi), *non semper actu est*: non enim semper actualiter ambulat, qui ambulare potest; nec semper actu dividitur, quod dividi potest. *Quare inerit etiam negatio possibilis*, idest, ergo non solum possibilis est affirmatio, sed etiam negatio eiusdem. [...] Bene ergo intulit Aristoteles ex his duobus: *quare inerit etiam negatio possibilis* et non solum affirmatio; *potest igitur et non ambulare, quod est ambulabile, et non videri, quod est visibile.* Maior vero subiungitur, cum ait: *at vero impossibile est de eodem veras esse contradictiones.* Infertur quoque ultimo conclusio: *non est igitur ista* (scilicet, possibile non esse) *negatio* illius, quae dicit, possibile esse: quia sunt simul verae de eodem.

nas modais não se deve acrescentar a negação ao verbo), por tal razão: É impossível que duas contraditórias sejam simultaneamente verdadeiras sobre o mesmo; mas as supraditas, a saber, "*possível ser*" e "*possível não ser*", verificam-se simultaneamente sobre o mesmo; logo estas não são contraditórias. Portanto, a contradição das modais não se observa segundo a negação do verbo. [...] A razão desta menor é que "*tudo o que assim é possível*" (como, a saber, é possível caminhar e ser dividido), "*nem sempre está em ato*": pois nem sempre caminha atualmente quem pode caminhar; nem sempre é dividido em ato o que pode ser dividido. "*Pelo que existirá também a negação do possível*", isto é, portanto não só a afirmação do possível existe, mas também a sua negação. [...] Bem inferiu Aristóteles, portanto, destas duas coisas: "*pelo que existirá também a negação do possível*" e não apenas a afirmação; "*pode, portanto, também não caminhar o que é caminhável, e não ser visto o que é visível*". A maior, porém, subentende-se quando diz: "*mas na verdade é impossível que sobre o mesmo sejam verdadeiras as contradições*". Infere-se também, por último, a conclusão: "*não é, portanto, esta*" (a saber, possível não ser) "*a negação*" daquela que diz "*possível ser*": porque são simultaneamente verdadeiras sobre o mesmo.

14) Deinde cum dicit: *contingit autem unum ex his* etc., determinat veritatem huius dubitationis. Et quia duo petebat, scilicet, an contradictio modalium ex negatione verbi fiat an non, et, an potius ex negatione modi; ideo primo, determinat veritatem primae petitionis, quod scilicet contradictio harum non fit negatione verbi; secundo determinat veritatem secundae petitionis, quod scilicet fiat modalium contradictio ex negatione modi; ibi: *est ergo negatio* et cetera. Dicit ergo quod propter supradictas rationes evenit unum ex his duobus, quae conclusimus determinare, *aut idem ipsum*, idest, unum et idem dicere, idest *affirmare et negare simul de eodem*: idest, aut quod duo contradictoria simul verificantur de eodem, ut prima ratio conclusit; aut *affirmationes vel negationes* modalium, *quae opponuntur* contradictorie, *fieri non secundum esse vel non esse*, idest, aut contradictio modalium non fiat ex negatione verbi, ut secunda ratio conclusit. *Si*

14) Em seguida, quando diz: "*acontece porém uma destas coisas*" etc., determina a verdade desta dúvida. E como buscava duas coisas — a saber, se a contradição das modais se faz pela negação do verbo ou não, e se antes pela negação do modo — por isso, primeiro, determina a verdade da primeira petição: a saber, que a contradição destas não se faz pela negação do verbo; segundo, determina a verdade da segunda petição: a saber, que a contradição das modais se faça pela negação do modo; ali: "*é, portanto, a negação*" etc. Diz, pois, que por causa das razões supraditas ocorre uma destas duas coisas que concluímos determinar: "*ou dizer a mesma coisa*", isto é, afirmar e negar o mesmo e o único simultaneamente sobre o mesmo — isto é, ou que dois contraditórios se verificam simultaneamente sobre o mesmo, como a primeira razão concluiu; ou que as "*afirmações ou negações*" das modais, "*que se opõem*" contraditoriamente, "*não*

ergo illud est impossibile, scilicet quod duo contradictoria possunt simul esse vera de eodem, *hoc*, scilicet quod contradictio modalium non fiat secundum verbi negationem, *erit magis eligendum.*

se fazem segundo o ser ou o não ser", isto é, que a contradição das modais não se faça pela negação do verbo, como a segunda razão concluiu. "*Se, portanto, aquilo é impossível*", a saber, que dois contraditórios possam ser simultaneamente verdadeiros sobre o mesmo, "*isto*", a saber, que a contradição das modais não se faça segundo a negação do verbo, "*deverá ser mais escolhido*".

Lectio IX

1) Determinat ubi ponenda sit negatio ad assumendam modalium contradictionem. Et circa hoc quatuor facit: primo, determinat veritatem summarie; secundo, assignat determinatae veritatis rationem, quae dicitur rationi ad oppositum inductae; ibi: *fiunt enim* etc.; tertio, explanat eamdem veritatem in omnibus modalibus; ibi: *eius vero* etc.; quarto, universalem regulam concludit; ibi: *universaliter vero* et cetera. Quia igitur negatio aut verbo aut modo apponenda est, et quod verbo non addenda est, declaratum est per locum a divisione; concludendo determinat: *est ergo negatio eius quae est possibile esse, ea quae est non possibile esse*, in qua negatur modus. Et eadem est ratio in enunciationibus de contingenti. Huius enim, quae est, *contingens esse*, negatio est, *non contingens esse*. Et in aliis, scilicet de *necesse* et *impossibile* idem est iudicium.

1) Determina onde se deve colocar a negação para assumir a contradição das modais. Sobre isto faz quatro coisas: primeiro, determina a verdade sumariamente; segundo, atribui a razão da verdade determinada (que é dita em oposição à razão induzida anteriormente); ali: "*pois ocorrem*" etc.; terceiro, explana a mesma verdade em todas as modais; ali: "*daquela porém*" etc.; quarto, conclui uma regra universal; ali: "*universalmente porém*" etc. Visto que, portanto, a negação deve ser aplicada ou ao verbo ou ao modo, e já foi declarado por exclusão que não deve ser acrescentada ao verbo, conclui determinando: *é, portanto, a negação daquela que é "possível ser", aquela que é "não possível ser"*, na qual se nega o modo. E a mesma razão vale para as enunciações sobre o contingente. Pois desta, que é "*contingente ser*", a negação é "*não contingente ser*". E nas outras, a saber, sobre o *necessário* e o *impossível*, o juízo é o mesmo.

2) Deinde cum dicit: *fiunt enim in illis appositiones* etc., subdit huius veritatis rationem talem. Ad sumendam contradictionem inter aliquas enunciationes oportet ponere negationem super appositione, idest coniunctione praedicati cum subiecto; sed in modalibus appositiones sunt modi; ergo in modalibus negatio apponenda est modo, ut fiat contradictio. Huius rationis, maiore subintellecta, minor ponitur in littera per secundam similitudinem ad illas de *inesse*. Et dicitur quod quemadmodum in illis enunciationibus de *inesse* appositiones, idest praedicationes, sunt *esse* et *non esse*, idest verba significativa esse vel non esse (verbum enim semper est nota eorum quae de altero praedicantur), subiective vero appositionibus res sunt, quibus esse vel non esse apponitur, ut album, cum dicitur, *album est*, vel homo, cum dicitur, *homo est*; eodem modo hoc in loco in modalibus accidit: *esse quidem subiectum fit*, idest dictum significans esse vel non esse subiecti locum tenet; *contingere vero et posse oppositiones*, idest modi, praedicationes sunt. Et quemadmodum in illis de inesse penes esse et non esse veritatem vel falsitatem determinavimus, ita in istis modalibus penes modos. Hoc est enim quod

2) Em seguida, quando diz: "*pois ocorrem nelas aposições*" etc., acrescenta a seguinte razão para esta verdade: Para assumir a contradição entre quaisquer enunciações, é preciso colocar a negação sobre a aposição, isto é, sobre a conjunção do predicado com o sujeito; mas, nas modais, as aposições são os modos; logo, nas modais, a negação deve ser aplicada ao modo para que se faça a contradição. Sendo a maior desta razão subentendida, a menor é posta no texto por uma segunda semelhança com aquelas "de inesse". Diz-se que, assim como naquelas enunciações "de inesse" as aposições (isto é, as predicações) são o *ser* e o *não ser*, isto é, verbos que significam o ser ou o não ser (pois o verbo é sempre nota daquilo que se predica de outro), e as coisas às quais o ser ou o não ser é aposto são subjetivamente aposições (como "branco", quando se diz "*é branco*", ou "homem", quando se diz "*é homem*"); do mesmo modo acontece aqui nas modais: *o "ser", por certo, torna-se o sujeito*, isto é, o "dito" que significa o ser ou o não ser ocupa o lugar de sujeito; *o "contingir" e o "poder", porém, são as aposições*, isto é, os modos são as predicações. E assim como naquelas "de inesse" deter-

subdit, *determinantes*, scilicet, fiunt ipsi modi veritatem, quemadmodum in illis esse et non esse, eam determinat.

minamos a verdade ou falsidade segundo o ser e o não ser, assim nestas modais determinamo-las segundo os modos. É isto que ele acrescenta: "*determinantes*", a saber, os próprios modos tornam-se determinantes da verdade, assim como naquelas o ser e o não ser a determinam.

3) Et sic patet responsio ad argumentum in oppositum primo adductum, concludens quod negatio verbo apponenda sit, sicut illis de *inesse*. Dicitur enim quod cum modalis enunciet modum de dicto sicut enunciatio de *inesse*, esse vel esse tale, puta esse album de subiecto, eumdem locum tenet modus hic, quem ibi verbum; et consequenter super idem proportionaliter cadit negatio hic et ibi. Eadem enim, ut dictum est, proportio est modi ad dictum, quae est verbi ad subiectum. Rursus cum veritas et falsitas affirmationem et negationem sequantur, penes idem attendenda est affirmatio vel negatio enunciationis, et veritas vel falsitas eiusdem; sicut autem in enunciationibus de *inesse* veritas vel falsitas esse vel non esse consequitur, ita in modalibus modum. Illa namque modalis est vera quae sic modificat dictum sicut dicti compositio patitur, sicut illa de *inesse* est vera, quae sic significat esse sicut est. Est ergo negatio modo hic apponenda, sicut ibi verbo, cum sit eadem utriusque vis quoad veritatem et falsitatem enunciationis. Adverte quod modos, appositiones, idest, praedicationes vocavit, sicut esse in illis de inesse, intelligens per modum totum praedicatum enunciationis modalis, puta, *est possibile*. In cuius signum modos ipsos verbaliter protulit dicens: *contingere vero et posse appositiones sunt. Contingit* enim et *potest*, totum praedicatum modalis continent.

3) Assim, fica clara a resposta ao argumento em contrário aduzido primeiro, que concluía que a negação deveria ser aplicada ao verbo, como naquelas "de inesse". Diz-se, com efeito, que, como a modal enuncia o modo sobre o dito assim como a enunciação "de inesse" enuncia o ser ou o ser tal (por exemplo, ser branco) sobre o sujeito, o modo aqui ocupa o mesmo lugar que o verbo lá; e, consequentemente, a negação recai proporcionalmente sobre o mesmo ponto aqui e lá. Pois a mesma proporção que existe entre o verbo e o sujeito lá, existe aqui entre o modo e o dito. Novamente, como a verdade e a falsidade seguem a afirmação e a negação, deve-se observar a afirmação ou negação da enunciação, bem como sua verdade ou falsidade, sob o mesmo aspecto; ora, assim como nas enunciações "de inesse" a verdade ou falsidade segue o ser ou não ser, nas modais segue o modo. Pois aquela modal é verdadeira se modifica o dito conforme a composição do dito permite, assim como a "de inesse" é verdadeira se significa o ser tal como é. Portanto, a negação deve ser aplicada aqui ao modo, como lá ao verbo, pois ambos têm a mesma força quanto à verdade e falsidade da enunciação. Nota que ele chamou os modos de "aposições", isto é, predicações, como o "ser" naquelas "de inesse", entendendo por modo todo o predicado da enunciação modal, por exemplo, "*é possível*". Como sinal disto, proferiu os próprios modos verbalmente, dizendo: "*contingir e poder são aposições*". Pois "*acontece*" e "*pode*" contêm todo o predicado da modal.

4) Deinde cum dicit: *eius vero quod est possibile est non esse* etc., explanat determinatam veritatem in omnibus modalibus, scilicet de possibili, et necessario, et impossibili. Contingens convertitur cum possibili. Et quia quilibet modus facit duas modales affirmativas, alteram habentem dictum affirmatum, et alteram habentem dictum negatum; ideo explanat in singulis modis quae cuiusque

4) Em seguida, quando diz: "*daquela porém que é: é possível não ser*" etc., explana a verdade determinada em todas as modais, a saber, sobre o possível, o necessário e o impossível. O contingente converte-se com o possível. E porque qualquer modo faz duas modais afirmativas — uma tendo o dito afirmado e outra tendo o dito negado — por isso explana em cada modo qual seja a negação de

affirmationis negatio sit. Et primo in illis de possibili. Et quia primae affirmativae de possibili (quae scilicet habet dictum affirmatum) scilicet *possibile esse*, negatio assignata fuit, *non possibile esse*; ideo ad reliquam affirmativam de possibili transiens ait: *eius vero, quae est possibile non esse* (ubi dictum negatur) *negatio est non possibile non esse.* Et hoc consequenter probat per hoc quod contradictoria huius, *possibile non esse*, aut est, *possibile esse*, aut illa, quam diximus, scilicet, *non possibile non esse.* Sed illa, scilicet, *possibile esse*, non est eius contradictoria. Non enim sunt sibi invicem contradicentes, *possibile esse*, et, *possibile non esse*, quia possunt simul esse verae. Unde et sequi sese invicem putabuntur: quoniam, ut supra dictum fuit, idem est, *possibile esse*, et, *non esse*, et consequenter sicut ad, *posse esse*, sequitur, *posse non esse*, ita e contra ad, *posse non esse*, sequitur, *posse esse*; sed contradictoria illius, *possibile esse*, quae non potest simul esse vera est, *non possibile esse*: hae enim, ut dictum est, opponuntur. Remanet ergo quod huius negatio, *possibile non esse*, sit illa, *non possibile non esse*: hae namque simul nunquam sunt verae vel falsae. Dixit quod *possibile esse et non esse* sequi se invicem putabuntur, et non dixit quod se invicem consequuntur: quia secundum veritatem universaliter non sequuntur se, sed particulariter tantum, ut infra dicetur; propter quod putabitur quod simpliciter se invicem sequantur. Deinde declarat hoc idem in illis de necessario. Et primo, in affirmativa habente dictum affirmatum, dicens: *similiter eius quae est, necessarium esse, negatio non est ea, quae dicit necessarium non esse*, ubi modus non negatur, *sed ea quae est, non necessarium esse.* Deinde subdit de affirmativa de necessario habente dictum negatum, et ait: *eius vero, quae est, necessarium non esse, negatio est ea, quae dicit, non necessarium non esse.* Deinde transit ad illas de impossibili, eumdem ordinem servans, et inquit: *et eius, quae dicit, impossibile esse, negatio non est ea quae dicit, impossibile non esse, sed, non impossibile esse*: ubi iam modus negatur. Alterius vero affirmativae, quae est, *impossibile non esse*, negatio est ea quae dicit *non impossibile non esse.* Et sic semper modo negatio addenda est.

cada afirmação. E primeiro naquelas sobre o possível. E como para a primeira afirmativa de possível (a que tem o dito afirmado), a saber, "*possível ser*", a negação atribuída foi "*não possível ser*"; por isso, passando para a outra afirmativa de possível, diz: "*daquela porém que é: possível não ser*" (onde o dito é negado), "*a negação é: não possível não ser*". E prova isto consequentemente pelo fato de que a contraditória desta, "*possível não ser*", ou é "*possível ser*", ou aquela que dissemos, a saber, "*não possível não ser*". Mas aquela, "*possível ser*", não é sua contraditória. Pois não são contraditórias entre si "*possível ser*" e "*possível não ser*", porque podem ser simultaneamente verdadeiras. Por onde também se pensará que se seguem mutuamente: visto que, como foi dito acima, é o mesmo "*possível ser*" e "*não ser*", e consequentemente, assim como de "*poder ser*" segue-se "*poder não ser*", assim, inversamente, de "*poder não ser*" segue-se "*poder ser*"; mas a contraditória daquela, "*possível ser*", que não pode ser simultaneamente verdadeira, é "*não possível ser*": pois estas, como foi dito, opõem-se. Resta, portanto, que a negação desta, "*possível não ser*", seja aquela: "*não possível não ser*": pois estas nunca são simultaneamente verdadeiras ou falsas. Disse que se "pensará" que "*possível ser e não ser*" se seguem mutuamente, e não disse que se seguem de fato: porque, segundo a verdade, universalmente não se seguem, mas apenas particularmente, como se dirá abaixo; pelo que se pensará que se seguem mutuamente de modo absoluto. Depois declara o mesmo nas de necessário. E primeiro, na afirmativa com o dito afirmado, dizendo: "*semelhantemente, daquela que é: necessário ser, a negação não é a que diz: necessário não ser*", onde o modo não é negado, "*mas a que é: não necessário ser*". Depois acrescenta sobre a afirmativa de necessário com o dito negado: "*daquela porém que é: necessário não ser, a negação é a que diz: não necessário não ser*". Depois passa para as de impossível, mantendo a mesma ordem, e diz: "*e daquela que diz: impossível ser, a negação não é a que diz: impossível não ser, mas: não impossível ser*": onde já o modo é negado. E da outra afirmativa, que é "*impossível não ser*", a negação é a que diz "*não impossível não ser*". E assim, a negação deve ser sempre acrescentada ao

modo.

5) Deinde cum dicit: *universaliter vero* etc., concludit regulam universalem dicens quod, quemadmodum dictum est, dicta importantia esse et non esse oportet ponere in modalibus ut subiecta, negationem vero et affirmationem hoc, idest contradictionis oppositionem, facientem, oportet apponere tantummodo ad suum eumdem modum, non ad diversos modos. Debet namque illemet modus negari, qui prius affirmabatur, si contradictio esse debet. Et exemplariter explanans quomodo hoc fiat, subdit: *et oportet putare has esse oppositas dictiones*, idest affirmationes et negationes in modalibus, *possibile et non possibile, contingens et non contingens*. Item cum dixit negationem alio tantum modo ad modum apponi debere, non exclusit modi copulam, sed dictum. Hoc enim est singulare in modalibus quod eamdem oppositionem facit, negatio modo addita, et eius verbo. Contradictorie enim opponitur huic, *possibile est esse*, non solum illa, *non possibile est esse*, sed ista, *possibile non est esse*; meminit autem modi potius, et propter hoc quod nunc diximus, ut scilicet insinuaret quod negatio verbo modi postposita, modo autem praeposita, idem facit ac si modali verbo praeponeretur, et quia, cum modo numquam caret modalis enunciatio, semper negatio supra modum poni potest. Non autem sic de eius verbo: verbo enim modi carere contingit modalem, ut cum dicitur, *Socrates currit necessario*; et ideo semper verbo negatio aptari potest. Quod autem in fine addidit, *verum et non verum*, insinuat, praeter quatuor praedictos modos, alios inveniri, qui etiam compositionem enunciationis determinant, puta, *verum et non verum, falsum et non falsum*: quos tamen inter modos supra non posuit, quia, ut declaratum fuit, non proprie modificant.

5) Em seguida, quando diz: "*universalmente porém*" etc., conclui a regra universal dizendo que, como foi dito, é necessário colocar os "ditos" que importam o ser e o não ser como sujeitos nas modais, e a negação e a afirmação que fazem isto (isto é, a oposição de contradição), deve-se aplicá-la somente ao seu mesmo modo, não a modos diversos. Pois deve ser negado o mesmíssimo modo que antes se afirmava, se se quer que haja contradição. E explicando por exemplos como isto se faz, acrescenta: "*e convém pensar que estas são as locuções opostas*", isto é, afirmações e negações nas modais, "*possível e não possível, contingente e não contingente*". Do mesmo modo, quando disse que a negação deve ser aplicada ao modo de outra maneira, não excluiu a cópula do modo, mas o dito. Pois isto é singular nas modais: que a negação aplicada ao modo ou ao seu verbo produz a mesma oposição. De fato, a "*é possível ser*", opõe-se contraditoriamente não só "*não é possível ser*", mas também "*possível não é ser*"; ele mencionou o modo de preferência, tanto pelo que acabamos de dizer (para insinuar que a negação posposta ao verbo do modo, mas anteposta ao modo, faz o mesmo que se fosse anteposta ao verbo modal), quanto porque, como a enunciação modal nunca carece de modo, a negação sempre pode ser posta sobre o modo. Não ocorre o mesmo com o seu verbo: pois acontece de a modal carecer de verbo do modo, como quando se diz "*Sócrates corre necessariamente*"; e por isso nem sempre a negação pode ser adaptada ao verbo. O fato de ter acrescentado ao fim "*verdadeiro e não verdadeiro*" insinua que, além dos quatro modos referidos, encontram-se outros que também determinam a composição da enunciação, por exemplo, "*verdadeiro e não verdadeiro, falso e não falso*": os quais, porém, não incluiu acima entre os modos porque, como foi declarado, não modificam propriamente.

Lectio X

1) Postquam determinavit de oppositione modalium, hic determinare intendit de consequentiis earum. Et circa hoc duo facit: primo, tradit veritatem; secundo, movet quandam dubitationem circa determinata; ibi: *dubitabit autem* et cetera. Circa primum duo facit: primo, ponit consequentias earum secundum opinionem aliorum; secundo, examinando et corrigendo dictam opinionem, determinat veritatem; ibi: *ergo impossibile* et cetera.

1) Depois de ter determinado sobre a oposição das modais, aqui pretende determinar sobre as suas consequências. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, transmite a verdade; segundo, move uma certa dúvida sobre o que foi determinado; ali: "*duvidar-se-á, porém*" etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, expõe as consequências delas segundo a opinião de outros; segundo, examinando e corrigindo a dita opinião, determina a verdade; ali: "*portanto o impossível*" etc.

2) Quoad primum considerandum est quod cum quilibet modus faciat duas affirmationes, ut dictum fuit, et duabus affirmationibus opponantur duae negationes, ut etiam dictum fuit in primo; secundum quemlibet modum fient quatuor enunciationes, duae scilicet affirmativae et duae negativae. Cum autem modi sint quatuor, efficientur sexdecim modales: quaternarius enim in seipsum ductus sexdecim constituit. Et quoniam apud omnes, quaelibet cuiusque modi, undecumque incipias, habet unam tantum cuiusque modi se consequentem, ideo ad assignandas consequentias modalium, singulas ex singulis modis accipere oportet et ad consequentiae ordinem inter se adunare.

2) Quanto ao primeiro ponto, deve-se considerar que, como qualquer modo faz duas afirmações, como foi dito, e a duas afirmações opõem-se duas negações, como também foi dito no início; segundo cada modo, far-se-ão quatro enunciações, a saber, duas afirmativas e duas negativas. Ora, sendo quatro os modos, resultarão dezesseis modais: pois o quaternário multiplicado por si mesmo constitui dezesseis. E visto que, para todos, qualquer enunciação de cada modo, por onde quer que se comece, tem apenas uma de cada modo que a segue, por isso, para atribuir as consequências das modais, convém tomar cada uma de cada modo e reuni-las entre si na ordem de consequência.

3) Et hoc modo fecerunt antiqui, de quibus inquit Aristoteles: *consequentiae vero fiunt secundum infrascriptum ordinem, antiquis ita ponentibus.* Formaverunt enim quatuor ordines modalium, in quorum quolibet omnes quae se consequuntur collocaverunt. Ut autem confusio vitetur, vocetur, cum Averroe, de caetero, in quolibet modo, affirmativa de dicto, et modo, affirmativa simplex; affirmativa autem de modo et negativa de dicto, affirmativa declinata; negativa vero de modo et non dicto, negativa simplex; negativa autem de utroque, negativa declinata: ita quod modi affirmationem vel negationem simplicitas, dicti vero declinatio denominet. Dixerunt ergo antiqui quod affirmationem simplicem de possibili, scilicet, *possibile est esse*, sequitur affirmativa simplex de contingenti, scilicet, *contingens est esse* (contingens enim convertitur cum possibili); et negativa simplex de impossibili, scilicet,

3) E deste modo fizeram os antigos, sobre os quais diz Aristóteles: "*as consequências, porém, fazem-se segundo a ordem abaixo escrita, assim as pondo os antigos*". Formaram, de fato, quatro ordens de modais, em cada uma das quais colocaram todas as que se seguem mutuamente. Para que se evite a confusão, chame-se doravante, com Averróis, em qualquer modo: a afirmativa do dito e do modo, "afirmativa simples"; a afirmativa do modo e negativa do dito, "afirmativa declinada"; a negativa do modo e não do dito, "negativa simples"; a negativa de ambos, "negativa declinada": de sorte que a "simplicidade" denomine a afirmação ou negação do modo, e a "declinação" denomine a do dito. Disseram, pois, os antigos que à afirmação simples do possível, a saber, "*é possível ser*", segue-se a afirmativa simples do contingente, a saber, "*é contingente ser*" (pois o contingente converte-se

non impossibile esse; et similiter negativa simplex de necessario, scilicet, *non necesse est esse*. Et hic est primus ordo modalium consequentium se. In secundo autem dixerunt quod affirmativas declinatas de possibili et contingenti, scilicet, *possibile non esse*, et, *contingens non esse*, sequuntur negativae declinatae de necessario et impossibili, scilicet, *non necessarium non esse*, et, *non impossibile non esse*. In tertio vero ordine dixerunt quod negativas simplices de possibili et contingenti, scilicet, *non possibile esse, non contingens esse*, sequuntur affirmativa declinata de necessario, scilicet, *necesse non esse*, et affirmativa simplex de impossibili, scilicet, *impossibile esse*. In quarto demum ordine dixerunt quod negativas declinatas de possibili et contingenti, scilicet, *non possibile non esse*, et, *non contingens non esse*, sequuntur affirmativa simplex de necessario, scilicet, *necesse esse*, et affirmativa declinata de impossibili, scilicet, *impossibile est non esse*.

com o possível); e a negativa simples do impossível, a saber, "*não é impossível ser*"; e semelhantemente a negativa simples do necessário, a saber, "*não é necessário ser*". E esta é a primeira ordem das modais que se seguem. Na segunda, disseram que às afirmativas declinadas do possível e do contingente, a saber, "*possível não ser*" e "*contingente não ser*", seguem-se as negativas declinadas do necessário e do impossível, a saber, "*não necessário não ser*" e "*não impossível não ser*". Na terceira ordem, disseram que às negativas simples do possível e do contingente, a saber, "*não possível ser, não contingente ser*", seguem-se a afirmativa declinada do necessário, a saber, "*necessário não ser*", e a afirmativa simples do impossível, a saber, "*impossível ser*". Na quarta ordem, enfim, disseram que às negativas declinadas do possível e do contingente, a saber, "*não possível não ser*" e "*não contingente não ser*", seguem-se a afirmativa simples do necessário, a saber, "*necessário ser*", e a afirmativa declinada do impossível, a saber, "*é impossível não ser*".

4) Consideretur autem ex subscriptione appositae figurae, quemadmodum dicimus, ut clarius elucescat depictum. Consequentiae enunciationum modalium secundum quatuor ordines ab antiquis positae et ordinatae. (Figura).

4) Considere-se, pois, pela subscrição da figura aposta, conforme dizemos, para que o que foi desenhado brilhe mais claramente. Consequências das enunciações modais segundo as quatro ordens postas e ordenadas pelos antigos. (Figura).

5) Deinde cum dicit: *ergo impossibile et non impossibile* etc., examinando dictam opinionem, determinat veritatem. Et circa hoc duo facit: quia primo examinat consequentias earum de impossibili; secundo, illarum de necessario; ibi: *necessarium autem* et cetera. Unde ex praemissa opinione concludens et approbans, dicit: *ergo istae*, scilicet, *impossibile*, et, *non impossibile*, sequuntur illas, scilicet, *contingens* et *possibile, non contingens*, et, *non possibile*, sequuntur, inquam, *contradictorie*, idest ita ut contradictoriae de impossibili contradictorias de possibili et contingenti consequantur, *sed conversim*, idest, sed non ita quod affirmatio affirmationem et negatio negationem sequatur, sed conversim, scilicet, quod affirmationem negatio et negationem affirmatio. Et explanans hoc ait: *illud enim quod est possibile esse*, idest affirmationem possibilis negatio sequitur impossibilis,

5) Em seguida, quando diz: "*portanto o impossível e o não impossível*" etc., examinando a dita opinião, determina a verdade. E sobre isto faz duas coisas: pois primeiro examina as consequências delas sobre o impossível; segundo, as do necessário; ali: "*o necessário, porém*" etc. Por onde, concluindo e aprovando a partir da opinião premissa, diz: "*portanto estas*", a saber, "*impossível*" e "*não impossível*", seguem aquelas, a saber, "*contingente*" e "*possível*"; "*não contingente*" e "*não possível*" seguem-se, digo, "*contraditoriamente*", isto é, de tal modo que as contraditórias do impossível sigam as contraditórias do possível e do contingente, "*mas inversamente*", isto é, não de modo que a afirmação siga a afirmação e a negação a negação, mas inversamente, a saber: que à afirmação siga a negação e à negação a afirmação. E explanando isto, diz: "*pois aquilo que é possível ser*", isto é,

idest, *non impossibile esse*; negationem vero possibilis affirmatio sequitur impossibilis. Illud enim quod est, *non possibile esse*, sequitur ista, *impossibile est esse*; haec autem, scilicet, *impossibile esse*, affirmatio est; illa vero, scilicet, *non possibile esse*, negatio est: hic siquidem modus negatur; ibi, non. Bene igitur dixerunt antiqui in quolibet ordine quoad consequentias illarum de impossibili, quia, ut in suprascripta figura apparet, semper ex affirmatione possibilis negationem impossibilis, et ex negatione possibilis affirmationem impossibilis inferunt.

à afirmação do possível segue-se a negação do impossível, a saber, "*não é impossível ser*"; à negação do possível, porém, segue-se a afirmação do impossível. Pois àquilo que é "*não possível ser*", segue-se esta: "*é impossível ser*"; ora, esta, a saber, "*é impossível ser*", é afirmação; aquela, porém, a saber, "*não possível ser*", é negação: pois aqui o modo é negado; lá, não. Bem disseram, portanto, os antigos em qualquer ordem quanto às consequências das de impossível, pois, como aparece na figura acima escrita, sempre inferem da afirmação do possível a negação do impossível, e da negação do possível a afirmação do impossível.

6) Deinde cum dicit: *necessarium autem* etc., intendit examinando determinare consequentias de necessario. Et circa hoc duo facit: primo examinat dicta antiquorum; secundo, determinat veritatem intentam; ibi: *at vero neque necessarium* et cetera. Circa primum quatuor facit. Primo, declarat quid bene et quid male dictum sit ab antiquis in hac re. Ubi attendendum est quod cum quatuor sint enunciationes de necessario, ut dictum est, differentes inter se secundum quantitatem et qualitatem, adeo ut unam integrent figuram oppositionis iuxta morem illarum de inesse; duae earum sunt contrariae inter se, duae autem illis contrariis contradictoriae, ut patet in hac figura. (Figura). Quia ergo antiqui universales contrarias bene intulerunt ex aliis, contradictorias autem earum, scilicet particulares, male intulerunt; ideo dicit quod considerandum restat de his, quae sunt de necessario, qualiter se habeant in consequendo illas de possibili et non possibili. Manifestum est autem ex dicendis quod non eodem modo istae de necessario illas de possibili consequuntur, quo easdem sequuntur illae de impossibili. Nam omnes enunciationes de impossibili recte illatae sunt ab antiquis. Enunciationes autem de necessario non omnes recte inferuntur: sed duae earum, quae sunt contrariae, scilicet, *necesse est esse*, et, *necesse est non esse*, sequuntur, idest recta consequentia deducuntur ab antiquis, in tertio scilicet et quarto ordine; reliquae autem duae de necessario, scilicet, *non necesse non esse*, et, *non necesse esse*, quae sunt contradictoriae supradictis, sunt extra consequentias illarum, in secundo scilicet et primo ordine. Unde antiqui

6) Em seguida, quando diz: "*o necessário, porém*" etc., pretende, ao examinar, determinar as consequências do necessário. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, examina os ditos dos antigos; segundo, determina a verdade pretendida; ali: "*mas na verdade nem o necessário*" etc. Sobre o primeiro ponto, faz quatro coisas. Primeiro, declara o que foi bem e o que foi mal dito pelos antigos nesta matéria. Onde se deve notar que, como há quatro enunciações sobre o necessário, como foi dito, diferindo entre si segundo a quantidade e qualidade, de tal sorte que integram uma figura de oposição à maneira daquelas "de inesse"; duas delas são contrárias entre si, e duas são contraditórias àquelas contrárias, como patet nesta figura. (Figura). Como, portanto, os antigos inferiram bem as universais contrárias das outras, mas inferiram mal as suas contraditórias, a saber, as particulares; por isso diz que resta considerar sobre estas, que são do necessário, como se comportam em seguir as do possível e do não possível. É manifesto, pelo que será dito, que estas do necessário não seguem as do possível do mesmo modo que as do impossível as seguem. Pois todas as enunciações do impossível foram retamente inferidas pelos antigos. As enunciações do necessário, porém, nem todas são inferidas retamente: mas duas delas, que são contrárias, a saber, "*é necessário ser*" e "*é necessário não ser*", seguem, isto é, são deduzidas por consequência reta pelos antigos, a saber, na terceira e na quarta ordem; as outras duas do necessário, porém, a saber, "*não é necessário não ser*" e "*não é necessário ser*", que são contraditórias às supraditas, estão

in tertio et quarto ordine omnia recte fecerunt; in primo autem et in secundo peccaverunt, non quoad omnia, sed quoad enunciationes de necessario tantum.

fora das consequências daquelas, a saber, na segunda e na primeira ordem. Por onde os antigos na terceira e na quarta ordem fizeram tudo retamente; na primeira, porém, e na segunda pecaram, não quanto a tudo, mas apenas quanto às enunciações do necessário.

7) Secundo cum dicit: *non enim est negatio eius* etc., respondet cuidam tacitae obiectioni, qua defendi posset consequentia enunciationis de necessario in primo ordine ab antiquis facta. Est autem obiectio tacita talis. *Non possibile esse*, et, *necesse non esse*, convertibiliter se sequuntur in tertio ordine iam approbato; ergo, *possibile esse*, et, *non necesse esse*, invicem se sequi debent in primo ordine. Tenet consequentia: quia duorum convertibiliter se sequentium contradictoria mutuo se sequuntur; sed illae duae tertii ordinis convertibiliter se sequuntur, et istae duae primi ordinis sunt earum contradictoriae; ergo istae primi ordinis, scilicet, *possibile esse*, et, *non necesse esse*, mutuo se sequuntur. Huic, inquam, obiectioni respondet Aristoteles hic interimendo minorem quoad hoc quod assumit, quod scilicet necessaria primi ordinis et necessaria tertii ordinis sunt contradictoriae. Unde dicit: *non enim est negatio eius quod est, necesse non esse* (quae erat in tertio ordine), illa quae dicit, *non necesse est esse*, quae sita erat in primo ordine. Et causam subdit, quia contingit utrasque simul esse veras in eodem; quod contradictoriis repugnat. Illud enim idem, quod est necessarium non esse, non est necessarium esse. Necessarium siquidem est hominem non esse lignum et non necessarium est hominem esse lignum. Adverte quod, ut infra patebit, istae duae de necessario, quas posuerunt antiqui in primo et tertio ordine, sunt subalternae (et ideo sunt simul verae), et deberent esse contradictoriae; et ideo erraverunt antiqui.

7) Segundo, quando diz: "*pois não é a negação daquilo*" etc., responde a uma certa objeção tácita pela qual se poderia defender a consequência da enunciação do necessário na primeira ordem feita pelos antigos. A objeção tácita é esta: "*Não possível ser*" e "*necessário não ser*" seguem-se conversivelmente na terceira ordem já aprovada; logo, "*possível ser*" e "*não necessário ser*" devem seguir-se mutuamente na primeira ordem. A consequência sustenta-se: porque de dois que se seguem conversivelmente, as contraditórias seguem-se mutuamente; ora, aquelas duas da terceira ordem seguem-se conversivelmente, e estas duas da primeira ordem são as suas contraditórias; logo estas da primeira ordem, a saber, "*possível ser*" e "*não necessário ser*", seguem-se mutuamente. A esta objeção, digo, Aristóteles responde aqui negando a menor quanto ao que ela assume: a saber, que as necessárias da primeira ordem e as necessárias da terceira ordem sejam contraditórias. Por onde diz: "*pois não é a negação daquilo que é: necessário não ser*" (que estava na terceira ordem), aquela que diz "*não é necessário ser*", que fora situada na primeira ordem. E acrescenta a causa: porque acontece que ambas sejam simultaneamente verdadeiras no mesmo; o que repugna às contraditórias. Pois aquilo mesmo que é necessário não ser, não é necessário ser. É necessário, de fato, que o homem não seja madeira, e não é necessário que o homem seja madeira. Nota que, como ficará patat abaixo, estas duas do necessário que os antigos puseram na primeira e na terceira ordem são subalternas (e por isso são simultaneamente verdadeiras), e deveriam ser contraditórias; e por isso os antigos erraram.

8) Boethius autem et Averroes non reprehensive legunt tam hanc, quam praecedentem textus particulam, sed narrative utramque simul iungentes. Narrare enim aiunt Aristotelem qualitatem suprascriptae figurae quoad consequentiam illarum de neces-

8) Boécio, porém, e Averróis leem não repreensivamente tanto esta quanto a precedente partícula do texto, mas narrativamente, juntando ambas simultaneamente. Dizem, de fato, que Aristóteles narra a qualidade da figura suprascrita quanto à conse-

sario, postquam narravit quo modo se habuerint illae de impossibili, et dicere quod secundum praescriptam figuram non eodem modo sequuntur illas de possibili illae de necessario, quo sequuntur illae de impossibili. Nam contradictorias de possibili contradictoriae de impossibili sequuntur, licet conversim; contradictoriae autem de necessario non dicuntur sequi illas contradictorias de possibili, sed potius eas sequi dicuntur contrariae de necessario: non inter se contrariae, sed hoc modo, quod affirmationem possibilis negatio de necessario sequi dicitur, negationem vero possibilis non affirmatio de necessario sequi ponitur, quae sit contradictoria illi negativae quae ponebatur sequi ad possibilem, sed talis affirmationis de necessario contrario. Et quod hoc ita fiat in illa figura ut dicimus, patet ex primo et tertio ordine, quorum capita sunt negatio et affirmatio possibilis, et extrema sunt, non necesse esse, et, necesse non esse. Hae siquidem non sunt contradictoriae. Non enim est negatio eius, quae est, necesse non esse, non necesse esse (quoniam contingit eas simul verificari de eodem), sed illa scilicet, necesse non esse, est contraria contradictoriae huius, scilicet, non necesse esse, quae est, necesse est esse. Sed quia sequenti litterae magis consona est introductio nostra, quae etiam Alberto consentit, et extorte videtur ab aliis exponi ly contrariae, ideo prima, iudicio meo, acceptanda est expositio et ad antiquorum reprehensionem referendus est textus.

quência das do necessário, depois de ter narrado como se comportaram as do impossível, e que diz que, segundo a figura prescrita, as do necessário não seguem as do possível do mesmo modo que as do impossível as seguem. Pois as contraditórias do impossível seguem as contraditórias do possível, embora inversamente; mas as contraditórias do necessário não se diz que seguem aquelas contraditórias do possível, mas antes diz-se que as seguem as contrárias do necessário: não contrárias entre si, mas deste modo: que à afirmação do possível diz-se seguir a negação do necessário, mas à negação do possível põe-se que não segue a afirmação do necessário que seja contraditória àquela negativa que se punha seguir ao possível, mas sim o contrário de tal afirmação do necessário. E que isto ocorra assim naquela figura, como dizemos, patet pela primeira e terceira ordem, cujas cabeças são a negação e afirmação do possível, e os extremos são "*não necessário ser*" e "*necessário não ser*". Estas, de fato, não são contraditórias. Pois não é a negação daquela que é "*necessário não ser*", "*não necessário ser*" (visto que acontece que elas se verifiquem simultaneamente sobre o mesmo), mas aquela, a saber, "*necessário não ser*", é contrária da contraditória desta, a saber, "*não necessário ser*", que é "*é necessário ser*". Mas porque a nossa introdução é mais consoante com a letra seguinte, a qual também consente com Alberto, e parece que o termo "*contrárias*" é exposto de forma forçada por outros, por isso, a meu juízo, deve-se aceitar a primeira exposição e o texto deve ser referido à repreensão dos antigos.

9) Tertio cum dicit: *causa autem cur* etc., manifestat id quod praemiserat, scilicet, quod non simili modo ad illas de possibili sequuntur illae de impossibili et illae de necessario. Antiquorum enim hoc peccatum fuit tam in primo quam in secundo ordine, et quod simili modo intulerunt illas de impossibili et necessario. In primo siquidem ordine, sicut posuerunt negativam simplicem de impossibili, ita posuerunt negativam simplicem de necessario, et similiter in secundo ordine utranque negativam declinatam locaverunt. Hoc ergo quare peccatum sit, et *causa autem* quare necessarium *non sequitur* possibile, *similiter, idest, eodem modo* cum cae-

9) Terceiro, quando diz: "*a causa porém pela qual*" etc., manifesta aquilo que premetera: a saber, que as do impossível e as do necessário não seguem as do possível de modo semelhante. Pois este foi o pecado dos antigos tanto na primeira quanto na segunda ordem: que inferiram de modo semelhante as do impossível e as do necessário. Na primeira ordem, de fato, assim como puseram a negativa simples do impossível, puseram a negativa simples do necessário; e, semelhantemente, na segunda ordem situaram ambas como negativas declinadas. Por que isto é um pecado, então? A "*causa porém*" pela qual o necessário "*não segue*" o possível "*semel-*

teris, scilicet, de impossibili, est, quoniam impossibile redditur idem valens necessario, idest, aequivalet necessario, *contrarie*, idest, contrario modo sumptum, et non eodem modo. Nam si, *hoc esse est impossibile*, non inferemus, *ergo hoc esse est necesse*, sed, *hoc non esse est necesse*. Quia ergo impossibile et necesse mutuo se sequuntur, quando dicta eorum contrario modo sumuntur, et non quando dicta eorum simili modo sumuntur, sequitur quod non eodem modo ad possibile se habeant impossibile et necessarium, sed contrario modo. Nam ad id possibile quod sequitur dictum affirmatum de impossibili, sequitur dictum negatum de necessario; et e contrario. Quare autem hoc accidit infra dicetur. Erraverunt igitur antiqui quod similes enunciationes de impossibili et necessario in primo et in secundo ordine locaverunt.

hantemente, isto é, do mesmo modo" que as outras, a saber, as do impossível, é porque o impossível torna-se equivalente ao necessário de modo "*contrário*", isto é, tomado de modo contrário, e não do mesmo modo. Pois se "*isto ser é impossível*", não inferiremos "*logo isto ser é necessário*", mas "*logo isto não ser é necessário*". Como, portanto, o impossível e o necessário seguem-se mutuamente quando os seus ditos são tomados de modo contrário, e não quando os seus ditos são tomados de modo semelhante, segue-se que o impossível e o necessário não se comportam do mesmo modo em relação ao possível, mas de modo contrário. Pois àquele possível que segue o dito afirmado do impossível, segue o dito negado do necessário; e vice-versa. Por que isto acontece, dir-se-á abaixo. Errara, portanto, os antigos ao situarem enunciações semelhantes do impossível e do necessário na primeira e na segunda ordem.

10) Hinc apparet quod supra posita nostra expositio conformior est Aristoteli. Cum enim hunc textum induxerit ad manifestandum illa verba: *manifestum est autem quoniam non eodem modo*, etc., eo accipiendo sunt sensu illa verba, quo hic per causam manifestantur. Liquet autem quod hic redditur causa dissimilitudinis verae inter necessarias et impossibiles in consequendo possibiles, et non dissimilitudinis falso opinatae ab antiquis: quoniam ex vera causa nonnisi verum concluditur. Ergo reprehendendo antiquos, veram dissimilitudinem inter necessarias, et impossibiles in consequendo possibiles, quam non servaverunt illi, proposuisse tunc intelligendum est, et nunc eam manifestasse. Quod autem dissimilitudo illa, quam antiqui posuerunt inter necessarias et impossibiles, sit falso posita, ex infra dicendis patebit. Ostendetur enim quod contradictorias de possibili contradictoriae de necessario sequuntur conversim; et quod in hoc non differunt ab his quae sunt de impossibili, sed differunt in hoc quod modo diximus, quod possibilium et impossibilium se consequentium dictum est similiter, possibilium autem et necessariorum, se invicem consequentium dictum est contrarium, ut infra clara luce videbitur.

10) Daqui aparece que a nossa exposição acima posta é mais conforme a Aristóteles. Pois, tendo ele induzido este texto para manifestar aquelas palavras: "*é manifesto, porém, que não do mesmo modo*" etc., aquelas palavras devem ser tomadas no sentido em que aqui são manifestadas pela causa. É claro, porém, que aqui se dá a causa da dissimilitude verdadeira entre as necessárias e as impossíveis em seguir as possíveis, e não da dissimilitude falsamente opinada pelos antigos: visto que de uma causa verdadeira não se conclui senão o verdadeiro. Portanto, deve-se entender que, ao repreender os antigos, ele propôs então a verdadeira dissimilitude entre as necessárias e as impossíveis em seguir as possíveis (a qual eles não observaram), e agora a manifestou. Quanto ao fato de que aquela dissimilitude que os antigos puseram entre as necessárias e as impossíveis tenha sido posta falsamente, patet pelo que será dito abaixo. Pois mostrar-se-á que as contraditórias do necessário seguem as contraditórias do possível inversamente; e que nisto não diferem daquelas que são do impossível, mas diferem no que dissemos há pouco: que o dito das possíveis e impossíveis que se seguem é semelhante, mas o dito das possíveis e necessárias que se seguem mutuamente é contrário, como se verá abaixo em plena luz.

11) Quarto cum dicit: *aut certe impossibile est* etc., manifestat aliud quod proposuerat, scilicet, quod contradictoriae de necessario male situatae sint secundum consequentiam ab antiquis, qui contradictiones necessarii ita ordinaverunt. In primo ordine posuerunt contradictoriam negationem, *necesse esse*, idest, *non necesse esse*; et in secundo contradictoriam negationem, *necesse non esse*, idest, *non necesse non esse*. Et probat hunc consequentiae modum esse malum in primo ordine. Cognita enim malitia primi, facile est secundi ordinis agnoscere defectum. Probat autem hoc tali ratione ducente ad impossibile. Ad *necessarium esse* sequitur *possibile esse*: aliter sequeretur *non possibile esse*, quod manifeste implicat; ad *possibile esse* sequitur *non impossibile esse*, ut patet; ad *non impossibile esse*, secundum antiquos, sequitur in primo ordine *non necessarium esse*; ergo de primo ad ultimum, ad *necessarium esse* sequitur *non necessarium esse*: quod est inconveniens, quia est manifesta implicatio contradictionis. Relinquitur ergo quod male dictum sit, quod *non necessarium esse* consequatur in primo ordine. Ait ergo et certe impossibile est poni sic secundum consequentiam, ut antiqui posuerunt, necessarii contradictiones, idest illas duas enunciationes de necessario, quae sunt negationes contradictoriae aliarum duarum de necessario. Nam ad id quod est, *necessarium esse*, sequitur, *possibile est esse*: nam si non, idest quoniam si hanc negaveris consequentiam, negatio possibilis sequitur illam, scilicet, *necesse esse*. *Necesse est* enim de necessario aut dicere, idest affirmare possibile, aut negare possibile: de quolibet enim est affirmatio vel negatio vera. Quare si dicas quod, ad *necesse esse*, non sequitur, *possibile esse*, sed, *non possibile est esse*; cum haec aequivaleat illi quae dicit, *impossibile est esse*, relinquitur quod ad, *necesse esse*, sequitur, *impossibile esse*, et idem erit, *necesse esse* et *impossibile esse*: quod est inconveniens. Bona ergo erat prima illatio, scilicet, *necesse est esse, ergo possibile est esse*. Tunc ultra. Illud quod est, *possibile esse*, sequitur, *non impossibile esse*, ut patet in primo ordine. Ad hoc vero, scilicet, *non impossibile esse*, secundum antiquos eodem primo ordine, sequitur, *non necesse est esse* (quare contingit de primo ad ultimum); ad id quod est, *necessarium*

11) Quarto, quando diz: "*ou certamente é impossível*" etc., manifesta outra coisa que propusera: a saber, que as contraditórias do necessário foram mal situadas quanto à consequência pelos antigos, que ordenaram as contradições do necessário desta forma: na primeira ordem puseram a negação contraditória de "*necessário ser*", isto é, "*não é necessário ser*"; e na segunda a negação contraditória de "*necessário não ser*", isto é, "*não é necessário não ser*". E prova que este modo de consequência é mau na primeira ordem. Pois, conhecida a malícia da primeira, é fácil reconhecer o defeito da segunda ordem. Prova isto, pois, por tal razão que conduz ao impossível: A "*necessário ser*" segue-se "*possível ser*": do contrário seguir-se-ia "*não possível ser*", o que manifestamente implica [contradição]; a "*possível ser*" segue-se "*não impossível ser*", como patet; a "*não impossível ser*", segundo os antigos, segue-se na primeira ordem "*não necessário ser*"; logo, do primeiro ao último, a "*necessário ser*" segue-se "*não necessário ser*": o que é inconveniente, porque é uma manifesta implicação de contradição. Resta, portanto, que foi mal dito que "*não necessário ser*" se siga na primeira ordem. Diz, portanto: e certamente é impossível pôr-se assim segundo a consequência, como os antigos puseram, as contradições do necessário, isto é, aquelas duas enunciações do necessário que são negações contraditórias das outras duas do necessário. Pois àquilo que é "*necessário ser*", segue-se "*é possível ser*": pois se não — isto é, porque se negares esta consequência — a negação do possível segue aquela, a saber, "*necessário ser*". "*É necessário*", de fato, sobre o necessário ou dizer (isto é, afirmar) o possível, ou negar o possível: pois de qualquer coisa a afirmação ou a negação é verdadeira. Pelo que, se dizes que a "*necessário ser*" não se segue "*possível ser*", mas "*não é possível ser*"; como esta equivale àquela que diz "*é impossível ser*", resta que a "*necessário ser*" segue-se "*impossível ser*", e será o mesmo "*necessário ser*" e "*impossível ser*": o que é inconveniente. Boa era, portanto, a primeira ilação, a saber: "*é necessário ser, logo é possível ser*". Então, indo além: àquilo que é "*possível ser*", segue-se "*não impossível ser*", como patet na primeira ordem. Ora, a isto, a saber, "*não impossível ser*", segundo os antigos na mesma primeira

esse, sequitur, *non necessarium esse*: quod est inconveniens, immo impossibile.

ordem, segue-se "*não é necessário ser*" (pelo que acontece do primeiro ao último); àquilo que é "*necessário ser*", segue-se "*não é necessário ser*": o que é inconveniente, aliás, impossível.

12) Dubitatur hic: quia in I priorum dicitur quod ad possibile sequitur non necessarium, hic autem dicitur oppositum. Ad hoc est dicendum quod possibile sumitur dupliciter. Uno modo in communi, et sic est quoddam superius ad necessarium et contingens ad utrunque, sicut animal ad hominem et bovem; et sic ad possibile non sequitur non necessarium, sicut ad animal non sequitur non homo. Alio modo sumitur possibile pro una parte possibilis in communi, idest pro possibili seu contingenti, scilicet ad utrunque, scilicet quod potest esse et non esse; et sic ad possibile sequitur non necessarium. Quod enim potest esse et non esse, non necessarium est esse, et similiter non necessarium est non esse. Loquimur ergo hic de possibili in communi, ibi vero in speciali.

12) Duvida-se aqui: porque no livro I dos *Analíticos Anteriores* diz-se que ao possível segue-se o não necessário, mas aqui diz-se o oposto. A isto deve-se dizer que o possível é tomado de dois modos. De um modo, em comum, e assim é um certo gênero superior ao necessário e ao contingente a ambos, como animal em relação a homem e boi; e assim ao possível não se segue o não necessário, como de animal não se segue o não homem. De outro modo, toma-se o possível por uma parte do possível em comum, isto é, pelo possível ou contingente, a saber, "a ambos" [os lados], a saber, o que pode ser e não ser; e assim ao possível segue-se o não necessário. Pois o que pode ser e não ser, não é necessário que seja, e semelhantemente não é necessário que não seja. Falamos aqui, portanto, do possível em comum, mas lá no sentido especial.

13) Deinde cum dicit: *at vero neque necessarium* etc., determinat veritatem intentam. Et circa hoc tria facit: primo, determinat quae enunciatio de necessario sequatur ad possibile; secundo, ordinat consequentias omnium modalium; ibi: *sequuntur enim* et cetera. Quoad primum, sicut duabus viis reprehendit antiquos, ita ex illis duobus motivis intentum probat. Et intendit quod, ad *possibile esse*, sequitur, *non necesse non esse*. Primum motivum est per locum a divisione. Ad, *possibile esse*, non sequitur (ut probatum est), *non necesse esse*, at vero neque, *necesse esse*, neque, *necesse non esse*. Reliquum est ergo ut sequatur ad eam, *non necesse non esse*: non enim dantur plures enunciationes de necessario. Huius communis divisionis primo proponit reliqua duo membra excludenda, dicens: *at vero neque necessarium esse, neque necessarium non esse*, sequitur ad *possibile non esse*; secundo probat hoc sic. Nullum formale consequens minuit suum antecedens: tunc enim oppositum consequentis staret cum antecedente; sed utrumque horum, scilicet, *necesse esse*, et, *necesse non esse*, minuit *possibile esse*; ergo, et cetera. Unde, tacita maiore, ponit minoris probationem dicens: illi enim,

13) Em seguida, quando diz: "*mas na verdade nem o necessário*" etc., determina a verdade pretendida. E sobre isto faz três coisas: primeiro, determina qual enunciação do necessário segue-se ao possível; segundo, ordena as consequências de todas as modais; ali: "*seguem-se de fato*" etc. Quanto ao primeiro ponto, assim como repreendeu os antigos por duas vias, assim prova o que pretende a partir desses dois motivos. E pretende que a "*possível ser*" segue-se "*não é necessário não ser*". O primeiro motivo é pelo argumento da divisão: A "*possível ser*" não se segue (como foi provado) "*não necessário ser*", mas na verdade nem "*necessário ser*", nem "*necessário não ser*". Resta, portanto, que se siga a ela "*não necessário não ser*": pois não se dão mais enunciações do necessário. Desta divisão comum, primeiro propõe os outros dois membros a serem excluídos, dizendo: "*mas na verdade nem necessário ser, nem necessário não ser*" segue-se a "*possível ser*"; segundo, prova isto assim: Nenhum consequente formal diminui o seu antecedente (pois então o oposto do consequente coexistiria com o antecedente); ora, cada um destes, a saber, "*necessário ser*" e "*necessário não ser*", diminui "*pos-*

scilicet, *possibile esse*, utraque, scilicet, *esse* et *non esse*, contingit accidere; horum autem, scilicet, *necesse esse* et *necesse non esse*, utrumlibet verum fuerit, non erunt illa duo, scilicet, *esse* et *non esse*, vera simul in potentia. Et primum horum explanans ait: cum dico, *possibile esse*, simul est *possibile esse* et *non esse*. Quoad secundum vero subdit. Si vero dicas, *necesse esse* vel *necesse non esse*, non remanet utrumque, scilicet, *esse* et *non esse*, possibile: si enim *necesse est esse*, possibilitas ad *non esse* excluditur; et si *necesse est non esse*, possibilitas ad *esse* removetur. Utrumque ergo istorum minuit illud antecedens, *possibile esse*, quoniam ad *esse* et *non esse* se extendit, et cetera. Tertio subdit conclusionem: relinquitur ergo quod, *non necessarium non esse*, comes est ei quae dicit, *possibile esse*; et consequenter haec ponenda erit in primo ordine.

sível ser"; logo, etc. Por onde, silenciando a maior, põe a prova da menor dizendo: àquele, a saber, "*possível ser*", acontece de acederem ambos, a saber, "*ser*" e "*não ser*"; destes, porém, a saber, "*necessário ser*" e "*necessário não ser*", qualquer um que fosse verdadeiro, não seriam aqueles dois, a saber, "*ser*" e "*não ser*", verdadeiros simultaneamente em potência. E explanando o primeiro destes, diz: quando digo "*possível ser*", simultaneamente é "*possível ser*" e "*não ser*". Quanto ao segundo, acrescenta: se porém dizes "*necessário ser*" ou "*necessário não ser*", não permanece possível cada um deles, a saber, "*ser*" e "*não ser*": pois se "*é necessário ser*", a possibilidade para "*não ser*" é excluída; e se "*é necessário não ser*", a possibilidade para "*ser*" é removida. Cada um destes, portanto, diminui aquele antecedente, "*possível ser*", visto que este se estende ao "*ser*" e ao "*não ser*", etc. Terceiro, acrescenta a conclusão: resta, portanto, que "*não necessário não ser*" é companheiro daquela que diz "*possível ser*"; e, consequentemente, esta deverá ser posta na primeira ordem.

14) Occurrit in hac parte dubium circa hoc quod dicit quod, ad possibile non sequitur necessarium, cum superius dixerit quod ad ipsum non sequitur non necessarium. Cum enim necessarium et non necessarium sint contradictoria opposita, et de quolibet sit affirmatio vel negatio vera, non videtur posse evadi quin ad possibile sequatur necessarium, vel, non necessarium. Et cum non sequatur necessarium, sequetur non necessarium, ut dicebant antiqui. Augetur et dubitatio ex eo quod Aristoteles nunc usus est tali argumentationis modo, volens probare quod ad necessarium sequatur possibile. Dixit enim: *nam si non negatio possibilis consequatur. Necesse est enim aut dicere aut negare.*

14) Ocorre nesta parte uma dúvida sobre o que ele diz, que ao possível não se segue o necessário, tendo dito acima que a ele não se segue o não necessário. Pois, como necessário e não necessário são contraditórios opostos, e de qualquer coisa a afirmação ou a negação é verdadeira, não parece que se possa evitar que ao possível se siga o necessário ou o não necessário. E, não se seguindo o necessário, seguir-se-ia o não necessário, como diziam os antigos. Aumenta-se também a dúvida pelo fato de Aristóteles ter usado agora tal modo de argumentação, querendo provar que ao necessário segue-se o possível. Pois disse: "*pois, do contrário, seguiria a negação do possível. Pois é necessário ou dizer ou negar*".

15) Pro solutione huius, oportet reminisci habitudinis quae est inter possibile et necessarium, quod scilicet possibile est superius ad necessarium, et attendere quod superius potestate continet suum inferius et eius oppositum, ita quod neutrum eorum actualiter sibi vindicat, sed utrunque potest sibi contingere; sicut animali potest accidere homo et non homo: et consequenter inspicere debes quod,

15) Para a solução disto, convém lembrar a relação que existe entre possível e necessário — a saber, que o possível é superior ao necessário — e notar que o superior contém em potência o seu inferior e o oposto deste, de sorte que não reivindica para si nenhum deles atualmente, mas cada um pode lhe acontecer; como a animal pode aceder homem e não homem. E, consequentemente, deves obser-

eadem est proportio superioris ad habendum affirmationem et negationem unius inferioris, quae est alicuius subiecti ad affirmativam et negativam futuri contingentis. Utrobique enim neutrum habetur, et salvatur potentia ad utrumlibet. Unde, sicut in futuris contingentibus nec affirmatio nec negatio est determinate vera, sed sub disiunctione altera est necessario vera, ut in fine primi conclusum est; ita nec affirmatio nec negatio inferioris sequitur determinate affirmationem vel negationem superioris, sed sub disiunctione altera sequitur necessario. Unde non valet, est animal, ergo est homo, neque, ergo non est homo, sed, ergo est homo vel non est homo. Quia ergo possibile superius est ad necessarium, ideo optime determinavit Aristoteles neutram contradictionis partem de necessario determinate sequi ad possibile. Non tamen dixit quod sub disiunctione neutra sequatur; hoc enim est contra illud primum principium: de quolibet est affirmatio vera vel falsa. Ad id autem quod additur, ex eadem trahitur radice responsio. Quia enim necessarium inferius est ad possibile, et inferius non in potentia sed in actu includit suum superius, necesse est ad inferius determinate sequi suum superius: aliter determinate sequetur eius contradictorium. Unde per dissimilem habitudinem, quae est inter necessarium et possibile et non possibile, ex una parte, et inter possibile et necessarium et non necessarium, ex altera parte, ibi optimus fuit processus ad alteram contradictionis partem determinate, et hic optimus ad neutram determinate.

16) Oritur quoque alia dubitatiuncula. Videtur enim quod Aristoteles differmiter accipiat ly *possibile* in praecedenti textu et in isto. Ibi enim accipit ipsum in communi, ut sequitur ad necessarium; hic videtur accipere ipsum specialiter pro possibili ad utrumlibet, quia dicit quod possibile est simul potens esse et non esse. Et ad hoc dicendum est quod uniformiter usus est possibili. Nec eius verba obstant: quoniam et de possibili in communi verum est dicere quod potest sibi utrunque accidere, scilvar que a proporção do superior para ter a afirmação e a negação de um inferior é a mesma que a de um sujeito para a afirmativa e negativa de um futuro contingente. Em ambos os casos, de fato, nenhum dos dois se possui [determinadamente], e salva-se a potência para qualquer um deles. Por onde, assim como nos futuros contingentes nem a afirmação nem a negação é determinadamente verdadeira, mas sob disjunção uma das duas é necessariamente verdadeira, como se concluiu ao fim do primeiro livro; assim também nem a afirmação nem a negação do inferior segue determinadamente a afirmação ou a negação do superior, mas sob disjunção uma delas segue necessariamente. Por onde não vale: "é animal, logo é homem", nem "logo não é homem", mas sim "logo é homem ou não é homem". Como, portanto, o possível é superior ao necessário, por isso Aristóteles determinou otimamente que nenhuma das partes da contradição sobre o necessário segue determinadamente ao possível. Não disse, porém, que sob disjunção nenhuma delas se siga; pois isto seria contra aquele primeiro princípio: de qualquer coisa a afirmação é verdadeira ou falsa. Quanto ao que se acrescenta, a resposta é extraída da mesma raiz. Pois como o necessário é inferior ao possível, e o inferior inclui o seu superior não em potência mas em ato, é necessário que ao inferior siga-se determinadamente o seu superior: do contrário, seguir-se-ia determinadamente o seu contraditório. Por onde, pela relação dissímil que existe entre o necessário e o possível e não possível, de um lado, e entre o possível e o necessário e não necessário, de outro lado, lá o processo para uma das partes da contradição determinadamente foi ótimo, e aqui o processo para nenhuma das duas determinadamente foi ótimo.

16) Surge também outra pequena dúvida. Parece, de fato, que Aristóteles aceita de forma difforme o termo "*possível*" no texto precedente e neste. Pois lá o aceita em comum, enquanto segue-se ao necessário; aqui parece aceitá-lo especialmente pelo possível "a ambos os lados" [contingente], porque diz que o possível é simultaneamente potente para ser e não ser. E a isto deve-se dizer que ele usou o "possível" uniformemente. E as suas palavras não obstam: visto que também do possível em comum

icet, esse et non esse: tum quia quidquid verificatur de suo inferiori, verificatur etiam de suo superiori, licet non eodem modo; tum quia possibile in communi neutram contradictionis partem sibi determinat, et consequenter utranque sibi advenire compatitur, licet non asserat potentiam ad utranque partem, quemadmodum possibile ad utrunque.

é verdadeiro dizer que pode lhe acontecer cada uma das coisas, a saber, ser e não ser: tanto porque o que quer que se verifique do seu inferior, verifica-se também do seu superior, embora não do mesmo modo; quanto porque o possível em comum não determina para si nenhuma das partes da contradição e, consequentemente, é compatível com o advento de cada uma delas, embora não assevere a potência para ambas as partes como faz o possível "a ambos os lados".

17) Secundum motivum ad idem, correspondens tacitae obiectioni antiquorum quam supra exclusit, addit cum subdit: *hoc enim verum est* et cetera. Ubi notandum quod Aristoteles sub illa maiore adducta pro antiquis (scilicet, convertibiliter se consequentium contradictoria se mutuo consequuntur), subsumit minorem: sed horum convertibiliter se sequentium in tertio ordine (scilicet, *non possibile esse* et *necesse non esse*), contradictoria sunt, *possibile esse* et *non necesse non esse* (quoniam modi negatione eis opponuntur); ergo istae duae (scilicet, *possibile esse* et *non necesse non esse*) se consequuntur et in primo locandae sunt ordine. Unde motivum tangens ait: *hoc enim, quod dictum est, verum est*, idest verum esse ostenditur, *et de necesse non esse*, idest, et ex illius, scilicet, *non necesse non esse*, opposita, quae est, *necesse non esse*. Vel, *hoc enim*, scilicet, *non necesse non esse*, *verum est*, scilicet, contradictorium illius de *necesse non esse*. Et minorem subdens ait: haec enim, scilicet, *non necesse non esse*, fit contradictio eius, quae convertibiliter sequitur, *non possibile esse*. Et explanans hoc in terminis subdit. Illud enim, *non possibile esse*, quod est caput tertii ordinis, sequitur hoc de impossibili, scilicet, *impossibile esse*, et haec de necessario, scilicet, *necesse non esse*, cuius negatio seu contradictoria est, *non necesse non esse*. Et quia, caeteris paribus, modus negatur, et illa, *possibile esse*, est (subauditur) contradictoria illius, scilicet, *non possibile*; igitur ista duo mutuo se consequuntur, scilicet, *possibile esse*, et, *non necesse non esse*, tamquam contradictoria duorum se mutuo consequentium.

17) O segundo motivo para o mesmo ponto, correspondendo à objeção tácita dos antigos que ele excluiu acima, ele o acrescenta quando diz: "*pois isto é verdade*" etc. Onde se deve notar que Aristóteles, sob aquela maior aduzida pelos antigos (a saber: das coisas que se seguem conversivelmente, as contraditórias seguem-se mutuamente), assume a menor: ora, destas que se seguem conversivelmente na terceira ordem (a saber, "*não possível ser*" e "*necessário não ser*"), as contraditórias são "*possível ser*" e "*não necessário não ser*" (visto que os modos se opõem a elas pela negação); logo estas duas (a saber, "*possível ser*" e "*não necessário não ser*") seguem-se e devem ser situadas na primeira ordem. Por onde, tocando no motivo, diz: "*pois isto que foi dito é verdade*", isto é, mostra-se ser verdadeiro, "*também sobre o necessário não ser*", isto é, também a partir da oposta daquela, a saber, "*não necessário não ser*", que é "*necessário não ser*". Ou: "*pois isto*", a saber, "*não necessário não ser*", "*é verdade*", a saber, o contraditório daquela sobre o necessário não ser. E acrescentando a menor, diz: esta, de fato, a saber, "*não necessário não ser*", torna-se a contradição daquela que segue conversivelmente, "*não possível ser*". E explanando isto em termos, acrescenta: pois aquele "*não possível ser*", que é a cabeça da terceira ordem, segue esta do impossível, a saber, "*impossível ser*", e esta do necessário, a saber, "*necessário não ser*", cuja negação ou contraditória é "*não necessário não ser*". E como, mantendo-se o resto igual, o modo é negado, e aquela, "*possível ser*", é (subentende-se) a contraditória daquela, a saber, "*não possível*"; logo estas duas seguem-se mutuamente, a saber, "*possível ser*" e "*não necessário não ser*", como contraditórias de duas que se seguem mutuamente.

18) Deinde cum dicit: *sequuntur enim* etc., ordinat omnes consequentias modalium secundum opinionem propriam; et ait quod, hae contradictiones, scilicet, de necessario, sequuntur illas de possibili, secundum modum praedictum et approbatum illarum de impossibili. Sicut enim contradictorias de possibili contradictoriae de impossibili sequuntur, licet conversim; ita contradictorias de possibili contradictoriae de necessario sequuntur conversim: licet in hoc, ut dictum est, dissimilitudo sit quod, contradictoriarum de possibili et impossibili similiter est dictum, contradictoriarum autem de possibili et necessario contrarium est dictum, ut in sequenti videtur figura: consequentiae enunciationum modalium secundum quatuor ordines ab Aristotele positae et ordinatae. (Figura). Ubi vides quod nulla est inter Aristotelem et antiquos differentia, nisi in duobus primis ordinibus quoad illas de necessario. Praepostero namque situ usi sunt antiqui, eam de necessario, quae locanda erat in primo ordine, in secundo ponentes, et eam quae in secundo ponenda erat, in primo locantes. Et aspice quoque quod convertibiliter se consequentium semper contradictoria se consequi ordinavit. Singulis enim tertii ordinis singulae primi ordinis contradictoriae sunt; et similiter singulae quarti ordinis singulis, quae in secundo sunt, contradictoriae sunt. Quod antiqui non observarunt.

18) Em seguida, quando diz: "*seguem-se de fato*" etc., ordena todas as consequências das modais segundo a própria opinião; e diz que estas contradições, a saber, as do necessário, seguem aquelas do possível segundo o modo predito e aprovado das do impossível. Pois assim como as contraditórias do impossível seguem as contraditórias do possível, embora inversamente; assim as contraditórias do necessário seguem as contraditórias do possível inversamente: embora nisto, como foi dito, haja a dissimilitude de que o dito das contraditórias do possível e impossível é semelhante, mas o dito das contraditórias do possível e necessário é contrário, como se vê na figura seguinte: consequências das enunciações modais segundo as quatro ordens postas e ordenadas por Aristóteles. (Figura). Onde vês que não há nenhuma diferença entre Aristóteles e os antigos, exceto nas duas primeiras ordens quanto às do necessário. Pois os antigos usaram uma situação invertida, pondo na segunda ordem aquela do necessário que devia ser situada na primeira, e situando na primeira a que devia ser posta na segunda. E observa também que ele ordenou que as contraditórias das que se seguem conversivelmente sempre se sigam. Pois a cada uma da terceira ordem, cada uma da primeira ordem é contraditória; e, semelhantemente, cada uma da quarta ordem é contraditória a cada uma das que estão na segunda. O que os antigos não observaram.

Lectio XI

1) Postquam Aristoteles declaravit modalium consequentias, hic movet quandam dubitationem circa unum eorum quae determinata sunt, scilicet quod possibile sequitur ad necesse. Et duo facit: quia primo dubitationem absolvit; secundo, ex determinata quaestione alium ordinem earumdem consequentiarum modalibus statuit; ibi: *et est fortasse* et cetera. Circa primum duo facit: primo, movet quaestionem; secundo, determinat eam; ibi: *manifestum est* et cetera. Movet ergo quaestionem: primo dicens: *dubitabit autem aliquis si ad id quod est necesse esse sequatur possibile esse*; et secundo, arguit ad partem affirmativam subdens: *nam si non sequatur, contradictoria eius sequetur*, scilicet *non possibile esse*, ut supra deductum est: quia de quolibet est affirmatio vel negatio vera. Et si quis dicat hanc, scilicet, *non possibile esse*, non esse contradictoriam illius, scilicet, *possibile esse*, et propterea subterfugiendum velit argumentum, et dicere quod neutra harum sequitur ad *necesse esse*; talis licet falsum dicat, tamen concedatur sibi, quoniam necesse erit ipsum dicere illius contradictoriam fore, *possibile non esse*. Oportet namque aut *non possibile esse* aut *possibile non esse*, esse contradictoriam, *possibile esse*; et tunc in eumdem redibit errorem, quoniam utraeque, scilicet, *non possibile esse* et *possibile non esse*, falsae sunt de eo quod est, *necesse esse*. Et consequenter ad ipsum neutra sequi potest. Nulla enim enunciatio sequitur ad illam, cuius veritatem destruit. Relinquitur ergo quod, ad *necesse esse* sequitur *possibile esse*.

1) Depois que Aristóteles declarou as consequências das modais, aqui move uma certa dúvida sobre um dos pontos que foram determinados: a saber, que o "possível" segue-se ao "necessário". E faz duas coisas: primeiro, resolve a dúvida; segundo, a partir da questão determinada, estabelece outra ordem para as mesmas consequências das modais; ali: "*e é talvez*" etc. Sobre o primeiro ponto, faz duas coisas: primeiro, move a questão; segundo, determina-a; ali: "*é manifesto*" etc. Move, portanto, a questão: primeiro dizendo: "*alguém duvidará se àquilo que é necessário ser segue-se o possível ser*"; e, segundo, argumenta em favor da parte afirmativa, acrescentando: "*pois, se não se seguir, seguir-se-á a sua contraditória*", a saber, "*não possível ser*", como foi deduzido acima: porque de qualquer coisa a afirmação ou a negação é verdadeira. E se alguém disser que esta, a saber, "*não possível ser*", não é a contraditória daquela, a saber, "*possível ser*", e por isso quiser esquivar-se do argumento dizendo que nenhuma das duas segue-se ao "*necessário ser*"; tal pessoa, embora diga algo falso, conceda-se-lhe por um momento, pois será necessário que ela diga que a contraditória daquela será "*possível não ser*". Pois é necessário que ou "*não possível ser*" ou "*possível não ser*" seja a contraditória de "*possível ser*"; e então cairá no mesmo erro, visto que ambas, a saber, "*não possível ser*" e "*possível não ser*", são falsas a respeito daquilo que é "*necessário ser*". E, consequentemente, nenhuma das duas pode seguir-se a ele. Pois nenhuma enunciação segue-se àquela cuja verdade ela destrói. Resta, portanto, que ao "*necessário ser*" segue-se o "*possível ser*".

2) Tertio, arguit ad partem negativam cum subdit: *at vero rursus* etc., et intendit talem rationem. Si ad *necesse esse* sequitur *possibile esse*, cum ad possibile sequatur *possibile non esse* (per conversionem in oppositam qualitatem, ut dicitur in I priorum, quia idem est *possibile esse* et *non esse*), sequetur de primo ad ultimum quod *necesse est possibile non esse*: quod est falsum manifeste. Unde oppositionis hypothesim subdit: *at vero rursus vide-*

2) Terceiro, argumenta em favor da parte negativa quando acrescenta: "*mas, por outro lado*" etc., e pretende a seguinte razão: Se ao "*necessário ser*" segue-se o "*possível ser*", como ao possível segue-se o "*possível não ser*" (pela conversão na qualidade oposta, como se diz no livro I dos *Analíticos Anteriores*, porque é o mesmo "possível ser" e "não ser"), seguir-se-á, do primeiro ao último termo, que o que é necessário é "possível não ser": o

tur idem possibile esse et non esse, ut domus, *et possibile incidi et non incidi*, ut vestis. Quare de primo ad ultimum *necesse esse*, erit contingens *non esse*. Hoc autem est falsum. Ergo hypothesis illa, scilicet, quod possibile sequatur ad necesse, est falsa.

que é manifestamente falso. Por onde acrescenta a hipótese da oposição: "*mas, por outro lado, parece que o mesmo é possível ser e não ser*", como uma casa, "*e possível ser cortada e não ser cortada*", como uma veste. Pelo que, do primeiro ao último, o "*necessário ser*" seria o contingente "*não ser*". Ora, isto é falso. Logo, aquela hipótese, a saber, que o possível segue o necessário, é falsa.

3) Deinde cum dicit: *manifestum est autem* etc., respondet dubitationi. Et primo, declarat veritatem simpliciter; secundo, applicat ad propositum; ibi: *hoc igitur possibile* et cetera. Proponit ergo primo ipsam veritatem declarandam, dicens: *manifestum est autem*, ex dicendis, *quod non omne possibile esse vel ambulare*, idest operari: idest, non omne possibile secundum actum primum vel secundum ad opposita valet, idest ad opposita viam habet, sed est invenire aliqua possibilia, in quibus non sit verum dicere quod possunt in opposita. Deinde, quia possibile a potentia nascitur, manifestat qualiter se habeat potentia ipsa ad opposita: ex hoc enim clarum erit quomodo possibile se habeat ad opposita. Et circa hoc duo facit: primo manifestat hoc in potentiis eiusdem rationis; secundo, in his quae aequivoce dicuntur potentiae; ibi: *quaedam vero potentiae* et cetera. Circa primum tria facit: quia primo manifestat qualiter potentia irrationalis se habeat ad opposita; et ait quod potentia irrationalis non potest in opposita.

3) Em seguida, quando diz: "*é manifesto, porém*" etc., responde à dúvida. E, primeiro, declara a verdade de modo absoluto; segundo, aplica-a ao propósito; ali: "*este possível, portanto*" etc. Propõe, pois, primeiro, a própria verdade a ser declarada, dizendo: "*é manifesto, porém*", pelo que será dito, "*que nem todo possível ser ou caminhar*", isto é, agir: ou seja, nem todo possível segundo o ato primeiro ou segundo vale para os opostos, isto é, tem caminho para os opostos, mas é possível encontrar alguns possíveis nos quais não seja verdadeiro dizer que podem tender aos opostos. Depois, como o possível nasce da potência, manifesta como se comporta a própria potência em relação aos opostos: pois disto ficará claro como o possível se comporta em relação aos opostos. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, manifesta isto nas potências de mesma razão; segundo, naquelas que são chamadas potências de forma equívoca; ali: "*certas potências, porém*" etc. Sobre o primeiro ponto, faz três coisas: pois primeiro manifesta como a potência irracional se comporta em relação aos opostos; e diz que a potência irracional não pode tender aos opostos.

4) Ubi notandum est quod, sicut dicitur IX Metaphys., potentia activa, cum nihil aliud sit quam principium quo in aliud agimus, dividitur in potentiam rationalem et irrationalem. Potentia rationalis est, quae cum ratione et electione operatur; sicut ars medicinae, qua medicus cognoscens quid sanando expediat infirmo, et volens applicat remedia. Potentia autem irrationalis vocatur illa, quae non ex ratione et libertate operatur, sed ex naturali sua dispositione; sicut calor ignis potentia irrationalis est, quia calefacit, non ut cognoscit et vult, sed ut natura sua exigit. Assignatur autem ibidem duplex differentia proposito deserviens inter istas potentias. Prima est quod activa potentia

4) Aqui se deve notar que, como se diz no livro IX da *Metafísica*, a potência ativa, não sendo outra coisa senão o princípio pelo qual agimos sobre outro, divide-se em potência racional e irracional. A potência racional é a que opera com razão e escolha; como a arte da medicina, pela qual o médico, conhecendo o que convém para curar o enfermo, aplica os remédios voluntariamente. A potência irracional, porém, chama-se aquela que não opera pela razão e liberdade, mas por sua disposição natural; como o calor do fogo é uma potência irracional, pois aquece não porque conhece e quer, mas porque sua natureza o exige. Atribui-se ali uma dupla diferença entre estas potências que serve ao propósito.

irrationalis non potest duo opposita, sed est determinata ad unum oppositorum, sive sumatur oppositum contradictorie sive contrarie. Verbi gratia: calor non potest calefacere et non calefacere, quae sunt contradictorie opposita, neque potest calefacere et frigefacere, quae sunt contraria, sed ad calefactionem determinatus est. Et hoc intellige per se, quia per accidens calor frigefacere potest, vel resolvendo materiam caloris, humidum scilicet, vel per antiperistasin contrarii. Et similiter potest non calefacere per accidens, scilicet si calefactibile deest. Potentia autem rationalis potest in opposita et contradictorie et contrarie. Arte siquidem medicinae potest medicus adhibere remedia et non adhibere, quae sunt contradictoria; et adhibere remedia sana et nociva, quae sunt contraria. Secunda differentia est quod potentia activa irrationalis, praesente passo, necessario operatur, deductis impedimentis: calor enim calefactibile sibi praesens calefacit necessario, si nihil impediat; potentia autem rationalis, passo praesente, non necessario operatur: praesente siquidem infirmo, non cogitur medicus remedia adhibere.

A primeira é que a potência ativa irracional não pode dois opostos, mas está determinada a um dos opostos, quer se tome o oposto contraditoriamente ou contrariamente. Por exemplo: o calor não pode aquecer e não aquecer (que são contraditoriamente opostos), nem pode aquecer e resfriar (que são contrários), mas está determinado ao aquecimento. E entende isto "por si", pois "por acidente" o calor pode resfriar, seja dissolvendo a matéria do calor (o úmido), seja pela *antiperistasis* do contrário. E semelhantemente pode não aquecer por acidente, a saber, se falta o objeto aquecível. A potência racional, porém, pode tender aos opostos tanto contraditória quanto contrariamente. Pela arte da medicina, de fato, o médico pode aplicar remédios e não aplicar (que são contraditórios); e aplicar remédios saudáveis e nocivos (que são contrários). A segunda diferença é que a potência ativa irracional, presente o objeto passivo, opera necessariamente, removidos os impedimentos: pois o calor aquece necessariamente o objeto aquecível presente, se nada o impedir; a potência racional, porém, presente o objeto passivo, não opera necessariamente: pois, presente o enfermo, o médico não é coagido a aplicar remédios.

5) Dimittantur autem metaphysico harum differentiarum rationes et ad textum redeamus. Ubi narrans quomodo se habeat potentia irrationalis ad oppositum, ait: *et primum quidem*, scilicet, non est verum dicere quod sit potentia ad opposita in his *quae possunt non secundum rationem*, idest, in his quorum posse est per potentias irrationales; *ut ignis calefactivus est*, idest, potens calefacere, *et habet vim*, idest, potentiam istam irrationalem. Ignis siquidem non potest frigefacere; neque in eius potestate est calefacere et non calefacere. Quod autem dixit *primum* ordinem, nota, ad secundum genus possibilis infra dicendum, in quo etiam non invenitur potentia ad opposita.

5) Deixem-se ao metafísico as razões destas diferenças e voltemos ao texto. Onde, narrando como se comporta a potência irracional em relação ao oposto, diz: "*e primeiro, certamente*", a saber, não é verdade dizer que haja potência para os opostos naqueles "*que podem não segundo a razão*", isto é, naqueles cujo poder se dá por potências irracionais; "*como o fogo é aquecedor*", isto é, potente para aquecer, "*e tem a força*", isto é, esta potência irracional. O fogo, de fato, não pode resfriar; nem está em seu poder aquecer e não aquecer. Quanto ao que disse ser a "*primeira*" ordem, nota que se refere ao segundo gênero de possível a ser dito abaixo, no qual também não se encontra potência para os opostos.

6) Secundo, manifestat quomodo potentia rationalis se habeat ad opposita, intendens quod potentia rationalis potest in opposita. Unde subdit: *ergo potestates secundum rationem*, idest rationales, *ipsae eaedem sunt contrariorum*, non solum duorum,

6) Segundo, manifesta como a potência racional se comporta em relação aos opostos, pretendendo que a potência racional pode tender aos opostos. Por onde acrescenta: "*logo as potências segundo a razão*", isto é, racionais, "*são as mesmas para*

sed etiam plurimorum, ut arte medicinae medicus plurima iuga contrariorum adhibere potest, et a multarum operationum contradictionibus abstinere potest. Praeposuit autem ly *ergo*, ut hoc consequi ex dictis insinuaret: cum enim oppositorum oppositae sint proprietates, et potentia irrationalis ex eo quod irrationalis ad opposita non se extendat; oportet potentiam rationalem ad opposita viam habere, eo quod rationalis sit.

7) Tertio, explanat id quod dixit de potentiis irrationalibus, propter causam infra assignandam ab ipso; et intendit quod illud quod dixit de potentia irrationali, scilicet quod non potest in opposita, non est verum universaliter, sed particulariter. Ubi nota quod potentia irrationalis dividitur in potentiam activam, quae est principium faciendi, et potentiam passivam, quae est principium patiendi: verbi gratia, potentia ad calorem dividitur in posse calefacere, et in posse calefieri. In potentiis activis irrationalibus verum est quod non possunt in opposita, ut declaratum est; in potentiis autem passivis non est verum. Illud enim quod potest calefieri, potest etiam frigefieri, quia eadem est materia, seu potentia passiva contrariorum, ut dicitur in II de caelo et mundo, et potest non calefieri, quia idem est subiectum privationis et formae, ut dicitur in I Physic. Et propter hoc ergo explanando, ait: *irrationales vero potentiae non omnes* a posse in opposita excludi intelligendae sunt, sed illae quae sunt quemadmodum potentia ignis calefactiva (ignem enim non posse non calefacere manifestum est), et universaliter, quaecunque alia sunt talis potentiae, quod semper agunt, idest quod quantum est ex se non possunt non agere, sed ad semper agendum ex sua forma necessitantur. Huiusmodi autem sunt, ut declaravimus, omnes potentiae activae irrationales. Alia vero sunt talis conditionis quod etiam secundum irrationales potentias, scilicet passivas, simul possunt in quaedam opposita, ut aer potest calefieri et frigefieri. Quod vero ait, *simul*, cadit supra ly *possunt*, et non supra ly *opposita*; et est sensus, quod simul aliquid habet potentiam passivam ad utrunque oppositorum, et non quod habeat potentiam passivam ad utrunque oppositorum simul habendum. Opposita

os contrários", não apenas para dois, mas para muitos, como pela arte da medicina o médico pode aplicar muitos pares de contrários e pode abster-se das contradições de muitas operações. Antepôs, porém, o termo "*logo*", para insinuar que isto se segue do que foi dito: pois, como as propriedades dos opostos são opostas, e a potência irracional, por ser irracional, não se estende aos opostos; convém que a potência racional tenha caminho para os opostos, pelo fato de ser racional.

7) Terceiro, explana o que disse sobre as potências irracionais, devido à causa a ser atribuída por ele abaixo; e pretende que aquilo que disse sobre a potência irracional — a saber, que não pode tender aos opostos — não é verdade universalmente, mas particularmente. Nota aqui que a potência irracional se divide em potência ativa, que é o princípio do fazer, e potência passiva, que é o princípio do sofrer (padecer): por exemplo, a potência em relação ao calor divide-se em "poder aquecer" e em "poder ser aquecido". Nas potências ativas irracionais, é verdade que não podem tender aos opostos, como foi declarado; nas potências passivas, porém, não é verdade. Pois aquilo que pode ser aquecido também pode ser resfriado, porque a matéria (ou potência passiva) dos contrários é a mesma, como se diz no livro II de *Do Céu e do Mundo*, e pode não ser aquecido, pois o sujeito da privação e da forma é o mesmo, como se diz no livro I da *Física*. E por isso, explanando, diz: "*as potências irracionais, porém, nem todas*" devem ser entendidas como excluídas do poder tender aos opostos, mas apenas aquelas que são como a potência aquecedora do fogo (pois é manifesto que o fogo não pode não aquecer), e, universalmente, quaisquer outras que sejam de tal potência que sempre agem, isto é, que no que depende delas não podem não agir, mas são necessitadas pela sua forma a agir sempre. Deste tipo são, como declaramos, todas as potências ativas irracionais. Outras coisas, porém, são de tal condição que, mesmo segundo potências irracionais (a saber, as passivas), podem simultaneamente tender a certos opostos, como o ar pode ser aquecido e ser resfriado. O que ele diz, "*simultaneamente*", recai sobre o verbo "*podem*", e não sobre os "*opostos*"; e o sentido é que algo tem,

namque impossibile est haberi simul. Unde et dici solet et bene, quod in huiusmodi est simultas potentiae, non potentia simultatis. Irrationalis igitur potentia non secundum totum suum ambitum a posse in opposita excludi intelligendae sunt, sed secundum partem eius, secundum potentias scilicet activas.

ao mesmo tempo, potência passiva para ambos os opostos, e não que tenha potência passiva para possuir ambos os opostos ao mesmo tempo. Pois é impossível possuir os opostos simultaneamente. Por onde se costuma dizer, e bem, que nestes casos há "simultaneidade de potência", e não "potência de simultaneidade". A potência irracional, portanto, não é excluída do poder tender aos opostos em todo o seu âmbito, mas segundo uma parte sua, a saber, segundo as potências ativas.

8) Quia autem videbatur superflue addidisse differentias inter activas et passivas irrationales, quia sat erat proposito ostendisse quod non omnis potentia oppositorum est; ideo subdit quod hoc idcirco dictum est, ut notum fiat quoniam nedum non omnis potestas oppositorum est, loquendo de potentia communissime, sed neque quaecunque potentiae dicuntur secundum eamdem speciem ad opposita possunt. Potentiae siquidem irrationales omnes sub una specie irrationalis potentiae concluduntur, et tamen non omnes in opposita possunt, sed passive tantum. Non supervacanea ergo fuit differentia inter passivas et activas irrationales, sed necessaria ad declarandum quod non omnis potentia eiusdem speciei possunt in opposita. Potest et ly *hoc* demonstrare utranque differentiam, scilicet, inter rationales et irrationales, et inter irrationales activas et passivas inter se; et tunc est sensus, quod hoc ideo fecimus, ut ostenderemus quod non omnis potestas, quae scilicet secundum eamdem rationem potentiae physicae dicitur, quia scilicet potest in aliquid ut rationalis et irrationalis, neque etiam omnis potestas, quae sub eadem specie continetur, ut irrationalis activa et passiva sub specie irrationalis, ad opposita potest.

8) Como, porém, parecia ter acrescentado superfluamente as diferenças entre as potências irracionais ativas e passivas (pois bastava ao propósito ter mostrado que nem toda potência é para opostos), por isso ele acrescenta que isto foi dito para que se saiba que não apenas nem toda potência é para opostos (falando da potência de modo generalíssimo), mas nem sequer todas as potências que são ditas segundo a mesma espécie podem tender aos opostos. De fato, as potências irracionais estão todas contidas sob uma única espécie de potência irracional e, no entanto, nem todas podem tender aos opostos, mas apenas passivamente. Não foi supérflua, portanto, a diferença entre as irracionais passivas e ativas, mas necessária para declarar que nem todas as potências da mesma espécie podem tender aos opostos. O termo "*isto*" pode também demonstrar ambas as diferenças: a saber, entre as racionais e irracionais, e entre as irracionais ativas e passivas entre si; e então o sentido é: fizemos isto para mostrar que nem toda potência (a saber, a que é dita segundo a mesma razão de potência física, porque pode algo como racional e irracional) e nem toda potência contida sob a mesma espécie (como a irracional ativa e passiva sob a espécie de irracional) pode tender aos opostos.

Lectio XII

1) Intendit declarare quomodo illae quae aequivocae dicuntur potentiae, se habeant ad opposita. Et circa hoc duo facit: primo, declarat naturam talis potentiae; secundo, ponit differentiam et conveni-entiam inter ipsas et supradictas, ibi: *et haec quidem* et cetera. Ad evidentiam primi advertendum est quod V et IX Metaphys., Aristoteles dividit potentiam in potentias, quae eadem ratione potentiae dicuntur, et in potentias, quae non ea ratione qua praedictae potentiae nomen habent, sed alia. Et has appellat aequivoce potentias. Sub primo membro comprehenduntur omnes potentiae activae, et passivae, et rationales, et irrationales. Quaecunque enim posse dicuntur per potentiam activam vel passivam quam habeant, eadem ratione potentiae sunt, quia scilicet est in eis vis principiata alicuius activae vel passivae. Sub secundo autem membro comprehenduntur potentiae mathematicales et logicales. Mathematica potentia est, qua lineam posse dicimus in quadratum, et eo quod in semetipsam ducta quadratum constituit. Logica potentia est, qua duo termini coniungi absque contradictione in enunciatione possunt. Sub logica quoque potentia continetur quae ea ratione potentia dicitur, quia est. Hae vero merito aequivoce a primis potentiae dicuntur, eo quod istae nullam virtutem activam vel passivam praedicant; et quod possibile istis modis dicitur, non ea ratione possibile appellatur quia aliquis habeat virtutem ad hoc agendum vel patiendum, sicut in primis. Unde cum potentiae habentes se ad opposita sint activae vel passivae, istae quae aequivocae potestates dicuntur ad opposita non se habent. De his ergo loquens ait: *quaedam vero potestates aequivocae sunt*, et ideo ad opposita non se habent.

1) Pretende declarar como aquelas que são chamadas potências equívocas se comportam em relação aos opostos. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, declara a natureza de tal potência; segundo, estabelece a diferença e a conveniência entre elas e as supraditas, ali: *e estas certamente* etc. Para a evidência do primeiro, deve-se notar que, nos livros V e IX da *Metafísica*, Aristóteles divide a potência em potências que são chamadas assim pela mesma razão (unívocas) e em potências que recebem o nome de potência não por aquela razão das anteriores, mas por outra. E a estas chama potências equívocas. No primeiro membro compreendem-se todas as potências ativas, passivas, racionais e irracionais. Pois todas as que se dizem poder por uma potência ativa ou passiva que possuam, são potências pela mesma razão, porque nelas há uma força originada de algo ativo ou passivo. No segundo membro, porém, compreendem-se as potências matemáticas e lógicas. Potência matemática é aquela pela qual dizemos que uma linha "pode" tornar-se um quadrado, pelo fato de que, multiplicada por si mesma, constitui um quadrado. Potência lógica é aquela pela qual dois termos podem ser unidos sem contradição em uma enunciação. Sob a potência lógica também se contém aquela que é dita potência pela razão de que "já é" (está em ato). Estas são chamadas equívocas em relação às primeiras com mérito, visto que estas não predicam nenhuma virtude ativa ou passiva; e o que é dito possível por estes modos não é chamado possível pela razão de que alguém tenha a virtude de agir ou sofrer isso, como nas primeiras. Por onde, como as potências que se referem aos opostos são ativas ou passivas, estas que são chamadas potências equívocas não se referem aos opostos. Falando delas, diz: *certas potências, porém, são equívocas*, e por isso não se referem aos opostos.

2) Deinde declarans qualis sit ista potestas aequivoce dicta, subdit divisionem usitatam possibilis per quam hoc scitur, dicens: possibile enim non uno modo dicitur, sed duobus. Et uno quidem modo dicitur possibile eo quod verum est ut in actu, idest

2) Em seguida, declarando qual seja esta potência dita equívoca, acrescenta a divisão usual do possível pela qual se conhece isto, dizendo: o possível não se diz de um só modo, mas de dois. De um modo, diz-se possível porque é verdadeiro como em

ut actualiter est; ut, possibile est ambulare, quando ambulat iam: et omnino, idest universaliter possibile est esse, quoniam est actu iam quod possibile dicitur. Secundo modo autem possibile dicitur aliquid non ea ratione quia est actualiter, sed quia forsitan aget, idest quia potest agere; ut possibile est ambulare, quoniam ambulabit. Ubi advertendum est quod ex divisione bimembri possibilis divisionem supra positam potentiae declaravit a posteriori. Possibile enim a potentia dicitur: sub primo siquidem membro possibilis innuit potentias aequivoce; sub secundo autem potentias univoce, activas scilicet et passivas. Intendebat ergo quod quia possibile dupliciter dicitur, quod etiam potestas duplex est. Declaravit autem potestates aequivocas ex uno earum membro tantum, scilicet ex his quae dicuntur possibilia quia sunt, quia hoc sat erat suo proposito.

ato, isto é, como é atualmente; como "é possível caminhar" quando já se caminha; e, em suma, isto é, universalmente é possível ser, visto que já está em ato aquilo que se diz possível. De um segundo modo, o possível é dito de algo não pela razão de que já é atualmente, mas porque talvez agirá, isto é, porque pode agir; como "é possível caminhar" porque caminhará. Aqui deve-se notar que, a partir da divisão bimembre do possível, ele declarou a *posteriori* a divisão da potência posta acima. Pois o possível se diz a partir da potência: no primeiro membro do possível, ele acena para as potências equívocas; no segundo, porém, para as potências unívocas, a saber, as ativas e passivas. Pretendia, portanto, que, como o possível se diz de dois modos, também a potência é dupla. Declarou, porém, as potências equívocas a partir de apenas um de seus membros, a saber, a partir daquelas que se dizem possíveis porque são, pois isto bastava ao seu propósito.

3) Deinde cum dicit: *et haec quidem* etc., assignat differentiam inter utranque potentiam, et ait quod potentia haec ultimo dicta physica, est in solis illis rebus, quae sunt mobiles; illa autem est et in rebus mobilibus et immobilibus. Possibile siquidem a potentia dictum eo quod possit agere, non tamen agit, inveniri non potest absque mutabilitate eius, quod sic posse dicitur. Si enim nunc potest agere et non agit, si agere debet, oportet quod mutetur de otio ad operationem. Id autem quod possibile dicitur eo quod est, nullam mutabilitatem exigit in eo quod sic possibile dicitur. Esse namque in actu, quod talem possibilitatem fundat, invenitur et in rebus necessariis, et in immutabilibus, et in rebus mobilibus. Possibile ergo hoc, quod logicum vocatur, communius est illo quod physicum appellari solet.

3) Depois, quando diz: *e estas certamente* etc., assinala a diferença entre ambas as potências, e diz que esta potência física (citada por último) está apenas naquelas coisas que são móveis; a outra, porém, está tanto nas coisas móveis quanto nas imóveis. De fato, o possível dito a partir da potência (porque pode agir, mas ainda não age) não pode ser encontrado sem a mutabilidade daquilo que é dito poder. Pois se agora pode agir e não age, se deve agir, é preciso que mude do ócio para a operação. Mas aquilo que se diz possível pelo fato de que "já é", não exige nenhuma mutabilidade naquilo que assim se diz possível. Pois o ser em ato, que fundamenta tal possibilidade, encontra-se tanto nas coisas necessárias e imutáveis quanto nas coisas móveis. Portanto, este possível, que se chama lógico, é mais comum que aquele que costuma ser chamado físico.

4) Deinde subdit convenientiam inter utrunque possibile, dicens quod in utrisque potestatibus et possibilibus verum est non impossibile esse, scilicet, ipsum ambulare, quod iam actu ambulat seu agit, et quod iam ambulabile est; idest, in hoc conveniunt quod, sive dicatur possibile ex eo quod actu est, sive ex eo quod potest esse, de utroque veri-

4) Em seguida, acrescenta a conveniência entre ambos os possíveis, dizendo que em ambas as potências e possíveis é verdadeiro o "não ser impossível", a saber, o próprio caminhar de quem já caminha ou age em ato, e do que já é "caminhável"; isto é, nisto convêm: que, seja dito possível por estar em ato, seja por poder ser, de ambos se verifica o

ficatur non impossibile; et consequenter necessario verificatur possibile, quoniam ad non impossibile sequitur possibile. Hoc est secundum genus possibilis, respectu cuius Aristoteles supra dixit: *et primum quidem* etc., in quo non invenitur via ad utrunque oppositorum, hoc, inquam, est possibile quod iam actu est. Quod enim tali ratione possibile dicitur, iam determinatum est ex eo quod actu esse suppositum est. Non ergo possibile omne ad utrunque possibile est, sive loquamur de possibili physice, sive logice.

5) Deinde cum dicit: *sic igitur possibile* etc., applicat determinatam veritatem ad propositum. Et primo, concludendo ex dictis, declarat habitudinem utriusque possibilis ad necessarium, dicens quod hoc ergo possibile, scilicet physicum quod est in solis mobilibus, non est verum dicere et praedicare de necessario simpliciter: quia quod simpliciter necessarium est, non potest aliter esse. Possibile autem physicum potest sic et aliter esse, ut dictum est. Addit autem ly *simpliciter*, quoniam necessarium est multiplex. Quoddam enim est ad bene esse, quoddam ex suppositione: de quibus non est nostrum tractare, sed solummodo id insinuare. Quod ut praeservaret se ab illis modis necessarii qui non perfecte et omnino habent necessarii rationem, apposuit ly *simpliciter*. De tali enim necessario possibile physicum non verificatur. Alterum autem possibile logicum, quod in rebus immobilibus invenitur, verum est de illo enunciare, quoniam nihil necessitatis adimit. Et per hoc solvitur ratio inducta ad partem negativam quaestionis. Peccabat siquidem in hoc, quod ex necessario inferebat possibile ad utrunque quod convertitur in oppositam qualitatem.

6) Deinde respondet quaestioni formaliter intendens quod affirmativa pars quaestionis tenenda sit, quod scilicet ad necessarium sequitur possibile; et assignat causam. Quia ad partem subiectivam sequitur constructive suum totum universale; sed necessarium est pars subiectiva possibilis: quia possibile dividitur in logicum et physicum, et sub logico comprehenditur necessarium; ergo ad necessarium sequitur possibile. Unde dicit: *quare, quoniam partem*, scilicet subiectivam, *suum totum univer-*

"não impossível"; e, consequentemente, verifica-se necessariamente o "possível", visto que ao "não impossível" segue-se o "possível". Este é o segundo gênero de possível, a respeito do qual Aristóteles disse acima: *e primeiro certamente* etc., no qual não se encontra caminho para ambos os opostos; este, digo, é o possível que já está em ato. Pois o que é dito possível por tal razão já está determinado pelo fato de que se supõe o ser em ato. Logo, nem todo possível é para ambos os opostos, quer falemos do possível física ou logicamente.

5) Depois, quando diz: *assim, portanto, o possível* etc., aplica a verdade determinada ao propósito. E, primeiro, concluindo do que foi dito, declara a relação de ambos os possíveis com o necessário, dizendo que este possível (a saber, o físico, que está apenas nos móveis) não é verdadeiro dizer e predicar do necessário "simplesmente": porque o que é simplesmente necessário não pode ser de outro modo. Já o possível físico pode ser assim ou de outro modo, como foi dito. Ele acrescenta o termo *simplesmente*, pois o necessário é múltiplo. Há um para o "bem ser", outro por suposição: dos quais não nos cabe tratar, mas apenas insinuar. Para preservar-se daqueles modos de necessário que não possuem perfeita e totalmente a razão de necessário, após o termo *simplesmente*. Pois de tal necessário o possível físico não se verifica. O outro possível, porém, o lógico, que se encontra nas coisas imóveis, é verdadeiro enunciá-lo dele, pois nada retira da necessidade. E por isto se resolve a razão induzida para a parte negativa da questão. Pois pecava nisto: que do necessário inferia o possível para ambos os opostos que se converte na qualidade oposta.

6) Em seguida, responde à questão formalmente, pretendendo que a parte afirmativa da questão deve ser mantida, a saber, que ao necessário segue-se o possível; e assinala a causa. Porque à parte subjetiva segue-se construtivamente o seu todo universal; mas o necessário é parte subjetiva do possível: porque o possível divide-se em lógico e físico, e sob o lógico compreende-se o necessário; logo, ao necessário segue-se o possível. Por onde diz: *pelo que, visto que à parte* (a saber, subjetiva) *segue-*

sale sequitur, illud quod ex necessitate est, idest necessarium, *tamquam partem subiectivam, consequitur posse esse*, idest possibile, *tamquam totum universale*. Sed non omnino, idest sed non ita quod omnis species possibilis sequatur; sicut ad hominem sequitur animal, sed non omnino, idest non secundum omnes suas partes subiectivas sequitur ad hominem: non enim valet: est homo, ergo est animal irrationale. Et per hoc confirmata ratione adducta ad partem affirmativam, expressius solvit rationem adductam ad partem negativam, quae peccabat secundum fallaciam consequentis, inferens ex necessario possibile, descendendo ad unam possibilis speciem, ut de se patet.

7) Deinde cum dicit: *et est fortasse quidem* etc., ordinat easdem modalium consequentias alio situ, praeponendo necessarium omnibus aliis modis. Et circa hoc duo facit: primo, proponit quod intendit; secundo, assignat causam dicti ordinis; ibi: *manifestum est autem* et cetera. Dicit ergo: *et est fortasse principium omnium enunciationum modalium vel esse vel non esse*, idest, affirmativarum vel negativarum, *necessarium et non necessarium. Et oportet considerare alia*, scilicet, *possibile contingere et impossibile esse, sicut horum*, scilicet, *necessarii et non necessarii, consequentia*, hoc modo: consequentiae enunciationum modalium secundum quatuor ordines alio convenienti situ ab Aristotele positae et ordinatae. Vides autem hic nihil immutatum, nisi quod necessariae quae ultimum locum tenebant, primum sortitae sunt. Quod vero dixit *fortasse*, non dubitantis, sed absque determinata ratione rem proponentis est.

8) Deinde cum dicit: *manifestum est autem* etc., intendit assignare causam dicti ordinis. Et primo, assignat causam, quare praeposuerit necessarium possibili tali ratione. Sempiternum est prius temporali; sed necessarium dicit sempiternitatem (quia dicit esse in actu, excludendo omnem mutabilitatem, et consequenter temporalitatem, quae sine motu non est imaginabilis), possibile autem dicit temporalitatem (quia non excludit quin possit esse et non esse); ergo necesse merito prius ponitur quam possibile. Unde dicit, proponendo minorem: *man-*

se o seu todo universal, àquilo que é por necessidade (isto é, o necessário), *como parte subjetiva, segue-se o poder ser* (isto é, o possível), *como todo universal*. Mas não "totalmente", isto é, não de modo que toda espécie de possível se siga; assim como ao homem segue-se o animal, mas não totalmente, isto é, não segundo todas as suas partes subjetivas: pois não vale dizer "é homem, logo é animal irracional". E por isto, confirmada a razão trazida para a parte afirmativa, resolve mais expressamente a razão trazida para a parte negativa, que pecava pela falácia do consequente, inferindo do necessário o possível descendo a uma só espécie de possível, como é evidente por si.

7) Depois, quando diz: *e é talvez certamente* etc., ordena as mesmas consequências das modais em outra posição, antepondo o necessário a todos os outros modos. E sobre isto faz duas coisas: primeiro, propõe o que pretende; segundo, assinala a causa da dita ordem; ali: *é manifesto, porém* etc. Diz, pois: *e é talvez o princípio de todas as enunciações modais, seja do ser ou do não ser* (isto é, afirmativas ou negativas), *o necessário e o não necessário. E convém considerar as outras* (a saber, o possível, o contingente e o impossível) *como consequências destas* (do necessário e do não necessário), deste modo: as consequências das enunciações modais segundo quatro ordens postas e ordenadas por Aristóteles em outra posição conveniente. Vês que aqui nada foi mudado, exceto que as necessárias, que ocupavam o último lugar, obtiveram o primeiro. Quanto ao que disse *talvez*, não é de quem duvida, mas de quem propõe a coisa sem uma razão determinada no momento.

8) Em seguida, quando diz: *é manifesto, porém* etc., pretende assinalar a causa da dita ordem. E, primeiro, assinala a causa pela qual antepôs o necessário ao possível pela seguinte razão: O sempiterno é anterior ao temporal; mas o necessário diz sempiternidade (pois diz o ser em ato, excluindo toda mutabilidade e, consequentemente, a temporalidade, que não é imaginável sem movimento); o possível, porém, diz temporalidade (pois não exclui que possa ser e não ser); logo, o necessário é posto com mérito antes do possível. Por onde diz, propondo a menor:

ifestum est autem ex his quae dicta sunt etc., tractando de necessario: quoniam id quod ex necessitate est, secundum actum est totaliter, scilicet quia omnem excludit mutabilitatem et potentiam ad oppositum: si enim mutari posset in oppositum aliquo modo, iam non esset necessarium. Deinde subdit maiorem per modum antecedentis conditionalis: quare si priora sunt sempiterna temporalibus et cetera. Ultimo ponit conclusionem: et quae actu sunt omnino, scilicet necessaria, priora sunt potestate, idest possibilibus, quae omnino actu esse non possunt, licet compatiantur.

é manifesto, porém, pelo que foi dito etc., tratando do necessário: visto que aquilo que é por necessidade, é totalmente segundo o ato, a saber, porque exclui toda mutabilidade e potência ao oposto: pois se pudesse mudar para o oposto de algum modo, já não seria necessário. Depois acrescenta a maior por modo de antecedente condicional: pelo que, se as coisas sempiternas são anteriores às temporais etc. Por último põe a conclusão: e as que são totalmente em ato, a saber, as necessárias, são anteriores à potência, isto é, aos possíveis, que não podem ser totalmente em ato, embora o admitam.

9) Deinde cum dicit: *et hae quidem* etc., assignat causam totius ordinis a se inter modales statuti, tali ratione. Universi triplex est gradus. Quaedam sunt actu sine potestate, idest sine admixta potentia, ut primae substantiae, non illae quas in praesenti diximus primas, eo quod principaliter et maxime substent, sed illae quae sunt primae, quia omnium rerum sunt causae, intelligentiae scilicet. Alia sunt actu cum possibilitate, ut omnia mobilia, quae secundum id quod habent de actu sunt priora natura seipsis secundum id quod habent de potentia, licet e contra sit, aspiciendo ordinem temporis. Sunt enim secundum id quod habent de potentia priora tempore seipsis secundum id quod habent de actu. Verbi gratia, Socrates prius secundum tempus poterat esse philosophus, deinde fuit actualiter philosophus. Potentia ergo praecedit actum secundum ordinem temporis in Socrate, ordine autem naturae, perfectionis et dignitatis e converso contingit. Prior enim secundum dignitatem, idest dignior et perfectior habebatur Socrates cum philosophus actualiter erat, quam cum philosophus esse poterat. Praeposterus est igitur ordo potentiae et actus in unomet, utroque ordine, scilicet, naturae et temporis attento. Alia vero nunquam sunt actu sed potestate tantum, ut motus, tempus, infinita divisio magnitudinis, et infinita augmentatio numeri. Haec enim, ut IX Metaphys. dicitur, nunquam exeunt in actum, quoniam eorum rationi repugnat. Nunquam enim aliquid horum ita est quin aliquid eius expectetur, et consequenter nunquam esse potest nisi in potentia. Sed de his alio tractandum est loco.

9) Em seguida, quando diz: *e estas certamente* etc., assinala a causa de toda a ordem estabelecida por ele entre as modais, pela seguinte razão. Tríplice é o grau do universo. Algumas coisas são ato sem potência, isto é, sem potência misturada, como as substâncias primeiras (não aquelas que chamamos primeiras no presente por subsistirem principal e maximamente, mas aquelas que são primeiras por serem causas de todas as coisas, a saber, as inteligências). Outras são ato com possibilidade, como todos os móveis, que, segundo o que possuem de ato, são anteriores por natureza a si mesmos segundo o que possuem de potência, embora seja o contrário observando a ordem do tempo. Pois, segundo o que têm de potência, são anteriores no tempo a si mesmos segundo o que têm de ato. Por exemplo, Sócrates primeiro, segundo o tempo, podia ser filósofo, depois foi atualmente filósofo. A potência, portanto, precede o ato segundo a ordem do tempo em Sócrates; mas na ordem da natureza, perfeição e dignidade, ocorre o contrário. Pois Sócrates era tido como anterior em dignidade, isto é, mais digno e perfeito, quando era atualmente filósofo do que quando podia ser filósofo. É, portanto, invertida a ordem da potência e do ato em um mesmo ser, atentando para ambas as ordens, a da natureza e a do tempo. Outras coisas, porém, nunca estão em ato, mas apenas em potência, como o movimento, o tempo, a divisão infinita da magnitude e o aumento infinito do número. Pois estes, como se diz no livro IX da *Metafísica*, nunca saem plenamente para o ato, pois isso repugna à sua razão. Pois nunca algo destas coisas existe de

modo que nada dele seja esperado e, consequentemente, nunca pode ser senão em potência. Mas sobre estas coisas deve-se tratar em outro lugar.

10) Nunc haec ideo dicta sint ut, inspecto ordine universi, appareat quod illum imitati sumus in nostro ordine. Posuimus siquidem primo necessarium, quod sonat actu esse sine potestate seu mutabilitate, imitando primum gradum universi. Locavimus secundo loco possibile et contingens, quorum utrunque sonat actum cum possibilitate, et sic servatur conformitas ad secundum gradum universi. Praeposuimus autem possibile et non contingens, quia possibile respicit actum, contingens autem secundum vim nominis respicit defectum causae, qui ad potentiam pertinet: defectus enim potentiam sequitur; et ex hoc conforme est secundae parti universi, in qua actus est prior potentia secundum naturam, licet non secundum tempus. Ultimum autem locum impossibili reservavimus, eo quod sonat nunquam fore, sicut et ultima universi pars dicta est illa, quae nunquam actu est. Pulcherrimus igitur ordo statutus est, quando divinus est observatus.

10) Digam-se agora estas coisas para que, inspecionada a ordem do universo, apareça que a imitamos em nossa ordem. De fato, pusemos primeiro o necessário, que soa como ser em ato sem potência ou mutabilidade, imitando o primeiro grau do universo. Colocamos em segundo lugar o possível e o contingente, dos quais ambos soam como ato com possibilidade, e assim se preserva a conformidade com o segundo grau do universo. Antepusemos, porém, o possível e não o contingente, porque o possível respeita o ato, enquanto o contingente, segundo a força do nome, respeita o defeito da causa, que pertence à potência: pois o defeito segue a potência; e disto decorre a conformidade com a segunda parte do universo, na qual o ato é anterior à potência segundo a natureza, embora não segundo o tempo. Reservamos o último lugar ao impossível, porque soa como o que nunca será, assim como a última parte do universo dita foi aquela que nunca está em ato. Portanto, estabeleceu-se uma ordem belíssima, pois foi observada a ordem divina.

11) Quia autem suppositae modalium consequentiae nil aliud sunt quam aequipollentiae earum, quae ob varium negationis situm, qualitatem, vel quantitatem, vel utranque mutantis, fiunt; ideo ad completam notitiam consequentium se modalium, de earum qualitate et quantitate pauca admodum necessaria dicenda sunt. Quoniam igitur natura totius ex partium naturis consurgit, sciendum est quod subiectum enunciationis modalis et dicit esse vel non esse, et est dictum unicum, et continet in se subiectum dicti; praedicatum autem modalis enunciationis, modus scilicet, et totale praedicatum est (quia explicite vel implicite verbum continet, quod est semper nota eorum quae de altero praedicantur: propter quod Aristoteles dixit quod modus est ipsa appositio), et continet in se vim distributivam secundum partes temporis. Necessarium enim et impossibile distribuunt in omne tempus vel simpliciter vel tale; possibile autem et contingens pro aliquo tempore in communi.

11) Como as supostas consequências das modais nada mais são do que suas equivalências, que ocorrem devido à variada posição da negação que muda a qualidade, a quantidade ou ambas; por isso, para o conhecimento completo das modais que se seguem, devem ser ditas poucas coisas muito necessárias sobre sua qualidade e quantidade. Visto que a natureza do todo surge das naturezas das partes, deve-se saber que o sujeito da enunciação modal tanto diz o "ser" quanto o "não ser", é um *dictum* único e contém em si o sujeito do *dictum*; o predicado da enunciação modal, a saber, o modo, é o predicado total (pois contém explícita ou implicitamente o verbo, que é sempre a marca daquilo que se predica de outro: por isso Aristóteles disse que o modo é a própria aposição), e contém em si a força distributiva segundo as partes do tempo. Pois o necessário e o impossível distribuem para todo o tempo (ou simplesmente ou de tal modo); o possível e o contingente, para algum tempo em comum.

12) Nascitur autem ex his quinque conditionibus duplex in qualibet modali qualitas, et triplex quantitas. Ex eo enim quod tam subiectum quam praedicatum modalis verbum in se habet, duplex qualitas fit, quarum altera vocatur qualitas dicti, altera qualitas modi. Unde et supra dictum est aliquam esse affirmativam de modo et non de dicto, et e converso. Ex eo vero quod subiectum modalis continet in se subiectum dicti, una quantitas consurgit, quae vocatur quantitas subiecti dicti: et haec distinguitur in universalem, particularem et singularem, sicut et quantitas illarum de inesse. Possumus enim dicere, Socratem, quemdam hominem, vel omnem hominem, vel nullum hominem, possibile est currere. Ex eo autem quod subiectum unius modalis dictum unum est, consurgit alia quantitas, vocata quantitas dicti; et haec unica est singularitas: secundum omne enim dictum cuiusque modalis singulare est istius universalis, scilicet dictum. Quod ex eo liquet quod cum dicimus, hominem esse album est possibile, exponitur sic, hoc dictum, hominem esse album, est possibile. Hoc dictum autem singulare est, sicut et, hic homo. Propterea et dicitur quod omnis modalis est singularis quoad dictum, licet quoad subiectum dicti sit universalis vel particularis. Ex eo autem quod praedicatum modalis, modus scilicet, vim distributivam habet, alia quantitas consurgit vocata quantitas modi seu modalis; et haec distinguitur in universalem et particularem.

12) Nasce destas cinco condições uma dupla qualidade em cada modal, e uma tríplice quantidade. Pelo fato de que tanto o sujeito quanto o predicado da modal contêm um verbo em si, surge uma dupla qualidade, das quais uma se chama qualidade do *dictum* e a outra qualidade do modo. Por onde se disse acima que uma proposição pode ser afirmativa quanto ao modo e não quanto ao *dictum*, e vice-versa. Pelo fato de que o sujeito da modal contém em si o sujeito do *dictum*, surge uma quantidade, que se chama quantidade do sujeito do *dictum*: e esta se distingue em universal, particular e singular, como a quantidade das proposições de inerência. Pois podemos dizer: "que Sócrates", "que algum homem", "que todo homem" ou "que nenhum homem" possa correr. Pelo fato de que o sujeito de uma modal é um *dictum* único, surge outra quantidade, chamada quantidade do *dictum*; e esta é uma singularidade única: pois, em relação a cada *dictum*, cada modal é singular em relação a esse universal, a saber, o *dictum*. O que fica claro pelo fato de que, quando dizemos "que o homem seja branco é possível", expõe-se assim: "este *dictum*, 'o homem ser branco', é possível". Ora, este *dictum* é singular, como "este homem". Por isso se diz que toda modal é singular quanto ao *dictum*, embora quanto ao sujeito do *dictum* possa ser universal ou particular. Pelo fato de que o predicado da modal, a saber, o modo, tem força distributiva, surge outra quantidade chamada quantidade do modo ou modal; e esta se distingue em universal e particular.

13) Ubi diligenter duo attendenda sunt. Primum est quod hoc est singulare in modalibus, quod praedicatum simpliciter quantificat propositionem modalem, sicut et simpliciter qualificat. Sicut enim illa est simpliciter affirmativa, in qua modus affirmatur, et illa negativa, in qua modus negatur; ita illa est simpliciter universalis cuius modus est universalis, et illa particularis cuius modus est particularis. Et hoc quia modalis modi naturam sequitur. Secundum attendendum (quod est causa istius primi) est, quod praedicatum modalis, scilicet modus, non habet solam habitudinem praedicati respectu sui subiecti, scilicet esse et non esse, sed habitudinem syncategorematis distributivi, sed

13) Aqui, duas coisas devem ser notadas diligentemente. A primeira é que isto é singular nas modais: o predicado quantifica simplesmente a proposição modal, assim como a qualifica simplesmente. Pois, como é simplesmente afirmativa aquela em que o modo é afirmado, e negativa aquela em que o modo é negado; assim, é simplesmente universal aquela cujo modo é universal, e particular aquela cujo modo é particular. E isto porque a modal segue a natureza do modo. A segunda coisa a notar (que é a causa da primeira) é que o predicado da modal, a saber, o modo, não tem apenas a relação de predicado em relação ao seu sujeito (o "ser" e "não ser"), mas a relação de sincategorema distributivo,

non secundum quantitatem partium subiectivarum ipsius subiecti, sed secundum quantitatem partium temporis eiusdem. Et merito. Sicut enim quia subiecti enunciationis de inesse propria quantitas est penes divisionem vel indivisionem ipsius subiecti (quia est nomen quod significat per modum substantiae, cuius quantitas est per divisionem continui: ideo signum quantificans in illis distribuit secundum partes subiectivas), ita quia subiecti enunciationis modalis propria quantitas est tempus (quia est verbum quod significat per modum motus, cuius propria quantitas est tempus), ideo modus quantificans distribuit ipsum suum subiectum, scilicet, esse vel non esse, secundum partes temporis. Unde subtiliter inspicienti apparebit quod quantitas ista modalis proprii subiecti modalis enunciationis quantitas est, scilicet, ipsius esse vel non esse. Ita quod illa modalis est simpliciter universalis, cuius proprium subiectum distribuitur pro omni tempore: vel simpliciter, ut, hominem esse animal est necessarium vel impossibile; vel accepto, ut, hominem currere hodie, vel, dum currit, est necessarium vel impossibile. Illa vero est particularis, in qua non pro omni, sed aliquo tempore distributio fit in communi tantum; ut, hominem esse animal, est possibile vel contingens. Est ergo et ista modalis quantitas subiecti sui passio (sicut et universaliter quantitas se tenet ex parte materiae), sed derivatur a modo, non in quantum praedicatum est (quod, ut sic, tenetur formaliter), sed in quantum syncategorematis officio fungitur, quod habet ex eo quod proprie modus est.

não segundo a quantidade das partes subjetivas do próprio sujeito, mas segundo a quantidade das partes do tempo do mesmo. E com mérito. Pois assim como a quantidade própria do sujeito da enunciação de inerência reside na divisão ou indivisão do próprio sujeito (pois é um nome que significa por modo de substância, cuja quantidade se dá pela divisão do contínuo: por isso o sinal quantificador nelas distribui segundo as partes subjetivas), assim, porque a quantidade própria do sujeito da enunciação modal é o tempo (pois é um verbo que significa por modo de movimento, cuja quantidade própria é o tempo), por isso o modo quantificador distribui o seu próprio sujeito (o ser ou não ser) segundo as partes do tempo. Por onde, para quem olha sutilmente, aparecerá que esta quantidade modal é a quantidade do próprio sujeito da enunciação modal, a saber, do próprio "ser" ou "não ser". De modo que a modal é simplesmente universal quando seu próprio sujeito é distribuído para todo o tempo: ou simplesmente, como "o homem ser animal é necessário ou impossível"; ou em tempo determinado, como "o homem correr hoje" ou "enquanto corre, é necessário ou impossível". Aquela, porém, é particular na qual a distribuição não se faz para todo o tempo, mas para algum tempo apenas em comum; como "o homem ser animal é possível ou contingente". É, portanto, também esta quantidade modal uma paixão de seu sujeito (como universalmente a quantidade se mantém do lado da matéria), mas deriva do modo, não enquanto é predicado (o qual, como tal, é tomado formalmente), mas enquanto exerce o ofício de sincategorema, que possui pelo fato de ser propriamente o modo.

14) Sunt igitur modalium (de propria earum quantitate loquendo) aliae universales affirmativae, ut illae de necessario, quia distribuunt ad semper esse; aliae universales negativae, ut illae de impossibili, quia distribuunt ad nunquam esse; aliae particulares affirmativae, ut illae de possibili et contingenti, quia distribuunt utrunque ad aliquando esse; aliae particulares negativae, ut illae de non necesse et non impossibili, quia distribuunt ad aliquando non esse: sicut in illis de inesse, omnis, nullus, quidam, non omnis, non nullus, similem faciunt

14) São, portanto, das modais (falando de sua quantidade própria): algumas universais afirmativas, como as de necessidade, porque distribuem para o "sempre ser"; outras universais negativas, como as de impossibilidade, porque distribuem para o "nunca ser"; outras particulares afirmativas, como as de possibilidade e contingência, porque distribuem ambos para o "ser em algum tempo"; outras particulares negativas, como as de "não necessário" e "não impossível", porque distribuem para o "não ser em algum tempo"; assim como nas de inerên-

diversitatem. Et quia, ut dictum est, haec quantitas modalium est inquantum modales sunt, et de his, inquantum huiusmodi, praesens tractatus fit ab Aristotele; idcellulo aequipollentiae, seu consequentiae earum, ordinatae sunt negationis vario situ, quemadmodum aequipollentiae illarum de inesse: ut scilicet, negatio praeposita modo faciat aequipollere suae contradictoriae; negatio autem modo postposita, posita autem dicti verbo, suae aequipollere contrariae facit; praeposita vero et postposita suae subalternae, ut videre potes in consequentiarum figura ultimo ab Aristotele formata. In qua, tali praeformata oppositionum figura, clare videbis omnes se mutuo consequentes, secundum alteram trium regularum aequipollere, et consequenter, totum primum ordinem secundo contrarium, tertio contradictorium, quarto vero subalternum.

cia "todo", "nenhum", "algum", "nem todo", "não nenhum" fazem diversidade semelhante. E porque, como foi dito, esta quantidade das modais se dá enquanto são modais, e sobre elas, enquanto tais, o presente tratado é feito por Aristóteles; por isso as equivalências, ou consequências delas, são ordenadas pela váriada posição da negação, do mesmo modo que as equivalências das proposições de inerência: a saber, de modo que a negação anteposta ao modo faça equivaler à sua contraditória; a negação posposta ao modo, mas posta no verbo do *dictum*, faça equivaler à sua contrária; e a anteposta e posposta à sua subalterna, como podes ver na figura das consequências formada por último por Aristóteles. Na qual, pré-formada tal figura de oposições, verás claramente que todas se seguem mutuamente, equivalendo segundo uma das três regras e, consequentemente, toda a primeira ordem é contrária à segunda, contraditória à terceira e subalterna à quarta.

Lectio XIII

1) Postquam determinatum est de enunciatione secundum quod diversificatur tam ex additione facta ad terminos, quam ad compositionem eius, hic secundum divisionem a s. Thoma in principio huius secundi factam, intendit Aristoteles tractare quandam quaestionem circa oppositiones enunciationum provenientes ex eo quod additur aliquid simplici enunciationi. Et circa hoc quatuor facit: primo, movet quaestionem secundo, declarat quod haec quaestio dependet ab una alia quaestione praetractanda; ibi: *nam si ea, quae sunt in voce* etc.; tertio, determinat illam aliam quaestionem; ibi: *nam arbitrari* etc.; quarto, redit ad respondendum quaestioni primo motae; ibi: *quare si in opinione* et cetera. Quaestio quam movere intendit est: utrum affirmativae enunciationi contraria sit negatio eiusdem praedicati, an affirmatio de praedicato contrario seu privativo? Unde dicit: *utrum contraria est affirmatio negationi contradictoriae*, scilicet, et universaliter oratio affirmativa orationi negativae; ut, affirmativa oratio quae dicit, *omnis homo est iustus*, illi contraria sit orationi negativae, *nullus homo est iustus*, aut illi, *omnis homo est iniustus*, quae est affirmativa de praedicato privativo? Et similiter ista affirmatio, *Callias est iustus*, est ne contraria illi contradictoriae negationi, *Callias non est iustus*, aut illi, *Callias est iniustus*, quae est affirmativa de praedicato privativo?

1) Depois de ter determinado sobre a enunciação segundo ela se diversifica tanto pela adição feita aos termos quanto à sua composição, aqui, segundo a divisão feita por S. Tomás no início deste segundo livro, Aristóteles pretende tratar de uma certa questão acerca das oposições das enunciações provenientes do fato de que algo é adicionado à enunciação simples. E sobre isto faz quatro coisas: primeiro, move a questão; segundo, declara que esta questão depende de uma outra questão a ser tratada previamente; ali: *pois se aquelas coisas que estão na voz* etc.; terceiro, determina aquela outra questão; ali: *pois arbitrar* etc.; quarto, volta a responder à questão primeiramente movida; ali: *pelo que, se na opinião* etc. A questão que pretende mover é: se à enunciação afirmativa é contrária a negação do mesmo predicado, ou a afirmação sobre um predicado contrário ou privativo? Por onde diz: *se a afirmação é contrária à negação contraditória*, a saber, e universalmente a oração afirmativa à oração negativa; como, por exemplo, se à oração afirmativa que diz "*todo homem é justo*", a contrária seja a oração negativa "*nenhum homem é justo*", ou aquela "*todo homem é injusto*", que é uma afirmativa de predicado privativo? E similarmente esta afirmação, "*Cálias é justo*", é contrária àquela negação contraditória "*Cálias não é justo*", ou àquela "*Cálias é injusto*", que é afirmativa de predicado privativo?

2) Ad evidentiam tituli huius quaestionis, quia hactenus indiscusse ab aliis est relictus, considerare oportet quod cum in enunciatione sint duo, scilicet ipsa enunciatio seu significatio et modus enunciandi seu significandi, duplex inter enunciationes fieri potest oppositio, una ratione ipsius enunciationis, altera ratione modi enunciandi. Si modos enunciandi attendimus, duas species oppositionis in latitudine enunciationum inveniemus, contrarietatem scilicet et contradictionem. Divisae enim superius sunt enunciationes oppositae in contrarias et contradictorias. Contradictio inter enunciationes ratione modi enunciandi est quando idem praedicatur de eodem subiecto contradictorio modo enun-

2) Para a evidência do título desta questão, visto que até agora foi deixada sem discussão por outros, é preciso considerar que, como na enunciação há duas coisas, a saber, a própria enunciação ou significação e o modo de enunciar ou significar, uma dupla oposição pode ocorrer entre as enunciações: uma pela razão da própria enunciação, outra pela razão do modo de enunciar. Se atendermos aos modos de enunciar, encontraremos duas espécies de oposição na latitude das enunciações: a contrariedade e a contradição. Pois as enunciações opostas foram divididas acima em contrárias e contraditórias. A contradição entre enunciações pela razão do modo de enunciar ocorre quando o

ciandi; ut sicut unum contradictorium nil ponit, sed alterum tantum destruit, ita una enunciatio nil asserit, sed id tantum quod altera enunciabat destruit. Huiusmodi autem sunt omnes quae contradictoriae vocantur, scilicet, *omnis homo est iustus, non omnis homo est iustus, Socrates est iustus, Socrates non est iustus*, ut de se patet. Et ex hoc provenit quod non possunt simul verae aut falsae esse, sicut nec duo contradictoria. Contrarietas vero inter enunciationes ratione modi enunciandi est quando idem praedicatur de eodem subiecto contrario modo enunciandi; ut sicut unum contrariorum ponit materiam sibi et reliquo communem in extrema distantia sub illo genere, ut patet de albo et nigro, ita una enunciatio ponit subiectum commune sibi et suae oppositae in extrema distantia sub illo praedicato. Huiusmodi quoque sunt omnes illae quae contrariae in figura appellantur, scilicet, *omnis homo est iustus, omnis homo non est iustus*. Hae enim faciunt subiectum, scilicet hominem, maxime distare sub iustitia, dum illa enunciat iustitiam inesse homini, non quocunque modo, sed universaliter; ista autem enunciat iustitiam abesse homini, non qualitercunque, sed universaliter. Maior enim distantia esse non potest quam ea, quae est inter totam universitatem habere aliquid et nullum de universitate habere illud. Et ex hoc provenit quod non possunt esse simul verae, sicut nec contraria possunt eidem simul inesse; et quod possunt esse simul falsae, sicut et contraria simul non inesse eidem possunt. Si vero ipsam enunciationem sive eius significationem attendamus secundum unam tantum oppositionis speciem, in tota latitudine enunciationum reperiemus contrarietatem, scilicet secundum veritatem et falsitatem: quia duarum enunciationum significationes entia positiva sunt, ac per hoc neque contradictorie neque privative opponi possunt, quia utriusque oppositionis alterum extremum est formaliter non ens. Et cum nec relative opponantur, ut clarum est, restat ut nonnisi contrarie opponi possunt.

mesmo é predicado do mesmo sujeito de modo contraditório; de modo que, assim como um contraditório nada põe, mas apenas destrói o outro, assim uma enunciação nada assere, mas apenas destrói o que a outra enunciava. Deste tipo são todas as que se chamam contraditórias, a saber: "*todo homem é justo, nem todo homem é justo*", "*Sócrates é justo, Sócrates não é justo*", como é evidente por si. E disto provém que não podem ser simultaneamente verdadeiras ou falsas, como nem os dois contraditórios. A contrariedade entre enunciações pela razão do modo de enunciar, porém, ocorre quando o mesmo é predicado do mesmo sujeito de modo contrário; de sorte que, assim como um dos contrários põe a matéria comum a si e ao outro na extrema distância sob aquele gênero, como é claro no branco e no preto, assim uma enunciação põe o sujeito comum a si e à sua oposta na extrema distância sob aquele predicado. Deste tipo também são todas aquelas que na figura são chamadas contrárias, a saber: "*todo homem é justo, nenhum homem é justo*" (ou todo homem não é justo). Pois estas fazem o sujeito, a saber, o homem, distanciar-se maximamente sob a justiça, enquanto aquela enuncia a justiça convindo ao homem, não de qualquer modo, mas universalmente; e esta enuncia a justiça ausente do homem, não de qualquer modo, mas universalmente. Pois não pode haver maior distância do que aquela que existe entre toda a universidade possuir algo e nenhum da universidade possuí-lo. E disto provém que não podem ser simultaneamente verdadeiras, como nem os contrários podem estar simultaneamente no mesmo sujeito; e que podem ser simultaneamente falsas, como os contrários podem simultaneamente não estar no mesmo sujeito. Se, porém, atendermos à própria enunciação ou à sua significação segundo apenas uma espécie de oposição, encontraremos na total latitude das enunciações a contrariedade, a saber, segundo a verdade e a falsidade: porque as significações de duas enunciações são entes positivos e, por isso, não podem se opor nem contraditória nem privativamente, porque em ambas as oposições um dos extremos é formalmente um não-ente. E como não se opõem relativamente, como é claro, resta que não podem se opor senão contrariamente.

3) Consistit autem ista contrarietas in hoc quod duarum enunciationum altera alteram non compatitur vel in veritate vel in falsitate, praesuppositis semper conditionibus contrariorum, scilicet quod fiant circa idem et in eodem tempore. Patere quoque potest talem oppositionem esse contrarietatem ex natura conceptionum animae componentis et dividentis, quarum singulae sunt enunciationes. Conceptiones siquidem animae adaequatae nullo alio modo opponuntur conceptionibus inadaequatis nisi contrarie, et ipsae conceptiones inadaequatae, si se mutuo expellunt, contrariae quoque dicuntur. Unde verum et falsum, contrarie opponi probatur a s. Thoma in I parte, qu. 17. Sicut ergo hic, ita et in enunciationibus ipsae significationes adaequatae contrarie opponuntur inadaequatis, idest verae falsis; et ipsae inadaequatae, idest falsae, contrarie quoque opponuntur inter se, si contingat quod se non compatiantur, salvis semper contrariorum conditionibus. Est igitur in enunciationibus duplex contrarietas, una ratione modi, altera ratione significationis, et unica contradictio, scilicet ratione modi. Et, ut confusio vitetur, prima contrarietas vocetur contrarietas modalis, secunda contrarietas formalis. Contradictio autem non ad confusionis vitationem quia unica est, sed ad proprietatis expressionem contradictio modalis vocari potest. Invenitur autem contrarietas formalis enunciationum inter omnes contradictorias, quia contradictoriarum altera alteram semper excludit; et inter omnes contrarias modaliter quoad veritatem, quia non possunt esse simul verae, licet non inveniatur inter omnes quoad falsitatem, quia possunt esse simul falsae.

3) Esta contrariedade consiste em que, de duas enunciações, uma não admite a outra nem na verdade nem na falsidade, pressupostas sempre as condições dos contrários, a saber, que se façam acerca do mesmo e no mesmo tempo. Também pode ser patente que tal oposição é uma contrariedade pela natureza das concepções da alma que compõe e divide, das quais cada uma é uma enunciação. De fato, as concepções adequadas da alma não se opõem às concepções inadequadas de nenhum outro modo senão contrariamente, e as próprias concepções inadequadas, se se expelem mutuamente, também são chamadas contrárias. Por onde, prova-se por S. Tomás na I Parte, q. 17, que o verdadeiro e o falso se opõem contrariamente. Assim como aqui, também nas enunciações as próprias significações adequadas se opõem contrariamente às inadequadas, isto é, as verdadeiras às falsas; e as próprias inadequadas, isto é, as falsas, também se opõem contrariamente entre si, se ocorrer que não se compatibilizem, salvas sempre as condições dos contrários. Há, portanto, nas enunciações uma dupla contrariedade: uma pela razão do modo, outra pela razão da significação; e uma única contradição, a saber, pela razão do modo. E, para que se evite confusão, a primeira contrariedade chame-se contrariedade modal, e a segunda, contrariedade formal. A contradição, porém, não para evitar confusão (visto ser única), mas para expressão da propriedade, pode ser chamada contradição modal. Encontra-se a contrariedade formal das enunciações entre todas as contraditórias, porque uma das contraditórias sempre exclui a outra; e entre todas as contrárias modalmente quanto à verdade, porque não podem ser simultaneamente verdadeiras, embora não se encontre entre todas quanto à falsidade, visto que podem ser simultaneamente falsas.

4) Quia igitur Aristoteles in hac quaestione loquitur de contrarietate enunciationum quae se extendit ad contrarias modaliter, et contradictorias, ut patet in principio et in fine quaestionis (in principio quidem, quia proponit utrasque contradictorias dicens: *affirmatio negationi* etc.; et contrarias modaliter dicens: *et oratio orationi* etc., unde et exempla utrarunque statim subdit, ut patet in littera. In fine vero, quia ibi expresse quam con-

4) Visto que Aristóteles nesta questão fala da contrariedade das enunciações que se estende às contrárias modalmente e às contraditórias, como é claro no princípio e no fim da questão (no princípio, porque propõe ambas as contraditórias dizendo: *a afirmação à negação* etc.; e as contrárias modalmente dizendo: *e a oração à oração* etc., de onde imediatamente acrescenta os exemplos de ambas, como é patente na letra. No fim, porém, porque

clusit esse contrariam affirmativae universali verae dividit, in contrariam modaliter universalem negativam, scilicet, et contradictoriam: quae divisio falsitate non careret, nisi conclusisset contrariam formaliter, ut de se patet), quia, inquam, sic accipit contrarietatem, ideo de contrarietate formali enunciationum quaestio intelligenda est. Et est quaestio valde subtilis, necessaria et adhuc nullo modo superius tacta. Est igitur titulus quaestionis; utrum affirmativae verae contraria formaliter sit negativa falsa eiusdem praedicati, aut affirmativa falsa de praedicato, vel contrario? Et sic patet quis sit sensus tituli, et quare non movet quaestionem de quacunque alia oppositione enunciationum (quia scilicet nulla alia in eis formaliter invenitur), et quod accipit contrarietatem proprie et strictissime, licet talis contrarietas inveniatur inter contradictorias modaliter et contrarias modaliter. Dictum vero fuit a s. Thoma provenire hanc dubitationem ex eo quod additur aliquid simplici enunciationi, quia si tantum simplices, idest, de secundo adiacente enunciationes attendantur, non habet haec quaestio radicem. Quia autem simplici enunciationi, idest subiecto et verbo substantivo, additur aliquid, scilicet praedicatum, nascitur dubitatio circa oppositionem, an illud additum in contrariis debeat esse illudmet praedicatum, negatione apposita verbo, an debeat esse praedicatum contrarium seu privativum, absque negatione praeposita verbo.

ali divide expressamente aquela que concluiu ser a contrária da afirmativa universal verdadeira em contrária modalmente universal negativa e contraditória: divisão que não careceria de falsidade se ele não tivesse concluído pela contrária formalmente, como é evidente por si); visto, digo, que assim aceita a contrariedade, por isso a questão deve ser entendida sobre a contrariedade formal das enunciações. E é uma questão muito sutil, necessária e até agora de modo algum tocada anteriormente. O título da questão é, pois: se à afirmativa verdadeira é contrária formalmente a negativa falsa do mesmo predicado, ou a afirmativa falsa de um predicado contrário? E assim fica claro qual é o sentido do título, e por que não move a questão sobre qualquer outra oposição das enunciações (porque, a saber, nenhuma outra se encontra nelas formalmente), e que ele aceita a contrariedade própria e estritíssima, embora tal contrariedade se encontre entre as contraditórias modalmente e as contrárias modalmente. Foi dito por S. Tomás que esta dúvida provém do fato de que algo é adicionado à enunciação simples, porque, se fossem consideradas apenas as enunciações simples (isto é, de segundo adjacente), esta questão não teria raiz. Mas, porque à enunciação simples (isto é, ao sujeito e ao verbo substantivo) se adiciona algo, a saber, o predicado, nasce a dúvida sobre a oposição: se esse algo adicionado nos contrários deve ser o mesmo predicado com a negação aposta ao verbo, ou se deve ser um predicado contrário ou privativo, sem a negação anteposta ao verbo.

5) Deinde cum dicit: *nam si ea* etc., declarat unde sumenda sit decisio huius quaestionis. Et duo facit: quia primo declarat quod haec quaestio dependet ex una alia quaestione, ex illa scilicet: utrum opinio, idest conceptio animae, in secunda operatione intellectus, vera, contraria sit opinioni falsae negativae eiusdem praedicati, an falsae affirmativae contrarii sive privativi. Et assignat causam, quare illa quaestio dependet ex ista, quia scilicet enunciationes vocales sequuntur mentales, ut effectus adaequati causas proprias, et ut significata signa adaequata, et consequenter similis est in hoc utraque natura. Unde inchoans ab hac causa ait: *nam si ea quae sunt in voce sequuntur ea, quae sunt in anima*,

5) Em seguida, quando diz: *pois se aquelas* etc., declara de onde deve ser tomada a decisão desta questão. E faz duas coisas: primeiro, declara que esta questão depende de uma outra questão, a saber: se a opinião (isto é, a concepção da alma na segunda operação do intelecto) verdadeira é contrária à opinião falsa negativa do mesmo predicado, ou à falsa afirmativa do contrário ou privativo. E assinala a causa pela qual aquela questão depende desta: porque as enunciações vocais seguem as mentais como efeitos adequados às causas próprias, e como os significados aos signos adequados e, consequentemente, ambas as naturezas são semelhantes nisto. Por onde, começando por esta causa, diz:

ut dictum est in principio I libri, et illic, idest in anima, opinio contrarii praedicati circa idem subiectum est contraria illi alteri, quae affirmat reliquum contrarium de eodem (cuiusmodi sunt istae mentales enunciationes, *omnis homo est iustus, omnis homo est iniustus*); si ita inquam est, etiam et in his affirmationibus quae sunt in voce, idest vocaliter sumptis, necesse est similiter se habere, ut scilicet sint contrariae duae affirmativae de eodem subiecto et praedicatis contrariis. Quod si neque illic, idest in anima, opinatio contrarii praedicati, contrarietatem inter mentales enunciationes constituit, nec affirmatio vocalis affirmationi vocali contraria erit de contrario praedicato, sed magis affirmationi contraria erit negatio eiusdem praedicati.

pois se as coisas que estão na voz seguem as que estão na alma, como foi dito no início do Livro I, e lá (isto é, na alma) a opinião do predicado contrário sobre o mesmo sujeito é contrária àquela outra que afirma o restante contrário sobre o mesmo (como são estas enunciações mentais: "*todo homem é justo, todo homem é injusto*"); se assim é, digo, também nestas afirmações que estão na voz (isto é, tomadas vocalmente) é necessário que se comporte do mesmo modo, a saber, que sejam contrárias duas afirmativas sobre o mesmo sujeito e predicados contrários. Mas se nem lá (na alma) a opinião do predicado contrário constitui contrariedade entre as enunciações mentais, a afirmação vocal não será contrária à afirmação vocal sobre o predicado contrário, mas a negação do mesmo predicado será mais contrária à afirmação.

6) Dependet ergo mota quaestio ex ista alia sicut effectus ex causa. Propterea et concludendo addit secundum, quod scilicet de hac quaestione prius tractandum est, ut ex causa cognita effectus innotescat dicens: *quare considerandum est, opinio vera cui opinioni falsae contraria est: utrum negationi falsae an certe ei affirmationi falsae, quae contrarium esse opinatur*. Et ut exemplariter proponatur, dico hoc modo: sunt tres opiniones de bono, puta vita: quaedam enim est ipsius boni opinio vera, quoniam bonum est, puta, quod vita sit bona; alia vero falsa negativa, scilicet, quoniam bonum non est, puta, quod vita non sit bona; alia item falsa affirmativa contrarii, scilicet, quoniam malum est, puta, quod vita sit mala. Quaeritur ergo quae harum falsarum contraria est verae?

6) A questão movida depende, portanto, desta outra como o efeito da causa. Por isso, concluindo, acrescenta o segundo ponto: que se deve tratar primeiro desta questão para que, conhecida a causa, o efeito se torne conhecido, dizendo: *pelo que se deve considerar a qual opinião falsa a opinião verdadeira é contrária: se à negação falsa ou certamente àquela afirmação falsa que opina ser o contrário*. E para que se proponha como exemplo, digo deste modo: há três opiniões sobre o bem (suponhamos, a vida): uma é a opinião verdadeira do próprio bem, que é bem (como que a vida seja boa); outra é a falsa negativa, a saber, que não é bem (que a vida não seja boa); outra ainda é a falsa afirmativa do contrário, a saber, que é mal (que a vida seja má). Pergunta-se, pois: qual destas falsas é a contrária da verdadeira?

7) Quod autem subdidit: *et si est una, secundum quam contraria est*, tripliciter legi potest. Primo, dubitative, ut sit pars quaestionis; et tunc est sensus: quaeritur quae harum falsarum contraria est verae: et simul quaeritur, si est tantum una harum falsarum secundum quam fiat contraria ipsi verae: quia cum unum uni sit contrarium, ut dicitur in X metaphysicae, quaerendo quae harum sit contraria, quaeremus etiam an una earum sit contraria. Alio modo, potest legi adversative, ut sit sensus: quaeritur quae harum sit contraria; quamquam sciamus

7) O que ele acrescentou: *e se é uma, segundo a qual é contrária*, pode ser lido de três modos. Primeiro, dubitativamente, como parte da questão; e então o sentido é: pergunta-se qual destas falsas é contrária à verdadeira, e simultaneamente pergunta-se se há apenas uma destas falsas segundo a qual se torna contrária à própria verdadeira; pois, como "um é contrário a um", como se diz no Livro X da *Metafísica*, ao perguntar qual destas é a contrária, perguntamos também se apenas uma delas é a contrária. De outro modo, pode ser lido adversa-

quod non utraque sed una earum est secundum quam fit contrarietas. Tertio modo, potest legi dividendo hanc particulam, *et si est una*, ab illa sequenti, *secundum quam contraria est*; et tunc prima pars expressive, secunda vero dubitative legitur; et est sensus: quaeritur quae harum falsarum contraria est verae, non solum si istae duae falsae inter se differunt in consequendo, sed etiam si utraque est una, idest alteri indivisibiliter unita, quaeritur secundum quam fit contrarietas. Et hoc modo exponit Boethius, dicens quod Aristoteles apposuit haec verba propter contraria immediata, in quibus non differt contrarium a privativo. Inter contraria enim mediata et immediata haec est differentia, quod in immediatis a privativo contrarium non infertur. Non enim valet, corpus colorabile est non album, ergo est nigrum: potest enim esse rubrum. In immediatis autem valet; verbi gratia: animal est non sanum, ergo infirmum; numerus est non par, ergo impar. Voluit ergo Aristoteles exprimere quod nunc, cum quaerimus quae harum falsarum, scilicet negativae et affirmativae contrarii, sit contraria affirmativae verae, quaerimus universaliter sive illae duae falsae indivisibiliter se sequantur, sive non.

tivamente, com o sentido: pergunta-se qual destas é a contrária, embora saibamos que não ambas, mas apenas uma delas é aquela pela qual se faz a contrariedade. De um terceiro modo, pode ser lido dividindo esta partícula, *e se é uma*, daquela seguinte, *segundo a qual é contrária*; e então a primeira parte é lida expressivamente e a segunda dubitativamente; o sentido é: pergunta-se qual destas falsas é contrária à verdadeira, não só se estas duas falsas diferem entre si na consequência, mas também se cada uma é "uma", isto é, unida indivisivelmente à outra, pergunta-se segundo qual se faz a contrariedade. E deste modo expõe Boécio, dizendo que Aristóteles apôs estas palavras por causa dos contrários imediatos, nos quais o contrário não difere do privativo. Pois entre os contrários mediatos e imediatos há esta diferença: que nos mediatos o contrário não se infere do privativo (pois não vale: "o corpo colorível não é branco, logo é preto", pois pode ser vermelho). Nos imediatos, porém, vale; por exemplo: "o animal não é são, logo está enfermo"; "o número não é par, logo é ímpar". Quis, portanto, Aristóteles exprimir que agora, quando perguntamos qual destas falsas (a saber, a negativa e a afirmativa do contrário) é contrária à afirmativa verdadeira, perguntamos universalmente, quer aquelas duas falsas se sigam indivisivelmente, quer não.

8) Deinde cum dicit: *nam arbitrari*, prosequitur hanc secundam quaestionem. Et circa hoc quatuor facit. Primo, declarat quod contrarietas opinionum non attenditur penes contrarietatem materiae, circa quam versantur, sed potius penes oppositionem veri vel falsi; secundo, declarat quod non penes quaecunque opposita secundum veritatem et falsitatem est contrarietas opinionum; ibi: *si ergo boni* etc.; tertio, determinat quod contrarietas opinionum attenditur penes per se primo opposita secundum veritatem et falsitatem tribus rationibus; ibi: *sed in quibus primo fallacia* etc.; quarto declarat hanc determinationem inveniri in omnibus veram; ibi: *manifestum est igitur* et cetera. Dicit ergo proponens intentam conclusionem, quod falsum est arbitrari opiniones definiri seu determinari debere contrarias ex eo quod contrariorum obiectorum sunt. Et adducit ad hoc duplicem rationem. Prima est:

8) Em seguida, quando diz: *pois arbitrar*, prossegue esta segunda questão. E sobre isto faz quatro coisas. Primeiro, declara que a contrariedade das opiniões não se atende pela contrariedade da matéria sobre a qual versam, mas antes pela oposição do verdadeiro ou falso; segundo, declara que não é por quaisquer opostos segundo a verdade e a falsidade que há contrariedade de opiniões; ali: *se, portanto, do bem* etc.; terceiro, determina que a contrariedade de opiniões se atende pelos opostos *per se* e primeiramente segundo a verdade e falsidade, por três razões; ali: *mas naqueles em que primeiro o erro* etc.; quarto, declara que esta determinação se encontra verdadeira em todos; ali: *manifesto é, portanto* etc. Diz, pois, propondo a conclusão pretendida, que é falso arbitrar que as opiniões devam ser definidas ou determinadas como contrárias pelo fato de serem de objetos contrários. E traz

opiniones contrariae non sunt eadem opinio; sed contrariorum eadem est fortasse opinio; ergo opiniones non sunt contrariae ex hoc quod contrariorum sunt. Secunda est: opiniones contrariae non sunt simul verae; sed opiniones contrariorum, sive plures, sive una, sunt simul verae quandoque; ergo opiniones non sunt contrariae ex hoc quod contrariorum sunt. Harum rationum, suppositis maioribus, ponit utriusque minoris declarationem simul, dicens: *boni enim, quoniam bonum est, et mali, quoniam malum est, eadem fortasse opinio est*, quoad primam. Et subdit esse *vera*, sive plures sive una sit, quoad secundam. Utitur autem dubitativo adverbio et disiunctione, quia non est determinandi locus an contrariorum eadem sit opinio, et quia aliquo modo est eadem et aliquo modo non. Si enim loquamur de habituali opinione, sic eadem est; si autem de actuali, sic non eadem est. Alia siquidem mentalis compositio actualiter fit, concipiendo bonum esse bonum, et alia concipiendo malum esse malum, licet eodem habitu utrunque cognoscamus, illud per se primo, et hoc secundario, ut dicitur IX metaphysicae. Deinde subdit quod ista quae ad declarationem minorum sumpta sunt, scilicet bonum et malum, contraria sunt etiam contrarietate sumpta stricte in moralibus, ac per hoc congrua usi sumus declaratione. Ultimo inducit conclusionem. Sed non in eo quod contrariorum opiniones sunt, contrariae sunt, sed magis in eo quod contrariae, idest, sed potius censendae sunt opiniones contrariae ex eo quod contrariae adverbialiter, scilicet contrario modo, idest vere et false enunciant. Et sic patet primum.

9) *Si ergo boni* et cetera. Quia dixerat quod contrarietas opinionum accipitur secundum oppositionem veritatis et falsitatis earum, declarat modo quod non quaecunque secundum veritatem et falsitatem oppositae opiniones sunt contrariae, tali ratione. De bono, puta, de iustitia, quatuor possunt opiniones haberi, scilicet quod iustitia est bona, et quod non est bona, et quod est fugibilis, et quod est non appetibilis. Quarum prima est vera, reli-

para isto uma dupla razão. A primeira é: opiniões contrárias não são a mesma opinião; mas de objetos contrários a opinião é talvez a mesma; logo, as opiniões não são contrárias pelo fato de serem de objetos contrários. A segunda é: opiniões contrárias não são simultaneamente verdadeiras; mas as opiniões de objetos contrários, sejam várias ou uma só, são às vezes simultaneamente verdadeiras; logo, as opiniões não são contrárias pelo fato de serem de contrários. Destas razões, pressupostas as maiores, põe a declaração de ambas as menores simultaneamente, dizendo: *do bem, de que é bem, e do mal, de que é mal, a opinião é talvez a mesma*, quanto à primeira razão. E acrescenta que são *verdadeiras*, sejam várias ou uma só, quanto à segunda. Usa, porém, o advérbio dubitativo e a disjunção porque não é lugar de determinar se a opinião dos contrários é a mesma, e porque de algum modo é a mesma e de outro não. Pois, se falamos da opinião habitual, assim ela é a mesma; se, porém, da atual, assim não é a mesma. Pois uma composição mental se faz atualmente ao conceber que o bem é bem, e outra ao conceber que o mal é mal, embora conheçamos ambos pelo mesmo hábito: aquele primeiramente e por si, e este secundariamente, como se diz no Livro IX da *Metafísica*. Depois, acrescenta que estas coisas tomadas para a declaração das menores, a saber, o bem e o mal, são contrárias mesmo na contrariedade tomada estritamente na moral e, por isso, usamos uma declaração côngrua. Por último, induz a conclusão: "mas não no fato de serem opiniões de contrários que são contrárias", mas antes devem ser consideradas opiniões contrárias pelo fato de que enunciam "contrariamente" (adverbialmente), isto é, de modo contrário: verdadeira e falsamente. E assim fica claro o primeiro ponto.

9) *Se, portanto, do bem* etc. Como dissera que a contrariedade das opiniões é tomada segundo a oposição de verdade e falsidade delas, declara agora que nem quaisquer opiniões opostas segundo verdade e falsidade são contrárias, pela seguinte razão: Sobre o bem (por exemplo, a justiça), quatro opiniões podem ser tidas: que a justiça é boa, que não é boa, que deve ser fugida e que não é desejável. Dessas, a primeira é verdadeira, as restantes são falsas. En-

quae sunt falsae. Inter quas haec est diversitas quod, prima negat idem praedicatum quod vera affirmabat; secunda affirmat aliquid aliud quod bono non inest; tertia negat id quod bono inest, non tamen illud quod vera affirmabat. Tunc sic. Si omnes opiniones secundum veritatem et falsitatem sunt contrariae, tunc uni, scilicet verae opinioni non solum multa sunt contraria, sed etiam infinita: quod est impossibile, quia unum uni est contrarium. Tenet consequentia, quia possunt infinitae imaginari opiniones falsae de una re similes ultimis falsis opinionibus adductis, affirmantes, scilicet ea quae non insunt illi, et negantes ea quae illi quocunque modo coniuncta sunt: utraque namque indeterminata esse et absque numero constat. Possumus enim opinari quod iustitia est quantitas, quod est relatio, quod est hoc et illud; et similiter opinari quod iustitia non sit qualitas, non sit appetibilis, non sit habitus. Unde ex supradictis in propositione quaestionis, inferens pluralitatem falsarum contra unam veram, ait: *si ergo est opinatio vera boni*, puta iustitiae, *quoniam est bonum; et si est etiam falsa opinatio negans idem*, scilicet, *quoniam non est quid bonum; est vero et tertia opinatio falsa quoque, affirmans aliquid aliud inesse illi, quod non inest nec inesse potest*, puta, quod iustitia sit fugibilis, quod sit illicita; et hinc intelligitur quarta falsa quoque, quae scilicet negat aliquid aliud ab eo quod vera opinio affirmat inesse iustitiae, quod tamen inest, ut puta quod non sit qualitas, quod non sit virtus; si ita inquam est, nulla aliarum falsarum ponenda est contraria opinioni verae. Et exponens quid demonstret per ly *aliarum*, subdit: *neque quaecunque opinio opinatur esse quod non est*, ut tertii ordinis opiniones faciunt: *neque quaecunque opinio opinatur non esse quod est*, ut quarti ordinis opiniones significant. Et causam subdit: *infinitae enim utraeque sunt, et quae esse opinantur quod non est, et quae non esse quod est*, ut supra declaratum fuit. Non ergo quaecunque opiniones oppositae secundum veritatem et falsitatem contrariae sunt. Et sic patet secundum.

tre elas há esta diversidade: a primeira (das falsas) nega o mesmo predicado que a verdadeira afirmava; a segunda afirma algo diferente que não convém ao bem; a terceira nega algo que convém ao bem, mas não aquilo que a verdadeira afirmava. Então, assim: se todas as opiniões opostas segundo verdade e falsidade fossem contrárias, então a uma só opinião (a saber, a verdadeira) haveria não apenas muitos contrários, mas infinitos; o que é impossível, pois um é contrário a um só. A consequência se mantém, pois podem-se imaginar infinitas opiniões falsas sobre uma mesma coisa, semelhantes às últimas opiniões falsas trazidas, afirmando coisas que não lhe convêm e negando coisas que lhe estão de algum modo unidas: consta que ambas são indeterminadas e sem número. Pois podemos opinar que a justiça é quantidade, que é relação, que é isto ou aquilo; e similarmente opinar que a justiça não é qualidade, não é desejável, não é um hábito. Por onde, a partir do que foi dito na proposição da questão, inferindo a pluralidade de falsas contra uma verdadeira, diz: *se, portanto, há uma opinião verdadeira do bem* (p. ex., da justiça), *que é bem; e se há também uma opinião falsa negando o mesmo*, a saber, *que não é algo bom; e há ainda uma terceira opinião também falsa, afirmando que algo diferente convém a ela, o que não convém nem pode convir* (p. ex., que a justiça é algo a ser fugido, que é ilícita); e daqui se entende uma quarta também falsa, que nega algo diferente daquilo que a opinião verdadeira afirma convir à justiça, mas que contudo convém (p. ex., que não é uma qualidade, que não é uma virtude); se assim é, digo, nenhuma das "outras" falsas deve ser posta como contrária à opinião verdadeira. E expondo o que demonstra pelo termo *outras*, acrescenta: *nem qualquer opinião que opina ser o que não é*, como fazem as opiniões de terceira ordem; *nem qualquer opinião que opina não ser o que é*, como significam as opiniões de quarta ordem. E acrescenta a causa: *pois ambas são infinitas, tanto as que opinam ser o que não é, quanto as que opinam não ser o que é*, como foi declarado acima. Portanto, nem quaisquer opiniões opostas segundo verdade e falsidade são contrárias. E assim fica claro o segundo ponto.

Lectio XIV

1) Quia subtili indagatione ostendit quod nec materiae contrarietas, nec veri falsique qualiscunque oppositio contrarietatem opinionum constituit, sed quod aliqua veri falsique oppositio id facit, ideo nunc determinare intendit qualis sit illa veri falsique oppositio, quae opinionum contrarietatem constituit. Ex hoc enim directe quaestioni satisfit. Et intendit quod sola oppositio opinionum secundum affirmationem et negationem eiusdem de eodem etc. constituit contrarietatem earum. Unde intendit probare istam conclusionem per quam ad quaesitum respondet: opiniones oppositae secundum affirmationem et negationem eiusdem de eodem sunt contrariae; et consequenter illae, quae sunt oppositae secundum affirmationem contrariorum praedicatorum de eodem, non sunt contrariae, quia sic affirmativa vera haberet duas contrarias, quod est impossibile. Unum enim uni est contrarium.

1) Visto que, por uma sutil indagação, mostrou que nem a contrariedade da matéria, nem qualquer oposição de verdade e falsidade constitui a contrariedade das opiniões, mas que uma certa oposição de verdade e falsidade o faz, agora pretende determinar qual é essa oposição que constitui a contrariedade de opiniões. Pois disto se satisfaz diretamente a questão. Ele pretende que apenas a oposição de opiniões segundo a afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo etc. constitui a contrariedade delas. Por onde, pretende provar esta conclusão pela qual responde ao quesito: as opiniões opostas segundo afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo são contrárias; e, consequentemente, aquelas que são opostas segundo a afirmação de predicados contrários sobre o mesmo não são contrárias, pois assim a afirmativa verdadeira teria duas contrárias, o que é impossível. Pois um é contrário a um só.

2) Probat autem istam conclusionem tribus rationibus. Prima est: opiniones in quibus primo est fallacia sunt contrariae; opiniones oppositae secundum affirmationem et negationem eiusdem de eodem sunt in quibus primo est fallacia; ergo opiniones oppositae secundum affirmationem et negationem eiusdem de eodem sunt contrariae. Sensus maioris est: opiniones quae primo ordine naturae sunt termini fallaciae, idest deceptionis seu erroris, sunt contrariae: sunt enim, cum quis fallitur seu errat, duo termini, scilicet a quo declinat, et ad quem labitur. Huius rationis in littera primo ponitur maior, cum dicitur: *sed in quibus primo fallacia est*; adversative enim continuans sermonem supradictis, insinuavit non tot enumeratas opiniones esse contrarias, sed eas in quibus primo fallacia est modo exposito. Deinde subdit probationem minoris talem: eadem proportionaliter sunt, ex quibus sunt generationes et ex quibus sunt fallaciae; sed generationes sunt ex oppositis secundum affirmationem et negationem; ergo et fallaciae sunt ex oppositis secundum affirmationem et negationem. Quod erat assumptum in minore. Unde ponens maiorem huius prosyllogismi, ait: *haec autem*, scil-

2) Prova esta conclusão por três razões. A primeira é: as opiniões nas quais primeiro está a falácia (o erro) são contrárias; as opiniões opostas segundo afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo são aquelas em que primeiro está a falácia; logo, as opiniões opostas segundo afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo são contrárias. O sentido da maior é: as opiniões que, na ordem da natureza, são os primeiros termos da falácia (isto é, do engano ou erro) são contrárias. Pois existem, quando alguém se engana ou erra, dois termos: aquele de onde se declina e aquele para onde se cai. Desta razão, na letra, põe-se primeiro a maior, quando se diz: *mas naquelas em que primeiro está a falácia*; continuando o discurso adversativamente ao que foi dito, insinuou que nem todas as opiniões enumeradas são contrárias, mas aquelas em que primeiro está a falácia, do modo exposto. Depois, acrescenta a prova da menor: são proporcionalmente os mesmos os termos dos quais procedem as gerações e os termos dos quais procedem as falácias; mas as gerações procedem de opostos segundo afirmação e negação; logo, também as falácias procedem de opostos segundo afirmação e negação. O

icet fallacia, *est ex his*, scilicet terminis, proportionaliter tamen, *ex quibus sunt et generationes*. Et subsumit minorem: *ex oppositis vero*, scilicet secundum affirmationem et negationem, et generationes fiunt. Et demum concludit: *quare etiam fallacia*, scilicet, est ex oppositis secundum affirmationem et negationem eiusdem de eodem.

que fora assumido na menor. Por onde, pondo a maior deste prossilogismo, diz: *esta, porém* (a falácia), *é a partir destes* (termos), proporcionalmente, *dos quais são também as gerações.* E assume a menor: *a partir de opostos*, a saber, segundo afirmação e negação, *é que as gerações ocorrem.* E enfim conclui: *pelo que também a falácia* procede de opostos segundo a afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo.

3) Ad evidentiam huius probationis scito quod idem faciunt in processu intellectus cognitio et fallacia seu error, quod in processu naturae generatio et corruptio. Sicut namque perfectiones naturales generationibus acquiruntur, corruptionibus desinunt; ita cognitione perfectiones intellectuales acquiruntur, erroribus autem seu deceptionibus amittuntur. Et ideo, sicut tam generatio quam corruptio est inter affirmationem et negationem, ut proprios terminos, ut dicit V Physic.; ita tam cognoscere aliquid, quam falli circa illud, est inter affirmationem et negationem, ut proprios terminos: ita quod id ad quod primo attingit cognoscens aliquid in secunda operatione intellectus est veritatis affirmatio, et quod per se primo abiicitur est illius negatio. Et similiter quod per se primo perdit qui fallitur est veritatis affirmatio, et quod primo incurrit est veritatis negatio. Recte ergo dixit quod iidem sunt termini inter quos primo est generatio, et illi inter quos est primo fallacia, quia utrobique termini sunt affirmatio et negatio.

3) Para a evidência desta prova, saiba que o conhecimento e a falácia (ou erro) fazem o mesmo no processo do intelecto que a geração e a corrupção no processo da natureza. Pois, assim como as perfeições naturais são adquiridas pelas gerações e cessam pelas corrupções, assim pelo conhecimento as perfeições intelectuais são adquiridas e pelos erros ou enganos são perdidas. E por isso, assim como tanto a geração quanto a corrupção ocorrem entre afirmação e negação como seus termos próprios (como diz o Livro V da *Física*), assim tanto conhecer algo quanto enganar-se sobre ele ocorre entre afirmação e negação como seus termos próprios: de sorte que aquilo que o conhecedor atinge primeiro na segunda operação do intelecto é a afirmação da verdade, e o que por si e primeiro é rejeitado é a negação desta. E similarmente, o que perde primeiro e por si quem se engana é a afirmação da verdade, e o que primeiro incorre é a negação da verdade. Retamente, portanto, disse que são os mesmos os termos entre os quais primeiro ocorre a geração e aqueles entre os quais primeiro ocorre a falácia, porque em ambos os termos são afirmação e negação.

4) Deinde cum dicit: *si ergo quod bonum est* etc., intendit probare maiorem principalis rationis. Et quia iam declaravit quod ea, in quibus primo est fallacia, sunt affirmatio et negatio, ideo utitur, loco maioris probandae, scilicet, opiniones in quibus primo est fallacia, sunt contrariae, sua conclusione, scilicet, opiniones oppositae secundum affirmationem et negationem eiusdem sunt contrariae. Aequivalere enim iam declaratum est. Fecit autem hoc consuetae brevitati studens, quoniam sic procedendo, et probat maiorem, et respondet directe quaestioni, et applicat ad propositum simul. Pro-

4) Em seguida, quando diz: *se, portanto, o que é bom* etc., pretende provar a maior da razão principal. E como já declarou que aquelas coisas em que primeiro está a falácia são a afirmação e a negação, por isso utiliza, em vez da maior a ser provada (a saber: "as opiniões nas quais primeiro está a falácia são contrárias"), a sua conclusão, a saber: "as opiniões opostas segundo afirmação e negação do mesmo são contrárias". Pois já foi declarado que são equivalentes. Fez isso visando à costumada brevidade, pois, procedendo assim, prova a maior, responde diretamente à questão e aplica ao

bat ergo loco maioris conclusionem principaliter intentam quaestionis, hanc, scilicet: opiniones oppositae secundum affirmationem et negationem eiusdem sunt contrariae; et non illae, quae sunt oppositae secundum contrariorum affirmationem de eodem. Et intendit talem rationem. Opinio vera et eius magis falsa sunt contrariae opiniones; oppositae secundum affirmationem et negationem sunt vera et eius magis falsa; ergo opiniones oppositae secundum affirmationem et negationem sunt contrariae. Maior probatur ex eo quod, quae plurimum distant circa idem sunt contraria; vera autem et eius magis falsa plurimum distant circa idem, ut patet. Minor vero probatur ex eo quod opposita secundum negationem eiusdem de eodem est per se falsa respectu suae affirmationis verae. Opinio autem per se falsa magis falsa est quacunque alia. Unumquodque enim quod est per se tale, magis tale est quolibet quod est per aliud tale.

propósito simultaneamente. Prova, pois, no lugar da maior, a conclusão principalmente pretendida da questão: que as opiniões opostas segundo afirmação e negação do mesmo são contrárias, e não aquelas que são opostas segundo a afirmação de contrários sobre o mesmo. E pretende a seguinte razão: a opinião verdadeira e a sua "mais falsa" são opiniões contrárias; as opostas segundo afirmação e negação são a verdadeira e a sua "mais falsa"; logo, as opiniões opostas segundo afirmação e negação são contrárias. A maior se prova pelo fato de que as coisas que maximamente se distanciam sobre o mesmo são contrárias; ora, a verdadeira e a sua "mais falsa" maximamente se distanciam sobre o mesmo, como é patente. A menor prova-se pelo fato de que a oposta segundo a negação do mesmo sobre o mesmo é *per se* (por si) falsa em relação à sua afirmação verdadeira. Ora, a opinião que é falsa por si é mais falsa que qualquer outra. Pois tudo o que é "tal" por si, é mais "tal" do que aquilo que o é por outra coisa.

5) Unde ad suprapositas opiniones in propositione quaestionis rediens, ut ex illis exemplariter clarius intentum ostendat, a probatione minoris inchoat tali modo. Sint quatuor opiniones, duae verae, scilicet, *bonum est bonum, bonum non est malum*, et duae falsae, scilicet, *bonum non est bonum*, et, *bonum est malum*. Clarum est autem quod prima vera est ratione sui, secunda autem est vera secundum accidens, idest, ratione alterius, quia scilicet non esse malum est coniunctum ipsi bono: ideo enim ista est vera, *bonum non est malum*, quia *bonum est bonum*, et non e contra; ergo prima quae est secundum se vera, est magis vera quam secunda: quia in unoquoque genere quae secundum se est vera est magis vera. Illae autem duae falsae eodem modo censendae sunt, quod scilicet magis falsa est, quae secundum se est falsa. Unde quia prima earum, scilicet, *bonum non est bonum*, quae est negativa, est per se et non ratione alterius falsa, relata ad illam affirmativam, *bonum est bonum*; et secunda, scilicet, *bonum est malum*, quae est affirmativa contrarii, ad eamdem relata est falsa per accidens, idest ratione alterius (ista enim, scilicet, *bonum est malum*, non immediate falsificatur ab illa vera, scilicet *bonum est bonum*, sed mediante

5) Por onde, voltando às opiniões expostas na proposição da questão, para mostrar por elas o intento de modo mais claro e exemplar, começa pela prova da menor deste modo: Sejam quatro opiniões, duas verdadeiras (a saber: "*o bem é bem*", "*o bem não é mal*") e duas falsas (a saber: "*o bem não é bem*" e "*o bem é mal*"). É claro que a primeira é verdadeira em razão de si mesma, mas a segunda é verdadeira por acidente (isto é, em razão de outra), porque o "não ser mal" está conjunto ao próprio bem: pois esta é verdadeira ("o bem não é mal") porque o bem é bem, e não o contrário; logo, a primeira, que é verdadeira por si mesma, é "mais verdadeira" que a segunda, pois em cada gênero o que é verdadeiro por si é mais verdadeiro. E aquelas duas falsas devem ser julgadas do mesmo modo: que é mais falsa a que é falsa por si mesma. Por onde, como a primeira delas ("o bem não é bem"), que é negativa, é falsa por si e não em razão de outra, quando referida à afirmativa "o bem é bem"; e a segunda ("o bem é mal"), que é a afirmativa do contrário, referida à mesma, é falsa por acidente (isto é, em razão de outra, pois esta não é falsificada imediatamente por aquela verdadeira "o bem é bem", mas mediante aquela outra falsa "o bem

illa alia falsa, scilicet, *bonum non est bonum*); idcirco magis falsa respectu affirmationis verae est negatio eiusdem quam affirmatio contrarii. Quod erat assumptum in minore.

não é bem"); por isso, a negação do mesmo é mais falsa em relação à afirmação verdadeira do que a afirmação do contrário. O que fora assumido na menor.

6) Unde rediens ad supra positas (ut dictum est) opiniones, infert primas duas veras opiniones dicens: *si ergo quod bonum est et bonum est et non est malum*, et hoc quidem, scilicet quod dicit prima opinio, est verum *secundum se*, idest ratione sui; illud vero, scilicet quod dicit secunda opinio, est verum *secundum accidens*, quia accidit, idest, coniunctum est ei, scilicet bono, malum non esse. In unoquoque autem ordine magis vera est illa quae *secundum se* est vera. Etiam igitur falsa magis est quae *secundum se* falsa est: siquidem et vera huius est naturae, ut declaratum est, quod scilicet magis vera est, quae *secundum se* est vera. Ergo illarum duarum opinionum falsarum in quaestione propositarum, scilicet, *bonum non est bonum*, et, *bonum est malum*, ea quae est dicens, quoniam non est bonum quod bonum est, idest negativa; scilicet, *bonum non est bonum*, est consistens falsa *secundum se*, idest, ratione sui continet in seipsa falsitatem; illa vero reliqua falsa opinio, quae est dicens, quoniam malum est, idest, affirmativa contraria, scilicet, *bonum est malum*, eius, quae est, idest, illius affirmationis dicentis, *bonum est bonum*, *secundum accidens*, idest, ratione alterius falsa est. Deinde subdit ipsam minorem: *quare erit magis falsa de bono, opinio negationis, quam contrarii.* Deinde ponit maiorem dicens quod, *semper magis falsus circa singula est ille qui habet contrariam opinionem*, ac si dixisset, verae opinioni magis falsa est contraria. Quod assumptum erat in maiore. Et eius probationem subdit, quia *contrarium est de numero eorum quae circa idem plurimum differunt.* Nihil enim plus differt a vera opinione quam magis falsa circa illam.

6) Por onde, retornando às opiniões acima postas (como foi dito), infere as duas primeiras opiniões verdadeiras dizendo: *"se, portanto, o que é bom é tanto bom quanto não é mau"*, e isto certamente, a saber, o que diz a primeira opinião, é verdadeiro *secundum se*, isto é, em razão de si; aquilo, porém, a saber, o que diz a segunda opinião, é verdadeiro *secundum accidens*, porque acontece, isto é, está conjunto a ele, a saber, ao bem, o não ser mau. Em cada ordem, a mais verdadeira é aquela que é verdadeira *secundum se.* Portanto, também a falsa é mais falsa quando é falsa *secundum se*: visto que a verdade é desta natureza, como foi declarado, a saber, que a mais verdadeira é a que é verdadeira *secundum se.* Logo, daquelas duas opiniões falsas propostas na questão, a saber, *"o bem não é bem"* e *"o bem é mau"*, aquela que diz que não é bem o que é bem, isto é, a negativa, a saber, *"o bem não é bem"*, é consistentemente falsa *secundum se*, isto é, em razão de si contém em si mesma a falsidade; aquela outra opinião falsa restante, que diz que é mau, isto é, a afirmativa contrária, a saber, *"o bem é mau"*, é falsa *secundum accidens* em relação àquela afirmação que diz *"o bem é bem"*, isto é, falsa em razão de outra coisa. Em seguida, acrescenta a própria menor: *"pelo que será mais falsa sobre o bem a opinião da negação do que a do contrário"*. Depois, põe a maior dizendo que *"semper é mais falso acerca de cada coisa aquele que tem a opinião contrária"*, como se dissesse que à opinião verdadeira a contrária é a mais falsa. O que fora assumido na maior. E acrescenta a sua prova, porque *"o contrário está no número daquelas coisas que mais diferem acerca do mesmo"*. Pois nada difere mais de uma opinião verdadeira do que a opinião mais falsa sobre ela.

7) Ultimo directe applicat ad quaestionem dicens: *quod si* (pro, quia) *harum* falsarum, scilicet, negationis eiusdem et affirmationis contrarii, altera est contraria verae affirmationi, opinio vero contradictionis, idest, negationis eiusdem de eodem, magis

7) Por último, aplica diretamente à questão dizendo: *"porque se"* (no lugar de "se") *"destas"* falsas, a saber, da negação do mesmo e da afirmação do contrário, uma é contrária à afirmação verdadeira, mas a opinião da contradição, isto é, da negação do

est contraria secundum falsitatem, idest, magis est falsa, manifestum est quoniam haec, scilicet opinio falsa negationis, erit contraria affirmationi verae, et e contra. Illa vero opinio quae est dicens, quoniam malum est quod bonum est, idest, affirmatio contrarii, non contraria sed implicita est, idest, sed implicans in se verae contrariam, scilicet, *bonum non est bonum*. Etenim necesse est ipsum opinantem affirmationem contrarii opinari, quoniam idem de quo affirmat contrarium non est bonum. Oportet siquidem si quis opinatur quod vita est mala, quod opinetur quod vita non sit bona. Hoc enim necessario sequitur ad illud, et non e converso; et ideo affirmatio contrarii implicita dicitur. Negatio autem eiusdem de eodem implicita non est. Et sic finitur prima ratio.

mesmo sobre o mesmo, é mais contrária segundo a falsidade, isto é, é mais falsa, é manifesto que esta, a saber, a opinião falsa da negação, será contrária à afirmação verdadeira, e vice-versa. Aquela opinião que diz que o que é bom é mau, isto é, a afirmação do contrário, não é contrária, mas implicada, isto é, implica em si a contrária da verdadeira, a saber, *"o bem não é bem"*. Pois é necessário que o próprio que opina a afirmação do contrário opine que aquilo mesmo de que afirma o contrário não é bom. Convém, de fato, que se alguém opina que a vida é má, opine que a vida não é boa. Pois isto segue-se necessariamente daquilo, e não o inverso; e por isso a afirmação do contrário é dita implicada. A negação do mesmo sobre o mesmo, porém, não é implicada. E assim termina a primeira razão.

8) Notandum est hic primo quod ista regula generalis tradita hic ab Aristotele de contrarietate opinionum, quod scilicet contrariae opiniones sunt quae opponuntur secundum affirmationem et negationem eiusdem de eodem, et in se et in assumptis ad eius probationem propositionibus scrupulosa est. Unde multa hic insurgunt dubia. Primum est quia cum oppositio secundum affirmationem et negationem non constituat contrarietatem sed contradictionem apud omnes philosophos, quomodo Aristoteles opiniones oppositas secundum affirmationem et negationem ex hoc contrarias ponat. Augetur et dubitatio quia dixit quod ea in quibus primo est fallacia sunt contraria, et tamen subdit quod sunt oppositae sicut termini generationis, quos constat contradictorie opponi. Nec dubitatione caret quomodo sit verum id quod supra diximus ex intentione s. Thomae, quod nullae duae opiniones opponantur contradictorie, cum hic expresser dicitur aliquas opponi secundum affirmationem et negationem. Dubium secundo insurgit circa id quod assumpsit, quod contraria cuiusque verae est per se falsa. Hoc enim non videtur verum. Nam contraria istius verae, *Socrates est albus*, est ista, *Socrates non est albus*, secundum determinata; et tamen non est per se falsa. Sicut namque sua opposita affirmatio est per accidens vera, ita ista est per accidens falsa. Accidit enim isti enunciationi falsitas. Potest enim mutari in veram, quia est in materia contingenti. Dubium est tertio circa id quod dixit:

8) Deve-se notar aqui, primeiro, que esta regra geral transmitida por Aristóteles sobre a contrariedade das opiniões — a saber, que as opiniões contrárias são aquelas que se opõem segundo a afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo — é escrupulosa tanto em si quanto nas proposições assumidas para sua prova. Por onde, muitos pontos de dúvida surgem aqui. O primeiro é que, como a oposição segundo a afirmação e a negação não constitui contrariedade, mas contradição para todos os filósofos, como Aristóteles pode propor que as opiniões opostas segundo a afirmação e a negação sejam, por isso, contrárias. A dúvida aumenta porque ele disse que aquelas coisas em que primeiro há falácia são contrárias, e no entanto acrescenta que são opostas como os termos da geração, os quais consta que se opõem contraditoriamente. Nem carece de dúvida como seja verdadeiro o que dissemos acima segundo a intenção de *S. Tomás*, que nenhumas duas opiniões se opõem contraditoriamente, quando aqui se diz expressamente que algumas se opõem segundo a afirmação e a negação. O segundo ponto de dúvida surge sobre o que ele assumiu: que a contrária de cada verdadeira é *per se* falsa. Pois isso não parece verdadeiro. Pois a contrária desta verdadeira, *Sócrates é branco*, é esta: *Sócrates não é branco*, segundo os determinados; e no entanto não é *per se* falsa. Pois assim como a sua afirmação oposta é verdadeira por acidente, assim esta é falsa por acidente. Pois a falsidade

magis vero contradictionis est contraria. Ex hoc enim videtur velle quod utraque, scilicet, opinio negationis et contrarii, sit contraria verae affirmationi; et consequenter vel uni duo ponit contraria, vel non loquitur de contrarietate proprie sumpta: cuius oppositum supra ostendimus.

acontece a esta enunciação. Ela pode, de fato, ser mudada em verdadeira, porque está em matéria contingente. O terceiro ponto de dúvida é sobre o que ele disse: *"porém a da contradição é mais contrária"*. Pois, por isso, ele parece querer que ambas, a saber, a opinião da negação e a do contrário, sejam contrárias à afirmação verdadeira; e consequentemente, ou ele põe dois contrários para um só, ou não fala da contrariedade propriamente tomada: cujo oposto mostramos acima.

9) Ad evidentiam omnium, quae primo loco adducuntur, sciendum quod opiniones seu conceptiones intellectuales, in secunda operatione de quibus loquimur, possunt tripliciter accipi: uno modo, secundum id quod sunt absolute; alio modo, secundum ea quae repraesentant absolute; tertio, secundum ea quae repraesentant, ut sunt in ipsis opinionibus. Primo membro omisso, quia non est praesentis speculationis, scito quod si accipiantur secundo modo secundum repraesentata, sic invenitur inter eas et contradictionis, et privationis, et contrarietatis oppositio. Ista siquidem mentalis enunciatio, *Socrates est videns*, secundum id quod repraesentat opponitur illi, *Socrates non est videns*, contradictorie; privative autem illi, *Socrates est caecus*; contrarie autem illi, *Socrates est luscus*; si accipiantur secundum repraesentata. Ut enim dicitur in postpraedicamentis, non solum caecitas est privatio visus, sed etiam caecum esse est privatio huius quod est esse videntem, et sic de aliis. Si vero accipiantur opiniones tertio modo, scilicet, prout repraesentata per eas sunt in ipsis, sic nulla oppositio inter eas invenitur nisi contrarietas: quoniam sive opposita contradictorie sive privative sive contrarie repraesententur, ut sunt in opinionibus, illius tantum oppositionis capaces sunt, quae inter duo entia realia inveniri potest. Opiniones namque realia entia sunt. Regulare enim est quod quidquid convenit alicui secundum esse quod habet in alio, secundum modum et naturam illius in quo est sibi convenit, et non secundum quod exigeret natura propria. Inter entia autem realia contrarietas sola formaliter reperitur. Taceo nunc de oppositione relativa. Opiniones ergo hoc modo sumptae, si oppositae sunt, contrarietatem sapiunt, sed non omnes proprie contrariae sunt, sed illae quae pluri-

9) Para a evidência de tudo o que é aduzido em primeiro lugar, deve-se saber que as opiniões ou concepções intelectuais, na segunda operação de que falamos, podem ser tomadas de três modos: de um modo, segundo aquilo que são absolutamente; de outro modo, segundo aquilo que representam absolutamente; de um terceiro modo, segundo aquilo que representam enquanto estão nas próprias opiniões. Omitido o primeiro membro, porque não é da presente especulação, saiba que se forem tomadas do segundo modo, segundo o que é representado, assim se encontra entre elas a oposição de contradição, de privação e de contrariedade. De fato, esta enunciação mental, *Sócrates é vidente*, segundo aquilo que representa, opõe-se àquela, *Sócrates não é vidente*, contraditoriamente; privativamente àquela, *Sócrates é cego*; e contrariamente àquela, *Sócrates é vesgo*, se forem tomadas segundo o que é representado. Pois, como se diz nos *Pós-Predicamentos*, não apenas a cegueira é privação da visão, mas também o ser cego é privação disto que é ser vidente, e assim por diante. Se, porém, as opiniões forem tomadas do terceiro modo, a saber, conforme o que nelas é representado está nelas mesmas, assim nenhuma oposição se encontra entre elas exceto a contrariedade: pois quer sejam representados opostos contraditórios, privativos ou contrários, enquanto estão nas opiniões, são capazes apenas daquela oposição que pode ser encontrada entre dois entes reais. Pois as opiniões são entes reais. Pois é regra que tudo o que convém a algo segundo o ser que possui em outro, convém-lhe segundo o modo e a natureza daquilo em que está, e não segundo o que a natureza própria exigiria. Ora, entre entes reais, apenas a contrariedade se encontra formalmente. Calo-me agora sobre a

mum differunt circa idem veritate et falsitate. Has autem probavit Aristoteles esse opiniones affirmationis et negationis eiusdem de eodem. Istae igitur verae contrariae sunt. Reliquae vero per reductionem ad has contrariae dicuntur.

oposição relativa. As opiniões, portanto, tomadas deste modo, se são opostas, têm sabor de contrariedade, mas nem todas são propriamente contrárias, mas aquelas que mais diferem acerca do mesmo em verdade e falsidade. Ora, Aristóteles provou que estas são as opiniões de afirmação e negação do mesmo sobre o mesmo. Estas, portanto, são as verdadeiras contrárias. As restantes, porém, são ditas contrárias por redução a estas.

10) Ex his patet quid ad obiecta dicendum sit. Fatemur enim quod affirmatio et negatio in seipsis contradictionem constituunt; in opinionibus vero existentes contrarietatem inter illas causant propter extremam distantiam, quam ponunt inter entia realia, opinionem scilicet veram et opinionem falsam circa idem. Stantque ista duo simul quod ea, in quibus primo est fallacia, sint opposita ut termini generationis, et tamen sint contraria utendo supradicta distinctione: sunt enim opposita contradictorie ut termini generationis secundum repraesentata; sunt autem contraria, secundum quod habent in seipsis illa contradictoria. Unde plurimum differunt. Liquet quoque ex hoc quod nulla est dissentio inter dicta Aristotelis et s. Thomae, quia opiniones aliquas opponi secundum affirmationem et negationem verum esse confitemur, si ad repraesentata nos convertimus, ut hic dicitur.

10) Destas coisas fica claro o que se deve dizer às objeções. Pois confessamos que a afirmação e a negação, em si mesmas, constituem uma contradição; porém, existindo nas opiniões, causam a contrariedade entre elas por causa da extrema distância que estabelecem entre entes reais, a saber, a opinião verdadeira e a opinião falsa sobre o mesmo. E estas duas coisas permanecem juntas: que aquelas coisas em que primeiro há falácia sejam opostas como termos da geração, e no entanto sejam contrárias usando a distinção sobredita: pois são opostas contraditoriamente como termos da geração segundo o que é representado; mas são contrárias segundo o que possuem em si mesmas esses contraditórios. Por onde, diferem muitíssimo. Fica claro também, por isso, que não há dissensão entre os ditos de *Aristóteles* e de *S. Tomás*, pois confessamos ser verdadeiro que algumas opiniões se opõem segundo a afirmação e a negação, se nos voltamos para o que é representado, como aqui se diz.

11) Tu autem qui perspicacioris ac provectioris ingenii es compos, hinc habeto quod inter ipsas opiniones oppositas quidam tantum motus est, eo quod de affirmato in affirmatum mutatio fit: inter ipsas vero secundum repraesentata, similitudo quaedam generationis et corruptionis invenitur, dum inter affirmationem et negationem mutatio clauditur. Unde et fallacia sive error quandoque et motus et mutationis rationem habet diversa respiciendo, quando scilicet ex vera in per se falsam, vel e converso, quis mutat opinionem; quandoque autem solam mutationem imitatur, quando scilicet absque praeopinata veritate ipsam falsam offendit quis opinionem; quandoque vero motus undique rationem possidet, quando scilicet ex vera affirmatione in falsam circa idem contrarii affirmationem transit. Quia tamen prima

11) Tu, porém, que és dotado de um engenho mais perspicaz e maduro, entende daqui que, entre as próprias opiniões opostas, há apenas um certo movimento, pelo fato de que a mudança se faz de um afirmado para outro afirmado; mas entre elas mesmas, segundo o que é representado, encontra-se uma certa semelhança de geração e corrupção, enquanto a mudança se encerra entre a afirmação e a negação. Por onde, a falácia ou o erro às vezes possui a razão de movimento e de mudança ao olhar para coisas diversas, a saber, quando alguém muda de opinião da verdadeira para a *per se* falsa, ou vice-versa; às vezes, porém, imita apenas a mudança, quando, a saber, sem uma verdade previamente opinada, alguém depara com a própria opinião falsa; às vezes, todavia, possui a

ut quis fallatur radix est oppositio affirmationis et negationis, merito ea in quibus primo est fallacia, sicut generationis terminos opponi dixit.

razão de movimento sob todos os aspectos, quando, a saber, passa da afirmação verdadeira para a afirmação falsa do contrário sobre o mesmo. Contudo, como a primeira raiz para que alguém se engane é a oposição de afirmação e negação, merecidamente ele disse que aquelas coisas em que primeiro há falácia se opõem como os termos da geração.

12) Ad dubium secundo loco adductum dico quod peccatur ibi secundum aequivocationem illius termini per se falsa, seu per se vera. Opinio enim et similiter enunciatio potest dici dupliciter per se vera seu falsa. Uno modo, in seipsa, sicut sunt omnes verae secundum illos modos perseitatis qui enumerantur I posteriorum, et similiter falsae secundum illosmet modos, ut, homo non est animal. Et hoc modo non accipitur in hac regula de contrarietate opinionum et enunciationum opinio per se vera aut falsa, ut efficaciter obiectio adducta concludit. Si enim ad contrarietatem opinionum hoc exigeretur non possent esse opiniones contrariae in materia contingenti: quod est falsissimum. Alio modo potest dici opinio sive enunciatio per se vera aut falsa respectu suae oppositae. Per se vera quidem respectu suae falsae, et per se falsa respectu suae verae. Et tunc nihil aliud est dicere, est per se vera respectu illius, nisi quod ratione sui et non alterius verificatur ex falsitate illius. Et similiter cum dicitur, est per se falsa respectu illius, intenditur quod ratione sui et non alterius falsificatur ex illius veritate. Verbi gratia; istius verae, Socrates currit, non est per se falsa, Socrates sedet, quia falsitas eius non immediate sequitur ex illa, sed mediante ista alia falsa, Socrates non currit, quae est per se illius falsa, quia ratione sui et non per aliquod medium ex illius veritate falsificatur, ut patet. Et similiter istius falsae, Socrates est quadrupes, non est per se vera ista, Socrates est bipes, quia non per seipsam veritas istius illam falsificat, sed mediante ista, Socrates non est quadrupes, quae est per se vera respectu illius: propter seipsam enim falsitate istius verificatur, ut de se patet. Et hoc secundo modo utimur istis terminis tradentes regulam de contrarietate opinionum et enunciationum. Invenitur siquidem sic universaliter vera in omni materia regula dicens quod, vera et eius per se falsa, et falsa et eius per se vera, sunt contrariae. Unde patet re-

12) À dúvida aduzida em segundo lugar, digo que ali se peca segundo a equivocação daquele termo *per se* falsa ou *per se* verdadeira. De fato, a opinião, e similarmente a enunciação, pode ser dita de dois modos *per se* verdadeira ou falsa. De um modo, em si mesma, como são todas as verdadeiras segundo aqueles modos de perseidade que são enumerados no livro I dos *Posteriores*, e similarmente as falsas segundo esses mesmos modos, como: *"o homem não é animal"*. E deste modo não se toma, nesta regra sobre a contrariedade das opiniões e enunciações, a opinião *per se* verdadeira ou falsa, como a objeção aduzida conclui eficazmente. Pois se isto fosse exigido para a contrariedade das opiniões, não poderiam existir opiniões contrárias em matéria contingente: o que é falsíssimo. De outro modo, pode-se dizer que a opinião ou enunciação é *per se* verdadeira ou falsa em relação à sua oposta. *Per se* verdadeira, por certo, em relação à sua falsa, e *per se* falsa em relação à sua verdadeira. E então, dizer que é *per se* verdadeira em relação àquela não é nada mais do que dizer que, em razão de si e não de outra coisa, ela se verifica a partir da falsidade daquela. E similarmente, quando se diz que é *per se* falsa em relação àquela, entende-se que, em razão de si e não de outra coisa, ela se falsifica a partir da verdade daquela. Por exemplo: desta verdadeira, *Sócrates corre*, não é *per se* falsa *Sócrates está sentado*, porque a falsidade desta não se segue imediatamente daquela, mas mediante esta outra falsa, *Sócrates não corre*, que é a *per se* falsa daquela, porque em razão de si e não por algum meio ela se falsifica a partir da verdade daquela, como é patente. E similarmente desta falsa, *Sócrates é quadrúpede*, não é *per se* verdadeira esta, *Sócrates é bípede*, porque não é por si mesma que a verdade desta falsifica aquela, mas mediante esta, *Sócrates não é quadrúpede*, que é *per se* verdadeira em relação àquela: pois por si mesma ela se verifica pela

sponsio ad obiectionem, quia procedit accipiendo ly per se vera, et per se falsa primo modo.

falsidade daquela, como por si é patente. E é deste segundo modo que usamos estes termos ao transmitir a regra sobre a contrariedade das opiniões e enunciações. Pois encontra-se assim uma regra universalmente verdadeira em toda matéria, dizendo que a verdadeira e a sua *per se* falsa, e a falsa e a sua *per se* verdadeira, são contrárias. Por onde, fica clara a resposta à objeção, pois ela procede tomando os termos *per se* verdadeira e *per se* falsa do primeiro modo.

13) Ad ultimum dubium dicitur quod, quia inter opiniones ad se invicem pertinentes nulla alia est oppositio nisi contrarietas, coactus fuit Aristoteles (volens terminis specialibus uti) dicere quod una est magis contraria quam altera, insinuans quidem quod utraque contrarietatis oppositionem habet respectu illius verae. Determinat tamen immediate quod tantum una earum, scilicet negationis opinio, contraria est affirmationi verae. Subdit enim: *manifestum est quoniam haec contraria erit.* Duo ergo dixit, et quod utraque, tam scilicet negatio eiusdem quam affirmatio contrarii, contrariatur affirmationi verae, et quod una tantum earum, negatio scilicet, est contraria. Et utrunque est verum. Illud quidem, quia, ut dictum est, ambae contrarietates oppositione contra affirmationem moliuntur; sed difformiter, quia opinio negationis primo et per se contrariatur, affirmationis vero contrarii opinio secundario et per accidens, idest per aliud, ratione scilicet negativae opinionis, ut declaratum est: sicut etiam in naturalibus albo contrariantur et nigrum et rubrum, sed illud primo, hoc reductive, ut reducitur scilicet ad nigrum illud inducendo, ut dicitur V Physic. Secundum autem dictum simpliciter verum est, quoniam simpliciter contraria non sunt nisi extrema unius latitudinis, quae maxime distant; extrema autem unius distantiae non sunt nisi duo. Et ideo cum inter pertinentes ad se invicem opiniones unum extremum teneat affirmatio vera, reliquum uni tantum falsae dandum est, illi scilicet quae maxime a vera distat. Hanc autem negativam opinionem esse probatum est. Haec igitur una tantum contraria est illi, simpliciter loquendo. Caeterae enim oppositae ratione istius contrariantur, ut de mediis dictum est. Non ergo uni plura contraria posuit, nec de contrarietate large

13) À última dúvida, diz-se que, como entre as opiniões que se referem mutuamente não há outra oposição exceto a contrariedade, *Aristóteles* foi compelido (querendo usar termos específicos) a dizer que uma é mais contrária que a outra, insinuando que ambas possuem a oposição de contrariedade em relação àquela verdadeira. Todavia, ele determina imediatamente que apenas uma delas, a saber, a opinião da negação, é contrária à afirmação verdadeira. Pois ele acrescenta: *"é manifesto que esta será a contrária"*. Disse, portanto, duas coisas: que ambas, a saber, tanto a negação do mesmo quanto a afirmação do contrário, contrariam a afirmação verdadeira, e que apenas uma delas, a saber, a negação, é a contrária. E ambas são verdadeiras. Aquela primeira, porque, como foi dito, ambas as contrariedades operam por oposição contra a afirmação; mas de forma diferente, porque a opinião da negação contraria primeiro e *per se*, enquanto a opinião da afirmação do contrário contraria secundariamente e por acidente, isto é, por outra coisa, a saber, em razão da opinião negativa, como foi declarado: assim como também nas coisas naturais o negro e o vermelho contrariam o branco, mas aquele primeiro, este de forma redutiva, a saber, enquanto se reduz ao negro ao induzilo, como se diz no livro V da *Física.* Já o segundo dito é absolutamente verdadeiro, visto que absolutamente contrárias não são senão os extremos de uma única latitude, os quais distam maximamente; ora, os extremos de uma única distância não são senão dois. E por isso, como entre as opiniões que se referem mutuamente um extremo é ocupado pela afirmação verdadeira, o outro deve ser dado a apenas uma falsa, a saber, àquela que maximamente dista da verdadeira. Ora, provou-se que esta é a

loquutus est, ut obiiciendo dicebatur.

14) Deinde cum dicit: amplius si etiam etc., probat idem, scilicet quod affirmationi contraria est negatio eiusdem, et non affirmatio contrarii secunda ratione, dicens: si in aliis materiis oportet opiniones se habere similiter, idest, eodem modo, ita quod contrariae in aliis materiis sunt affirmatio et negatio eiusdem; et hoc, scilicet quod diximus de boni et mali opinionibus, videtur esse bene dictum, quod scilicet contraria affirmationi boni non est affirmatio mali, sed negatio boni. Et probat hanc consequentiam subdens: *aut enim ubique*, idest, in omni materia, ea quae est contradictionis altera pars censenda est contraria suae affirmationi, aut nusquam, idest, aut in nulla materia. Si enim est una ars generalis accipiendi contrariam opinionem, oportet quod ubique et in omni materia uno et eodem modo accipiatur contraria opinio. Et consequenter, si in aliqua materia negatio eiusdem de eodem affirmationi est contraria, in omni materia negatio eiusdem de eodem contraria erit affirmationi. Deinde intendens concludere a positione antecedentis, affirmat antecedens ex sua causa, dicens quod illae materiae quibus non inest contrarium, ut substantia et quantitas, quibus, ut in praedicamentis dicitur, nihil est contrarium. De his quidem est per se falsa ea, quae est opinioni verae opposita contradictorie, ut qui putat hominem, puta Socratem non esse hominem, per se falsus est respectu putantis, Socratem esse hominem. Deinde affirmando ipsum antecedens formaliter, directe concludit intentum a positione antecedentis ad positionem consequentis dicens: *si ergo hae*, scilicet, affirmatio et negatio in materia carente contrario, sunt contrariae, et omnes aliae contradictiones contrariae censendae sunt.

opinião negativa. Esta, portanto, é a única contrária àquela, falando absolutamente. Pois as outras opostas contrariam em razão desta, como foi dito sobre os meios. Logo, ele não pôs vários contrários para um só, nem falou da contrariedade em sentido lato, como se dizia na objeção.

14) Em seguida, quando diz: *"além disso, se também"* etc., prova o mesmo, a saber, que à afirmação a contrária é a negação do mesmo, e não a afirmação do contrário, por uma segunda razão, dizendo: se em outras matérias convém que as opiniões se comportem similarmente, isto é, do mesmo modo, de sorte que as contrárias em outras matérias sejam a afirmação e a negação do mesmo; então isto que dissemos sobre as opiniões do bem e do mal parece ser bem dito, a saber, que a contrária à afirmação do bem não é a afirmação do mal, mas a negação do bem. E prova esta consequência acrescentando: *"pois ou em toda parte"*, isto é, em toda matéria, aquela que é a outra parte da contradição deve ser considerada contrária à sua afirmação, *"ou em lugar nenhum"*, isto é, em nenhuma matéria. Pois se há uma única arte geral de receber a opinião contrária, convém que em toda parte e em toda matéria a opinião contrária seja recebida de um único e mesmo modo. E, consequentemente, se em alguma matéria a negação do mesmo sobre o mesmo é contrária à afirmação, em toda matéria a negação do mesmo sobre o mesmo será contrária à afirmação. Depois, pretendendo concluir a partir da posição do antecedente, afirma o antecedente por sua causa, dizendo que aquelas matérias às quais não pertence o contrário, como a substância e a quantidade, às quais, como se diz nos *Predicamentos*, nada é contrário. Dessas matérias é *per se* falsa aquela que é oposta contraditoriamente à opinião verdadeira, como quem pensa que o homem, por exemplo Sócrates, não é homem, é *per se* falso em relação ao que pensa que Sócrates é homem. Depois, afirmando o próprio antecedente formalmente, conclui diretamente o pretendido, da posição do antecedente para a posição do consequente, dizendo: *"se, portanto, estas"*, a saber, a afirmação e a negação em matéria que carece de contrário, *"são contrárias, então todas as outras contradições devem ser consideradas contrárias"*.

15) Deinde cum dicit: amplius similiter etc., probat idem tertia ratione, quae talis est: sic se habent istae duae opiniones de bono, scilicet, bonum est bonum, et, bonum non est bonum, sicut se habent istae duae de non bono, scilicet, non bonum non est bonum, et, non bonum est bonum. Utrobique enim salvatur oppositio contradictionis. Et primae utriusque combinationis sunt verae, secundae autem falsae. Unde proponens hanc maiorem quoad primas veras utriusque combinationis ait: *similiter se habet opinio boni, quoniam bonum est, et non boni quoniam non est bonum.* Et subdit quoad secundas utriusque falsas: *et super has opinio boni quoniam non est bonum, et non boni quoniam est bonum.* Haec est maior. Sed illi verae opinioni de non bono, scilicet, non bonum non est bonum, contraria non est, non bonum est malum, nec bonum non est malum, quae sunt de praedicato contrario, sed illa, non bonum est bonum, quae est eius contradictoria; ergo et illi verae opinioni de bono, scilicet, bonum est bonum, contraria erit sua contradictoria, scilicet, bonum non est bonum, et non affirmatio contrarii, scilicet, bonum est malum. Unde subdit minorem supradictam dicens: *illi ergo verae opinioni non boni, quae est dicens quoniam* scilicet *non bonum non est bonum, quae est contraria.* Non enim est sibi contraria ea opinio, quae dicit affirmativae praedicatum contrarium, scilicet, quod non bonum est malum: quia istae duae aliquando erunt simul verae. Nunquam autem vera opinio verae contraria est. Quod autem istae duae aliquando simul sint verae, patet ex hoc quod quoddam non bonum malum est: iniustitia enim quoddam non bonum est, et malum. Quare contingeret contrarias esse simul veras: quod est impossibile. At vero nec supradictae verae opinioni contraria est illa opinio, quae est dicens praedicatum contrarium negativae, scilicet, non bonum non est malum, eadem ratione, quia simul et hae erunt verae. Chimaera enim est quoddam non bonum, de qua verum est simul dicere quod non est bona, et quod non est mala. Relinquitur ergo tertia pars minoris quod ei opinioni verae quae, est dicens quoniam non bonum non est bonum, contraria est ea opinio non boni, quae est dicens quod est bonum, quae est contradictoria illius. Deinde subdit conclusionem intentam: *quare et ei opinioni boni, quae*

15) Depois, quando diz: *"além disso, similarmente"* etc., prova o mesmo por uma terceira razão, que é tal: assim se comportam estas duas opiniões sobre o bem, a saber, *o bem é bem* e *o bem não é bem*, como se comportam estas duas sobre o não-bem, a saber, *o não-bem não é bem* e *o não-bem é bem.* Pois em ambos os casos salva-se a oposição de contradição. E as primeiras de cada combinação são verdadeiras, enquanto as segundas são falsas. Por onde, propondo esta maior quanto às primeiras verdadeiras de cada combinação, diz: *"similarmente se comporta a opinião do bem, que o bem é, e a do não-bem, que o não-bem não é"*. E acrescenta quanto às segundas falsas de cada: *"e sobre estas a opinião do bem que não é bom, e a do não-bem que é bom"*. Esta é a maior. Mas àquela opinião verdadeira sobre o não-bem, a saber, *o não-bem não é bem*, a contrária não é *o não-bem é mau*, nem *o bem não é mau*, que são de predicado contrário, mas aquela *o não-bem é bem*, que é a sua contraditória; logo, também àquela opinião verdadeira sobre o bem, a saber, *o bem é bem*, a contrária será a sua contraditória, a saber, *o bem não é bem*, e não a afirmação do contrário, a saber, *o bem é mau.* Por onde, acrescenta a menor sobredita dizendo: *"àquela opinião verdadeira do não-bem, que diz que o não-bem não é bom, qual é a contrária?"*. Pois não lhe é contrária aquela opinião que diz o predicado contrário à afirmativa, a saber, que *o não-bem é mau*: porque estas duas às vezes serão simultaneamente verdadeiras. Ora, nunca uma opinião verdadeira é contrária a outra verdadeira. Que estas duas às vezes sejam simultaneamente verdadeiras é patente pelo fato de que um certo não-bem é mau: pois a injustiça é um certo não-bem e é mal. Caso contrário, aconteceria de contrárias serem simultaneamente verdadeiras: o que é impossível. Mas, decerto, nem à sobredita opinião verdadeira é contrária aquela opinião que diz o predicado contrário à negativa, a saber, *o não-bem não é mau*, pela mesma razão, porque também estas serão simultaneamente verdadeiras. Pois a Quimera é um certo não-bem, sobre a qual é verdadeiro dizer ao mesmo tempo que não é boa e que não é má. Resta, portanto, a terceira parte da menor: que àquela opinião verdadeira que diz que o não-bem não é bom, a contrária é aquela opinião do não-bem que

dicit bonum est bonum, contraria est ea boni opinio, quae dicit quod bonum non est bonum, idest, sua contradictoria. Contradictiones ergo contrariae in omni materia censendae sunt.

diz que ele é bom, a qual é a sua contraditória. Depois, acrescenta a conclusão pretendida: *"pelo que também àquela opinião do bem, que diz que o bem é bem, a contrária é aquela opinião do bem que diz que o bem não é bem"*, isto é, a sua contraditória. Logo, as contradições devem ser consideradas contrárias em toda matéria.

16) Deinde cum dicit: manifestum est igitur etc., declarat determinatam veritatem extendi ad cuiusque quantitatis opiniones. Et quia de indefinitis, et particularibus, et singularibus iam dictum est, eo quod idem evidenter apparet de eis in hac re iudicium (indefinitae enim et particulares nisi pro eisdem supponant sicut singulares, per modum affirmationis et negationis non opponuntur, quia simul verae sunt); ideo ad eas, quae universalis quantitatis sunt se transfert, dicens, manifestum esse quod nihil interest quoad propositam quaestionem, si universaliter ponamus affirmationes. Huic enim, scilicet, universali affirmationi, contraria est universalis negatio, et non universalis affirmatio de contrario; ut opinioni quae opinatur, quoniam omne bonum est bonum, contraria est, nihil horum, quae bona sunt, idest, nullum bonum est bonum. Et declarat hoc ex quid nominis universalis affirmativae, dicens: *nam eius quae est boni, quoniam bonum est, si universaliter sit bonum*: idest, istius opinionis universalis, omne bonum est bonum, eadem est, idest, aequivalens, illa quae opinatur, quidquid est bonum est bonum; et consequenter sua negatio contraria est illa quam dixi, nihil horum quae bona sunt bonum est, idest, nullum bonum est bonum. Similiter autem se habet in non bono: quia affirmationi universali de non bono reddenda est negatio universalis eiusdem, sicut de bono dictum est.

16) Em seguida, quando diz: *"é manifesto, portanto"* etc., declara que a verdade determinada se estende às opiniões de qualquer quantidade. E como já se falou das indefinidas, das particulares e das singulares, pelo fato de que nelas aparece evidentemente o mesmo juízo sobre esta coisa (pois as indefinidas e as particulares, a menos que suponham pelos mesmos como as singulares, não se opõem pelo modo da afirmação e da negação, porque são simultaneamente verdadeiras); por isso ele se transfere para aquelas que são de quantidade universal, dizendo ser manifesto que nada importa para a questão proposta se pusermos as afirmações universalmente. Pois a esta, a saber, à afirmação universal, a contrária é a negação universal, e não a afirmação universal do contrário; como à opinião que opina que *todo bem é bom*, a contrária é *nenhuma destas coisas que são boas*, isto é, *nenhum bem é bom.* E declara isto a partir do significado do nome da afirmativa universal, dizendo: *"pois daquela que é do bem, que o bem é, se universalmente for bem"*: isto é, desta opinião universal, *todo bem é bem*, a mesma coisa é, isto é, equivalente, àquela que opina que *tudo o que é bem é bom*; e, consequentemente, a sua negação contrária é aquela que eu disse: *nenhuma destas coisas que são boas é bom*, isto é, *nenhum bem é bom.* Similarmente ocorre no não-bem: porque à afirmação universal do não-bem deve-se dar a negação universal do mesmo, como foi dito sobre o bem.

17) Deinde cum dicit: quare si in opinione sic se habet etc., revertitur ad respondendum quaestioni primo motae, terminata iam secunda, ex qua illa dependet. Et circa hoc duo facit: quia primo respondet quaestioni; secundo, declarat quoddam dictum in praecedenti solutione; ibi: manifestum est autem quoniam et cetera. Circa primum duo facit. Primo, directe respondet quaestioni, dicens:

17) Em seguida, quando diz: *"pelo que, se na opinião se comporta assim"* etc., retorna para responder à questão movida primeiro, terminada já a segunda da qual aquela dependia. E sobre isto faz duas coisas: pois primeiro responde à questão; segundo, declara um certo dito na solução precedente; ali: *"manifesto é, porém, que"* e as demais coisas. Sobre o primeiro, faz duas coisas. Primeiro,

quare si in opinione sic se habet contrarietas, ut dictum est; et affirmationes et negationes quae sunt in voce, notae sunt eorum, idest, affirmationum et negationum quae sunt in anima; *manifestum est quoniam affirmationi*, idest, enunciationi affirmativae, *contraria erit negatio circa idem*, idest, enunciatio negativa eiusdem de eodem, et non enunciatio affirmativa contrarii. Et sic patet responsio ad primam quaestionem, qua quaerebatur, an enunciationi affirmativae contraria sit sua negativa, an affirmativa contraria. Responsum est enim quod negativa est contraria. Secundo, dividit negationem contrariam affirmationi, idest, negationem universalem et contradictoriam, dicens: *universalis*, scilicet, negatio, affirmationi contraria est et cetera. Ut exemplariter dicatur, ei enunciationi universali affirmativae quae est, *omne bonum est bonum*, vel, *omnis homo est bonus*, contraria est universalis negativa, ea scilicet, *nullum bonum est bonum*, vel, *nullus homo est bonus*: singula singulis referendo. Contradictoria autem negatio, contraria illi universali affirmationi est, aut, *non omnis homo est bonus*, aut, *non omne bonum est bonum*, singulis singula similiter referendo. Et sic posuit utrunque divisionis membrum, et declaravit.

responde diretamente à questão, dizendo: *"pelo que, se na opinião a contrariedade se comporta assim, como foi dito; e as afirmações e negações que estão na voz são notas daquelas"*, isto é, das afirmações e negações que estão na alma; *"é manifesto que à afirmação"*, isto é, à enunciação afirmativa, *"será contrária a negação acerca do mesmo"*, isto é, a enunciação negativa do mesmo sobre o mesmo, e não a enunciação afirmativa do contrário. E assim fica patente a resposta à primeira questão, pela qual se perguntava se à enunciação afirmativa a contrária seria a sua negativa ou a afirmativa contrária. Respondeu-se, de fato, que a negativa é a contrária. Segundo, divide a negação contrária à afirmação, isto é, em negação universal e contraditória, dizendo: *"a universal"*, a saber, a negação, *"é contrária à afirmação"* e as demais coisas. Como se diga por exemplo: àquela enunciação universal afirmativa que é *todo bem é bom*, ou *todo homem é bom*, a contrária é a universal negativa, a saber, aquela *nenhum bem é bom*, ou *nenhum homem é bom*, referindo cada uma a cada uma. Já a negação contraditória, contrária àquela afirmação universal, é ou *nem todo homem é bom*, ou *nem todo bem é bom*, referindo similarmente cada uma a cada uma. E assim ele pôs cada membro da divisão e os declarou.

18) Sed est hic dubitatio non dissimulanda. Si enim affirmationi universali contraria est duplex negatio, universalis scilicet et contradictoria, vel uni duo sunt contraria, vel contrarietate large utitur Aristoteles: cuius oppositum supra declaravimus. Augetur et dubitatio: quia in praecedenti textu dixit Aristoteles quod, nihil interest si universalem negationem faciamus ita contrariam universali affirmationi, sicut singularem singulari. Et ita declinari non potest quin affirmationi universali duae sint negationes contrariae, eo modo quo hic loquitur de contrarietate Aristoteles.

18) Mas há aqui uma dúvida que não deve ser dissimulada. Pois se à afirmação universal é contrária uma dupla negação, a saber, a universal e a contraditória, ou dois são contrários a um só, ou *Aristóteles* usa o termo contrariedade em sentido lato: cujo oposto declaramos acima. A dúvida aumenta também porque no texto precedente *Aristóteles* disse que nada importa se fizermos a negação universal tão contrária à afirmação universal como a singular à singular. E assim não se pode evitar que à afirmação universal existam duas negações contrárias, do modo como *Aristóteles* fala aqui da contrariedade.

19) Ad huius evidentiam notandum est quod, aliud est loqui de contrarietate quae est inter negationem alicuius universalis affirmativae in ordine ad affirmationem contrarii de eodem, et aliud est loqui de illamet universali negativa in ordine ad

19) Para a evidência disto, deve-se notar que uma coisa é falar da contrariedade que existe entre a negação de alguma afirmativa universal em ordem à afirmação do contrário sobre o mesmo, e outra coisa é falar daquela mesma universal negativa em

negationem eiusdem affirmativae contradictoriam. Verbi gratia: sint quatuor enunciationes, quarum nunc meminimus, scilicet, universalis affirmativa, contradictoria, universalis negativa, et universalis affirmatio contrarii, sic dispositae in eadem linea recta: omnis homo est iustus, non omnis homo est iustus, omnis homo non est iustus, omnis homo est iniustus: et intuere quod licet primae omnes reliquae aliquo modo contrarientur, magna tamen differentia est inter primae et cuiusque earum contrarietatem. Ultima enim, scilicet affirmatio contrarii, primae contrariatur ratione universalis negationis, quae ante ipsam sita est: quia non per se sed ratione illius falsa est, ut probavit Aristoteles, quia implicita est. Tertia autem, idest universalis negatio, non per se sed ratione secundae, scilicet negationis contradictoriae, contrariatur primae eadem ratione, quia, scilicet, non est per se falsa illius affirmationis veritate, sed implicita: continet enim negationem contradictoriam, scilicet, non omnis homo est iustus, mediante qua falsificatur ab affirmationis veritate, quia simpliciter et prior est falsitas negationis contradictoriae falsitate negationis universalis: totum namque compositius et posterius est partibus. Est ergo inter has tres falsas ordo, ita quod affirmationi verae contradictoria negatio simpliciter sola est contraria, quia est simpliciter respectu illius per se falsa; affirmativa autem contrarii est per accidens contraria, quia est per accidens falsa; universalis vero negatio, tamquam medium sapiens utriusque extremi naturam, relata ad contrarii affirmationem est per se contraria et per se falsa, relata autem ad negationem contradictoriam est per accidens falsa et contraria. Sicut rubrum ad nigrum est album, et ad album est nigrum, ut dicitur in V physicorum. Aliud igitur est loqui de negatione universali in ordine ad affirmationem contrarii, et aliud in ordine ad negationem contradictoriam. Si enim primo modo loquamur, sic negatio universalis per se contraria et per se falsa est; si autem secundo modo, non est per se falsa, nec contraria affirmationi.

ordem à negação contraditória da mesma afirmativa. Por exemplo: existam quatro enunciações, das quais nos lembramos agora, a saber, a afirmativa universal, a contraditória, a negativa universal e a afirmação universal do contrário, assim dispostas em uma mesma linha reta: *todo homem é justo*, *nem todo homem é justo*, *nenhum homem é justo*, *todo homem é injusto*. E observa que, embora todas as restantes contrariem a primeira de algum modo, há todavia uma grande diferença entre a contrariedade da primeira e a de cada uma delas. Pois a última, a saber, a afirmação do contrário, contraria a primeira em razão da negação universal que está situada antes dela: porque não é *per se*, mas em razão daquela que ela é falsa, como provou *Aristóteles*, porque ela é implicada. Já a terceira, isto é, a negação universal, contraria a primeira não *per se*, mas em razão da segunda, a saber, da negação contraditória, pela mesma razão: porque, a saber, não é *per se* falsa pela verdade daquela afirmação, mas implicada. Pois contém a negação contraditória, a saber, *nem todo homem é justo*, mediante a qual é falsificada pela verdade da afirmação, porque absolutamente e anterior é a falsidade da negação contraditória em relação à falsidade da negação universal: pois o todo é mais composto e posterior às partes. Há, portanto, uma ordem entre estas três falsas, de modo que à afirmação verdadeira a negação contraditória absolutamente sozinha é contrária, porque é absolutamente em relação àquela *per se* falsa; a afirmativa do contrário, porém, é contrária por acidente, porque é falsa por acidente; já a negação universal, como um meio que sabe da natureza de ambos os extremos, comparada à afirmação do contrário é *per se* contrária e *per se* falsa, mas comparada à negação contraditória é falsa e contrária por acidente. Assim como o vermelho em relação ao negro é branco, e em relação ao branco é negro, como se diz no livro V da *Física*. Logo, uma coisa é falar da negação universal em ordem à afirmação do contrário, e outra em ordem à negação contraditória. Pois se falarmos do primeiro modo, assim a negação universal é *per se* contrária e *per se* falsa; se, porém, do segundo modo, ela não é *per se* falsa, nem contrária à afirmação.

20) Quia ergo agitur ab Aristotele nunc quaestio, inter affirmationem contrarii et negationem quae earum contraria sit affirmationi verae, et non agitur quaestio ipsarum negationum inter se, quae, scilicet, earum contraria sit illi affirmationi, ut patet in toto processu quaestionis; ideo Aristoteles indistincte dixit quod utraque negatio est contraria affirmationi verae, et non affirmatio contrarii. Intendens per hoc declarare diversitatem quae est inter affirmationem contrarii et negationem in hoc quod verae affirmationi contrariantur, et non intendens dicere quod utraque negatio est simpliciter contraria. Hoc enim in dubitatione non est quaesitum, sed illud tantum. Et similiter dixit quod nihil interest si quis ponat negationem universalem: nihil enim interest quoad hoc, quod affirmatio contrarii ostendatur non contraria affirmationi verae, quod inquirimus. Plurimum autem interesset, si negationes ipsas inter se discutere vellemus quae earum esset affirmationi contraria. Sic ergo patet quod subtilissime Aristoteles locutus de vera contrarietate enunciationum, unam uni contrariam posuit in omni materia et quantitate, dum simpliciter contrarias contradictiones asseruit.

20) Porque, portanto, se trata agora por *Aristóteles* da questão entre a afirmação do contrário e a negação, sobre qual delas seria contrária à afirmação verdadeira, e não se trata da questão das próprias negações entre si, a saber, qual delas seria a contrária àquela afirmação, como patenta em todo o processo da questão; por isso *Aristóteles* disse indistintamente que cada uma das negações é contrária à afirmação verdadeira, e não a afirmação do contrário. Pretendendo por isto declarar a diversidade que existe entre a afirmação do contrário e a negação no fato de que contrariam a afirmação verdadeira, e não pretendendo dizer que cada negação é absolutamente contrária. Pois isto não foi buscado na dúvida, mas apenas aquilo. E similarmente disse que nada importa se alguém puser a negação universal: pois nada importa quanto a isto para que a afirmação do contrário seja mostrada como não contrária à afirmação verdadeira, o que inquirimos. Importaria muitíssimo, porém, se quiséssemos discutir as próprias negações entre si para ver qual delas seria a contrária à afirmação. Assim, portanto, patenta que *Aristóteles*, falando sutilissimamente sobre a verdadeira contrariedade das enunciações, pôs uma única contrária a uma única em toda matéria e quantidade, enquanto asseverou que as contradições são absolutamente contrárias.

21) Deinde cum dicit: manifestum est autem etc., resumit quoddam dictum ut probet illud, dicens *manifestum est autem* ex dicendis *quod non contingit veram verae contrariam esse, nec in opinione* mentali, *nec in contradictione*, idest, vocali enunciatione. Et causam subdit: quia contraria sunt quae circa idem opposita sunt; et consequenter enunciationes et opiniones verae circa diversa contrariae esse non possunt. Circa idem autem contingit simul omnes veras enunciationes et opiniones verificari, sicut et significata vel repraesentata earum simul illi insunt: aliter verae tunc non sunt. Et consequenter omnes verae enunciationes et opiniones circa idem contrariae non sunt, quia contraria non contingit eidem simul inesse. Nullum ergo verum sive sit circa idem, sive sit circa aliud, est alteri vero contrarium. Et sic finitur expositio huius libri perihermenias.

21) Em seguida, quando diz: *"manifesto é, porém"* etc., resume um certo dito para prová-lo, dizendo: *"manifesto é, porém"*, a partir do que deve ser dito, *"que não acontece que uma verdadeira seja contrária a outra verdadeira, nem na opinião"* mental, *"nem na contradição"*, isto é, na enunciação vocal. E acrescenta a causa: porque contrárias são aquelas que são opostas acerca do mesmo; e, consequentemente, enunciações e opiniões verdadeiras acerca de coisas diversas não podem ser contrárias. Ora, acerca do mesmo acontece que todas as enunciações e opiniões verdadeiras se verifiquem ao mesmo tempo, assim como os seus significados ou representados lhe pertencem simultaneamente: caso contrário, elas não seriam verdadeiras. E, consequentemente, todas as enunciações e opiniões verdadeiras acerca do mesmo não são contrárias, porque não acontece que contrários pertençam ao mesmo simultaneamente. Logo, nada verdadeiro, quer seja

acerca do mesmo, quer seja acerca de outro, é contrário a outro verdadeiro. E assim termina a exposição deste livro *Perihermeneias*.